

Zalmino Zimmermann

Teoria da
Mediunidade

Editora Allan Kardec

Zalmino Zimmermann

TEORIA DA MEDIUNIDADE

Inclui: Bibliografia e apêndice

ISBN 978-85-7800-041-7

I. Mediunidade. 2. Espiritismo. I. Título.

II 4166 CDD: 133.93

CDU: 133.7

I - edição - novembro/2011 - 4 mil exemplares

Primeiras palavras

Capítulo I — Introdução

Capítulo II — O mediunismo na história

Capítulo III — Mediunidade — Conceito — Tipos

As aptidões mediúnicas

A Classificação de Kardec

Sensitividade e Mediunidade

Mediunidade, hoje

Capítulo IV — Transe — Transe mediúnico

Capítulo V — Intuição

Intuição e telepatia

Capítulo VI — Vidência

Vidência Ativa

Vidência Passiva

Vidência Externa (ou Objetiva)

Vidência interna (ou Subjetiva)

Vidência Ordinária

Vidência Autoscóptica

Vidência Aloscóptica ou Heteroscóptica

Vidência Psicoscópica

Vidência Psicométrica

Vidência Psicométrica Retrocognitiva

Vidência Psicométrica Investigativa

Vidência Psicométrica Precognitiva

Retrovidência

Televidência

Transvidência

Clarividência

Clarividência Ordinária

Clarividência Superior (ou Supervidência)

Observações

Capítulo VII — Audiência

Audiência Ordinária

Audiência Xenoglóssica

Audiência Psicométrica

Teleaudiência

Clariaudiência

Capítulo VIII — Psicofonia

Mediunização Psicofônica

Capítulo IX — Psicografia

O Processo Psicográfico

Capítulo XI — Psicomúsica

Capítulo XII — Desdobramento

Capítulo XIII — Aspectos Neurofisiológicos do Processo Mediúnico

Capítulo XIV — Ectoplasma

Capítulo XV — Tiptologia

Capítulo XVI — Sematologia

Capítulo XVII — Cinetologia

Capítulo XVIII — Escrita indireta

Capítulo XIX — Pneumatografia

Pneumatografia Espontânea

Pneumatografia Provocada

Pneumatografia Ordinária

Pneumatografia Xenoglóssica ou Pneumaxenografia

O Processo Pneumatográfico

Capítulo XX — Pneumapictura

Capítulo XXI — Pneumatofonia

Capítulo XXII — Transcomunicação instrumental

Capítulo XXIII — Fotografia transcendente

Capítulo XXIV — Escrita fotográfica

Capítulo XXV — Dermografia — Dermopictura

Capítulo XXVI — Transfiguração

Capítulo XXVII — Terapia Ectoplásmica

- Psicocirurgia
- Cirurgia Espiritual Direta
- Passe
- Fluidificação de Água e de Objetos
- Auxílio Vibratório em Grupo

Capítulo XXVIII — Materialização

Capítulo XXIX — Moldagens

Capítulo XXX — Deformação de objetos

Capítulo XXXI — Desmaterialização — Rematerialização
Capítulo XXXII — Transporte
Capítulo XXXIII — Endoporte — Exoporte
Capítulo XXXIV — Levitação
Capítulo XXXV — Deslocamento de móveis e outros objetos
Capítulo XXXVI — Efeitos luminosos
Capítulo XXXVII — Efeitos odorantes
Capítulo XXXVIII — Efeitos sonoros
Capítulo XXXIX — Efeitos magnéticos
Capítulo XL — Fenômenos térmicos
Capítulo XLI — Efeitos químicos
Capítulo XLII — Incombustibilidade
Capítulo XLIII — Pirogenia
Capítulo XLIV — Fenômenos eletroeletrônicos
Capítulo XLV — Efeitos atmosféricos
Capítulo XLVI — Eventos aleatórios
Capítulo XLVII — Radiestesia
Capítulo XLVIII — Poltergeist

Segunda Parte

Capítulo I — Desenvolvimento Mediúnico

Sistemas de desenvolvimento

Capítulo II — No Serviço Mediúnico

Os grupos mediúnicos

O dirigente

O dialogador

O médium

Os assistentes

Os auxiliares passistas

Modalidades de atendimento

Reuniões de desobsessão

Eclosões mediúnicas precoces

Mediunidade e gestação

Evocações

A administração de passes

- Preparação

- Momento inicial
- Modo de operação
- Deveres e cuidados

Capítulo III — Ocorrências Negativas

Mistificação

Fraude

Obsessão

Técnicas de obsessão

Persuasão

Influenciação telepática

Hipnotismo

Soldadura perispirítica

Infecção fluídica

Manipulações ectoplásmicas

Provocação de reflexos anímicos

Provocação de efeitos sensitivos particulares

Tipos de obsessão

Obsessão ordinária

Fascinação

Subjugação

Considerações Finais

Obras Citadas

Índice Remissivo

Médiuns Citados

Índice Onomástico

Índice de Ilustrações

PRIMEIRAS PALAVRAS

A mediunidade é um atributo do ser humano, que começou a ser mais bem conhecido com o trabalho pioneiro de Allan KARDEC, que não só construiu a primeira classificação dos tipos de médium, como, lançando as bases teóricas da mediunidade, estabeleceu também valiosas diretrizes para sua prática.

Lições sucessivas, transmitidas, desde então, por outros Mestres Espirituais e a multiplicação dos núcleos de atividade espírita, em todo o mundo, aumentaram significativamente o acervo de informações, possibilitando uma visão mais ampla da atividade mediúnica.

Busca-se, aqui, examinar vários temas relacionados com a mediunidade e analisar o elenco das ocorrências mediúnicas conhecidas, estabelecendo-se alguns conceitos que, eventualmente, possam contribuir para sua melhor compreensão, na certeza, porém, de que só o futuro nos revelará toda a intimidade do processo mediúnico, que, por enquanto, nos escapa ao entendimento.

De qualquer forma, esperamos que sua leitura não se apresente inteiramente vã.

Aos irmãos em Humanidade que tiverem a paciência de se debruçar sobre estas páginas, as nossas homenagens.

Campinas (SP), Primavera de 2010.

O Autor

I- INTRODUÇÃO

O Espiritismo revela a natureza espiritual do ser humano. Mostra-o como um ser essencialmente espiritual. O corpo biológico lhe é mero e provisório meio de expressão, na dimensão física.

Trata-se de um conceito que, dado o materialismo que infecta uma boa parte dos meios acadêmicos, não tem sido, ainda, suficientemente avaliado em seu profundo e decisivo significado para o progresso do Conhecimento e o conseqüente desenvolvimento humano. Esclarece a Doutrina Espírita que a essência humana é imaterial, que o ser humano é, substancialmente, uma alma, extraordinário complexo psíquico em evolução, matriz e sede de toda a atividade mental; uma “centelha de luz”, a refletir a Luz Divina.

Ensina que a alma projeta um envoltório fluídico que lhe faculta a interação com o meio em que gravita, denominado, por Kardec, “perispírito”.

Esse envoltório, conhecido como corpo da alma, corpo espiritual ou psicossoma, corresponde ao menos para os Espíritos ligados à crosta terrestre a um “campo” projetado pela alma, que, aglutinando a “energia” cósmica matriz (fluido cósmico), adequada à natureza do nosso planeta, surge como uma complexa formação de categoria eletromagnética, de textura definida como material — embora tão sutil, que KARDEC e os Espíritos que o orientaram empregaram o termo semi-material para qualifica-la.

Alma e perispírito formam um todo indissociável, constituindo o Espírito, propriamente. A alma, segundo KARDEC, é um ser simples; o Espírito, um ser dual o homem, um ser trino.

“A união da alma, do perispírito e do corpo material constitui o homem; a alma e o perispírito separados do corpo constituem o ser chamado Espírito”, afirma o Codificador.

E Léon DENIS observa:

“Chamamos Espírito a alma revestida do seu corpo fluídico. A alma é o centro de vida do perispírito, como este é o centro de vida do organismo físico. Ela que sente, pensa o que quer; o corpo físico constitui, com o corpo fluídico, o duplo organismo por cujo intermédio ela atua no mundo da matéria.”

O perispírito, elemento chave na relação interdimensional, apresenta-se como fator dos mais importantes na economia da vida física e espiritual; na verdade, é a chave que nos abre o entendimento da nossa condição. Não é sem razão, pois, que tem atraído o interesse de renomados investigadores, percebendo-o como um dos mais valiosos fatores do processo vital.

*

Revelando a natureza espiritual do ser humano, o Espiritismo mostra, também, a sua realidade interexistencial.

Faz conhecer que o ser humano, essencialmente espiritual, impescinde, por muito tempo, em sua evolução, do adequado suporte carnal que os sucessivos estágios no plano físico lhe propiciam. Isso faz com que viva, ao mesmo tempo, em longo período de sua história evolutiva, em dois planos existenciais, pois que, imerso na dimensão física, interage com o mundo espiritual, e, desencarnado, liga-se contínua e estreitamente ao mundo físico.

Compreende-se, então, que, na verdade, o existir é um interexistir. Existimos nas dimensões física e espiritual, simultaneamente. O ser humano é um ser espiritual e interexistente.

Isso significa que há uma permanente e ativa intercomunicação e interação entre desencarnados e encarnados, fato que acontece graças, principalmente, a uma faculdade natural, inerente a todo ser humano, encarnado ou desencarnado, que KARDEC denominou

mediunidade e que possibilita o contato, perispírito a perispírito, entre os envolvidos no processo.

As sucessivas comprovações científicas, as pesquisas e os extraordinários resultados categorizam a mediunidade — cujo estudo é, justamente, o objetivo desta obra — como dos mais importantes atributos do Espírito.

Mas — e isso é especialmente importante tal atributo não possibilita somente a intercomunicação entre encarnados e desencarnados. De fato, serve também à intercomunicação entre os próprios desencarnados situados em diferentes dimensões ou níveis de existência, conforme informa a literatura espírita.

O conhecimento de tal realidade, que o Espiritismo favorece, amplia significativamente as fronteiras do Saber Humano, apontando para um progressivo despertar de consciência e responsabilidade, relevante fator de evolução.

II- O MEDIUNISMO NA HISTÓRIA ⁽¹⁾

⁽¹⁾ Alexandre AKSAKOF empregou, em 1890, o termo *mediumnismus* (em francês, *mediunisme*) para designar o uso das faculdades mediúnicas.

A comunicação entre desencarnados e encarnados é tão antiga quanto a própria Humanidade. Desde tempos imemoriais, em todas as civilizações, profetas, sacerdotes, videntes, xamãs, adivinhos, pitonisas, curadores, magos, feiticeiros, prestavam-se à intermediação mediúnica, apoiando-se, muitas vezes, para chegarem ao transe, em ritos, cerimoniais, exercícios físicos, jejuns, contenção sexual, uso de drogas e outros expedientes.

Informações constantes do papiro de Ebers (1553- 1550), e do papiro Edwin SMITH (cerca de 1700 a.C., cópia de outro, escrito cerca de 3.000 a.C.), dão conta que já no Neolítico, com o início da estruturação da sociedade em classes, constituíram-se as primeiras castas sacerdotais que, invocando os Espíritos (deuses), dispunham-se a curar em nome da Divindade, utilizando planteis e outros medicamentos. ⁽²⁾

⁽²⁾ V. MEIRA, Rubens Policastro. *O Passe, Terapêutica Espírita*. São José do Rio Preto (SP): NOVA EDITORA, 1996, pp. 23 e 24.

Os Vedas, surgidos milhares de anos antes da era cristã, já registravam a existência dos Espíritos, que acompanhavam os brâmanes “sob uma forma aérea”.

No antigo Baghavad Chita (A Sublime Canção da Imortalidade) conforme DELANNE, muito antes de deixarem o envoltório carnal, “as almas que só praticavam o bem, como as que habitam o corpo dos sannyassis e dos vana-prastha (anacoretas e cenobitas) adquirem a faculdade de conversar com as almas que as precederam no Swargá. ⁽³⁾

⁽³⁾ V. DELANNE, Gabriel. *O Fenômeno Espírita* (Orig. *Le Phénomène Spirite*). 6. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1992, pp.18 e segs. Trad. Francisco Raymundo Ewerton de Quadros.

Entre os brâmanes, a doutrina que dispõe sobre os Pitris, os Espíritos desencarnados, estabelecia que a evocação destes era reservada somente aos brâmanes de segundo grau, conhecidos como exorcistas, adivinhos e profetas evocadores dos Espíritos, entre estes, os famosos faquires, médiuns extraordinários que se prestavam à produção de diversos tipos de manifestação, desde levitação e materialização, até psicografia e pneumatografia (escrita direta).

No Egito, os sacerdotes comunicavam-se com os “mortos” e, realizando “prodígios”, eram respeitados por seus poderes sobrenaturais e misteriosos.

Entre os hebreus, o mediunismo esteve sempre presente em sua história. Atesta-o a Bíblia, em inúmeras passagens, a partir, já, da proibição de “consultar os mortos” por meio de adivinhos necromantes, ⁽⁴⁾ constante em Levítico (19.31) e Deuteronômio (18.10-12), imposta para coibir os abusos que perpetravam, com o uso indevido da faculdade mediúnica para a satisfação de interesses inferiores (como, aliás, ainda ocorre, hoje, em certos círculos, ensombrados pela ignorância). ⁽⁵⁾

⁽⁴⁾ Os termos *adivinho* ou *adivinhador* e *necromante*, presentes em certos textos bíblicos, designavam as

peças que serviam à comunicação dos Espíritos. Em edições atuais, todavia, da Sociedade Bíblica do Brasil, com a tradução de João Ferreira de Almeida, já aparece o vocábulo *médium*.

⁽⁵⁾ Ressalte-se que, em verdade, nas palavras de KARDEC, “O Espiritismo condena tudo o que motivou a interdição de Moisés”.

A respeito, observa o Codificador: “Os israelitas não deviam contratar alianças com as nações estrangeiras, e sabido era que naquelas nações que iam combater encontrariam as mesmas práticas. Moisés devia pois, por política, inspirar aos hebreus aversão a todos os costumes que pudessem ter semelhanças e pontos de contato com o inimigo. Para justificar essa aversão, preciso era que apresentasse tais práticas como reprovadas pelo próprio Deus (...)”

Mais adiante, sublinha: “A proibição de Moisés era assaz justa, porque a evocação dos mortos não se originava nos sentimentos de respeito, afeição ou piedade para com eles, sendo antes um recurso para adivinhações, tal como nos augúrios e presságios explorados pelo charlatanismo e pela superstição. Essas práticas, ao que parece, também eram objeto de negócio, e Moisés, por mais que fizesse, não conseguia desentranhá-la dos costumes populares”. (KARDEC, Allan. **O Céu e o Inferno**. 39. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, p. 157, Cap. XI. Trad. de Manuel Justiniano Quintão.

Em Juízes (4.4-5), noticia-se a atividade da profetisa Débora, orientando “os filhos de Israel”.

O primeiro livro de Samuel (9.1-20) narra a história de Saul buscando localizar um vidente que o ajudasse a encontrar umas jumentas extraviadas, culminando com o seu encontro com Samuel que, declarando-se o vidente que procurava, deu-lhe a notícia de que os animais já haviam sido encontrados e que ele, Saul, deveria ser ungido o rei de Israel, por determinação do Senhor, que assim lhe revelara.

Nesse mesmo livro (1 Sm 28.5-14) consta a narrativa do encontro de Saul, já rei de Israel, com Samuel, Espírito, por intermédio de uma médium, que, de começo, mostrou-se temerosa em servi-lo, dada a perseguição existente contra “os médiuns e adivinhos”.

Tais citações servem apenas de ilustração, pois em verdade, o Velho Testamento, desde o episódio do recebimento do Decálogo por Moisés, mostra uma notável sucessão de ocorrências mediúnicas, demonstrando a importância do mediunismo profético, presente, aliás, em todos os povos da Antiguidade.

Da mesma forma, todo o Novo Testamento comparece como um extraordinário repertório de eventos mediúnicos, a serviço do Bem. Desde os episódios referentes ao nascimento de JESUS, até os acontecimentos que marcaram o Pentecostes e os que constam dos depoimentos de Paulo e outros apóstolos, todos os registros apontam para o papel decisivo da mediunidade na construção do Cristianismo, como mostram, por exemplo, os fenômenos de materialização, propiciando o aparecimento de um anjo a Zacarias (Lucas, 1.11) e de JESUS diante dos guardas e, depois, perante Maria Madalena (Mateus 28.1-10; João, 20.11-18) e os discípulos (Mateus, 28.16-18; Lucas, 24.36-43; João, 20.19-31), de Moisés e Elias (Marcos, 9.4-5); de levitação, como de JESUS e Pedro movendo-se sobre as águas (Mateus, 14.25-29; Marcos, 6.48-51); de transfiguração, como a de JESUS, perante Pedro, Tiago e João (Marcos, 9.2-3); de voz direta (pneumatofonia), como a que ocorreu diante de Pedro, Tiago e João, revelando a grandeza de JESUS (Marcos, 9.7-8); de vidência, como a da visão dos pastores de Belém (Lucas, 2. 8-14), da visão de JESUS, por Saulo — depois Paulo, na estrada de Damasco (Atos, 9.3-7); de xenoglossia, como ocorreu no Pentecostes (Atos, 2.1-4); de cura como a do leproso (Mateus, 8. 1-4) e da sogra de Pedro (Mateus, 8.14-15); do parálítico de Cafarnaum (Mateus, 9.1-8); do surdo (Marcos, 7.35-37); do cego de Betsaida (Marcos, 8.22-25); dos dez leprosos (Lucas, 17.12-19); do parálítico de Betesda (João, 5.6-

9); do cego de nascença (João, 9.1-7); do coxo, por Pedro (Atos, 3.1-10); de Eneias, o paralisado, por Paulo (Atos, 9.32-35), além de inúmeras outras ocorrências. ⁽⁶⁾

⁽⁶⁾ V. *A Bíblia Sagrada*. 2. ed. Barueri (SP): SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL, 1993. *A Bíblia de Jerusalém*. 9. ed. São Paulo: PAULUS, 2000. Trad. João Ferreira de Almeida. *O Novo Dicionário da Bíblia*. 5. ed. São Paulo: VIDA NOVA, 2001. *Pequena Enciclopédia Bíblica*. 3. ed. Pindamonhangaba (SP): O.S. Boyer, 1969. CAPELLI, Esse. *Breves Anotações sobre a Bíblia*. Brasília: PROLUZ, 1999. DENIS, Léon. *No Invisível*. 15. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, pp. 386 e segs. Trad. Leopoldo Cirne. Gimenez, Henrique Neyde. *A Mediunidade na Bíblia*. São Paulo: FEESP, 1996. Maes, Hercílio. Espírito RAMATIS. *Mediunidade de Cura*. 10. ed. Limeira (SP): CONHECIMENTO, 2000, pp. 40 a 43. Lacerda filho, Licurgo S. *A Mediunidade na História Humana: A mediunidade na Antiguidade e na Idade Média (vol. I)*. Araguari (MG): MINAS EDITORA, 2005, pp. 51e 52.

Inegavelmente, a Bíblia compõe um acervo de documentos mediúnicos dos mais importantes da História da Civilização.

Na China, nos antigos conventos dos Lamas, os monges budistas entregavam-se, também, à prática mediúnica, sendo comum, entre o povo, a evocação dos antepassados e notórias eram as “mesas semoventes”.

LOMBROSO recolhe, a respeito, interessante depoimento: “São aqui conhecidas, (na China) desde há muitos séculos, as mesas semoventes, que sabem também escrever, com a ajuda, seja de uma pena, seja de um lápis, que se lhe prende perpendicularmente a um dos pés”. (Abade Vincot, “Univers”, abril, 1857).

Além das “mesas semoventes”, outros meios de comunicação eram conhecidos dos chineses, como, por exemplo, a “escrita sobre pó branco”, citado, também, por LOMBROSO:

*“Aquele que na China deseja consultar um **sin**, prepara duas mesinhas e as cobre com um pó branco; depois, busca uma varinha da qual se faz um pincel”, e traz para que o maneje, um rapaz que não saiba ler, nem escrever. Se o Espírito quer manifestar-se, o pincel começa a mover-se e dá as respostas, em prosa ou verso, segundo as circunstâncias.”*

Entre os japoneses, capítulo importante do xintoísmo era o culto aos mortos. Jovens médiuns de 15 a 20 anos serviam à evocação dos Espíritos, que, por intermédio deles, respondiam às indagações dos interlocutores.

Os celtas, como é sabido, tinham no mediunismo uma de suas mais importantes referências culturais. Notória era a relação que os sacerdotes, os druidas, mantinham com os Espíritos. Em seus rituais, os videntes profetizavam e os desencarnados eram evocados em seus recintos de pedra, formados por dólmenes ou por **cromleches**. ⁽⁷⁾

⁽⁷⁾ **Dólmen**: Monumento constituído por uma ou mais lajes de cobertura, sustentada por pilares formando as paredes de uma câmara mortuária.

Cromlech: Monumento formado por um grupo de blocos de pedra, levantados verticalmente e dispostos em círculos.

Na Grécia e em Roma, também, os eventos mediúnicos faziam parte do cotidiano, compondo a cultura daqueles povos.

HOMERO, na *Ilíada* e na *Odisseia*, refere-se claramente às comunicações dos desencarnados com os encarnados.

O filósofo APOLÔNIO DE TIANA, pitagórico, que viveu no século I da Era Cristã, tornou-se notável, também, por seus recursos mediúnicos.

Relata LOMBROSO, citando DI VESME (“*Storia dello Spiritismo*”):

“Acusado de conspirar contra Domiciano, a favor de Nerva, e levado ante o tribunal daquele, depois de haver brevemente respondido ao interrogatório, no qual se pretendia fazê-lo parecer réu de magia e conspiração, desapareceu de improviso da presença do Imperador e de toda a Corte. A desapareição de Apolônio se deu pouco antes do meio-dia; antes do pôr-do-sol, encontrava-se em Pozzuoli, com seus dois discípulos Demétrio e Damide, que para ali havia antes enviado.

Certo dia, enquanto ensinava Filosofia, sob os pórticos de Éfeso, ele baixou o tom da voz, como que tomado de espanto, e gritou:

— Ferido, ferido o tirano!

Alguns dias depois, chegou a Éfeso a notícia do assassinio de Domiciano, e o dia e a hora da morte estavam perfeitamente concordes com as indicadas por Apolônio.”⁽⁸⁾

(8) LOMBROSO, Cesar. Hipnotismo e Mediunidade. (Orig. Ricerche sui Fenomeni Ipinotici e Spiritici). 4.ed. Rio de Janeiro: FEB, 1990 pp. P6, 389 e 390. Trad. Almerindo Martin de Castro.

E SÓCRATES, como se sabe, ouvia seu *daimon*, Espírito tutelar ou gênio. Os filósofos pitagóricos — e, depois, os platônicos — sabiam da sobrevivência do espírito e da possibilidade de sua comunicação, sendo certo que, entre o vulgo, a prática mediúnica era muito conhecida.

SUETÔNIO (Vida dos Doze Césares) registra que no lugar onde foi enterrado o corpo de Caio Calígula, registravam-se diversos fenômenos, desde ruídos até as mais horrendas aparições.

No mediunismo oracular, o mais famoso foi o oráculo de Delfos, uma pequena cidade da Grécia, situada no golfo de Corinto, nas encostas do monte Parnaso, e dedicado a Apoio, Deus solar, inspirador da poesia, da medicina, das leis, da paz entre os povos e da harmonia da alma e do corpo. Videntes e clarividentes conhecidas como *pytias* (daí, a palavra *pitonisa*), transmitindo - às vezes, em idiomas que desconheciam - orientações aos consulentes que vinham de todos os lugares (devidamente anotadas pelos sacerdotes), fizeram com que Delfos se tornasse a cidade sagrada da Grécia, embora, segundo Heródoto, a existência de outros oráculos afamados como o de Dodona, no Templo de Zeus, o de Delo, o de Júpiter Amon, na Líbia, o de Marte, na Trácia, o de Vulcano, em Heliópolis, o de Esculápio, de Ísis, de Abe, de Tegiro, em Claros, onde hoje é Turquia, e outros.⁽⁹⁾

(9) V. SHURÊ, Edouard. Les Grands Initiés. Paris: PERRIN, pp. 281 e segs.

MARTINS, Celso. Nas fronteiras da Ciência. São Paulo: DPL, 2001, pp. 85 a 89.

SCHUTEL, Cairbar. Médiuns e Mediunidades. 8. ed. Matão (SP): O Clarim, 1984, pp. 82 e 83.

LOUREIRO, Carlos Bernardo. Das Profecias à Premonição. Rio de Janeiro: FEB, 1999, pp. 26 a 34.

Roma conheceu, também, seus oráculos, os *aruspices* ou *auspices* (daí, *áuspice*, *adivinho*), que, pelo exame de vísceras animais ou pela observação dos fenômenos naturais (eclipses, raios, etc.), interpretavam as respostas dos deuses.

Tertuliano, em sua Apologética, refere-se às “mesas que profetizam”, como fato vulgar. Anota DELANNE a seguinte passagem:

“Se é dado aos magos fazer aparecer fantasmas, evocar as almas dos mortos, poder forçar a boca das crianças a proferir oráculos; se eles realizam grande número de milagres, se explicam sonhos, se têm às suas ordens Espíritos mensageiros e demônios, em virtude dos

quais, as mesas que profetizam são um fato vulgar, com que redobrado zelo esses Espíritos poderosos não se esforçarão por fazer em próprio proveito o que eles fazem em serviço de outrem? (Apologética, 23).”

Entre os *árabes*, o mediunismo fazia parte da cultura de diversas comunidades. Beduínos da seita Aissana (Argélia) mostravam faculdades semelhantes aos dos faquires, na Índia. A cura e o exorcismo constituíam práticas comuns e numerosos eram os chamados medidubim, indivíduos que serviam à comunicação dos Espíritos.

Na *África*, entre as comunidades negras, a comunicação mediúnica com os Espíritos familiares e protetores foi sempre presente, com os feiticeiros exercendo importante papel nas tarefas de orientação e, principalmente, de cura.

Também, entre os *índios* das Américas, os feiticeiros ou pajés, com o apoio mediúnico, exerciam natural liderança espiritual, servindo à comunidade, cuidando da sua saúde e orientando-a em suas necessidades.

Do mesmo modo, os esquimós confiavam em seus xamãs — muitas vezes, médiuns de avançados recursos - para a sua orientação espiritual e a cura de seus males.

Em todos os tempos, o intercâmbio mediúnico não só esteve presente, como serviu de suporte às religiões, tal como ocorreu, por exemplo, com a Igreja.

*

O Cristianismo nascente e dos primeiros tempos encontrava sustentação nas orientações dos Espíritos Superiores, que, pela via mediúnica, estimulavam os primitivos cristãos, propiciando curas e suavizando o sofrimento da multidão de necessitados. E a história das perseguições e do martírio dos seguidores de JESUS, nas arenas e fora delas, constitui um extraordinário repertório de aparições, visões, manifestações de vozes e outros fenômenos que ocorriam continuamente, com vistas à consolação e ao fortalecimento espiritual dos milhares de mártires, em seus graves e decisivos testemunhos perante a Humanidade de todos os tempos.

Reconhecendo essa realidade e os eventos que se sucederam, grandes pensadores da aurora do Cristianismo ensinavam que os Espíritos se comunicam com os encarnados.

Com a consolidação do Catolicismo, surge uma galeria de santos que não cessou de crescer através dos séculos, celebrizados pelas visões espirituais, pela capacidade de ouvir vozes, de levitar e de transportar-se de um lugar a outro, pelos estigmas que apresentavam, pela capacidade de não serem afetados pelo fogo, e outros fenômenos, meras manifestações de suas faculdades mediúnicas e que, mesmo depois de um século e meio de Espiritismo, ainda são classificadas de “milagres”.

Tais foram, entre inúmeros outros, Margarida de Hungria que levitava, elevando-se do solo depois de cada comunhão; Francisco XAVIER, que levitava enquanto dizia missa; Francisco de Paula, que atravessou o Estreito de Merrina, no extremo sul da Itália, levitando sobre as águas; Inácio de Loiola, Catarina de Siena, Teresa de Castela, Camillo de Lellis, Catarina de Seins, Francisco de Assis, Pedro de Alcântara, Luís Gonzaga, Teresa de Jesus, que levitavam, também, durante suas preces e meditações.⁽¹⁰⁾

⁽¹⁰⁾ V. TAVARES, Clóvis. *Mediunidade dos Santos*. Araras (SP): IDE 1991, pp. 25 e segs. LOUREIRO, Carlos Bernardo. *As mulheres médiuns*. Rio de Janeiro: FEB, 1966, pp. 164 e segs. VIOLA, Roberto. “Francisco de Paula, uma virtude cristã que o tempo não ousa apagar”. *Revista do Espiritismo*. Petrópolis (RJ), Ano I n° 1.

Fenômenos importantes aconteciam com José de Cupertino, que viveu no século XVII. Considerado pelos capuchinhos como incapaz, até mesmo para os serviços de cozinha, tinha, entretanto, nítida intuição do pensamento dos que dele se aproximavam. Em diversas oportunidades protagonizou o fenômeno da ubiquidade (bi- corporeidade); profetizava e levitava, seguidamente, assombrando os circunstantes. (Urbano VIII quase perdeu os sentidos ao ver José entrar em transe e levitar, quando levado a beijar-lhe as sandálias). Fenômenos de incombustibilidade foram protagonizados por Catarina (Santa Catarina), que “por irresistível força”, era atirada às chamas; Simeão de Assis, que não sentia os efeitos das brasas; Bernadete de Soubirous, descobridora da água de Lourdes, que mantinha, durante quinze minutos, uma tocha com a chama a atingir-lhe os cabelos, sem que sentisse seu efeito, e assim por diante.

Fenômenos de desprendimento e bicorporeidade foram, também, vividos por vários outros membros da Igreja.

Afonso Maria de Liguori, por haver se mostrado simultaneamente em dois lugares diferentes, foi canonizado antes do tempo previsto, uma vez que o fato foi considerado milagre.

Maria de Jesus D’Agreda, monja superiora de mosteiro em Agreda, Espanha, desdobrava-se e aparecia em terras longínquas, pregando aos índios.

Antônio de Pádua, pregando na Itália, aparece em Lisboa, para defender seu pai, acusado de homicídio, demonstrando sua inocência e livrando-o do suplício.

Na Suécia, Brígida de Vadstena, (1302-1373) notabilizou-se por suas extraordinárias vidências em estado de desprendimento. Comunicava-se com o povo, com os reis e príncipes, com as altas autoridades eclesiásticas e com o próprio Papa Clemente VI (1291-1352), transmitindo-lhes suas mensagens proféticas. São muitos os relatos a respeito da mediunidade da santa escandinava e grande era a confiança que atraía. Escreveu em sueco uma obra (O Livro das Revelações), em que narra muitas de suas vivências mediúnicas.⁽¹¹⁾

(11) Entre outros episódios narra G. JOERGENSEN, seu biógrafo, que certa vez, o Arcebispo de Nápoles, Bernardo Montano, solicitara à Brígida que lhe informasse “como estavam alguns de seus parentes falecidos: se suas almas no purgatório ou não...”

Evidentemente, esses fenômenos todos ocorriam, também, fora de Igreja, em toda a Europa, como foi, por exemplo, entre muitos outros, o caso de Maria Sonet, em Paris, que oferecia tantas provas de incombustibilidade que recebeu o pseudônimo de Salamandra. De se notar, a propósito, que certas épocas chegaram, até, a ser marcadas por uma multiplicidade de ocorrências mediúnicas, como foi o caso, por exemplo, dos convulsionários, uma verdadeira epidemia de fenômenos de incorporação e obsessão, nos séculos XVI, XVII e XVIII, envolvendo especialmente as monjas. (LOMBROSO, op. cit., pp. 207 e seguintes).

O mediunismo fez-se, sempre, ostensivamente presente dentro da Igreja, mas isso não impediu a instauração, em 1233, da chamada Inquisição Delegada, que marcou uma época de terríveis perseguições e martírios, sob o comando do Tribunal do Santo Ofício, quando milhares de médiuns, sob a acusação de “bruxaria”, como ocorreu com a notável Joanna D’Arc, e respeitáveis pensadores como Giordano BRUNO, Jan HUSS e tantos outros, que se opuseram à ação da Igreja, foram impiedosamente levados à fogueira.

Apesar de todas as perseguições, o mediunismo nunca deixou de estar ativamente presente, tanto na Idade Média, como depois, com o Renascimento, desabrochando no século XV, na Itália.

*

Na Idade Moderna, como visto, as ocorrências mediúnicas, não obstante as ameaças, multiplicavam-se no meio católico e fora dele, todavia, à medida que esmaecia o domínio da Igreja, o liberalismo se afirmava sob a inspiração do Iluminismo, assinalando a transição para a Idade Contemporânea. Atenuavam-se as perseguições e afirmavam-se os trabalhos de investigadores notáveis do magnetismo e do psiquismo, como Franz Anton MESMER, Marquês de PUYSÉGUR, James BRAID, Ambroise-August LIÉBEAULT e outros, que, com os inúmeros pesquisadores do fenômeno mediúnico, propriamente, serviram à preparação do advento da Era do Espírito.

Médiuns extraordinários marcaram presença na Europa e nos Estados Unidos, nesses tempos.

Muitos são os nomes importantes a comporem a história do Espiritismo. Médiuns notáveis foram, entre outros, o sueco Emmanuel SWEDENBORG (1688-1772), célebre pelos seus desdobramentos e vidência; Frederica HAUFFE (1801-1829), cujos trabalhos foram investigados pelo médico alemão Dr. Justinus KERNER, a partir de 1829, e tornados públicos com sua obra *A Vidente de Prévost*, de grande repercussão em seu tempo; Emma Hardinge BRITTEN (1823-1899), nascida em Londres, médium psicógrafa, psicômetra, vidente e de efeitos físicos, autora de várias obras importantes, entre elas, *Modern American Spiritualism*; Andrew Jackson DAVIS (1826-1910), médium americano considerado um dos precursores do Espiritismo e autor de *Os Princípios da Natureza, suas Divinas Revelações e Uma voz para Humanidade*, resultado de suas percepções, em transe, com quase 800 páginas; os irmãos Ira Erastus DAVENPORT (1839-1911) e William Henry DAVENPORT (1841-1877), de Buffalo, médiuns de efeitos físicos, conhecidos tanto nos Estados Unidos, como na Europa; as irmãs Catherine (Kate) FOX (1841- 1892) e Margaret (Magie) FOX (1838-1893), conhecidas como as Irmãs Fox e protagonizadoras dos célebres episódios de efeitos físicos ocorridos em Hydesville (1848), que, pela atenção despertada na comunidade científica dos Estados Unidos e pela repercussão nos meios culturais europeus, contribuíram para o aumento significativo do interesse geral em relação ao fenômeno mediúnico, ensejando estudos e observações que, mais tarde, propiciaram o surgimento do Espiritismo, na França, graças ao trabalho de Allan KARDEC (*O Livro dos Espíritos*, 1857); ⁽¹²⁾ Jonathan KOONS, um dos primeiros, entre os médiuns americanos, a chamar a atenção pública pelo tipo de fenômenos que propiciava, inclusive, de escrita direta (pneumatografia) e voz direta (pneumatofonia);

⁽¹²⁾ V. PALHANO JR., L. Rosma, **o Fantasma de Hydesville**. Vitória (ES): FESPE, 1992, pp. 201 e segs. WANTUIL, **Zêus. /4s Mesas Girantes e o Espiritismo**. Rio de Janeiro: FEB, 1994, pp. 6 e segs. KERNER, Justinus. **A Vidente de Prevost** (Orig. Die Seherin von Prevost). 2. ed. Matão (SP): O CLARIM, 1979, pp. 43 e segs. Trad. Carlos Imbassahy. BOZZANO, Ernesto. **O Espiritismo e as manifestações Supra Normais** — Remontando às origens — Breve História dos Raps (Orig. En remontant aux Origines - Breve Storia dei pichi medianice - Raps) Matão (SP): O CLARIM, 1986, pp. 15 e segs.

Daniel Dunglas HOME (1833-1886), natural de Edinburgo, Escócia, que assombrou o mundo com suas levitações e cujas extraordinárias faculdades foram atestadas pelos mais famosos investigadores da época, inclusive William CROOKES; Eusápia PALADINO (1854-1918), uma das mais famosas médiuns que o mundo conheceu e, também, uma das mais investigadas pelos pesquisadores europeus, inclusive LOMBROSO, SCHIAPARELLI, AKSAKOF, RICHET, Oliver LODGE, OCHOROWICZ, DE ROCHAS, DELANNE, MORSELLI, BOZZANO e CHIAIA.

Também, William EGLINTON (1858-1933), conhecido médium inglês que serviu, muitas vezes, à ocorrência de materializações múltiplas, dentre as quais, a de duas pessoas, portando uma luz, imortalizada pelo pintor TISSOT, na célebre tela “Aparição Medianímica” (1885); Florence COOK (1856-1904), famosa médium inglesa, que, entre outras ocorrências, serviu à materialização do Espírito Katie KING, que se submeteu, durante três anos seguidos, às célebres experiências de William CROOKES; Elizabeth D’ESPERANCE, (1855-1918/1919) —nome de família, “Hope” - famosa pelos fenômenos de transporte e, particularmente, pela autodesmaterialização parcial a que se submetia. ⁽¹³⁾

⁽¹³⁾ V. CROOKES, William. Fatos Espíritos. 8. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1991, pp. 89 e segs. Trad. Oscar D’Argonnel. D’ESPERANCE E. No País das Sombras. 6. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1992, pp. 169 a 180. AKSAKOF, Alexandre. Um Caso de Desmaterialização. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, pp. 41 e segs. MAGALHÃES, Henrique. Em Prol da Mediunidade - Pequena História do Espiritismo. Rio de Janeiro: Ed. Do Autor, 1998, pp.73 a 87 e seguintes.

Não menos notáveis foram, ainda, os médiuns Leonore E. PIPER, nascida em Boston, EUA, investigada por importantes pesquisadores norte-americanos como Oliver LODGE, William JAMES, Richard HODGSON, e outros, convencendo-os da realidade interexistencial; Edgar CAYCE (7-1945), médium norte-americano conhecido por sua extraordinária vidência, seus diagnósticos e tratamentos transmitidos em transe profundo; Eva Carrière (Marthe Béraud), submetida a importantes pesquisadores europeus, entre eles, SCHRENCK-NOTZING, Gustave GELEY e Charles RICHET; ⁽¹⁴⁾

⁽¹⁴⁾ Foi numa série de sessões de materializações realizadas com a médium, em Argel, em 1903, que RICHET, examinando a substância branca que ela produzia durante os trabalhos, criou o termo ectoplasma para denominá-la.

Angélica Cottin, a chamada “menina elétrica”, como se tornou conhecida na Europa, cuja extraordinária mediunidade, testemunhada por notabilidades médicas, atraiu o interesse da Academia das Ciências de Paris, que chegou a nomear uma comissão para o exame dos fenômenos que ocorriam sob sua influência, inclusive, levitação; Eileen Garret, nascida na Irlanda, em 1893, que se tornou conhecida por seus famosos desdobramentos, dedicando-se, por cinquenta anos ininterruptos, honesta e gratuitamente, ao serviço mediúnico, prestando-se, também, a diversas experiências, inclusive, na John Hopkins University e no New York Psychiatric Institute; Agnes Nichol GUPPY, famosa médium inglesa, desencarnada em 1917, considerada a primeira a produzir materializações de corpo inteiro (antes, pois, de Florence COOK), tendo sido descoberta pelo célebre cientista Alfred Russell WALLACE, coautor da Teoria da Evolução, que se convenceu da imortalidade da alma graças à sua mediunidade; William Stainton MOSES, inglês, extraordinário médium psicógrafo e de efeitos físicos que contribuiu para a formação da famosa Society for Psychical Research de Londres, tendo sido, também, o primeiro presidente da London Spiritualist Alliance; os irmãos Horatio EDDY e William EDDY, de Vermont (EUA), médiuns famosos que propiciaram, particularmente nos anos 1874e 1875, materializações notáveis, talvez jamais superadas, investigadas por diversos pesquisadores, entre eles, o reputado Coronel Henry OLEOTT; Franek KLUSKI, médium polonês, com o qual Gustave GELEY conseguiu, entre outros efeitos, perfeitas moldagens em gesso de mãos humanas “tão pequenas no pulso” — lembra Conan DOYLE — “que a mão não poderia passar pela abertura sem romper o molde”; ⁽¹⁵⁾

⁽¹⁵⁾ V. DOYLE, Arthur Conan. **História do Espiritismo**. (Orig. The History of Spiritism). São Paulo: PENSAMENTO, 1995, pp. 350 em diante.

Kathleen Goligher, inglesa, que serviu às experiências do Prof. W. J. CRAWFORD, famoso pesquisador do ectoplasma e conhecido por sua hipótese explicativa da levitação das mesas, que ocorreria graças a uma “alavanca ectoplásmica” (“alavanca de Crawford”); Elizabeth BLAKE, de Ohio, falecida em 1920, considerada pelo Prof. James Hervey HYSLOP, da Columbia University, N. York, como uma das mais extraordinárias médiuns de voz direta até então conhecidas; Fernando de LACERDA (1865- 1918), renomado médium português, psicógrafo mecânico, conhecido por intermediar dezenas de Espíritos que se celebrizaram na literatura e outros campos do Conhecimento.

Evidentemente, a galeria dos médiuns importantes não se esgota nesta simples relação de nomes e que serve apenas de exemplo, dentre muitos outros desbravadores extraordinários que, na maioria, cumpriram suas missões com grande coragem e sacrifício pessoal.

Na verdade, a história da mediunidade, principalmente, no decorrer do século XX, revela a existência de um formidável projeto da Espiritualidade Superior visando despertar a Humanidade para a realidade espiritual.

Médiuns abnegados, abrindo novos e magníficos entendimentos sobre a natureza espiritual do ser humano, o Mundo Espiritual, a Reencarnação, a Lei da Causalidade Espiritual e sobre o próprio processo mediúnicos, surgem em todos os quadrantes, principalmente no Brasil, onde, com a multiplicação dos Centros Espíritas — hoje, aos milhares, em todas as cidades do País —, incalculável número de médiuns, também, operam servindo a encarnados e desencarnados.

Entre tantos, alguns nomes, pelos destacados serviços prestados à Causa Espírita, merecem especial lembrança: Frederico Pereira da SILVA (Frederico Júnior), desencarnado em 1914, notável médium psicógrafo, por meio do qual, o próprio Espírito Allan KARDEC ditou oportunas instruções aos espíritas brasileiros; Eurípedes BARSANULFO (1880-1918), notável médium e benfeitor, dotado de diversas faculdades, entre as quais, a psicográfica e a de desdobramento, fundador do primeiro colégio espírita do Brasil, o Colégio Allan Kardec, em Sacramento (MG); Adelaide CÂMARA (1874-1944) - conhecida pelo seu pseudônimo, Aura Celeste - poetisa, contista e médium, de avançados recursos (inclusive o da bilocação), autora de diversas obras poéticas e artigos doutrinários; Carlos (Cármine) MIRABELLI (1889-1951), médium extraordinário conhecido pelas materializações que produzia, pela levitação e transporte de si mesmo e de vários objetos, servindo a uma grande série de demonstrações e experiências e chegando, também, à autodesmaterialização parcial; José Pedro de FREITAS, conhecido como Arigó (1921-1971), famoso médium de cura e de efeitos físicos, que intermediou o célebre Dr. FRTTZ; Francisco Lins Peixoto - PEIXOTINHO - (1905-1966), famoso, principalmente, pelas materializações luminosas que ensejava; Ana PRADO, médium de materialização e efeitos físicos — dentre os quais, moldagens perfeitas em parafina, de mãos humanas (inclusive, com os dedos curvados); Hilda NEGRÃO, dotada de rara mediunidade de efeitos físicos, conseguindo provocar a produção de voz direta e outros fenômenos, mesmo não se encontrando em transe; Otilia DIOGO, conhecida pela excelência das materializações.

Inúmeros outros nomes, como se sabe, formam a galeria dos grandes servidores da mediunidade. Em tarefas diversas, milhares de médiuns ativos testemunham a imortalidade e a interexistência, iluminando os caminhos da Humanidade.

Alguns, com missões particularmente importantes, a marcarem, na verdade, um tempo especial na história do Espiritismo, como é o caso dos notáveis médiuns psicógrafos, Zilda GAMA, Yvonne PEREIRA e, principalmente, Francisco Cândido XAVIER.

Zilda GAMA (1878-1969), servindo a diversos autores espirituais, inclusive Allan KARDEC, notabilizou-se particularmente pelas magníficas produções que lhe foram ditadas pelo Espírito Victor Hugo.

Yvonne do Amaral PEREIRA (1906-1984), médium famosa dotada de diversas faculdades, inclusive de efeitos físicos, desdobramento e psicometria, foi, como psicógrafa, o sensível instrumento de vários Espíritos eminentes, entre eles, BEZERRA DE MENEZES, Léon TOLSTÓI, Camilo Castelo BRANCO e CHARLES, tendo produzido uma importante série de obras que engrandecem a bibliografia espírita, constituindo importante manancial de informações.

Francisco Cândido XAVIER (1910-2002), um dos médiuns mais completos que a Humanidade conheceu, intermediou, sob a orientação do Espírito EMMANUEL, centenas de autores desencarnados, deixando 412 obras psicografadas, várias delas, verdadeiros clássicos da literatura espírita, a ampliarem, significativamente, as fronteiras do Conhecimento Espírita. Sua vida exemplar e sua obra monumental marcaram um tempo único na história do Espiritismo e do Cristianismo.

Na Era do Espírito, unem-se o céu e a terra, na construção de tempos mais felizes para toda a Humanidade. ⁽¹⁶⁾

⁽¹⁶⁾ V. WANTUIL, Zêus. Grandes Espíritos do Brasil. Rio de Janeiro: FEB, 1990, pp. 319 a 325.

LUCENA, Antônio de Souza; GODOY, Paulo Alves. Personagens do Espiritismo. São Paulo: FEESP, 1982, pp. 93 a 95. NOVELINO, Corina. Eurípedes — O Homem e a Missão. 12 ed. Araras (SP): IDE, 1997, pp.

103 e segs. FARIA, Nogueira de. O Trabalho dos Mortos. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1990, pp. 275 a 277.

RANIERI, R. A. Materializações Luminosas. 5. ed. São Paulo: FEESP, 1995, pp. 195 e segs.

PALHANO JR., Lamartine; NEVES, Wallace Fernando. Dossiê Peixotinho. Niterói (RJ): Lachâtre, 1997, pp. 37 e segs. RIZZINI, Jorge. Materializações de Uberaba. São Paulo: NOVA LUZ, 1997, pp. 9 e segs.

PLAYFAIR, Guy L. A Força Desconhecida. (Orig. The Flying Cow). Rio de Janeiro: RECORD, 1975, pp.

69 a 87, 89 a 95. RIZZINI, Jorge. Eurípedes Barsanulfo — o Apóstolo da Caridade. 7. ed. São Bernardo do Campo: CORREIO FRATERNAL, 1992, pp. 41 e segs.

III- MEDIUNIDADE – CONCEITO - TIPOS

Mediunidade é a natural aptidão para intermediar os Espíritos.

É, pois, uma faculdade inerente a todo ser humano.

O ser humano é um ser mediúnico, encarnado ou desencarnado.

Embora a mediunidade seja principalmente considerada como envolvendo desencarnados e encarnados, importante é lembrar que ela também ocorre no mundo espiritual, entre Espíritos desencarnados, e, ainda que raramente, entre os próprios Espíritos encarnados.

A intermediação mediúnica entre desencarnados e encarnados pode ser direta, como acontece, por exemplo, na psicografia, psicofonia e outras ocorrências, ou indireta, presente nos eventos ectoplásmicos, nos quais o médium, na maioria das vezes, apenas fornece os recursos necessários à manifestação dos Espíritos.

AS APTIDÕES MEDIÚNICAS

A Classificação de KARDEC

Em O Livro dos Médiuns, KARDEC divide os médiuns em duas classes: médiuns de efeitos físicos e médiuns de efeitos intelectuais, a mais antiga e conhecida classificação que se conhece, merecendo destaque o fato de ter sido construída apenas alguns anos após o seu primeiro contato com o fenômeno mediúnico!

O quadro a seguir possibilita uma visão mais abrangente dos vários tipos de médiuns elencados pelo venerando sistematizador da Doutrina Espírita. ⁽¹⁾

(1) “O termo médium já aparecia na obra de MAXWELL, ‘De medicina magnética libri’, em 1678, que se referia, no Cap. XIII, aos médiuns com os quais se efetuam curas sem recorrer ao magnetismo.” (ROCHA, Alberto de Souza. Espiritismo e Psiquismo. São Bernardo do Campo (SP): CORREIO FRATERNAL, 1993, p. 27.

MÉDIUNS DE EFEITOS FÍSICOS		MÉDIUNS DE EFEITOS INTELECTUAIS	
1.	MÉDIUNS TIPTÓLOGOS	1.	MÉDIUNS AUDIENTES
2.	MÉDIUNS MOTORES	2.	MÉDIUNS FALANTES
3.	MÉDIUNS DE TRANSLAÇÕES E DE SUSPENSÕES	3.	MÉDIUNS VIDENTES
4.	MÉDIUNS DE EFEITOS MUSICAIS	4.	MÉDIUNS INSPIRADOS
5.	MÉDIUNS DE APARIÇÕES	5.	MÉDIUNS DE PRESENTIMENTOS
6.	MÉDIUNS DE TRANSPORTES	6.	MÉDIUNS PROFÉTICOS
7.	MÉDIUNS NOTURNOS	7.	MÉDIUNS SONÂMBULOS
8.	MÉDIUNS PNEUMATÓGRAFOS	8.	MÉDIUNS EXTÁTICOS
9.	MÉDIUNS CURADORES	9.	MÉDIUNS PINTORES OU DESENHISTAS
10.	MÉDIUNS EXCITADORES	10.	MÉDIUNS MÚSICOS
		11.	MÉDIUNS ESCREVENTES (CATEGORIA ESPECIAL) OU PSICÓGRAFOS

De acordo com o esquema proposto, os médiuns de efeitos físicos aparecem como tipólogos, motores, de translações e de suspensões, de efeitos musicais, de aparições, de transportes, noturnos, pneumatógrafos, curadores e excitadores.

Categorizam-se como médiuns de efeitos intelectuais, os audientes, falantes, videntes, inspirados, de pressentimentos, proféticos, sonâmbulos, extáticos, pintores ou desenhistas, músicos, escreventes ou psicógrafos.

A classificação de KARDEC, como se sabe, não pretende o enquadramento rígido dos agentes mediúnicos.

Como observa o Codificador, esse esquema não pressupõe a existência específica de “um médium para cada faculdade”. Ao contrário, o médium pode possuir diversas aptidões mediúnicas — caso de multiaptidão mediúnica — com o uso especial de uma ou de outra, de acordo com o comando espiritual e exigências circunstanciais. Esclarece o Mestre, a propósito:

“Todas estas variedades de médiuns apresentam uma infinidade de graus em sua intensidade. Muitas há que, a bem dizer, apenas constituem matizes, mas que, nem por isso, deixam de ser efeito de aptidões especiais. (...) Um médium pode, sem dúvida, ter muitas aptidões, havendo, porém, sempre uma dominante. Ao cultivo dessa é que, se for útil, deve ele aplicar-se.”

A importância dessa notável contribuição de KARDEC é dada pelo fato de que, transcorridos os tempos, o seu trabalho permanece como referência das mais valiosas e respeitáveis, ainda que a prática mediúnica tenha ensejado o surgimento de alguns novos conceitos e designações.

SENSITIVIDADE E MEDIUNIDADE

Relevante diferença há entre os conceitos de sensibilidade (ou impressionabilidade) e mediunidade, embora se mostrem, ambas, como faculdades psíquicas irmãs, inerentes ao ser humano.

De fato, sensibilidade é a capacidade de sentir, de registrar as vibrações dos Espíritos que se aproximam, de perceber as emanções psíquicas das pessoas, dos animais, e, por vezes, até de certos objetos, além de captar as vibrações ambientais.

Já a mediunidade é a faculdade de intermediar os Espíritos, desencarnados ou encarnados. Não há, pois, como identificar a sensibilidade (que até pode ser catalogada como uma faculdade psíquica para- mediúnica) com a mediunidade, uma vez que a primeira não serve, propriamente, à intermediação dos Espíritos. Apenas, o registro de sua presença, por meio de sensações tácteis, térmicas e olfativas, que, na maioria das vezes, são tênues e ocasionais, embora, em certos casos, quando reconhecíveis, costumeiras, possam até servir de sinal da aproximação de determinado Espírito.

Em síntese, o fenômeno da sensibilidade mostra-se, tecnicamente, diferente do fenômeno mediúnico, que diz, sim, com a intermediação do pensamento do Espírito.⁽²⁾

(2) Todo ser humano é sensitivo, ou seja, impressionável (“receptor de impressões sensoriais”) e, também, médium (intermediário dos Espíritos). No serviço mediúnico, o mediano, geralmente, mostra-se, também, como sensitivo. Já o sensitivo, em registrando apenas impressões sensoriais, nem sempre exerce a mediunidade, propriamente. (No início, o termo sensitivo foi aplicado como sinônimo de médium. Mais tarde, porque passou a ser vulgarizado em Metapsíquica e, principalmente, na Parapsicologia, com outro sentido, surgiu a opção pelo uso exclusivo das palavras médium e mediano para qualificar o intermediário mediúnico, e o emprego do termo sensitivo, apenas para designar o sujeito receptor das impressões oriundas dos Espíritos ou do meio espiritual).

MEDIUNIDADE, HOJE

Com o desenvolvimento dos estudos relacionados com a teoria e a prática mediúnicas, diversos esquemas classificatórios têm sido construídos, sob a influência, sempre, do trabalho genial e pioneiro de KARDEC.

Destaca-se, aqui, uma proposta atual e abrangente, que classifica os tipos básicos de aptidão em: Intuição, Vidência, Audiência, Psicofonia, Psicografia, Psicopictura, Psicomúsica, Desdobramento e Ectoplasmia.

*

Diversas são as espécies de Intuição. Ordinária ou Inspirativa, Precognitiva (Ordinária, Profética), Superior ou Superintuição.

A Vidência (ou Visão Espiritual), que pode ser Ativa ou Passiva, Externa ou Interna, apresenta-se sob diversas formas: Ordinária, Autoscóptica, Aloscóptica, Psicoscópica, Psicométrica (Retrocognitiva, Investigativa, Precognitiva), Retrovidência, Televidência, Transvidência, Clarividência (Ordinária, Superior).

A Audiência (ou Audição Espiritual), que pode ser Externa ou Interna, ocorre de forma Isolada ou Concomitante à Vidência, casos em que pode manifestar-se como Audiência Ordinária, Xenoglóssica, Psicométrica, Teleaudiência, Transaudiência ou Clariaudiência.

A Psicofonia que pode manifestar-se estando o médium em estado Consciente, Semiconsciente ou Inconsciente, comparece como Normal ou Xenoglóssica (Xenopsicofonia).

A Psicografia, que pode ser Semimecânica ou Mecânica, manifesta-se sob duas formas, Ordinária ou Xenoglóssica (Xenopsicográfica), as quais podem produzir-se em escrita Normal ou Especular.

A Psicopictura, também, pode ser Semimecânica ou Mecânica.

O Desdobramento pode mostrar-se Espontâneo ou Induzido. O Induzido é Autoinduzido ou Heteroinduzido. Tanto o Espontâneo, como o Induzido, podem ocorrer estando o sujeito Consciente, Semiconsciente ou Inconsciente, mostrando-se Visível ou permanecer Não Visível. O desdobramento Visível pode surgir Tangível ou Não Tangível.

Os Efeitos Ectoplásmicos, a identificarem um tipo peculiar de manifestação, compõem um importante elenco: Tiptologia, Sematologia, Cinetologia, Escrita Indireta, Pneumatografia (Espontânea, Provocada, Ordinária, Xenoglóssica ou Pneumaxenografia), Pneumapictura, Pneumatofonia (Espontânea, Programada, Ordinária, Xenoglóssica - ou Pneumaxenofonia), Transcomunicação Instrumental (Sonora, Visual, Mista), Fotografia Transcendente (Normal, Escotografia), Escrita Fotográfica, Dermografia, Dermopictura, Transfiguração, Terapia Ectoplásmica (Psicocirurgia, Cirurgia Espiritual Direta, Passe, Fluidificação de Água e Objetos, Auxílio Vibratório em Grupo), Materialização (Animada: Autônoma, Conjugada, Singular, Múltipla e Simultânea, Completa, Parcial, Tangível, Não Tangível, Luminosa, Não Luminosa); Inanimada (Completa, Incompleta, Tangível, Não Tangível), Moldagens,

Deformações de Objetos, Desmaterialização (Total, Parcial), Rematerialização, Transporte (Aporte, Deporte), Endoporte, Exoporte, Levitação (de Pessoas e de Objetos), Deslocamento de Objetos, Efeitos Luminosos, Efeitos Odorantes, Efeitos Sonoros, Efeitos Térmicos, Efeitos Químicos, Efeitos Fitológicos, Incombustibilidade, Pirogenia, Fenômenos Eletroeletrônicos, Efeitos Atmosféricos, Eventos Aleatórios, Radiestesia, Poltergeist.

Aptidões e Ocorrências Mediúnicas – Quadro Geral

1. INTUIÇÃO:

- Ordinária
- Inspirativa
- Precognitiva
 - Ordinária ou Profética
- Superior (superintuição)

2. VIDÊNCIA (visão espiritual)

○ ATIVA

Interna ou Externa

- Ordinária
- Autoscópica
- Aloscópica (ou Heteroscópica)
- Psicoscópica
- Psicométrica
 - Retrocognitiva
 - Investigativa
 - Precognitiva
- Retrovidência
- Televidência
- Transvidência
- Clarividência
 - Ordinária
 - Superior

○ PASSIVA

3. AUDIÊNCIA (ou Audição espiritual)

- INTERNA e EXTERNA
 - Isolada ou Concomitante com a Vidência
 - Ordinária
 - Xenoglóssica
 - Psicométrica
 - Teleaudiência
 - Clariaudiência

4. PSICOFONIA

- CONSCIENTE
- SEMICONSCIENTE
- INCONSCIENTE
 - Normal
 - Xenoglóssica (Xenopsicofonia)

5. PSICOFRAFIA

- SEMIMECÂNICA
- MECÂNICA
 - Ordinária
 - Xenoglóssica (Xenopsicográfica)
 - Normal
 - Especular

6. PSICOPICTURA

- SEMIMECÂNICA
- MECÂNICA

7. PSICOMÚSICA

8. DESDOBRAMENTO

- ESPONTÂNEO
- INDUZIDO
 - AUTOINDUZIDO
 - HETEROINDUZIDO
 - CONSCIENTE
 - SEMICONSCIENTE
 - INCONSCIENTE
- VISÍVEL
 - TANGÍVEL
 - NÃO TANGÍVEL
- NÃO VISÍVEL

Aptidões e Ocorrências Mediúnicas – Quadro Geral

9. ECTOPLASMIA (1)

- TIPTOLOGIA
- SEMATOLOGIA
- CINETOLOGIA
- ESCRITA INDIRETA
- PNEUMATOLOGIA (ESCRITA DIRETA)
 - ESPONTÂNEA
 - PROVOCADA
 - Ordinária
 - Xenoglóssica (Pneumaxenografia)
- PNEUMAPICTURA
- PNEUMATOFONIA (VOZ DIRETA)
 - ESPONTÂNEA
 - PROGRAMADA
 - Ordinária
 - Xenoglóssica (Pneumaxenofonia)
- TRANSCOMUNICAÇÃO INSTRUMENTAL
 - Sonora
 - Visual
 - Mista
- FOTOGRAFIA TRANSCENDENTE
 - Normal

- Escotografia
- ESCRITA FOTOGRÁFICA
- DERMOGRAFIA
- DERMOPICTURA
- TRANSGURAÇÃO
- TERAPIA ECTOPLÁSMICA
 - PSICOCIRURGIA
 - SEMIMECÂNICA
 - MECÂNICA
 - ✓ Consciente
 - ✓ Semiconsciente
 - ✓ Inconsciente
 - CIRURGIA ESPIRITUAL DIRETA
 - PASSE
 - MEDIÚNICO
 - ESPIRITUAL
 - FLUIDIFICAÇÃO DE ÁGUA E DE OBJETOS
 - AUXÍLIO VIBRATÓRIO EM GRUPO

Aptidões e Ocorrências Mediúnicas – Quadro Geral

9. ECTOPLASMIA (2)

- MATERIALIZAÇÃO
 - ANIMADA
 - AUTÔNOMA
 - CONJUGADA
 - ✓ COMPLETA
 - ✓ INCOMPLETA
 - ❖ TANGÍVEL
 - ❖ NÃO TANGÍVEL
 - * Luminosa
 - * Não Luminosa
 - INANIMADA
 - COMPLETA
 - INCOMPLETA
 - ❖ Tangível
 - ❖ Não Tangível
- MOLDAGENS
- DEFORMAÇÃO DE OBJETOS
- DESMATERIALIZAÇÃO
 - TOTAL
 - PARCIAL
- REMATERIALIZAÇÃO
- TRANSPORTE
 - APORTE
 - DEPORTE
- ENDOPORTE
- EXOPORTE
- LEVITAÇÃO
 - DE OBJETOS
 - DE PESSOAS
 - INDIVIDUAL

- MÚLTIPLAS E SIMULTÂNEA
- DE OBJETOS PESSOAIS
- DESLOCAMENTO DE MÓVEIS E OUTROS OBJETOS

Aptidões e Ocorrências Mediúnicas – Quadro Geral

9. ECTOPLASMIA (3)

- ❖ EFEITOS LUMINOSOS
- ❖ EFEITOS ODORANTES
- ❖ EFEITOS SONOROS
- ❖ EFEITOS TÉRMICOS
- ❖ EFEITOS QUÍMICOS
- ❖ EFEITOS FITOLÓGICOS
- ❖ INCOMBUSTIBILIDADE
- ❖ PROGENIA
- ❖ FENÔMENOS ELETROELETRÔNICOS
- ❖ EFEITOS ATMOSFÉRICOS
- ❖ EVENTOS ALEATÓRIOS
- ❖ RADIESTESIA
- ❖ POLTERGEIST

Importante anotar que, ao lado das ocorrências mediúnicas, podem eventualmente acontecer as *não mediúnicas* (ou *paramediúnicas*), que não envolvem uma intermediação espiritual, propriamente. Assim, por exemplo, determinada intuição pode ter caráter mediúnico servindo à comunicação de um Espírito, ou não mediúnica, em que o registro mental diz respeito somente aos interesses de quem as registra.

De igual forma, nos fenômenos de vidência e audiência, as visões espirituais, acompanhadas das audições, podem visar à transmissão de mensagens e impressões do mundo espiritual, ou

apenas servir de observação ao próprio vidente. São os casos de vidência e audiência não mediúnicas.

Também, nos casos de desdobramento e de materialização, ocorrências há que não se caracterizam como mediúnicas, propriamente.

Assim, no desdobramento, o agente pode projetar-se perispiriticamente, registrar o que vê e ouve em determinado local ou situação e, por não ser o caso, nada relatar, deixando, pois, de atuar como um intermediário espiritual. É o que se pode, igualmente, caracterizar como um desdobramento não mediúnico.

No tocante ao fenômeno de materialização, ocorre, ainda que raramente, uma singularidade: não só o próprio agente pode materializar-se (automaterialização), como, com base em suas potencialidades mentais, materializar objetos (materialização inanimada).

*

Observe-se que, seja qual for o tipo de manifestação mediúnica, o perispírito é sempre o principal elemento a ser considerado.

Por suas condições - pois já se trata de uma estrutura de natureza mais próxima da matéria -, o perispírito é o fator de contato e comunicação entre os mundos espiritual e físico, notando-se que na base do fenômeno mediúnico encontra-se, sempre, o desprendimento perispiritual — que pode ser menos ou mais acentuado.

*

Nesse contexto, importa considerar, ainda, alguns fatores especiais relacionados com o processo mediúnico, como, por exemplo, os que dizem com a aura e com a compatibilidade entre as partes, principalmente, nas modalidades mediúnicas classificadas por KARDEC como de efeitos intelectuais.

Quanto à aura, ressalta a evidência que, constituindo uma projeção do perispírito, envolvendo-o, representa o primeiro nível de contato, nos casos de relação direta, entre comunicante e médium. “É por essa couraça vibratória, espécie de carapaça fluídica, em que cada consciência constrói o seu ninho ideal,” — anota ANDRÉ LUIZ — “que começaram todos os serviços da mediunidade na Terra.”⁽³⁾

(3) XAVIER, Francisco Cândido. VIEIRA, Waldo. Espírito André Luiz. Evolução em Dois Mundos. 13. Ed. Rio de Janeiro: FEB, 1993, p. 130, Cap. XVII.

Importa lembrar que a aura (psicosfera, fotosfera psíquica ou fotosfera) é conhecida desde tempos imemoriais. Referida pela primeira vez no século XIX, quando o famoso químico alemão Karl REICHENBACH (1788-1869) descobriu radiações originárias de cristais e ímãs, ou emitidas por plantas, animais e seres humanos, passou a ser cada vez mais estudada, tornando-se hoje, graças ao próprio desenvolvimento científico, objeto de importantes e frutuosas pesquisas.

Se, em muitas ocorrências, a aproximação de caráter mediúnico significa contato e ligação entre auras, é óbvio, também, que deve haver um mínimo de compatibilidade energética (magnética ou psicomagnética) entre elas.

Verdade que, muitas vezes, essa necessária compatibilidade parece até ser de alguma forma “induzida” por ação direta dos Espíritos responsáveis, atendendo a requisições transitórias, ditadas pela necessidade de esclarecimento ou orientação, mas, fundamentalmente, a sintonia mediúnica, momentânea ou não, impescinde de uma certa compatibilidade, superficial ou não, entre as auras dos Espíritos envolvidos.

*

Faculdade natural, inerente ao ser humano, a mediunidade manifesta-se diferentemente em cada pessoa.

(4) Discute-se, de há muito, sobre a possibilidade da existência da mediunidade no reino animal. Na verdade, tecnicamente, é inadmissível que um Espírito possa mediunizar, propriamente, um animal, dada a absoluta incompatibilidade perispirítica existente entre ambos, devido aos diferentes graus de evolução em que estagiam. De fato, o perispírito do ser humano, resultado, já, de avançada evolução, não tem como sintonizar-se mediunicamente com o perispírito mais primário (protoperispírito) do animal, embora este já mostre, às vezes, inteligência surpreendente. Certo é que inúmeros casos relatados na literatura espírita dão conta de uma aptidão precognitiva existente entre certos cães, gatos, cavalos e outros animais, que pressentem o perigo, às vezes, com bastante antecedência - como ocorre, por exemplo, com os ratos que abandonaram o barco antes de um naufrágio iminente. Esses casos, como também os de eventual registro da presença de Espíritos e outros fenômenos (telepatia, vidência) devem ser atribuídos a um tipo de faculdade psíquica ainda em desenvolvimento (proto-mediunidade), que, alcançando o ser psíquico a dimensão hominal, desabrochará como mediunidade, propriamente.

Com efeito, se não há dois Espíritos iguais, é evidente que cada indivíduo apresenta características perispiríticas próprias, a ensejarem ocorrências que obviamente digam respeito a essas qualidades, especificamente. Assim, embora os processos mediúnicos possam ser enquadrados em um esquema geral, as peculiaridades que marcam os modos de manifestação guardam relação com a estrutura psíquica de cada médium, sua constituição orgânica, sua história espiritual, a evidenciarem condições perispiríticas únicas, que vão definir os vários tipos de intercâmbio mediúnico.

Anote-se, a propósito, que, justamente por tratar-se de uma faculdade ínsita a todo ser humano, a mediunidade existe independentemente das condições morais da pessoa, sendo certo, todavia, que quanto mais realizado moralmente o médium, mais se lhe apura o filtro perispirítico e, de conseguinte, mais proveitosa será sua produção, pela facilidade de atrair, pela lei de afinidade, Espíritos cada vez mais adiantados.

*

Se todo processo mediúnico, como visto, assenta-se nas possibilidades perispirituais, não é menos certo que a ação do perispírito varia de acordo com o tipo de fenômeno.

Assim, se no desdobramento, o perispírito se desprende e se desloca — ainda que guardando ligação com o corpo físico —, na materialização e nos demais fenômenos de efeitos ectoplásmicos, faculta a liberação do ectoplasma responsável pelos vários tipos de ocorrência.

Da mesma forma, nas manifestações de natureza intelectual, em que a ação perispirítica sustenta e define o fenômeno, como, por exemplo, ocorre na psicofonia e na psicografia, os processos mediúnicos são peculiarmente caracterizados por um estreito contato perispírito a perispírito, que pode chegar a um estado de verdadeira “interpenetração psíquica”, como aventa Herculano PIREs, em interessante descrição:

“O ato mediúnico é o momento em que o espírito comunicante e o médium se fundem na unidade psico-afetiva da comunicação. O espírito aproxima-se do médium e o envolve nas suas vibrações espirituais. Essas vibrações irradiam-se do seu corpo espiritual atingindo o corpo espiritual do médium. A esse toque vibratório, semelhante ao de um brando choque elétrico, reage o perispírito do médium. Realiza-se a fusão fluídica. Há uma simultânea alteração no psiquismo de ambos. Cada um assimila um pouco do outro. Uma percepção visual desse momento comove o vidente que tem a ventura de captá-la. (...) Essa

superposição de planos dá aos videntes a impressão de que o espírito comunicante se incorpora no médium. Daí a errônea denominação de incorporação para as manifestações orais. O que se dá não é uma incorporação, mas uma interpenetração psíquica, como a da luz atravessando uma vidraça. Ligados os centros vitais de ambos, o espírito se manifesta emocionado, reintegrando-se nas sensações da vida terrena, sem sentir o peso da carne.”⁽⁵⁾

(5) Pires, J. Herculano. Mediunidade. 2. ed. São Paulo: PAIDEIA, 1992, p. 37, Cap. V.

Já na vidência e na audiência é a expansibilidade do perispírito que torna possível a captação de impressões visuais e auditivas oriundas do plano espiritual, a repercutirem, por ação dos centros perispíricos superiores, nas vias nervosas especializadas. “Provocando o estado de semidesprendimento” como lembra Denis, o Espírito “faculta ao sensitivo a visão espiritual”, que, aliás, independe do “sentido físico da vista”, uma vez que é comum “o médium ver de olhos fechados”.⁽⁶⁾

(6) DENIS, Léon. No Invisível. 15. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994: 2a Parte, Cap. XIV, p. 166.

Também no domínio dos efeitos ectoplásmicos, é a sintonia perispírica entre médium e manifestante que faculta o aproveitamento do ectoplasma para a produção dos diversos fenômenos.

Como se vê, em todo evento medianímico, o perispírito, com suas múltiplas propriedades e funções, é sempre o fator fundamental.

IV- TRANSE – TRANSE MEDIÚNICO

O transe pode ser entendido como um estado de alteração consciencial, caracterizado pelo abrandamento ou entorpecimento maior ou menor do consciente vígil. ⁽¹⁾

(1) Têm-se como dimensões da consciência, o Consciente (consciente vígil ou consciente desperto, caracterizado pela percepção lúcida das disposições interiores e pela relação coerente com o meio exterior, com perfeita orientação tempo-espaço, em condições normais e alheias à situação de sono ou transe), o Subconsciente (banco de memória da vida atual) e o Subconsciente Profundo (memória das vivências das encarnações passadas; consciência profunda) e, em outro nível, o Superconsciente (envolvendo potencialidades psíquicas superiores). Evidentemente, essas chamadas dimensões da consciência integram um todo dinâmico e indissociável.

Da mesma forma que, para quem observa alguns picos vulcânicos, em meio de águas oceânicas, poderá passar despercebido que todos estão ligados, sob a superfície, em densas cadeias formando um todo granítico, para um observador menos atento poderá escapar o fato de que as várias dimensões conscienciais são expressões de um todo psíquico.

Daí, precisamente — na trilha, aliás, de venerandos mestres espirituais - a exclusão que se faz do termo inconsciente - de uso tão comum quanto impreciso - diante da realidade de que, em todos os instantes, direta ou indiretamente, estamos expressando a totalidade psíquica que somos, ou seja, o nosso Eu passado e presente. (A noção do inconsciente foi introduzida por LEIBNIZ, na Filosofia do séc. XVIII, sendo depois comentada por KANT, SCHELLING, HEGEL, SCHOPENHAUER e outros. Mais tarde, FREUD - em sua psicologia mecanicista e reducionista, interpretando a vida psíquica como um modelo mecânico de associações e dissociações automáticas, e explicando o normal pelo anormal, o positivo pelo negativo — popularizou o termo, com o significado de um mero depósito de dejetos psíquicos, recalques, lembranças desagradáveis, tabus, etc.). Importa, finalmente, lembrar que o uso do termo inconsciente para qualificar certas categorias de médiuns ou mediunidades, como se vê nas diversas tábuas classificatórias, indica, mais propriamente, que o agente mediúnico, em transe profundo, devido a um maior desprendimento, não guarda nenhuma lembrança do conteúdo transmitido pelo Espírito comunicante; da mesma forma, o emprego do termo semiconsciente indica que o médium, em transe semiprofundo, tem lembrança imperfeita ou fragmentária do ocorrido durante a manifestação.

Guardadas as diferenças de enfoque, por parte dos autores que se debruçaram sobre o tema, é lícito admitir que o transe pode apresentar-se como patológico, hipnótico, farmacógeno, anímico, noctípico e mediúnico.

TRANSE	PATOLÓGICO HIPNÓTICO FARMACÓGENO ANÍMICO NOCTÍPICO MEDIÚNICO
--------	---

O transe patológico, a constituir categoria especial e refletindo disfunções neurofisiológicas de certa gravidade, é gerado por diversos fatores. “O caso mais elementar ocorre no chamado estado crepuscular dos epiléticos e histéricos”, observa o médico e escritor paulista Ary Lex, anotando:

“O indivíduo tem a crise convulsiva e depois fica longo tempo como que ‘abobado’ ou ‘desligado’, falando coisas sem nexos, sem noção de espaço e tempo. Em certas epilepsias, o paciente fica sem exercer totalmente o controle de seus atos, e, automaticamente, se põe a

andar e vai acordar, às vezes, a quilômetros de distância de sua casa. Este tipo de transe também ocorre nos delírios febris, nos estados de coma, nas lesões traumáticas do cérebro. Bloqueado o contato com o meio ambiente, o transe vai permitir o aflorar do subconsciente e a pessoa age sem intervenção da vontade.”⁽²⁾

⁽²⁾ LEX, Ary. Do Sistema Nervoso à Mediunidade. 2. ed. São Paulo: FEESP, 1994, pp. 77 e 78, Cap. IV.

O estudo do transe, a propósito, começou quando os distúrbios conhecidos como pseudoneurológicos, de origem histérica (crises convulsivas, tremores, tiques, anestesia cutânea, paralisias funcionais, etc.) passaram a ser cada vez mais detectados e analisados na França pós-napoleônica, arruinada pelas guerras, crises econômicas e por grande perturbação social. Nessa época, Jean Martin CHARCOT (1825-1893), dirigente da Salpêtrière, desenvolveu importantes trabalhos que serviram de fundamento a teorias cujos ecos chegam até nós, como, por exemplo, a psicanálise de FREUD, que se tornara seu discípulo. Com base nas investigações de CHARCOT, Pierre JANET (1859-1947) desenvolveu, em conhecida obra, a sua teoria sobre o automatismo psicológico.⁽³⁾

⁽³⁾ JANET, Pierre. L'automatisme Psychologique. Essai de Psychologie Expérimentale sur les formes inférieures de l'activité humaine. Paris, FELIX ALCAN, 1889.

Tendo como material exclusivo o comportamento histérico, definiu o transe como “um estado de baixa tensão psíquica, onde o domínio da consciência se enfraquece, possibilitando a dissociação da personalidade”. Esse “declínio da tensão psíquica” levaria o indivíduo “a um estado de passividade” que, aprofundado, retirá-lo-ia “da realidade em que vive no momento, introduzindo-o no seu inconsciente”.

Sob esse enfoque e não admitindo a possibilidade mediúnica, JANET, fugindo do método realmente científico, iniciou, com CHARCOT, - como bem observa Luiz Gonzaga PINHEIRO - “uma revolução em defesa do animismo generalizado e contra as manifestações espirituais, tentando negar o óbvio pelo absurdo, missão árdua demais para qualquer super-homem”.⁽⁴⁾

⁽⁴⁾ Pinheiro, Luiz Gonzaga. Vinte Temas Espíritos Empolgantes. Capivari (SP): EME, 1997, p. 69.

Embora os conceitos de JANET, relativamente ao transe, ainda alcancem alguma repercussão em certos círculos científicos, espelham, na realidade, uma visão fragmentária, não abrangente da realidade espiritual, sujeitando-se, pela falta de maior precisão científica, a críticas e controvérsias, a partir, mesmo, do significado do próprio termo dissociação. Mas, em geral, tem-se admitido, em Psicologia, que, na chamada “dissociação da personalidade”, ocorreria certa perda de conexão entre os sistemas cognitivos que integram a consciência, os quais passariam a funcionar de forma relativamente independente. Essa desconexão entre as funções psíquicas poderia produzir uma série de efeitos, conhecidos como reações dissociativas — entre elas, a amnésia, a despersonalização, confusão de identidade, etc. —, atribuíveis a vários fatores.

Ora, é possível admitir que o citado conceito de dissociação se aplique a determinados tipos de transtornos psicológicos. Mas, refutar a possibilidade das manifestações espirituais, como entenderam JANET e alguns outros seguidores, buscando qualificar o fenômeno mediúnico

como um mero processo de “dissociação de personalidade”, é desconhecê-lo em sua complexa dinâmica, importando reconhecer tal avaliação como realmente anticientífica, por ignorar as inúmeras evidências que certificam sua realidade, como a ponte de comunicação entre as dimensões física e espiritual.

Com efeito, no processo de mediunização, não há como cogitar de uma desconexão entre funções psíquicas, como “a perda de unidade de funcionamento da personalidade humana, e a geração de diversos automatismos motores ou sensoriais fora do controle consciente” (JANET), quando o que efetivamente ocorre — principalmente na psicofonia, psicografia, psicopictura e psicocirurgia - é um abrandamento, ou conforme o caso, um transitório entorpecimento da atividade consciente do médium, sem chegar a nenhum comprometimento da sua unidade psíquica e de seu domínio, imprescindível, aliás, na intermediação mediúnica, a fim de que outra personalidade com recursos perispiríticos, próprios, conjugados aos do médium, possa se comunicar, em regime de associação psíquica e de intercâmbio energético. Assim, ao contrário, de “dissociação da personalidade”, o que na verdade se registra, no fenômeno mediúnic, é uma “agregação de personalidades”.⁽⁵⁾

(5) O conceito de dissociação é expresso no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 4- edição (DSM-IV), como “uma ruptura nas funções habitualmente integradas da consciência, memória, identidade ou percepção do ambiente”.

No processo psicofônico, e outros, como visto, nada disso ocorre. Duas personalidades distintas - médium e comunicante - operam em comunhão mental, em regime de absoluta higidez psíquica.

Descabida, pois, qualquer posição que pretenda associar o transe mediúnic a eventual processo de dissociação ou automatismo.

*

O transe hipnótico⁽⁶⁾ decorre, basicamente, de um estado de inibição cortical provocada, cujas causas ainda não se encontram totalmente definidas, conjecturando-se que esse fenômeno “originar-se-ia no próprio córtex ou seria secundário à ação do sistema ativador do subcórtex”.

(6) Foi o cirurgião inglês James BRAID quem, praticamente, introduziu a terminologia hoje empregada, ao publicar, em 1843, o livro intitulado Sono Neuripnológico. Daí se originaram, por derivação, vocábulos como hipnologia, hipnotismo, hipnótico, etc.

As reações emotivas às sugestões do operador e os reflexos neurovegetativos que as acompanham (palidez, sudorese, modificação do ritmo cardíaco e outras alterações vasomotoras) sugerem, todavia, a clara participação, no processo, de centros subcorticais (tálamo e hipotálamo). “À medida que se estende e se intensifica a inibição cortical” - assinala o neurologista Jayme CERVINO - “as estruturas do subcórtex entram em ‘efervescência’, liberadas da ação frenadora da corticalidade. A personalidade profunda — pólo subcortical do psiquismo — assume mais intimamente o controle da atividade nervosa”.⁽⁷⁾

(7) CERVINO, Jayme. Além do Inconsciente. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1989, pp. 93 a 99, Cap. 3.

O transe hipnótico - processo de interiorização induzido por via da sugestão - chamou a atenção de renomados investigadores, como BREUER, em Viena, e CHARCOT, em Paris, quando se observou que paralisias, anestésias e hipertésias podiam ser induzidas através do hipnotismo. BREUER, aliás, notabilizou-se como um pioneiro no uso da hipnoterapia no tratamento da histeria. (FREUD, entre 1885 e 1900, foi seu colaborador assíduo). Nesse tipo de terapia, o paciente é levado ao transe hipnótico e encorajado a recordar e verbalizar suas dificuldades, cenas esquecidas, experiências traumáticas, sendo-lhe, então, dadas sugestões de apoio.

Modernamente, revitalizou-se o interesse pelo hipnotismo, procurando-se estudá-lo e aplicá-lo com mais profundidade e sob novos conceitos, de cunho transexistencial, no sentido de localizar, por meio da regressão, raízes de transtornos psicológicos ou distúrbios do comportamento, não só em experiências da vida atual, como em vivências de passadas encarnações.

Assinale-se, finalmente, que, como processo suscetível a comando externo, pode servir tanto a interesses construtivos (psicoterapia, anestesia), como destrutivos, qual ocorre no processo obsessivo, desde a sugestão pós-hipnótica, plantada durante o sono, até as situações mais agudas e tenebrosas de influenciação, que chegam a causar a própria alteração do perispírito, como se observa, por exemplo, nos casos de zootropia (licantropia, etc.).

*

O transe farmacógeno produzido pelas drogas conhecidas como psicolíticas (mescalina, psilocibina, LSD-25, e outras) e por várias outras do conhecimento comum, inclusive os anestésicos, pode assemelhar-se, em alguns aspectos ou efeitos, a outros tipos de transe, principalmente o hipnótico. A nota diferencial, todavia, é que o processo não se apoia na sugestão; é provocado por meios químicos e somente ocorre com encarnados.

Nesse tipo de transe — que não se confunde com os estados de perturbação mental provocados por certos produtos algumas vezes, pode até acontecer, como no transe hipnótico, um certo afrouxamento dos laços perispirituais, tornando possível um relativo desprendimento.

*

O transe anímico, que pode ser espontâneo ou, mesmo, provocado por influência do mundo espiritual, guarda certa relação, de um lado, com o transe hipnótico, e, de outro, com o mediúnico.

Mergulhado em processo de redução do foco consciencial, qual acontece no ritmo hipnótico, a pessoa sensível, com o relativo desprendimento perispirítico que se segue, pode entrar em um estado de transe, com características mui semelhantes às observáveis na ocorrência mediúnica.

No transe anímico é possível observar, como no transe mediúnico, tanto efeitos de natureza intelectual, como físicos.

No primeiro caso — ocorrência mais comum —, à medida que diminui ou enfraquece a presença consciente, vêm à tona as impressões estratificadas no subconsciente e no subconsciente profundo (“depósito de informações de vidas passadas”) e o sujeito pode chegar a manifestar, até, uma personalidade diferente, ainda que, na realidade, apenas exteriorize o seu próprio mundo, onde jazem cristalizadas lembranças de experiências traumáticas comumente não resolvidas na encarnação atual, ou, se remontam às vidas pretéritas, não superadas pelo choque biológico do renascimento. (Eventos dessa natureza, aliás, podem até alcançar proporções patológicas).

Interessante observar que na atividade mediúnica, a manifestação ligada ao transe anímico, embora apresente características peculiares facilmente reconhecíveis, é seguidamente confundida com comunicação mediúnica autêntica.

Outras vezes, detectada, a manifestação anímica passa a ser, apressadamente, rotulada de mistificação, impelindo o interlocutor a atitudes até desrespeitosas, em relação ao médium, muitas vezes, em doloroso processo de imersão nos arquivos do próprio passado, quase sempre involuntário.

Na verdade, a complexidade do fenômeno requisita conhecimento e respeitosa tolerância, uma vez que o animismo, superadas as dificuldades psicológicas do sujeito, pode dar lugar, amanhã, a possibilidades mediúnicas puras e autênticas.

De fato, resolvidas ou desestimuladas eis aflorações do subconsciente, e desobstruídas as vias perispiríticas de canalização, pode, com o tempo, surgir a manifestação medianímica, de expressão a mais genuína e convincente.

Por causa, justamente, da semelhança que se registra entre os efeitos ocorrentes nos processos anímico e mediúnico é que certos psicólogos e parapsicólogos, menos informados, generalizaram, sustentando a inexistência do fato mediúnico e atribuindo todos os tipos de ocorrência a fantasiosas potencialidades do chamado “inconsciente” do médium, despercebidos das inúmeras e verdadeiras faces da mediunidade, sua realidade e significação para o próprio futuro do homem, como, aliás, bem compreenderam, não só RHINE, O pai da Parapsicologia, e seus seguidores próximos, como outros cientistas e pesquisadores célebres que enobreceram a história da Humanidade (CROOKES, AKSAKOF, ZÖLLNER, LOMBROSO, FLAMMARION, DE ROCHAS, DE-LANNE, LODGE, GELEY, BOZZANO, e outros.), e que, em comprovando as teses de KARDEC e DENIS, abriram veredas para a pesquisa psíquica de profundidade, que hoje envolve tantos e notáveis cientistas e pensadores, encarnados e desencarnados, como nos dão conta as páginas espíritas e não espíritas, em todos os cantos do mundo.

*

O transe noctípico (do lat. noctis + typicu) acontece comumente no período de repouso noturno e embora mostre linhas de estreito contato com o transe anímico, propriamente, pode apresentar, também, características de natureza mediúnica.

É possível distinguir no transe noctípico três tipos de ocorrências: (1) os fenômenos oníricos relacionados com as imagens, representações, ideias, que brotam espontaneamente do subconsciente e do subconsciente profundo - algumas delas depois lembradas, ainda que confusamente; (2) os fenômenos de desprendimento e desdobramento durante o sono, com vivências suscetíveis, também, de serem lembradas, principalmente nos casos em que, espontâneos ou provocados, já passam a ter caráter mediúnico (comunicações, informações, visões, etc.); (3) os sonambúlicos, com peculiaridades que, em verdade, ainda estão a requisitar investigação maior, embora já se saiba que o fenômeno sonambúlico se diferencia claramente do fenômeno mediúnico.

Entre os fenômenos psíquicos, o transe sonambúlico apresenta-se como dos mais singulares, tomando, às vezes, feições realmente surpreendentes.

Gabriel DELANNE, por exemplo, relata, entre outras, a história de um jovem padre, que, durante a noite, levantava-se, ia à escrivaninha, compunha sermões e tornava a deitar-se. E quando escrevia, se lhe fosse interposto um grosso cartão “entre os olhos e o papel”, ele não interrompia a escrita, lendo-a em voz alta e fazendo as correções “com muita exatidão”.

Esse tipo de fenômeno diz, particularmente, com a expansibilidade, uma das propriedades do perispírito.⁽⁸⁾

⁽⁸⁾ São propriedades do perispírito: a plasticidade, a densidade, a ponderabilidade, a luminosidade, a penetrabilidade, a visibilidade, a corporeidade, a tangibilidade, a sensibilidade global, a sensibilidade magnética, a expansibilidade, a bicorporeidade, a unicidade, a perenidade, a mutabilidade, a capacidade refletora, o odor e a temperatura.

Outro caso ilustrativo, registrado pelo professor Soave, da Universidade de Pádua, também citado por Delanne, dá conta de um sonâmbulo que, durante o transe manipulava substâncias químicas com surpreendente precisão:

“Um farmacêutico de Pavia, sábio químico, a quem se elevem importantes descobrimentos, levantava-se todas as noites, durante o sono, e ia a seu laboratório continuar os trabalhos inacabados. Acendia os fornos, preparava os alambiques, retortas, vasos, etc., e prosseguia em suas experiências com uma prudência e agilidade, de que, acordado, talvez não fosse capaz; manejava as mais perigosas substâncias, os mais violentos venenos, sem que jamais lhe acontecesse o menor acidente.

Quando lhe faltava o tempo para preparar, durante o dia, as receitas mandadas aviar pelos médicos, ia buscá-las na gaveta onde estavam fechadas, abria-as, colocava-as na mesa, umas sobre as outras, e procedia ao seu preparo, com todo o cuidado e as precauções requeridas.

Era verdadeiramente extraordinário vê-lo tomar a balança, escolher os grameis, decigramas e centigramas, pesar com precisão farmacêutica as doses mínimas das substâncias contidas nas receitas, triturá-las, misturá-las, prová-las, pô-las depois em frascos ou em pacotes, segundo a natureza dos remédios, colar os rótulos, e dispor, finalmente, os preparados nas prateleiras da farmácia, prontos para ser entregues, quando os viessem buscar.

Terminados os trabalhos, ele extinguia os fornos, punha em ordem os objetos, e voltava para a cama, onde dormia tranquilo até à hora de acordar. Nota o Prof. SOAVE que o sonâmbulo tinha constantemente os olhos fechados; confessa que, se a memória dos lugares e a ideia de acabar os trabalhos bastassem para guiá-lo no laboratório, a leitura e o preparo das receitas, cujo conteúdo ignorava, ficariam inexplicáveis.”⁽⁹⁾

⁽⁹⁾ DELANNE, Gabriel. O Espiritismo Perante a Ciência, pp. 93, 96 e 97.

Ao que parece, em pessoas suscetíveis a esse tipo de evento, o estresse, a tensão do dia contribuem significativamente para a sua eclosão noturna

Essa espécie de ocorrência, a caracterizar-se como transe onírico, não se confunde com o transe mediúnicos. Em ambos os casos ocorre o desprendimento perispírico, mas diferenças substanciais marcam esses dois tipos de fenômeno.

De fato:

No sonambulismo, ocorre a imersão do sujeito em si mesmo, com o total isolamento do mundo exterior. Em processo de dissociação da realidade exterior, o sujeito caminha, fala, age sem perceber a presença de ninguém. Sua ação é regida, principalmente, pelas impressões depositadas no subconsciente (memória atual).

Em síntese, o transe sonambúlico é caracterizado pela forma autônoma com que age o sujeito, executando, até, tarefas complexas, completamente alheio ao que ocorre ao seu redor.

Já no processo mediúnic, o médium conecta-se com o mundo espiritual, buscando servir de instrumento aos Espíritos para a transmissão de suas mensagens.

Ao contrário do que acontece no processo sonambúlico, o médium entra em contato com a realidade espiritual exterior, interrelacionando-se com outras mentes, intermediando-lhes o pensamento e, às vezes, a ação.

Não há, pois, como confundir o sonambulismo com o processo mediúnic.

Verdade que, historicamente, o desprendimento e o desdobramento de caráter mediúnic e os fenômenos de mediunização psicofônica e psicográfica, principalmente, têm sido confundidos com o fenômeno sonambúlico.

Isso se deve, em grande parte, à herança do mesmerismo. Com efeito, por influência da escola de MESMER (Franz Anton MESMER, Alemanha, 1734-1815), e dos primeiros pesquisadores do fenômeno hipnótico (James BRAID, Escócia, 1795-1860, introdutor dos termos “hipnologia” e “hipnotismo”, em 1843; Jean Martin CHARCOT, França, 1825-1893; Josef BREUER, Áustria, 1842-1925), confundia-se o fenômeno sonambúlico — transe onírico — com o transe mediúnic. Assim, qualquer tipo de mediunização que levasse o médium ao estado de inconsciência ou semiconsciência era tido por sonâmbulo, como bem mostra a história do Espiritismo.⁽¹⁰⁾

⁽¹⁰⁾ Observe-se, a propósito, que mesmo KARDEC, estudioso do mesmerismo e ativo participante da Escola de Magnetismo de Paris, usou o termo “sonambulismo” para designar a ocorrência mediúnic, de acordo, aliás, com a cultura de seu tempo e numa época em que o Magnetismo, a Fisiognomia e a Frenologia atraíam o interesse de renomados pesquisadores.

Por influência, também, do mesmerismo e dos pesquisadores do hipnotismo, o transe dito “sonambúlico” (transe mediúnic) e o transe hipnótico não dispensavam os passes magnéticos, teoria hoje superada.

Realmente, em se tratando do verdadeiro sonambulismo, o sujeito, em transe onírico, entra em processo sonambúlico sem nenhum estímulo magnético e passa a agir automaticamente, totalmente desligado do mundo físico exterior e do mundo espiritual.

No processo mediúnic, indevidamente tido como “sonambúlico”, o transe instala-se sob a ação direta dos Espíritos, que, por vezes, fazem uso do magnetismo espiritual para a facilitação do desprendimento e o contato com o mundo espiritual, mostrando-se, pois, de pouca significação o emprego do magnetismo animal, ainda que, excepcionalmente, possa ser utilizado, em combinação com o magnetismo espiritual.

Quanto ao processo hipnótico, compreende-se, hoje, claramente, a pouca utilidade na dimensão física, do emprego de passes magnéticos para a deflagração do fenômeno, inteiramente superado pela indução verbal, que conduz ao transe por meio da sugestão, levando o sujeito a agir automaticamente, sob o comando do agente operador.

Em conclusão, tecnicamente, o transe sonambúlico é inteiramente distinto do transe mediúnic, importando, pois, hoje, considerar como impróprio, tanto o emprego da expressão “sonâmbulo-médium”, como qualificar como sinônimos, os vocábulos “sonâmbulo” e “médium”.

O transe mediúnico, ostensivo tanto nos fenômenos de mediunização psicofônica, psicográfica, psicopictórica e psicocirúrgica, como nos de ectoplasmia, é provocado pelos Espíritos e apresenta, como já salientado, características peculiares e bem definidas. Registra-se, geralmente, na mediunização, um processo de gradativa e suave interiorização, seguido de um gradativo abrandamento ou entorpecimento da atividade consciencial própria, o qual vai se tornando mais significativo à medida que o perispírito do médium, em processo de desprendimento, passa a sofrer o influxo crescente do Espírito em via de comunicar-se. Com a conexão interperispirítica final (Espírito-médium), instala-se o processo do transe.⁽¹¹⁾

(11) De acordo com o maior ou menor desprendimento do médium, o transe pode mostrar-se superficial, semiprofundo ou profundo. No transe superficial (de 1º grau), ele permanece consciente durante o processo, tendo plena lembrança do ocorrido.

No transe semiprofundo (de 2º grau), ele permanece relativamente consciente, ou seja, tem lembrança fragmentária do conteúdo da manifestação.

Já no transe profundo (3º grau), de nada se recorda.

Oportuno ressaltar, todavia, que se boa parte dos fenômenos mediúnicos só se verifica em estando o médium em transe, alguns, em que há um menor desprendimento do perispírito, acontecem em plena lucidez ou quase lucidez. É o que ocorre, por exemplo, na intuição, vidência, audiência, dermatografia e outros eventos ectoplásmicos.

Conforme já assinalado, na operação mediúnica não ocorre nenhuma segmentação ou “dissociação de personalidade”, mas sim, uma verdadeira agregação de personalidades (Espírito atuante e médium), por via dos respectivos perispíritos, produzindo conteúdos que, quase sempre, nem dizem com o modo de ser e os conhecimentos atuais do médium.

E quanto aos precitados “automatismos”, motores e sensoriais, normalmente associados ao chamado processo de dissociação, impõe-se considerar, de primeiro, que, em geral, no fenômeno mediúnico autêntico, a ação do médium subordina-se voluntariamente ao comando de uma vontade que não é a sua. Não reflete, pois, repita-se, apenas o seu subconsciente, como ocorre nos processos patológicos, hipnóticos ou anímicos.

Isso fica claro, tanto nos casos de mediunidade semi-consciente, como naqueles em que o médium não tem nenhuma lembrança dos atos que se desenvolvem durante o transe, resultado de um desprendimento perispiritual mais acentuado e que, embora sejam executados sem a participação consciente do médium, não são “automáticos”, subordinando-se, sim, à orientação consciente de outra pessoa, desencarnada.

Em verdade, no domínio mediúnico, pouco ou nada há que cogitar com relação aos chamados “automatismos”, se tomados como referência os conceitos correntes em Psicologia (e aqui se discute, apenas, o automatismo psicológico), distanciados, ainda e infelizmente, da realidade interexistencial.⁽¹²⁾

(12) Veja-se, por exemplo, o próprio conceito original de Pierre JANET (*L'Automatisme Psychologique*, 1889), para quem o automatismo expressa “um sistema de fenômenos psicológicos e fisiológicos, resultantes de uma experiência traumática, que se desenvolve pela anexação de outros fenômenos originalmente independentes”. É bem de ver que o processo mediúnico nada tem com qualquer “experiência traumática”, nem com a “anexação de outros fenômenos independentes” (sintomas secundários que caracterizariam a neurose), representando apenas um meio natural, normal, de intermediação do pensamento e energias de outros Espíritos, sendo certo que, ao contrário do que imaginaram certos autores menos avisados, a mediunidade bem conduzida, entre outros importantes benefícios, muito pode contribuir para a cura efetiva de transtornos psíquicos ou distúrbios comportamentais, como demonstram, à saciedade, por exemplo, os inúmeros casos submetidos aos processos de desobsessão.

Observe-se, a propósito, que até nos casos de escrita mecânica, em que a mão do médium obedece ao comando autônomo do Espírito - em serviço de psicografia durante o qual o médium pode até permanecer consciente, acompanhando ou não o processo —, o que se verifica é uma resposta neuromotora à ação do comunicante, com suporte na conexão perispirítica que, entre ambos se estabelece.

E inúmeros, aliás, são os registros psicográficos e, também, psicofônicos, em que são comunicados ensinamentos e experiências de conteúdo inédito e de alto valor cultural, a espelharem, até, pensamento sensivelmente superior ao do médium e da maioria humana, mostrando claramente que o fenômeno não se deve, mais uma vez, a nenhuma influência subconsciente do médium em regime de “segmentação consciencial”.

Também nos demais tipos de ocorrência mediúnica, pode-se facilmente constatar que o fenômeno não implica nenhum processo de dissociação (como entendido por psicólogos e psiquiatras) ou comportamentos relacionados com os mencionados “automatismos”.

É o que acontece, por exemplo, no desprendimento perispiritual mais avançado, em que o médium, assistido pelos Espíritos, capta informações, no plano físico, relatando fatos que ocorrem no momento, a centenas ou milhares de quilômetros de distância - conforme registram os anais espiritualistas e espíritas, repletos de casos confirmados.

Ou, também, nas ocorrências ectoplásmicas, em que os fenômenos, na maior parte das vezes, nem chegam a afetar o mundo íntimo do médium, ainda que fornecedor voluntário ou involuntário do ectoplasma.

Trata-se, como se vê, de mais um tema a requisitar dos que pretendem efetivamente construir em Ciência, discernimento, humildade e mente limpa de quaisquer preconceitos.⁽¹³⁾

13. Felizmente, a Psiquiatria, hoje, já começa a estabelecer a diferença entre esquizofrenia e mediunidade. A verdade vai, assim, gradativamente, se impondo, para benefício da Humanidade. (V. 1- parte, Cap. III, Ocorrências Negativas, Obsessão)

V- INTUIÇÃO

Intuição é a faculdade de conhecer imediatamente um objeto.

É uma faculdade inerente a todos os seres humanos e possibilita a cognição, independentemente de raciocínio ou análise, e de forma não premeditada.⁽¹²⁾

(12) A intuição, em si, tem atraído a atenção de eminentes pensadores, entre eles, o famoso filósofo francês Henri BERGSON (1859-1941), que construiu sua filosofia com base em quatro ideias fundamentais: a intuição, a durée (duração), a memória e o élan vital, que diz com Deus.

Diversas modalidades de intuição podem ser alinhadas:

INTUIÇÃO

- COMUM
- INSPIRATIVA
- PRECOGNITIVA
 - Ordinária
 - Profética
- SUPERIOR (SUPERINTUIÇÃO)

A intuição comum diz com as percepções mais ou menos frequentes em nossas atividades, relacionamentos e decisões.⁽²⁾

(2) Ensina EMMANUEL que “tanto quanto o tato é o alicerce inicial de todos os sentidos, a intuição é a base de todas as percepções espirituais e, por isso mesmo, toda inteligência é médium das forças invisíveis que operam no setor de atividade regular em que se coloca”. (Xavier, Francisco Cândido. Espírito Emmanuel. Roteiro. 9. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, p. 114, Cap. 22)

Pode assumir caráter mediúnico, propriamente, quando claramente se destina a outros, comparecendo, pois, o agente como intermediário.

A intuição inspirativa, própria dos poetas, literatos, compositores, possibilita ao Espírito mais sensível a recepção de conteúdos de valor estético.

A intuição precognitiva ordinária pode surgir como uma percepção relacionada com o futuro de determinada(s) pessoa(s), como acontece, por exemplo, com os “leitores da sorte”, (usando, até mesmo, objetos diversos como elementos indutores), ou na forma de pressentimento, uma espécie de sensação de que algo pode acontecer.

Geralmente, o pressentimento refere-se a um fato iminente, mas não mostra detalhes ou elementos que possam caracterizá-lo com precisão. Apenas, uma espécie de certeza da ocorrência próxima de um fato.

A intuição precognitiva profética é um dos fenômenos que mais tem intrigado a Humanidade. Profetas de todos os tempos, com maior ou menor desenvolvimento espiritual, usam de suas faculdades para prever, às vezes, acontecimentos futuros que, de fato, se realizam da forma prevista.⁽³⁾

(3) No passado, os profetas foram chamados de pneumáticos.

Já na Renascença, por exemplo, Roger BACON, filósofo inglês (1214-1292), em suas notáveis previsões, descreveu o que hoje conhecemos como automóvel, elevador, navio, submarino, avião e, até mesmo, as bombas.

O genial Leonardo DA VINCI (1451-1519) construiu um modelo do que seria, séculos depois, um helicóptero e desenhou dragas, veículos blindados, um modelo de paraquedas, como o é hoje, antecipando, ainda, diversas realizações que repercutem até hoje na Física, Geologia e, até, na Astronomia e Medicina.

O conhecido Nostradamus (Michel de NOTREDA- ME, 1503-1566) continua assombrando o mundo com suas previsões que passam pela Revolução Francesa, Napoleão BONAPARTE, LUÍS PASTEUR, a Segunda Guerra Mundial, Hiroshima e Nagasaki, e por fim, um futuro em que a Humanidade respirará, já, alto padrão de espiritualidade.⁽⁴⁾

⁽⁴⁾ V. LOUREIRO, Carlos Bernardo. Das Profecias à Premonição. São Paulo: CULTRIX, 1999, pp. 17 e segs. — VOLDBEN, A. Nostradamus — As Grandes Profecias sobre o Futuro da Humanidade. São Paulo: LIDER pp. 49 e segs. Trad. Atílio Cancion.

Na modernidade, outros profetas deixaram suas marcas surpreendentes. Aliás, a Humanidade sempre conta com seus profetas, maiores ou menores. Como lembra KARDEC, mais de um escritor, poeta, literato, historiador ou filósofo 11 hão traçado, em seus escritos, a marcha futura de acontecimentos e cuja realização agora assistimos”.⁽⁵⁾

⁽⁵⁾ KARDEC, Allan. A Gênese. Os Milagres e as Previsões Segundo o Espiritismo. (Orig. La Genèse, Les Mirades et Les Prédications Selon Le Spiritisme). 36. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995, p. 368, Cap. XVI, Teoria da Presciência.

Mas, se abundantes os registros relacionados com a intuição precognitiva, o seu processo, em sua intimidade, ainda permanece desconhecido, embora eminentes cientistas de ontem e de hoje (Samuel SOAL, Hereward CARRINGTON, Wilhem Hendrik TENHAEF, Joseph e Louisa RHINE, Russel TARG, Harold PUTHOFT, Gerald FEINBERG, Adrian DOBBS, WOLFGANG, PAULI, Carl JUNG, David BÒHM, Karl PRIBAM, e outros), principalmente nas áreas da Física e Matemática, tenham se dedicado ao seu estudo, formulando hipóteses e teorias que, embora respeitáveis, mostram, afinal, resultados insatisfatórios.

É que - ressalte-se - também há um importante fator a ser considerado, que é o espiritual. De fato, esse tipo de intuição, por sua tipicidade, diz, normalmente, com a capacidade mediúmica do agente intuitivo, que tenha condições de perceber, com a assistência da Espiritualidade Superior, o futuro próximo ou remoto, no contínuo espaço-tempo em que gravitamos.

A intuição superior ou superintuição é a intuição criativa, por excelência, própria dos Espíritos elevados, com a missão de promover o desenvolvimento do Conhecimento Humano, em suas várias dimensões. A propósito, escreveu o Dr. Alexis CARREL, um dos mais acatados expoentes da medicina, em sua notável obra, O Homem, esse Desconhecido:

“É evidente que as grandes descobertas científicas não são unicamente obras de inteligência. Os sábios, além do dom de observar e de compreender, possuem outras qualidades, como a intuição e a imaginação criadora. Por meio da intuição, apreendem o que os outros homens não vêem; percebem a relação entre fenômenos aparentemente isolados; sentem inconscientemente a presença do tesouro ignorado.

Todos os grandes homens são dotados do poder intuitivo. Sabem sem raciocínio e sem análise o que lhes importa saber.”⁽⁷⁾

(6) CARREL, Alexis. O Homem, esse Desconhecido. Conf. ARMOND, Edgard. Mediunidade. 29. ed. São Paulo: ALIANÇA, 1994, p. 65.

*

Ao lado da intuição, propriamente, que se refere à apreensão de um objeto atual, um outro fenômeno que comumente ocorre é o surgimento de inopino, espontâneo, de ideias claras e precisas, inclusive em forma de conceitos e soluções, como ocorre no processo intuitivo, mas que são apenas lembranças de experiências e aprendizagens obtidas durante o sono ou em vidas pretéritas, depositadas no subconsciente profundo e a emergirem em processo de associação, ou não, com conteúdos intuídos realmente.⁽⁷⁾

(7) Enquadram-se, também, nessa categoria, o chamado pressentimento, que traduz uma informação recebida durante o sono e, que, depois, surge com a aparência de intuição precognitiva.

Tal fenômeno rememorativo, pseudointuição, na prática, é de difícil identificação.

* *

INTUIÇÃO E TELEPATIA

O estudo da intuição envolve, obrigatoriamente, a análise do processo telepático, com o qual tem relação.

Registre-se, de começo, o conhecimento da telepatia remonta à Antiguidade, na Grécia e, teve tanta importância, na época, que levou Demócrito a elaborar uma teoria sobre sua dinâmica.

“As antigas literaturas, especialmente as que se referem a religiões e fundadores de seitas”, afirma RHINE, “relatam muitos casos que sugerem uma transmissão de pensamento entre seres humanos. Tais exemplos (...) ajudam a ilustrar a informação de que a crença na realidade da telepatia forma parte da tradição cultural da raça humana”.⁽⁸⁾

(8) RHINE, J. B. £/ Alcance De La Mente (Orig. The Reach of the Mind). Buenos Aires: PAIDOS, 1956, pp. 32 e 33. (Versão espanhola de Dora Ivnicki).

Nos tempos modernos, embora pesquisas acontecessem desde 1828, pode-se afirmar que a telepatia começou a ser levada a sério depois de 1880, quando a Society Psychical Research (SPR), de Londres, passou a investigar o fenômeno, nomeando, mesmo, uma Comissão composta por respeitáveis pesquisadores franceses (entre eles, Charles RICHET), para o seu estudo na França, Bélgica e Suíça.

No século XIX, o interesse pela telepatia sofreu certo declínio, não atraindo muito a atenção dos psicólogos e pesquisadores.

William JAMES, da Universidade de Harvard, desponta, nessa época, como eminente exceção, destacando-se pelo seu incondicional interesse pelas investigações e pelo apoio que dava aos demais pesquisadores.

No século XX, verificou-se um significativo aumento do interesse pela telepatia. Nomes importantes como William MCDOUGALL, Sigmund FREUD, C. G. JUNG, René WARCOLLIER, Carl BRUEK, Rudolf TIRCHNER, Leonid VASILIEV, Upton SINCLAIR,

surgem como referência maiúscula, mas é Joseph Banks RHINE, Professor de Psicologia da Universidade de Duke, que, principalmente com suas pesquisas, no laboratório de Parapsicologia daquela Universidade, criado por MCDOUGALL, leva, de vez, o estudo da telepatia às Universidades.

Hoje, graças ao trabalho desses e de outros dedicados cientistas, no mundo todo, o fenômeno telepático credencia-se como uma realidade cientificamente comprovada.

*

A palavra telepatia (do grego tele, “ao longe” + pathós, “influência”),⁽⁹⁾ foi proposta por Frederic William Henry MYERS (1843-1901), um dos fundadores da Society Psychical Research, quando, em 1882, pesquisava o fenômeno em companhia de Henry SIDGWICK (1838-1900), primeiro presidente da SPR, e um dos mais influentes professores de Cambridge, Edmund GURNEY (1847-1888), Secretário da SPR, quando de sua fundação, e o Professor Sir William Fletcher BARRET (1845-1926), renomado pesquisador dos fenômenos psíquicos.⁽¹⁰⁾

⁽⁹⁾ William Walker ATKINSON criou a palavra telementação, para indicar a influência psíquica a distância.

⁽¹⁰⁾ Já em 1876, o Professor BARRET apresentava à Associação Britânica para o Avanço das Ciências seus trabalhos experimentais defendendo a existência da “transmissão do pensamento, independentemente do magnetismo animal”. (TEIXEIRA DE PAULA, João. Dicionário de Parapsicologia, Metapsíquica e Espiritismo. São Paulo: BANCO Cultural brasileiro, 1970, III vol., p. 131).

Para MYERS, a telepatia era a “transmissão do pensamento independentemente dos reconhecidos canais dos sentidos”.⁽¹¹⁾

⁽¹¹⁾ FODOR, Nando. An Encyclopaedia of Psychic Science, Secaucus. N. Jersey, EUA: THE CITADEL PRESS, 1974, p. 321.

Já, È. BOIRAC, eminente pesquisador francês, considerava que a telepatia significaria mais a comunicação do pensamento.⁽¹²⁾

⁽¹²⁾ ÉMILE BOIRAC, da Société Universelle d'Études Psychiques e reitor da Academia de Dijon, foi um dos principais investigadores da exteriorização da sensibilidade. Suas obras, “La Psychologie inconnue” (1915), “L' Avenir des Sciences Psychiques ”(1917), ganharam especial destaque, sendo a primeira, premiada pela Academia Francesa de Ciências.

Embora a complexidade do tema, pode-se entender, por enquanto, a telepatia, apenas, como um processo de conexão mental, independentemente de espaço e tempo.

Na verdade, ainda não temos os elementos necessários a uma melhor compreensão da dinâmica desse processo, mas já se sabe, que, conforme mostraram as pesquisas, nem sempre depende da existência de uma relação emocional positiva entre as partes - pelo menos entre os encarnados.⁽¹³⁾

⁽¹³⁾ V. Rhine, Louisa E. Canais Ocultos do Espírito. (Orig. Hidden Channels of the Mind). São Paulo: BESTSELLER, 1966, pp. 209 e segs. Trad. E. Jacy Monteiro.

*

Alguns autores tentam, para fins didáticos, estabelecer uma analogia entre “transmissão” do pensamento e transmissão de energia eletromagnética.

Assim, ANDRÉ LUIZ anota que “até certo ponto, o pensamento, a formular-se em ondas, age de cérebro a cérebro, quanto a corrente de elétrons de transmissor a receptor, em televisão”.⁽¹⁴⁾

⁽¹⁴⁾ Xavier, Francisco Cândido e Vieira, Waldo. Espírito André Luiz. Mecanismos da Mediunidade. 13. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995, p. 86.

Para Jorge ANDRÉA, “os pensamentos (...) devem ser transmitidos em ondas energéticas de alta frequência, partindo, naturalmente, da zona consciencial e aproveitando as naturais expansões que o psicossoma possui”.⁽¹⁵⁾

⁽¹⁵⁾ Andréa dos santos, Jorge. Nos Alicerces do Inconsciente. Sobradinho (DF): EDICEL, 1992, p. 101.

José NÁUFEL opina que o processo telepático “consiste na conjugação de ondas, pela qual as ondas mentais emitidas por uma pessoa são captadas por outra”, sendo necessário, para isso, “que ambas estejam vibrando na mesma frequência, para que se possa estabelecer sintonia”.⁽¹⁶⁾

⁽¹⁶⁾ NÁUFEL, José. Do ABC ao Infinito - Espiritismo Experimental. Rio de Janeiro: ECLAT, 1994, p. 121.

Essas e outras posições traduzem, sem dúvida, louváveis tentativas de explicar o fenômeno telepático, todavia, como acentua Karl GOLDSTEIN, a hipótese eletromagnética, embora simples, envolve considerável número de problemas.

Com efeito, quando Hans BERGER, cientista alemão, descobriu as oscilações rítmicas dos potenciais elétricos do cérebro humano, registráveis na superfície do crânio, dando surgimento à eletroencefalografia, essa hipótese obteve um reforço significativo, mas, depois, concluiu-se pela impossibilidade de se obterem informações sobre o psiquismo de uma pessoa, apenas examinando o seu eletroencefalograma obtido durante uma operação mental. Outros cientistas (P. P. LAZAREV, Ferdinando CAZZA-NALI, B. B. KAJINSKI, V. K. ARKADIEV, B. V. KSALAKINE, S. J. TURLYQUINE), buscando provar a hipótese eletromagnética, embora os persistentes esforços, nada conseguiram.

Um dos mais renomados pesquisadores, nessa área, o cientista russo Leonid Leonidovitch VASILIEV, catedrático de Filosofia da Universidade de Leningrado e da Academia de Ciências Médicas da URSS, dedicando-se intensamente ao estudo do fenômeno telepático, chegou a conclusões decisivas, publicando, a respeito, três obras, de significativa repercussão: Os Fenômenos Misteriosos do Psiquismo Humano, Experiências de Sugestão Mental e Sugestão a Distância.

VASILIEV e sua equipe de médicos, acompanhados por consultores técnicos eminentes, na área de radiotecnologia, realizaram experiências dramáticas nessa área.

Relata Karl GOLDSTEIN:

“Prepararam-se duas cabines feitas de madeira e revestidas com chapas de ferro de um milímetro de espessura. A cabine onde ficava o percipiente dispunha de um leito, uma mesinha para os aparelhos e uma cadeira para o observador. Todas as juntas e frestas eram bloqueadas com folhas de estanho, inclusive as da porta. A cabine do emissor era menor e tinha as juntas soldadas. Compunha-se de duas peças que se superpunham. A que servia de tampa possuía bordas revestidas de latão amalgamado para ajustar-se perfeitamente à parte

inferior, cujas bordas eram acanaladas e continham mercúrio. Desse modo, garantia-se perfeita estanqueidade, tornando-se impossível a penetração ou saída de ondas eletromagnéticas de ambas as cabines. Além disso, elas eram colocadas à distância de 13 (treze) metros uma da outra.

Como garantia, fizeram-se testes de estanqueidade eletromagnética, usando-se emissores e receptores de rádio colocados fora e dentro das cabines. Foram experimentados variados comprimentos de onda, até ter-se certeza de que nas cabines fechadas não entravam nem saíam ondas eletromagnéticas de qualquer espécie.

Foram empregadas como sensitivas, duas mulheres, Sra. Ivanova e Sra. Fedorova. Estas pacientes foram selecionadas dentre um grupo maior de percipientes altamente sensíveis. Elas eram facilmente adormecidas ou despertadas a distância. Tomaram-se todas as precauções para não ocorrer uma auto-hipnose espontânea ou provocada por reflexo condicionado.

O progresso de registro era feito em polígrafo. A percipiente recebia uma pera de borracha oca e ligada a um tubo flexível que se comunicava com o polígrafo. A paciente devia apertar e afrouxar ritmicamente a pêra durante todo o tempo em que estivesse acordada na cabine blindada. Estes movimentos eram grafados no papel do polígrafo enquanto ele deslizava. O agente colocado dentro da outra cabine blindada, num dado momento, emitia uma ordem mental procurando adormecer a paciente. Nesta ocasião, ele pressionava um contato ligado por fios ao polígrafo, o qual registrava simultaneamente ambos os sinais, o do paciente e o do emissor telepático. Ao adormecer, a percipiente automaticamente cessava de acionar a pêra de borracha e, no polígrafo, ia aparecer uma linha contínua coincidindo com o traço produzido pelo emissor. Depois de algum tempo o emissor concentrava-se na ordem de despertar, soltando ao mesmo tempo o contato. Logo que despertava a sensitiva voltava a apertar alternadamente a pêra de borracha, aparecendo no polígrafo a linha sinuosa, a qual devia corresponder ao sinal de despertar do emissor. Os intervalos entre as sugestões eram propositalmente variados e inesperados, de maneira a se eliminarem todas as possibilidades de erros devidos a outros fatores (...).

As experiências duraram cerca de quatro anos, de 1933 a 1936 e os resultados mostraram decisivamente que as blindagens contra as ondas eletromagnéticas não exerciam nenhuma interferência nos telepatemas.

(...) Vasiliev e seus colegas verificaram que ‘ondas eletromagnéticas telepáticas’ não existem. A sugestão mental ocorre mesmo a grandes distâncias e através dos obstáculos que barrariam quaisquer tipos de ondas físicas conhecidas até agora, exceto as gravitacionais”.⁽¹⁷⁾

⁽¹⁷⁾ GOLDSTEIN, Karl W. “Parapsicologia - Uma Visão Panorâmica (VII) - Radiomental”. Folha Espírita, julho, 1984, n2 124.

Em outra experiência, segundo o relato de Sheila OSTRANDER e Lynn SCHROEDER, os resultados foram os mesmos:

“Vasiliev construiu uma cápsula de chumbo que seria uma barreira até para a irradiação. Tomashevsky, o emissor, trepou numa escada e escorregou para dentro do que parecia uma enorme geladeira antiga. Em seguida, abaixou a pesada tampa abobadada. Esta se encaixou numa canaleta cheia de mercúrio e a cápsula ficou perfeitamente selada. Nenhuma onda poderia entrar ou sair dali.(...) Tomashevsky imaginou Fedorova adormecida no interior da

jaula de Faraday. Ela perdeu a consciência. Essa telepatia de impacto parecia funcionar ainda melhor no interior de todos os anteparos de chumbo.

‘Ficamos assombrados!’ escreveu Vasiliev. “Estávamos como que hipnotizados por esses resultados inesperados!”

Prosseguindo em suas investigações, VASILIEV e sua equipe, partindo do fato de que as ondas eletromagnéticas diminuem de intensidade à medida que aumenta a distância, enviou um de seus colaboradores, Tomashevsky, para um lugar distante mil e seiscentos quilômetros (Sebastopol, perto da Crimeia). A paciente, Ivanova, não sabia que estava sendo submetida a uma experiência. No momento combinado, Tomashevsky, num passeio que fazia junto ao mar, concentrou-se. “A mil e seiscentos quilômetros de distância, Ivanova perdeu a consciência à hora aprazada, enquanto conversava com o Dr. Danbrovsky”. Assim, VASILIEV construiu “o que ainda constitui a melhor prova” de que a telepatia nenhuma relação guarda com as ondas eletromagnéticas, pois que, se estas se degradam com a distância, para o pensamento ela nada significa.⁽¹⁸⁾ “Avaliamos perfeitamente”, escreveu VASILIEV, “a responsabilidade que assumimos por chegar a uma conclusão dessa natureza”.⁽¹⁹⁾

⁽¹⁸⁾ “Sabe-se que a intensidade da energia eletromagnética diminui de forma proporcional ao quadrado da distância em relação ao ponto de emissão de energia. Na Física, esse fato é conhecido como a lei do inverso do quadrado. Essa lei é válida para forças eletromagnéticas, eletrostáticas e gravitacionais.” (GERBER, Richard. Medicina Vibracional. 12. ed. São Paulo: CULTRIX, 1997, p. 258). Trad. Paulo César de Oliveira.
⁽¹⁹⁾ OSTRANDER, Sheila; SCHROEDER, Lynn. Experiências Psíquicas Além da Cortina de Ferro. (Orig. Psychic Discoveries Behind the Iron Curtam). São Paulo: CULTRIX, 1974, pp. 127 e 128.

Essas e outras evidências mostram o pouco que ainda sabemos a respeito. (E não pode ser desconsiderado o fato de que a energia eletromagnética é de ordem física, ao contrário do pensamento, em sua essência...).

Na verdade, apenas constata-se a realidade da telepatia como um fenômeno corriqueiro, observável, aliás, no próprio reino animal, ainda que em nível rudimentar, acompanhando sua própria evolução psíquica.

De fato, a telepatia, como todas as faculdades psíquicas, é uma aptidão que se elabora através dos milênios de evolução do ser. Amostras desse desenvolvimento compõem bem visíveis, principalmente, nos animais que mais proximamente conosco estagiam na Escola-Terra.

Modernas experiências científicas comprovam a conexão telepática entre animais da mesma espécie. Autores diversos relatam inúmeros fatos relacionados com a telepatia animal, envolvendo não só os mamíferos, especialmente, cães, cavalos e elefantes, como certos tipos de insetos, entre eles, a abelha e a formiga (Ivan SANDER-SON, estudando as formigas, chegou à conclusão de que “algum tipo de telepatia” primitiva seria o agente de coesão de grupo).⁽²⁰⁾

⁽²⁰⁾ Cf. De Salvo, Salvatore. Sinfonia da Energética. 3. ed. São Paulo: SCHIMIDT, 1992, pp. 195 e segs.

Entende-se, pois, que a faculdade de pensar já se encontra nos animais, embora de forma menos contínua que nos seres humanos, quando, então, já surge também, mais desenvolvido, o fenômeno telepático.

Indaga-se, hoje, sobre sua dinâmica, mas é difícil compreendê-la quando, sequer, ainda, conseguimos entender o que seja o pensamento, em si, em suas dimensões volitiva, afetiva e cognitiva.

Escreve ANDRÉ LUIZ:

“Nasce (o pensamento) das profundezas da mente, em circunstâncias por agora inacessíveis ao nosso conhecimento, porque, em verdade, a criatura pensando, cria sobre a Criação ou Pensamento Concreto do Criador.”⁽²¹⁾

⁽²¹⁾ Xavier, F. C. e Vieira, Waldo. Espírito André Luiz. Mecanismos da Mediunidade. 14. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995, p. 82.

Fator importante a ser considerado: o pensamento é de natureza espiritual. Aliás, o meio comum de comunicação entre os Espíritos desencarnados é a telepatia. De fato, assinala ANDRÉ LUIZ, que, embora, às vezes, na dimensão espiritual, as pessoas desencarnadas não prescindam da linguagem articulada, basta um grau de afinidade entre elas para que se entendam “harmoniosamente em derredor dos assuntos mais complexos, com o mínimo de palavras”.⁽²²⁾

⁽²²⁾ Xavier, Francisco C. Espírito André Luiz. E a Vida Contínua. 20. ed. R.Janeiro: FEB, 1993, p. 61.

Entre os encarnados, o pensamento se expressa através dos neurônios físicos, sob a ação do perispírito, mas, em sua essência, existe independentemente dos cérebros físico e perispiritual.

É a alma que pensa.⁽²³⁾

⁽²³⁾ O ser humano, quando encarnado, mostra-se um ser trino: alma, perispírito e corpo. Desencarnado, é um ser dual: alma e perispírito, que constituem o Espírito, propriamente.

E o que pensa traduz-se na dimensão física, graças à complexa dinâmica neurofisiológica, regida pelos centros coronário e cerebral.⁽²⁴⁾

⁽²⁴⁾ O sistema de centros vitais do Perispírito (também conhecidos como centros de força) é constituído pelos centros coronário, cerebral, laríngeo, cardíaco, gástrico, esplênico e genésico.

**

Compreende-se, até agora, que o fenômeno telepático ocorre (1) entre encarnados, (2) entre desencarnados, (3) entre desencarnados e encarnados e (4) entre encarnados e desencarnados.

A telepatia entre encarnados encontra-se, hoje, fartamente demonstrada, tanto no estado de plena lucidez - conforme comprovado por RHINE e sua equipe, na Universidade de Duke

como no estado de transe hipnótico, em que o paciente reage às sugestões mentais do hipnotizador, podendo ser levado ao transe por meio da indução telepática.

Alfred STILL observa, a propósito, que diversas experiências chegaram a demonstrar que pacientes hipnotizados reagiam até mais prontamente às sugestões mentais do hipnotizador que os agentes receptores em estado de lucidez.⁽²⁵⁾

⁽²⁵⁾ STILL, Alfred. Nas Fronteiras da Ciência e da Parapsicologia.

(Orig. Borderlands of Science). São Paulo: IBRASA, 1965, p. 240. Trad. Leônidas G. de Carvalho.

Nesse domínio da telepatia, como já visto, relevantes têm sido as experiências realizadas por eminentes pesquisadores, em torno da sugestão a distância, cumprindo lembrar que um dos pioneiros, nessa área, foi Pierre JANET, da Sociedade de Psicologia Fisiológica de Paris, presidida por CHARCOT, que acompanhado por seu colega Gibert, chocou o mundo científico de então, comunicando — sem formular nenhuma teoria — o sucesso de suas experiências com uma paciente, Sra. B., adormecendo-a a distância.

Outro pioneiro foi Julian OCHOROWICZ (1850-1918), codiretor do Institut Général Psychologique de Paris, lembrado “como o mais famoso pesquisador psíquico da Polônia” e autor do clássico A Sugestão Mental, no qual relata suas pesquisas sobre o fenômeno telepático e as diversas modalidades que encontrou.⁽²⁶⁾

⁽²⁶⁾ Ochorowicz, Julian. A Sugestão Mental. Rio de Janeiro: GARNIER, 1903. Trad. João L. de Souza.

Uma de suas mais interessantes experiências de sugestão mental a distância, relatada à Sociedade de Psicologia Fisiológica de Lemberg (janeiro, 1886), e que, também, causou impacto, na época, aconteceu com sua cliente, a Sra. M. de 27 anos e que sofria de epilepsia. Uma noite, após atendê-la, em seu apartamento, ao sair do prédio, ouviu uma janela abrir-se ruidosamente e viu o corpo da Sra. M. inclinar-se perigosamente para fora. Ochorowicz, percebendo que ela tentava suicidar-se, correu para o lugar onde ela poderia cair e — na sombra da noite —, passou a concentrar sua vontade buscando influir na mente da doente, para que ela desistisse do intento, o que, finalmente, aconteceu depois de cinco tentativas, em que esta repetia a manobra, até desistir, fatigada, encostando-se no parapeito da janela e sendo, depois, levada ao leito. “Pareceu-me, por momento, que estáveis ao meu lado, ou por detrás de mim” — declarou, depois — “e que não querieis que eu caísse”.

Karl GOLDSTEIN reportando-se ao fato, narra, a propósito, outra importante experiência, feita com essa paciente:

“Este incidente levou o médico a experimentar com a Sra. M. a ‘sugestão mental a distância’. Ele costumava adormecê-la de dois em dois dias. Era a rotina de seu tratamento. Durante esses momentos ele a observava e tomava notas em seu memorial.

Dia 2 de dezembro de 1885, Ochorowicz tinha a sua paciente adormecida. Ele se encontrava a certa distância de sua cama e fingia tomar noteis em seu caderno. Porém, interiormente, concentrava sua vontade sobre uma ordem mental dada: ‘erga a mão direita’ - No primeiro minuto, ação nula; no segundo, uma agitação na mão direita; no terceiro minuto, a agitação aumenta, a doente franze as sobrancelhas e ergue a mão direita!

Animado com este sucesso, o médico deu-lhe outra ordem mental: ‘Levante-se lentamente com dificuldade e vá até ele, com a mão estendida!’

E assim, sucessivamente, Ochorowicz conseguiu que sua paciente obedecesse, com êxito, a várias ordens mentais. Em algumas ocasiões, as ordens mentais não eram atendidas imediatamente, e a paciente parecia embarçar-se ao cumpri-las. Todas as ordens mentais eram dadas silenciosamente e sem gestos.

Ochorowicz relatou, ao todo, quatorze sessões levadas a efeito de 2 de dezembro de 1885 a 5 de fevereiro de 1886, durante as quais ele fez um número enorme de experiências de sugestão mental, com grande êxito e com a mesma Sra. M.

O Dr. Ochorowicz teve a oportunidade de registrar outros casos semelhantes ocorridos com diversas pacientes tratadas por ele em sua clínica normal.”⁽²⁷⁾

(27) GOLDSTEIN — Karl W. “Parapsicologia- Uma Visão Panorâmica. Sugestão Mental a distância”. In Folha Espírita, junho, 1984, ano XI, n2 123.

Os estudos científicos que se seguiram, tanto na Europa, como nos Estados Unidos, provaram, definitivamente, que o fenômeno telepático, embora ainda não bem entendido em sua intimidade, é uma realidade.

Possível é que os estudos que se desenvolvem em relação à sincronicidade existente nos eventos humanos possam, de algum modo, no futuro, contribuir para a melhor compreensão do que ocorre no fenômeno telepático, e, por conseguinte, do processo intuitivo. Embora o psicólogo e psiquiatra suíço, Carl Gustav JUNG (1875-1961) já tenha se referido à sincronicidade como ocorrência coincidente de acontecimentos, que nem sempre obedecem à lei da causalidade, o interesse pelo tema começou a ser despertado a partir das experiências realizadas pelo físico britânico J. S. Bell, com um par de fótons (partículas elementares de luz) correlacionados e projetados em direções distintas, em demonstração ao seu famoso teorema — “Teorema de Bell” — proposto em 1964. Provado ficou que se a polaridade de um for modificada, a do outro, também, instantaneamente, se modificará, mostrando, assim, a unidade da teia cósmica.⁽²⁸⁾

(28) As investigações relacionadas com as ocorrências sincrônicas são recentes, mas o fato é conhecido desde o século XVII. Em 1665, o físico inglês Christian HUYGENS percebeu que, independentemente do estado inicial de cada um dos pêndulos de dois relógios que construíra, logo adotaram o mesmo ritmo. Arthur WINFREE, biólogo norte-americano, na década de 1960, também examinou o fenômeno repetitivo com os pêndulos, estudando ainda o sincronismo entre os seres vivos, ao constatar milhares de vagalumes no Sudeste Asiático, piscando ao mesmo tempo, nos matagais ribeirinhos. Em sua obra Sync — The Emerging Science of Spontaneous Order (Sincronia - A Emergente Ciência da Ordem Espontânea, 2003, N. York, Theia), WINFREE resume o histórico e o propósito do novo campo de estudo, comentando modelos e teorias, e prevendo sua aplicação aos mais diversos níveis de existência.

Modelos matemáticos para a sincronia foram estabelecidos pelo físico japonês Yoshiki KURAMOTO e pelo matemático Steven STROGATZ, da Universidade de Cornell (EUA), considerado pioneiro da “ciência da sincronicidade”.

Diz STROGATZ: “a sincronia se manifesta do subatômico ao macrocosmo” e “o universo inteiro parece carregar as sementes de sua ordenação”.

Cientistas de diversos países, inclusive do Brasil, vêm se interessando pelo tema, sendo certo que ele é presente em todos os domínios da vida, inclusive, na dimensão mental.

Por esse caminho, provável que, de alguma forma, a teoria da sincronicidade possa levar a um conhecimento mais profundo do processo intuitivo.⁽²⁹⁾

(29) Eventos há que parecem confirmar a existência da chamada intuição coletiva e que, talvez, digam com a Teoria da Sincronicidade. É o caso de certos inventos idealizados, simultaneamente, por pessoas residindo em países diferentes, até, como o acontecido, por exemplo, entre NEWTON e LEIBNIZ, em relação ao cálculo diferencial, e entre DARWIN e Russell WALLACE, em relação à teoria da evolução. Ou de certos movimentos sociais, inclusive, os de caráter internacional, que ocorrem ao impulso de um ideal único, a lembrar, a propósito, a máxima de Victor HUGO de que “uma coisa existe mais poderosa que todos os exércitos: uma ideia cujo tempo é chegado”.

*

A telepatia entre desencarnados, como visto, é o processo de intercomunicação corriqueiro, não só entre os Espíritos que gravitam no mesmo nível espiritual, como entre os que se situam em plano superior e os que estagiam em faixas de menor evolução.

A telepatia entre desencarnados e encarnados é um processo de contato, em que a pessoa que já se encontra na dimensão espiritual conecta-se com a(s) que vive(m) a experiência física. Nessa categoria, podem também ser alinhados os casos de obsessão, que podem chegar ao perigoso domínio telepático.

A telepatia entre encarnados e desencarnados é a que ocorre, por exemplo, na prece, quando uma pessoa, ou pessoas, projetam seu pensamento em direção ao Plano Espiritual ou quando, simplesmente, pensa-se em alguém que já deixou o plano físico, com a força que o sentimento produz. Evidentemente, o pensamento do emitente é registrado pelo receptor, de acordo com as condições de cada um.

Outro exemplo é o que pode ocorrer na mediunização psicofônica, quando o médium tem a possibilidade de interferir telepaticamente, na comunicação, sem que o comunicante, sequer, o perceba.⁽³⁰⁾

(30) V. na 2- parte, Cap. II, No Serviço Mediúnico.

* *

Entende-se, do exposto, que há, claramente, uma efetiva relação entre intuição e telepatia. Intuição é a faculdade de conhecer imediatamente um objeto. Esse conhecimento pode surgir, como visto, da conexão mental entre um Espírito desencarnado e um ou mais encarnados; entre os desencarnados, situados em planos evolutivos diferentes e, de certo modo, entre encarnado e desencarnado, como pode ocorrer na mediunização psicofônica, em que o médium pode influir no pensamento do Espírito.

A intuição, pois, comparece como um tipo de telepatia, embora esta tenha um significado mais abrangente.

De se ressaltar, também, que o processo telepático pode ser detectado nos vários tipos de intuição.

Na superintuição (intuição superior), todavia, segundo algumas indicações, é possível que ocorra, também, outro tipo de processo de cognição, que diga com a elevação espiritual do agente intuitivo.⁽³¹⁾

(31) Segundo alguns autores espiritualistas, na superintuição - que, geralmente, tem caráter mediúnico - a participação do agente intuitivo é mais ativa que nos outros tipos de intuição.

Oportuno, finalmente, ressaltar que a diferença técnica entre a intuição mediúnica e a não mediúnica, é dada, na realidade, por seu conteúdo. Em ambas as circunstâncias, o processo é o mesmo, porém, a intuição adquire caráter mediúnico quando seu conteúdo interessa aos outros, à coletividade, ao contrário da não mediúnica, que somente diz com o interesse pessoal do percipiente.

VI- VIDÊNCIA

Vidência ou visão espiritual é a faculdade de ver além das possibilidades visuais ordinárias, tanto na dimensão espiritual, como na física.

Como a intuição e outras faculdades psíquicas, é uma aptidão anímica que, quando serve à comunicação dos Espíritos, adquire caráter mediúnico. E como isso é o que quase sempre ocorre, com a ostensiva atuação dos Espíritos em todo o processo, a vidência tem sido catalogada como um tipo de ocorrência mediúnica.

O fenômeno da vidência liga-se a uma das importantes propriedades do perispírito, que é a expansibilidade, a qual faculta a ampliação do campo de sensibilidade do agente, habilitando-o à visão espiritual.

A expansibilidade perispirítica, aliás, responde, praticamente por todos os processos mediúnicos.⁽¹⁾

⁽¹⁾ Podem ser catalogadas as seguintes propriedades do perispírito: plasticidade, densidade, ponderabilidade, luminosidade, penetrabilidade, corporeidade, tangibilidade, sensibilidade global, sensibilidade magnética, expansibilidade, bicorporeidade, unicidade, perenidade, mutabilidade, capacidade refletora, odor, temperatura.

Como em todos os processos, a vidência impescinde de um desprendimento perispirítico inicial, maior ou menor, marcando um primeiro momento da expansão perispirítica e, com isso, um significativo aumento da sensibilidade.⁽²⁾

⁽²⁾ Allan KARDEC aplicou os termos “dupla-vista” e “segunda vista” para designar a vidência, em seus vários tipos, associada, ou não, à audiência. Por vezes, também, com o significado de intuição precognitiva. (Cf. O Livro dos Espíritos, Rio de Janeiro, FEB, 1994, p. 244; O Livro dos Médiuns, 61. ed. FEB, 1995, p. 211, it. 167; A Gênese, 36. ed. Rio de Janeiro, FEB, 1995, Cap. XV, it. 9; Revista Espírita, 1867, Sobradinho (DF), EDICEL, Jun., p. 177.)

Devido a essa expansão perispirítica é que, não só videntes percebem as imagens de olhos vendados ou através de objetos opacos, como as próprias pessoas cegas possuem a visão espiritual.⁽³⁾

⁽³⁾ Entre as pessoas cegas, o termo vidente designa a pessoa que não é fisicamente cega. Em Espiritismo, vidente é o que tem a faculdade de ver espiritualmente, ou seja, além das possibilidades físicas ordinárias. Nesse sentido, tanto os fisicamente cegos, como os que não se encontram afetados pela cegueira, podem possuir essa faculdade (visão espiritual).

Os anais espíritas, aliás, registram casos especialmente interessantes. O famoso médium norte-americano Andrew Jackson DAVIS (1826-1910) narra, em sua obra, Magic Stuff, fenômeno peculiar: não só lia de olhos fechados, um título de um livro colocado debaixo de outros quatro ou cinco livros, como, de olhos vendados, lia o título de um livro que lhe era colocado no nível da testa (!), fato que só poderia ocorrer graças ao seu desprendimento.⁽⁴⁾

⁽⁴⁾ Cf. ZÖLLNER, Johann Karl Friedrich. Provas Científicas da Sobrevivência. 6. ed. Sobradinho (DF): EDICEL, 1996, p. 131. Trad. Thomaz Williams.

A vidência pode ser ativa ou passiva. A vidência ativa pode se manifestar como uma percepção externa ou interna.

Tanto a vidência ativa (externa ou interna), como a passiva, podem surgir como vidência ordinária, autoscópica, aloscópica (ou heteroscópica), psicoscópica, psicométrica (que pode se apresentar como retrocognitiva, investigativa (ou precognitiva), retrovidência, transvidência, televidência e clarividência (que pode se manifestar como clarividência ordinária, ou superior).⁽⁵⁾

⁽⁵⁾ Pergunta-se, às vezes, se a vidência é também comum entre os Espíritos desencarnados. Na realidade, médiuns videntes há tanto no plano físico, como no espiritual. Neste caso, pessoas desencarnadas dotadas com esse tipo de sensibilidade podem ver dentro de suas possibilidades, os Espíritos que gravitam em dimensões superiores, se estes assim o permitirem. Note-se, a propósito, que, com a evolução, os Espíritos podem chegar a uma visão tão aguda que lhes permite, até, penetrar na intimidade psíquica de outros Espíritos, encarnados ou desencarnados, que ainda lhes sejam evolutivamente inferiores. (V. XAVIER, F. C. Espírito ANDRÉ LUIZ. Obreiros da Vida Eterna. 19. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1992, pp. 144 a 146).

Vidência Ativa

É aquela em que o sujeito se desprende perispiriticamente, capta, ativamente, as imagens do mundo espiritual e do mundo físico, que se encontram fora do alcance dos sentidos físicos.

Vidência Passiva

É o tipo de fenômeno em que o sujeito, semides-prendido ou desprendido perispiritualmente, recebe as imagens que lhe são mentalmente transmitidas pelos Espíritos.

Interessante anotar que, nesse tipo de ocorrência, uma mente superior, criadora, pode conectar-se com diversas outras, simultaneamente, de modo que “ideias elaboradas com atenção, geram formas tocadas de movimento, som e cor”, passam a ser percebidas pelas mentes que lhe estão na sintonia, comumente, por vidência interna, segundo as possibilidades de que dispõem, “favorecendo, por isso mesmo, as mais díspares interpretações”.⁽⁶⁾

⁽⁶⁾ Xavier, F. Cândido. Espírito André LUIZ. NOS Domínios da Mediunidade. 22. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, p. 115.

Vidência Externa (ou Objetiva)

É aquela que faculta ao vidente perceber as imagens do mesmo modo como ocorre na visão ordinária, como oriundas da realidade exterior.

Vidência interna (ou Subjetiva)

É aquela em que as imagens parecem formar-se na mente do vidente, internamente, em sucessão semelhante ao que ocorre num filme.

Não é incomum, neste tipo de vidência, que, a imaginação contamine a percepção. Daí a necessidade de atenção e vigilância.

Vidência Ordinária

É a que ocorre com a maioria dos videntes. Ativa ou passiva, externa ou interna, a vidência ordinária apresenta-se como uma visão do mundo espiritual sem nenhuma nota diferencial que a particularize de modo especial.

Com relação a esse tipo de vidência - e, eventualmente, a outros - cumpre observar que dois ou mais videntes podem ser coincidentes (vidência coletiva), ou não, em suas percepções de um determinado fato.

Vidência Autoscópica⁽⁷⁾

É um tipo muito raro e peculiar de vidência, que faculta a percepção, por parte do vidente, dos seus próprios órgãos internos.

Supõe-se que nesse tipo de fenômeno - uma espécie de “autovidência” - verifica-se um desprendimento perispiritual maior, por parte do sujeito.

Poucos são os médiuns conhecidos, dotados também da vidência autoscópica, mas, no Brasil, Carlos (Cármine) MIRABELLI deixou testemunhos notáveis.

Relata, por exemplo, o médico e pesquisador Thadeu MEDEIROS, seu amigo, fato ocorrido em um dos encontros acontecidos com o médium:

“Tendo enviado sua urina para exame, veio ao meu consultório. (...) Após alguns instantes, e/e viu o seu próprio organismo assolado por desordens hepáticas e renais, o que foi plenamente confirmado pelos testes urinários. Essas lesões, no entanto, eram apenas aparentes, não representando nenhuma moléstia grave, sendo, apenas, desordens oriundas do exaustivo trabalho das suas atividades mediúnicas.”⁽⁸⁾

⁽⁷⁾ O vocábulo autoscopia (do gr. autos + skopein + ia) foi utilizado pelo Dr. Paulo SOLLIER, que o empregou na monografia “Les Phénomènes d’Autoscopie” (Paris, 1903). (Conf. LOUREIRO, Carlos Bernardo. Dos Raps à Comunicação Instrumental. Rio de Janeiro: LORENZ, 1993, p. 81)

⁽⁸⁾ In Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ed. de 12 de janeiro de 1934. (Cf. PALHANO JR., L. Mirabelli: Um Médium Extraordinário. Rio de Janeiro: CELD, 1994, pp. 125 e 126.)

Ernesto BOZZANO refere-se a uma médium norte- americana, Maria Reynes, célebre por sua vidência e cujos trabalhos eram acompanhados e divulgados pelo pesquisador Dr. PAGENSTECHEER.

Em um de seus depoimentos, relata a médium:

“Quando me ordenam que veja, percebo o interior do meu estômago e nele, nitidamente, a úlcera que me atormenta, sob a forma de sangrenta mancha vermelha. Vejo a forma do meu coração e sinto-me capaz de ver o cérebro do doutor, desde que me ordene. Assim foi que, muitas vezes, lhe vi no cérebro a imagem radiosa da sua genitora, bem como de pessoas outras nas quais ele estava pensando, sem mo dizer.

E sempre que assim sucedia, confessava-me ele que as imagens por mim recebidas eram perfeitas. (American Proceedings of S. P. R., vol. XVI, página 113).⁽⁹⁾

⁽⁹⁾ BOZZANO, Ernesto. Pensamento e Vontade. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1970, p. 20. Trad. M. Quintão.

Vidência Aloscópica ou Heteroscópica

É outra modalidade da visão do interior humano. Diferentemente, porém, da vidência autoscópica, o vidente possui a faculdade de ver, com detalhes, os órgãos internos de outra pessoa. Quando assistido por médico espiritual, tal vidência possibilita ao médium acompanhar o diagnóstico e a receita que lhe é transmitida pela audiência, faculdade que seguidamente se manifesta associada à vidência.

A literatura espírita descreve numerosos casos comprovados desse tipo de vidência. Dentre eles, destacam-se os que foram protagonizados por Jackson Davis, um dos mais famosos médiuns norte-americanos.

Entre suas descrições, destacam-se duas, particularmente significativas.

A primeira diz respeito a um caso de desencarnação, assim relatada:

“Coloquei-me de modo a não ser visto ou interrompido nas minhas observações psíquicas, e pus-me a estudar os misteriosos processos da morte.

Vi que a organização física não podia mais bastar às necessidades do princípio intelectual; diversos órgãos internos pareciam, porém, resistir à partida da alma. O sistema muscular procurava reter eis forças motrizes. O sistema vascular debatia-se para reter o princípio vital; o sistema nervoso lutava quanto podia para impedir o aniquilamento dos sentidos físicos, e o sistema cerebral procurava reter o princípio intelectual. O corpo e a alma, como dois cônjuges, resistiam à separação absoluta um do outro. Esses conflitos internos pareciam a princípio produzir sensações penosas e perturbadoras. Foi com satisfação que percebi que tais manifestações físicas indicavam – não a dor ou o sofrimento, porém apenas a separação da alma e do organismo.”⁽¹⁰⁾

⁽¹⁰⁾ Cf. MIGUEL, Alfredo. Fenômenos Espíritos e Anímicos. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: FEB, 1989, p. 87.

Outra descrição de Jackson DAVIS, diz com a sua visão espiritual a distância, associada a vidência aloscópica, em um processo de peculiar desprendimento. Relata o médium:

"A minha percepção (...) continuou a desenvolver-se. A superfície da terra, em um raio de centenas de milhas, se tornou transparente como a mais cristalina água. Eu via os miolos, as vísceras e todo o sistema anatômico dos animais que naquele momento dormiam ou pastavam nas florestas orientais, centenas e mesmo milhares de milhas distantes do lugar onde me achava.”⁽¹¹⁾

⁽¹¹⁾ ZOLLNER, J. K. Friedrich. Op. cit., pp. 131 e 132.

Na atualidade, vários e importantes depoimentos chegam a minúcias impressionantes.

A médium norte-americana, Barbara BRENNAN, por exemplo, explica:

"Se eu desejo ver um órgão, focalizo-o. Se desejo ver o interior do órgão ou uma parte especial dele, focalizo esse interior ou essa parte. Se desejo ver um microrganismo que está invadindo o corpo, focalizo-o. Recebo dessas coisas imagens que se diriam normais. Um fígado bom e saudável, por exemplo, tem uma coloração vermelho-escura, exatamente igual a que se apresenta a visão normal. O fígado icterico terá urna coloração enfermiza, marrom-amarelada. O fígado de uma pessoa submetida a quimioterapia geralmente se apresenta marrom-esverdeado. Os microrganismos, de certo modo, tem o aspecto que apresentam ao microscópio."⁽¹²⁾

⁽¹²⁾ BRENNAN, Barbara Ann. Mãos de Luz. São Paulo: PENSAMENTO, 1997, p. 219.

Vidência Psicoscópica

É a aptidão psíquica para perceber, em suas múltiplas variações, as emanções psicofísicas que formam a aura e um indivíduo.

Incluem-se, assim, entre as percepções psicoscópicas, por exemplo, as visões da aura do perispírito, correspondente a membros amputados. Os videntes mais desenvolvidos veem os membros amputados como se não o tivessem sido, fazendo parte natural do corpo.

A vidência psicoscópica manifesta-se, por vezes, com outros tipos de vidência, principalmente a ordinária.

Interessante observar que, já no século XIX, o pesquisador francês Alfred ERNY conjecturava a respeito de um aparelho que pudesse servir à captação das emanções psicofísicas. Em 1894, escrevia:

“Quem sabe se no século XX não se descobrirá o psicoscópio, isto é, um instrumento bastante poderoso e sensível para nos permitir ver o fluido magnético, e principalmente a matéria sutil que forma o corpo psíquico?

Nesse dia estará morto o materialismo, e ninguém o lastimará.”⁽¹³⁾

⁽¹³⁾ ERNY, Alfred. O Psiquismo Experimental. (Orig. Le Psychisme Experimental - Étude Sur Les Phénomènes Psychiques). 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1982, p. 76.

No século XX, o Espírito ANDRÉ LUIZ, por intermédio de F. C. XAVIER, referindo-se a um aparelho em uso na dimensão espiritual, lembra a designação proposta por ERNY.

Segundo o autor, tal engenho, denominado psicoscópio - a ser, no futuro, também usado entre os encarnados, a exemplo de outros diferentes instrumentos, que já existiam no plano espiritual - serve à sondagem psíquica do ser humano. Sua descrição impressiona:

“É um aparelho a que intuitivamente se referiu ilustre estudioso da fenomenologia espiritual, em fins do século passado. Destina-se à auscultação da alma, com o poder de definir-lhe as vibrações e com capacidade para efetuar diversas observações em torno da matéria.

(...) Se o espectroscópio permite ao homem perquirir a natureza dos elementos químicos, localizados a enormes distâncias, através da onda luminosa que arrojam de si, com muito mais facilidade identificaremos os valores da individualidade humana pelos raios que emite. A moralidade, o sentimento, a educação e o caráter são claramente perceptíveis, através de ligeira inspeção.”⁽¹⁴⁾

⁽¹⁴⁾ Xavier, Francisco Cândido. Espírito André Luiz. NOS Domínios da Mediunidade, pp. 22 e 23, Cap. II.

Admite-se, naturalmente, a possibilidade um aparelho, como o apontado por ANDRÉ LUIZ, tornar-se realidade no mundo físico de amanhã, como também se compreende que possa ser a cópia materializada de um instrumento criado e aperfeiçoado no Mundo Espiritual, em outra dimensão, até para esse fim.

Todavia, também é de se admitir que os Mestres Espirituais, já por sua categoria e avançada percepção, dispensam perfeitamente qualquer instrumento para conhecer a realidade perispiritual e a intimidade psíquica dos que lhes requisitam atenção, encarnados ou desencarnados.⁽¹⁵⁾

⁽¹⁵⁾ A importância do tema impõe seja lembrado que, segundo relatos mediúnicos, alguns Espíritos, de alta inteligência, mas moralmente primários e dedicados ao mal, conseguem, de certa forma, inspecionar a mente dos que pretendem prejudicar e nela agir através de um bem planejado processo obsessivo.

Muito expressiva, nesse sentido, a lição de Francisco M. Dias da CRUZ, pela mediunidade de Marta Antunes Moura:

“Entidades obsessivas existem que habilmente mapeiam a organização física e perispiritual de quem desejam dominar (...). Conhecendo as predisposições íntimas do dominado, seus sentimentos, desejos e aptidões, atuam no centro cerebral do humor e da inteligência, acelerando o metabolismo de íons, que resultam na irritabilidade, na elevação da pressão dos líquidos corporais, causando tonturas e cefaleias”. (In Reformador, Rio de Janeiro, FEB, dez 2006, ns 2.133, p. 478)

Evidentemente, o poder mental dos Espíritos Superiores é incomparavelmente maior.

Entrementes, a Humanidade já festeja a descoberta de um aparelho capaz de fotografar as projeções da aura. Semyon Davidovich KIRLIAN e sua mulher, Valentina Khrisanfovna KIRLIAN, trabalhando com aparelhos de alta frequência, chegaram com um campo de alta frequência, a um tipo de fotografia capaz de registrar as fantásticas nuances das emanções que compõem a aura, a Kirliangrafia. Seu invento tornou-se conhecido como a Câmara Kirlian e tanta repercussão alcançou, que, inclusive, se especula sobre a possibilidade de, com ela se obter uma auragrafia com tal nitidez e certeza que possa servir de real apoio ao diagnóstico médico.

Possível inferir que a Câmara Kirlian possa ser um dos inventos precursores, ainda que muito primário, do mencionado psicoscópio.

Vidência Psicométrica

É a faculdade de ver, quando em contato com objetos, seres vivos ou ambientes,⁽¹⁶⁾ imagens de fatos ligados ao presente ou ao pretérito a eles relacionados, e, às vezes, até, ao futuro.⁽¹⁷⁾

⁽¹⁶⁾ Em Psicologia, o termo “psicometria” relaciona-se com a medição de resultados fornecidos pelos recursos psicotécnicos. Em sentido amplo, designa o estudo quantitativo dos fenômenos psicológicos. Em Parapsicologia, os fenômenos classificados como vidência psicométrica não têm denominação particular, podendo enquadrar-se no esquema de possibilidades da chamada “percepção extrassensorial.” Já entre os metapsiquistas, criou-se, para esse tipo de percepção, a denominação “criptestesia pragmática” RICHET.

⁽¹⁷⁾ Evidentemente, os seres vivos, objetos e o próprio ambiente funcionam como elementos indutores do processo. O desprendimento perispirítico e o contato da aura do vidente com a aura de um objeto que pertence ou pertenceu a uma pessoa, ou com a aura de um animal ou vegetal, ou, ainda, com a psicofera de determinado lugar, possibilitam-lhe visões que surgem tão mais perfeitas, quanto mais efetiva se apresentar a assistência espiritual.

As primeiras observações a respeito verificaram-se pouco antes do surgimento da Codificação Espírita e, ao que consta, são devidas ao cientista norte-americano Joseph Rhodes BUCHANAN (1814-1899), que, também, cunhou a palavra (1842).

Em 1849, constatou que, colocando na frente de algumas pessoas um objeto qualquer, estas conseguiam descrever sua história, detalhando fatos e circunstâncias a ele relacionados, desde ambientes e cenas ligadas à sua existência, em diversas épocas, até o caráter das pessoas que o tiveram em seu poder.

A esse respeito, anotava BUCHANAN: “As descobertas da psicometria nos capacitarão a explorar a história do homem, como a geologia nos capacita a explorar a História da Terra”.⁽¹⁸⁾

⁽¹⁸⁾ Nesse tempo, pouco ou nada se sabia sobre o fenômeno da vidência, embora sempre presente na história da Humanidade.

Joseph Rhodes Buchanan, com seus estudos, despertou o interesse de outros pesquisadores de seu tempo, entre eles, o famoso professor de geologia de Boston, William DENTON,⁽¹⁹⁾ autor, depois, de diversas obras importantes, relatando suas experiências a respeito. (The Soul of Things, 1863; Nature’s Secret, or Psychometric Research, 1863; Our Planet its Past and Future, 1896).⁽²⁰⁾

⁽¹⁹⁾ Consta que a própria irmã de Denton possuía a vidência psicométrica. Pondo-se-lhe sobre a frente cartas lacradas, ela descrevia perfeitamente seus autores, inclusive, a cor dos cabelos e dos olhos.

⁽²⁰⁾ Outros pesquisadores também produziram, na época, trabalhos importantes, destacando-se, entre eles, O. Hashnu HARA (Practical Psychometry) e Edmund DUCHATÈR (Enquête sur des cas de Psychometric, 1910).

BUCHANAN, contemporâneo, admirador e defensor sistemático das Irmãs Fox, reuniu seus trabalhos no Manual of Psychometry: The Dawn of a New Civilization (Boston, 1886), obra fundamental para o estudo desse interessante fenômeno, que, na realidade, só poderia ser bem entendido à luz do Espiritismo.

A partir de BUCHANAN a vidência psicométrica passou a ser cada vez mais investigada e, hoje, já são inúmeros os casos pesquisados e comprovados, mostrando que, seguidamente, é acompanhada da audiência (audiência psicométrica) e, também, não raro, de sensações, como a olfativa e a gustativa, por exemplo, que dizem, já, com a sensibilidade, faculdade paralela à mediúnica, como já visto.

Pode manifestar-se como retrocognitiva, investigativa ou precognitiva.

Historicamente, foi o primeiro tipo a ser realmente estudado e é o de ocorrência mais comum.

O episódio a seguir transcrito, entre muitos coletados pelo destacado investigador italiano, Ernesto BOZZANO, servem bem de ilustração.

Trata-se de um caso protagonizado pela vidente inglesa Edith HAWTHORNE, que assim depõe sobre uma experiência que teve, colocando a mão sobre um pedaço de carvão, contido numa embalagem especial, enviado, com outros objetos por Samuel Jones, pessoa com quem tinha contato:

“Colocando a mão sobre a amostra embrulhada em pape! grosso e constituída de uma substância dura e resistente, percebo imediatamente dois ou três homens a examinarem uma parede negra.

Um desses homens tem à mão uma lanterna; outro pesquisa, insistente, aqui e ali, mostrando-se muito prudente antes de dar a sua opinião.

Pressinto que neste embrulho está um pedaço de carvão, nada xistoso. É uma bela qualidade de hulha.

Foi arrancado de grande profundidade.

Os homens que trabalharam nessa espécie de túnel estão muito abaixo de um ponto de onde me chegam ruídos de rodas e vagões em movimento.

Vejo grupos de homens em atividade para abrir passagem através de um negro paredão.

Uns de pé, outros agachados; todos, porém, em posições forçadas e contrafeitas.

Agora, meu olhar se fixa num homem que trabalha sozinho, em uma galeria tão baixa e tão estreita que o força a deitar-se. Ao contemplá-lo, assalta-me um como sentimento de tristeza e ansiedade; sou levada a orar e a desejar que se não verifique um desmoronamento capaz de esmagá-lo ...

(...) Impossível se me torna, agora, traduzir nitidamente as impressões que experimento, tristes e contraditórias! Sinto-me ansiosa e preocupada com uma região inexplorada destes antros escuros e cavernosos. Estou como que empolgada pela ideia de um perigo iminente e indefinível, dói-me a cabeça, sufoco, tenho sensações vertiginosas. É como se houvesse um perigo a temer nos veios d’água. A dispneia aumenta, os pulmões como que se colam às costas; nariz, olhos, ouvidos, boca, saturam-se de uma espécie de gás pesado e impuro. Estala-me o crânio...

Oh! Que visão horrível! Vejo o homem, há pouco descrito, estertorante no chão, lívido, a sangrar pela boca, nariz, pelos ouvidos!”⁽²¹⁾

⁽²¹⁾ V. BOZZANO, Ernesto. Os Enigmeis da Psicometria. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1991, pp. 17 e 18.

O objeto que serviu de instrumento viera, efetivamente, de uma mina de carvão, em que um operário ficou mortalmente ferido, por efeito de uma inesperada inundação, cerca de vinte anos antes.

Esse tipo de vidência tem ocorrido, em todo o mundo, com mais frequência do que se possa imaginar. E casos há particularmente surpreendentes.

Edgard ARMOND, por exemplo, informa que o célebre romance “Os Últimos Dias de Pompéia”, segundo consta, foi escrito depois que seu autor, Lord Bulver LITTON, tomando

de um fragmento de tijolo, quando de sua visita às ruínas da cidade, “viu desenrolar-se no seu campo de vidência, todos os acontecimentos ligados à destruição da cidade”.⁽²²⁾

(22) V. ARMOND, Edgard. Mediunidade. 29. ed. São Paulo: ALIANÇA, 1994, p. 58.

A vidência psicométrica entre os encarnados corresponde, em certo grau, à vidência psicométrica entre os desencarnados, faculdade, aliás, comum entre os Espíritos mais adiantados.

ANDRÉ Luiz, em expressivo relato, por intermédio de Francisco C. XAVIER, narra interessante episódio ocorrido em sua visita, a um museu, em companhia do Instrutor Áulus e do colega Hilário:

“Verifiquei que algumas preciosidades, excetuando-se uma que outra, estavam revestidas de fluidos opacos, que formavam uma massa acinzentada ou pardacenta, na qual transpareciam pontos luminosos.

Notando-me a curiosidade, o instrutor aclarou, benevolente:

— Todos os objetos que você vê emoldurados por substâncias fluídicas acham-se fortemente lembrados ou visitados por aqueles que os possuíram.

Não longe, havia curioso relógio, aureolado de luminosa faixa branquicenta.

Áulus recomendou-me tocá-lo e, quase instantaneamente, me assomou aos olhos mentais linda reunião familiar, em que venerando casa! se entretinha a palestrar com quatro jovens em pleno viço primaveril.

Com aquele quadro vivo a destacar-se ante a minha visão interior, examinei o recinto agradável e digno.

O mobiliário austríaco imprimia sobriedade e nobreza ao conjunto, que jarrões de flores e telas valiosas enfeitavam.

O relógio lá se encontrava, dominando o ambiente, do cimo de velha parede caprichosamente adornada.

Registrando-me a surpresa, o Assistente adiantou:

— Percebo a imagem sem o toque direto. O relógio pertenceu a respeitável família do século passado. Conserva as formas-pensamento do casal que o adquiriu e que, de quando em quando, visita o museu para a alegria de recordar. É um objeto animado pelas reminiscências que se reavivam no tempo, através dos laços espirituais que ainda sustentam em torno do círculo afetivo que deixaram.

(...) O relógio está envolvido pelas correntes mentais dos irmãos que ainda se apegam a ele, assim como o fio de cobre na condução da energia está sensibilizado pela corrente elétrica. Auscultando-o, na fase em que se encontra, relacionamo-nos, de imediato, com as recordações dos amigos que o estimam.”

Em outra passagem, transmite primorosa lição:

“Ao lado de extensa galeria, dois cavalheiros e três damas admiravam singular espelho, junto do qual se mantinha uma jovem desencarnada com expressão de grande tristeza. Hilário, incapaz de sofrear a curiosidade que nos esfogueava o cérebro, indagou sobre a moça.

(...) O Assistente, como quem já esperava por nosso inquérito, respondeu sem pestanejar:

— Toquei o objeto para informar-me. Este espelho originalíssimo foi confiado à jovem por um rapaz que lhe prometeu casamento. Vejo-lhe a figura romântica nas reminiscências dela.

Era filho de franceses asilados no Brasil, ao tempo da França Revolucionária de 1791. Menino ainda, aportou no Rio e aí cresceu e se fez homem. Encontrou-a e conquistou-lhe o coração. Quando arquitetavam projetos de casamento, depois da mais íntima ligação afetiva, a família estrangeira, animada com os sucessos de Napoleão, na Europa, deliberou o retorno à pátria. O moço pareceu desolado, mas não desacatou a ordem paterna. Despediu-se da noiva e lhe implorou guardasse a peça como lembrança, até que pudesse voltar, e serem então felizes para sempre... Contudo, distraído na França pelos encantos de outra mulher, não mais regressou... Depressa esqueceu responsabilidades e compromissos, tornando-se diferente. A pobrezinha, no entanto, fixou-se na promessa ouvida e continua a esperá-lo. O espelho é o penhor de sua felicidade. Imagino a longa viagem que terá no tempo, vigiando-o como sendo propriedade sua, até que a lembrança viesse por fim repousar no museu.

— O assunto — aventei, preocupado - compele-nos a refletir sobre as antigas histórias de joias enfeitiçadas...

— Sim, sim — ponderou o Assistente —, a influência não procede das joias, mas sim das forças que as acompanhavam.

Hilário, que meditava a lição maduramente, considerou:

— Se alguém pudesse adquirir a peça e conduzi-la consigo...

— Decerto — atalhou o instrutor—arcaria também com a presença da moça desencarnada.

— E isso seria justo?

Áulus esboçou leve sorriso e obtemperou:

— Hilário, a vida nunca se engana. É provável que alguém apareça por aqui e se extasie à frente do objeto, disputando-lhe a posse.

— Quem?

— O moço que empenhou a palavra, provocando a fixação mental dessa pobre criatura, ou a mulher que o afastou dos compromissos assumidos. Reencarnados, hoje ou amanhã, possivelmente um dia virão até aqui, tomando-a por filha ou companheira, no resgate do débito contraído.”⁽²³⁾

⁽²³⁾ XAVIER, F. C. Espírito ANDRÉ LUIZ. Nos Domínios da Mediunidade, pp. 242 e 243 e 246 a 248.

De se lembrar, aqui, a propósito, que, muitas vezes, o vidente em contato com um objeto que pertenceu a uma pessoa desencarnada, atrai sua presença. Nesse caso, não só poderá ser vista e, até, ouvida, como também, se o vidente for também médium psicofônico, por exemplo, poderá servir à sua comunicação.

A vidência psicométrica pode resultar, também, como visto, do contato do vidente com certos ambientes. Entre os casos anotados por BOZZANO, atrai a atenção o protagonizado pela vidente Katerine BATES, conhecida por suas obras de cunho espiritualista. Seu relato é dos mais interessantes:

“Há alguns anos, já, que comecei a ser penosamente influenciada pela atmosfera psíquica das alcovas, o que constitui, para mim, que viajo constantemente, pernoitando aqui e acolá, um grave inconveniente.

Aconteceu-me, mais de uma vez, ter de deixar um quarto de hotel, belo e confortável, por outro pequeno e escuro, por se me tornar insuportável a atmosfera mental ou moral gravada no ambiente por qualquer dos seus ocupantes anteriores.

(...) Ha alguns anos, achando-me na província, hospedada em casa de uma amiga, a Sra. M., ocupava um espaçoso e belo quarto.

Desde a primeira noite, percebi que aquele cômodo estava misteriosamente saturado da influência de um homem.

O que me revelava essa influência era uma forte sensualidade, de criatura não má, méis apenas fraca e inteiramente entregue às circunstâncias e aos seus pendores hereditários, à falta de poderes inibitórios.

Vários outros traços característicos do seu temperamento me foram revelados simultaneamente, mas, desses não me lembro muito nítidos, de feição a poder descrevê-los. O conjunto das impressões foi, contudo, tão pronunciado, que me dispus a iniciar um inquérito a respeito.

Minha amiga tinha dois filhos no Exército: um, conheci- o eu, nada tinha de comum com o misterioso ocupante do meu quarto; outro, o mais velho, jamais o vira.

Duvidando que pudesse tratar-se dele, pedi, a pretexto qualquer, me fosse mostrada a sua fotografia.

O rapaz encontrava-se então nas índias.

Analisado o retrato, senti-me liberta da ansiedade morai que me assaltava, convencida de que o meu enigma ficaria sempre insolúvel.

Minha amiga tinha ideias preconcebidas quanto às faculdades humanas supranormais, julgando-as puramente imaginárias. Eis por que me atirava indiretas irônicas, referentes ao inquérito que qualificava de “uma das minhas habituais fantasieis

Então, disse-lhe: —Agora que tive a prova de que não se trata do seu filho, vou descrever minuciosamente o caráter do indivíduo que ocupou esse quarto.

Quando terminei minha exposição, a Sra. M... fitou-me grandemente admirada, e, retirando-se para o quarto contíguo, de lá regressou com o retrato de um cavalheiro para mim estranho, que me entregou, dizendo: — Confesso que você acabou de descrever exatamente este meu cunhado, que, de fato, muitas vezes ocupou esse quarto, se bem que meus filhos o fizessem depois dele.

Analisei, então, o retrato e reconheci nele o ‘tipo’ de homem que se havia revelado de modo tão evidente pela psicometria.”⁽²⁴⁾

⁽²⁴⁾ BOZZANO, Ernesto. Op. Cit., pp. 65 a 67.

*

No Brasil, também, não são poucas as ocorrências conhecidas e dignas do maior crédito. A médium e escritora Yvonne do Amaral PEREIRA (1900-1984), uma das mais destacadas intermediárias do Mundo Espiritual que nosso País conheceu, relata, por exemplo, várias experiências pessoais, entre elas, uma ocorrida na cidade do Rio de Janeiro, assim descrita:

“Visitamos, certa vez, uma amiga de nossa família, cuja residência, muito antiga, de aparência senhorial, datava do Segundo Império. Tratava-se de uma chácara, já arruinada, localizada em adiantado subúrbio do Rio de Janeiro. Nossa visita, que se estendeu por seis dias consecutivos, necessariamente nos obrigou a pernoitar na dita residência outras tantas noites. Não nos foi possível, porém, conciliar o sono na primeira noite ali passada, enquanto que nas subseqüentes apenas pela madrugada repousávamos ligeiramente, o que nos debilitou, alterando a saúde. É que o que ali acontecera durante a escravatura, pelos meados do Segundo Império, nos foi revelado pela própria ambiência onde os fatos ocorreram (...).

A chácara fora uma fazenda de escravos. Assistimos ali, então, a cenas típicas da escravatura: desapareceram as ruas atuais que estruturam o bairro, a paisagem que compõe o panorama do momento. Às nossas percepções espirituais (estávamos em vigília e o que víamos não era como em sonho, nem durante os transportes, mas em nosso estado natural, embora estando já recolhida), se delineara a fazenda antiga, as senzalas, os milharais, o canavial, a movimentação cotidiana, acompanhada do cântico dolente e magoado dos escravos, que iam e vinham, em suas lides obrigatórias, sobraçando pesados cestos ou carregando à cabeça sacos ou feixes de lenha e ferramentas, ou batendo enxadas, etc. Toda a excitação de um dia de trabalho, numa pequena propriedade rural, objetivou-se aos nossos olhos espirituais, atônitos, que não chegavam a compreender o que se passava. No pequeno pátio lateral, para onde deitavam janelas e portas do aposento que ocupávamos, separado do terreiro fronteiro por um muro, típica obra de cantaria que denunciava o labor do braço escravo, vimos uma escrava trajada de saia preta e camisa de algodão cru, lenço branco à cabeça, mexendo, com enorme colher de pau, em um grande tacho de cobre, cujo conteúdo refervia sobre um fogão de pedras e tijolos, no próprio chão, parecendo tratar-se do ‘sabão de cinza’, fabricado em casa, o que era comum pela época, e, até há bem pouco tempo, em certas cidades do Estado de Minas Gerais. Outra escrava, no mesmo local, em plano aéreo pouco mais elevado, surrava, com uma palmatória, um ‘moleque’, provavelmente seu filho, regulando oito a dez anos de idade, o qual, de braços sobre seus joelhos, esperneava, gritando sem parar. E vimos um velho escravo atado ao pelourinho pelos pulsos, para o suplício do chicote, o qual chorava e gemia angustiadamente, invocando o socorro divino:

— ‘Meu Deus do Céu! Meu Anjo da Guarda! Tenham dó de mim!’ — enquanto se repetiam os estalidos do chicote, acionado pelo capataz.

(...) No dia imediato à primeira noite que ali passamos, participamos à nossa amiga, cujas ideias eram igualmente espíritas, a singularidade observada, tendo o cuidado, porém, de omitir os detalhes mais fortes, visto que poderíamos não ser devidamente compreendidas. Ouvindo-nos o relato do velho escravo ao pelourinho, respondeu, excitada:

— Esta chácara foi uma fazenda de escravos, ao tempo do Império. Ainda existem, nos fundos do quintal, as ruínas de um pelourinho...’

Com efeito, levando-nos a uma pequena elevação existente nos fundos do extenso terreno, contemplamos o pedestal, em cantaria pesada, ainda quase intacto, e os restos da coluna onde eram amarrados os pobres negros, para serem açoitados.

Diante dessas ruínas, nossa alma chorou enternecida, elevando uma prece fraterna em intenção do pobre velho, cujo drama entrevíamos na véspera, narrado pelas próprias vibrações locais (...) e também pelo seu algoz, que, certamente, através de uma reencarnação reparadora, ainda andarás pelas ruas do próprio Rio de Janeiro, a exercer o Bem, em desagravo das odiosas atitudes do passado...”⁽²⁵⁾

⁽²⁵⁾ PEREIRA, Yvonne A. Devassando o Invisível. 8. ed. R. Janeiro: FEB, 1991, pp. 191 a 194, Cap. VIII.

Esse tipo de vidência tem servido a investigações de todo o tipo.

Nos Estados Unidos, como é do conhecimento geral, tem sido comum, a pedido da Polícia, o emprego dessa faculdade por parte de diversos videntes, para a localização de corpos de

vítimas assassinadas, pessoas gravemente feridas, ou, simplesmente, desaparecidas, tendo como elemento indutor uma fotografia ou uma peça de vestuário.

Mas ela se manifesta em várias outras situações. É comum, por exemplo, videntes psicométricos serem procurados para a localização de objetos pessoais perdidos. Nesses casos, o elemento indutor é a própria pessoa que procura o vidente, e cuja aura serve ao rastreamento psíquico do objeto procurado, impregnado de suas vibrações.

Vidência Psicométrica Precognitiva

Faculdade de prever o futuro das pessoas, em contato com um elemento indutor do processo. A vidência psicométrica precognitiva, fenômeno bem conhecido, encontra-se fartamente documentado.

Dois casos, entre os vários analisados por BOZZANO, servem de exemplo. O primeiro deles, publicado no Boletim de Estudos Psíquicos de Marrey, refere-se à vidente Nancy Phaneg e foi relatado ao pesquisador Edmond DUCHATÈR, pela própria protagonista:

“Entreguei a Phaneg uma joia que constantemente trazia comigo, de há muitos anos. Logo que a teve em mãos, começou ele a descrever o castelo da Duquesa de Uzès, em Dampierre. Depois, acrescentou: ‘Percebo uma senhora morena, acamada numa alcova amarela. A seu lado está um médico que parece inquietar-se muito com o estado da enferma... Esteve a senhora doente, ultimamente?’

Diante da minha resposta negativa, disse Phaneg: — ‘Neste caso, a enfermidade que eu vi deve ainda reaparecer.’

Ora, quinze dias depois, a predição se realizou! Enfermei gravemente, a ponto de inspirar sérios cuidados ao meu médico assistente.”

O segundo caso, relatado, também, por DUCHATÈR, refere-se à vidente Sra. Feignez, a quem fora apresentada uma carta, “que ela nem se deu ao trabalho de fitar”, passando logo a manifestar-se sobre o remetente.

O episódio é assim descrito:

“(...) depois de me traçar exatamente a fisionomia moral e física do Sr. Raimundo Raynal, declarou ‘que ele morreria de morte acidental, dentro de dois anos, caso viesse a deixar Paris, e ferido em pleno rosto por um pedaço de ferro, sobre ou perto de um veículo, que não era de estrada de ferro’.

(...) A 17 de novembro ela declarou, à vista de uma segunda carta, que já havia predito a morte do rapaz e que ele não escaparia desse perigo, a menos que o impedissem de sair de Paris.

Atribuo ao ‘sujet’ o aditivo de uma exortação piedosa, qual costumam fazer os psicômetras para consolo dos consulentes.

‘— Meu Deus!’ - disse — ‘ele poderá, talvez, escapar desse perigo... Depois... além do mais, eu não sou infalível.’

Acrescentou, entretanto, que a morte sobreviria, de qualquer modo, causada por um pedaço de ferro.

No dia 24 de novembro o Sr. H. L., amigo do falecido, impressionado com o vaticínio, levou à vidente uma outra carta de Raynal.

A médium imediatamente reconheceu pelo tato a pessoa de quem se cogitava e de novo lhe esboçou o seu retrato perfeito. Malgrado as negativas tendenciosas do Sr. H.L., para induzi-la em erro, reproduziu-se a visão e a confirmação da morte dentro de um ano, e sempre do mesmo modo.

Ao dizer-lhe o Sr. H. L. que Raynal não poderia afastar-se de Paris, ela lhe declarou que ele a isso seria constrangido por uma força maior e mais: que a sua ausência seria de um mês, que a sua morte não seria logo conhecida, e sim dentro de um mês e meio, mais ou menos. Mobilizado em 4 de agosto, o Sr. Raynal foi morto em 5 de setembro.

No dia 19 a Sra. H... levou à Sra. Feignez a última carta de Raynal.

No dia 19 a Sra. H... levou a Sra. Feignez a última carta de Raynal, a fim de obter detalhes da sua morte e eis o que conseguiu:

A Sra. Feignez declarou que ele não sofrerá um instante, sequer, ao tombar fulminado por uma bala, na vista direita; que essa bala só a ele vitimara, não em combate, mas em comissão, quando procurava desempenhar as ordens recebidas, tendo junto de si dois ou três camaradeis, apenas.”⁽²⁶⁾

⁽²⁶⁾ BOZZANO, Ernesto, Op. cit., pp. 71 e 72; 74 e 75.

Nessa linha, outras espécies de fenômenos podem ser apontados. Entre eles, por exemplo, os que dizem com a chamada vidência autoinduzida, em que o vidente busca desvendar o futuro de uma pessoa, com o auxílio de algo que o estimula em sua percepção (bola de cristal, espelho, búzios, cartas de baralho, grãos de café, a própria mão do consulente — quiromancia, etc.).

Nesses casos, contatadas as auras do vidente e da pessoa que o procura, aquele, com apoio em um elemento indutor de sua predileção, alcança, dentro de certos limites e condições, o futuro ou o que pode ser o futuro (e, às vezes, também o passado) do consulente.

Muitos, também, são os casos em que o vidente percebe o futuro em contato com a psicofera de determinado ambiente. Serve de exemplo um interessante episódio, citado por Nandor FODOR, relacionado a um vidente, numa excursão que fazia a um lago, na Inglaterra:

“Minha atenção foi completamente tomada com a beleza extrema da cena diante de mim. Não havia nenhum som ou movimento, exceto a agitação suave da água sobre a areia em meus pés. Realmente eu senti um arrepio frio correr através de mim, e um curioso endurecimento de meus membros, como se eu não pudesse me mover, apesar de desejar fazê-lo. Senti-me amedrontado, ainda acorrentado ao lugar, e como se impelido a olhar fixamente a água direto a minha frente. Gradualmente uma nuvem escura pareceu surgir, e na névoa dela eu vi um homem alto, numa roupa de tweed, pular dentro da água e afundar. Num momento a escuridão tinha ido, e eu novamente me tornei sensível ao calor e ao brilho do sol, mas eu estava amedrontado e me senti receoso... Uma semana depois, o Sr. Espie, um funcionário de banco (desconhecido para mim) cometeu suicídio por afogamento naquele mesmo lugar. Ele deixou uma carta para sua esposa, indicando que ele tinha por algum tempo, contemplado a morte.”⁽²⁷⁾

⁽²⁷⁾ Proceedings, S.P.R., vol. X, p. 332. Conf. FODOR, N. An Encyclopaedia of Psychic Science, p. 320.

O exame das numerosas ocorrências ligadas à vidência psicométrica, estudadas há mais de século e meio, mostra que parte desses processos funda-se, como já mencionado, numa espécie de interação entre a aura do vidente e a aura do objeto, impregnada de energias de várias categorias, a se traduzirem, para aquele, em visões e sensações as mais diversas, dentro de tal quadro de realidade que, seguidamente, o ontem e, às vezes, o amanhã, parecem desaparecer, tornando-se tudo atual e transparente.

A respeito da psicofera ambiental de determinado lugar, oportuno lembrar que alguns autores consignam a existência de uma psicofera ambiental terrestre, a refletir as vibrações geradas no planeta, no decorrer do tempo. F. W. H. MYERS designava-a como “ambiente metaetérico” e BOZZANO observava que “da mesma forma por que os físicos e astrônomos são levados a admitir que as vibrações luminosas percorrem o espaço infinito sem jamais se extinguirem, assim também se poderia admitir a persistência virtual de toda forma de vibrações cósmicas”.⁽²⁸⁾

⁽²⁸⁾ A escritora inglesa Elza BARKER faz constar em obra de sua autoria (Letters from a Living Dead Man), interessante observação de um Espírito a respeito da antiga civilização grega: “O éter (psicofera ambiental) que domina esta quase ilha gloriosa tem nele gravados, em séries ininterruptas, os fastos de seu passado: audácias de pensamento e audácias de execução. E os feitos antigos são de tal arte radiantes, que fulguram através da camada de impressões que se lhes sobrepuseram”. (BOZZANO, Ernesto. Op. cit., p. 70). No caso, se um vidente entrasse em contato com a psicofera desse ambiente, poderia perceber sua história.

(Interessante anotar que a tradição esotérica aponta para a existência do akasa (do sânsc. âkasa ou âkasha), preenchendo todo o espaço e conservando as impressões de tudo o que acontece no planeta).

O fenômeno psicométrico, por sua complexidade, ainda se nos apresenta de difícil entendimento. Preciso é, pois, que o conhecimento científico avance ainda muito, propiciando nomenclaturas conceituais que possibilitem novas revelações espirituais a respeito.

Entrementes, prosseguem as pesquisas e as constatações de que o bom êxito no processo psicométrico, também muito depende da ação dos Espíritos desencarnados, operando em auxílio do vidente, ainda que este, por ignorância, não o perceba. Lembra, a propósito, ANDRÉ LUIZ: “*Como em qualquer atividade coletiva entre os homens, é forçoso convir que médium algum pode agir a sós, no plano complexo da psicometria. Igualmente, aí, o sensitivo está como peça interdependente no mecanismo da ação*”.⁽²⁹⁾

⁽²⁹⁾ XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo; Espírito ANDRÉ LUIZ. Mecanismos da Mediunidade. 14. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995, pp. 145 e 146.

Retrovidência

É a visão espiritual de fatos pretéritos. Embora a aparente semelhança, não se confunde, propriamente, com a vidência psicométrica retrocognitiva, por dispensar o elemento indutor. Não se trata de uma ocorrência pouco comum, servindo de bom exemplo, porque bem conhecido, o que se refere às visões percebidas pelo extraordinário médium Francisco C. XAVIER, durante a recepção das obras mediúnicas de caráter histórico. Segundo se sabe, acompanhando as narrativas de fatos que ocorreram no antigo Império Romano, o médium, por influência do Espírito EMMANUEL, autor das obras, via, em seus detalhes, as imagens relacionadas com os acontecimentos que eram psicograficamente retratados.

A esse respeito, aliás, observe-se que, segundo consta, o médium, às vezes, percebia imagens do passado relacionadas com obras ou capítulos a serem, ainda, escritos, favorecendo assim o processo psicográfico que iria se desenvolver. Trata-se, como vê, de um processo típico e inconfundível.

Televidência

É a vidência a distância.

Nesse tipo de ocorrência, o vidente por meio de um maior desprendimento e, às vezes, chegando a um processo de transe superficial ou, até, semiprofundo, percebe imagens de fatos que estão ocorrendo a distância, ou de pessoas situadas em locais diferentes daquele em que se encontra.

Trata-se de uma ocorrência relativamente comum nas reuniões mediúnicas e fora delas, apresentando, às vezes, nuances bem marcantes, principalmente, quando conjugada, como pode, ainda, ocorrer, com um processo de desdobramento.

Muitos são os casos de televidência documentados. ZÖLLNER, por exemplo, cita um episódio protagonizado pelo notável médium Andrew Jackson Davis, antes mencionado, que assim o descreve:

“O meu horizonte visual começou a alargar-se. Em seguida eu podia perfeitamente distinguir as paredes da casa. A princípio pareceram-me muito escuras e opacas; em seguida, porém, se tornaram mais claras e afinal transparentes. Pouco depois eu via as paredes dos aposentos próximos que, por sua vez, se desfaziam como névoa diante da minha penetrante vista.

Agora podia ver a mobília e as pessoas na casa vizinha, com a mesma facilidade com que via as que se achavam no mesmo aposento que eu.”⁽³⁰⁾

⁽³⁰⁾ ZÖLLNER, J.K. Friedrich. Op. cit., p. 131.

Outro fato, a servir, também, de exemplo, foi o ocorrido com o médium sueco Emmanuel SWEDENBORG, que, estando em Gothenburg, observou e relatou, em detalhes, um incêndio que estava assolando Estocolmo, a 300 milhas de distância, relato esse depois certificado como rigorosamente autêntico.

Esses são alguns dos exemplos clássicos, méis hoje, com o desenvolvimento das práticas mediúnicas, eventos relacionados com a televidência tendem a se tornar cada vez mais frequentes.

Transvidência

É a vidência através de estruturas ou corpos opacos.

As ocorrências que dizem com a transvidência abrangem desde a visão através das paredes até a leitura de invólucros lacrados, livros fechados e, mesmo, cartas de baralho encobertas. Presente em toda a história da Humanidade, como as demais modalidades mediúnicas, a transvidência passou a ser realmente documentada e estudada somente a partir do século XIX.

Depoimento do médium Jackson Davis, relacionado com mais uma de suas extraordinárias experiências, mostra como, em seu tempo, o fenômeno já ganhava registro:

“(…) Neste momento, ouvi a voz do presidente da sessão que me perguntava se podia ouvi-lo. Respondi-lhe afirmativamente. Perguntou-me em seguida o que sentia e se podia ver alguma coisa. À minha resposta afirmativa, desejou que eu convencesse a alguns dos presentes, lendo o título de um livro por baixo de outros quatro ou cinco e de olhos fechados. Tendo-me amarrado um lenço nos olhos, colocou o livro ao nível da minha testa e li o título sem a menor hesitação.

Esta prova e outras mais foram obtidas por diversas vezes, ficando assim provada a vista independente dos órgãos materiais.”⁽³¹⁾

⁽³¹⁾ ZÖLLNER, J. K. F. Op. cit., p. 131.

Como na televidência, a transvidência pode, às vezes, requerer um maior desprendimento perispiritual.

Clarividência

A clarividência ⁽³²⁾ constitui uma ocorrência das mais complexas e intrigantes, e explicá-la, com precisão, como ocorre, representa, ainda, um dos maiores desafios da mediunologia.

⁽³²⁾ Alguns autores empregam os vocábulos “vidência” e “clarividência” como sinônimos. Aqui, o termo “clarividência” designa, precisamente, um tipo particular de vidência, de caráter precognitivo.

É, em síntese, a visão do futuro, podendo manifestar-se como clarividência ordinária e clarividência superior (supervidência).

Diferencia-se, tecnicamente, da vidência psicométrica precognitiva, porque ocorre espontaneamente, independente da existência de qualquer elemento indutor, como acontece nesta.

Clarividência Ordinária

Caracteriza-se pela percepção de fatos prestes a acontecer, ou a se verificarem em futuro próximo.

Fenômeno marcado pela espontaneidade, tem sido corriqueiramente observado no Brasil e, desde a Antiguidade, em várias partes do mundo. Haja vista, por exemplo, a fama de que desfrutavam os oráculos e sibilas na Grécia, em Roma e em outras regiões.

Entre os inúmeros casos que ocorrem diariamente, entre nós, merece lembrança, como ilustração, um famoso episódio protagonizado pelo célebre médium e benfeitor, Eurípedes Barsanulfo, assim descrito por Jorge RIZZINI:

“Eurípedes Barsanulfo previra com muita antecedência a Primeira Guerra Mundial, iniciada em agosto de 1914. E em meado de outubro de 1918, estando no interior do Estado de Minas Gerais, ficou sabendo o que, então, nenhum chefe de nação suspeitava, sequer — o fim da guerra. Eis como o fato se deu. Estava o médium a ministrar uma aula, quando, de súbito, entrou em transe sonambúlico e viu, no Palácio de Versalhes, na célebre Sala dos Espelhos, em França, o Tratado de Paz com a assinatura de líderes políticos - assinaturas

que lhe foi dado ler: Clemenceau, Presidente Wilson, etc. Ao abrir os olhos, Eurípedes Barsanulfo relatou aos alunos, emocionado, o que vira.

Graças a Deus, em breve mundo estará em paz! Aguardemos.

Oito meses depois, em 28 de Junho de 1919, o Tratado de Paz foi assinado - exatamente na Sala dos Espelhos, no Palácio de Versalhes... ”⁽³³⁻³⁴⁾

⁽³³⁾ RIZZINI, Jorge. Eurípedes Barsanulfo - o Apóstolo da Caridade. 7. ed. São Bernardo do Campo (SP): CORREIO FRATERNAL, 1992, pp. 74 e 75.

⁽³⁴⁾ Refere-se KARDEC a uma faculdade que denomina dupla-vista ou segunda vista (ou, ainda, vista psíquica, vista espiritual - A Gênese, Cap. XIV, item 22, Revista Espírita, 1864, out.). Em O Livro dos Espíritos associa-a aos fenômenos de desprendimento, intuição e audiência (item 455). Em O Livro dos Médiuns, entende-a relacionada com um tipo de vidência (item 167). Também na Revista Espírita, (jun., 1867 - O Sentido Espiritual). Em outro local, a um tipo de intuição que se manifesta como pressentimento (Livro dos Médiuns, item 184). Tal posição é ainda encontrada em Obras Póstumas (2ª. Parte, A Segunda Vista). Na Revista Espírita constata-se o emprego da expressão visão espiritual, também, como sinônimo de dupla-vista (out, 1864; out. 1865). Em suma, pode-se ter que a expressão dupla-vista, empregada pelo Codificador, designa, principalmente, as aptidões referentes à vidência e à intuição- mais precisamente, à clarividência ordinária e à intuição precognitiva ordinária, a se manifestarem conjuntamente, ou não.

Clarividência Superior (ou Supervidência)

É um tipo particular de vidência que faculta a algumas mentes superiores a percepção do futuro mediato ou, mesmo, longínquo, que tanto pode guardar relação, por exemplo, com um ramo do Saber, como com certa comunidade, ou, até, com a própria Humanidade.

É a vidência dos chamados profetas, alguns dos quais, Espíritos que, realmente, atingiram alta sensibilidade psíquica e que encarnam em tarefa missionária.

Allan KARDEC, em estudo sobre a vidência, faz interessante analogia entre o clarividente e uma pessoa que, situada no alto, consegue ter uma visão mais ampla do que pode ocorrer:

“Suponhamos que uma carruagem enveredou por uma estrada que vai dar num precipício que o condutor não pode perceber. É evidente que, se nada ocorrer que a desvie, ela ali se precipitará. Suponhamos também que um homem colocado de maneira a divisar a estrada em toda a sua extensão, vendo o perigo que corre o viajante, consegue avisá-lo a tempo de ele se desviar. O perigo estará conjurado. Da sua posição, dominando o espaço, o observador vê o que o viajante, cuja visão os acidentes do terreno circunscrevem, não logra divisar.

*Imaginemos que esse homem, do alto de uma montanha, divise ao longe, pela estrada, uma tropa inimiga dirigindo-se para uma aldeia a que pretende atear fogo. Fácil lhe será, levados em conta o espaço e a velocidade, prever quando a tropa chegará. Se, então, descendo à aldeia, disser apenas: **A tal hora a aldeia será incendiada**, caso o fato ocorrer, ele passará, aos olhos da multidão ignorante, por adivinho, feiticeiro; entretanto, apenas viu o que os outros não podiam ver e deduziu, do que vira, as conseqüências.”⁽³⁵⁾*

⁽³⁵⁾ KARDEC, Allan. Obras Póstumas. 27. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995, p. 104. Trad. Guillon Ribeiro.

Na realidade, a clarividência, em si, é um fenômeno que, embora muito conhecido, apresenta-se, ainda, como de difícil explicação, envolvendo, inclusive, questões tão graves como determinismo e livre-arbítrio.

A esse respeito, impende considerar que se as leis que regem os fenômenos físicos em geral são presididas por um determinismo absoluto, no sentido de que sua incidência é inevitável, com relação às leis que regem o desenvolvimento psíquico, o determinismo se faz mais ostensivamente presente nas faixas mais primitivas da evolução, dando, gradativamente, lugar ao surgimento do livre-arbítrio, que, à luz das sucessivas experiências, amplia-se cada vez mais, de modo que, quanto mais evoluído o indivíduo, maior o índice de autodeterminação que alcança.

Observações

No fenômeno da vidência, como em outros processos mediúnicos, não pode ser descartada a possibilidade da perturbadora interferência tanto do subconsciente do vidente, ressuscitando imagens do passado, como da própria imaginação, impulsionada, às vezes, pela vaidade e pelo espírito de competição.

*

Nessa linha, há também a considerar outro fator de perturbação, que é a mistificação. Espíritos desencarnados, direcionando o pensamento para a criação de imagens (ideoplastia), incluindo-se as que dizem com a aparência física, podem mistificar, levando o vidente a enganos.

Mas, apesar desses perigos, a exigirem, sempre, atenção, a vidência não perde sua importância e muito pode contribuir para o serviço mediúnico, desde que compreendida a necessidade de conhecimento, de vigilância e de humildade.

*

A vidência é uma faculdade psíquica que pode servir, ou não, à intermediação de uma mensagem ou lição a ser transmitida, caso em que adquire caráter mediúnico, propriamente. Quando ocorre sem essa finalidade, servindo apenas ao próprio vidente, o processo, evidentemente, apresenta-se como não mediúnico.

O fenômeno tem sido catalogado como mediúnico, porque, geralmente, mostra-se com esse caráter.

*

Na vidência, como, também, na audiência, o mesmo fenômeno pode ser percebido de maneira diferente por vários videntes, de acordo com a condição mental de cada um. Assinala ANDRÉ LUIZ, pela mediunidade de Francisco C. XAVIER:

“As faculdades medianímicas podem ser idênticas em pessoas diversas, entretanto, cada pessoa tem a sua maneira particular de empregá-las. Um modelo, em muitas ocasiões, é o mesmo para grande assembleia de pintores, todavia, cada artista fixá-lo-á na tela a seu modo. Uma lâmpada exibirá claridade líria, em jacto contínuo, mas, se essa claridade for filtrada por focos múltiplos, decerto estará submetida à cor e ao potencial de cada um desses filtros, embora continue sempre a mesma lâmpada a fulgurar em seu campo central de ação.”⁽³⁶⁾

⁽³⁶⁾ Xavier, Francisco C. Espírito André Luiz. NOS Domínios da Me-diunidade, p. 109.

*

No fenômeno da vidência, a percepção visual ocorre independentemente dos olhos físicos, tanto que há cegos videntes.

A rigor, pois, quem vê é a alma, instrumentada pelo perispírito e, quando encarnada, também pelo cérebro físico, impondo-se, para isso, como necessário, certo desprendimento do corpo espiritual, o qual, em certos processos, como no caso da televidência, pode ser mais acentuado.

Por último, cabe lembrar que assim como acontece na telepatia, um Espírito superior pode projetar determinadas imagens sobre várias mentes, simultaneamente, de modo que diferentes videntes percebem imagens semelhantes.

Aliás, diante dessa possibilidade, torna-se, às vezes, difícil discernir a percepção de uma imagem do que esteja realmente ocorrendo na dimensão espiritual, de outra, forjada e projetada por um Espírito desencarnado.⁽³⁷⁾

Daí, a dificuldade de avaliação, que não dispensa a experiência e o cuidado.

⁽³⁷⁾ A propósito, referindo-se à capacidade dos Espíritos mais evoluídos de projetarem imagens de sua criação plenas de beleza e significado, escreve Emmanuel:

“(...) os Espíritos superiores possuem uma vontade potente e criadora de todas as formas da beleza. Às vezes, apresentam-se ao vidente grandiosas cenas da história do planeta, multidões luminosas, legiões de almas, quadros esses que, na maioria das vezes, constituem os pensamentos materializados das mentes envolvidas que os arquitetam, e que atuam sobre os centros visuais dos sensitivos, objetivando o progresso geral.”

(XAVIER, Francisco Cândido. Espírito EMMANUEL. Emmanuel. 16. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, p. 155. Ideoplasticidade do pensamento.)

VII- AUDIÊNCIA

Audiência ou audição espiritual é a faculdade de perceber a voz dos Espíritos e, eventualmente, outros sons oriundos da dimensão espiritual.

Como a vidência, a intuição e outras faculdades psíquicas, é uma aptidão que, quando serve à intermediação entre desencarnados e encarnados, assume caráter mediúnico.

Também, como a vidência, é um fenômeno conhecido desde a Antiguidade.

A Bíblia, por exemplo, refere-se a diversos médiuns audientes, entre eles, Samuel (I Sam 3.9 e 10) e o próprio apóstolo Paulo (Atos 9.4 a 7; 16.9).

Na História, um dos fatos mais conhecidos é o que se refere à Joanna D'Arc (1412-1431) que, com dezenove anos, guiada por suas vozes, comandou o exército francês em memorável campanha contra o domínio inglês.⁽¹⁾

⁽¹⁾ V. DENIS, Léon. Joana D'Arc. 16. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1993, Primeira Parte.

Modernamente, são muitos os casos que chamam a atenção, por sua peculiaridade. Rosemary BROWN, por exemplo, a famosa médium inglesa que recebeu várias e importantes composições musicais de autores célebres, explicava que os compositores ditavam-lhe as notas musicais, compassos e notações. Algumas vezes, como acontecia com Liszt, conhecia, antes, a música, ouvindo-a mentalmente ou tocando-a, quando sentia seus dedos guiados sobre as teclas.⁽²⁾

⁽²⁾ BROWN, Rosemary. Contatos Musicais - Grandes Mestres Compõem do Além. (Orig. Unfinished Symphonics. Voices from the Beyond). 2. ed. São Paulo: BOA NOVA, 1991, pp. 109 a 112. Trad. Agenor de Mello.

Na realidade, hoje, graças ao desenvolvimento e divulgação do Espiritismo, o fenômeno da audiência, tal como ocorre com os demais tipos de ocorrências mediúnicas, é corriqueiramente constatado tanto nos Centros Espiriteis, como fora deles.

A audição espiritual, que, também, diz com a expansibilidade do perispírito, acompanha, comumente, os fenômenos de vidência, embora possa, de acordo com as circunstâncias e as condições do audiente, manifestar-se independentemente dessa.

A propósito, ensina KARDEC:

“Estes (os médiuns audientes) ouvem a voz dos Espíritos.

É (...) algumas vezes, uma voz interior, que se faz ouvir no foro íntimo; doutras vezes, é uma voz exterior, clara e distinta, qual a de uma pessoa viva. Os médiuns audientes podem, assim, travar conversação com os Espíritos. Quando têm o hábito de se comunicar com determinados Espíritos, eles os reconhecem imediatamente pela natureza da voz. Quem não seja dotado desta faculdade pode, igualmente, comunicar-se com um Espírito, se tiver, a auxiliá-lo, um médium audiente, que desempenhe a função de intérprete.”⁽³⁾

⁽³⁾ KARDEC, Allan. O Livro dos Médiuns. 61. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995, Segunda Parte, Cap. XIV, ns 165, pp. 209 e 210. Trad. Guillon Ribeiro.

A audiência pode manifestar-se de diversas formas. Como na vidência, podem os sons ser percebidos como vindos do exterior — audiência externa ou como se ressoassem, com clareza maior ou menor, no interior da mente — audiência interna.

Tão complexo como o fenômeno da vidência, muito falta, ainda, para sua inteira compreensão, sendo certo que o processo se desenvolve a partir do desprendimento perispirítico menor ou maior do audiente.

A audiência - interna ou externa - pode apresentar-se independentemente do fenômeno da vidência — audiência isolada —, ou conjugada com a vidência, como que compondo, afinal, um só processo — audiência concomitante a vidência.

Em relação à audiência interna, o fato interessante é que boa parte dos compositores musicais, como já ressaltado, tem a percepção interna da música a compor (audiência musical).

Léon DENIS cita, a propósito, diversos exemplos históricos. Entre, eles, o depoimento de Mozart, também, sobre suas extraordinárias percepções musicais:

“Quando estou em boas condições e inteiramente só, durante o meu passeio, os pensamentos musicais me vêm com abundância. Ignoro donde procedem esses pensamentos e como me chegam; nisso não tem a minha vontade a menor intervenção.”

Prossegue o Mestre:

“No declínio de sua vida, quando já sobre ele se estendia a sombra da morte, em um momento de calma, de perfeita serenidade, ele chamou um de seus amigos que se achavam no quarto: ‘Escuta — disse e/e - estou ouvindo música \ O amigo lhe respondeu: ‘Não ouço nada.’ Mozart, porém, tomado de arroubo, continua a perceber as harmonias celestes.”⁽⁴⁾

⁽⁴⁾ DENIS, Léon. No Invisível. 15. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, p. 174. Trad. Leopoldo Cirne.

A audiência — interna ou externa, isolada ou concomitante à vidência - pode manifestar-se de diversos modos: como audiência ordinária, audiência xenoglóssica, audiência psicométrica, ou como teleaudiência, clariaudiência.

AUDIÊNCIA (Audição espiritual)

EXTERNA

INTERNA

ISOLADA

CONCOMITANTE À VIDÊNCIA

ORDINÁRIA

XENOGLÓSSICA

PSICOMÉTRICA

TELEAUDIÊNCIA

CLARIAUDIÊNCIA

É o tipo mais comum de audição espiritual, sem que nada de especial mostre, a não ser o próprio fato da possibilidade do registro de sons e vozes do mundo espiritual.

Audiência Xenoglóssica

Neste tipo de ocorrência, o audiente ouve o Espírito manifestando-se em língua estrangeira, que lhe é desconhecida.

Às vezes, ouvindo e anotando (ou gravando) a comunicação, pode, depois, com o auxílio de um intérprete, traduzir, compreender e divulgar, se for o caso, o conteúdo da mensagem que ouviu.

Não são raros os casos de audiência xenoglóssica. Alguns chamam realmente a atenção, como, por exemplo, o citado por Ernesto BOZZANO, relacionado com o médium, escritor e jornalista norte-americano, William Dudley Pelley, que assim relata o episódio que protagonizou:

"... Depois de conversar longo tempo com uma Grande Mente, que já não é deste mundo, uma outra voz se fez ouvir, falando em língua que eu não conhecia. Defronte de mim estava a taquígrafa, a quem pedi taquigrafasse foneticamente, em escrita ordinária, as palavras que eu claramente percebia, da estranha língua, palavras que, para isso, lhe ia repetindo. Vocábulo por vocábulo, ela as escreveu foneticamente, como eu lhas ditava, tendo o cuidado de grafá-las de modo a poderem ser lidas exatamente como eu as pronunciava. Doze páginas foram escritas nessa linguagem misteriosa. Decorridas algumas semanas, tive ocasião de submeter a mensagem a um douto filólogo, que verificou existir nela mais de um milhar de palavras em puro sânscrito. Era interessantíssimo o seu conteúdo, pois que se referia às condições em que hodiernamente se debate a civilização mundial... Advertiu-se-me de que a mensagem fora dada em língua sânscrita para refutar as teorias de muitos doutos superficiais que se deleitam em explicar estas manifestações, contáveis entre as mais portentosas da natureza, como produto do subconsciente."⁽⁵⁾

⁽⁵⁾ BOZZANO, Ernesto. Xenoglossia. 3. ecl. Rio de Janeiro: FEB, 1980, p. 28. Trad. Guillon Ribeiro.

Audiência Psicométrica

É a que resulta, como a vidência, do contato com objetos, pessoas ou ambientes, ouvindo sons e vozes ligados ao seu pretérito.

Normalmente, acompanha a vidência psicométrica, em suas diversas modalidades, inclusive, a precognitiva.

Teleaudiência

É a audição espiritual a distância.

Quase sempre, vidência e audiência conjugam-se no mesmo processo, pois é comum o vidente ostentar, também, a faculdade de ouvir.

Assim, a percepção de sons e vozes relacionados com eventos distantes podem ser percebidos concomitante- mente com a visão espiritual desses.

É a percepção de sons relacionados com acontecimentos futuros. Diferencia-se, também, da audiência psicométrica (precognitiva), porque independe de qualquer elemento indutor. Trata-se de um fenômeno muito raro, a complementar, às vezes, a clarividência. (Por exemplo, a visão de um cataclismo por acontecer pode surgir acompanhada da audição de sons relacionados com seus efeitos; a visão de uma solenidade destinada à grande repercussão social pode ser complementada com a audição das vozes de alguns de seus partícipes.)

*

O fenômeno da audiência, como acontece com a vidência, em relação aos olhos, também não depende dos ouvidos físicos, pois quem ouve, propriamente, é a alma, com suporte, naturalmente, no perispírito, e instrumentado no plano físico, pelo complexo cerebral. Ressalte-se que, graças a uma das propriedades perispirituais, a sensibilidade global, o Espírito desencarnado, livre das peias somáticas, tem sua percepção extraordinariamente ampliada, não dependendo das vias especializadas que compõem os órgãos dos sentidos, para o recolhimento de impressões. É que o Espírito, em si, percebe com todo o seu ser-, vê, ouve, sente, enfim, com o corpo espiritual inteiro (independentemente, mesmo, de posição ou direção), uma vez que os sentidos não encontram localização tão específica como ocorre no estado de encarnação, em que a percepção dos vários tipos de estímulo, ordinariamente, não se desvincula de suas bases anatomofisiológicas.

Compreende-se, pois, que o audiente, ou o vidente, desprendendo-se, como sempre acontece, em maior ou menor grau, possa perceber perispiritualmente, sons e imagens, tanto oriundos da dimensão espiritual, como da física.

O registro desses estímulos sonoros ou visuais, pelo perispírito, com reflexos nas estruturas corticais, não ocorre de maneira uniforme para todos os audientes, variando de pessoa para pessoa, de acordo com as características e condições de cada um.

Fato curioso - a mostrar, aliás, a complexidade do processo - é o que ocorre com certos audientes-videntes que percebem as palavras do Espírito, como normalmente verbalizadas, embora nada indique que as esteja pronunciando.

Com efeito, como observa PALHANO JR., alguns audientes, também, videntes, afirmam que, às vezes, veem o Espírito “articulando as palavras ao mesmo tempo em que o escutam”, mas, de outras vezes, veem o Espírito e “o escutam sem que ele faça movimentos com a boca”.⁽⁶⁾

⁽⁶⁾ PALHANO JR., L. Transe e Mediunidade. Niterói (RJ): LACHÁTRE, 2000, p. 53.

Poderia significar que esse tipo de comunicação, puramente mental, passaria, depois, possivelmente, por um processo de decodificação, ou outro, ainda desconhecido, que emprestaria ao audiente a sensação de estar ouvindo uma mensagem concretamente verbalizada.

* * *

Como ocorre com a vidência, a audição espiritual, dada a condição humana atual, encontra-se, ainda, sujeita a interferências várias, requisitando, naturalmente, o necessário discernimento. Entre essas, a própria mistificação por parte de Espíritos menos esclarecidos,

que se manifestam com falsos aconselhamentos e outras imposturas. Tal fato mostra quão delicado é o exercício mediúnico e como imprescindíveis são o conhecimento e a vigilância. De se lembrar que, devido à ignorância e à invigilância, muitos médiuns acabaram perdendo a oportunidade de servir, comprometendo seus programas reencarnatórios, ao lado daqueles que, pelo inteiro desconhecimento da Doutrina Espírita, são submetidos a apressados diagnósticos que resultam em sua segregação como doentes mentais.

Aliás, nesse domínio, a história mostra bem quão sofridos, maltratados e confundidos têm sido os médiuns. Videntes e audientes são tidos como portadores de transtornos psicológicos graves, inclusive de caráter esquizofrênico, e médiuns psicomotores são avaliados como “possuídos pelo demônio”, em plena atualidade, século e meio depois do advento da Doutrina Espírita, a demonstrar o quanto ainda ignora o ser humano sobre sua própria natureza espiritual.

Naturalmente, certo tipo de visões e audições podem ser fruto de transtornos psíquicos, provisórios ou não, a exigirem diagnósticos diferenciais conscientes e consequente tratamento, mas impõe-se não perder de vista que, também, muitos chegam à perturbação, justamente, por não assumirem seus deveres com a mediunidade e o Bem, livremente aceitos, aliás, no período pré-reencarnatório, como solução para seus problemas espirituais. Tais situações, quase sempre, denotam a presença de um processo obsessivo, que, graças à Misericórdia Divina, pode encontrar efetiva solução, reabrindo oportunidades de conhecimento e serviço.

VIII- PSICOFONIA

A psicofonia é a aptidão mediúnica que faculta a comunicação oral dos Espíritos. O processo psicofônico pode desenvolver-se envolvendo (1) um desencarnado e um encarnado, (2) dois encarnados, (3) dois desencarnados.

A comunicação de um Espírito desencarnado por uma pessoa encarnada (médium) é, de ordinário, a mais frequente. Todavia, mesmo encarnada, a pessoa em processo de desprendimento pode manifestar-se psicofonicamente, fato, aliás, objeto de longas e minuciosas pesquisas de Allan KARDEC, e, depois, como mostram os anais espíritas, também estudado por diversos pesquisadores europeus.

No Brasil, esse tipo de fenômeno é muito conhecido, sabendo-se, inclusive, de diversas manifestações de pessoas conhecidas quando ainda encarnadas.

Interessante experiência pessoal, relatada por Carlos LOUREIRO, ilustra bem o tema:

“Às 22 horas (...), iniciaram-se os trabalhos, isto é, procedeu-se à evocação do Espírito do jovem C.C. (...) Alguns minutos depois, um dos médiuns apresenta os indícios característicos de manifestações daquela ordem, e começa a falar. A voz é quase inaudível, mas todos, em silêncio absoluto, puderam ouvir o comunicante anunciar o seu nome, apenas conhecido por nós e a sua genitora. A seguir, ele pediu que o ajudassem, porque presa infeliz de drogas pesadas. Outro fato desconhecido pelos demais companheiros. Mantivemos, então, ligeiro diálogo com o Espírito, sobre o drama que ele estava vivendo nesta (re)encarnação. Ele se foi um tanto bruscamente, deixando o médium com náuseas e com fortes dores pelo corpo. No dia seguinte, pela manhã, Iracema telefonou para a nossa casa, informando que C. C. informara que, a hora da evocação, ele se encontrava conversando com a namorada, como de hábito, dentro de seu automóvel estacionado defronte do edifício onde morava. De repente, disse ele, sentiu um leve torpor, que foi aumentando, gradualmente, caindo em profundo sono (transe) sobre o ombro esquerdo da jovem a seu lado, que nada pôde fazer, julgando tratar-se de um estado natural de cansaço. Naquele exato momento CC. Estava se comunicando conosco na sessão experimental...”⁽¹⁾

⁽¹⁾ V. LOUREIRO, Carlos Bernardo. Dos Raps à Comunicação Instrumental. Rio de Janeiro: LORENZ, 1993, pp. 44 e 45.

Essa experiência refere-se a uma evocação (procedimento, aliás, que hoje, pelas consequências de ordem anímica a que pode levar, não é aconselhado), mas, geralmente, a pessoa encarnada, quando se manifesta mediunicamente, encontra-se repousando em sono natural, ou é levada a esse estado, pelos Mentores Espirituais que a assistem, para que se comuniquem, dentro de uma programação que exclui a necessidade da evocação.

A esse respeito, cabe ainda assinalar que não são raros, também, os casos de pessoas prestes a desencarnar, manifestarem-se em uma comunicação de despedida. BOZZANO, em trabalho clássico, cataloga diversos episódios rigorosamente estudados, entre eles, a servir de exemplo, interessante fato narrado pela famosa pesquisadora Emma Hardinge BRITTEN (Modern American Spiritism):

“Nenhuma notícia dos filhos... Pela noite, quando os desolados pais se reuniram em sessão, caiu a Sra. Laird em sono mediúnico e, em tal condição, se manifestou o espírito de James Marsden, que assim falou:

Avisa a meu pai que parta imediatamente para Donaldsonville e uma vez ali, que chame o Cap. Somers comandante da minha companhia. (...)

O Dr. Marsden partiu logo para a localidade indicada e, cinco semanas após, regressou com um ataúde que continha os restos mortais do rapaz. O Cap. Somers lhe informou que seu filho caíra gloriosamente coberto de ferimentos, achando-se ainda vivo quando fôra transportado para o posto de socorro onde expirara lentamente.

Comparando-se as datas pôde-se verificar que o seu espírito se manifestara à Sra. Laird, algumas horas antes de morrer, quando jazia moribundo na tenda-hospital.

Antes de expirar, havia pedido ao Cap. Somers que informasse seus pais da sorte que tivera e que o mandasse enterrar num lugar bem marcado a fim de facilitar ao pai o trabalho de identificá-lo quando viesse buscar os despojos. O Cap. Somers fizera-lhe a vontade méis não chegou a escrever ao seu progenitor porque adoecera gravemente. Quando viu este chegar, supunha que ignorasse tudo e quando o velho lhe narrou todo o caso, informando-o do modo como soubera do acontecimento, o capitão ficara profundamente impressionado... ”⁽²⁾

⁽²⁾ BOZZANO, Ernesto. Comunicações Mediúnicas Entre Vivos. 4. ed. São Paulo: EDICEL, 1987, p. 112.

O terceiro tipo de ocorrência psicofônica é aquele que diz com a possibilidade de um Espírito desencarnado expressar-se por um médium, também desencarnado, como mostra a literatura espírita, referindo-se à comunicação mediúnica entre os diferentes planos (evolutivos) da dimensão espiritual.⁽³⁾

⁽³⁾ Xavier, Francisco Cândido. Espírito ANDRÉ LUIZ. Obreiros da vida Eterna. 19. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1992, pp. 146 a 155, Cap. IX.

*

A psicofonia é um dos tipos mais comuns de mediunidade, podendo manifestar-se como psicofonia consciente, semiconsciente ou inconsciente, e sob a forma ordinária ou xenoglóssica.

PSICOFONIA

CONSCIENTE

SEMICONSCIENTE

INCONSCIENTE

ORDINÁRIA

XENOGLÓSSICA

(Xenopsicofonia)

Na psicofonia consciente, o médium acompanha a manifestação do Espírito em plena consciência.

Na semiconsciente, a consciência permanece semilúcida, restando, após a comunicação, apenas lembranças imperfeitas do ocorrido.

Na psicofonia inconsciente, o médium, cessado o transe, de nada se recorda.⁽⁴⁾

⁽⁴⁾ Os estados de consciência no transe mediúnico não podem ser confundidos com as dimensões da consciência (consciente, subconsciente, subconsciente profundo e superconsciente).

Na mediunização psicofônica, o comunicante pode manifestar-se na língua pátria - psicofonia ordinária -, ou em línguas que o médium ignora totalmente, e que às vezes, já nem se encontram mais em uso - psicofonia xenoglóssica.⁽⁵⁾

⁽⁵⁾ O termo xenoglossia (do gr. xeno, estranho + glosso, língua + ia), foi cunhado por Charles RICHET, prêmio Nobel de Medicina (1913).

Os fenômenos xenoglóssicos são conhecidos de há muito; registros existem desde os tempos de Jesus, quando no dia de Pentecostes, os apóstolos passaram a se manifestar em línguas que desconheciam (Atos, 2.4 a 12).

Sua ocorrência passou a ser verdadeiramente investigada a partir do século XIX. (KARDEC designava os médiuns psicofônicos que se manifestavam em línguas desconhecidas, como médiuns políglotas).⁽⁶⁾

⁽⁶⁾ V. KARDEC, Allan. O Livro dos Médiuns, p. 235.

Diversos foram os episódios que chamaram, particularmente, a atenção do mundo científico. Entre eles, o evento que se tornou clássico, relatado por RICHET, tendo como protagonista a filha do famoso Juiz John Worth Edmonds (1816-1874), da Suprema Corte de Justiça de Nova York:

“O caso mais impressionante é o de Laura Edmonds, filha do juiz Edmonds, personagem de elevada inteligência e lealdade perfeita, que foi presidente do Senado e membro da Suprema Corte de Justiça de Nova York. Laura, sua filha, era católica fervorosa, muito praticante e piedosa. Falava exclusivamente o inglês e aprendera na escola um pouco de francês. A isto se limitavam seus conhecimentos de línguas estrangeiras.

Ora, acontece que um dia (em 1859), o juiz Edmonds recebeu a visita de um grego notável, o Sr. Evangelides, que pôde conversar em grego moderno com sua filha Laura. No curso dessa conversação a que assistiam diversas pessoas (cujos nomes são citados no texto), o Sr. Evangelides chorou, por lhe ter a médium participado a morte do filho (ocorrida por aquele meio tempo na Grécia). Ao que parece, Laura encarnava a personalidade de um amigo íntimo de Evangelides, um tal Botzari, morto na Grécia e irmão do conhecido patriota. Segundo o Juiz Edmonds, se sua filha Laura conversou em grego moderno com Evangelides e se lhe participou a morte do filho, isso só se poderia explicar admitindo-se que o defunto Botzari fosse realmente o outro interlocutor, na conversação.

E Edmonds acrescenta: Negar isto, de que fui testemunha, impossível; o fato é de tal modo claro e eloquente que, negá-lo, equivaleria, logicamente, a negar que o Sol nos ilumina.”⁽⁷⁾

⁽⁷⁾ RICHET, Charles. Traité de Métapsychique. Bruxelas: ARTHA PRODUCTIONS, 1994, p. 224: Cap. III, Xénoglossie. V. também, BOZZANO, Ernesto. Xenoglossia. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1980, pp. 13 e 14. Trad. Guillon Ribeiro.

Ernesto BOZZANO reporta-se a um fato raro de xenopsicofonia, narrado pelo pesquisador Dr. Nicolau Cervelo de PALERMO, protagonizado por uma jovem médium de 16 anos:

A 13 de Setembro, (...) Ninfa Filiberto se pôs a falar uma língua para nós incompreensível e o fez com tal desembaraço que se diria ser aquela a sua língua materna. Supusemos que falasse em grego moderno, porque, noutra fase de sono, dissera: “Estive em Atenas. Vi essa querida cidade, onde a gente fala como eu”...

No dia 14, não compreendia nem o italiano, nem o grego, mas falava e compreendia exclusivamente o francês (língua que conhecia de modo elementar)... Ao ser-lhe dito que no dia anterior falara em grego, ela se pôs a rir e respondeu que jamais aprendera o grego, nem conhecera outra língua senão a própria; que era uma parisiense residente em Palermo. Zombava de nós pela maneira por que pronunciávamos o francês...

No dia 15, falou em inglês, língua que lhe era inteiramente desconhecida, e conversou por muito tempo nesse idioma com dois ingleses — os Srs. Wright e Frederic Olway.

No dia 16, declarou ter nascido em Siena e descreveu minuciosamente as obreiros d'arte existentes nessa cidade. Não sei se os outros pensaram como eu, porém, pelo que me diz respeito, afirmo que esse seu falar em puríssimo toscano se me afigurou ainda mais maravilhoso do que o usar ela do inglês. É impossível a quem quer que seja exprimir-se com as suaves modulações desta língua harmoniosa, se não nasceu na Toscana.”⁽⁸⁾

⁽⁸⁾ BOZZANO, Ernesto. Xenoglossia, pp. 18 e 19.

Os casos de psicofonia xenoglósica ou de xenopsicofonia mostram-se, às vezes, mais surpreendentes.

Episódios há que se tornaram clássicos, atraindo a atenção de pesquisadores de vários países. A começar, por exemplo, com o que ocorria com Theresa Neumann, que, em transe, falava em aramaico, como ficou rigorosamente constatado.

Fato também a merecer citação foi o protagonizado pelo célebre médium norte-americano George Valiantine, conhecido, aliás, por suas produções xenoglósicas.

Em 1927, o médium começou a falar em língua completamente desconhecida, que acabou por ser identificada pelo sinólogo Neville WHYTMANT, então, em Nova York, como sendo chinês arcaico. Fato notável é que o espírito comunicante identificou-se como o filósofo Kong-Fu-Tsé, ou Confúcio:

“Naquele momento” — declarou, depois, Neville — “observei ao meu interlocutor que algumas de suas poesias resultavam obscuras ao leitor moderno. A voz me convidou a exemplificar o que eu estava dizendo. Ofereci-lhe um terceto do Shi King, que me parecia o mais obscuro de todos. Não me recordava do primeiro verso, mas mesmo assim declamei. No mesmo instante, a voz, com inflexão chinesa perfeita, me recitou a poesia inteira, totalmente desconhecida da grande maioria das pessoas do Ocidente moderno e, depois de uma pausa de quinze segundos, recitou-me novamente, de forma correta, a mesma poesia, dando-lhe, porém, um novo significado.”⁽⁹⁾

⁽⁹⁾ Enciclopédia di Metapsichica di Parapsicologia e di Spiritismo. BOMPIANI, 1973. Conf. LEAL, José Carlos. O mundo desconhecido do Espírito. Rio de Janeiro: CELD, 2002, pp. 155 e 156.

Hoje, graças ao desenvolvimento da prática mediúnica, à luz da Doutrina Espírita, esse tipo de fenômeno tem sido cada vez mais observado, compreendendo-se que sua ocorrência tem por base o repertório de línguas faladas pelo médium em vidas pretéritas, depositadas em seu

subconsciente profundo e servindo de valioso material para os Espíritos se comunicarem, em sua manifestação xenoglóssica.

É que nada se perde em nosso longo aprendizado evolutivo. Apenas ocorre o esquecimento temporário de parte do conhecimento adquirido, que, todavia, quando necessário, pode ser usado no processo mediúnico, ou não.

Mediunização Psicofônica

A mediunização psicofônica inicia-se com o desprendimento do médium, facultado pela expansibilidade do perispírito, uma de suas importantes propriedades.⁽¹⁰⁾ (Esse desprendimento varia com o tipo de mediunização, podendo ser tão leve, em certos casos, que até se caracterizaria como um “semidesprendimento”; outras vezes, tão acentuado que o médium chega ao transe profundo).

⁽¹⁰⁾ O perispírito, intrinsecamente indivisível, pode, conforme suas condições, expandir-se, ampliando o seu campo de sensibilidade e, pois, de percepção, possibilitando ao Espírito, sem prejuízo do comando do seu corpo físico, viver, eventual e temporariamente, a realidade do mundo espiritual.

É a expansibilidade do perispírito que faculta, também em outro grau, a deflagração do processo de emancipação da alma, conforme a expressão de KARDEC. Expandindo-se, o perispírito pode chegar a um estado inicial de desprendimento em que a percepção se torna acentuadamente mais aguda, podendo, a partir daí, se for o caso, evoluir para o desdobramento, a envolver, já, uma outra notável propriedade psicossômica, que é a bicorporeidade.

A expansibilidade perispíritica, aliás, está na base de vários processos mediúnicos. Por exemplo, é a exteriorização do psicossoma que permite ao vidente a captação da realidade espiritual e que torna possível o contato perispírito a perispírito, que marca os fenômenos que dizem com a psicofonia, a psicografia, a psicopictura e a psicocirurgia.

Com o desprendimento, verifica-se o contato de aura a aura e, a seguir, o contato de perispírito a perispírito. O ato mediúnico tem por base esse contato inicial.

Muitas vezes, em se tratando de médium que, comumente, também é vidente, o Espírito que está prestes a comunicar-se é identificado pela visão espiritual, fato que, aliás, pode ocorrer bem antes, até, com o registro, inclusive, das sensações que dizem com o seu estado.

Outro fenômeno, de ocorrência comum, diz com a impressionabilidade, faculdade que, como visto, quase sempre, apresenta-se associada à mediunidade, embora, como visto, com esta não se confunda. O médium, desde os primeiros momentos da mediunização, sente a aproximação do Espírito, por suas vibrações, podendo registrar sensações tácteis, odores e, até, térmicas (sensação de frio), noticiando o estado em que este se encontra. Esses registros, às vezes, também podem acontecer antes, sendo mesmo comum que médiuns de sensibilidade mais acurada detectem a aproximação do Espírito dias antes do trabalho mediúnico, sentindo, penosamente, por vezes, todo o sofrimento que o acomete.

É que, por ação dos Espíritos responsáveis pelo trabalho mediúnico, o Espírito que deve ser trazido à comunicação é aproximado do médium com antecedência de dias, até, de sorte que, com o contato das auras, o médium passa a registrar, com maior ou menor intensidade, o que o Espírito sente. Muitas vezes, essa aproximação antecipada torna-se imprescindível para o bom êxito da tarefa de esclarecimento e encaminhamento dos Espíritos necessitados.

No desenvolvimento do processo, essa aproximação do Espírito evolui para uma verdadeira justaposição perispíritica, em que o sistema nervoso do médium passa a ser influenciado com crescente intensidade, estabelecendo-se uma interação psíquica entre ambos e possibilitando,

assim, a comunicação do Espírito, com base nos recursos intelectuais e verbais disponibilizados pelo médium.⁽¹¹⁾

⁽¹¹⁾ Não está longe o tempo em que o transe mediúnico poderá ser, nítida e detalhadamente, detectado por aparelhos sofisticados como os espectógrafos, capazes de medir os campos bioenergéticos e outros. Observe-se que hoje, já, uma pessoa experiente poderá distinguir as variações de uma linha osciloscópica, que ocorrem durante um transe psicofônico, em que “o campo bioenergético do médium vai aparecer aumentado em energia, o que irá modelar sua linha espectográfica.” (ALMEIDA, Luís de. “Detectar o Espírito com Aparelhagens”. *Jornal de Espiritismo, Associação de Divulgadores Espíritas de Portugal*. Braga, Set/Out. 2005, p. 5)

Por vezes, conforme o tipo de mediunização, a comunicação oral pode ser acompanhada de manifestações motoras (movimento das mãos, etc.).

Examinando-se o fenômeno do transe mediúnico psicofônico, podem-se admitir nesse processo três níveis de mediunização.⁽¹²⁾

⁽¹²⁾ Empregam-se, nesta obra, os termos mediunizar e mediunização, em substituição aos vocábulos “incorporar” e “incorporação”, notadamente impróprios para designar a ação do Espírito sobre o médium e seus efeitos. O verbo mediunizar, ao que consta, aparece pela primeira vez numa dissertação dos Espíritos ERASTO e TIMÓTEO, reproduzida por Allan KARDEC, em *O Livro dos Médiuns*: “Por isso é que gostamos de achar médiuns (...) munidos de materiais prontos a serem utilizados, numa palavra: bons instrumentos, porque, então, nosso perispírito atuando sobre o daquele a quem mediunizamos, nada mais tem que fazer, senão impulsionar a mão que nos serve”. (Op. cit., p. 279, Cap. XIX - também, p. 300, n2 236, Cap. XXII). Têm-se, assim, os seguintes significados:

- Mediunizar: atuar no médium e por ele comunicar-se ou propiciar outros tipos de manifestação.
- Mediunização: ato e efeito de mediunizar.

Na mediunização de 1º grau, em que o transe é mais superficial — embora às vezes, em certos momentos, possa tornar-se um pouco mais profundo o médium acompanha a manifestação em estado consciente, guardando, pois, lembrança do ocorrido.⁽¹³⁾

⁽¹³⁾ ERASTO e Timóteo, discípulos próximos de Paulo, sempre operaram juntos na era apostólica do Cristianismo, prosseguindo, depois, incansavelmente, na implantação e desenvolvimento do Espiritismo. Suas mensagens constantes, em *O Livro dos Médiuns* constituem lições das mais notáveis sobre a mediunidade. (De ERASTO, inclusive, é o conceito que se tornou notório entre os espíritas: “Melhor é repelir dez verdades do que admitir uma única falsidade, uma só teoria errônea.” (Cap. XX, item 230). Interessante observar que a descrição do que ocorre durante a mediunização psicofônica varia com o tipo de sensibilidade do médium, a ditar o grau de seu desprendimento. Alguns percebem-se como instrumentos vocais diretos do Espírito; outros, registrando a presença espiritual, ouvem a comunicação “como se estivessem atrás de uma porta”, e assim por diante.

O processo, de acordo com as possibilidades do médium, pode desenvolver-se mais, chegando à mediunização de 2º grau, caracterizado pela ocorrência de um transe semiprofundo, que, às vezes, pode, também, tornar-se, momentaneamente profundo. Nesse tipo de mediunização, o médium permanece semiconsciente, guardando, depois, lembranças fragmentárias do sucedido.

Nesse caso, com o desprendimento maior do médium, verifica-se uma ligação mais acentuada entre os perispíritos, possibilitando uma atuação mais intensa do Espírito sobre o sistema nervoso de seu medianeiro.⁽¹⁴⁾

⁽¹⁴⁾ Vale lembrar, a propósito, que, devido a essa interação entre os dois psiquismos, principalmente na mediunização de 1º grau, em que essa interação é menor, o médium pode influenciar, ainda que sutilmente, o psiquismo do comunicante, como, por exemplo, intuí-lo no sentido de aceitar melhor as ponderações do dialogador, ou, ao contrário, de criar resistências ao diálogo.

Em um nível de mediunização mais profunda, de 3º grau, o desprendimento perispirítico é bem mais acentuado, ocorrendo um verdadeiro acoplamento entre o perispírito do médium e o do comunicante.

O médium, nesse caso, mostra-se, quase sempre, inconsciente, não guardando lembrança do ocorrido.

Nesse tipo de mediunização, de 3º grau, a influência do comunicante é mais acentuada. Ligando-se mais à mente, aos centros perispiríticos coronário e cerebral e, por via desses, ao sistema nervoso do médium, o Espírito em regime de interpenetração psíquica, ao mesmo tempo em que se reintegra nas sensações físicas, expressa mais facilmente suas emoções, suas ideias, com o uso, sempre, dos recursos mentais do médium.

MEDIUNIZAÇÃO

DE 1º GRAU	MÉDIUM CONSCIENTE (Transe superficial)
DE 2º GRAU	MÉDIUM SEMICONSCIENTE (Transe semiprofundo)
DE 3º GRAU	MÉDIUM INCONSCIENTE (Transe profundo)

E não é raro que, nesse processo, ocorram, também, com a psicofonia, manifestações motoras as mais diversas.

Devido a esse acoplamento perispirítico, é comum os videntes captarem, durante a manifestação, ora o semblante do Espírito, ora o do médium, dando a impressão de que o comunicante “entrou no corpo” deste.

Daí o designar-se o processo, erroneamente, como “incorporação”, quando, na verdade, o que se verifica é a transitória interação perispirítica e psíquica, entre comunicante e médium.⁽¹⁵⁾

⁽¹⁵⁾ Do latim incorporare, o vocábulo incorporação, vem sendo usado com o significado de “tomar o corpo de outro”. Ocorre que o Espírito, na manifestação, não toma o corpo do médium, propriamente, pois que, embora as eventuais expressões motoras, a ligação que se estabelece, como assinalado, é mais de caráter psíquico. Observe-se, a propósito, que KARDEC não empregou esse termo.

*

No fenômeno psicofônico, impõe-se levar em conta as complexidades envolvidas, entre as quais, as dificuldades naturais que os Espíritos encontram em comunicar suas ideias, dada a realidade de que cada mente é um universo próprio, a refletir um pretérito milenar de experiências e aquisições.

George Vale OWEN transcreve, a propósito, algumas importantes observações do Espírito Kathleen, a respeito:

“Vemos, algumas vezes, quando lemos as mensagens que lhe foram dadas, que não estava traduzido perfeitamente o nosso pensamento; muito do que queríamos dizer, nelas não se acha, e outras vezes, se encontram menos coisas do que tínhamos em mente comunicar. É a consequência natural do véu espesso que separa ambas as esferas, aquela donde falamos e aquela em que o receptor vive.”

*São tão diversas as atmosferas das duas esferas que, passando de uma para a outra, há sempre diminuição de velocidade. É essa diminuição é tão violenta e acentuada, que se produz um abalo na corrente dos nossos pensamentos. (...)
É essa uma das muitas dificuldades que se nos deparam.*"⁽¹⁶⁾

⁽¹⁶⁾ OWEN, G. Vale. A Vida Além do Véu. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1990, p. 37. Trad. Carlos Imbassahy.

Como a comunicação mediúnica é um processo que se desenvolve em duas dimensões, simultaneamente, compreende-se que diversos fatores podem interferir, em prejuízo de sua autenticidade, entre os quais,

(1) a resistência e a desconfiança do médium, que pode prejudicar a sintonia, fundamental na mediunização; (2) a interferência de Espíritos menos esclarecidos, perturbando a operação mediúnica;⁽¹⁷⁾

⁽¹⁷⁾ V. 2- Parte, Cap. III, Ocorrências Negativas.

(3) a própria interferência do médium, misturando suas ideias com as do comunicante e, até, (4) adiantando-se à comunicação, ao registrar os primeiros pensamentos do Espírito. Elucida Deolindo AMORIM, Espírito, a propósito que “a mente do médium como um todo pode disparar e adiantar-se, ante nosso toque, passando a desenvolver sozinha uma série de ideias, deixando-nos à sorrelfa.”⁽¹⁸⁾

⁽¹⁸⁾ SOUZA, Élzio Ferreira. Espírito DEOLINDO AMORIM. Espiritismo em Movimento. Salvador (BA): CÍRCULOS, 1999, p. 10. Conf. ALMEIDA, Waldemir

Não sem razão, pois, observam os Espíritos que dificilmente se encontra um filtro mediúnico capaz de transmitir sua mensagem com inteira fidelidade.

De fato, dada a atual condição humana, está sempre presente a possibilidade da interferência do médium, notadamente de caráter emocional, alterando a mensagem do Espírito comunicante.

Importante, pois, a educação do mediano para que, disciplinado, não se torne, desnecessariamente, mais um fator de preocupação aos Espíritos condutores do processo, que tão abnegadamente operam para o bom êxito da comunicação.⁽¹⁹⁾

⁽¹⁹⁾ Fenômeno que ainda nos surge de difícil compreensão é o que se pode designar como transdução mediúnica e que, de uma maneira mais direta, ocorre no fenômeno psicofônico.

Refere-se à capacidade do médium de expressar, com suas palavras, o pensamento do Espírito, que, às vezes, até desconhece a língua do médium.

Entende-se, assim, a dificuldade que, muitas vezes, encontram os Espíritos Superiores em suas comunicações e a preocupação em encontrar instrumentos capazes de expressar seu pensamento com mais fidelidade. Daí, justamente, o cuidado que deve ter o médium com o seu aperfeiçoamento.

De se observar que mesmo na xenoglossia, em que o Espírito, graças aos recursos mnemônicos do médium, fruto de suas experiências passadas, pode comunicar-se em outra língua, não deixa de ocorrer o fenômeno de transdução mediúnica.

IX- PSICOGRAFIA

É a faculdade mediúnica que possibilita a manifestação do Espírito por meio da escrita. Renomados escritores que iluminaram e iluminam a literatura mundial, continuam produzindo suas obras pelo meio psicográfico. Pode ela ocorrer de forma semimecânica ou mecânica.

PSICOGRAFIA

SEMIMECÂNICA

MECÂNICA

ORDINÁRIA

XENOGLÓSSICA

(Xenopsicografia)

NORMAL

ESPECULAR

Na psicografia semimecânica, o médium, manualmente, acompanha as comunicações em estado consciente.

O comunicante, influenciando o cérebro do medianeiro, usa sua mão para se manifestar, enquanto este acompanha o processo em estado consciente, registrando, concomitantemente, o teor do que vai sendo escrito, além, naturalmente, das próprias vibrações do Espírito, a refletirem seu estado e condição.

Interessante anotar, que embora possa perceber o pensamento do Espírito, durante a comunicação, se esta for interrompida, como observou H. MIRANDA, “o médium não sabe o que virá a seguir”,⁽¹⁾ o que mostra que sua participação diz, sobretudo, com a cessão de seus recursos motores para a produção da escrita.

⁽¹⁾ Miranda, Hermínio C. Diversidade dos Carismas. 2. ed. Niterói (RJ): LACHÂTRE, 1994, p. 69.

Na mediunização psicográfica mecânica, o médium permanece, quase sempre, consciente. Levemente desprendido, acompanha o processo quase como um espectador, embora veja sua mão escrevendo, muitas vezes com rapidez, sentindo-a como que entorpecida.

Durante o processo, principalmente na psicografia mecânica, não é incomum o médium, estando consciente, comunicar-se com outras pessoas, ou com o próprio autor espiritual, enquanto sua mão escreve.

Também, ainda que raramente, o médium pode ser mediunizado por dois Espíritos, que, usando as suas mãos, transmitem, simultaneamente, mensagens diferentes.

O notável médium português, Fernando de LACERDA, que escrevia mediunicamente com ambas as mãos, em prosa e verso, conversava com os amigos enquanto era acionado pelos escritores clássicos portugueses. “Às vezes, despachava com a mão direita papéis da repartição em que trabalhava, enquanto psicografava com a esquerda, páginas de Alexandre HERCULANO, Eça de QUEIRÓS, CAMILO, etc. O mesmo acontecia com MIRABELLI que, também conversando, psicografava com as duas mãos, teses científicas ou filosóficas, em línguas diferentes” (xenografia).⁽²⁾

⁽²⁾ “Primeira entrevista de Yvonne Pereira”. Revista Internacional do Espiritismo. Matão (SP), nº 2, Maio de 1972. Conf. Fidelidade Espírita, Campinas, nº 38, Nov. 2005, p. 13.

Tais fatos mostram a autonomia do médium em relação ao comunicante, embora a atuação deste sobre o sistema nervoso do mediano aconteça com o aproveitamento, também, de seus arquivos mnemônicos, de vez que o Espírito só pode expressar-se, falando ou escrevendo, com apoio nos recursos intelectuais, vocabulares e gramaticais disponibilizados pela mente do médium, produto de aprendizagens atuais ou pretéritas.

Mas se o vocabulário do médium serve de instrumento ao Espírito, o conteúdo e, seguidamente, o estilo, é deste, de sorte que, por vezes, o texto psicografado pode até contrariar frontalmente o modo de pensar do intermediário, que valoriza, sobretudo, em autenticidade, tanto a mensagem, quanto o processo.⁽³⁾

⁽³⁾ Tal fato aponta para a responsabilidade do médium, pois como observa Yvonne PEREIRA, quando se trata de uma pessoa muito intelectualizada, preconceituosa, e com ideias muito pessoais sobre certos assuntos, poderá, como ocorre também numa psicofonia, influir e prejudicar a comunicação. Daí “para que a palavra dos Espíritos chegue pura e de boa qualidade, a necessidade do médium moralizar-se, elevar-se espiritualmente, fazer-se humilde, reconhecer as próprias fraquezas e jamais se considerar excelente ou indispensável, além do dever de exercer o bem em toda parte.” (Idem)

Léon DENIS (1846-1927), a propósito, cita algumas experiências narradas pelo famoso médium inglês, William Stainton MOSES (1839-1892):

“O reverendo Stainton MOSES, pastor da Igreja Anglicana, erudito e venerado pensador, muito imbuído dos dogmas da teologia protestante, veio a tornar-se médium escrevente mecânico. Em sua obra “Ensinos Espiritualistas” (ed. Leymarie), expõe ele o estado de espírito em que acolhia as comunicações do mundo invisível. As ideias, para ele novas, que continham os ditados, provocavam-lhe protestos, e só depois de muitas lutas interiores foi que acabou por adotá-las como mais conformes com a justiça e a bondade de Deus. Empregou sempre o máximo cuidado em evitar que seus próprios pensamentos exercessem qualquer influência sobre os assuntos tratados, ao ponto de pôr-se a ler, no próprio texto, obras gregas, enquanto sua mão obedecia ao impulso estranho. Havia entre ele e seus instrutores espirituais, conhecidos sob os nomes de Imperator, Rector e Prudens, tal divergência de opiniões, que é verdadeiramente impossível atribuir essas personalidades distintas a desdobramentos inconscientes do médium. Stainton MOSES afirma que esses Espíritos muitas vezes lhe revelavam fatos absolutamente desconhecidos de todas as pessoas que tomavam parte mis sessões, fatos ulteriormente reconhecidos verdadeiros.”⁽⁴⁾

⁽⁴⁾ DENIS, Léon. No Invisível. 15. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, p. 234.

Em se tratando, aliás, de autenticidade da comunicação psicográfica, ocorrências outras servem à sua definitiva comprovação, entre elas, caligrafia, estilo próprio e a assinatura do Espírito comunicante, às vezes, inclusive, certificada em laudo grafoscópico firmado por perito oficial.⁽⁵⁾

⁽⁵⁾ PARANDRÉA, Carlos Augusto. A Psicografia à Luz da Grafoscopia. S.Paulo: FE, 1991, pp. 36 e segs.

Nesse sentido, merecem, também, destaque as mensagens conjugadas (ou complementares, segundo FLOURNOY),⁽⁶⁾ também denominadas “mensagens cruzadas”,⁽⁷⁾ processo de

comunicação em que o Espírito comunica sua mensagem, por partes e por vários médiuns, situados em lugares diferentes, em dias também diferentes, de modo que, para se compreender o texto integral comunicado, impõe-se juntar as partes psicografadas pelos dois médiuns, em regime de continuidade e com o mesmo estilo.

(6) BOZZANO, Ernesto. *Metapsíquica Humana*. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1980, p. 204. Trad. Araújo Franco.

(7) As “mensagens conjugadas” são conhecidas entre os investigadores ingleses como *cross correspondence* (correspondência cruzada).

O processo de recepção de mensagens conjugadas — que inegavelmente se alinham entre os mais valiosos elementos de prova da realidade da psicografia — foi especialmente notado, a partir de 1901, quando importantes membros, já desencarnados, da Sociedade de Investigações Psíquicas de Londres (Society for Psychical Research) - a começar por Frederic William Henry MYERS (1843 - 1901), um de seus fundadores e iniciador desse tipo de comunicação -, passaram a transmitir suas mensagens conjugadas por médiuns psicógrafos localizados em países diferentes (Leonore PIPER, dos EUA; Alice FLEMING e sua filha Helen, na Índia; Sra. WILLET, na Inglaterra). Essas mensagens só tinham sentido quando reunidas, formando um texto único. As comunicações prolongaram-se até 1932, aproximadamente, formando um extraordinário acervo e marcando o final da fase áurea da SPR.

Modernamente, os trabalhos mais importantes creditam-se ao Espírito ANDRÉ LUIZ, que em 1958, chegou a psicografar, por Francisco Cândido XAVIER (então, em Pedro Leopoldo, MG) e Waldo VIEIRA (residente em Uberaba), em rigorosas sequências, os capítulos que integram a famosa obra *Evolução em Dois Mundos* (1958). O mesmo processo foi adotado pelo citado Autor, na confecção de seu memorável trabalho *Mecanismos da Mediunidade* (1959), estando, já, Francisco C. XAVIER em Uberaba. Nesse caso, um médium recebia um capítulo num dia da semana, e o outro, em dia diferente.

O exame dessas obras revela - fato notável (!) — que não só a linguagem é igual, como o próprio estilo, o que mostra o extraordinário esforço empregado pelo Autor espiritual, tendo de operar com médiuns e bagagens espirituais diferentes, ajudando a construir certeza em relação ao fenômeno mediúnico.

Nessa linha, merece, também, destaque, o processo de comprovação mediúnica, por meio das mensagens repetidas, em que uma mesma mensagem é transmitida em seu inteiro teor, por meio de diversos médiuns, situados em locais diferentes. Conhecido entre os investigadores americanos como “cross-reference”, ou, ainda, “spiritual telegraphy”, constitui uma variante do processo de recepção de mensagens conjugadas.

Consta que o primeiro registro dessa ocorrência aconteceu em fevereiro de 1850 (antes, pois, da publicação de *O Livro dos Espíritos*), por sugestão de Benjamim FRANKLIN, já Espírito, que psicografou a mesma mensagem em diversos locais diferentes. Seguiu-se, a partir daí, uma série de comunicações, por médiuns diferentes, localizados em cidades distantes entre si, como Nova York e Filadélfia, Baltimore e Pittsburgh, atraindo a atenção de renomados cientistas, entre eles, o famoso Professor Robert HARE, da Universidade de Pensilvânia, que acompanhou de perto esse extraordinário fenômeno.

*

Digno de menção é o fato de que podem comunicar-se mediunicamente, tanto Espíritos desencarnados, quanto encarnados, em estado de desdobramento, enquanto o corpo físico se encontra em repouso, nas horas de sono noturno, ou não.

São vários os casos que se registram a respeito; alguns, emocionantes, como o que ocorria, por exemplo, com o extraordinário benfeitor, Dr. Guilherme Taylor MARCH (1838-1922), médico homeopata de Teresópolis (RJ), que, no leito, doente, com idade avançada, manifesta-se no Centro Espírita, atendendo a centenas de necessitados, dando consultes que vinham com sua assinatura autêntica!

Outro fato a destacar é que, por vezes, o médium psicógrafo é, também, vidente e audiente, podendo acompanhar, com a visão e a audição espirituais - ou só com a primeira -, as narrativas do Espírito comunicante, como, por exemplo, acontecia com o médium Francisco Cândido XAVIER, quando recebia as obras do Espírito Emma- NUEL, relatando episódios ocorridos na Roma antiga.⁽⁸⁾

⁽⁸⁾ V. Paulo e Estêvão, Há Dois Mil Anos, Cinquenta Anos Depois, edições FEB, Rio de Janeiro.

Durante o processo, o médium acompanhava as narrativas vendo as cenas que eram descritas, transmitidas mentalmente pelo Autor espiritual.

*

Tanto o processo psicográfico semimecânico, como o mecânico, podem desenvolver-se de forma ordinária ou xenoglóssica.

Na psicografia ordinária, o comunicante emprega a linguagem corrente, atual, de uso corriqueiro pelo médium e assistentes.

Na psicografia xenoglóssica ou xenopsicografia, o comunicante se expressa em língua estranha ao médium e aos circunstantes, muitas vezes, até, já desaparecidas.

Trata-se de um fenômeno singular e particularmente importante, a atestar, de maneira incontestável, a realidade mediúnica.

Como ocorre com a xenopsicofonia, a xenopsicografia é conhecida desde a Antiguidade e não são poucos os relatos históricos a seu respeito.

Com o avanço da investigação psíquica firmou-se, com o acúmulo de proveis, a certeza de sua realidade.

Allan KARDEC, (1804 - 1869), estudando o fenômeno, catalogou os médiuns que falavam ou escreviam em línguas que lhes eram desconhecidas, como médiuns políglotas.⁽⁹⁾

⁽⁹⁾ V. KARDEC, Allan. O Livro dos Médiuns. (Orig. Le Livre des Médiuns, Paris, 1861). 61. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995, p. 235, item 191, Cap. XVI. Trad. Guillon Ribeiro.

O termo xenoglossia (Do gr. xeno, estrangeiro; glossa, língua) foi introduzido por Charles RICHET (1850-1935).

Nessa mesma época, Jean Martin CHARCOT (1867- 1936), fundador da famosa escola de Salpêtrière, desenvolvia experiências, surpreendendo seus assistentes com inquestionáveis comprovações da mediunidade xenoglóssica (ainda que persistisse em designar como “histéricas” - como era comum em certos meios - as médiuns que o serviam, embora já conhecidos os memoráveis trabalhos de KARDEC e RICHET...).

Uma das experiências de CHARCOT, a retratar bem esse tempo, foi protagonizada pela médium Aline, internada para tratamento, como, aliás, ocorreu com tantos outros médiuns nesse tempo.

Depois de apresentá-la aos professores assistentes, convidou-os a participar da experiência: “Vamos evocar Espíritos”, — disse. “Busquemos na história da Humanidade os mais luminosos e perguntemos-lhes sobre as obras que produziram, o trabalho que tentaram sem êxito e a obra que projetaram deixando-a interrompida com seu desaparecimento”.

Laborde, professor de Sociologia, pede a palavra e depois de cinco minutos de meditação, diz: “Evoquemos o Espírito de Galeno, perguntando-lhe que observação importante, fez, depois da primeira dissecação”.

Pela médium, respondeu Galeno: “O corpo humano não chegou à sua perfeita conformação. Os sistemas de circulação e inervação estão bastante unidos e relacionados na obra da economia, méis o sistema linfático sofrerá uma evolução de grande proveito, sobretudo, para a longevidade da raça humana. Em alguns animais inferiores de vida bem longa, já se poderia realizar experiências comprobatórias dessa afirmação”.

Toda essa luminosa comunicação de Galeno foi escrita por Aline na lousa, em caracteres gregos e no idioma antigo, do tempo do pai da Medicina!

Segundo, um dos assistentes, Federico VIVES, diante das fortes impressões causadas nos presentes, recomendou CHARCOT: “Senhores, não pretendais avançar a vossa época; não busqueis raciocínio algum que produza a explicação clara e verdadeira de nossas experiências. Contentem-se com a observação experimental que acabais de presenciar. (...) Contudo, estudai-as... (...) Ide com passo firme, ânimo infatigável, e trabalhai com entusiasmo para que chegueis à solução destes belíssimos problemas”.⁽¹⁰⁾

⁽¹⁰⁾ GOMEZ, Quintín López. Dicionário de Metapsíquica y Espiritismo. Barcelona (Espanha): CASA EDITORIAL MAUCCI, pp. 436 e 437 - Xenoglossia.

Casos extraordinários passaram a atrair, cada vez mais, a atenção de importantes pesquisadores. A atuação do Espírito Patience WORTH, que viveu no séc. XVII, na Inglaterra, tendo sido morta pelos índios, na América, é um deles. Por meio da médium Sra. John H. CURRAN, de St. Louis (EUA), de instrução elementar, produziu, por meio da psicografia mecânica, um poema idílico de 70.000 palavras, intitulado Telka, em perfeito inglês arcaico, completamente em desuso.

RICHET relatou ocorrências xenoglóssicas protagonizadas por vários médiuns famosos, entre eles, o inglês William EGLINTON (1858-1933), que psicografava em alemão, espanhol, grego e francês, sem conhecer essas línguas.

Cita o cientista, a propósito, raras ocorrências de escrita que aconteciam por intermédio da célebre médium francesa, Mme. Elisabeth D'Espérance, ou melhor, Elisabeth Hope (1849-1918), nas materializações da bela Népentès. O Espírito materializado escrevia em grego clássico, completamente desconhecido da médium!⁽¹¹⁾

⁽¹¹⁾ RICHET, Charles — *Traité de Métapsychique*, pp. 226 e 227, Cap. III.

Obviamente, tal fenômeno não se caracteriza, propriamente, como psicografia xenoglóssica, mas, sem dúvida, serve à demonstração da extraordinária riqueza do fenômeno mediúnico. Com o desenvolvimento das pesquisas psíquicas e do Espiritismo, os fenômenos xenoglóssicos tornaram-se cada vez mais conhecidos, multiplicando-se os médiuns que facultam sua ocorrência.

*

No Brasil, destacam-se médiuns famosos como Cármine MIRABELLI (1889-1951), Francisco Cândido XAVIER (1910-2002), Divaldo Pereira FRANCO (1927), e outros, servindo a notáveis demonstrações xenoglóssicas.

Com MIRABELLI, era comum ocorrer, como, às vezes, com outros médiuns, a mediunização múltipla, tanto ordinária, como xenoglóssica.

Na noite de 4 de novembro de 1928, por exemplo, na residência de seu amigo Bernardo PRUZE, no Brooklin Paulista, manifestou-se o Espírito CARDEAL RAMPOLLA, que falou em italiano, durante todo o tempo em que o médium, concomitantemente, escrevia uma linda mensagem, em caligrafia gótica alemã, que foi assinada por Ricardo WAGNER.⁽¹²⁾ O médium, aliás, psicografava em 28 idiomas, incluindo o chinês, árabe, persa, japonês, caldeu e o russo. Em transe psicofônico, expressava-se em 26 línguas.

(12) PALHANO JR., L. Mirabelli: Um Médium Extraordinário. Rio de Janeiro: CELD, 1994, p. 74.

*

Tanto na psicografia semimecânica, como na mecânica, ordinária ou xenoglóssica, o Espírito comunicante pode expressar-se de forma normal, ou seja, de modo que sua mensagem pode ser lida diretamente, como ocorre com qualquer texto, ou em forma especular, em que o texto é psicografado em sentido inverso ao grafismo normal da língua e cuja leitura requisita um espelho.

Um dos primeiros casos documentados de psicografia especular foi no século XIX. Consta dos Proceedings da Society for Psychological Research (SPR), e foi relatado por Frederic W. H. MYERS:

“A viúva de um clérigo punha, absolutamente, em dúvida, a escrita automática: ‘Pegasse eu num lápis’ — dizia ela — ‘até a consumação dos séculos, e minha mão só escreveria o que eu quisesse.’ Não tardou, entretanto, a entrar-lhe a mão em movimento, enquanto ela desafiava o Espírito a escrever o nome e troçava da sua incapacidade em tal sentido. Era um tanto ilógico, pois a mão lhe era já vencida pelo movimento, apesar dos esforços que fazia por imobilizá-la. E rabiscava, contra a vontade, linhas incoerentes, que uma resistência intencional desfigurava por completo. Abandonou por fim o lápis, cantando vitória. Eis aqui, porém, o ardil; lembrou-se uma das pessoas presentes de colocar o papel em frente a um espelho, e todos puderam ler: - “Unkind! My name is Norman.” (Mau! Meu nome é Norman). É evidente que a vontade hostil do sensitivo teria impedido esse rascunho, se a formação dos caracteres no sentido normal tivesse podido ser acompanhada pela vista.”⁽¹³⁾

(13) Cf. DENIS, Léon. No Invisível. 15. ed. Rio de Janeiro: FEB, p. 246.

A psicografia especular não é de ocorrência comum, embora, no Brasil, alguns médiuns, entre eles, Francisco Cândido XAVIER e Divaldo Pereira FRANCO, têm servido a esse delicado e complexo tipo de manifestação, inclusive no padrão xenoglóssico, em que a língua expressa é desconhecida do médium!

Evidentemente, a psicografia especular xenoglóssica é um fenômeno mais raro, ainda, a exigir avançada aptidão mediúnica, constituindo, ao lado de outras provas, valiosa demonstração da sobrevivência e da interexistência.

Semelhante à psicografia especular, outro fenômeno a merecer atenção é a psicografia em sentido inverso, igualmente raro, ainda, que a escrita especular. Nesse tipo de ocorrência, as

palavras são escritas a partir da última letra, terminando na primeira. Assim, a leitura dispensa o espelho, mais exige muita atenção porque, como visto, a frase é escrita às avessas.

**

O Processo Psicográfico

O processo psicográfico, em suas linhas gerais, guarda semelhança com o processo psicofônico, tendo como nota diferencial a ação especial dos Espíritos sobre os centros motores, enquanto na psicofonia, o cuidado maior, é com o centro e os órgãos da fala.⁽¹⁴⁾

⁽¹⁴⁾ A psicografia, a psicofonia, a psicopictura, a psicomúsica e a psicocirurgia podem ser tidas como aptidões mediúnicas psicomotoras, uma vez que envolvem, no processo de mediunização, não só os psiquismos, propriamente, do Espírito e do médium, como os recursos motores deste.
V. Cap. XII - Aspectos Neurofisiológicos do Processo Mediúnico.

Importante anotar que, em ambos os casos, o processo da mediunização não se restringe ao momento de sua ocorrência. Na verdade, bem antes da manifestação mediúnica, propriamente, já pode ocorrer o serviço espiritual de preparação do médium, como noticia ANDRÉ Luiz, por intermédio de F. C. XAVIER, descrevendo a informação que lhe transmitia o orientador dos trabalhos (Alexandre):

“A operação da mensagem não é nada simples, embora os trabalhadores encarnados não tenham consciência de seu mecanismo intrínseco. (...) Muito antes da reunião que se efetua, o servidor já foi objeto de nossa atenção especial, para que os pensamentos grosseiros não lhe pesem no campo íntimo. Foi convenientemente ambientado e, ao sentar-se aqui, foi assistido por vários operadores de nosso plano. Antes de tudo, as células nervosas receberam novo coeficiente magnético, para que não haja perdas lamentáveis do tigróide, (corpúsculos de Nissl), necessário aos processos da inteligência. O sistema nervoso simpático, mormente o campo autônomo do coração, recebeu auxílios enérgicos e o sistema nervoso central foi convenientemente atendido, para que não se comprometa a saúde do trabalhador de boa vontade. O vago foi defendido por nossa influência contra qualquer choque das vísceras. As glândulas supra renais receberam acréscimo de energia, para que se verifique acelerada produção de adrenalina, de que precisamos para atender ao dispêndio eventual das reservas nervosas.”⁽¹⁵⁾

⁽¹⁵⁾ XAVIER, C. Francisco. Espírito ANDRÉ LUIZ. Missionários da Luz. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB, pp. 16 e 17.

A preparação pré-mediúnica, como se sabe, abrange o próprio estado psicológico do médium, no dia dos trabalhos e, até, antes, requisitando dos Benfeitores Espirituais não poucos esforços no sentido de harmonizar a mente do mediano, empenhando-se, até, muitas vezes, não só no afastamento de Espíritos perturbadores, como, também, na solução de problemas que soem ocorrer no ninho doméstico.

Fácil perceber que todos esses cuidados responsabilizam o médium, em relação aos compromissos assumidos perante a Espiritualidade Superior.

Instalado o trabalho mediúnico, redobram, como visto, os cuidados dos Espíritos para que o médium permaneça apto e equilibrado, na intermediação dos comunicantes. Todos os

recursos são mobilizados para a sua segurança e para o bom êxito do cometimento mediúnico.

Casos há, inclusive, como informa o citado Autor, em que se estabelece uma faixa fluídica de segurança, entre o médium e seu condutor espiritual, de sorte que só os Espíritos destinados à comunicação podem nela penetrar para, a seguir, tomar o braço do mediano para a psicografia, depois de influenciados os centros corticais.⁽¹⁶⁾

⁽¹⁶⁾ V. XAVIER, f. Cândido. Espírito ANDRÉ LUIZ. Nos Domínios da Mediunidade, p. 154, Cap. 16.

Por último, uma referência ao processo que se pode denominar psicodigitação ou psicografia digital, em que o Espírito, por meio do médium, transmite sua mensagem utilizando as teclas de um computador.

São, ainda, muito raras, as notícias a respeito, mas, com os avanços tecnológicos que marcam nosso tempo, nada impede que isso ocorra, se o comunicante e o médium forem conhecedores da respectiva técnica.⁽¹⁷⁾

⁽¹⁷⁾ Segundo Marlene NOBRE, o médium e expositor Élzio Ferreira de Souza recebeu seus livros e mensagens por esse meio. (V. NOBRE, Marlene. O Dom da Mediunidade. São Paulo: FE, 2007, p. 131)

Segundo Lamartine PALHANO JR., MIRABELLI, às vezes, mediunizado, datilografava as mensagens que recebia. Narra o autor interessante episódio protagonizado pelo médium:

“O Sr. Oscar de Oliveira Borges procurou Mirabelli para que este lhe desse um conselho sobre determinada carta que havia remetido a Nova York. O médium, atendendo, transportou-se, em espírito, àquela cidade americana, descreveu ao interessado o andamento dos negócios e revelou os passos dados nesse sentido, naquela cidade, alguns dias após a remessa da carta. Numa reunião posterior, diurna, na residência do Sr. Oscar, na presença de Mirabelli e de outras pessoas, chegou, pelo correio, a resposta esperada. A carta estava escrita em inglês e o Sr. Oscar disse que precisava pagar a um tradutor, para conseguir a versão do texto em português. Mirabelli, naquele mesmo instante, passou a um transe mediúnico e houve a incorporação de uma entidade espiritual. A carta permaneceu nas mãos do Sr. Oscar, enquanto o médium, em transe, numa máquina de datilografia, em poucos minutos, traduziu-a, corretamente, para o português, francês, italiano, alemão e hebraico. A carta resposta não diferia, em uma vírgula sequer, da comunicação obtida por Mirabelli.”⁽¹⁸⁾

⁽¹⁸⁾ PALHANO JR., L. Mirabelli: Um Médium Extraordinário, pp. 183 a 187.

Se ontem os recursos datilográficos podiam servir à comunicação dos Espíritos, nada mais natural, hoje, que o computador seja usado para tal fim.

E não só o computador. Francisco Cândido XAVIER, como sabido, chegava a grafar em Braille (sistema de escrita para cegos, com pontos de relevo que são produzidos com um aparelho próprio para isso).⁽¹⁹⁾

⁽¹⁹⁾ V. LOUREIRO, Carlos Bernardo. A Mediunidade Segundo o Espiritismo. São Paulo: Mnêmio Tulio, 1996, p. 19.

Indubitavelmente, fenômenos como esses, e numerosos outros, servem à decisiva comprovação da realidade interexistencial do ser humano.

X- PSICOPICTURA

A psicopictura é a aptidão mediúnica que faculta a produção de pinturas e desenhos.⁽¹⁾

(1) 1. A psicopictura tem recebido várias designações: psicopintura, pictografia, pintografia.

Essa faculdade também foi estudada por KARDEC, que classificou seus detentores como médiuns pintores ou desenhistas (“os que pintam ou desenharam sob a influência dos Espíritos”)⁽²⁾

(2) V. KARDEC, Allan. O Livro dos Médiuns, p. 234, Cap. XVI.

A psicopictura pode ocorrer, como a psicografia, de forma semimecânica ou mecânica, sendo esta a mais comum, principalmente, quando se desenvolve no escuro. E não é incomum que o médium que se dedica à psicopictura seja, também, portador de outras faculdades mediúnicas.

Como as demais faculdades, a psicopictura tem sido detectada ao longo da história da Humanidade, embora só tenha, realmente, chamado a atenção dos pesquisadores a partir do séc. XIX, quando vários médiuns famosos propiciaram manifestações desse tipo.

Madame D'ESPERANCE esboçava, no escuro, em transe, as figuras dos Espíritos que via.

Helen SMITH pintava com os dedos, em transe, retratos de personagens bíblicos.

John Ballou NEWBROUGH, de Oshespe, podia desenhar no escuro, com ambas as mãos ao mesmo tempo.

Susannah HARVIS, com os olhos vendados, executava sobre uma plataforma, em duas horas, uma pintura completa, invertida!

Uma das características da psicopictura é a velocidade com que são produzidos os quadros, independentemente do conhecimento que o médium possa ter sobre a arte de pintar, que, na maioria das vezes, nem existe.

Heinrich NUSSLEIN, alemão, pintava quadros em completa escuridão, em três ou quatro minutos, chegando a produzir duas mil pinturas num ano, ostentando consideráveis méritos artísticos.

O polonês Majan GRUZEWSKI, em transe, à luz do dia, produzia quadros reproduzindo eventos históricos, retratos de pessoas falecidas, que não conheceu, e cenas do mundo espiritual.

Médiuns outros, de vários países, tornaram-se conhecidos por suas extraordinárias produções psicopictóricas, inclusive, pintores respeitáveis como Ferdinand Desmoulin e Hugo D'Alési, que também pintavam mecanicamente.

Desmoulin, que pintava, também, um retrato ao inverso, empregava dez a vinte minutos para pintar um quadro, quando levava de cinco a seis dias para compor um dos de sua autoria.⁽³⁾

(3) Cf. DENIS, Léon. No Invisível, pp. 247 e 248.

Todavia, é o nome de Augustin Lesage (1876-1954), humilde trabalhador mineiro em um povoado do interior da França (Saint Pierre-les-Auchel), que se destaca como um dos mais notáveis médiuns pintores, produzindo obras que foram expostas em vários Congressos Espíritas Internacionais (inclusive no de 1925, de Paris, presidido por Léon DENIS), e em

vários Salões da Europa, Argélia e Marrocos, colhendo sempre os mais calorosos elogios. Recebido na Sorbonne, foi homenageado pelas celebridades da época.⁽⁴⁾

⁽⁴⁾ “O Presidente Roosevelt interessou-se, vivamente, pela obra pro-digiosa de Lesage e teve a alegria de receber a oferta de uma tela, da qual jamais se separou”; VICTOR, Marie Christine. O Fantástico Lesage. (Orig. “Augustin Lesage, peintre médium”), S. B. do Campo (SP): CORREIO FRATERNAL. 1998, p. 103. Trad. Iracema Sapucaia.

Médium de múltiplos recursos, pintava e escrevia com a mesma rapidez, seguidamente em transe inconsciente, além de servir, às vezes, como instrumento de cura, através do passe.

No Brasil, o fenômeno é muito conhecido, multiplicando-se o número de médiuns e de produções, as quais, seguidamente, são levadas à venda, em benefício de obras sociais. Em se tratando de pintura mediúmica, cumpre lembrar a existência de um fenômeno, não menos extraordinário que a psicopictura, e que, entretanto, se enquadra no rol dos efeitos físicos: a pintura que é feita por um Espírito materializado.

Diferentemente do que ocorre na psicopictura, em que o Espírito utiliza as mãos (e, às vezes, também, os pés) do médium, para pintar (ou desenhar), nesse tipo de ocorrência, o Espírito o faz com as próprias mãos materializadas.

Embora se apresentem como fenômenos diferentes, vale citar, como ilustração, interessante episódio, protagonizado pelo Espírito UEMOTO, pintor japonês, e o médium Fábio Machado, assim registrado por Rafael Américo RANIERI:

“Havia sido pedido pelos espíritos que deixássemos papei e lápis para desenho, pois Uemoto nos prometia uma surpresa para essa noite.

Os passinhos miúdos aproximaram-se da primeira fila de cadeiras. Nós estávamos sentados na segunda fila; na primeira não se sentara ninguém. Notamos que alguém semelhante a uma criança chegava perto das cadeiras e sentava-se em minha frente. Em seguida, ouvimos o barulho ou ruído de um lápis que corria vertiginosamente sobre papel. Tivemos a ideia de que Uemoto, a cinquenta centímetros de nós, desenhava. O ruído do lápis produzia-se com certa altura e penso que todos que estavam na segunda fila de cadeiras o ouviam. Enquanto isso, nos foi determinado que se batesse a chapa fotográfica da cabina.

O Márcio preparou-se e em seguida bateu o magnésio. Toda a cabina se iluminou com a luz do magnésio durante alguns segundos e nós pudemos então ver no fundo da cabina, sentado numa cadeira, o médium Fábio, sem camisa, com o peito descoberto e os músculos relaxados. Das suas narinas saíam dois cordões grossos de uma pasta branca que lhe escorria sobre o queixo, cobrindo-o. Ele gemia alto. E então eu pude ver à minha frente, desenhando, a figura do pequeno japonês, Uemoto. Ele continuava a desenhar e o ruído do lápis continuava a se produzir. Não via as suas feições porque ele estava como eu, atrás da máquina fotográfica e sentado à minha frente, de costas para mim, mas via a sua figura perfeitamente e o movimento vertiginoso de sua mão.

Na cabina, o Fábio, que foi fotografado e cuja fotografia posteriormente revelada, foi e é a prova da sua permanência lá dentro; aqui fora, Uemoto, escrevendo, desenhando, pequeno, absolutamente diferente de todas as pessoas presentes.

Vi os dois perfeitamente: o espírito materializado, desenhando e o médium, em transe, gemendo.”⁽⁵⁾

⁽⁵⁾ RANIERI, R.A. - Materializações Luminosas. 5. ed. São Paulo: FEESP, 1995, pp. 88 a 97. (V. adiante, Materialização).

Anote-se, por fim, que, enquanto os registros referentes a esse fenômeno são cada vez mais raros, os que dizem com a psicopictura, propriamente, tendem a se tornar notadamente mais frequentes.

XI- PSICOMÚSICA

Tipo de mediunidade que faculta aos Espíritos compor e, até, executar músicas. O processo da composição musical guarda, geralmente, semelhança com a psicografia. Apenas as palavras são substituídas por notas musicais, marcadas mecanicamente, ou não, na pauta. Já a execução musical envolve uma atividade psicomotora.

Médiuns há, todavia, que captam as notas musicais por via de audição espiritual (audiência). Diversos foram os médiuns que alcançaram fama, atraindo a admiração de críticos, músicos e compositores de todo o mundo.

Jesse Francis Grierson SHEPARD (1849-1927), mediunizado por LISZT e THALBERY, tocava, quase sempre, em transe profundo, tanto no claro, como no escuro.

Como ocorre com alguns médiuns psicomusicais, Shepard mostrava outras aptidões psíquicas, entre elas, a de efeitos físicos: às vezes, a música era produzida pelo piano, estando de teclado fechado!

George AUBERT servia, com sua mediunidade, a vários compositores clássicos, entre eles, BEETHOVEN, BERLIOZ, MENDELSON, MOZART, CHOPIN, SCHUMANN, LISZT e WAGNER, sem nunca ter estudado harmonia, técnica ou improvisação.

Em 1906, AUBERT foi investigado pelo Instituto Psicológico de Paris (Institut Général Psychologique), que, depois de submetê-lo a diversos controles e experiências, reconheceu como absolutamente autênticas as comunicações que recebia.

Numa experiência, em processo de mediunização mecânica, executou um clássico enquanto lia atentamente um trabalho filosófico!

Em outra, tocou uma sonata de MOZART com os olhos vendados.

A propósito, segundo informa KARDEC, na Revue Spirite (Maio de 1859), MOZART produziu em 1859, por meio do médium Bryon DORGEVEL, um fragmento de sonata.

Tom BLIND, uma criança da Geórgia, EUA, podia tocar duas melodias no piano, ao mesmo tempo, uma com cada mão, enquanto cantava uma música de uma ária diferente! Foi um dos mais raros casos de mediunidade infantil (mediunidade psicomusical múltipla).⁽¹⁾

⁽¹⁾ C. FODOR, Nandor. Enciclopaedia..., p. 260.

Vários outros casos têm surgido no mundo, merecendo destaque, nos dias atuais, o trabalho da notável médium inglesa, Rosemary BROWN (27/7/1916 - 16/11/2001), que recebeu mais de quatrocentas peças musicais de um grupo de compositores famosos, organizado por LISZT, seu Mentor: CHOPIN, SCHUBERT, BEETHOVEN, BACH, BRAHMS, SCHUMANN, DEBUSSY, GRIEG, BERLIOZ, RACHMANINOFF e MONTEVERDI.⁽²⁾

⁽²⁾ V. BROWN, Rosemary. Contatos Musicais. Grandes Mestres Compõem do Além. (Orig. Unfinished Symphonies - Voices from the Beyond). 2. ed. São Paulo: BOA NOVA, 1991, pp. 13 e segs.

Rosemary, também médium vidente e audiente, esclarecia que, às vezes, antes de compor, o Espírito lhe transmitia o som da música; outras vezes, ditava-lhe, desde logo, as notas musicais, que ia colocando na pauta, pouco a pouco, enquanto ouvia as observações. E ocasiões havia em que, mediunizada, sentava-se ao piano e deixava que suas mãos, enrijecidas pelo trabalho doméstico, corresse hábeis pelo teclado, executando as músicas dos mestres da música clássica.

Vale registrar, a respeito, que percebendo o grande interesse que os britânicos mostravam pelo trabalho da médium, a BBC-1 de Londres chegou a convidá-la para uma série de demonstrações e o que se viu foi uma sensacional demonstração da imortalidade do Espírito: milhares de pessoas presenciaram-na recebendo, nota por nota, um concerto de BEETHOVEN! A seguir, assentou-se ao piano e executou uma sonata inteira. Depois, como se fosse dotada de prodigiosa memória, escreveu-a!

Num programa da BBC-2, escreveu um concerto de SCHUBERT, executado logo depois pelo pianista Stephen BISHOP.

Várias gravações, reportagens publicadas em diversos periódicos, inclusive, na Life — na época, a revista de maior circulação do mundo trouxeram-lhe extraordinária fama mundial, sendo requisitada pela TV europeia e comentada por todos os jornais do mundo. Para ela o que ocorria era muito simples: “apenas a prova de que os Espíritos podem se comunicar”.⁽³⁾

⁽³⁾ Cf. Anuário Espírita, Araras, (SP): IDE, 1971, p. 77.

No Brasil, há poucas notícias de médiuns dedicados à psicomúsica.

XII- DESDOBRAMENTO

O desdobramento ou bilocação é a faculdade que tem o Espírito, decorrente de uma propriedade do perispírito, de separar-se do corpo, deslocar-se e, também, tornar-se visível, guardando a forma da organização física.

Os fenômenos de desdobramento - Out-of-the-Body- Experiences - OBE, segundo a designação dos investigadores ingleses -, certificados por pesquisadores de reputação acadêmica, como Robert CROOKALL, Carlos S. ALVARADO, Charles T. TART, William DEMENT, Karlis OSIS, Robert MONROE, Silvan J. MALDOON, Geraldo MEDEIROS, Marco Antonio COUTINHO, entre outros, que, com testes próprios, alcançaram o mais pleno êxito, foram, na verdade, registrados em todas as épocas da Humanidade, passando a ser especialmente estudados a partir do século XIX.

De se lembrar que a História é farta em exemplos, a mostrarem, até mesmo, que na raiz das grandes criações encontra-se o fenômeno do desdobramento.

Inúmeros são os exemplos. Johannes KEPLER (1571-1630), desprendendo-se e transportando-se, por desdobramento, para além da Terra, e fixando um ponto determinado do espaço, encontrou os dados que lhe possibilitaram construir as três leis do movimento planetário. René DESCARTES (1596-1650), depois de três desprendimentos sucessivos, durante o sono, teve a percepção de um novo método para a organização da Filosofia e das bases da Geometria analítica que, com FERMAT, inventaria. Albert EINSTEIN (1879-1954), aos 26 anos, desdobrando-se e transportando-se para fora do contexto estelar, alcança os elementos para estruturar as suas Teorias. Carl Gustav JUNG (1875-1961), reconhecidamente um médium de diversas aptidões, descreve com minúcias uma experiência que teve durante um ataque cardíaco, e na qual, desprendendo-se, alcançou um estado de desdobramento (EQM) que lhe permitiu ver a Terra, de grande altura e com detalhes fascinantes...⁽¹⁾

⁽¹⁾ MAGRO Filho, Osvaldo. “Kepler, Jung, Einstein e Seus Desdobramentos Espirituais”. Revista Internacional do Espiritismo. Matão (SP), Dez. 1987, pp. 325 e 326.

William CROOKES, o notável físico inglês, celebrizado com as experiências de materialização realizadas com a médium Florence COOK também desenvolveu pesquisas em torno do desdobramento, sob as mais rigorosas condições científicas, como ocorreu, por exemplo, com a médium Eva DAY: colocada em uma cabine, à vista de todos os presentes, desdobrava-se, materializando-se no canto oposto da sala, chegando até a mostrar o mesmo vestido, joias, etc. Ao redor da cabine passava uma “corrente galvânica” e sua mais leve interrupção indicaria que a médium havia se movido do local, fato que, entretanto, jamais aconteceu.⁽²⁾

⁽²⁾ V. AKSAKOF, Alexandre. Animismo e Espiritismo. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1990, vol. II, Cap. IV, p. 207.

Hoje, o desdobramento surge como mais um fenômeno natural.

A documentação farta e exuberante de ocorrências desse tipo espanca qualquer dúvida, chegando, às vezes, a surpreender por sua diversidade e riqueza. BOZZANO, por exemplo, entre dezenas de casos comprovados e analisados, menciona uma experiência especialmente

marcante, vivida pelo célebre médium William Stainton MOSES (1839-1892), o qual assim a descreve:

“Enquanto era ditada a mensagem, meu espírito se achava separado do corpo, de modo que eu examinava, a distância, minha mão a escrever. A importância dos fatos é tal que precisa de uma exposição minuciosa e atenta do que se passou.

Eram duas horas e trinta minutos da tarde e me achava sozinho em meu quarto.

Repentinamente senti vontade de escrever mediunicamente, coisa que já não me sucedia há dois meses. Sentei-me à mesa e a primeira parte da mensagem foi escrita rapidamente, depois do que passei provavelmente ao estado de ‘transe’. Minha primeira recordação foi a de ter-me visto ‘em espírito’ junto do meu corpo, que vi sentado à mesa, tendo a pena entre os dedos e a mão no papel. Observando tudo com imensa estupefação, notei que o corpo físico estava unido ao corpo espiritual por um cordão fino e luminoso e que os objetos materiais pareciam ser sombras, ao passo que os espíritos presentes pareciam sólidos e reais.

*Por detrás de meu corpo material achava-se **Rector** (espírito) com uma das mãos em minha cabeça e a outra, superpondo a mão direita, empunhando a pena. A pouca distância encontrava-se **Imperator**, com alguns espíritos que há muito se comunicavam comigo e depois ainda outros espíritos que eu conheci, dispostos em círculos e observando atentamente a experiência. Do teto, ou, antes, através do teto, espalhava-se uma luminosidade infinitamente doce e, por intervalos, raios azuis dardejavam o meu corpo. Cada vez que tal se produzia, via o meu corpo fremir e sobressaltar; era um meio de saturação e revigoramento dele. Observei, além disso, que a luz do dia era diluída, que a janela parecia escurecida e que a luminosidade que permitia enxergar era de origem espiritual.*

***Imperator** explicou que eu estava assistindo a uma cena real, que me era oferecida para me instruir sobre o modo de operar dos espíritos. (...) Passado certo tempo, ordenaram-me que eu reentrasse em meu corpo e imediatamente tomasse nota de quanto havia visto. Já não me recordo do instante em que tal aconteceu, presumindo que o meu espírito tornou a passar pelo estado de ‘transe’.*

No momento em que redijo estas notas, só sinto leve dor de cabeça. Estou absolutamente certo do que aconteceu e o transcrevo lentamente, exatamente, sem o menor exagero. Posso ter omitido certos fatos, mas nada alterei, nada acrescentei.”⁽³⁾

⁽³⁾ BOZZANO, Ernesto. Fenômenos de Bilocação (Desdobramento), ed. S. Bernardo do Campo (SP): CORREIO FRATERNAL, 1990, pp. 77 e 78. Trad. Francisco Klors Werneck.

O notável pesquisador italiano refere-se, também, a uma série de experiências, hoje conhecidas como Experiências de Quase Morte - EQM (Near-Death Experiences), a comprovarem, definitivamente, não só o fenômeno de desdobramento, como a própria existência do perispírito.

Destaca, entre elas, uma interessante ocorrência registrada por RICHET, protagonizada e relatada por L. HYMANS:

“Creio ser útil narrar-vos um fenômeno que me aconteceu por duas vezes o que parece provar que a consciência pode funcionar independentemente do cérebro.

Por duas vezes, em completo estado de consciência, vi meu corpo inanimado, com a sensação de ser ele um objeto exterior a mim. Não procuro explicar como vi sem olhos; apenas atesto a ocorrência.

A primeira vez foi na cadeira de um dentista. Quando era anestesiado, tive a sensação de acordar e me sentir a flutuar no alto do aposento, de onde eu olhava, com o maior espanto, o dentista que me fazia o tratamento e, ao seu lado, o assistente encarregado da anestesia. Via meu corpo inerte e tão distintamente como todos os objetos que lá se achavam, formando tudo como que um quadro vivo. Tal coisa só durou alguns segundos. Novamente perdia consciência e despertei na cadeira com a impressão bem clara do que havia visto. A segunda vez estava em Londres, hospedado em um hotel. Acordei sofrendo algo (tenho o coração um pouco fraco) e, algum tempo após o meu despertar, tive um desfalecimento. Grande foi a minha surpresa ao encontrar-me imediatamente no alto do quarto, de onde eu via, assustado, meu corpo inerte na cama, de olhos cerrados. Tentei em vão reentrar em meu corpo e concluí que estava morto. Pus-me a pensar no que diriam os hóspedes do hotel, meus parentes e meus amigos. Perguntava-me se haveria inquérito judicial, em que iriam dar os meus negócios. Certamente, eu não havia perdido a memória, nem a consciência de mim mesmo. Via meu corpo inerte e pude observar o meu rosto, contudo não pude abandonar o quarto, sentindo-me, por assim dizer, acorrentado, imobilizado no canto em que me achava.

Após uma ou duas horas, ouvi bater à porta (fechada a chave) vezes seguidas, sem poder dar sinal de vida. Pouco depois o porteiro do hotel apareceu na sacada (munido de uma escada de salvamento). Vi-o entrar no quarto e olhar ansiosamente o meu rosto e em seguida abrir a porta. Pouco depois entraram o gerente do hotel e outras pessoas. Veio um médico, vi-o sacudir a cabeça, ao auscultar-me o coração, e depois introduzir uma colher entre os meus lábios. Senti uma perturbação e acordei na cama. Tudo isso durou pelo menos duas horas... ”⁽⁴⁾

⁽⁴⁾ BOZZANO, Ernesto. Op. cit., pp. 49 e 50.

Na atualidade, as chamadas Experiências de Quase Morte — EQM foram trazidas ao conhecimento geral, graças aos esforços e contribuições de renomados pesquisadores, destacando-se, entre eles, os nomes de Elizabeth KÜBLER-ROSS e Raymond MOODY JR., cujos trabalhos pioneiros alcançaram repercussão internacional, não só pelos resultados, como pelo rigor científico empregado. Elizabeth KÜBLER-ROSS, natural da Suíça, professora de psiquiatria na Universidade de Chicago, assistiu inúmeros casos de agonizantes, ou pré-agonizantes e realizou muitas entrevistas com pessoas que apresentaram morte clínica e foram reavivadas, impressionando-se com a uniformidade dos depoimentos, a atestarem, assim, a clara ocorrência do desdobramento espontâneo em todas as situações analisadas.

Raymond MOODY JR., doutor em medicina e filosofia, também acompanhou muitos casos de pessoas em estado aparentemente terminal, chegando às mesmas conclusões de Elizabeth KÜBLER-ROSS.⁽⁵⁾

⁽⁵⁾ Elizabeth KÜBLER-ROSS escreveu, entre outras, a obra *Death is of Vital Importance* (Station Hill Press, Nova York, 1995), em que descreve muitos dos casos que acompanhou. Raymond MOODY JR., notabilizou-se com o livro *Life After Life* (1975), prefaciado por KÜBLER-ROSS, narrando suas notáveis experiências. Ambos os autores, produziram, também, importantes trabalhos sobre a vida depois da morte.

Os trabalhos desses cientistas atraíram outros renomados pesquisadores, até mesmo o respeitado psicólogo da Universidade de Connecticut, Keneth RING, fundador da Association for Near-Death Studies (ANDS), com sede na citada Universidade.⁽⁶⁾ autores, produziram, também, importantes trabalhos sobre a vida depois da morte.

⁽⁶⁾ V. NOBRE, Marlene. Nossa Vida no Além. São Paulo: FE, 1998, pp. 13 e segs; Miranda, Hermínio C. A Reinvenção da Morte. Niterói (RJ): LACHÂTRE, 1997, pp. 99 e segs).

Em desdobramentos desse tipo, diferentes dos anteriormente examinados, variam as descrições sobre as percepções e sensações experimentadas. Muitos pacientes referem-se à sensação de mover-se através de um túnel longo e escuro, para depois se encontrarem, repentinamente fora do corpo, vendo-o com toda a clareza. Outros, veem no fundo do túnel uma luz brilhante, dando-se, então, conta de que se encontram fora do corpo físico. E outros, ainda, simplesmente, de repente, observam-se fora do corpo olhando-o de cima e acompanhando os movimentos de pessoas em torno dele, não sendo incomum visitarem, em desdobramento, outras salas do hospital, descrevendo, depois, o que presenciaram, afastando, de vez, qualquer dúvida sobre o fenômeno que protagonizaram.

Tal como acontece em outros tipos de desdobramento, este surge com o afrouxamento mais significativo dos laços perispirituais, liberando parcialmente o Espírito das teias carnis.

O resultado em relação aos que passaram pela EQM “é uma mudança radical de comportamento, em que o paciente passa a valorizar imensamente o amor e o conhecimento”, observa o Prof. Guimarães ANDRADE.⁽⁷⁾

⁽⁷⁾ Andrade, Hernani Guimarães. Uma Luz no Fim do Túnel. São Paulo: FE, 1999, p. 19, Cap. II.

*

Importante observar que embora os autores, geralmente, tenham empregado os termos “desdobramento” e “desprendimento”, para designar o mesmo fenômeno, é possível estabelecer, tecnicamente, uma certa diferença.

O desprendimento (ato de soltar-se) é fenômeno básico, aliás, em todos os processos mediúnicos ou de simples percepção do mundo espiritual, visto que esses só se viabilizam graças a certa capacidade que tem o perispírito de desamarar-se, por assim dizer, das teias físicas, tornando-se, por isso, mais sensível.

Por tratar-se, justamente, de um fenômeno natural e comum, o desprendimento insere-se no álbum de possibilidades de toda pessoa - mormente em situação de repouso ou sono.

De se lembrar, a propósito, que KARDEC, em O Livro dos Espíritos, no capítulo que dedica à “Emancipação da Alma”, destaca o ensino dos Espíritos Instrutores a respeito, mostrando que sempre que se afrouxam os laços físicos, o Espírito procura desprender-se do corpo: “O Espírito recobra a sua liberdade quando os sentidos entorpecem; ele aproveita para se emancipar, todos os instantes de descanso que o corpo lhe oferece. Desde que haja prostração das forças vitais, o Espírito se desprende, e quanto mais fraco estiver o corpo, mais o Espírito estará livre”. E, a seguir, referindo-se ao tipo de desprendimento que ocorre no estado de semiconsciência, habitual na fase de pré-sono, anota: “É assim que o cochilar, ou um simples entorpecimento dos sentidos, apresenta muitas vezes as mesmas imagens dos sonhos”.⁽⁸⁾

(8) KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos. 55. ed. São Paulo: LAKE, 1996, item 407, p. 168. Trad. J. Herculano Pires.

*

Já o desdobramento (fazer-se em dois), propriamente, implicaria um desenvolvimento do processo de desprendimento — inerente, como visto, a todo fenômeno mediúnico -, com uma emancipação maior do Espírito em relação à organização física, propiciada por condições perispiríticas especiais, e ensejando o surgimento de outra forma corporal, semelhante à do seu corpo físico {duplicação corpórea), a ocupar - ou aparentando ocupar -, também, um lugar diferente daquele em que está o corpo (bilocação).

Verifica-se, assim, que nem todo desprendimento, conforme o conceito exposto, significaria desdobramento (duplicação corpórea e bilocação).

Mas, se nem todo desprendimento resultaria em duplicação corpórea, propriamente, seria metodologicamente útil aceitá-lo, quando for o caso, como a fase inicial - e natural - do processo de desdobramento, como aventado, ainda que seguidamente, a transição entre os momentos de desprendimento e de desdobramento ocorram tão rapidamente — quase instantaneamente — que se apresenta quase imperceptível.

*

Século e meio de observações e pesquisas permitem, hoje, a construção de um quadro classificatório que abranja as manifestações conhecidas.

DESDOBRAMENTO

ESPONTÂNEO

INDUZIDO

AUTOINDUZIDO

HETEROINDUZIDO

CONSCIENTE

SEMICONSCIENTE

INCONSCIENTE

VISÍVEL

TANGÍVEL

NÃO TANGÍVEL

NÃO VISÍVEL

Como se observa, os desdobramentos podem surgir como espontâneos ou induzidos.

O desdobramento espontâneo ocorre com pessoas que, por suas particulares condições perispirituais, mostram-se normalmente sensíveis a esse delicado tipo de fenômeno — e a história registra inúmeros exemplos, desde Emmanuel SWEDENBORG e Andrew Jackson DAVIS até os nossos Eurípedes BARSANULFO, Francisco Cândido XAVIER, Yvonne A. PEREIRA, entre outros.

Pode ocorrer, tanto em estado de vigília, como em estado de transe natural, ou durante o sono regular fisiológico, em que, aliás, o fenômeno acontece com mais frequência. (Ainda que raramente, casos também têm sido observados em situações de anormalidade ou de

crises fisiológicas e psicológicas - doenças, choques físicos, anestesia, emoções intensas, etc.)

Ressalte-se, a propósito, que a comunicação mediúnicamente de Espíritos encarnados tem por base o fenômeno do desdobramento, que lhes propicia a possibilidade de atuarem nos médiuns. No desdobramento que ocorre durante o sono (transe onírico), o sujeito, de acordo com sua condição espiritual, pode entrar em contato com outros Espíritos e colher ensinamentos e informações, apresentar-se automaterializado em locais diferentes, receber recursos para a recuperação de seu corpo físico, doar energias e, como visto, comunicar-se através de médiuns encarnados. E ao reintegrar-se plenamente no corpo físico, pode restar-lhe, às vezes, algumas lembranças mais ou menos lúcidas, permeadas de imagens simbólicas, como, ocorre, por exemplo, nos chamados “sonhos premonitórios”, em que o sujeito, em desdobramento, recebe informações sobre fatos futuros — ou, simplesmente, nada ou pouco se lembra do ocorrido e, mesmo assim, de forma confusa.⁽⁹⁾

⁽⁹⁾ V. Transe Noctúrnico.

O desdobramento induzido pode apresentar-se como autoinduzido ou heteroinduzido. No primeiro caso, o processo é provocado pelo próprio sujeito, como, por exemplo, acontece entre os que se dedicam a certas práticas orientais, nas quais o auto-condicionamento comparece como o elemento deflagrador do processo. Já no caso do desdobramento heteroinduzido, o sujeito pode ser induzido ao desdobramento, magneticamente, ou algumas raras vezes, verbalmente (se bem que, neste caso, faz-se quase sempre presente, também, conjugadamente, o apoio magnético).⁽¹⁰⁾

⁽¹⁰⁾ A indução verbal, aqui referida, guarda certa diferença em relação à indução hipnótica, propriamente. Na primeira, o dirigente convida o médium à concentração, ao relaxamento, sugerindo-lhe indiretamente entregar-se ao trabalho espiritual, acompanhando-lhe, depois, o possível desdobramento, que pode, então, adquirir caráter mediúnico. Na indução hipnótica, como tal, o sujeito apassiva-se completamente diante da sugestão direta do agente, caindo em processo de dissociação de consciência, próprio do transe hipnótico, em condição de isolamento integral do meio exterior e de inteira obediência ao comando do controlador.

A indução magnética é normalmente aplicada pelos Espíritos, em tarefa de ajuda aos médiuns, para que consigam desprender-se e, se for o caso, desdobrar-se, facilitando aos comunicantes o uso de seu equipamento físico para o trabalho psicofônico e psicográfico, entre outros.⁽¹¹⁾

⁽¹¹⁾ Alguns registros históricos referem-se à ação de magnetizadores encarnados; entende-se, todavia, que a participação dos desencarnados é vital para o desenvolvimento do processo.

Outras vezes, o próprio desdobramento surge como um fim em si mesmo, propiciando, sob a égide dos responsáveis espirituais, alcances ou percepções úteis ao trabalho demonstrativo ou de esclarecimento.

Também os casos de automaterialização mostram, por vezes, a ação dos Espíritos apoiadores, magnetizando o médium para que se desdobre e se torne visível, sem prejuízo da liberação do ectoplasma necessário a outras materializações.⁽¹²⁾

⁽¹²⁾ V. adiante, **Materialização**.

Tratando-se da mesma aptidão psíquica, fácil é deduzir que os sujeitos suscetíveis ao desdobramento espontâneo também o são em relação ao induzido.

Tanto o desdobramento espontâneo, como o induzido, podem apresentar-se como processos conscientes, semiconscientes ou inconscientes.

No desdobramento consciente, a pessoa não só atua conscientemente em todo o processo, como guarda lembrança nítida do acontecido. Nesse tipo de ocorrência, porque se expandem significativamente as possibilidades perispiríticas, fenômenos incomuns (naturais, porém) poderão ser registrados, especialmente com relação à percepção visual que, então, se torna particularmente aguda.

Assim, em estado de desdobramento pode o sujeito, seguidamente, não só perceber, com clareza, a aura da pessoa, como ver a distância ou através das paredes. E casos notáveis há, em que, mesmo à distância, também “vê o interior do seu próprio corpo, com os feixes nervosos a vibrarem como um formigamento luminoso”, como anota BOZZANO.⁽¹³⁾

⁽¹³⁾ BOZZANO, Ernesto. Fenômenos de Bilocação. P. 60.

No desdobramento semiconsciente, a ação do sujeito desdobrado não é diferente da que desenvolve nos demais processos, guardando, entretanto, apenas lembrança fragmentária do ocorrido.

No desdobramento inconsciente — fenômeno raríssimo e ainda inexplicável embora o sujeito possa dialogar, e seu duplo ser até visto por terceiros, ele próprio nenhum registro conserva do ocorrido.

O desdobramento pode, também, mostrar-se fisicamente visível, materializando-se com o aproveitamento, na maioria das vezes, dos recursos ectoplásmicos fornecidos pelo próprio sujeito, embora, às vezes, Espíritos que o assistem, quando for o caso, possam carrear-los de outras fontes, também.

Comumente, porém, permanece invisível, só sendo percebido por intermédio da vidência. No primeiro caso (desdobramento visível), pode apresentar-se tangível (caso raro) ou não tangível, conforme a massa de ectoplasma disponível e a densidade da materialização, as condições perispirituais do sujeito e, mormente, os objetivos visados.

A literatura espírita, aliás, registra a ocorrência, no mundo e no Brasil, de vários casos de desdobramento, não só visível, como também, tangível.

Cairbar SCHUTEL, em um de seus notáveis trabalhos, refere-se a um interessante caso de desdobramento, narrado pelo pesquisador Dr. BRITTAN (Man and his relations):

“Um indivíduo de nome Wilson, morador em Toronto (Canadá), adormece no seu escritório e sonha que se acha em Hamilton, cidade situada a quarenta milheis ingleses ao oeste de Toronto. Em sonho, faz as suas visitas habituais e vai bater à porta de uma amiga, a Sra. D... Vem uma criada abrir a porta e anuncia-lhe que a patroa havia saído; entretanto, ele entra e bebe um copo d'água; depois sai, encarregando a criada de transmitir os seus cumprimentos à dona da casa. Wilson desperta, e verifica que tinha dormido quarenta minutos.

Alguns dias mais tarde, uma Sra. Chamada G..., residente em Toronto, recebe uma carta da Sra. D..., de Hamilton, na qual esta referia-lhe que o Sr. Wilson viera à casa dela, beber a um copo d'água e depois partira sem voltar, o que a tinha contrariado, pois desejaria muito vê-lo. O Sr. Wilson afirmou não ter estado em Hamilton havia já um mês; mas, pensando no seu sonho, pediu a Sra. C..., que escrevesse a Sra. D..., para solicitar-lhe que não falasse do

incidente aos criados, a fim de saber se por acaso reconhecê-lo-iam. Ele foi depois a Hamilton com alguns amigos e todos reunidos apresentaram-se na casa da Sra. Duas criadas reconheceram Wilson como a pessoa que tinha estado em casa, que batera à porta, que bebera um copo d'água, e que pedira para transmitir os seus cumprimentos à patroa.”⁽¹⁴⁾

⁽¹⁴⁾ SCHUTEL, Caibar. “Exteriorização da sensibilidade e da motricidade”. Revista Internacional de Espiritismo. RIE. Matão (SP), ano XXXIV, nº 9, 2009, p. 463.

*

Entre nós, destaca-se entre os médiuns mais famosos, o nome de Eurípedes Barsanulfo (1880-1918), notável por seus múltiplos e extraordinários dotes medianímicos.

Jorge RIZZINI, a propósito, refere-se a um impressionante episódio, em que o famoso médium de Sacramento (MG), após um transe ocorrido em plena aula, diz aos alunos, sorrindo:

“— Prestem atenção. Acabo de estar em uma residência atrás da igreja do Rosário, fazendo um parto difícil. O marido não sabe que já é pai e está a caminho daqui. Vem a cavalo e com roupa de montaria. Ele está, neste momento, apeando em frente ao colégio. Vai agora subir os degraus da escada. Quando ele entrar na sala os senhores devem ficar em pé e depois sentar. Atenção... Ele vai entrar...

E o homem com chapéu e roupa de montaria entrou muito aflito, pedindo a Eurípedes Barsanulfo que fosse, urgentemente, fazer o parto, pois a mulher estava passando mal.

‘—Acalme-se’, respondeu o médium, sorrindo. ‘Fiz o parto há cinco minutos...’

‘—Não é possível, “seu” Eurípedes. Há cinco minutos eu teria visto o senhor pelo caminho.’

‘— O senhor não me viu porque fui em espírito. Mas, eu vi o senhor. Pode voltar para sua casa, sossegado. A menina que nasceu é bonita e forte.’

O homem, porém duvidou e, temendo pela vida da mulher, levou Eurípedes Barsanulfo... A parturiente, com a filhinha deitada ao lado, ao ver o médium, exclamou:

‘— O senhor não precisava vir de novo, “seu” Eurípedes... Eu e o bebê estamos passando bem!’

Eurípedes Barsanulfo, então, regressou, rápido, ao colégio para continuar a aula interrompida”⁽¹⁵⁾

⁽¹⁵⁾ RIZZINI, Jorge. Eurípedes Barsanulfo — o Apóstolo da Caridade. 7. ed. São Bernardo do Campo (SP): CORREIO FRATERNAL, 1992, p. 75.

Inácio Ferreira relata ocorrência notável protagonizada pelo médium:

“Eurípedes achava-se em plena função da cátedra do 5- ano, no seu Colégio Allan Kardec. Caiu em transe por alguns minutos - branco, cadavérico, provocando inquietação aos seus alunos (...), que não sabiam o que fazer. (...) Aos poucos foi readquirindo a cor e voltando a si, ante a alegria e a satisfação de todos, e afirmou:

‘— Tomem nota. Vi, no salão nobre de Versailles, o Tratado de Paz!’

Deu, em seguida, os nomes dos que o assinaram e a hora exata.

Época em que não havia rádio, todos, entre crenças e descrenças, ficaram aflitos pela chegada dos jornais, o que se deu dias depois, trazendo a confirmação de tudo, para

regozijo daqueles que nele confiavam e maior desespero dos que o consideravam como louco e visionário... ”⁽¹⁶⁾

⁽¹⁶⁾ FERREIRA, Inácio. Subsídios para a História de Eurípedes Barsanulfo. Uberaba (MG): Ed. do Autor, 1962. Conf. THIAGO, Lauro S. “Eurípedes Barsanulfo - Centenário de seu nascimento”. Reformador. Rio de Janeiro, n2 1.814, maio, 1980, p. 10.

Impõe-se lembrar, a propósito, que Eurípedes Barsanulfo fundou, em Sacramento, no ano de 1907, o primeiro colégio espírita do Brasil, Colégio Allan Kardec, onde administrava suas aulas, que se tornaram inesquecíveis para a geração que teve a felicidade de assisti-las. Um de seus alunos, o Dr. Tomaz NOVELINO, descreve um desses importantes desdobramentos:

“Desprendia-se facilmente, transportando-se, em Espírito, à distância. Quantas vezes, em aulas, ele pendia a cabeça, caía em sono e permanecia assim por alguns minutos. Era por ocasião da primeira grande guerra e, com horror, descrevia os combates de que tinha sido testemunha.

Desprendia-se outras vezes, visitando doentes à distância, presença muitas vezes sentida e notada por alguns de seus enfermos.

Sentia a ação dos pensamentos de muitos de seus amigos e enfermos, que o chamavam de longe, em certas arremetidas insistentes e importunas.”

Os alunos conheciam o momento em que se processavam os desdobramentos do mestre e quando alguém distraído não percebia a situação, era, incontinenti, advertido por outro colega.

Segundo os registros espíritas, os desdobramentos de Eurípedes eram todos conscientes e seguidamente visíveis e tangíveis, compondo um denso repositório de ocorrências.⁽¹⁷⁾

⁽¹⁷⁾ NOVELINO, Corina. Eurípedes - O Homem e a Missão. 11. ed. Araras (SP): IDE, 1995, pp. 135 e 136.

Outro episódio, muito ilustrativo, documenta bem a sua extraordinária mediunidade:

“Residia em Uberaba, na Rua Bernardo Guimarães, o tenente Afonso Modesto de Almeida, pai de cinco filhos, espírita e grande amigo de Eurípedes.

Em princípios de 1918, adoeceu um dos seus filhos, com dois anos de idade, mais ou menos. Chamados dois médicos, constatou-se caso gravíssimo de pneumonia, com prognóstico sombrio.

Sobressaltado, o pai do enfermo seguiu na manhã do dia imediato para Sacramento, à procura de recursos junto a Eurípedes.

À noite, um membro da família velava pelo doente, quando surge inesperadamente no quarto, Eurípedes, materializado e, ao seu lado, grande luminosidade.

Temerosa, a pessoa que ali se achava acalmou-se, todavia, ante a personagem tão conhecida e dela ouviu:

‘— Minha amiga, o caso é bastante grave. Diz Menezes que se trata de broncopneumonia. Vire a criança de bruços. Aplique, aqui, uma cataplasma de farinha de mandioca. O pulmão esquerdo está muito congestionado. Dê-lhe água fluida e espere pelos medicamentos que virão. Ore e tenha fé. A criança será salva.’

Olhou para um canto e sorriu, sorriso que provocou a atenção e curiosidade da pessoa que recebia suas instruções e, lentamente, desapareceu.

No dia seguinte chegara de Sacramento o pai do enfermo, trazendo os medicamentos.

Entusiasmado e alegre foi dizendo:

‘— Olhem, olhem a touquinha vermelha que Eurípedes viu, à noite, quando aqui esteve. Meu Deus! Eurípedes esteve aqui com o Dr. Bezerra e curou o meu filho!’

Sim, Eurípedes lhe dissera que, à noite, com o Dr. Bezerra, esteve em sua casa examinando o doente. Sorrira porque havia notado, em um canto, uma touquinha vermelha - fato que ressaltou como testemunho e prova da sua presença inegável, em Espírito, em seu lar...’⁽¹⁸⁾

⁽¹⁸⁾ THIAGO, Lauro S. “Eurípedes Barsanulfo. Centenário de seu Nascimento”. Reformador, Rio de Janeiro, FEB, maio, 1980, p. 9.

**

Allan KARDEC, em sua genialidade, não poderia deixar de investigar o fenômeno da duplicação corpórea.⁽¹⁹⁾ Tratando, em O Livro dos Médiuns, da bicorporeidade, catalogou diversas ocorrências a envolver importantes personagens da História, entre as quais, Afonso de LIGUORI, “canonizado antes do tempo prescrito, por se haver mostrado simultaneamente em dois sítios diversos, o que passou por milagre”, e Antônio de PÁDUA, que, estando na Itália, pregando, apareceu em Lisboa, livrando seu pai da execução.⁽²⁰⁾

⁽¹⁹⁾ A duplicação corpórea - conhecida pelos parapsicólogos ingleses como “out-of-the-body experience” (experiência fora do corpo) e pela sigla OOBE, ou apenas OBE - tem sido objeto de constantes pesquisas e avaliações em laboratório. Esses estudos incluem desde a medição da atividade cerebral do sujeito até o emprego dos mais sofisticados sistemas de controle e registro, visando à “detecção física de projeções fora do corpo”, com resultados altamente positivos, segundo anota Guimarães ANDRADE, mencionando experimentos realizados por Karlis OSIS e Donna MCCORMICK (ANDRADE, Hernani Guimarães. Morte, Renascimento, Evolução — Uma Biologia Transcendental. 5. ed. São Paulo: PENSAMENTO, 1991, pp. 68 e 69)

⁽²⁰⁾ KARDEC, Allan. O Livro dos Médiuns. 60. ed. R. Janeiro: FEB, 1993, p. 157, item 119, Cap. VII.

A respeito desse fato, consta que, o pai do sacerdote, D. Martim de BULHÕES fora acusado como autor da morte de um moço de importante família, sendo condenado à pena máxima. Quando se iniciava a execução da sentença, Antônio de PÁDUA entrou em transe, permanecendo imóvel, no momento que pronunciava um sermão, na igreja de Pádua, aparecendo materializado no Adro da Sé, em Lisboa, detendo o cortejo que levaria o sentenciado à decapitação, defendendo-o, ardorosamente, com a presença materializada da vítima, apontando o verdadeiro assassino. Ao final, ante o pasmo geral, D. Martin foi libertado.

Saindo do transe, Antônio de PÁDUA, no púlpito em que pregava, em Pádua, desculpou-se pela interrupção, narrando aos que o assistiam o que ocorreu...⁽²¹⁾

⁽²¹⁾ V. CASTRO, Almerindo M. Antônio de Pádua. 8. ed. Rio de Janeiro: FEB, pp. 50 e 51.

Trata-se, efetivamente, de um episódio raro, mas perfeitamente compreensível à luz do Conhecimento Espírita.⁽²²⁾ Principalmente, após a presença de Eurípedes BARSANULFO entre nós, deixando-nos os mais impressionantes exemplos de desdobramento, plenamente

visíveis e tangíveis, semelhantes, às vezes, em verdade, como lembra Corina NOVELINO (op. cit.) aos vividos por Antônio de PÁDUA.

(22) A história da Igreja aponta vários religiosos canonizados que se notabilizaram por seus desdobramentos, entre eles, Francisco XAVIER e a célebre Maria de AGREDA. Todavia, o episódio protagonizado por Antônio de PÁDUA mostra-se realmente peculiar, em suas características, inclusive, porque se refere a uma dupla materialização: de um encarnado em estado de desdobramento (A. de Pádua), e um desencarnado (a vítima).

*

Dado a considerar é que, como mostram os eventos referidos, o desdobramento - como, também, a intuição, a vidência e a audiência — nem sempre pode ser tido por mediúnico, propriamente.

De fato, o desdobramento, tecnicamente, caracteriza-se como mediúnico, quando serve à intermediação espiritual com vistas na orientação ou no esclarecimento, ou até na mera comprovação da sobrevivência do Espírito. Trata-se, aliás, de um fenômeno relativamente comum entre os médiuns de psicofonia e psicografia que, em se desprendendo e chegando ao desdobramento, facilitam mais a ação do Espírito comunicante acompanhando e sustentando todo o processo.

Os desdobramentos não mediúnicos, tão comuns quanto os mediúnicos, são os que dizem somente com o sujeito.

Entre os desdobramentos não mediúnicos alinha-se uma categoria de fenômenos — raríssimos, na verdade —, que ocorrem independentemente da vontade do sujeito e que, às vezes, nem chega a percebê-los. São os desdobramentos involuntários, de que constam vários registros na literatura espírita.

Tais os casos, por exemplo, de pessoas que veem, ao seu lado, ou a certa distância, o próprio duplo, ou são vistas em duplicação corpórea por terceiros, sem que elas próprias o percebam. Gabriel DELANNE menciona, entre outras, uma ocorrência realmente incomum:

“Sir Robert Dale-Owen era embaixador dos Estados Unidos, em Nápoles. Em 1845, conta esse diplomata, existia na Livônia o colégio de Neuwelke, a doze léguas de Riga e a meia légua de Wolmar. Aí se encontravam 42 pensionistas, a maior parte de famílias nobres, e entre as inspetoras figurava Emilie Sagée, francesa de origem, com 32 anos de idade, de boa saúde, mas nervosa, e com um procedimento digno dos maiores elogios.

Poucas semanas depois de sua chegada, notou-se que, quando uma aluna dizia tê-la visto num lugar, outra, muitas vezes, afirmava que ela estava em lugar diferente. Um dia, as moças perceberam, de repente, duas Emilie Sagée, exatamente semelhantes, e fazendo os mesmos gestos: uma, entretanto, tinha na mão um lápis de giz e a outra não tinha nada.

Pouco tempo depois, Emilie abotoava, nas costas, Antoinette de Wrangel, que se estava vestindo. A moça notou, pelo espelho, ao voltar, duas Emilies que abotoavam suas vestes, e desmaiou de susto.

Algumas vezes, às refeições, a figura dupla aparecia em pé, por trás da cadeira da inspetora e imitava os movimentos que ela fazia para comer, mas as mãos não seguravam nem o garfo nem a faca. Entretanto, a pessoa desdobrada não parecia imitar senão acidentalmente a pessoa real, e, algumas vezes, quando Emilie se levantava da cadeira, o duplo continuava sentado.

Certa vez, Emilie estava adoentada e de cama; a senhorita Wrangel lia para ela ouvir. De repente, a inspetora ficou hirta, pálida, e dir-se-ia que iria desfalecer. A jovem aluna

perguntou-lhe se se sentia mal; ela respondeu negativamente, mas com voz fraca. Alguns segundos depois, a senhorita Wrangel viu, muito distintamente, o duplo de Emilie andando aqui e ali, em todo o quarto.

Mas eis aqui o mais notável exemplo de bicorporeidade que se observou na maravilhosa inspetora. Um dia, as quarenta e duas pensionistas bordavam em uma mesma sala, no pavimento térreo; quatro portas envidraçadas da sala davam para o jardim. Elas viam nesse jardim Emilie colhendo flores, quando de repente sua figura aparece numa poltrona vazia. As alunas olharam imediatamente para o jardim e continuaram a ver Emilie ali, mas notaram a lentidão dos seus movimentos e seu ar de sofrimento; estava como que adormecida e esgotada.

Duas das mais intrépidas aproximaram-se do duplo e tentaram tocá-lo; sentiram uma ligeira resistência, que compararam à de um objeto de musselina ou crepe. Uma delas passou através de parte da figura; esta conservou a mesma aparência, alguns instantes, até que foi desaparecendo gradualmente.

O fenômeno se produziu de diversas maneiras, durante o tempo em que Emilie ali esteve empregada, isto é, de 1845 a 1846, no espaço de ano e meio; houve intermitências de uma a muitas semanas.

Verificou-se que quanto mais distinto e de aparência material era o duplo, tanto mais sofredora, mortificada e abatida estava a personalidade real; ao contrário, quando o duplo esmaecia, via-se a paciente readquirir suas forças. Emilie, entretanto, não tinha nenhuma consciência desse desdobramento, e só o conhecia por ouvir dizer; nunca vira o duplo, nunca suspeitara do estado em que ficava. Tendo o fenômeno inquietado os pais, estes retiraram as filhas e a instituição faliu.”⁽²³⁾

⁽²³⁾ DELANNE, Gabriel. O Espiritismo Perante a Ciência. Rev. Lauro de O. S. Thiago. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1993, pp. 232 a 234, Quarta Parte. Trad. Carlos Imbassahy.

Trata-se de um fenômeno verdadeiramente singular, a merecer, certamente, toda a credibilidade dados os nomes envolvidos, ainda que mostre detalhes cuja explicação cabal, por sua complexidade, ainda depende de mais informações espirituais, que, por certo, acontecerão quando presentes as necessárias condições.

*

No desdobramento, como é sabido, o Espírito permanece ligado ao corpo físico através de um conduto que se convencionou designar como cordão prateado, cordão perispirítico ou cordão fluídico.

KARDEC, há mais de cento e cinquenta anos, já reconhecia sua existência, denominando-o “cordão fluídico”. “Durante a vida” — ensinava o mestre de Lyon — “qualquer que seja a distância a que se transporte, o Espírito fica sempre preso ao corpo por um cordão fluídico (...). Só a morte rompe esse laço”.⁽²⁴⁾

⁽²⁴⁾ KARDEC, Allan. O que é o Espiritismo. (Orig. Qu’Est-ce Que Le Spiritisme?). 36. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1993, p. 204, item 136, Cap: II.

Nas últimas décadas, vários pesquisadores (Robert CROOKALL, Sylvan J. MULDOON, Hereward CARRINGTON e outros)⁽²⁵⁾ têm se dedicado ao estudo do desdobramento, com base nos depoimentos dos sujeitos que protagonizaram esse fenômeno e que, exteriorizados, buscaram examinar-se detidamente, detalhando, depois, suas constatações.

(25) V. ANDRADE, Hernani Guimarães. Espírito, Perispírito, Alma. São Paulo: PENSAMENTO, 1995, pp. 143 e segs.

Fato que, desde logo, ressalta, é que cada ocorrência - como acontece em outras províncias mediúnicas — mostra características particulares, mesmo porque cada médium tem sua história e suas qualidades próprias. Daí, também, a diversidade de percepções e descrições, embora, no fundo, todos apresentem elementos em comum. Assim, no desdobramento, a constatação da existência do cordão fluídico é unânime, mas os relatos que dizem sobre sua textura, calibre, luminosidade, locais de contato, conexão e outros dados, às vezes, não coincidem.

O respeitável Instrutor Espiritual, ANDRÉ LUIZ, por intermédio de Francisco Cândido XAVIER, refere-se, reiteradamente, a um cordão fluídico prateado, como um “fio tenuíssimo”, ligando o cérebro físico ao cérebro perispirítico do sujeito em processo de desdobramento.⁽²⁶⁾

(26) V. Mecanismos da Mediunidade. 14. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995, p. 140. Obreiros da Vida Eterna. 19. ed. R. Janeiro: FEB, 1992, pp. 226 e 227. Os Mensageiros. 27. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, p. 261.

E a literatura espírita em geral também se manifesta nesse sentido.

Compreende-se, de qualquer forma, que esse “cordão fluídico” não só é um elo entre o Espírito e seu corpo físico, como também, o conduto pelo qual, o Espírito sustenta a vida do corpo em repouso, registrando tudo o que lhe ocorre.

*

Como acontece com os demais tipos de manifestação mediúnica, é ainda difícil estabelecer um modelo do fenômeno de desdobramento. Todavia, algumas descrições que nos chegam da Espiritualidade Superior, já facilitam uma primeira compreensão de alguns tipos de processo.

ANDRÉ LUIZ, por exemplo, transmite-nos valiosa descrição de um procedimento que acompanhou, relacionado com um desdobramento induzido:

“Chegara a vez do médium Antônio Castro.

Profundamente concentrado, denotava a confiança com que se oferecia aos objetivos de serviço.

Aproximou-se dele o irmão Clementino e, à maneira de magnetizador comum, impôs-lhe as mãos aplicando-lhe passes de longo circuito.

Castro como que adormeceu devagarinho, inteiriçando-se-lhe os membros.

Do tórax emanava com abundância um vapor esbranquiçado que, em se acumulando à feição de uma nuvem, depressa se transformou, à esquerda do corpo denso, numa duplicata do médium, em tamanho ligeiramente maior.

Nosso amigo como que se revelava mais desenvolvido, apresentando todas as particularidades de sua forma física, apreciavelmente dilatadas.

O diretor espiritual da casa submetia o medianeiro a delicada intervenção magnética que não seria lícito perturbar ou interromper.

O médium, assim desligado do veículo carnal, afastou-se dois passos, deixando ver o cordão vaporoso que o prendia ao campo somático.

Enquanto o equipamento fisiológico descansava, imóvel, Castro, tateante e assombrado, surgia, junto de nós, numa cópia estranha de si mesmo, porquanto, além de maior em sua configuração exterior, apresentava-se azulada à direita e alaranjada à esquerda.

Tentou movimentar-se, contudo, parecia sentir-se pesado e inquieto...

Clementino renovou as operações magnéticas e Castro, desdobrado, recuou, como que se justapondo novamente ao corpo físico.

Verifiquei, então, que desse contato resultou singular diferença. O corpo carnal engulira, instintivamente, certas faixas de força que imprimiam manifesta irregularidade ao perispírito, absorvendo-as de maneira incompreensível para mim.

Desde esse instante, o companheiro, fora do vaso de matéria densa, guardou o porte que lhe era característico.

Era, agora, bem ele mesmo, sem qualquer deformidade, leve a ágil, embora prosseguisse encadeado ao envoltório físico pelo laço aeriforme, que parecia mais adelgado e mais luminoso, à medida que Castro- Espírito se movimentava em nosso meio.

Enquanto Clementino o encorajava com palavras amigas, o nosso orientador, certamente assinalando-nos a curiosidade, deu-se pressa em esclarecer:

— Com o auxílio do supervisor, o médium foi convenientemente exteriorizado. A princípio, seu perispírito ou ‘corpo astral’ estava revestido com os eflúvios vitais que asseguram o equilíbrio entre a alma e o corpo de carne, conhecidos aqueles, em seu conjunto, como sendo o ‘duplo etérico’ (...) Castro devolveu essas energias ao corpo inerte, garantindo assim o calor indispensável à colmeia celular e desembaraçando-se, tanto quanto possível, para entrar no serviço que o aguarda.”⁽²⁷⁾

⁽²⁷⁾ XAVIER, Francisco Cândido. Espírito ANDRÉ LUIZ. Nos Domínios da Mediunidade. 24. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1997, pp. 97 a 99, Cap. 11.

Como salientado, são diversos os tipos de desdobramento e, certamente, também, variáveis são os respectivos processos, de conformidade com as circunstâncias e, principalmente, com a condição espiritual do sujeito.

De qualquer forma, constitui mais uma das extraordinárias demonstrações da realidade espiritual e interexistencial do ser humano, comparecendo, aliás, como ocorrência comum, nas reuniões de trabalho mediúnico.

XIII- ASPECTOS NEUROFISIOLÓGICOS DO PROCESSO MEDIÚNICO

No exame do processo mediúnico, preliminarmente, merece destaque a importância que os autores espíritas, à unanimidade, atribuem à pineal (glândula pineal, corpo pineal, epífise) na regência da dinâmica psicofísica.⁽¹⁾

⁽¹⁾ A pineal foi, pela primeira vez, descrita por Herophilus de ALEXANDRIA, como “válvula que regula o fluxo do pensamento”, em 330 a.C. Citada por DESCARTES como “a sede da alma”, foi com o isolamento de seu principal hormônio, a melatonina, por Aaron LERNER e seus colegas da Universidade de Yale, a partir de 1959, que cresceu o interesse do mundo científico em esclarecer suas funções.

Parte constituinte do epitélamo, um dos componentes do diencéfalo, a pineal é designada pelo Espírito ANDRÉ LUIZ como a “glândula da vida mental”. *“Ela acorda no organismo do homem, na puberdade, as forças criadoras e, em seguida, continua a funcionar como o mais avançado laboratório de elementos psíquicos da criatura terrestre.”*

Informa, mais, o mestre espiritual:

“Ela preside aos fenômenos nervosos da emotividade, como órgão de elevada expressão no corpo etéreo. Desata, de certo modo, os laços divinos da Natureza, os quais ligam as existências umas às outras, na sequência de lutas, pelo aprimoramento da alma, e deixa entrever a grandeza das faculdades criadoras de que a criatura se acha investida. (...) Segregando delicadas energias psíquicas (...), a glândula pineal conserva ascendência em todo o sistema endócrino. Ligada à mente, através de princípios eletromagnéticos do campo vital, que a ciência comum ainda não pode identificar, comanda as forças subconscientes sob a determinação direta da vontade. As redes nervosas constituem-lhe os fios telegráficos para ordens imediatas a todos os departamentos celulares, e sob sua direção efetuam-se os suprimentos de energias psíquicas a todos os armazéns autônomos dos órgãos. Manancial criador dos mais importantes, suas atribuições são extensas e fundamentais. Na qualidade de controladora do mundo emotivo, sua posição na experiência sexual é básica e absoluta.”⁽²⁾

⁽²⁾ XAVIER, Francisco Cândido. Espírito André Luiz. Missionários da Luz. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB: pp. 21 e 22, Cap. 2.

Tais informações, datadas de 1945, têm sido plenamente ratificadas pelas pesquisas que se dirigem ao desvendamento da fisiologia do complexo neuroendócrino, as quais, também, já mostram que as conexões do corpo pineal ocorrem, mormente, através das vias simpáticas (a inervação do corpo pineal “é feita por fibras simpáticas pós-ganglionares provenientes dos gânglios cervicais superiores”),⁽³⁾ que não só modulam ou regulam as atividades do sistema endócrino, como se projetam, por meio de complexos circuitos, sobre vários sistemas e estruturas (sistema límbico, hipotálamo e outros) implicados na sustentação do processo vital, em todas as suas dimensões.

⁽³⁾ NOBACK. C.; STROMINGER. N.L.; DEMAREST, R. J. Neuroanatomia – Estrutura e Funcionamento do Sistema Nervoso Humano. 5. Ed. São Paulo: PREMIER, 1999, p. 307.

Compreende-se, então, que a pineal, ao impulso do centro coronário, produz substâncias cujas repercussões químicas afetam o cérebro e toda a vida orgânica, sustentando, a partir

dos sistemas nervoso e endócrino, o sistema imunológico e as funções vitais, sua ação é fundamental e decisiva.

Como hoje cresce cada vez mais o interesse em desvendar todo o seu significado fisiológico, ampliam-se as pesquisas e revelações, dando conta do seu papel no equilíbrio psíquico — distúrbios sexuais, confusões mentais, incapacidade de concentração, alucinações, efeitos depressivos, deficiências de memória, pensamentos de suicídio, já apareceriam, hoje, como ligados a disfunções patológicas da pineal.⁽⁴⁾

⁽⁴⁾ BALLARD, J. C.; HUNTZINGER, R. M.; PASTOR, J. M. “Psychosis and Progressive Decline in an Adolescent Male with Concomitant Pineal Grand Pathology”. Archives of Clinical Neuropsychology. Vol. 10, ed. 4, julho-agosto, 1995, pp. 294 e 295.

Nessa linha, aliás, outros dados a respeito de seu papel, fundamental, no mecanismo da vida, têm sido alcançados. Recentes experiências mostram que apresenta conexões funcionais e anatômicas com o sistema imunológico, em particular, sendo em consequência, reconhecido, agora, como um importante órgão imunoneuroendócrino, tanto no animal como no homem.⁽⁵⁾

⁽⁵⁾ BERKONAKLI, E.; PALAOGIUS e outros. “Effect of Pinealectomy on Immune Parameters (...) Neurosurgery Revue. Basic Research, 2001, 24, 26-30.

Não é, pois, sem razão, que a pineal tem merecido a atenção dos que se dedicam às ciências da vida. “Este minúsculo órgão parece estar escondido no cérebro, mas sua função é tremendamente essencial para a vida animal”, afirmam os atuais investigadores, e a pesquisa a seu respeito, deve ser “verdadeiramente interdisciplinar, abrangendo desde a biologia molecular até a psicologia e a etiologia”.⁽⁶⁾

⁽⁶⁾ ARAKI, Masasuke. “Sensory and Endocrine Characteristics of the Avian Pineal Organ” (Introdução). Microscopy Research and Technique. 53, I.

Pesquisas outras produzem informações não menos significativas. Por exemplo, resta, hoje, bem comprovada a influência que um campo eletromagnético pode exercer sobre a fisiologia pineal.

Constatou-se que a exposição a um campo eletromagnético (0,5G, 60 Hz) pode resultar na supressão da melatonina (de produção noturna), porque provoca “alterações nos receptores deis superfícies celulares, interrompendo os sinais de estímulo da norepinefrina, que atravessam a membrana, ativando a produção intracelular da melatonina”.⁽⁷⁾

⁽⁷⁾ ROOSEN, L.; BARBER, I.; LYLE, D. B. “A 0,5G, 60 Hz Magnetic Field Suppresses Melatonin Production in Pinealocytes”. Bioelectromagnetics, 119: 123-127.

Ora, já há algum tempo vem sendo acentuada a importância da melatonina no processo do sono (controle dos ritmos circadianos), diante da evidência de que, sob o comando do sistema nervoso central, “a síntese de melatonina é limitada ao período noturno e fortemente inibida pela luz”. (“A retina detecta a informação ótica e envia sinais neurais através da via retino-hipotalâmica ao Sistema Nervoso Central e daí à pineal, que controla, através da produção de melatonina, os ciclos circadianos”, sendo que “esse processo difere bem daquele que ocorre na visão.”)⁽⁸⁾

(8) LAVIE, P. "Sleep-Wake as a Biological Rhythm". *Annual Review Psychology*, 52: 277-303.

Experiências, pois, como essas, buscando verificar a influência de um campo magnético de baixa frequência sobre o complexo pineal, são de grande significado, propiciando até revelações surpreendentes, como, por exemplo, a constatação do efeito que é capaz de exercer na regulação dos limiares da dor, inibindo ou não "a hipoalgesia produzida pela melatonina."⁽⁹⁾

(9) JEONG, J. H.; CHUI, K. B. e outros. "Effects of Extremely Low Frequency Magnetic Fields on Pain Thresholds (...)". *Journal of Autonomic Pharmacology*. 20:259-264.

De fato, pesquisas com um campo de baixíssima frequência (5 Hz) foram dirigidas ao estudo da 'paralisia do sono' (sleep paralysis), que ocorre durante o sono, produzindo sensação de imobilização forçada (esforço para se mover), pesadelos e até alucinações. Como a melatonina tem sido implicada "na indução e sustentação do sono REM e na patogenia da paralisia do sono", introduziu-se a terapia magnética e verificou-se que esses episódios ligados à esclerose múltipla "diminuíam gradualmente, desaparecendo por completo por cerca de três anos."⁽¹⁰⁾

(10) SANDYK, R. "Resolution of Sleep Paralysis by Weak Electromagnetic Field in a Patient with Multiple Sclerosis". *International Journal of Neuroscience*. 90 (3-4): 145-157.

Tais resultados, dizendo da influência do magnetismo sobre a fisiologia pineal, com repercussão em várias estruturas do sistema nervoso, favorece a compreensão dos efeitos do magnetismo espiritual, atuando, através do centro coronário e da pineal, sobre o psiquismo.

**

Impõe-se reconhecer que, em verdade, muito ainda falta para se chegar ao inteiro conhecimento do processo neurofisiológico relacionado com o fenômeno mediúnico. De um lado, porque, ainda, poucas informações espirituais existem a respeito; de outro, porque ainda são desconhecidos muitos aspectos do funcionamento do sistema nervoso, extremamente complexo, como se sabe.

Todavia, em direção ao tempo em que será possível cogitar, realmente, de uma neurofisiologia da mediunidade, podem-se alinhar alguns elementos, a título de ilustração, na expectativa de um futuro em que o processo mediúnico será totalmente desvendado em sua maravilhosa realidade, tanto na dimensão espiritual, como na física.

*

Pelo que já se sabe, é possível concluir que, como visto, o primeiro momento na mediunização psicofônica, psicográfica, psicopictórica ou psicocirúrgica,⁽¹¹⁾ caracteriza-se pela ação do Espírito comunicante (muitas vezes sem que ele mesmo perceba) nos centros coronários e cerebral, com imediata repercussão na pineal, e no sistema nervoso. Funciona, aí, a pineal, como um verdadeiro transdutor.

(11) V. adiante, *Terapia Ectoplásmica - Psicocirurgia*.

Como as informações disponibilizadas pelos Mestres Espirituais ainda são muito genéricas, difícil, por enquanto, como já observado, chegar a um conhecimento satisfatório da dinâmica neurofisiológica do processo mediúnico. Todavia, embora hoje se saiba que as atividades cerebrais se processem em conjunto, em regime de interdependência, é possível identificar áreas e funções que poderiam estar mais diretamente envolvidas neste processo - sem dúvida, dos mais complexos -, já a partir do córtex cerebral, onde se organizam as funções cognitivas complexas, se codifica a recepção sensitiva, tanto do meio interno, como externo, e onde a atividade motora se origina.

Assim, desde o primeiro momento em que Espírito e médium contatam suas respectivas auras e perispíritos, com imediata repercussão no centro coronário e no corpo pineal deste, como visto, a presença do Espírito já seria registrada através do tálamo, núcleo sensitivo por excelência.

Todas as vias sensitivas atingem o tálamo e, por seu intermédio, o córtex sensitivo. Significa que os estímulos chegam pelas vias neurais ao tálamo, onde são selecionados, podendo ser bloqueados, em seu caminho ao córtex sensitivo, se de pouca importância. Geralmente, as informações sensitivas só o alcançam quando despertam interesse ou quando forem novas. Compreende-se, assim, que os médiuns sentem a aproximação do Espírito, sua condição espiritual, seu estado emocional, por efeito talâmico e sua pretensão de comunicar-se pode ser aceita, facilitada ou rejeitada pelo médium, sob a ação do córtex.

*

O sistema límbico - composto por várias estruturas -, desempenha importante papel nas emoções e no comportamento. Inclui também a formação hipocampal (subículum, hipocampo e o giro denteado, a amígdala, os giros cíngulo e parahipocampal, o fórnix), havendo evidências de que, além, de sua relação com a agressividade, raiva, medo e, também, com o apetite e a atividade sexual, comportamentos que denotam um forte componente afetivo, responde, em boa parte, pela memória.

Fácil, pois, perceber a importância desse sistema no processo mediúnico.

Desde os primeiros contatos, o Espírito transmite à alma do médium o seu estado afetivo - sentimentos e emoções - que, de imediato, por seu perispírito, chega ao sistema límbico e outras estruturas cerebrais, impregnando, a seguir, palavras e gestos do comunicante.⁽¹²⁾

⁽¹²⁾ O perispírito (do gr. perí, em torno; do lat. spiritus, alma), também denominado “corpo espiritual” (PAULO) e “psicossoma” (ANDRÉ LUIZ) é o envoltório sutil e perene da alma, que possibilita sua interação com os meios espiritual e físico.

A alma, ensina KARDEC - é um ser simples, o Espírito, um ser dual (alma e perispírito) e o Espírito encarnado, um ser trino. (O que é o Espiritismo. 37. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995, p. 155, Cap. II, item 14). E DENIS acrescenta: “O homem (...) é um ser complexo. Nele se combinam três elementos para formar uma unidade viva, a saber: O corpo, envoltório material temporário, que abandonamos na morte, como vestuário usado; O perispírito, invólucro fluídico permanente, invisível aos nossos sentidos naturais, que acompanha a alma em sua evolução infinita, e com ela se melhora e purifica; A alma, princípio inteligente, centro de força, foco da consciência e da personalidade. A alma, despreendida do corpo material e revestida do seu invólucro sutil, constitui o Espírito, ser fluídico, de forma humana, liberto das necessidades terrestres, invisível e impalpável em seu estado normal. (DENIS, Léon. Depois da Morte. 18. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994: pp. 199 e 200, Cap. XXIX. Trad. João Lourenço de Souza.)

Impende ressaltar, nesse contexto, a importância do hipocampo, precitado, na relação mediúnica, por sua relevância no processamento das lembranças, ainda que, segundo se sabe, não haja, propriamente, uma região específica da memória, sabendo-se, por pesquisas

relacionadas com os seus mecanismos bioquímicos, que a memória de curto prazo circula pelo córtex pré-frontal e que as informações mais duradouras passam pelo hipocampo,⁽¹³⁾ sendo depois armazenadas em função de várias regiões do córtex. E como a evocação das lembranças envolve, afinal, todo o córtex — que hoje se sabe que o cérebro se organiza como que em módulos de funções inter-relacionadas -, continua presente a dificuldade em se saber onde ou como se conservam.⁽¹⁴⁾

⁽¹³⁾ “Conjectura-se que o hipocampo [embora não seja ele próprio, o local da armazenagem] participa na consolidação da memória em virtude da operacionalidade de circuitos, especialmente do lobo pré-frontal para o hipocampo e que retornam, novamente, para o neocórtex” (...). “Sugere-se que o hipocampo desempenha um papel chave nesta armazenagem da memória, porque se observou que ele é muito suscetível nos níveis moderados de ativação. Sob tais condições, as sinapses transmissoras demonstram uma eficiência amplamente aumentada e prolongada. Existem muitos tipos desafiantes de investigações, derivando desta teoria geral da armazenagem da memória e do papel do hipocampo.” (POPPER, Karl R.; ECCLES, John C. O Eu e Seu Cérebro (Orig. The Self and its Brain). 2. ed. Brasília-Campinas: UNB e PAPIRUS, 1995, p. 462, Cap. E8, 2- P. Trad. Sílvio M. Garcia, Helena C. F. Arantes, Aurélio O. C. de Oliveira). Elucidativas, também, as observações de Dario DORETTO: “PENFIELD [Wilder], em obra recente (The Mystery of the Mind), faz interessantes considerações sobre a organização motora e sensitiva do córtex cerebral do homem; refere que, ao nascer, o homem possui apenas certas regiões do córtex aptas a funcionar, representadas pelo córtex motor, somatossensitivo, sensorial e o córtex hipocampal; assinala que o córtex pertencente aos demais giros, destinados para funções psíquicas (lobo pré-frontal, quase todo o lobo temporal e uma região considerável do lobo parietal) ainda não estão ‘prontos’ para trabalhar”. “Digno de nota é o fato do hipocampo, cujo córtex é filogeneticamente antigo (alocórtex), é a única formação límbica apta a funcionar logo após a criança nascer”. (DORETTO, Dario. Fisiopatologia Clínica do Sistema Nervoso — Fundamentos da Semiologia. 2. ed. São Paulo: ATHENEU, 1996, pp. 302 e 303, Cap. 10).

⁽¹⁴⁾ Pessoas com lesões cerebrais graves reencontram, às vezes, a memória perdida depois de algum tempo, o que, claramente, diz com a existência de uma mente extracorpórea, comandando a atividade cerebral. Henri BERGSON (1896-1911), referindo-se ao que chamava de “memória pura”, registro de todas as experiências na sua ordem temporal, acentuava que esse registro não é feito no cérebro ou em qualquer outra estrutura material; é, na verdade, puramente espiritual.

Importante lembrar que, à luz da Doutrina Espírita, entende-se que, como a mediunidade, a memória é patrimônio da alma. *A alma é que pensa.*⁽¹⁵⁾

⁽¹⁵⁾ Em reunião acontecida na Sociedade Espírita de Paris, em 5 de abril de 1861, observava, a propósito, o Dr. Clas, Espírito comunicante: “Crêdes que a faculdade de pensar reside no perispírito? É absolutamente como se perguntásseis se o pensamento reside no vosso corpo”. (KARDEC, Allan. Revista Espírita. EDICEL, São Paulo: maio, 1861, p. 159. Trad. Júlio Abreu Filho).

Fica claro, assim, que, se é a alma que pensa e que, por conseguinte, guarda e lembra as impressões das experiências vividas em sua peregrinação evolutiva, ela impescinde do perispírito como seu indestrutível e indissociável agente de manifestação, ainda que este possa estar sujeito a transformações, de acordo com o grau de adiantamento da alma e, conseqüentemente, do plano em que estagia e o meio em que opera.⁽¹⁶⁾

⁽¹⁶⁾ O fato de que alma e perispírito constituem, como visto, uma unidade indissociável (não se pode pensar em alma sem perispírito, porque este é a natural projeção daquela, como a luz o é do foco que a produz, identificando-o), é que, provavelmente, tem levado autores desencarnados e encarnados a sustentar que a memória não apenas se expressa por via do perispírito, mas nele tem sua sede. Impõe-se, todavia, indagar se tal posição não equivale a dizer que o pensamento é produção do perispírito, e não, de sua matriz espiritual...

Entende-se, então, que o registro de toda aprendizagem ocorre fundamentalmente em sede anímica, no cérebro espiritual, segundo a expressão de Francisco C. XAVIER (“... quando me vejo fora do corpo, sinto que meu cérebro é diferente daquele que tenho no físico”, relata o médium, referindo-se ao cérebro espiritual).⁽¹⁷⁾

⁽¹⁷⁾ SEVERINO, Paulo Rossi. Aprendendo com Chico Xavier — Um Exemplo de Vida. São Paulo: FE, 1996, p. 16.

Imersa na matéria, instrumentada pelo cérebro físico, a mente, laboratório sublime que serve ao registro e arquivamento das experiências, consegue operar com lembranças que dizem, basicamente, com a vida atual, disponíveis no consciente, ou depositadas no subconsciente. Desencarnado, o Espírito é dono de uma memória mais completa e aguda. Livre do arrimo biológico que o sustentava - mas que também o cerceava —, o Espírito recorda mais. Quanto mais evoluído, mais perfeitas lhe surgem as lembranças, passando a alcançar, de acordo com suas condições e necessidades, número cada vez maior de encarnações passadas, arquivadas no subconsciente profundo.⁽¹⁸⁾

⁽¹⁸⁾ De acordo com essa orientação, à luz do Espiritismo, podem ser encontrados os seguintes tipos de memória: **consciente** (atual e imediatamente disponível), **subconsciente** (pretérita), e **profunda** (remota), relacionada com o **subconsciente profundo**.

Admite PENFIELD, renomado autor, a hipótese de que o hipocampo relacionar-se-ia funcionalmente ao registro de vivências passadas. Nessa linha, o córtex “interpretativo”, situado no giro temporal superior, estimulado, abriria a porta do hipocampo, resultando a ativação da substância cinzenta situada no diencéfalo, em que seriam armazenadas as vivências passadas, ou seja, a memória subconsciente, que diz com as experiências vividas na encarnação atual, e a memória profunda, relacionada com as vidas passadas e suscetível de ser ativada, em determinadas circunstâncias, pelo processo de regressão de memória.

Vale lembrar, a propósito, que nas comunicações xenoglóssicas e naquelas, por exemplo, em que o teor da mensagem ultrapassa de muito o conhecimento atual do médium, o Espírito lança mão dos conteúdos armazenados na memória profunda do seu intermediário - graças ao seu desprendimento maior - relacionados com o aprendizado realizado em vidas pretéritas.

Finalmente, com relação ao processo mediúnico, em que ao sair do transe o médium só guarda lembrança fragmentária, ou nenhuma, do ocorrido (mediunização semiconsciente ou inconsciente), é possível admitir que, devido ao desprendimento menor ou maior do médium, a ação mental do Espírito comunicante seja incompletamente registrada pelo hipocampo e demais estruturas cerebrais envolvidas no processo mnemônico, levando o médium a apresentar, depois do transe, uma amnésia em relação ao período de sua duração, ainda que em regime de desprendimento, acompanhe a comunicação em plena consciência. A falta de lembrança, total ou parcial, resultaria, pois, da deficiência de registro dos estímulos espirituais pelo cérebro, resultante do desprendimento do médium.

*

Outras áreas cerebrais a merecerem citação, por sua possível participação no processo mediúnico são os Sistemas Piramidal e Extrapiramidal, a guardarem estreita relação com o Tronco Cerebral, que reúne mesencéfalo, ponte e bulbo.

Sabe-se, hoje, que a função do Sistema Piramidal, com suas vias corticospinal e corticonuclear, diz com o movimento voluntário, com os movimentos de destreza e habilidade, que envolvem os músculos flexores das porções distais dos membros,

particularmente os dedos das mãos, embora se verifique que, na ausência das mãos, os dedos dos pés também executam movimentos habilidosos.

Tais funções, como é fácil observar, dizem especialmente, com a psicopictura e a psicocirurgia.

O Sistema Extrapiramidal origina-se no córtex cerebral (importante a área pré-motora de Fulton, correspondendo à área 6 de Brodmann) e, segundo alguns autores, no córtex cerebelar, percorrendo em seu trajeto várias áreas do telencéfalo, diencéfalo e do tronco cerebral.

Diz com os movimentos automáticos - automatismos primários (choro, sucção, deglutição) e secundários que se estabelecem pela aprendizagem (dança, natação). Outras funções importantes desempenha o Sistema Extrapiramidal, entre elas, a manutenção do tônus da postura (necessária aos movimentos voluntários, a cargo do Sistema Piramidal).

Importante destacar aqui os núcleos ou gânglios da base, que, compondo o Sistema Extrapiramidal, respondem, justamente, em combinação com áreas do lobo frontal, pela automatização de uma série de movimentos, que, assim, passam a dispensar o comando voluntário, e controlam a postura corporal e muitos dos movimentos gestuais que acompanham o movimento voluntário.

Os núcleos (ou gânglios) da base formam um conjunto composto pelo núcleo caudado, putâmen e núcleo acumbens - constituindo o corpo estriado, importante centro regulador da motricidade -, corpo pálido, claustró, núcleo amigdalóide, relacionado com a agressividade e o comportamento sexual, e vários outros localizados profundamente no interior dos hemisférios cerebrais.

Contêm diversos neurotransmissores e neuromodulares, principalmente o GABA, inibidor, por excelência.

Na psicofonia e, particularmente na psicografia, observa-se, comumente, sua ação, nas posturas, gestos e outras expressões do médium, sob a influência do Espírito comunicante.

*

Imperioso, também, considerar a importância do córtex cerebral - ressaltada, aliás, pelos Mestres Espirituais⁽¹⁹⁾ - e do sistema reticular, no processo mediúnico.

⁽¹⁹⁾ V. Xavier, Francisco C. Espírito André LUIZ. Missionários da Luz, FEB, 1994, Caps. 1 e 16; Nos Domínios da Mediunidade, FEB, 1997, Caps. 8,15,16; No Mundo Maior, FEB, 1995, Cap. 9.

A atividade motora consciente origina-se no córtex cerebral e nele são organizadas todas as funções cognitivas complexas. Interage com a formação reticular, que se inicia na medula alta e estende-se por todo o tronco encefálico, continuando-se no diencéfalo. É, basicamente, uma formação do tronco encefálico, preenchendo todos seus interstícios e conectando-se com todo o córtex cerebral, com o cerebelo e com a medula.

Destaca-se nessa formação neuronal o chamado sistema reticular ativador ascendente, sistema de fibras que se projetam sobre o córtex com uma ação ativadora e que diz com a manutenção da consciência vígil, com a atenção e o estado de alerta.

Nos processos em que pode ocorrer a mediunização de 3º grau (psicofonia, psicografia, desdobramento, psicopictura, psicocirurgia, materialização), o bloqueio do sistema reticular ativador ascendente, ao lado de outras estruturais, sob a influência do Espírito comunicante e do maior desprendimento do médium, leva-o a operar em estado de inconsciência, ainda que relativa, pois que, em todos esses processos permanece ele em regime de desprendimento e, nesse estado, plenamente consciente do que ocorre.⁽²⁰⁾

⁽²⁰⁾ Já o sono, propriamente, em que pode ocorrer o transe onírico, relaciona-se com os núcleos de rafe, pertencentes à formação reticular, no bulbo e na ponte.

Na mediunização de 2º grau, em que o médium permanece subconsciente, tendo, após o transe, lembrança fragmentária do ocorrido, esse bloqueio do sistema reticular, ao que parece, seria menos acentuado, sob a influência de um menor desprendimento perispirítico do médium.

*

Importante, ainda, uma referência às áreas de Brodmann, já mencionado, correspondentes às diversas funções do córtex cerebral.⁽²¹⁾

⁽²¹⁾ Korbinian BRODMANN, anatomista alemão, com base na arquitetura neuronal (citoarquitetura), dividiu o córtex cerebral em 52 áreas, buscando estabelecer uma fisiologia própria a cada uma delas.

Poder-se-ia, em rápida apreciação, estabelecer algumas possíveis correlações entre algumas dessas áreas e os fenômenos mediúnicos.

Assim, a área 4 (córtex motor primário), localizada no giro pré-central e ligada ao controle do movimento voluntário, e, de certa forma, as áreas 3, 2 e 1 (córtex sensitivo somático primário), situadas no giro pós-central e relacionadas com a sensibilidade tátil, guardariam, particularmente, relação com a psicografia, a psicopictura, a psicocirurgia e a psicomúsica. As áreas 9, 10, 11 e 12 (córtex associativo pré-frontal; campos oculares frontais), correspondendo aos giros frontal superior, médio, lobo frontal mediai, e as áreas 45, 46 e 47 (giro frontal inferior e giro frontal médio), relacionadas com a cognição, estariam vinculadas à intuição, em suas várias modalidades, à psicofonia e à psicografia, em suas expressões consciente e semiconsciente, à vidência, à audiência e ao desdobramento, principalmente, o consciente.

As áreas 17 (córtex visual primário), às margens da cisura calcarina; 18 (córtex visual secundário), abrangendo os giros occipitais mediai e lateral; 19 (córtex visual terciário, área visual temporal média), localizada nos mesmos giros; 20 e 21 (área temporal inferior visual), nos giros temporal inferior e médio, respectivamente, têm relação com a vidência, em suas várias modalidades, destacando-se, em particular a área 17, cuja ablação, aliás, causa cegueira total.

A área 22 (córtex auditivo de ordem superior), situada no giro temporal superior, e as áreas 40 e 41 (córtex auditivo primário e córtex auditivo secundário, respectivamente), com localização no giro de Heschl e giro temporal superior, teriam relação com a audiência (audição espiritual).

As áreas 28 a 36 (córtex associativo límbico), localizadas no giro do cíngulo, área subcalosa, área retrosplenial e giro hipocampal, relacionadas com as emoções, dizem com a psicofonia e a psicografia, além de outros tipos de manifestações mediúnicas.

A área 44, coincidindo com a área de Broca e situando-se no córtex pré-motor lateral (giro frontal inferior), diz, particularmente, com a palavra e com a coordenação do movimento; daí sua importância na psicofonia e na psicografia, conjugando-se, também, na manifestação ordinária ou xenoglóssica, com o centro da memória e outros.⁽²²⁾

⁽²²⁾ Catalogadas, praticamente, as áreas cerebrais e as funções que lhes correspondem, ainda que com algumas incógnitas a serem superadas, tem-se, hoje, genericamente, que, embora os hemisférios cerebrais

funcionem harmonicamente, correspondendo como um todo à interação mente-cérebro, as principais funções cognitivas são exercidas pelo hemisfério esquerdo, onde se situam, também, os centros de linguagem que interessam aos processos psicofônicos e psicográficos; já o hemisfério direito está mais relacionado com a intuição, habilidades manuais e a capacidade musical. Enquanto o hemisfério esquerdo diz com o pensamento racional, analítico, o hemisfério direito está relacionado com o raciocínio analógico e holístico.

Elementos que, por fim, não podem deixar de ser citados, no processo neurofisiológico, são os neurotransmissores, substâncias químicas responsáveis pela transmissão de estímulos, de um neurônio para outro. Os neurotransmissores (serotonina, acetilcolina, adrenalina, noradrenalina, dopamina e outros), juntamente com os chamados neuromoduladores (hormônios hipotalâmicos e hipofisários), estariam, também, sujeitos à influência e atuação espiritual, com significativa repercussão no processo mediúnico, dada sua relação com a afetividade, a atividade motora, a agressividade, a depressão, o sono e outros importantes fenômenos relacionados com a mente e o cérebro.⁽²³⁾

⁽²³⁾ Conf. ROHEN, J. W.; YOKOCHI, C. Anatomia Humana. 2. ed. São Paulo: MANOLE, 1989; MARTIN, John H. Neuroanatomia. 2. ed. Porto Alegre: ARTES MÉDICAS, 1998; NOBACK, Charles R.; STROMINGER Norman L.; DEMAREST, Robert J. Neuroanatomia. 5. ed. São Paulo: PREMIER, 1999; LENT, Roberto. Cem Bilhões de Neurônios — Conceitos Fundamentais de Neurociência. São Paulo: ATHENEU, 2001; Machado, Ângelo. Neuroanatomia Funcional, Rio de Janeiro: ATHENEU, 1985; DORETTO, Dario. Fisiopatologia Clínica do Sistema Nervoso. 2. ed. São Paulo/R. de Janeiro: ATHENEU, 1996; FACURE, Nubor. “Bases Neurológicas das Atividades Espirituais”, in Boletim Médico Espírita n2 6, AME. São Paulo, 1988; BEARZOTI, Paulo. “Modelo Neurológico de Incorporação Mediúnica”, in Boletim Médico Espírita n2 5, AME. São Paulo, 1997.

*

Inferre-se, do exposto, que muitas ainda são as dificuldades a serem superadas, para se chegar a um melhor conhecimento do processo mediúnico, a partir do fato de que não só o cérebro, refletindo a mente, funciona integrado em todas as suas funções, como, aliás, retratando o perispírito, o organismo físico, em si, mostra-se, em sua fisiologia, como um todo indivisível.

De qualquer forma, já se compreende que, pelo contato entre as auras do Espírito comunicante e do médium, seguido de uma crescente aproximação e interpenetração perispirítica entre ambos, afirma-se, gradativamente, a atuação do comunicante sobre os centros coronário e cerebral do mediano, com imediato reflexo na pineal e nos outros núcleos do diencéfalo, projetando-se no córtex cerebral e em todo o sistema nervoso, instaurando, assim, o processo de mediunização — consciente, semiconsciente ou inconsciente —, com um maior ou menor desempenho motor.

Assim, ao comunicar-se, o Espírito - muitas vezes, sequer tendo consciência do que ocorre - com apoio nos recursos neurofisiológicos propiciados pelo organismo mediúnico, em combinação com os oferecidos pela atividade endócrina, mobiliza delicado conjunto de estruturas e funções, variável de acordo com o tipo de fenômeno.

Certamente, o futuro nos alcançará maior conhecimento a respeito.

XIV- ECTOPLASMIA

As ocorrências ectoplásmicas resultam da aptidão do médium de liberar ectoplasma. Kardec catalogava-as como fenômenos de efeitos físicos, e o médium com aptidão para produzi-los, como médium de efeitos físicos. (Em seu tempo, na verdade, pouco se sabia em relação a essa substância, depois conhecida como ectoplasma).⁽¹⁾

⁽¹⁾ KARDEC, como se sabe, em sua classificação, referiu-se, particularmente, aos tipos de médiuns. Tratando dos médiuns de efeitos físicos, definiu-os como os “particularmente aptos a produzir fenômenos materiais, como movimentos de corpos inertes, ruídos, etc.” (Kardec, Allan. O Livro dos Médiuns, p. 204, item 160, Cap. XIV).

Todo ser humano, potencialmente, tem condições de liberar ectoplasma, mas o que distingue a pessoa capaz de propiciar o surgimento dos eventos ectoplásmicos é a sua capacidade de emitir ectoplasma em abundância, suficiente à sua produção.

Essencial, pois, nesse tipo de fenômeno, a presença dessa substância, cujo conhecimento completo, aliás, demanda ainda, muita investigação.

O termo ectoplasma (do gr. ektós, fora, exterior + plasma) foi criado por Charles RICHET (1850-1935), depois de ter observado, numa série de sessões com a célebre médium Eva CARRIÈRE (depois WAESPÉ), conhecida como Eva C., acontecidas em 1903, na antiga Argel, que os fenômenos ocorriam graças a uma substância viva, esbranquiçada, que dela saía.

Antes de RICHET, todavia, já era detectada pelos chamados iniciados, inclusive, PARACELSO, que, no século XVI, chamou-a de *mysterium magnum*. No século XIX, início do século XX, com base em comunicação obtida por William CROOKES (1832-1919), por meio de Dunglas HOME, foi dado a conhecer à Sociedade Dialética de Londres, que o fenômeno da materialização tinha como suporte o ectoplasma de células orgânicas.⁽²⁾ (Em Biologia, como se sabe, o vocábulo designa a parte da substância citoplásmica, mais proximamente ligada à membrana plásmica, ou seja, a película externa do citoplasma).

⁽²⁾ Albert Schrenk NOTZING (1862-1929), famoso pesquisador alemão que fundou, em Berlim, o primeiro laboratório de pesquisas de fenômenos mediúnicos, e que também acompanhou Eva C. e outros médiuns famosos, denominou-a teleplasma (*Materialisations Phenomene*, 1914).

O ectoplasma, como opina Arthur Conan DOYLE, “é a mais protéica das substâncias e pode manifestar-se de muitas maneiras e com propriedades variáveis”.⁽³⁾

⁽³⁾ DOYLE, Arthur Conan. História do Espiritismo. São Paulo: PENSAMENTO, 1995, p. 352, Cap. 18.

Com base nos experimentos, observações e informações de notáveis investigadores, como W. J. CRAWFORD, Charles RICHET, Gustave GELEY, Albert Schrenck NOTZING, Juliette-Alexandre BISSON (Mme. BISSON), William CROOKES, Johann K. F. ZÖLLNER, Paul GIBIER, Ernesto BOZZANO, Gabriel DELANNE, Alexandre AKSAKOF, Albert COSTE, Violet TWEEDALE, Hernani G. ANDRADE, Carlos de Brito IMBASSAHY e outros, é possível, já, catalogar algumas características do ectoplasma.⁽⁴⁾

(4) “Para a consecução de tamanha obra de investigação e fiscalização científica - observa Antônio LIMA - houve um singular movimento de interesse e sincero amor à verdade, levando muitos cultores da Física a construírem uma aparelhagem para os diversos casos, como o magnetoscópio, de RUTTTER; o pêndulo, de BRICHE; o biômetro, de LUCAS; o galvanômetro, de PUYFONTAINE; o magnetômetro, de FOURLIN e BARADUC; o cilindro, de THORÉ; o estenômetro, de JOIRE; o aparelho elétrico, de KRALL; o sensitivômetro, de DURVILLE; o aparelho de FAYOL (...). Também se criou a báscula para registrar a perda de peso do médium; D’ARSONVAL inventou o selenoide, DEPRESZ, outro galvanômetro...”. (LIMA, Antônio. Vida de Jesus. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1982, p. 196).

Assim, tem-se observado que se trata de uma substância de natureza filamentososa ou fibrosa, que, quando visível, pode apresentar-se branca, cinzenta ou preta, embora a primeira seja a mais frequente.

A visibilidade é variável, podendo parecer luminosa e com intensidade que cresce ou diminui. Pode, também, ser invisível ou não.

Geralmente, ao natural, é inodora, embora, às vezes, possa desprender um odor particular difícil de ser descrito. (Anota Conan DOYLE, que NOTZING, ao reduzir a cinzas uma porção de ectoplasma registrou o “cheiro de chifre queimado”).⁽⁵⁾

(5) Op. cit., p. 349. V., adiante, Pneumatografia.

Por vezes, o ectoplasma é frio e úmido; em outras, viscoso e semilíquido, méis raramente seco e duro (quando forma cordéis é duro, fibroso, nodoso). Dilata-se, expande-se, contraí-se, fácil e suavemente.

Ao tato pode-se senti-lo como uma teia de aranha.

Uma corrente de ar pode agitá-lo ou movê-lo. Move-se, às vezes, lentamente, numa espécie de movimento reptiliano, sobre o corpo do médium; outras vezes, o movimento é súbito e rápido.

É de extrema sensibilidade, podendo aparecer ou desaparecer com a rapidez de um relâmpago.

Obediente à ação mental, é sensível ao toque físico⁽⁶⁾ e, particularmente, à luz. Por isso, por ser extremamente fotossensível, a eficácia do processo ectoplásmico, nas sessões de materialização, geralmente, imprescinde da obscuridade, principalmente, no local onde está o médium; fora, pode-se empregar a luz vermelha.

(6) Segundo observações de M. TUBINO, os efeitos do toque são perfeitamente detectáveis. “Quando se toca o ectoplasma de algumas pessoas, a certa distância do corpo, isto é, a alguns centímetros”, anota o Autor, “elas sentem este toque, com sensações diversas, que dependem de cada indivíduo. Em função de como é feito, este toque pode causar ânsia de vômito, tosse e até algumas sensações mais desagradáveis”. (TUBINO, Matthieu. Um Fluido Vital Chamado Ectoplasma. Niterói (RJ): LACHÂTRE, 1997, p. 55).

Com efeito, as evidências são no sentido de que a luz, como lembra DENIS, exerce “grande poder de desagregação” sobre as formações ectoplásmicas. Camille FLAMMARION, a propósito, estabelece a seguinte comparação:

“Aqui está, num frasco e em volume igual, uma mistura de hidrogênio e cloro. Se quereis que a mistura se conserve, é preciso — seja ou não de vosso agrado - que o frasco permaneça na obscuridade. Tal é a lei. Enquanto ali ficar, ela se conservará. Se, entretanto, movido por uma fantasia pueril expuserdes essa mistura à ação da luz, uma violenta explosão se fará subitamente ouvir; o hidrogênio e o cloro terão desaparecido e

encontrareis no frasco nova substância: o ácido clorídrico. E, com acerto, concluireis: a obscuridade respeita os dois elementos; a luz os aniquila.”⁽⁷⁾

⁽⁷⁾ Revue Spirite, 1906. V. DENIS, Léon. No invisível. 15. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, p. 286. Trad. Leopoldo Cirne.

Fato acontecido com o célebre médium norte-americano, George VALIANTINE, então, em visita à Inglaterra, mostra bem o efeito desagregador da luz sobre o ectoplasma. Relata H. Dennis BRADLEY, testemunha presencial do ocorrido, junto com outros pesquisadores:

“Reunimo-nos na sala de dança, cujas vidraças foram recobertas de espesseis cortinas de veludo negro.

Houve um pequeno desacordo entre dois dos presentes sobre matéria sem importância — o que prejudicou as condições.

Depois de uns cinco ou dez minutos apareceram no teto vivas estrelas prateadas; luzes semelhantes também brilharam em outros pontos da sala. (...)

Os criados tinham recebido ordem para apagar todas as luzes dos corredores, mas, por descuido, uma forte lâmpada elétrica foi acesa no pátio da garagem, a qual fica fronteira às janelas da sala onde estávamos. Antes de sabermos disso, eu e outros observamos que Valiantine não cantava, e respirava com esforço. Pareceu-nos que caíra em transe, apesar de que tal coisa só acontece quando a sessão se realiza no gabinete preparado para as materializações.

A luz do pátio infiltrava-se pelas frestas do alto deis cortinas em quantidade suficiente para que vislumbrássemos uns aos outros. Valiantine observou que a condição era má, e vimos uma corneta erguer-se no ar a meia altura, perto de Mrs. Bryans. Foi nesse momento que acenderam a luz no pátio - e a corneta veio ao chão.

Valiantine estava a respirar pesadamente. Ficamos ali uns dez minutos, até que ele murmurou: ‘Oh, o meu estômago!’ Vendo as coisas mal paradas, resolvemos acender as luzes. De Wyckoff levantou-se e mal deu dois passos na direção da chave, a voz de Everett soou no teto: ‘Não acenda a luz!’ Voz em tom frenético.

De Wyckoff voltou-se para Valiantine e o viu envolto numa espécie de nimbo. Mrs. Caradoc Evans descreve esse nimbo como uma substância viscosa ‘em que se podia enfiar o dedo, sem que o dedo a furasse’. Apalpei o rosto e as mãos de Valiantine: frias como as de um morto. De Wyckoff, Bryans, Evans e eu -as mulheres já se haviam retirado — ficamos com ele ali no escuro talvez uma hora, até que voltasse à vida e fosse, meio carregado, para um divã no estúdio.

É fato cientificamente estabelecido que o ectoplasma provém do corpo do médium, e que o subitâneo choque da luz sobre o ectoplasma faz que ele reentre no corpo do médium com terrível ímpeto. Foi o que, me parece, aconteceu a Valiantine.

Valiantine foi para a cama; e como no dia seguinte sua perturbação continuasse, chamamos um médico, o Dr. Cooper, de Surbiton. Passou o dia todo na cama. Mas ficou bom, apesar da mancha roxa que ainda conservava no peito, aí de duas polegadas por três - evidentemente causada pelo choque do ectoplasma ao reentrar subitamente no corpo.”⁽⁸⁾

⁽⁸⁾ BRADLEY, H. Dennis. Rumo às Estrelas. (Orig. Towards The Stars). São Paulo: LAKE, 1999, pp. 162 e 163, Livro II, Cap. II. Trad. Monteiro Lobato.

Outro fato interessante, referido por PALHANO JR. e relacionado, também, com a fotossensibilidade do ectoplasma, foi o testemunhado por Florence MARRYAT, pseudônimo da escritora Ross CHURCH (837-1899), em um dos trabalhos que participou com a médium Florence COOK:

“Perguntaram um dia a Katie King por que não podia mostrar-se sob uma luz mais forte. (Ela só permitia aceso um bico de gás e, assim mesmo, com a chama muito baixa). A pergunta pareceu irritá-la enormemente, contudo respondeu, de modo um tanto áspero: ‘— Já vos tenho declarado muitas vezes que não me é possível suportar a claridade de uma luz intensa. Não sei por que me é isso impossível; entretanto, se duvidais de minhas palavras, acendi todas as luzes e vereis o que acontecerá. Previno-vos, porém, não mais poderei reaparecer diante de vós. Escolhei.’

As pessoas presentes se consultaram entre si e decidiram tentar a experiência para verem o que sucederia. Queríamos tirar definitivamente a limpo a questão e saber se uma iluminação mais forte embarçaria o fenômeno de materialização. Katie teve aviso da nossa decisão e consentiu na experiência. Soubemos mais tarde que lhe havíamos causado grande sofrimento.

O Espírito Katie se colocou de pé, junto à parede, e abriu os braços em cruz, aguardando a sua dissolução.

Acenderam-se os três bicos de gás (a sala media cerca de 16 pés quadrados). Foi extraordinário o efeito produzido sobre Katie King, que apenas por um instante resistiu à claridade. Vimo-la em seguida fundir-se, como uma boneca de cera junto de ardentes chameis. Primeiro, apagaram-se-lhe os traços fisionômicos, que não mais se distinguiram. Os olhos enterraram-se nas órbitas, o nariz desapareceu, a testa como que entrou pela cabeça. Depois, todos os membros cederam e o corpo inteiro se achatou, qual um edifício que desmorona. Nada mais restava do que a cabeça sobre o tapete e, por fim, um pouco de pano branco, que também desapareceu como se o houvessem puxado subitamente.

Conservamo-nos alguns momentos com os olhos fitos no lugar onde Katie deixara de ser vista. Terminou assim aquela memorável sessão.”⁽⁹⁾

⁽⁹⁾ PALHANO JR. L. Experimentações Mediúnicas. Rio de Janeiro: Celd, 1996, pp. 179 a 181.

Guimarães ANDRADE, tratando do tema, sugere que a desagregação do ectoplasma estaria associada ao chamado efeito fotoelétrico. Observa o renomado cientista brasileiro:

*“Raramente, o ectoplasma resiste à ação desagregadora dos ftons. Seria, talvez, o resultado do efeito **fotoelétrico**. O infravermelho, possuindo ftons de pequena energia, não exerce ação importante sobre aquela substancia. Daí ser possível formarem-se aglomerações ectoplásmicas, na ausência da luz visível. Tal fato impede sejam observadas facilmente as ectoplasmias de pequena intensidade. Uma vez bem consolidado e na fase final de uma corporificação, o ectoplasma transforma-se em tecidos ou objetos resistentes às radiações luminosas. Da mesma forma, uma vez colhido em recipiente próprio, ele poderá, perdendo sua carga biônica, conservar-se sob o aspecto de uma mistura de substâncias diversas, sacadas do organismo mediúnico e até mesmo de certos objetos.”⁽¹⁰⁾*

⁽¹⁰⁾ Andrade, Hernani Guimarães. Novos Rumos à Experimentação Espiritica. São Paulo: edição do autor, 1960, p. 98, Cap. III.

Importante anotar que, em função do interesse científico, como mostra a história do Espiritismo, os Espíritos que comandam o processo ectoplásmico conseguem, quando necessário, sanar a ausência momentânea da obscuridade, sendo certo que, nesse caso, cautelas especiais são tomadas para que o médium, em especial, não seja afetado. (A luminosidade incontrolada — e, também, a emoção súbita - pode provocar, além da desagregação, a repentina retração de parte do ectoplasma, chocando o médium, como visto, e causando-lhe, por vezes, danos sérios e imprevisíveis).⁽¹¹⁾

⁽¹¹⁾ Casos conhecidos há, além dos citados, em que os médiuns, nas sessões de materialização, dependendo das circunstâncias, são tão atingidos pelos efeitos da luz branca repentina, que chegam até a necessitar de hospitalização. (V. GIBIER, Paul; BOZZANO, Ernesto. *Materializações de Espíritos*. 4. ed. Rio de Janeiro: ECO, p. 91, nº 15. Trad. Francisco Klörs Werneck).

A esse respeito, todavia, imprescindível ressaltar que, se com a maioria dos médiuns, o fator obscuridade é vital para o processamento do fenômeno, médiuns excepcionais ganharam registro histórico por se prestarem à produção de fenômenos ectoplásmicos, inclusive, materialização e desmaterialização, em plena luz, até mesmo a solar. Alinham-se, como notáveis exemplos, os médiuns Mme. D'ESPERANCE, Eva CARRIÈRE e Cármine MIRABELLI, que operavam em quaisquer condições.

O ectoplasma emana através de todos os poros do médium, especialmente, da boca, das narinas, dos ouvidos, do tórax e das extremidades (alto da cabeça, seios, pontas dos dedos), sendo reabsorvido ou dispersado ao final do processo. Habitualmente, as primeiras emanações acontecem pela boca, sendo possível verificar que se forma a partir da superfície interna das bochechas, das gengivas e da abóbada palatina.

Interessante experiência, segundo PALHANO JR., foi feita, a propósito, por Oliver LODGE, com a célebre médium Florence COOK:

“Esta (Florence COOK), ficava isolada num círculo elétrico, cujas variações de resistência eram indicadas por um galvanômetro que se encontrava junto dos experimentadores. Certo dia, quando o Espírito Katie KING surgiu materializado, o Professor pediu-lhe, inesperadamente, que metesse as mãos numa tina com mercúrio, onde havia um corante forte. O galvanômetro, que havia indicado uma diminuição na resistência do circuito, à medida que a figura materializada ia se formando, não sofreu qualquer desvio pela imersão das mãos ectoplasmáticas na tina de mercúrio, nem as mãos da médium tinham manchas do corante. Para surpresa dos pesquisadores, foi observado, posteriormente, que em varieis partes do corpo da médium havia manchas do corante. Este fato demonstrou, de modo claro, que a substância promana do corpo da médium; manchada, ela voltou à médium de forma distribuída, do mesmo modo como foi liberada, neste caso, através dos poros.”⁽¹²⁾

⁽¹²⁾ PALHANO JR. L. Op. Cit., p. 178

O ectoplasma assume as mais diversas formas, sob a influência, em cada uma delas, de um campo organizador específico, mostrando sua irresistível tendência à reorganização. E, em certos casos, quando adensado, pode ocupar um determinado volume no espaço.

Há, ainda, evidências de que possa estar sujeito à ação da gravidade. (W. J. CRAWFORD, 1890-1930, Professor de Engenharia Mecânica na Queen's University, Belfast, Irlanda, em

suas célebres pesquisas ligadas à ectoplasmia, verificou experimentalmente, com o uso de balança, a ação da gravidade sobre o ectoplasma).⁽¹³⁾

⁽¹³⁾ V. CRAWFORD, W. J. Mecânica Psíquica. São Paulo: Lake, 1963. Também, DOYLE, A. C. História do Espiritismo. Ed. citada. Trad. Haydée de Magalhães.

Em condições específicas de adensamento, apresentar-se-ia como elemento condutor do magnetismo e da própria eletricidade.

Finalmente, o ectoplasma não só penetra (ou atravessa) qualquer tipo de matéria, como com ela interage, tanto física, como quimicamente (nível atômico). Daí, por exemplo, o seu emprego na produção de efeitos físicos ou a sua aplicação em trabalhos de cura. E essa ação pode, também, ocorrer a distância: presentes as necessárias condições, o ectoplasma de um doador pode perfeitamente servir a um paciente que esteja em outro lugar.

*

Alguns investigadores (Schrenck NOTZING, James BLAKE, Mme. BISSON, LEBIEDZINSKI, DOMBROWSKY) chegaram a pesquisar, por meio de análises químicas e histológicas, a constituição do ectoplasma, tendo sido detectada entre seus elementos constituintes, a presença de cloreto de sódio e de fosfato de cálcio. Resultados outros revelaram a presença de células epiteliais e leucócitos, além de matéria gordurosa. (BLAKE teria chegado, até, segundo o Prof. ANDRADE, a uma fórmula quantitativa, que, pelo menos, indicaria tratar-se, o ectoplasma, de uma substância de natureza proteica: $C_{120} H_{1184} AZ_{218} S_5 O_{249}$).⁽¹⁴⁾

⁽¹⁴⁾ Cf. Andrade, Hernani Guimarães. A Teoria Corpuscular do Espírito. São Paulo: Ed. do Autor 1959, p. 195: Cap. IX.

Assinala, a propósito, Carlos de Brito IMBASSAHY que, ao descobrirem na célula viva, uma formação em torno do protoplasma (que denominaram ectoplasma), os biólogos chegaram a verificar “que não tinha a consistência material”, nele encontrando, todavia, elementos como oxigênio, nitrogênio, carbono, potássio, além de vestígios de cloro e sódio, comparando muito difícil seu estudo, porque, não se identificando, propriamente, com o protoplasma celular mostrava “característica estranha e desconhecida”.⁽¹⁵⁾

⁽¹⁵⁾ IMBASSAHY, Carlos de Brito. “A Outra Face da Ciência Espírita”. Matão (SP): O Clarim, Julho. 1998, p. 8.

O tema, certamente, apresenta-se complexo, desafiando os pesquisadores e provocando o surgimento de teses, as mais respeitáveis. Assim, por exemplo, Jorge ANDRÉA, médico e autor dos mais conceituados, enfatiza o papel do ATP (trifosfato de adenosina) entre os elementos que constituiriam o ectoplasma:

“O ectoplasma seria substância originária do protoplasma das usinas celulares, onde o ATP (trifosfato de adenosina) teria expressiva participação, ao lado de outros elementos. Dessa forma, não podemos deixar de considerar a importância do fósforo nas atividades bioquímicas orgânicas e, conseqüentemente, no desenvolvimento do processo ectoplásmico em suas específicas dosagens.

No núcleo celular existiriam fontes específicas de energia, ligadas ao ADN e ARN (ácidos desoxirribonucleico e ribonucleico), a comandarem os processos metabólicos mais expressivos no soalho protoplasmático. O elemento participante ativo desse processo de formação de energia no corpo celular seria o ATP (trifosfato de adenosina), resultante do ciclo bioquímico específico de Krebs. O ATP (...), sendo a primordial fonte de energia nos processos celulares, estaria comprometido na formação do ectoplasma.”⁽¹⁶⁾

⁽¹⁶⁾ ANDRÉA DO SANTOS, Jorge. Dinâmica Psi. 2. ed. Petrópolis (RJ): LORENZ, 1990, pp. 198 e 199.

Já ANDRÉ Luiz, por meio de Francisco C. XAVIER, observa que o ectoplasma “independe do caráter e das qualidades morais daqueles que a possuem, constituindo emanações do mundo psicofísico, das quais o citoplasma é uma das fontes de origem”.⁽¹⁷⁾

⁽¹⁷⁾ XAVIER, f. C. Espírito André Luiz. NOS Domínios da Mediunidade, p. 264.

Estabelece, ainda, o venerando mestre espiritual:

“O ectoplasma está situado entre a matéria densa e a matéria perispirítica, assim como um produto de emanações da alma pelo filtro do corpo (...). Em certas organizações fisiológicas especiais da Raça humana, comparece em maiores proporções e em relativa madureza para a manifestação necessária aos efeitos físicos. (...) É um elemento amorfo, mas de grande potência e vitalidade. Pode ser comparado a genuína massa protoplásmica, sendo extremamente sensível, animado de princípios criativos que funcionam como condutores de eletricidade e magnetismo, mas que se subordinam, invariavelmente, ao pensamento e à vontade do médium que os exterioriza ou dos Espíritos desencarnados ou não, que sintonizam com a mente mediúnica, senhoreando-lhe o modo de ser. Infinitamente plástico, dá forma parcial ou total às entidades que se fazem visíveis aos olhos dos companheiros terrestres ou diante da objetiva fotográfica, dá consistência aos fios, bastonetes e outros tipos de formações visíveis ou invisíveis nos fenômenos de levitação, e substancializa as imagens criadas pela imaginação do médium ou dos companheiros que o assistem, mentalmente afinados com ele. Exige-nos, pois, muito cuidado para não sofrer o domínio de Inteligências sombrias, de vez que manejado por entidades ainda cativas de paixões deprimentes poderia gerar clamorosas perturbações.”⁽¹⁸⁾

⁽¹⁸⁾ XAVIER, f. C. Espírito André Luiz. NOS Domínios da Mediunidade, pp. 271 e 272.

*

Releva anotar que o ectoplasma, mormente o empregado em trabalhos de materialização, apresenta, também, um componente não físico.

A propósito, informa ANDRÉ LUIZ que, numa sessão de materialização, o ectoplasma pode surgir como uma associação de: **(a)** fluidos oriundos dos planos espirituais superiores;⁽¹⁹⁾ **(b)** fluidos do médium; **(c)** fluidos dos assistentes; **(d)** fluidos provenientes dos recursos energéticos da própria Natureza. (O Autor designa os primeiros como fluidos A; os produzidos pelos encarnados, como fluidos B; e os tomados à Natureza, como fluidos C.)⁽²⁰⁾

⁽¹⁹⁾ É possível que no Plano Espiritual, em trabalhos que corresponderiam, entre os encarnados, aos de ectoplasmia, seja empregado um tipo de energia (ou substância), cujos efeitos se assemelhariam aos que se obtêm com o ectoplasma.

Significativa, a esse respeito, é a indicação de ANDRÉ LUIZ de que os Espíritos Superiores, muitas vezes, usam desse recurso a fim de poderem ser convenientemente vistos e ouvidos pelas almas menos elevadas. (V. XAVIER, Francisco Cândido. Espírito ANDRÉ LUIZ. Libertação 17. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995, pp. 257 a 260: Cap. XX). De outro lado, segundo se sabe, casos há em que o próprio ectoplasma, tal como é conhecido, é empregado em benefício dos desencarnados que se encontram em condições dolorosas. (V. XAVIER, F. C. Espírito IRMÃO JACOB. Voltei. 16. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, p. 21, Cap. 1).

⁽²⁰⁾ Id. Ibid., p. 265, Cap. 28.

Tal informação, pela credibilidade de que se reveste, aponta em si, a necessidade que temos de um audacioso projeto de pesquisa interdisciplinar, que possa revelar mais abrangentemente, não só a natureza do ectoplasma, como a sua implicação no próprio processo da Vida, tão delicado e complexo.

Cumprir observar, por fim, que, do examinado, pode-se concluir que também os animais e os vegetais são fornecedores de ectoplasma, uma substância peculiar a todos os seres vivos, e que pode ser associada a determinados recursos extraídos dos minerais, e, até, das águas, para a produção de efeitos especiais.

* * *

As ocorrências ectoplásmicas compõem, hoje, um quadro bem significativo. Trata-se, evidentemente, de fenômenos que, por sua complexidade, atraem uma análise particular de cada tipo, o que acontece nos capítulos que se seguem.

EVENTOS ECTOPLÁSMICOS

1. TIPTOLOGIA
2. SEMATOLOGIA
3. CINETOLOGIA
4. ESCRITA INDIRETA
5. PNEUMATOLOGIA (Escrita Direta)
6. PNEUMAPICTURA
7. PNEUMATOFONIA (Voz Direta)
8. TRANSCOMUNICAÇÃO INSTRUMENTAL
9. FOTOGRAFIA TRANSCENDENTE
10. ESCRITA FOTOGRÁFICA
11. DERMOTOGRAFIA - DERMOPICTURA
12. TRANSFIGURAÇÃO

13. TERAPIA ECTOPLÁSMICA:
 - Psicocirurgia
 - Cirurgia Espiritual Direta
 - Passe
 - Fluidificação de Água e de Objetos
 - Auxílio Vibratório em Grupo
14. MATERIALIZAÇÃO
15. MOLDAGENS
16. DEFORMAÇÕES DE OBJETOS
17. DESMATERIALIZAÇÃO - REMATERIALIZAÇÃO
18. TRANSPORTE
19. ENDOPORTE - EXOPORTE
20. LEVITAÇÃO
21. DESLOCAMENTO DE MÓVEIS E OUTROS OBJETOS
22. EFEITOS LUMINOSOS
23. EFEITOS ODORANTES
24. EFEITOS SONOROS
25. EFEITOS MAGNÉTICOS
26. FENÔMENOS TÉRMICOS
27. EFEITOS QUÍMICOS
28. EFEITOS FITOLÓGICOS
29. INCOMBUSTIBILIDADE
30. PIROGENIA
31. FENÔMENOS ELETROELETRÔNICOS
32. EFEITOS ATMOSFÉRICOS
33. EVENTOS ALEATÓRIOS
34. RADIESTESIA
35. POLTERGEIST

XV- TIPTOLOGIA

Comunicação do Espírito por meio de pancadas, a expressarem, por convenção, letras e palavras.

É a linguagem das pancadas, segundo KARDEC.⁽¹⁾

⁽¹⁾ KARDEC, Allan. O Livro dos Médiuns. 61. ed. Rio de Janeiro: FEB, p. 186.

O fenômeno da tiptologia (do gr. tipto, eu bato + logia, estudo, discurso, linguagem), marca momento importante na história do Espiritismo, pois foi o primeiro a atrair a atenção de pesquisadores e autoridades, que, depois de investigá-los, atestaram sua indiscutível realidade.

De fato, no início do ano de 1848, em Hydesville, um lugarejo perto de Rochester, condado de Waine, no Estado de Nova York, na casa da Família Fox, começaram a ser ouvidos, durante a noite, estranhos ruídos de arranhadura, de arrastar de móveis e batidas, entre outros, inquietando o casal Fox e despertando a curiosidade de suas filhas, as meninas Kate e Margareth,⁽²⁾ e a jovem Leah. (Tais ruídos, aliás, já teriam sido registrados pela família Weekman, moradores anteriores, em 1844).

⁽²⁾ Segundo a Sra. Fox, Kate e Margareth tinham, na época, 7 e 10 anos, respectivamente.

Em março daquele ano, intensificaram-se os ruídos que passaram a ser ouvidos em toda a casa, tornando-se, os sons, por vezes, tão vibrantes que as camas tremiam e se moviam, alarmando a família, que já não conseguia dormir, uma vez que esses ruídos só apareciam à noite. Finalmente, na noite de 31 de março, houve uma explosão inexplicável de sons muito altos e continuados.⁽³⁾ Em meio à intranquilidade geral, a jovem Kate (Catalina) Fox, resolveu, de repente, desafiar a força invisível a responder aos sons que ela produzia com os dedos.

⁽³⁾ Ver, adiante, Efeitos Sonoros.

O pedido foi prontamente atendido e cada solicitação de Kate era respondida com uma batida, estabelecendo-se, assim, um contato telegráfico entre a jovem e o comunicante espiritual, assinalando, em sua singeleza, o início de um novo tempo para a Humanidade. “Foi nessa noite” - escreve Conan DOYLE - “que um dos grandes pontos da evolução psíquica foi alcançado” (...) “Aquele quarto rústico, com aquela gente ansiosa, expectante (...), com os rostos alterados, num círculo iluminado por velas e suas grandes sombras se projetando nos cantos, bem podia ser assunto para um grande quadro histórico”.⁽⁴⁾

⁽⁴⁾ DOYLE, Arthur Conan. História do Espiritismo. São Paulo: PENSAMENTO, 1995, p. 75. Trad. Júlio Abreu Filho.

Por sua importância, merece transcrição o valioso depoimento da Sra. Fox, sobre essas ocorrências:

“Na noite de sexta-feira, 31 de março de 1848, resolvemos ir para a cama um pouco mais cedo e não nos deixamos perturbar pelos barulhos: íamos ter uma noite de repouso. Meu

marido, que aqui estava em todas as ocasiões, ouviu os ruídos e ajudou a pesquisa. Naquela noite fomos cedo para a cama — apenas escurecera. Achava-me tão quebrada e com falta de repouso, que quase me sentia doente. Meu marido não tinha ido para a cama quando ouvimos o primeiro ruído naquela noite. Eu apenas havia me deitado. A coisa começou como de costume. Eu o distinguia de quaisquer outros ruídos jamais ouvidos. As meninas, que dormiam em outra cama no quarto, ouviram as batidas e procuraram fazer ruídos semelhantes, estalando os dedos.

Minha filha menor, Kate, disse, batendo palmas: 'Sr. Pé-Rachado, faça o que eu faço'. Imediatamente seguiu-se o som, com o mesmo número de palmadas. Quando ela parou, o som logo parou. Então Margareth disse brincando: 'Agora faça exatamente como eu. Conte um, dois, três, quatro' e bateu palmas. Então os ruídos se produziram como antes. Ela teve medo de repetir o ensaio. Então Kate disse, na sua simplicidade infantil: 'Oh! mamãe! eu já sei o que é. Amanhã é primeiro de abril e alguém quer nos pregar uma mentira'.

Então pensei em fazer um teste de que ninguém seria capaz de responder. Pedi que fossem indicadas as idades de meus filhos, sucessivamente. Instantaneamente, foi dada a exata idade de cada um, fazendo um pausa de um para o outro, a fim de os separar, até o sétimo, depois do que se fez uma pausa maior e três batidas mais fortes foram dadas, correspondendo à idade do menor, que havia morrido.

Então perguntei: 'É um ser humano que me responde tão corretamente?' Não houve resposta. Perguntei: 'É um espírito? Se for dê duas batidas'. Duas batidas foram ouvidas assim que fiz o pedido. Então eu disse: 'Se foi um Espírito assassinado dê duas batidas Estas foram dadas instantaneamente, produzindo um tremor na casa. Perguntei: 'Foi assassinado nesta casa?' A resposta foi como a precedente. 'A pessoa que o assassinou ainda vive?'

Resposta idêntica, por duas batidas. Pelo mesmo processo verifiquei que fora um homem que o assassinara nesta casa e os seus despojos enterrados na adega; que a sua família era constituída de esposa e cinco filhos, dois rapazes e três meninas, todos vivos ao tempo de sua morte, mas que depois a esposa morrerá. Então perguntei: 'Continuara a bater se chamar os vizinhos para que também escutem?' A resposta afirmativa foi alta.

Meu marido foi chamar Mrs. Redfield, nossa vizinha mais próxima. É uma senhora muito delicada. As meninas estavam sentadas na cama, unidas uma à outra e tremendo de medo. Penso que estava tão calma como estou agora. Mrs. Redfield veio imediatamente - seriam cerca de sete e meia - pensando que faria rir às meninas. Mas quando as viu pálidas de terror e quase sem fala, admirou-se e pensou que havia algo mais sério do que esperava. Fiz algumas perguntas por ela e eis respostas foram como antes. Deram-lhe a idade exata.

Então ela chamou o marido e as mesmas perguntas foram feitas e respondidas.

Então, Mrs. Redfield chamou Mr. Duesler e a esposa, e várias outras pessoas. Depois, Mr. Duesler chamou o casal Hyde e o casal Jewell. Mr. Duesler fez muitas perguntas e obteve as respostas. Em seguida, indiquei vários vizinhos nos quais pude pensar, e perguntei se havia sido morto por um deles, mas não tive resposta. Após isso, Mr. Duesler fez perguntas e obteve as respostas: 'Foi assassinado?' Resposta afirmativa. 'Seu assassino pode ser levado ao tribunal?' Nenhuma resposta. 'Pode ser punido pela lei?' Nenhuma resposta. A seguir, disse: 'Se seu assassino não pode ser punido pela lei, dê sinais'. As batidas foram ouvidas claramente. Pelo mesmo processo, Mr. Duesler verificou que ele tinha sido assassinado no quarto de leste, há cinco anos passados, e que o assassinio fora cometido, à meia-noite de uma terça-feira, por Mr. ...; que fora morto com um golpe de faca de açougueiro na garganta; que o corpo tinha sido levado para a adega; que só na noite seguinte é que havia

sido enterrado; tinha passado pela despensa, descido a escada, e enterrado a dez pés abaixo do solo. Também fora constatado que o móvel fora o dinheiro.

‘Qual a quantia: cem dólares?’ Nenhuma resposta. ‘Duzentos? Trezentos?’ etc. Quando mencionou quinhentos dólares as batidas confirmaram.

Foram chamados muitos dos vizinhos que estavam pescando no ribeirão. Estes ouviram as mesmas perguntas e respostas. Alguns permaneceram em casa naquela noite. Eu e as meninas saímos. Meu marido ficou toda a noite com Mr. Redfield. No sábado seguinte a casa ficou superlotada. Durante o dia não se ouviram os sons; mas ao anoitecer recommçaram. Dizia que mais de trezentas pessoas achavam-se presentes. No domingo pela manhã os ruídos foram ouvidos o dia inteiro por todos quantos se achavam em casa.

Na noite de sábado, 1º de abril, começaram a cavar na adega; cavaram até dar n’água; então pararam. Os sons não foram ouvidos nem na tarde nem na noite de domingo. Stephen B. Smith e sua esposa, minha filha Marie, bem como meu filho David S. Fox e sua esposa dormiram no quarto aquela noite.

Nada mais ouvi desde então até ontem. Antes do meio-dia, ontem, várias perguntas foram respondidas da maneira usual. Hoje ouvi os sons várias vezes.

Não acredito em caseis assombradas nem em aparições sobrenaturais. Lamento que tenha havido tanta curiosidade neste caso. Isto nos causou muitos aborrecimentos. Foi uma infelicidade morarmos aqui neste momento. Mas estou ansiosa para que a verdade seja conhecida e uma verificação correta seja procedida. Ouvi as batidas novamente esta manhã, terça-feira, 4 de abril. As meninas também ouviram.

Garanto que o depoimento acima me foi lido e que é a verdade; e que, se fosse necessário, prestaria juramento de que é verdadeiro.

(a) Margareth Fox.”⁽⁵⁾

⁽⁵⁾ DOYLE, Arthur Conan. História do Espiritismo. São Paulo: PENSAMENTO, 1995, p. 75. Trad. Júlio Abreu Filho.

A ideia de usar o alfabeto para obtenção de respostas, por meio de arranhões, teria partido de um vizinho, Mr. Duesler, convidado a assistir os fenômenos, mas acredita-se que tenha sido o irmão do Sr. John Fox, David S. Fox que tenha sido o primeiro a usar o alfabeto, em Hydesville. Mais tarde, foi divulgado por Isaac Post, membro influente dos Quakers. Com uso do método alfabético, foi possível ao Espírito por meio de batidas e segundo o convencional, identificar-se como sendo Charles B. Rosma, como visto, o mascate assassinado, cujo corpo havia sido enterrado na adega da casa.

Surgira, assim, o extraordinário fenômeno da comunicação por meio de batidas ou pancadas, designado depois por KARDEC como tiptologia.⁽⁶⁾ Em sua aparente singeleza, dava início, oficialmente, a um movimento que iria revolucionar o Saber humano.

⁽⁶⁾ O esqueleto do mascate assassinado foi encontrado 56 anos depois. “De acordo com uma reportagem do Boston Journal” - informa N. FODOR - “algumas partes de uma parede inacabada, construída numa área da parede verdadeira da despensa, caiu. Escavações foram feitas pelo proprietário da Casa Falante e um esqueleto humano quase completo foi encontrado. Havia uma lata de mascate perto dos ossos”. (An Encyclopaedia of Psychic Science, p. 146).

Partindo de Hydesville, esse sistema de intercomunicação com o mundo espiritual difundiu-se rapidamente pelos Estados Unidos, sendo rotulados como raps, esses ruídos produzidos pelos Espíritos.

Observe-se, a propósito, que embora tal denominação se aplique a toda uma série de ruídos (mesa se arrastando, pessoa caminhando, cavalo trotando, madeira sendo serrada, fósforo riscando, madeira sendo lixada e todos os demais já vistos), o termo raps (do inglês, rap, batida) é mais usado para designar as pancadas de todos os tipos (soltas, duplas, triplas, em série), a ressoarem nos mais variados tipos de material.

A respeito, escreve Joseph MAXWELL (Les Phénomènes Psychiques), citado por Carlos B. LOUREIRO:

“Geralmente ressoam na estrutura de madeira da mesa, mas nem sempre sucede assim, e são percebidos ocasionalmente, no solo, nos móveis, nas paredes, no teto, e nos próprios assistentes. Ouvi-os, muitas vezes, fora de sessões e os consegui em plena luz.

A variedade dos raps não é menor do que a diversidade dos objetos sobre os quais se fazem ouvir. O tipo ordinário consiste em golpes secos, de intensidade variável, os que recordam o crepitar da centelha elétrica. A tonalidade dos raps varia segundo a composição da matéria em que fazem ouvir. Distinguem-se os raps desferidos na madeira, dos batidos numa folha de papel de carta ou em tecidos, e esta é uma verificação interessante, porque demonstra que o som é produto das vibrações da composição material do objeto.”⁽⁷⁾

⁽⁷⁾ LOUREIRO, Carlos Bernardo. Dos Raps à Comunicação Instrumental. Rio de Janeiro: LORENZ, 1993, p. 235.

Sejam quais forem os tipos de raps, só adquirem caráter tipológico, quando servem à comunicação ordenada do Espírito, de modo que convertam as batidas em palavras, segundo a convenção estabelecida (cada número de pancadas, por exemplo, correspondendo a uma letra do alfabeto - uma pancada para a letra A, duas para a letra B, etc. - ou a cada palavra falada, uma resposta assinalada por um tipo de pancada, indicando se é a desejada ou não, pelo Espírito para compor sua mensagem).

Como bem observa CERVINO, na tiptologia “há sempre uma convenção. Uma série de raps não chega a ser tiptologia, embora pelo seu caráter, oportunidade e localização possam ter um significado sematológico”.⁽⁸⁾

⁽⁸⁾ CERVINO, Jayme. Além do Inconsciente. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1989, p. 166. V. adiante, Sematologia.

Em fins de 1850, por indicação dos próprios Espíritos, passou-se a adotar uma nova maneira de comunicação, por meio de uma pequena mesa, sobre a qual se punham as mãos.⁽⁹⁾

⁽⁹⁾ Registros históricos indicam que esse processo de comunicação já era conhecido nos primeiros séculos do Cristianismo. O primeiro a usá-lo teria sido o notável teólogo e Doutor da Igreja, Quintus Septimius Flores (160-230).

Ao recitar-se o alfabeto, a mesa levantava um dos pés, dando uma pancada a cada vez que uma letra do alfabeto era pronunciada e que servisse ao Espírito para a formação da palavra que desejava.

Embora lento, esse processo produziu excelentes resultados. “Há que notar” - observa a notável pesquisadora e escritora, Emma Hardinge BRITTEN - “que a mesa não se limitava a levantar-se sobre um pé para responder às perguntas que se faziam; movia-se em todos os

sentidos, girava sob os dedos dos experimentadores, às vezes se elevava no ar; sem que descobrissem as forças que a tinham suspenso”.⁽¹⁰⁾

⁽¹⁰⁾ BRITTEN, Emma Hardinge. *Modern American Spiritualism*, Londres, 1870. Cf. Zêus WANTUIL, *As Mesas Girantes e o Espiritismo*. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, p. 8.

Esse novo método, das mesas girantes (conhecidas, em seu início, como mesas falantes e mesas dançantes) chamou ainda mais, a atenção do público americano, atraindo grande número de cientistas, de Harvard e de outras Universidades, membros eminentes do Congresso Americano, escritores, poetas, religiosos, pesquisadores de diversas áreas, periodistas, a todos convencendo e convertendo opositores em adeptos. Zêus WANTUIL, a propósito, narra um desses casos, a conversão de um célebre Juiz da Suprema Corte de Nova York, John EDMONDS, que, depois, se tornou um dos maiores divulgadores das novas ideias:

“Em Janeiro de 1851, o jurista John Worth Edmonds, ex-senador, ex-juiz do Supremo Tribunal de Nova Iorque, um dos homens mais respeitados nos Estados Unidos, começou suas investigações no campo da fenomenologia espiritualista, e eis a narração de um fato que lhe foi dado presenciar a 23 de Abril do mesmo ano: ‘Fiz parte de um grupo de nove pessoas e nos assentamos em torno de uma mesa colocada no meio do quarto, sobre a qual se achava um lampião aceso. Um outro lampião permanecia em cima da lareira. Dentro em pouco a mesa foi elevada pelo menos a um pé do soalho, e sacudida para frente e para trás, com largo desembaraço. Alguns de nós tentamos retê-la, empregando toda a força de que dispúnhamos, mas em vão. Afastamo-nos todos para longe da mesa, e, a luz dos dois lampiões, vimos este pesado móvel de acaju suspenso no ar. Tomei a resolução de prosseguir essas investigações, decidido a esclarecer o público, pois pensava que tudo não passasse de ilusão; minhas pesquisas, porém, me conduziram a um resultado totalmente oposto.’

A divulgação dessas experiências com as mesas e, a seguir, a conversão do juiz Edmonds, materialista que sempre rira da crença nos Espíritos, que sempre escarnecera de quem quer que fosse que acreditasse manter relações com um mundo espiritual, pasmaram a todos os norte-americanos, aumentando ainda mais o interesse pelas manifestações inteligentes ultratumulares.”⁽¹¹⁾

⁽¹¹⁾ WANTUIL, Zêus. *Op. cit.*, pp. 8 e 9.

A tiptologia e as mesas girantes deram surgimento ao que foi chamado de Modern Spiritualism, sucedido, mais tarde, com KARDEC, pelo Espiritismo.

Depois dos Estados Unidos, foram o Canadá e o México, pela proximidade, a tomarem conhecimento desses fatos. Em 1852, chegaram à Escócia e, logo depois, por intermédio da médium norte-americana Sra. Hayden,⁽¹²⁾ à Inglaterra, atraindo também a atenção de todas as classes. Da Inglaterra, os fenômenos passaram a ser conhecidos na França,⁽¹³⁾ Alemanha e, mais tarde, em toda a Europa.

⁽¹²⁾ Mrs. W. R. HAYDEN, médica respeitável, esposa de um reputado jornalista americano, que a acompanhava em sua missão, foi descrita por um crítico britânico, como “moça inteligente e, ao mesmo tempo, de maneiras simples e cândidas. Ela desarmava a suspeita por uma atitude de naturalidade sem

afetação e muitos que vinham procurar divertir-se à sua custa, eram forçados ao respeito e, até, à cordialidade, pela paciência e bom humor que demonstrava.” (Cf. Doyle, Arthur Conan. Op. cit., pp. 139 e 140).

Seus trabalhos alcançaram grande repercussão nos meios culturais da Inglaterra. As mesas girantes chegaram a alcançar tal popularidade entre os ingleses, que as pessoas eram convidadas, não apenas para o chá, mas para o “chá e mesas girantes”. (Jornal The Yorkshireman, 25 out., 1856, cf. C. DOYLE. Op. cit., p. 152).

(13) VICTOR HUGO foi uma das celebridades da época que se dedicaram a operar com as mesas girantes, mantendo importantes contatos com SHAKESPEARE, MOLIÈRE, GALILEU e outros, formulando-lhes, inclusive, questões em versos, cujas respostas eram, também, dadas em versos. Diálogos notáveis aconteceram, então, entre gigantes do pensamento.

Entrementes, por iniciativa dos Espíritos, novos processos de comunicação começaram a surgir, por meio da mediunização direta.

A princípio, os médiuns, sob a ação dos Espíritos, apontavam diretamente as letras dispostas em círculo, substituindo o processo tiptológico por meio da mesa girante, por uma indicação mais direta das letras, acelerando, assim, significativamente, a formação das palavras.

XVI- SEMATOLOGIA

Modo de comunicação dos Espíritos por meio de sinais.

É a “linguagem dos sinais”, na definição de KARDEC.

Geralmente, as manifestações sematológicas acompanham os fenômenos tiptológicos, principalmente quando a comunicação mediúnica acontece por meio das mesas girantes. KARDEC faz uma interessante descrição do que ocorre nesse tipo de processo:

“É de notar-se que, quando se emprega esse meio (tiptologia), o Espírito usa também de uma espécie de mímica (...), exprime a natureza dos sentimentos que o animam: a violência, pela brusquidão dos movimentos; a cólera e a impaciência, batendo repetidamente fortes pancadas, como uma pessoa que bate arrebatadamente com os pés, chegando, às vezes, a atirar ao chão a mesa. Se é amável e delicado, inclina, no começo e no fim da sessão, a mesa, à guisa de saudação. Se quer dirigir-se diretamente a um dos assistentes, para ele encaminha a mesa com brandura, ou violência, conforme deseje testemunhar-lhe afeição, ou antipatia.”⁽¹⁾

⁽¹⁾ KARDEC, Allan. O Livro dos Médiuns. 61. ed. p. 186, item 140, Cap. XI.

Esse fenômeno caracteriza-se, particularmente, pela notável autonomia de movimentos mostrada pelo objeto que, ao impulso do Espírito, serve à sua manifestação, fato, aliás, que também pode ser observado em outros tipos de manifestação, que não propriamente a tiptologia.

É o caso, por exemplo, do que ocorre no recebimento de mensagens por meio do movimento do copo (cinetologia), tão popularmente conhecido entre os brasileiros.

Como acontece na tiptologia (“linguagem das pancadas”) nesse processo, o Espírito manifesta, também, seus sentimentos, movimentando o copo com mais brandura ou mais violência, fazendo-o deslizar com maior ou menor rapidez e executar os mais diversos movimentos, no propósito de exprimir, mui claramente, aliás, o que sente em relação a algo ou alguém.

As ocorrências sematológicas, geralmente, acompanham outras, como as tiptológicas e cinetológicas, mas registros há de casos que, por sua peculiaridade, chamam a atenção. Friedrich ZÖLLNER (1834-1882), famoso cientista e professor da Universidade de Leipzig, refere-se a uma ocorrência presenciada pelo pesquisador inglês, Dr. NICHOLS, com o médium William EGLINTON:

“No sábado, por combinação prévia, quatro de nós nos reunimos à noite. Eglinton, Colman, a Sra. Nichols e eu. Supondo poder obter alguma escrita ou desenho, coloquei uma folha de pape! e um lápis sobre a mesa. Está- vamos em uma pequena sala bem iluminada. Ouvimos um ligeiro ruído num canto; olhando, vimos uma cadeira leve, de fundo de palhinha, mover-se por si sobre duas pernas, balançando-se para diante e para trás e respondendo às nossas perguntas com os seus movimentos e finalmente se encaminhou para a mesa, se encostou aos meus joelhos carinhosamente e se portou em tudo como um ser dotado de locomoção e inteligência.

Foi um fato curiosíssimo esse, presenciado por quatro pessoas, durante 10 ou 15 minutos, sem possibilidade de ser levado à conta de artifício ou alucinação. Examinei a cadeira cuidadosamente, embora fosse isso desnecessário, pois não pode haver maquinismo possível

que em tais circunstâncias pudesse traduzir o fenômeno. Em seguida abaixamos o gás por alguns minutos, durante os quais ouvimos, por determinado tempo, o ruído de um lápis e quando demos força à luz, achamos na folha de papel traçado o retrato de um amigo falecido e uma carta com várias páginas, com a letra de uma querida filha nossa, cujo Espírito muitas vezes nos visita.”⁽²⁾

⁽²⁾ ZÖLLNER, Johann Karl Friedrich. Provas Científicas da Sobrevivência. (Orig. Die Transcedental und die sogennante Philosophie). 6. ed. Sobradinho: EDICEL, 1996, pp. 73 e 74. Trad. Thomaz Williams.

Fenômenos como esses, de abundante registro nos anais espíritas, servem, sem dúvida, à plena comprovação da imortalidade do Espírito.

XVII- CINETOLOGIA

Processo de comunicação, formando palavras e números através de sucessivos deslocamentos em direção a letras e algarismos, dispostos em círculo, ou não. A cinetologia (do gr. kinetós, “que se move”) diferencia-se da tiptologia pelo instrumento e forma de comunicação do Espírito, pois, como visto, a manifestação tiptológica verifica-se tipicamente através de pancadas, o que não ocorre no fenômeno cinetológico. Exemplo mais comum é a famosa experiência do copo, muito conhecida na Europa e no Brasil, deslizando, emborcado, sobre a superfície de uma mesa e indicando as letras dispostas em círculo, que formarão as palavras.⁽¹⁾

⁽¹⁾ Frequentemente, junto às letras do alfabeto e algarismos, dispostos em círculo, são colocadas as palavras “s/m” ou “não”, além de outras, para facilitar a comunicação do Espírito.

Naturalmente, o impulso e a direção imprimida ao objeto são dados pelo Espírito comunicante servindo-se do ectoplasma liberado pelos operadores, geralmente, dois ou três, que acompanham os movimentos do copo, com os dedos nele levemente postos, e também, dos recursos gerados pelos circunstantes. Às vezes, basta, apenas, um operador, médium de efeitos físicos com as necessárias condições.

A cinetologia, como a tiptologia, constitui, na verdade, um método primário de comunicação mediúnica, que conta, quase sempre, com a participação de Espíritos familiares ao grupo, servindo, entretanto, à demonstração da ação dos desencarnados junto a nós, com vista ao nosso despertamento para a realidade além-túmulo.

A propósito, Luciano de ALMEIDA e Hermínio MIRANDA relatam interessante episódio protagonizado pelo célebre jurista e tribuno brasileiro, Rui BARBOSA:

“Achava-se Rui numa estação de águas, em Minas Gerais, e já se recolhera ao leito, quando um grupo de senhoras e moças lembraram-se de propor uma experiência com o ‘copo’ uma das formas rudimentares de comunicação mediúnica. Formou-se o círculo, com o alfabeto disposto à volta da mesa e o copo ao centro. A esses preparativos assistia, meio irônico, o historiador Batista Pereira, genro de Rui. Ataliba Nogueira, devido a sua posição religiosa, reprovava a ‘brincadeira’. De repente, porém, Batista Pereira, de pé, observa que o copo denotava ‘alguma inquietação’. Em pouco, entrou a indicar as letras, que alguém foi anotando, sem saber ainda ao certo o que sairia dali. Por fim, decifraram o enigma: tratava-se de uma mensagem, em inglês, dirigida a Rui Barbosa. A coisa era tão insólita que, depois de alguma hesitação, o próprio Batista Pereira opinou que deveriam levar o caso ao conhecimento de Rui. O conselheiro atende-os à porta de seus aposentos, em pijama, e lê a mensagem, visivelmente emocionado.

‘— É o estilo dele - exclama -, o estilo perfeito. E o assunto! O mesmo que conversamos em nossa despedida em Haia. A mensagem somente poderia ter uma origem - William Stead.’ Naquele dia, os jornais noticiaram que Stead havia morrido no trágico naufrágio do navio Titanic. Viera, desembaraçado do corpo físico, trazer ao seu amigo brasileiro o testemunho da sua sobrevivência.”⁽²⁾

⁽²⁾ Fato divulgado por Ataliba Nogueira, em conferência pronunciada em Campinas (SP) e reproduzido pelo Jornal do Comércio (8/11/1952). In Revista do Espiritismo, Petrópolis (RJ), Ano I, nº 3, pp. 23 e 24.



Cinetologia - Operando com o copo. (I)

Ressalte-se que os resultados desse tipo de comunicação, como nos demais, depende da condição espiritual dos presentes e não está livre de interferências perturbadoras, podendo ocorrer, como às vezes acontece, que o objeto (copo) seja atirado ao chão, ou até coisa pior, mostrando que todo trabalho mediúnico, por mais simples que possa parecer, requisita seriedade, humildade, compenetração, ingredientes imprescindíveis à obtenção de resultados superiores.

Interessante observar que, como acontece com o fenômeno das mesas girantes, no caso do copo, este, também, com movimentos bem indicativos, inclusive, girando sobre si mesmo, serve à demonstração da vontade e das dúvidas do comunicante, através de sinais claros e indubitáveis (sematologia).

*

A história do mediunismo registra outros meios de comunicação cinetológica, entre eles, um tipo de mesa diferente das que eram comumente usadas (pequenas, leves e com tripé), citada por KARDEC como Mesa Girardine (em atenção à Senhora Emilia Girardine que dela fazia uso) e, também, o **oui-já**, um pequeno ponteiro móvel que serve à indicação das letras e algarismos.

A Mesa Girardine é assim descrita pelo Codificador:

“Consiste o instrumento num tampo móvel de mesa, com o diâmetro de trinta a quarenta centímetros, girando livre e facilmente em torno de um eixo, como uma roleta. Sobre sua superfície e acompanhando-lhe a circunferência, se acham traçados, como sobre um quadrante, as letras do alfabeto, os algarismos e as palavras sim e não. Ao centro existe uma agulha fixa. Pousando o médium os dedos na borda do disco móvel, este gira e para, quando a letra desejada está sob a agulha. Escrevem-se, umas após outras, as letras indicadas e formam-se assim, muito rapidamente, as palavras e as frases.”⁽³⁾

⁽³⁾ KARDEC, A. O Livro dos Médiuns, p. 190, item 144.

XVIII- ESCRITA INDIRETA

Modalidade mediúnica em que o Espírito escreve sua mensagem por meio de uma cesta de bico ou corbelha (corbeille), ou outro dispositivo que lhe faculte a manifestação.

No primeiro caso, aproveitando os recursos ectoplásmicos disponibilizados pelos presentes, especialmente dos médiuns que atuam encostando seus dedos na cesta (como acontece nos fenômenos de tiptologia, sematologia e cinetologia), o Espírito a suspende, em processo de levitação, e a seguir, impulsionando-a, faz com que o lápis preso em sua parte inferior escreva num papel ou numa ardósia a sua comunicação.

KARDEC descreve-a com clareza:

“... consiste em adaptar-se à cesta (de quinze a vinte centímetros de diâmetro), uma haste inclinada, de madeira, prolongando-se dez a quinze centímetros para o lado de fora, na posição do mastro de gurupés, numa embarcação. Por um buraco aberto na extremidade dessa haste, ou bico, passa-se um lápis bastante comprido para que sua ponta assente no papel. Pondo o médium os dedos na borda da cesta, o aparelho todo se agita e o lápis escreve (...), com as palavras separadas e as linhas sucedendo-se paralelas, como na escrita comum, por poder o médium levar facilmente o lápis de uma linha a outra. Obtêm-se assim dissertações de muitas páginas, tão rapidamente como se se escrevesse com a mão.”

Observa, a seguir:

“Ainda por outros sinais inequívocos se manifesta amiúde a inteligência que atua. Chegando ao fim da página, o lápis faz espontaneamente um movimento para virar o papel. Se ele quer se reportar a uma passagem já escrita, na mesma página, ou noutra, procura-a com a ponta do lápis, como qualquer pessoa o faria com a ponta do dedo, e sublinha-a. Se, enfim, o Espírito quer dirigir-se a alguém, a extremidade da haste de madeira se dirige para esse alguém. Por abreviar, exprimem-se frequentemente as palavras sim e não, pelos sinais de afirmação e negação que fazemos com a cabeça. Se o Espírito quer exprimir cólera, ou impaciência, bate repetidas pancadas com a ponta do lápis e não raro a quebra.”⁽¹⁾
(Sematologia)

⁽¹⁾ KARDEC, Allan. O Livro dos Médiuns. FEB, pp. 199 e 200, itens 154 e 155, Cap. XIV.

Esse tipo de fenômeno foi muito conhecido na Europa, na época pré-Codificação, atraindo a atenção de respeitáveis representantes dos vários campos do conhecimento, inclusive - ressaltase - do reputado Professor Hippolyte Léon Denizard RIVAIL, depois Allan KARDEC que, justamente, começou sua obra, analisando milhares de respostas às mais graves questões científicas e filosóficas, transmitidas pelos Mestres Espirituais por meio desse tipo de escrita que, embora aparentemente rudimentar, apresenta-se como absolutamente convincente, espancando, de vez, qualquer dúvida suscetível de existir, em relação à sobrevivência do Espírito e à possibilidade de seu contínuo contato com os encarnados.⁽²⁾

⁽²⁾ De se imaginar, a propósito, a extraordinária impressão que os fenômenos presenciados, pela primeira vez, na casa dos Baudin, em Paris, teriam causado em Kardec: mensagens de luminares espirituais sendo

recebidas por meio de uma pequena cesta, suspensa no ar, com um lápis fixo em seu fundo, escrevendo numa ardósia, e na qual as jovens Caroline e Julie Baudin apenas encostavam os dedos... Indubitavelmente, naqueles tempos, inexistia meio melhor do que esse, para convencê-lo, definitivamente, da realidade interexistencial.

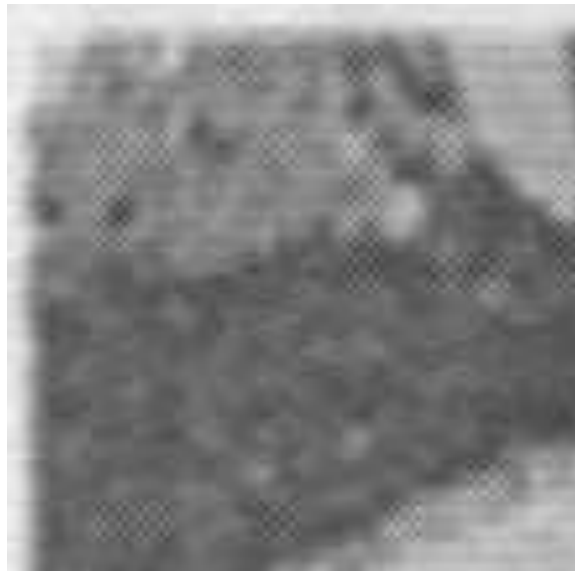
Daí, o seu grande valor histórico, não obstante, tenha sido, com o tempo, substituída por outros processos de comunicação mediúnica.

*

Outro dispositivo empregado na produção da escrita indireta foi o já citado **oui-já**,⁽³⁾ tendo um lápis fixado na sua parte mais estreita.

⁽³⁾ Ver **Cinetologia**.

Apoiado sobre uma folha de papel, o **oui-já**, sob a atuação dos médiuns que nele encostam seus dedos, se desloca escrevendo palavras.



O **oui-já** empregado na obtenção da escrita indireta.
(Em Parapsicologia. Uma Visão Panorâmica. H. G. Andrade, p. 114)

Tal como acontece com a corbelha, os Espíritos escrevem também, por esse meio, as suas mensagens.

XIX- PNEUMATOGRAFIA

Comunicação que se realiza por meio da escrita direta do Espírito, ou seja, sem o uso da mão do médium e de qualquer material ou instrumento visíveis.

Daí, a pneumatografia (do gr. pneuma, sopro, espírito + logia) ser também conhecida como escrita direta.

Colocando-se, por exemplo, uma ou mais folhas de papel branco entre as páginas de um livro, sobre uma mesa, numa gaveta ou em qualquer lugar, ao cabo de algum tempo, encontrar-se-ão traçados no papel, letras, sinais, palavras, frases e, às vezes, textos inteiros.⁽¹⁾

⁽¹⁾ Alguns médiuns operaram, também, com ardósias. Por vezes, com ardósias duplas amarradas e, até, lacradas, como, por exemplo, ocorria com o famoso médium inglês Henry Slade.

“O fenômeno da escrita direta é, não há negar, um dos mais extraordinários do Espiritismo; mas, por muito anormal que pareça, à primeira vista, constitui hoje, fato averiguado e incontestável”, já, assinalava KARDEC em 1861. ⁽²⁾

⁽²⁾ KARDEC, Allan. O Livro dos Médiuns, p. 192, item 146, Cap. XII.

Como todos os fenômenos mediúnicos, as manifestações pneumatográficas estiveram presentes desde a Antiguidade. Nos tempos modernos, coube ao Barão de GULDENSTUBBÉ (1820-1873), o mérito de ter feito as experiências pioneiras e a publicação do primeiro livro sobre o tema.⁽³⁾

⁽³⁾ La Réalité des Esprits et du phénomène merveilleux de l'écriture direct. (A Realidade dos Espíritos e do maravilhoso fenômeno da escrita direta), Paris: LEYMARIE, 1957. GULDENSTUBBÉ, que seria o introdutor das “mesas girantes” na França, escreveu, também, Pneumatologie positive et experimental (Pneumatologia positiva e experimental).

Referindo-se ao relato de GULDENSTUBBÉ sobre essas experiências, escreve DELANNE:

“Em um belo dia (1º de agosto de 1856), veio-lhe o pensamento de experimentar se os Espíritos podiam escrever diretamente, sem o auxílio de um médium. Conhecendo a escrita direta misteriosa do Decálogo, segundo Moisés, a escrita igualmente direta e misteriosa na sala do festim do Rei Baltazar, segundo Daniel, ⁽⁴⁾ e tendo também ouvido falar dos mistérios modernos de Strafrod, na América, onde se acharam certos caracteres ilegíveis e estranhos traçados num pedaço de papel e que não pareciam provir dos médiuns, o autor quis certificar-se da realidade de um fenômeno cujo alcance seria imenso, se fosse verdadeiro.”

⁽⁴⁾ A citação de Guldenstubbé refere-se ao Livro de Daniel, Cap. 5.10 - 29 a 29, O festim de Baltazar. Conforme o texto, durante esse festim, oferecido pelo rei Baltazar, filho de Nabucodonosor, materializou-se uma mão escrevendo, em aramaico, numa das paredes do palácio real, as palavras, Mane, Tecel e Parsin. Diante da incapacidade mostrada pelos sábios da corte, de encontrar o significado dessas palavras, foi consultado Daniel, que as traduziu: “**Mane** - Deus contou os anos do teu reinado e nele pôe um fim; **Tecel** - foste pesado na balança e considerado deficiente; **Parsin** - teu reino foi dividido e entregue aos medos e aos persas”.

“Colocou, portanto, uma folha de papel em branco e um lápis aparado dentro de uma caixinha fechada a chave, guardando sempre essa chave consigo e a ninguém dando parte da sua experiência.

Durante doze dias, esperou inutilmente, sem observar o menor traço no papel, mas, a 13 de agosto de 1856, o seu espanto foi grande quando notou certos caracteres misteriosos no papel; apenas sucedeu tal fato, ele repetiu por dez vezes a experiência no mesmo dia, para sempre memorável, colocando, no fim de cada meia hora, uma nova folha de papel em branco na caixinha. A experiência foi coroada de êxito completo.

No dia imediato, 14 de agosto, fez de novo umas vinte experiências, deixando a caixinha aberta e não a perdendo de vista; viu, então, que caracteres e palavras na língua estônia formavam-se ou eram gravados no papel, sem que o lápis se movesse. Desde então, vendo a inutilidade do lápis, cessou de pô-lo sobre o papel e, colocando simplesmente uma folha de papel dentro de uma gaveta, em sua casa, obteve também comunicações. (No fim da obra do Barão de Guldenstubbé encontram-se fac-similes dessas escritas).

O Barão de Guldenstubbé repetiu a experiência em presença do Conde d’Ourches, e este obteve uma comunicação de sua mãe, cuja assinatura e letra foram reconhecidas como autênticas, quando comparadas com as dos autógrafos que o Conde possuía.

Esses primeiros ensaios foram seguidos de muitos outros (...).”⁽⁵⁾

⁽⁵⁾ DELANNE, Gabriel. O Fenômeno Espírita. (Orig. Le Phénomène Spirite). 6. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1992, pp. 120 e 121. Trad. Francisco Raymundo Ewerton de Quadros.

Observa Léon DENIS, a respeito, que, GULDENSTUBBÉ obteve numerosas mensagens escritas, nas mais diversas condições.

Anota o venerável mestre de Tour:

“Sem o concurso de pessoa alguma, sendo ele próprio indubitavelmente médium, obteve, em variadíssimas condições, numerosas mensagens escritas. Suas mais notáveis experiências foram efetuadas no Louvre, no Museu de Versalhes, na basílica de Saint-Denis, na abadia de Westminster, no British Museum e em diversas igrejas ou monumentos, em ruínas, da França, da Alemanha e da Inglaterra.

Entre as testemunhas desses fatos cita ele o Sr. Delamare, redator-chefe de ‘La Patrie’; Croisselat, redator do ‘Universo’; R. Dale Owen, Lacordaire, irmão do grande orador, o historiador De Bonnechose, o Príncipe Leopoldo Galitzin, o Reverendo W. Mountfort, cujo depoimento a esse respeito foi publicado pelo ‘The Spiritualist’, de 21 de dezembro de 1877. O barão colocava algumas folhas de seu próprio canhenho em lugares ocultos, sem lápis nem coisa alguma que servisse para escrever. Afastava-se alguns passos, sem perder de vista um só instante o objeto da experimentação, e depois retirava o papel, em que se achavam escritas mensagens inteligíveis.”⁽⁶⁾

⁽⁶⁾ DENIS, Léon. No Invisível. 15. ed. Rio de Janeiro: FEB, pp. 219 e 220.

Com a repercussão dos resultados alcançados por GULDENSTUBBÉ na Europa, renomados cientistas dedicaram-se ao exame de tais fenômenos (CROOKES, ZÖLLNER, BARRET, WALLACE, RICHET, GIBIER e outros), operando com médiuns tão notáveis como EGLINTON, SLADE, MONCK, WATKINS, Eusábia PALADINO, Kate FOX-JENCKEN, Sra. EVERITT, Mary MARSHALL, dentre outros.

Dado interessante é que a escrita direta pode ser produzida em cores e, também, em outras superfícies.

A famosa médium inglesa Mary MARSHALL, por exemplo, produziu a escrita em lâminas de vidro.

E com a médium húngara Lujza Linezagh IGNATH, em Oslo, a escrita chegou a ser produzida sobre tabletes de cera, em uma caixa fechada! ⁽⁷⁾

⁽⁷⁾ Annales des Sciences Psychiques, 1907. Apud FODOR, Nandor. An Encyclopaedia of Psychic Sciences, p. 96.

*

Necessário ressaltar que, seguidamente, o fenômeno da escrita direta tem sido confundido com o da materialização.

Na pneumografia, propriamente, os Espíritos dispensam a colocação, junto com o papel ou a ardósia, de qualquer lápis, giz ou outro elemento que possa ser usado para a escrita. O material usado deriva da manipulação do ectoplasma.

Observou KARDEC:

“Julgou-se, a princípio, ser preciso colocar-se aqui ou ali um lápis com o papel (...). Não tardou, porém, se reconhecesse que o lápis era dispensável; que bastava um pedaço de papel, dobrado ou não, para que, ao cabo de alguns minutos, se achassem nele grafadas as letras. (...) Para escrever dessa maneira, o Espírito não se serve das nossas substâncias, nem de nossos instrumentos. Ele próprio fabrica a matéria e os instrumentos (...) Possível lhe é, portanto, fabricar tanto o lápis vermelho, a tinta de imprimir, a tinta comum, como o lápis preto, ou, até, caracteres tipográficos bastante resistentes para darem relevo à escrita, conforme temos tido o ensejo de verificar.” ⁽⁸⁾

⁽⁸⁾ KARDEC, Allan. O Livro dos Médiuns, p. 195, item 148, Cap. XII.

Anotava, a propósito, o conhecido médium e escritor Stainton MOSES, que, em 1876, depois de ser informado de que não era necessário aos médiuns contarem com qualquer material para a escrita direta, MAGUS, um de seus mentores espirituais, escreveu em azul quando não havia nenhum lápis azul na sala e produziu uma mensagem em vermelho num livro fechado. Quando foi pedida uma mensagem colorida, os nomes de cinco pesquisadores apareceram num livro fechado, em vermelho, azul e preto. ⁽⁹⁾

⁽⁹⁾ Annales des Sciences Psychiques, 1907. Apud FODOR, Nandor. An Encyclopaedia of Psychic Sciences, p. 97.

Diversa da pneumatografia, propriamente, é a escrita produzida pela mão materializada do Espírito comunicante, usando lápis ou outro elemento colocado à disposição do Espírito. Trata-se, apenas, de uma materialização parcial comum.

É o caso, por exemplo, do episódio narrado por CROOKES, envolvendo a médium Kate FOX:

“Eu estava sentado perto da médium, a Sra. Fox; não havia outras pessoas presentes, além de minha mulher e uma senhora nossa parenta, e eu segurava as mãos da médium com uma das minhas, enquanto que seus pés estavam sobre os meus.

Diante de nós, sobre a mesa, havia papel, e a minha mão livre segurava o lápis.

Mão luminosa desceu do teto da sala e, depois de ter pairado perto de mim durante alguns segundos, tomou-me o lápis, escreveu rapidamente numa folha de papel, abandonou o lápis e, em seguida, elevou-se acima deis nossas cabeças, perdendo-se pouco a pouco na escuridão.”⁽¹¹⁾

⁽¹¹⁾ CROOKES, William. Fatos Espíritos. 8. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1991, pp. 43 e 44. Trad. Oscar D’Argonnel.

Como ilustração, vale, ainda, a transcrição de um dos episódios protagonizados pela notável médium paraense, Ana Prado, assim relatado por um amigo da família da médium, que dirigia os trabalhos:

“À mesa, coberta por um pano, sentáramos eu e minha mulher aos lados e, à cabeceira, a médium; e, como assistentes, sentaram-se nas cadeiras de balanço que se achavam próximas, as filhas da médium. Apagaram-se as luzes, exceto a do 3º quarto da puxada, a fim de iluminar o corredor de modo tênue e, assim, indiretamente, todo o ambiente onde se efetuava a experiência.

Em seguida, minha esposa colocou debaixo da mesa um caderno de papel almaço e sobre este, um lápis, tendo somente rubricado a primeira página, por supor que o fenômeno só aí se daria.

O papel foi posto debaixo da mesa, por ser a escuridão aí mais intensa, facilitando desta forma a escrita por mão de um Espírito.

Concentramo-nos, cada qual orando mentalmente.

Pouco depois, ‘João’ disse à médium, pelo sentido auditivo:

‘Está pronto o primeiro ditado. Há outro irmão que se quer comunicar’. (...)

*Acabada a escrita pelo novo manifestante, João deu sinal de pronto, por pancadas repetidas. (...) Feito isto, encontramos uma comunicação dirigida à minha esposa, assinada por **Guilherme**, pessoa que foi por nós conhecida na Itália, e cuja identidade ficou provada.”⁽¹²⁾*

⁽¹²⁾ NOGUEIRA DE FARIA. O Trabalho dos Mortos e a Tolice dos Vivos. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, Rio de Janeiro, 1990, pp. 197 e 198.

Fenômenos semelhantes, em que o lápis colocado com o papel ou a lousa é acionado por mãos ou dedos materializados visíveis — e, também, não visíveis —, encontram-se abundantemente relatados na literatura espírita internacional e nacional.

Trata-se, como visto, de fenômenos de materialização que, embora pareçam guardar alguma semelhança com a escrita direta, com ela não se confundem.⁽¹³⁾

⁽¹³⁾ Interessante observar que na escrita em que o Espírito usa o lápis, por exemplo, este apresenta visível desgaste na ponta, comprovando seu uso.

A pneumatografia pode ocorrer de forma espontânea ou ser provocada; pode, também, manifestar-se como escrita ordinária ou xenoglóssica.

PNEUMATOGRRAFIA
ESPONTÂNEA
PROVOCADA
ORDINÁRIA
XENOGLÓSSICA (Pneumaxenografia)

Pneumatografia Espontânea

É a escrita que surge, imprevistamente, em qualquer hora ou local, em qualquer papel ou outro material. (O fenômeno ocorrido no citado festim de Baltasar caracteriza, por exemplo, uma ocorrência de escrita direta espontânea, porém, são muitos os casos registrados de mensagens escritas espontaneamente, em papel, principalmente).

Pneumatografia Provocada

É a escrita que acontece, atendendo às expectativas dos presentes, servindo, muitas vezes, a projetos de pesquisa. Esse o sentido em que se pode tê-la como provocada.

Pneumatografia Ordinária

É a que surge escrita na língua do médium e dos presentes, de todos conhecida, pois.

Pneumatografia Xenoglóssica ou Pneumaxenografia

É a escrita direta em língua desconhecida do médium e, seguidamente, dos presentes. Ainda que rara, constitui uma das mais extraordinárias comprovações da sobrevivência espiritual do ser humano.

Mas, se são poucos os casos registrados de escrita direta xenoglóssica, propriamente, várias são as ocorrências documentadas, em que Espíritos materializam suas mãos e dedos para escrever suas mensagens, em língua desconhecida do médium, usando lápis ou outro material.

Robert Dale OWEN (1801-1875), narra um fato que, embora não se qualifique como pneumatografia, propriamente, vale citá-lo por sua importância histórica e pela semelhança que com ela guarda. Consta de uma monografia de Gabriel DELANNE, e foi transcrito por BOZZANO:

“Realizamos uma sessão de que eu lembrarei por toda a vida. (...) Um bico de gás suspenso sobre a mesa tornava nitidamente visíveis todos os objetos que havia no aposento. A mesa junto à qual nos sentamos, media cinco pés de comprimento e dois e meio de largura. Slade ocupou uma das cabeceiras, ficando eu de um dos lados. As mãos do médium se conservaram sobre a mesa, durante a sessão toda. (...) Passados alguns minutos, percebi ligeiro toque num dos joelhos, o que me fez aguçar ainda mais a atenção, visto que, positivamente, se tratava do toque de uma mão. E eis que surge uma mão, trazendo entre os dedos o lápis que eu depusera sobre a mesa. Avançou

lentamente por sobre os meus joelhos e elevou-se para cima da lousa. Era mão de mulher, mas parecia feita de mármore estatuário, tendo os dedos delicadamente afilados e modelados. Apresentava-se destacada, terminando, à altura do pulso, por uma nuvenzinha fluídica. Começou a escrever da metade da folha e continuou sob as minhas vistas, por dois ou três minutos. Quando chegou ao fim da página, parou e deslizou suavemente para debaixo da mesa, levando consigo o lápis.

Cinco minutos transcorreram sem que fenômeno algum se produzisse. Depois, apareceu outra mão notavelmente menor do que a primeira, mas semelhante a esta pela brancura marmórea e elegância da forma. Aproximou-se da folha de papel e começou a escrever na parte superior, levando a fazê-lo tanto tempo quanto a precedente. Em seguida, por sua vez, desapareceu debaixo da mesa. Tive ensejo de contemplá-la muito melhor do que à primeira, por isso que escreveu fora da sombra do móvel, o que quer dizer - à plena luz do gás... (...). A segunda (mensagem) grafada na parte superior da folha de papel, tinha o título seguinte, em inglês: Lei de amor (S. Mateus, 43.45), mas fora escrita em grego antigo.

Os meus conhecimentos da língua grega, já muito rudimentares quando deixei o colégio, se haviam restringido ainda mais, após meio século de completo abandono, de maneira que só com grande esforço mnemônico logrei compreender uma que outra palavra isolada. Dirigi-me a dois dos melhores grecistas da Universidade de Harvard e fui informado de que se tratava, realmente, salvo alguns acentos e algumas vírgulas, de um grego corretíssimo, em que eram citados três versículos do Evangelho de S. Mateus, versículos cuja tradução reproduzo:

'43. Ouvistes que foi dito: Ama o teu próximo e odeia o teu inimigo.

44. Mas, eu vos digo: Amai os vossos inimigos, bendizei dos que vos maldizem, fazei o bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos fazem mal e vos perseguem;

45. A fim de que sejais filhinhos de vosso Pai, que está nos Céus e que faz se levantar o sol sobre os bons e sobre os maus e que chova sobre os justos e sobre os injustos. Esta é a verdadeira Lei do Amor. ”⁽¹⁴⁾

⁽¹⁴⁾ BOZZANO, Ernesto. Xenoglossia. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1980, pp. 183 a 185. Trad. Guillon Ribeiro.

A multiplicidade de casos como este tem levado alguns autores a confundirem a escrita direta com a escrita obtida por meio de materialização parcial do Espírito (mãos ou dedos). A primeira, todavia, como visto, apresenta características próprias, já ressaltadas, aliás, por KARDEC.

O Processo Pneumatográfico

Como acontece com os demais fenômenos mediúnicos, o conhecimento que, por enquanto, se tem, a respeito do seu processo, a maneira como ocorre, é rudimentar.

Alguns fatos observados, todavia, fornecem algumas pistas. Em certos casos, por exemplo, durante o fenômeno, detecta-se um forte odor de chifre queimado, o qual, como informam os Espíritos, resulta de uma espécie de queima de ectoplasma, para a produção do material de impressão, que, depois, precipita-se sobre a superfície do papel, ou outra, impregnando as letras aí impressas, possivelmente, em relevo imperceptível a olho nu, e talvez, mesmo, invisível aos olhos físicos, produzindo a escrita diretamente.

O famoso pesquisador Dr. ENCAUSSE (PAPUS), em relato apresentado à Sociedade de Estudos Psíquicos, em Nançy, então existente, menciona um caso de escrita direta, em luz plena, que fornece interessante subsídio:

“Durante esta sessão fomos capazes de obter, à luz plena, numa folha de papel, assinada por vinte testem unhas, a precipitação de uma folha inteira de versos escritos, assinada “Corneille”. Eu examinei a substância que formou a escrita sob o microscópio e fui levado a conclusão de que isto consistia em glóbulos de sangue humano, algo alterados e como se calcinados (...).”⁽¹⁵⁾

⁽¹⁵⁾ Annales des Sciences Psychiques, 1907. Apud FODOR, Nandor. An Encyclopaedia of Psychic Sciences, p. 97.

William Stainton MOSES (1839-1892) anota outra observação interessante em uma das sessões que realizou com o médium Slade.

“As mãos de Henry Slade ficavam, algumas vezes, febrilmente quentes e emitiam, durante a escrita, o que acontecia sempre próximo às suas mãos, sons de estalidos e detonações. Essas detonações, ocasionalmente, viravam explosões verdadeiras e pulverizavam a lousa.”⁽¹⁶⁾

⁽¹⁶⁾ Annales des Sciences Psychiques, 1907. Apud FODOR, Nandor. An Encyclopaedia of Psychic Sciences, p. 94.

*

Fenômenos como esses, certamente, servem à eliminação do materialismo que, infelizmente, ainda avassala boa parte da Humanidade.

XX- PNEUMAPICTURA

Produção de pinturas e desenhos, por parte dos Espíritos, sem o uso de pincéis, lápis ou tintas.

A pintura direta, embora guarde semelhança com « escrita direta, mostra-se, claramente, mais complexa.

As pinturas e desenhos surgem de vários tamanhos em telas, papel e outras superfícies, inclusive, em paredes

A Sra. Nichol GUPPY, famosa médium britânica, servi, à produção de desenhos e flores de cores variadas, obtidos sempre sem nenhum material de desenho ou pintura. Em experiências descritas por seu marido (*Mary Jane or Spiritualism Chemically Examined*, Londres, 1863) papel especialmente marcado era colocado numa caixa fechada e selada. Minutos depois aparecia uma pintura em nada menos que sete cores, coberta com um verniz de fonte desconhecida!

Importantes fenômenos pneumapictóricos foram protagonizados por outros médiuns, entre eles, as irmãs Lizzie e May Banys, na cidade de Chicago, no século passado. Em telas de papel montadas contra a luz, produziam-se, à plena vista, retratos de Espíritos, cujas fotografias eram trazidas pelos presentes. ⁽¹⁾

⁽¹⁾ Cf. relato de MOORE, em “Glimpses of the Nero State”. *Ençyclopaedia...*, pp. 90 e 91.

No Brasil inexitem notícias mais recentes desses fenômenos, embora, como visto, sejam relativamente comuns as elaborações psicopictóricas.

De qualquer forma, importante é seu registro como um dos mais extraordinários fenômenos ectoplásmicos.

XXI- PNEUMATOFONIA

Manifestação oral direta do Espírito, dispensando o aparelho vocal do médium ou de qualquer dos presentes.

A pneumatofonia (do pneuma+phoné, som ou timbre de voz + ia) compõe o elenco das proveis definitivas da sobrevivência do Espírito.

“A voz direta” - escreve Arthur FINDLAY - “é o mais extraordinário fenômeno psíquico até hoje conhecido, o mais convincente e admirável.”⁽¹⁾

⁽¹⁾ FINDLAY, Arthur J. No Limiar do Etéreo. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1981, p. 41. Trad. Luiz O. Guillon Ribeiro.

E Rodrigo SANZ proclama, enfático:

“Eu só desejo aos materialistas que ouçam e não lhes pedir, senão, que procurem ouvir a voz direta de um morto querido. Porque não há convicção científica, nem arraigada incredulidade que resistam a esta prova prodigiosa, a esta evidência que se nos impõe: a garganta, o cérebro, todo o corpo do fulano são cinzas há muitos anos e já não existem; mas aquela sua voz e não de outro, é esta que ouço! ... Então, por que ela subsiste? É porque outra coisa, que não o seu corpo e o seu cérebro, era e continua a ser o seu eu! ...”⁽²⁾

⁽²⁾ SANZ, Rodrigo. “Materialismo e Espiritismo”. Apud LOUREIRO, Carlos Bernardo. A Mediunidade Segundo o Espiritismo. São Paulo: MNÊMOTÚLIO, 1996, p. 120.

Como ocorre com a pneumatografia, o fenômeno pneumatofônico pode surgir de forma espontânea ou provocada, como manifestação ordinária ou xenoglóssica.

PNEUMATOFONIA
ESPONTÂNEA
PROVOCADA
ORDINÁRIA
XENOGLÓSSICA (Pneumaxenofonia)

Na ocorrência espontânea ou imprevista, a manifestação vocal direta do Espírito não é esperada e, por vezes, acontece com base em recursos ectoplásmicos de pessoas que nem sabem da sua condição de médiuns...⁽³⁾

⁽³⁾ Os populares relatos de vozes que se manifestam, gritando, gemendo ou chorando, comuns nos chamados casos de “assombração”, podem, pois, expressar a verdade.

Já na chamada pneumatofonia provocada ou programada, os trabalhos obedecem a um projeto, em que os fenômenos podem, inclusive, servir a progameis de pesquisa. Na pneumatofonia ordinária os Espíritos fazem-se ouvir na língua comumente falada pelo médium e circunstantes.

Na xenoglóssica (pneumaxenofonia), a manifestação ocorre em língua desconhecida do médium, e, muitas vezes, dos presentes.

*

Não são poucos os médiuns de ectoplasmia, aptos à produção da voz direta e que serviram a pesquisas de renomados investigadores da Europa e Estados Unidos; entre eles, George VALIANTINE, Jean GUSIK, John SLOAN, Jonathan KOONS, Dunglas HOME, David DUGUID, Irmãos DAVENPORT, Mary HOLLIS, Mary MARSHALL, Etta WRIEDT e muitos outros. ⁽⁴⁾

⁽⁴⁾ Historicamente, pelo menos desde quando surgiram as investigações sobre o fenômeno mediúnic, Jonathan KOONS e os Irmãos DAVENPORT (Ira ERASTUS e William HENRY) aparecem como os primeiros médiuns conhecidos, através dos quais fenômenos de voz direta foram produzidos.

Observe-se que, no desenvolvimento dos fenômenos pneumatofônicos, os médiuns, frequentemente, não só falam com os próprios Espíritos comunicantes, como com outras pessoas presentes, ao mesmo tempo em que os Espíritos estão falando.

Etta WRIEDT, por exemplo, famosa médium norte-americana, cujas possibilidades mediúnicas foram testadas por Conan DOYLE, conversava enquanto os Espíritos manifestavam-se, não só em inglês, como em francês, italiano, espanhol, alemão, norueguês, holandês, árabe e outras línguas. Certa vez, um Espírito conversou fluentemente em espanhol com um dos presentes, sem que nenhum dos demais componentes do grupo conhecesse essa língua.

Por vezes, os Espíritos manifestam-se com voz tão potente que chegam a ser ouvidos fora da sala da reunião, inclusive, cantando.

Herbert Dennis BRADLEY, em sua importante obra, Rumo às Estrelas, relata, entre as inúmeras experiências tidas com o notável médium norte-americano, George VALIANTINE, impressionante episódio em que o célebre CARUSO aparece cantando:

“Everett (Espírito orientador dos trabalhos) avisou-nos de que Caruso estava presente - e Caruso manifestou-se, falando-nos em voz clara e potente. Disse que sua filha Glória iria revelar uma excelente voz e que devia ser convenientemente treinada. Perguntamos-lhe se lhe era possível cantar-nos alguma coisa. Respondeu que tentaria - e depois de uma pausa de minuto, cantou um trecho de ópera italiana que não identifiquei. Voz poderosa encheu o recinto.” ⁽⁵⁾

⁽⁵⁾ BRADLEY, H. Dennis. Rumo às Estrelas (Orig. Towards The Stars). São Paulo: LAKE, 1999, p. 197. Trad. Monteiro Lobato.

Não é raro, também, vozes infantis se manifestarem. Descreve BRADLEY, a propósito, uma interessante reunião em que uma criança se faz presente e, inclusive, se diverte com um brinquedo que lhe é dado, num episódio em que, com a pneumatofonia, ocorre, também, um fenômeno de transporte:

“A vizinha de Honey foi um encanto. Voz de criança que corria pela sala e falava com cada um de nós por sua vez. Lembrei-me de que em cima de uma das estantes havia uma dessas pequeninas matracas distribuídas em certas festas. Enquanto Honey estava presente pedi a minha mulher que visse a matraca e a pusesse diante dela. Honey tomou-a e correu pela sala fazendo um terrível barulho.” ⁽⁶⁾

⁽⁶⁾ BRADLEY, H. Dennis. Rumo às Estrelas (Orig. Towards The Stars). São Paulo: LAKE, 1999, p. 182. Trad. Monteiro Lobato.

Comum, também, que várias vozes se manifestem numa reunião e, às vezes, ao mesmo tempo, até, caracterizando a presença de vários Espíritos no recinto, em condições de se comunicarem diretamente, como, por exemplo, ocorreu com HOME, VALIANTINE, a Sra. WRIEDT, SLOAN e outros.

Nessas e outras manifestações é comum os Espíritos comportarem-se com a maior naturalidade, dialogando com os interlocutores encarnados (ou desencarnados), dando plena expansão aos seus sentimentos de surpresa, alegria, raiva ou tristeza, como se encarnados estivessem. ⁽⁷⁾

⁽⁷⁾ Fato notável é que também se registram manifestações de animais. Em um dos trabalhos realizados com a médium norte-americana, Etta Wriedt, que, como visto, também servia à produção da pneumaxenofonia, Bradley e os presentes ouviram latidos muito altos e distintos, em resposta a um cão pastor-alemão que se encontrava numa dependência externa da casa.

De se notar, também, que, como acontece em outras modalidades mediúnicas, Espíritos encarnados, em desdobramento, comunicam-se em voz direta tais quais os desencarnados. Entre os fenômenos de voz direta, sobressaem, por sua peculiar importância, os xenoglóssicos.

BRADLEY e outros pesquisadores referem-se a manifestações em russo, espanhol, italiano, alemão, hindus- tâni antigo, dialeto de Gales, dialeto indiano e, até, em chinês antigo (VALIANTINE)! ⁽⁸⁾

⁽⁸⁾ BRADLEY, H. Dennis. "The Wisdom of the Gods". Apud FODOR, N. Encyclopaedia, p. 94.

*

Como em todo processo mediúnico, o modo como ocorre ainda não é inteiramente conhecido, aguardando-se, ainda, a respeito, mais informações por parte da Espiritualidade Superior.

Todavia, em luminosa descrição de experiência que presenciou ao lado de seus Mestres Espirituais, ANDRÉ LUIZ, pela mediunidade de Francisco C. XAVIER, nos transmite admirável lição a respeito:

"(...) Logo após, Alexandre tomou pequena quantidade daqueles eflúvios leitosos, que se exteriorizavam particularmente através da boca, narinas e ouvidos do aparelho mediúnico, e, como se guardasse nas mãos reduzida quantidade de gesso fluido, começou a manipulá-lo, dando-me a impressão de estar completamente alheio ao ambiente, pensando, com absoluto domínio de si mesmo, sobre a criação do momento.

Aos poucos, vi formar-se, sob meus olhos atônitos, um delicado aparelho de fonação. No íntimo do esqueleto cartilaginoso, esculpado com perfeição na matéria ectoplásmica, organizavam-se os fios tenuíssimos das cordéis vocais, elásticas e completas na fenda glótica e, em seguida, Alexandre experimentava emitir alguns sons, movimentando as cartilagens aritenóides.

Formara-se, ao influxo mental e sob a ação técnica de meu orientador, uma garganta irrepreensível.

Com assombro, verifiquei que através do pequeno aparelho improvisado e com a cooperação dos sons de vozes humanas, guardados na sala, nossa voz era integralmente

percebida por todos os encarnados presentes. Parecendo-me satisfeito com o êxito de seu trabalho, Alexandre falou pela garganta artificial, como quem utilizava um instrumento vocal humano:

Meus amigos, a paz de Jesus seja convosco!” ⁽⁹⁾

⁽⁹⁾ Xavier, Francisco C. Espírito André Luiz. Missionários da Luz. 25. ed., p. 119, Cap. 10.

Refere-se o processo, pois, à materialização da garganta, laringe, cordas vocais, e outras estruturas que sirvam à manifestação vocal do Espírito.

Descrições como essas facultam, já, um entendimento primário, sobre tão complexo processo.

Certamente, no devido tempo, mais nos será permitido alcançar, até mesmo, sobre o processo de utilização de sons de vozes “guardadas” no recinto da reunião, sobre a possibilidade do manifestante materializar seus próprios órgãos de fonação, para a sua comunicação pneumatofônica (em vez da materialização ideoplástica de uma garganta artificial, referida na lição de ANDRÉ LUIZ), com ou sem o auxílio de um aparelho amplificador de som (trombeta acústica ou megafone, referidos, às vezes, na literatura espírita) e, ainda, sobre o mecanismo envolvido nas manifestações animais, a guardar, certamente, semelhança com o que ocorre na produção da voz humana.

XXII- TRANSCOMUNICAÇÃO INSTRUMENTAL

Comunicação dos Espíritos por meio de equipamentos eletrônicos.
A transcomunicação pode ser sonora, visual ou mista.

TRANSCOMUNICAÇÃO INSTRUMENTAL

SONORA

VISUAL

MISTA

As comunicações **sonoras** são obtidas por meio do telefone, gravador e rádio principalmente. As **visuais** surgem nos vídeos dos computadores, nas telas dos televisores e nos aparelhos de fax. As **mistas** são as comunicações visuais acompanhadas do som das vozes dos que se comunicam pelos computadores. ⁽¹⁾

⁽¹⁾ Potencialmente, existe, também, a possibilidade da transcomunicação por meio dos celulares.

As primeiras comunicações registradas foram as sonoras - mais precisamente, por telefone -, tendo sido protagonizadas por médiuns de vários países.

Oscar D'ARGONNEL, pesquisador brasileiro, entre os anos de 1917 e 1925, com a colaboração de dois médiuns, seu irmão e seu sobrinho, recebeu centenas de telefonemas de Espíritos. Suas experiências, fartamente documentadas, encontram-se em sua obra "Vozes do Além pelo Telephone", publicada em 1925 e de há muito esgotada. ⁽²⁾

⁽²⁾ Com a chegada do século XX, o ideal de estabelecer contato com os Espíritos motivou a construção de equipamentos eletrônicos, por parte de vários pesquisadores, entre eles, Thomas EDISON, Gulielmo MARCONI, Nikola TESLA, Jonathan KOONS ("Bateria Eletromagnética"), Ernst SENKOWISKI, Julius WEINBERGER, J. L. W. P. MATEA, Marcello BACCI, G. J. Zaalberg Van ZOLST ("Dinamistógrafo"), Franz SEIDL, George W. MEEK, Hans HECKMANN e outros, em diversos países. No Brasil, além de D'Argonnel devem ainda, ser citados os nomes de Augusto de Oliveira CAMBRAIA ("Telégrafo Vocativo"), Cornélio PIRES e Próspero LAPAGESSE ("Aparelho Mediúnico Elétrico"). Menção especial merece o nome do notável cientista Landell de MOURA, sacerdote católico, extraordinário precursor da transcomunicação, no século XIX, que patenteou nos Estados Unidos três inventos revolucionários: telégrafo sem fio, telefone sem fio e o transmissor de ondas (o rádio).

Nesse trabalho, entre vários e importantes episódios, encontra-se o relato de uma ocorrência que o convenceu, definitivamente, da autenticidade dos contatos com os Espíritos. Tendo D'ARGONNEL indo a uma sessão mediúnica do seu Grupo de Espiritismo Experimental, pediu a seguinte prova à entidade: que, exatamente no momento em que ele chegasse de retorno à sua casa, o telefone tocasse e que o comunicante dissesse algo estranho como: "quantos pães comeu o rei?" Em seguida, que a entidade declinasse todos os nomes dos membros daquele grupo e mais o da dona da casa. Assim aconteceu. Conta D'ARGONNEL que por mais que desse voltas, exatamente no momento em que abriu a porta de casa, tocou o telefone. Ao retirar do gancho, ouviu:

"—Sou eu. Quantos pães comeu o rei?" (...)

Em outra manifestação, transparece claramente a naturalidade dessas comunicações. Diz-lhe o Espírito:

“— D’Argonnel? Cumprimentamos você pelo dia de hoje. Não desligue, pois o Barreto quer orar por você.”

Depois da oração, um Espírito após outro foi pedindo a palavra, até que um belo cântico encerrou a homenagem. Para encerrar, disse o Espírito Manoel:

“— Viu, D’Argonnel, a festa que fizemos? Só faltava você!!!”

Responde o interlocutor pelo telefone:

“— Você quer que eu desencarne e vá para aí?”

“— Não, não! Precisamos de você aí na Terra.” ⁽³⁾

⁽³⁾ RINALDI, Sonia. Transcomunicação Instrumental - Contatos com o Além por Vias Técnicas. 2. ed. São Paulo: FE, 1997, pp. 14 e 15.

Observava D’ARGONNEL que, às vezes, as vozes surgiam roucas, quase imperceptíveis; em outras, nítidas e claras. Buscando saber das causas, informaram-lhe os Espíritos que isso dependia do estado do médium “c/e quem tiram a força”, o que lembra o fato de que outros fenômenos ectoplásmicos também dependem para o seu bom desenvolvimento do estado psicofísico do médium e, em se tratando de mais de um médium, também da harmonia entre os presentes.

Multiplicando-se, em todo o mundo, as ocorrências de comunicação mediúnicamente pelo telefone (sistema psicofone), inevitável foi sua repercussão.

LOCHER e HARSCH relatam, entre vários outros, fato notável, profundamente investigado, ocorrido na cidade de Rosenheim, nos anos de 1967 e 1968, relacionado com o advogado Sigmundo Achem, que ficou isento de pagar sua conta telefônica, demasiado alta, depois que se constatou, que persistia a comunicação das vozes, mesmo depois “da retirada dos fios e dos aparelhos telefônicos, e com a subsequente instalação de um aparelho de telefone selado com chumbo e provido de contador”.

A respeito, informam os autores:

“(...) verificou-se na central telefônica, através de um aparelho de escuta, que, no escritório de advocacia, sempre eram selecionados os mesmos quatro dígitos, mais exatamente a determinação do horário (!), com maior rapidez do que seria possível através do disco selecionador do aparelho! O contador começava a funcionar até mesmo quando a médium (...) a empregada Annemarie Schaher, aproximava a mão do aparelho. A cidade de Rosenheim despendeu cerca de 90.000 marcos alemães nessas investigações, incluindo um grupo gerador e a substituição de todos os fios condutores! O advogado Adam, que em 1971 proferiu uma palestra na Universidade de Berna sobre o assunto, foi distinguido com um prêmio pela Sociedade Suíça de Parapsicologia, em reconhecimento à contribuição pelo esclarecimento desse caso fantástico.”

Outro caso, narrado por esses pesquisadores, semelhante ao primeiro, ocorreu com o dentista Dr. Kurt Bachseitz, natural de Neutraubling, Alemanha, com a participação de sua assistente

Cláudia Judenmann, “a transmissora de energia ” desse acontecimento que durou quase um ano:

“As autoridades postais, com grande dispêndio de eletrotécnica e de pessoa! qualificado (com carro equipado de radiogoniômetro rodando em volta da casa) tinham comprovado a autenticidade do fato, em oposição às intenções desses médiuns. Uma voz masculina e profunda, cujo dono dizia chamar-se Chopper, era repetidamente ouvida no telefone, mesmo depois da substituição dos fios condutores. Mesmo com o fio cortado, a voz se manifestava no telefone!” ⁽⁴⁾

⁽⁴⁾ LOCHER, Theo; HARSCH, Maggy. Transcomunicação. A Comunicação com o Além por Meios Técnicos. (Orig. Jenseitskontakte Mit Technischen Mitteln Cibt es!). 10. ed. São Paulo: PENSAMENTO, 1997, pp. 37 e 38.

Merece, ainda, citação, por sua grande repercussão nos meios intelectuais brasileiros, fato notável envolvendo o escritor COELHO NETO, um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras.

*“Certa noite, surge-lhe a esposa em prantos, chamando:
-Nossa filha, Júlia, enlouqueceu! Está lá, em seu escritório, falando com Ester!
Referia-se a sua neta, desencarnada há pouco tempo, levando sua mãe a um estado de tristeza tal que passava horas a chorar, visitando diariamente o túmulo da filha querida e com ela conversando como se na sua presença física estivesse.
Ouvindo, surpreso, a informação da esposa, perguntou o escritor:
— Que Ester?
— A nossa neta. Se duvidas, venha até a escada e poderás ouvi-la!
Perplexo, constatou que, de fato, Júlia conversava, no escuro, com risos, externando muito carinho.
Não se contendo, Coelho Neto, conhecido pelo seu inteiro ceticismo em relação aos fenômenos mediúnicos e severo combatente do Espiritismo, pegou a extensão do telefone, onde se encontrava, constatando, de viva voz, a autenticidade da manifestação. Mais tarde, confessou:
— Ouvi minha própria neta. Reconheci-lhe a voz, a doce voz que era a música de minha casa. Alas não foi só a voz que me impressionou, que me fez sorrir e chorar, senão o que ela dizia. Ainda que duvidasse, com toda a minha incredulidade, haveria de convencer-me, tais eram as referências que a pequenina voz do Além fazia a fatos da vida que conosco vivera. Ouvi toda a conversa e compreendi que estamos nos aproximando da Grande Era. O finito defronta o infinito... onde a que ficou já não sofre como antes sofria, porque o que era antes ‘esperança’ tornou-se certeza...”* ⁽⁵⁾

⁽⁵⁾ O Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, publicou o fato em 1923, sob o título “**Conversão**”.

Esses contatos prosseguiram, ainda, por algum tempo.

As comunicações por telefone passaram, mais tarde, a ser gravadas, importante fator adicional para sua credibilidade e para sua divulgação.

No Brasil, o nome do Dr. Luiz da Rocha LIMA, autor da obra Mensagens dos Espíritos pelo Telefone, desponta como um dos seus importantes investigadores, tendo gravado, nos anos 1970-1980, no Rio de Janeiro, inúmeras comunicações por telefone.

*

Outro tipo de comunicação dos Espíritos por instrumentos eletrônicos é o da gravação direta da voz em disco e fita, fenômeno então conhecido pela sigla EVP (*Electronic Voice Phenomenon*).

O primeiro a obter esse tipo de gravação, segundo se sabe, foi o fotógrafo norte-americano Attila Von Szalay. Depois de assistir ao fenômeno de voz direta, entendeu que poderia gravar as vozes que se manifestassem, fixando o microfone de um gravador em disco de fonógrafo (Packard-Bell) à saída de um megafone, na expectativa de que os Espíritos o usassem como instrumento de manifestação.

Sendo médium, efetivamente, obteve algumas gravações, ainda que as vozes se apresentassem pouco nítidas.

Prosseguindo em suas experiências, em 1947, Attila gravou, com um gravador em fios de aço, diversas comunicações e, a partir de 1950, com o surgimento dos gravadores em fita magnética, passou a obter gravações bem mais nítidas.

Em 1959, eventos especialmente significativos marcam a história da Transcomunicação Instrumental. Em junho daquele ano, em Molubo, na Suécia, Friedrich JÜERGENSEN (1903-1987), ao tentar a gravação de gorjeios de pássaros, teve a surpresa de ouvir, em meio a outros sons, uma voz masculina, expressando-se em norueguês, que embora em tom baixo, era perfeitamente inteligível.

Sua atenção foi também chamada para o fato de que, a seguir, passaram a ser ouvidos pios de aves noturnas norueguesas, o que lhe pareceu um verdadeiro enigma, pois se encontrava na Suécia, num dia ensolarado, tentando gravar o canto de pássaros locais...

Estimulado pelo estranho acontecimento, resolveu investigar o fenômeno com mais seriedade, empenhando-se, durante anos, em pesquisas que tiveram repercussão mundial. ⁽⁶⁾

⁽⁶⁾ Em reconhecimento ao seu trabalho e à autenticidade das vozes gravadas, Jüergenson recebeu do Papa Paulo VI a Comenda da Ordem de São Gregório.

Friedrich JÜERGENSEN, possuidor de alta sensibilidade artística, tendo de abandonar a carreira de cantor de ópera, depois de uma doença grave, dedicou-se à pintura, dando, assim, expansão ao seu dom artístico. Interessando-se, também, pela ornitologia, ocorreu-lhe gravar o canto dos pássaros, o que lhe abriu um novo campo de experiências, facultadas por sua mediunidade que, desde 1957, já se manifestava mais ostensivamente. Descreveu suas experiências, com alto rigor científico, em trabalhos de significativo valor histórico (*Roesterna fraem Rymden — Vozes do Universo*, 1964; *Sprechjunk mit Verstorbenen — Radiotelefonía com os mortos*).

Konstantin RAUDIVE (1909-1974) é outro nome importante dessa fase de investigações. Filósofo e escritor, RAUDIVE, depois de conhecer os trabalhos de JÜERGENSEN, resolveu, também, pesquisar o fenômeno da comunicação de vozes, dedicando-se depois inteiramente, ao seu estudo. Sua primeira obra, *Unhoerbare Wird Hoerbar (O Inaudível Torna-se Audível)*, publicada em 1968, ⁽⁷⁾ contendo 72 mil frases nas mais diversas línguas, por ele registradas, contribuiu decisivamente para a divulgação do novo sistema de comunicação dos Espíritos, atraindo inúmeros outros pesquisadores europeus. ⁽⁸⁾

⁽⁷⁾ Mais tarde, essa obra foi publicada em inglês (Nova York, Taplinger, 1971), com o título “Breakthrough” (Ruptura).

(8) V. ANDRADE, Hernani Guimarães. A Transcomunicação Instrumental através do Tempo. São Paulo: FE, 1997, pp. 241 e segs., Cap. XXIX; BRUNE, François e CHAUVIN, Rémy. Linha Direta com o Além. (Orig. En Direct de l'au-delà). Sobradinho (DF): EDICEL, 1994, pp. 51 a 53. Trad. Aríete Galvão de Queiroz.

Nessa época, o engenheiro norte-americano George William MEEK, depois de investigar o que ocorria na Europa, decidiu-se por construir um aparelho que permitisse o diálogo com os Espíritos e uma comunicação, em dois sentidos, livre de ruídos perturbadores.

Para a gravação das vozes, dois sistemas eram usados: (1) microfone, amplificador e gravador; (2) diodo, amplificador e gravador, tendo como variante o uso do rádio, depois bem popularizado. Para o uso do rádio, a indicação era sintonizar um ponto intermediário entre estações e fixar-se num “ruído branco”, uma espécie de chiado que serviria de fundo às manifestações locais.

MEEK, cogitando eliminar os chiados e melhorar o padrão de comunicação com os Espíritos, resolveu dedicar-se ao seu projeto contando com a colaboração do técnico-eletrônico Hans HECKMANN. Antes, porém, conhecedor da realidade espiritual, buscou um médium que pudesse, eventualmente, facultar-lhe a obtenção de alguma orientação, o que, efetivamente, aconteceu, com a comunicação do Espírito William Francis Grey SWAMM, que o incentivou a materializar o seu projeto.

Em 1973, com Hans HECKMANN, construiu o Spiricom, denominação que deu ao seu primeiro aparelho, depois designado como Mark I.

Diante dos poucos resultados, construiu o Mark II, (1974) que, também, pouco produziu. Convidou, então, o técnico William John O'NEIL, excelente técnico e reconhecido médium de ectoplasma, a participar do empreendimento. O resultado foi a construção dos Mark III e Mark IV (1977), que permitiram uma comunicação em dois sentidos, perfeitamente audível. Seguiram-se os Mark V, VI, VII e VIII, com algumas dezenas de gravações.

As experiências com o Spiricom, de alto custo para George MEEK, acompanhadas por vários técnicos e pesquisadores que depois participaram do projeto, embora os resultados não correspondessem ao esperado, assinalou, sem dúvida, um momento importante na história da transcomunicação, marcado por um idealismo realmente superior.

Pesquisas nessa direção prosseguiram com outros importantes investigadores, obtendo, até, melhores resultados. É o caso, entre outros, de Hans Otto KOENING, na Alemanha, e de Jules e Maggy HARSCH-FISCHBACK, de Luxemburgo, na década de 1980.

Nesse domínio, trabalho de relevante importância científica foi desenvolvido pelo cientista brasileiro, Professor Carlos Eduardo LUZ, engenheiro especialista em acústica.

Operando com programas de computador específicos (softwares) para uma apurada análise espectrográfica da onda, e com o Analisador de Espectro, aparelho para separação dos componentes de uma onda, Carlos LUZ demonstrou, eletronicamente, existir uma ostensiva diferença entre a voz do Espírito, caracteristicamente grave, e a voz da pessoa encarnada, comprovando, assim, definitivamente, a autenticidade da comunicação vocal dos Espíritos por instrumentos eletrônicos.

As pesquisas do Professor Carlos LUZ apresentadas em Congresso alcançaram, naturalmente, grande repercussão internacional, marcando um momento de alto significado histórico.

*

Outro tipo de transcomunicação é a visual, obtida por via do computador, da televisão e por fax.

As comunicações por fax, mais recentes, têm sido as mais raras.

Essa modalidade chamou a atenção dos pesquisadores, principalmente a partir de 1995, quando foi recebida uma mensagem por fax, com três longas páginas, assinada por Júlio Verne e na qual se identifica plenamente o estilo do famoso autor.

As recepções por computador têm surpreendido pela qualidade das fotos e pelos longos textos, que são diretamente inseridos pelos Espíritos no Winchester do computador, de acordo com os recursos ectoplásmicos disponíveis.

Ao que consta, as primeiras manifestações aconteceram na Inglaterra, chegando, na década de 1980, a centenas de transmissões. Posteriormente, um grupo de Luxemburgo passou a receber os transtextos e aprimorar a técnica de recepção, conseguindo resultados melhores, ainda, estimulando pesquisadores de outros países a também desenvolverem seus programas de contato com os Espíritos por via de computadores, obtendo, inclusive, imagens de paisagens e de animais. ⁽⁹⁾

⁽⁹⁾ V. SCHÁFER, Hildegard. Ponte Entre o Aqui e o Além — Teoria e Prática da Transcomunicação. (Orig. Brücke Zwischen Diesseits und Jenseits - Theorie und Praxis der Transkommunikation). 10. ed. São Paulo: PENSAMENTO, 1997, pp. 163 e segs. Trad. Gunter Altmann.

LOCHER, T.; HARSCH, M. Transcomunicação, pp. 62 e segs.; NUNES, Clóvis S. Transcomunicação: Comunicações Tecnológicas com o Mundo dos “Mortos”. 2. ed. Sobradinho (DF): EDICEL, 1990, pp. 72 a 74.

WEBSTER, Ken. Os Mortos Comunicam-se por Computador? (Orig. The Vertical Plane), Sobradinho (DF): EDICEL. Trad. Harry Meredig.; BANDER, Peter. Os Espíritos Comunicam-se por Gravadores. (Orig. Carry on Talking). São Paulo: EDICEL, 1972, pp. 27 e segs. Trad. Harry Meredig e Meththied Bulla.

A formação de imagens na tela do televisor surge como um dos momentos mais significativos na pesquisa da transcomunicação.

Em 1984, Klaus SCHREIBER, pioneiro nessa área, recebeu a notícia de que imagens dos Espíritos poderiam ser mostradas na tela da TV, o que efetivamente aconteceu no ano seguinte, através do chamado sistema Vidicom.

Hildegard SCHÁFER, em boa síntese, descreve o ocorrido:

“Em maio de 1984, Schreiber recebeu a mensagem: ‘Ligue a TV’. O aviso motivou-o a iniciar tentativas com uma câmera de vídeo e de TV, mas nada conseguiu. Não sabia como proceder e filmou a poltrona onde sua falecida mãe costumara ficar sentada em vida.

Filmava em câmara lenta, com acelerador e ainda poses fixas, mas nada aconteceu.

(...) A sugestão seguinte do ‘outro’ plano levou-o ao rumo certo. A palavra-chave foi ‘canal vazio’. Schreiber seguiu o conselho, e naquele momento surgiu na tela uma vaga imagem de nuvens, no meio das quais cristalizou-se sua filha Karin, morta aos dezoito anos. Ela foi (...) intermediária em todas as suas tentativas. Também foi ela quem chamou sua atenção para que não tentasse filmar em cores, pois os Espíritos do Além só podem ser vistos em preto e branco.

(...) Os interlocutores do Além sempre apareciam por poucos momentos, de modo que só podiam ser vistos em imagens estacionárias: quer dizer, numa velocidade de vinte e cinco imagens por segundo, eram necessárias, em cinco minutos de filmagem, 7.500 poses individuais para eventualmente se conseguir ver um espírito do Além. Schreiber conseguiu registrar na tela, não apenas seus falecidos familiares (pai, mãe, esposa, filha, filho e outros parentes), como também muitas pessoas conhecidas e desconhecidas, e ainda alguns mortos famosos.” ⁽¹⁰⁾

⁽¹⁰⁾ SCHÁFER, Hildegard. Ponte Entre o Aqui e o Além — Teoria e Prática da Transcomunicação. (Orig. *Brücke Zwischen Diesseits und Jenseits - Theorie und Praxis der Transkommunikation*). 10. ed. São Paulo: PENSAMENTO, 1997. Trad. Gunter Altmann, p. 206.

Klaus SCHREIBER, contando com a assistência técnica de Martin WENZEL, dedicou-se inteiramente às pesquisas de transvídeo, obtendo com apoio em sistemas ótico- eletrônicos retroalimentados, progressos cada vez mais significativos. ⁽¹¹⁾ Após sua desencarnação, em 1988, na Alemanha, as pesquisas foram continuadas por Wenzel, com novos e sensíveis sucessos.

⁽¹¹⁾ A filha de SCHREIBER, Karin, tornou-se o seu principal elo com o mundo espiritual, embora mantivesse, seguidamente, confortadores contatos com sua primeira esposa, Gertrud, seu filho Robert, falecido com 22 anos, seu sobrinho, sua irmã, seu cunhado, todos desencarnados em circunstâncias dolorosas, e sua mãe. Imagens e diálogos relacionados com esses encontros encontram-se gravados, compondo o importante acervo histórico da Transcomunicação Instrumental.

*

A transcomunicação **mista**, finalmente, é a que associa imagem e som. Foi inaugurada por Konstantin RAUDIVE, Espírito, comunicando-se através do equipamento do casal Jules e Maggy HARSCH, em Luxemburgo, no dia 12 de julho de 1988. “É um momento histórico, tanto no vosso lado como no de cá,” disse RAUDIVE, na ocasião. “É a primeira vez que uma imagem e o som são transmitidos e recebidos simultaneamente”. ⁽¹²⁾

⁽¹²⁾ Cf. LOCHER, T.; HARSCH, M. Op. cit., p. 151; PRESI, Paolo. “Psychophonie et paranormalité électronique”. In *Parasciences — La Transcommunication*. Org. Jean Michel. Agnieres GRANDSIRE - JMG Éditions, 1998, pp. 129 e segs.

Os experimentos de vídeo e áudio alcançaram resultados surpreendentes, não só pela qualidade de imagens e do som, como pelo teor de comunicações, pautadas, sempre, por elevados princípios morais. ⁽¹³⁾

⁽¹³⁾ Escrevia a notável médium Yvonne A. PEREIRA, em 1963: “No ano de 1915, no correr de memorável sessão a que assistiram nossos pais, em seu próprio domicílio, na cidade de São João Del-Rei, em Minas Gerais, e na qual servia o médium Silvestre Lobato, já falecido - o melhor médium de incorporação por nós conhecido até hoje o Espírito do Dr. BEZERRA DE MENEZES anunciou o advento do Rádio e da Televisão, asseverando que este último invento (ou descoberta) facultaria ao homem, mais tarde, captar panoramas e detalhes da própria vida no Mundo Invisível, antecipando, assim, que a Ciência, mais do que a própria Religião, levaria os espíritos muito positivos a admitir o mundo dos Espíritos, encaminhando-os para Deus. (PEREIRA, Yvonne A. *Devassando o Invisível*. 8. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1991, p. 177, Cap. VIII).

Por último, impende sublinhar que, indubitavelmente, o processo da transcomunicação instrumental é um processo mediúnicos. Nitidamente, apenas mais uma modalidade ectoplásmica.

De fato, sua ocorrência não dispensa os recursos ectoplásmicos, geralmente de quem opera e dos eventualmente presentes, sendo certo que, quando necessário, podem, também, ser trazidos de outras fontes — distantes, até — ao local das operações.

Importante lembrar que, segundo se sabe, o ectoplasma — uma substância biológica, a dizer, fornecida pelos seres vivos (pessoas, animais e plantas) —, quando necessário, em certos tipos de operações, é associado a recursos do reino mineral e de outras fontes, para a produção de certos efeitos, como, por exemplo, a própria comunicação por meio de instrumentos eletrônicos.

**

O fenômeno de transcomunicação é, assim, um evento ectoplásmico, tão complexo como a pneumatofonia, a materialização, a desmaterialização, a levitação, o transporte ou qualquer outro de sua categoria.

E - dado importante - os Espíritos, como é comum, embora os processos de comunicação não ocorram em regime de baixa luminosidade, recomendam, às vezes, aos presentes para que não usem flash, a fim de que as operações não sejam afetadas, impedindo a comunicação. Como se sabe, a luz forte afeta gravemente o ectoplasma. ⁽¹⁴⁾

⁽¹⁴⁾ V. adiante, Materialização .

De qualquer forma, como acontece em outros campos da mediunidade, muito há, ainda, que aprender a respeito desse novo tipo de manifestação, a representar, sem dúvida, mais um valioso meio para se alcançar o conhecimento da realidade espiritual.

XXIII- FOTOGRAFIA TRANSCENDENTE

Fotografia de Espíritos, auras humanas, animais desencarnados e, também, de flores, objetos e outras criações ideoplásticas. ⁽¹⁾

⁽¹⁾ A fotografia transcendente foi também conhecida como “fotografia espírita”, “fotografia psíquica” e “fotografia fluidica”.

Pode ser tirada tanto à luz do dia, de lâmpadas elétricas ou de veleis, quanto na escuridão, dependendo das circunstâncias. No primeiro caso, tem-se a fotografia normal; no segundo, a que tem sido designada como escotografia ou fotografia escotópica (do gr. scótos, escuridão; e tópickós, local, pelo lat. Tópica).

FOTOGRAFIA TRANSCENDENTE

NORMAL

ESCOTÓPICA

A fotografia transcendente - denominação dada por AKSAKOF - não se confunde com a fotografia das materializações e, diferentemente desta, apresenta a notável particularidade de poder ser obtida na mais completa escuridão, evidenciando, assim, que as radiações emanam das próprias figureis retratadas, ou seja, que não se trata de luz refletida, fato, aliás, constatado por pesquisadores de todo o mundo.

O pesquisador japonês Tomokichi FUKARAI (Clairvoyance and Thoughtgraphy, 1931), por exemplo, depois de estudar o fenômeno, concluiu, simplesmente, que “sendo uma realidade, o Espírito transcende as leis físicas da luz e age diretamente sobre o filme, sem passar pela câmera”. ⁽²⁾

⁽²⁾ Cf. PINHO, Flávio Távora. Aprendendo sobre o Espírito. R. Janeiro: LORENZ, 2001, p. 116, Vol. I.

Em relação aos Espíritos, pode-se compreender a importância da hipótese sugerida pelo eminente cientista, então Presidente do Instituto Psíquico do Japão. O tema, todavia, torna-se mais complexo em se tratando de fotografias das produções ideoplásticas (formas-pensamento), que não passam de pensamento temporariamente cristalizado em forma de flores, objetos, luzes, relâmpagos, etc. ⁽³⁾ De alguma maneira, com apoio no ectoplasma (invisível aos olhos comuns, diferentemente do que ocorre na materialização), essas criações psíquicas podem emitir um tipo de energia capaz de impressionar diretamente chapas, filmes e, até, outros materiais. ⁽⁴⁾

⁽³⁾ Essas formas-pensamento podem ser plasmadas tanto pelos Espíritos, como, às vezes, pelo próprio médium ou outros encarnados.

⁽⁴⁾ Há registros de fotografias transcendentais que chegaram a ser obtidas diretamente “sobre o papel em branco, luvas de pelica, lenços e peças de vestuário”, como, por exemplo, acontecia com a médium inglesa Ada Lee, segundo documentos publicados pela revista The Creator World - O Mundo Maior. (Tribuna Espírita. Natal-RN, abril-maio, 1997; Goiás Espírita. Goiânia-GO, julho-setembro, 1997, p. 29).

No tocante às flores, importa saber que a fotografia transcendente pode retratar não só um pensamento-forma a respeito de uma planta, como, por exemplo, a imagem fluídica das partes que lhe foram cortadas ou que surgirão com o seu crescimento. ⁽⁵⁾

⁽⁵⁾ “A fotografia de flores chega a revelar aspectos surpreendentes. Fotografando um botão de rosa, F. M. Melton constatou que apareciam na fotografia as pétalas de uma rosa e quando a flor se abriu, verificou que a foto havia mostrado exatamente eis mesmas pétalas, até mesmo quanto ao número! (Cf. BOZZANO, Ernesto. Pensamento e Vontade. 8. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1991, pp. 131 e 132) Esse e outros fatos mostram bem a existência, já no reino vegetal, de uma protoestrutura, sustentadora do desenvolvimento celular.

*

As primeiras fotografias transcendentais conhecidas devem-se a William H. MUMLER, que operava em Boston, Estados Unidos, e teriam surgido em 1861. Arthur Conan DOYLE descreve assim o notável evento:

“Mumler, que trabalhava como gravador numa das principais joalherias de Boston, não era espírita nem fotógrafo profissional. Em horas de folga, quando tentava tirar fotografias de si mesmo, no atelier de um amigo, obteve numa chapa o contorno de outra figura. O método que empregava era focalizar uma cadeira vazia e, depois de descobrir a objetiva, alcançar a cadeira escolhida e aí ficar durante o tempo necessário à exposição. Nas costas da fotografia A/Tr. Mumler tinha escrito:

‘Esta fotografia foi feita por mim mesmo, de mim mesmo, num domingo, quando não havia viva alma na sala - por assim dizer. A forma à minha direita, reconheço como minha prima, morta há doze anos. W. H. Mumler.’

A forma é de uma mocinha, que aparece sentada na cadeira. A cadeira é vista com nitidez através do corpo e dos braços, como também a mesa na qual ela apóia o braço. Abaixo do peito, diz um relato contemporâneo, a forma (que parece usar um vestido decotado e sem mangas) se desagrega num ténue vapor, como simples nuvem na parte inferior do retrato. É interessante notar pormenores nessa primeira fotografia espírita, que se repetiram muitas vezes nas que foram obtidas posteriormente por outros operadores.

Logo correu a notícia do que havia acontecido a Mumler e ele foi assediado por pedidos de sessões. A princípio recusou-se, méis, finalmente concordou e quando, posteriormente, outros ‘extras’ foram obtidos, e sua fama se espalhou, foi então compelido a abandonar o seu negócio e a dedicar-se a esse novo trabalho.” ⁽⁶⁾

⁽⁶⁾ DOYLE, Arthur Conan. História do Espiritismo, pp. 362 e 363, Cap. XIX.

As fotografias de MUMLER chegaram logo à Inglaterra, França e, depois, a outros países, atraindo a atenção tanto de curiosos como dos mais respeitáveis pesquisadores, entre os quais, KARDEC. ⁽⁷⁾

⁽⁷⁾ V. “Photographie des Sprits”, Revue Spirite, maio, 1863.

Na Inglaterra, onde este tipo de fotografia foi especialmente estudado, o primeiro registro foi feito por Frederick A. HUDSON, em 1872. Os trabalhos desse médium tiveram grande repercussão entre os intelectuais ingleses, atraindo nomes famosos da ciência, como William

CROOKES, que, em 1873, obteve 40 fotografias, e Alfred Russell WALLACE, que viu o Espírito de sua mãe nitidamente fotografado.

Nome importante, também, é o de Richard BOURSNEILL, que, segundo consta, já obtinha retratos de mãos e rostos em 1851. Tantos foram seus êxitos que, segundo Conan Doyle, “os espíritas de Londres presentearam esse médium com uma bolsa de ouro e um documento assinado por mais de cem espíritas notáveis”, ocasião em que “as paredes das saias da Sociedade de Psicologia, em George Street, Portman Square, estavam cobertas por trezentas fotografias escolhidas de Espíritos, feitos por BOURSNEILL”.⁽⁸⁾

⁽⁸⁾ DOYLE, Arthur Conan. História do Espiritismo, p. 369.

Vários outros pesquisadores marcam a história da fotografia transcendente na Inglaterra, podendo ser citados, entre eles, além de Stainton MOSES, que publicou valioso trabalho a respeito (Fotografia de Espíritos), Edward WYLLIE (conhecido como médium-fotógrafo), David DUGUID, William HOPE, M. J. VEARCOMBE, que, com Fred BARLOW, obteve, ainda, mensagens escritas em chapas que ainda não haviam sido utilizadas (escrita fotográfica), John BEATTIE, natural de Bristol, Tomás SLATER, W. J. CRAWFORD, etc.⁽⁹⁾

⁽⁹⁾ A respeito da técnica então usada para a obtenção da foto transcendente, observa Hermínio MIRANDA: “Os fotógrafos preparavam suas próprias chapas, desde o corte do vidro, com diamante, até à fase de acabamento da foto. O vidro era cuidadosamente limpo, usualmente com um pano ou um pouco de algodão embebido em álcool. Em seguida, cobria-se a sua superfície com fina camada de uma substância coloidal, à qual aderiria o sal de prata contido num banho em que era mergulhada a chapa. Daí, a chapa ia para o chassi da máquina, com os cuidados necessários para não receber qualquer exposição à luz. As lâminas de vidro poderiam ser reutilizadas, após a limpeza acima referida. A revelação e a fixação seguiam basicamente o mesmo procedimento atual, embora se disponha, hoje, de produtos químicos muito mais sofisticados. (MIRANDA, Hermínio C. de. Processo dos Espíritas — Resumo da História Escrita por Mme. Marinet Leymarie. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1977, p. 133).

Modernamente, destacam-se, entre outros, os psiquiatras Ian STEVENSON e Jule EISENBUND, que, se dedicaram, também, à investigação da fotografia transcendente, tendo, inclusive, pesquisado ocorrências que se verificavam com Ted Serios, produzindo as mais diversas imagens produzidas ideoplasticamente.⁽¹⁰⁾

⁽¹⁰⁾ O Prof. Guimarães ANDRADE, chegou a compor um projeto com vistas na construção de uma Câmara Espiritoscópica, para a obtenção de fotografias transcendentais. (ANDRADE, Hernani Guimarães. Novos Rumos à Experimentação Espiritiva. São Paulo: Ed. do Autor, 1960, pp. 143 e segs., Cap. V.

*

Assim como o Espírito encarnado, em estado de desdobramento, pode materializar-se, também pode ser fotografado, mesmo que não apareça tangível.

Fotografias transcendentais de Espíritos encarnados não são assim, incomuns. Diversos autores têm dedicado atenção a essa notável ocorrência, baseados em provas documentais incontestáveis e em testemunhos, os mais respeitáveis.

Léon DENIS, por exemplo, refere-se a diversos casos, entre eles, um episódio acompanhado pelo célebre pesquisador, Hyppolite BARADUC:

“O professor Istrati, membro do Conselho de Ministros da România, concentrando a sua própria vontade antes de adormecer, pode exteriorizar-se, aparecer ao Doutor Hasden, senador romeno, a mais de 50 quilômetros de distância, e por ele se fazer fotografar em espírito. Na chapa distingue-se a imagem fluídica do professor, encarando o obturador do aparelho.

Uma certeza resulta deste conjunto de fatos: a de que a alma humana, ao contrário do que pretendem os materialistas, não é uma resultante do organismo, transitória como ele, uma função do cérebro, que se aniquile por ocasião da morte, mas um ser em si mesmo real, independente dos órgãos.

Sua ação se pode exercer fora dos limites do corpo.” ⁽¹¹⁾

⁽¹¹⁾ DENIS, Léon. No Invisível. Rio de Janeiro: FEB, pp. 154 e 155.

Normalmente, o Espírito encarnado, quando é fotografado, o corpo encontra-se em repouso ou em estado de transe mediúnico, situações que facilitam o desprendimento e o desdobramento.

William Stainton MOSES, segundo seu próprio depoimento (The Spiritualist, Londres, 1875, vol. VI), estando dormindo em Londres, foi fotografado por Édouard BUGHET, em Paris. Referindo-se ao fato, escreveu, na oportunidade: “Não há dúvida quanto ao fato de que o Espírito de uma pessoa cujo corpo permanece dormindo em Londres, foi fotografado pelo senhor Bughet, em Paris”.

A Revue Spirit publicou, na época, diversos relatos e fatos, documentando importantes ocorrências na Europa.

No Brasil, são vários os casos a merecerem registro. Aureliano ALVES NETO refere-se, por exemplo, a interessante fato vivido por pessoas que lhe são conhecidas:

“Numa de suas habituais excursões pelo Velho Mundo, nosso confrade Joaquim da Silva Gomes, conhecido industrial residente no Recife, resolveu fazer-se fotografar em companhia de sua esposa, Sra. Maria Esteia Barbosa Gomes, em frente ao Casino Interlaken, na Suíça. Teresinha, filha do casai, foi quem ajustou a objetiva e tirou o retrato, sob um céu primaveril que realçava a beleza do local naquele dia que marcaria época nos anais da fenomenologia transcendente: 17 de Maio de 1953. La os relógios deviam marcar entre 17 e 18 horas, o que corresponde no Recife, ao espaço de tempo que vai das 13 às 14 horas.

Chegando a Portugal, o confrade Comes mandou revelar o filme e, surpreso queise não podia acreditar no que estava a ver. Apareceu na foto, nitidamente, outra pessoa: o seu grande amigo Dr. Otávio Coutinho, Juiz de Direito aposentado, que devia encontrar-se, naquela ocasião, na capital pernambucana.

(...) Joaquim da Silva Comes enviou a fotografia a uma filha do Dr. Otávio Coutinho, na suposição de que seu amigo houvesse desencarnado. Mas o Dr. Coutinho estava vivo e, ao ser-lhe apresentado o retrato, reconheceu-se nele, identificando como seus, realmente, a roupa, o calçado, a gravata e o alfinete que nela se faz visível.

(...) Procurando, porém, ouvir a opinião de um Espírito, este explicou:

— Vocês consideram tudo extraordinário, mesmo os casos mais comuns e banais. O que sucedeu foi o seguinte: o irmão Otávio acabou de almoçar e deu uma soneca, entre 13:30 e 14 horas, sentado numa cadeira de balanço, no terraço da casa dele; e como tinha pensado fortemente nos irmãos ausentes, desprendeu-se e foi ter com eles na Suíça, exatamente quando estavam se fotografando, deixando-se também fotografar.” ⁽¹²⁾

(12) ALVES Neto, Aureliano. Extraordinários Fenômenos Mediúnicos. 2. ed. São Paulo: EDICEL, pp. 119 e 120.

Esse e vários outros fatos, devidamente documentados, comprovam a possibilidade de que um Espírito encarnado, em desdobramento, não só pode materializar-se, como também, ser fotografado. (13)

(13) **V. Desdobramento.**

Certo é que a fotografia transcendente comparece como prova inequívoca, não só da sobrevivência do Espírito, como da própria existência do perispírito. (14)

(14) Esse método de registro da existência espiritual é tão notável, quanto se sabe que os retratos de Espíritos não só surgem em placas fotográficas contidas em caixas fechadas, ou em filmes virgens, como, inclusive, quando em operação duas ou mais máquinas, somente por meio de uma delas.

Com efeito, o retrato de um Espírito, mostrando-o de corpo inteiro, ou não, só é possível porque o ectoplasma capaz de impressionar a chapa ou o filme - ainda que tão tênue que não chegue a ser percebido pelos olhos comuns - aglutina-se, sob a ação mental, em seu perispírito, tomando a forma do corpo com detalhes tão nítidos que o tornam imediatamente identificável.

Obviamente, se não houvesse o corpo espiritual, inexistiria o molde a sustentar a formação ectoplásmica capaz de impressionar uma chapa ou um filme, reconhecível como um rosto, ou um corpo. (15)

(15) A história da fotografia transcendente contém relatos surpreendentes. BOZZANO, por exemplo, cita um caso, rigorosamente comprovado e divulgado pela imprensa especializada, de uma fotografia do braço fluídico de um amputado, feita por Alphonse Bouvier, pesquisador francês, conhecido pelas numerosas curas “magnéticas” que então realizava. (V. BOZZANO, Ernesto. Fenômenos de Bilocação — Desdobramento. 3. ed. S. Paulo: CORREIO FRATERNAL, 1990, pp. 26 e 27).

**

A captação da imagem da aura da pessoa que está sendo fotografada constitui um tema à parte no estudo da fotografia transcendente.

Experiências com efetiva validade científica aconteceram a partir da metade do século XIX, atraindo o endosso de eminentes cientistas e pesquisadores.

As primeiras fotografias da aura humana teriam sido obtidas em março de 1872, por Samuel GUPPY, com o apoio mediúnicamente de sua mulher, Agnes Nichol Guppy, chamando a atenção do cientista Alfred Russell WALLACE (1823-1903) - famoso naturalista inglês, codescobridor, com Darwin, dos princípios da evolução —, que as descreveu e analisou em artigo de grande repercussão, que depois faz parte de sua célebre obra, *On Miracles and Modern Spiritualism* - (3. ed., 1895)

A concreta possibilidade de se fotografarem os Espíritos e as formas luminosas, denotadoras da existência da aura, tornou-se, todavia, evidente, depois das notáveis experiências do fotógrafo australiano John BEATTIE acompanhadas por diversos pesquisadores, e cujos

resultados - a ocorrerem a partir de 1872 -, pelos cuidadosos procedimentos adotados, acabaram por se impor como respeitável demonstração da realidade espiritual.

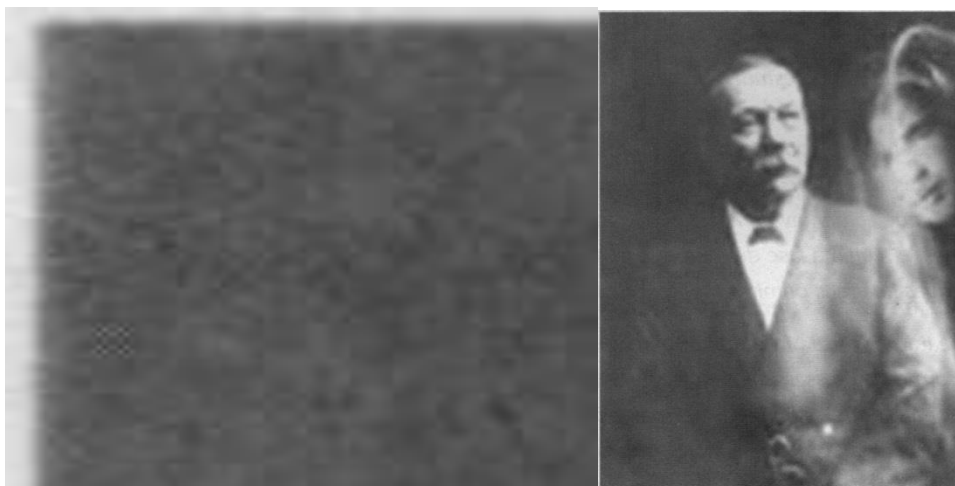
Uma explicação constante de uma carta de BEATTIE, dirigida ao British Journal of Photography, dá uma ideia desses procedimentos:

“A câmara escura, munida de uma objetiva Ross, era construída de maneira que se pudessem obter três provas negativas sobre a mesma placa. Amortecia-se a luz, para poder prolongar a exposição até quatro minutos. O fundo era semelhante ao que se emprega ordinariamente, de cor parda carregada, e encostava-se à parede. O médium lhe voltava as costas; estava sentado e tinha uma mesa pequena à sua frente. O Dr. Thompsom e o Sr. Tommy estavam sentados de um lado, à mesma mesa, enquanto eu me conservava defronte, durante a exposição.”

E, em carta dirigida ao Human Nature, mais tarde (1874), o Dr. G. S. THOMPSON, citado, mostrava que o processo permanecia praticamente o mesmo, durante todas as pesquisas:

“Começamos as nossas experiências no meado de junho de 1872, reunindo-nos uma vez por semana, às 6 horas da tarde (hora que nos era imposta pelas ocupações pessoais do médium). Servimo-nos de uma objetiva de Ross, com foco de seis polegadas; a câmara negra era das que se empregam ordinariamente para a fotografia de formato de cartão de visita, com caixilho construído de maneira a se poderem obter três provas sobre a mesma placa. O banho de prata era preparado em um vaso de porcelana. O fundo era igual aos que se empregam ordinariamente, de ferro, montado sobre um caixilho e de uma cor tirando ao pardo. Começávamos cada sessão colocando-nos em roda de uma mesa (girante) pequena, a qual nos indicava, por movimentos, de que maneira deveríamos operar. Seguindo essas instruções, o Sr. Beattie ocupava-se com a preparação e desenvolvimento da maior parte das placas, enquanto eu dirigia a exposição, cuja duração era igualmente indicada pelos movimentos da mesa, em roda da qual estavam sentados todos os experimentadores à exceção de mim.

Tiravam-se as placas dos banhos preparados de antemão, sem observar ordem alguma particular. Julgo importante mencionar esse fato, porque ele permite recusar grande parte das objeções, senão todas, tendentes a pôr em dúvida a autenticidade dessas fotografias. Além das precauções tomadas para a escolha das placas, tínhamos recorrido a outras, e o médium não deixava a mesa, salvo se convidado para assistir à revelação; dessa maneira — admitindo-se mesmo que as chapas tivessem sido preparadas previamente — tornava-se absolutamente impossível saber qual seria a imagem que se obteria sobre a placa; entretanto, o médium nos descrevia essas imagens até em suas particularidades mínimas. As nossas sessões não duravam habitualmente além de duas horas.”



Fotografia Transcendente:

1. Foto de M. Bromson Murray e de Mme. Bonner (Espírito). O retrato de Mme. Bonner, quando encarnada, à esquerda. 2. Mostra claramente a semelhança com sua forma perispirítica captada na foto da direita.
3. Fotografia de Kingsley Doyle, jovem médica desencarnada, vítima da gripe espanhola, ao lado de seu pai, Arthur Conan Doyle.

Em outro trecho dessa carta, o depoimento do Dr. THOMPSON, referindo-se a um dos últimos trabalhos realizados pelo grupo de experimentadores, é deveras significativo:

“No decurso dessa sessão, ele [o médium] atraiu, repentinamente, a nossa atenção para uma luz viva e no-la mostrou; estava admirado de que nenhum de nós a visse. Quando a placa foi revelada, notava-se ali uma mancha luminosa e o dedo do médium que a indicava. Todos aqueles que estudaram a série inteira dessas fotografias notaram que a maior parte das imagens obtidas apresentavam, por assim dizer, um desenvolvimento sucessivo; começando por pequena superfície luminosa, que aumentava gradualmente, mudavam de contornos, e a última fase de mudança consistia na fusão de duas imagens primitivamente independentes. O Sr. Beattie nos fazia frequentemente observar a rapidez com a qual essas imagens apareciam à revelação, enquanto que eis imagens normais só apareciam muito mais tarde. A mesma particularidade foi notada por outras pessoas que se ocupavam com semelhantes experiências e nos assinalaram esse fato.

Sucedia frequentemente no fim da sessão, quando a luz era consideravelmente amortecida, não notarmos sobre as placas submetidas à revelação, nenhuma outra coisa além das impressões dessas formações luminosas que tinham sido invisíveis aos nossos olhos. Esse fato demonstra que a força luminosa que agia sobre a placa, se bem que sem ação sobre a nossa retina, era considerável; por isso trabalhávamos às escuras, porque a luz visível, refletida pelos objetos que estavam no quarto, não podia produzir ação alguma sobre a camada sensível.”⁽¹⁶⁾

⁽¹⁶⁾ AKSAKOF, Alexandre. Animismo e Espiritismo. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1991, pp. 56 e segs., Vol. 1.

Nessa fase, além de BEATTIE, diversos outros pioneiros, entre eles, nomes destacados dos meios universitários da época (TAYLOR, TOMMY, JONES, BUTLAND, T. SLATER, HUDSON, REEVES, PARMES, REIMERS, WAGNER, WILLIAMS, etc.), colaboraram para que novas fronteiras fossem abertas, em direção a futuros desenvolvimentos, cumprindo

observar, todavia, que, embora com resultados não tão expressivos, o processo de registro das emanações energéticas apoiava-se, às vezes, em técnicas mais simples ainda, principalmente quando se tratava de registrar os eflúvios emanados de encarnados. Anotava, a respeito, Léon DENIS:

“Se, em completa obscuridade, se coloca a mão acima de uma placa sensível imersa no banho revelador; ao fim de alguns minutos de exposição verifica-se que a placa se acha impressionada. Se a ela aderiram os dedos, da mancha que cada um deles produzir se vê, como de outros tantos focos, desprenderem-se e irradiarem em todos os sentidos, ondulações, espirais, o que demonstra que a força psíquica, como os raios ultravioleta ou os raios Roentgen, atua sobre os sais de prata.”

E, relatando, a propósito, experiências pessoais, o mestre de Tours chega a um importante testemunho:

“Colocada a extremidade dos dedos sobre a chapa mergulhada no banho revelador, se, elevando o pensamento, num subitâneo e ardente impulso, fazemos uma prece, verificaremos em seguida que as irradiações adquiriram no vidro uma forma particular -a de uma coluna de chameis que se eleva de um jato. Esse fato demonstra, não somente a ação do nosso pensamento sobre os fluidos, mas também o quanto influem as nossas disposições psíquicas sobre o meio em que operamos e lhe podem modificar as condições vibratórias.”⁽¹⁷⁾

⁽¹⁷⁾ DENIS, Léon. No Invisível. 15. ed. Rio de Janeiro: FEB, p. 179. Trad. Leopoldo Cirne.

A detecção dos eflúvios emanantes da aura, com apoio, basicamente, em recursos químicos, embora a simplicidade do processo, surge, assim, como fato comprovado, mercê do gabarito moral e intelectual dos respeitáveis investigadores que nele trabalharam, inaugurando, assim, um dos mais importantes capítulos da história do Conhecimento.

Hoje, o método Kirlian (kirliangrafia) possibilita, pela via eletrônica, a detecção da aura — ou parte dela —, corroborando as experiências fotoquímicas e abrindo, sem dúvida, uma nova fronteira para o melhor conhecimento do ser humano, mas a fotografia transcendente guarda sua inegável importância, captando, por vezes, a aura inteira, não só da pessoa que está sendo fotografada, como do Espírito que, ao seu lado, se deixa fotografar.

A fotografia de animais desencarnados é rara, mas os casos registrados comprovam plenamente sua possibilidade.⁽¹⁸⁾

⁽¹⁸⁾ O fotógrafo e médium norte-americano Edward Vyllie, por exemplo, obteve, na Califórnia, o retrato de um cachorro desencarnado, plenamente reconhecido por sua irmã. (Encyclopaedia of Psychic Science, ed. 1966, p. 314).

Na maioria das vezes, os animais aparecem junto das pessoas com quem conviveram, quer estejam encarnadas, ou não.

Já as impressões fotográficas das criações ideoplásticas aparecem em grande número. Orientadores espirituais experientes compõem com o apoio nos recursos ectoplásmicos disponíveis, fotografias das mais variadas figuras e objetos que, ainda que não visíveis,

podem ter suas imagens captadas pelos equipamentos comuns. Na maioria das vezes, é o próprio fotógrafo quem libera o ectoplasma, acompanhado ou não por outros médiuns. Essas criações podem referir-se tanto a objetos comuns como, até, por exemplo, a figuras humanas ou a quadros artísticos, tudo dependendo das circunstâncias e condições. Observe-se, entretanto, que as fotografias transcendentais de Espíritos desencarnados surgem muito mais nítidas e acabadas do que as figureis produzidas ideoplasticamente, não havendo, na realidade, como confundi-las.

Por último, cabe menção a um tipo de fenômeno designado por alguns autores como “fotografia do pensamento”, mas que, na verdade, qualifica-se, também, como fotografia transcendente.

Registre-se, como ilustração, a ocorrência protagonizada por Eusápia Paladino, relatada por De Rochas e transcrita por BOZZANO:

“Na minha presença, certo dia, quis o Sr. M. de Watteville fotografar Eusápia entre o conde de Gramont e o Dr. Darieux.

Feita a pose, pilheriava eu com o Dr. Darieux a propósito de sua pequena estatura, e por haver ele metido a mão na cava do colete, dizendo-lhe que, nessa atitude, lembrava Napoleão.

A pose não se modificou por isso, mas, o que ninguém previa era o perfil de Napoleão a destacar-se nitidamente no fundo e acima da beirada de um vaso, à guisa de pedestal, sem que algo pudesse explicar essa aparência, a despeito de reiteradas experiências feitas no mesmo local.

Ainda hoje, a mim mesmo pergunto se o nome de Napoleão não teria despertado em Eusápia a lembrança de um busto por ela visto...” ⁽¹⁹⁾

⁽¹⁹⁾ BOZZANO, Ernesto. Pensamento e Vontade. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, pp. 39 e 40. Trad. M. Quintão.

*

A técnica empregada pelos Espíritos para a produção das fotografias transcendentais, como nos demais fenômenos, ainda nos permanece desconhecida.

Todavia, episódios há, a merecerem maior atenção, pelas informações que propiciam.

O autor inglês, J. H. D. MILLER (From the Other Side, Londres, 1925), relata interessante e elucidativa experiência pessoal com o conhecido médium William Hope, com algumas notícias sobre o modo como os Espíritos operariam, transcrita por BOZZANO e digna de reprodução em toda sua extensão.

Escreve MILLER:

“Ouvira eu dizer que na pequena cidade Crewe havia um centro espírita no qual se obtinham fotografias transcendentais, e, precisando ir ao continente por motivos de negócios, decidi interromper de algumas horas a viagem, a fim de tentar uma experiência daquela natureza. Sem conhecer qualquer membro do referido grupo, lá me apresentei, não obstante, a Rua do Mercado, nº 144, onde soube que o médium Sr. Hope estava em casa.

Trata-se de um homem de pequena estatura e de maneiras afáveis, simples artista que reside num apartamento, sem maiores pretensões.

Os seus dispositivos e utensílios fotográficos são evidentemente primitivos.

Eu levava comigo um pacote com doze chapas fotográficas comprada em Belfast.

Assentamo-nos em torno de pequena mesa, eu, o Sr. Hope, uma Senhora cujo nome não me ocorre, e a senhorita Scatcherd, de Londres, que, tendo vindo a Crew para fazer uma conferência espírita, aproveitara o ensejo de uma visita ao médium Hope.

A este informei que trouxera comigo as doze chapas, e ele pediu-me que as colocasse no centro da mesa.

A senhora cujo nome esqueci, cantou, então, um hino sacro e disse uma prece.

A seguir o Sr. Hope tomou o pacote das chapeis e o manteve entre eis mãos, enquanto por nossa vez colocávamos as nossas sobre as dele.

Decorridos uns quinze minutos, um tremor pronunciado começou visivelmente a sacudir o braço do médium, comunicando-se às outras mãos e ao pacote de chapeis.

Dirigindo-se, então, a uma entidade invisível, o médium disse: - 'Obrigado; desta vez conseguiremos'.

O pacote foi novamente colocado em cima da mesa, e o Sr. Hope refez o invólucro, recitando, por sua vez, uma prece.

Convidou-me a meter no bolso o embrulho, para segui-lo à câmara-escura, onde acendeu uma pequena lâmpada vermelha.

Depois, mandou-me abri-lo e dele retirar duas chapas para colocá-las nos chassis, o que fiz depois de havê-las marcado a lápis com o meu nome.

Passamos, em seguida, a uma pequena câmara envidraçada, na qual se encontrava uma máquina fotográfica, que foi por mim examinada minuciosamente.

Isto feito, entreguei ao Sr. Hope os dois chassis, que foram por ele colocados no aparelho.

Assentei-me, então, como se faz comumente diante da objetiva, enquanto o Sr. Hope e a tal Senhora se colocavam respectivamente de cada lado do aparelho, segurando cada qual um pano preto, durante a pose.

Após, reentramos na câmara-escura, onde retirei eu mesmo as placas dos chassis, depositando-as na cubeta a fim de serem reveladas.

O Sr. Hope derramava o líquido, enquanto me ocupava eu mesmo da revelação.

Quando ele me advertiu de que o banho estava completo, coloquei a cubeta debaixo da torneira para a competente lavagem.

Foi-me dado, então, perceber numa das chapas, assaz visível, uma cabeça ao lado da minha. Examinei depois a chapa contra a luz e certifiquei-me de que se tratava do semblante de meu filho, pelo que fiquei profundamente admirado e comovido.

Enquanto durou a experiência, o Sr. Hope não tocara as chapeis e jamais deixaram elas de estar um instante fora das minhas vistas, salvo, bem entendido, o tempo que estiveram dentro do aparelho.

Só então, dei o meu nome e endereço, para saudar os assistentes e retirar-me.

Dias depois, recebi os retratos, dos quais vai um reproduzido neste volume...

De regresso ao meu lar, tivemos uma sessão com o médium Nugent, na qual presto se manifestou Hardy, dizendo: '— Que tal, papai? Que pensas tu do retrato? Ficou bom?' ao que por minha vez respondi: '—Maravilhoso!'

'— Mas, explica-me, como te arranjaste para produzi-lo?'

'— Impossível explicar-te a natureza dos poderes em jogo' - disse ele -, 'de vez que os ignoro; mas, posso descrever-te como as coisas se passaram.'

Quando você se assentou em torno da mesa, '**Sing**' (o Espírito-guia) e eu fomos nos colocar atrás de você.

Vários outros Espíritos especializados em fotografia transcendente estavam conosco e o mais hábil de todos se conservou ao lado do médium, a fim de reunir e condensar os fluidos

subtraídos de você, como de nós, para encaminhá-lo ao embrulho das chapas, através dos braços do médium.

Notaste, certamente, o tremor dos braços e das mãos do médium.

Quando as chapas ficaram saturadas das forças exteriorizadas, estas se derramaram sobre mim, e ‘**Sing**’ ordenou-me que pensasse numa boa objetivação da minha aparência terrestre.

Os panos que se notam à volta do meu rosto são o produto dos fluidos por mim utilizados para me materializar de modo rápido, méis, não obstante, suficiente.

Quando você colocou as chapeis nos chassis, concentrei meu pensamento na aparência que eu aí tinha na Terra, e enquanto durou a pose, eu estava ao seu lado.

Papai, se você naquele instante se voltasse, ter-me-ia visto nitidamente; mas isso também importaria no fracasso da experiência.

‘— Qual o efeito dos fluidos sobre eis chapeis?’

‘— Não to saberia dizer de modo preciso, mas acredito que a chapa preferida se torna mais sensibilizada que eis demais’.”⁽²⁰⁾

⁽²⁰⁾ BOZZANO, Ernesto. Pensamento e Vontade. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, pp. 75 e 79. Trad. M. Quintão.

Experiências como essa e tantas outras — de procedimentos diferentes, mas de resultados igualmente significativos —, a ocorrerem em todo o mundo, mostram o zeloso empenho de abnegados Espíritos anônimos na demonstração da sobrevivência espiritual.

XXIV- ESCRITA FOTOGRÁFICA

Mensagem escrita visível na fotografia transcendente, com ou sem a imagem da pessoa ou objeto.

Resulta, também, do empenho ideoplástico do Espírito operador.

Há, também, fotografias em que só aparecem mensagens escritas, algumas delas, inclusive, especulares, legíveis, obviamente, com auxílio de espelho.

Entre os casos conhecidos de escrita fotográfica, digno de lembrança é um episódio protagonizado pelo fotógrafo e médium suíço William WALKER, o primeiro a obter a fotografia transcendente colorida, em Crewe, Inglaterra. ⁽¹⁾

⁽¹⁾ Quase todos os fotógrafos que se dedicaram à fotografia transcendental eram, também, médiuns de efeitos físicos, unindo, às vezes, seus recursos aos de outros médiuns, na produção dos efeitos fotográficos.

WALKER visitou, em setembro de 1911, o conhecido pesquisador inglês William T. STEAD, grande divulgador do Espiritismo, para mostrar-lhe o seu álbum de fotografias transcendentais. Na oportunidade, interessando-se muito pelo assunto, STEAD solicitou a WALKER que o mantivesse informado sobre seus futuros sucessos. Depois disso não houve mais nenhum contato entre ambos, mas quando a tragédia do navio Titanic, que também vitimou STEAD, tornou-se conhecida, sua esposa, em contato com WALKER, lembrou-lhe que ele havia prometido conservar o Sr. STEAD informado, mas que, então, “já era muito tarde”, tendo WALKER replicado: “Possivelmente ele compreenderá a razão por que não lhe escrevi, e nem lhe enviei cópias como prometi, mas ele, talvez, vai me manter informado”. Em 6 de maio de 1912, vinte e dois dias após o naufrágio do Titanic, WALKER obteve em Crewe, uma fotografia muito nítida de STEAD, com uma inscrição circular: “Prezado Sr. WALKER, vou tentar mantê-lo informado. W. T. STEAD”. A mensagem mostrava, claramente, a caligrafia de Stead, que sua secretária, Miss Harper, achou indubitavelmente autêntica.

A escrita fotográfica, como assinalado, pode também aparecer desacompanhada de qualquer imagem, sobre um tecido ectoplásmico. Um caso, entre outros, protagonizado por William HOPE, demonstra-o bem.

Relata o Prof. George HENSLOW (Proofs of the Truth of Spiritualism), Vice-Presidente da Associação Britânica para o Progresso da Ciência (1919), que tendo um Espírito se oferecido para produzir um texto em grego, escrito diretamente sobre uma chapa que fosse escolhida, dispensando, pois, a máquina fotográfica, a sugestão foi imediatamente aceita, e providências foram tomadas.

O resultado, surpreendente, foi que, revelada a chapa, surgiu, em grego, uma passagem do Evangelho de São Lucas.

*

Desconhece-se a técnica empregada pelos Espíritos para a obtenção desses efeitos, méis uma hipótese a ser considerada é a de que o preparo para obtenção da escrita incluiria uma espécie de molde, com os caracteres a serem, depois, fixados na chapa fotográfica, com os recursos ectoplásmicos.

De qualquer forma, trata-se de mais um fenômeno extraordinário, a demonstrar os ilimitados recursos de que dispõe a Espiritualidade Superior na comprovação da imortalidade.

XXV- DERMOGRAFIA - DERMOPICTURA

Dermografia é o fenômeno de escrita que surge, geralmente em relevo, na pele do médium. Dermopictura é o surgimento de figuras ou desenhos, nas mesmas condições.

A escrita ou a pintura pode desaparecer em minutos ou em horas.

Vários e importantes registros atestam sua absoluta autenticidade.

Diversos médiuns famosos submeteram-se a esse tipo de fenômeno.

Charles H. FOSTER (1838-1888), americano, foi um deles. As letras, em vermelho-sangue, apareciam principalmente em seu antebraço. Investigado por abalisados pesquisadores, deu provas notáveis de sua mediunidade.

A Sociedade Dialética de Londres mostrava em seus registros importantes depoimentos, comprovando a mediunidade de FOSTER, (“o Vidente de Salém”).

Edward L. BLANCHARD, por exemplo, relatou à Sociedade que o nome de seu pai apareceu em letras vermelhas sobre o antebraço do médium e, imediatamente depois de uma indagação sobre a data de seu falecimento, surgiu na palma da sua mão, o número 24, a indicar os anos transcorridos de sua desencarnação.

George C. BARTLETT, biógrafo de FOSTER, descreve um fato curioso. Em visita que certo senhor Adams fez ao médium, este viu a sala encher-se de Espíritos que o acompanhavam. Na madrugada do dia seguinte, o médium reclamou a BARTLETT que não podia dormir, porque se encontravam na sala os Espíritos da família Adams e eles estavam escrevendo seus nomes. Para assombro do senhor BARTLETT, surgiram na testa e nas costas de FOSTER onze nomes distintos!

Outro fato, não menos curioso, constante da biografia de FOSTER, refere-se a uma ocasião em que depois de surgida uma escrita, dois homens agarraram-no rudemente pelos braços e pediram a ele que produzisse a escrita imediatamente, como teste. Enquanto eles o seguravam, apareceram no braço do médium, em grandes caracteres, as palavras: “Dois Tolos”. Logo depois, as letras produzidas em rubro-sangue, começaram a clarear, desaparecendo, afinal, como sempre acontecia, voltando a pele ao seu estado normal.

Bem investigada, também, foi a médium norte-americana, Ellen SEYMOUR, na localidade de Waukeegan, nas proximidades de Chicago, submetendo-se às pesquisas realizadas pelo Dr. Manuel EYRE. Em depoimento diante da Sociedade Dialética de Londres, registrado pelo periódico americano *Spiritual Telegraph*, relatou EYRE que a Sra. Seymour, quando em transe, esticava o braço, coberto pela manga da blusa, e com o dedo indicador da outra mão fazia movimentos como se estivesse escrevendo no ar, cerca de 30 centímetros de distância do braço, no qual, arregaçada a manga, podia-se ver, com as palavras escritas, a assinatura peculiar do Espírito comunicante! Os caracteres apareciam em relevo, podendo ser sentidos ao se passar a mão sobre o lugar, por quinze ou vinte minutos, até seu gradual desaparecimento.

Diversos médiuns - uns mais conhecidos, outros menos — têm favorecido a ocorrência desse tipo de fenômeno, também no Brasil (Ana Prado, Francisca Jatahy, etc.).

Em relação à dermopictura, fenômeno mais raro, episódio bem ilustrativo é o ocorrido, entre outros, com a médium norte-americana H. COGGSWELL, de Vermont.

Tendo um assistente pedido a um amigo seu, morto com um tiro, que desse prova de sua presença, formou-se no braço da médium o desenho de um coração perfurado, como se uma bala de revólver o tivesse atingido.

A conhecida escritora Emma Hardinge BRITTEN (*Modern American Spiritualism*, Londres, 1870), dá notícia de uma ocorrência singular, associando a dermografia à dermopictura: a

formação de uma figura de feições africanas, com as palavras “Um pobre escravo”, escritas em caligrafia fina!

A médium francesa Raymonde PAULINE, após sentir calor no rosto, seguido de um formigamento, registrava o aparecimento em uma das faces, de um rostinho notavelmente perfeito!

*

A dermatografia e a dermopictura não se confundem com o fenômeno da estigmatização, um fenômeno não mediúnicos (anímico).

A estigmatização caracteriza-se pelo surgimento de marcas vermelhas, marcas de queimaduras, feridas vertendo sangue e linfa, no corpo do médium.

Na estigmatização, ao contrário do que ocorre na dermatografia e na dermopictura, os estigmas podem perdurar por longo tempo na pele do paciente.

Trata-se, geralmente, de uma espécie de somatização, em que emoções fortes, paixões religiosas e, mesmo, conflitos íntimos, refletem-se no corpo físico como estigmas, demonstrando o poder da mente, no comando das funções orgânicas. ⁽¹⁾

<p>⁽¹⁾ Comprovando o poder da sugestão na produção dos estigmas, Charcot chegou a fazer demonstrações experimentais, induzindo, por meio da hipnose, o seu surgimento.</p>

Numerosos têm sido os casos registrados, no correr da história, principalmente a partir dos episódios que marcaram a vida de Francisco de ASSIS, cujas mãos e pés pareciam feridos por meio de pregos, levando-o à debilitação e à morte prematura, devido à constante perda de sangue e sofrimento.

Na época contemporânea, entre os vários casos catalogados (Maria-Dominique Lazzari, Marie de Moerl, Victorie Courtier, Louise Lateau, Marie-Julie Jahenny, Benedito de Reggio, Filipe D’Acqueria e outros), muito conhecidos são os fenômenos ocorridos com Theresa Neumann, de Konnersreuth, que começaram a surgir em 1926. De seus estigmas, sem que houvesse nenhuma inflamação, o sangue fluía livremente a cada sexta-feira, e lágrimas de sangue corriam, às vezes, de seus olhos.

Interessante observar que boa parte das pessoas que passaram pelo fenômeno da estigmatização, atraiu tal respeito que chegaram a ser canonizadas pela Igreja, nelas reconhecendo virtudes excepcionais, como, de fato, às vezes acontecia.

De qualquer forma, trata-se de uma ocorrência singular, a demonstrar os extraordinários potenciais da mente humana.

XXVI- TRANSFIGURAÇÃO

Fenômeno caracterizado pela modificação da aparência do médium, durante o transe.

A transfiguração pode ser pardal ou total.

No primeiro caso, o rosto e, às vezes, as mãos e braços do médium são as partes mais sujeitas a alterações. Já na transfiguração total, todo o corpo do médium apresenta-se com outro aspecto.

Se a transfiguração parcial já é rara, a total é ainda mais, havendo na verdade, alguns poucos casos registrados até aqui.

KARDEC relata um episódio singular - em que, inclusive, é verificado o peso da médium antes e durante o transe - selecionado entre outros ocorridos nos arredores de Saint-Etienne, nos anos de 1858 e 1859, e de comprovada autenticidade:

“Uma mocinha, de mais ou menos quinze anos, gozava da singular faculdade de se transfigurar, isto é, de tomar em dados momentos, todas as aparências de certas pessoas mortas. Tão completa era a ilusão, que os que assistiam ao fenômeno julgavam ter diante de si a própria pessoa, cuja aparência ela tomava, tal a semelhança dos traços fisionômicos, do olhar, do som da voz e, até, da maneira particular de falar.

Esse fenômeno se repetiu centenas de vezes sem que a vontade da mocinha ali interferisse.

Tomou, em várias ocasiões a aparência de seu irmão, que morrera alguns anos antes.

Reproduzia-lhe não somente o semblante, mas também o porte e a corpulência. Um médico do lugar, testemunha que fora, muitas vezes, desses estranhos efeitos, querendo certificar-se de que não havia naquilo ilusionismo, fez a experiência que vamos relatar. Conhecemos os fatos, pelo que nos referiram ele próprio, o pai da moça e diversas outras testemunhas oculares, muito honradas e dignas de crédito. Veio a esse médico a ideia de pesar a moça no seu estado normal e de fazer-lhe o mesmo no de transfiguração, quando apresentava a aparência do irmão, que contava, ao morrer, vinte e tantos anos, e era mais alto do que ela e de compleição mais forte. Pois bem! Verificou que, no segundo estado, o peso da moça era quase o duplo do seu peso normal. Concludente se mostra a experiência, tornando impossível atribuir-se aquela aparência a uma simples ilusão de ótica.”⁽¹⁾

⁽¹⁾ KARDEC, Allan. O Livro dos Médiuns, p. 160, item 122, Cap. VII.

*

As transfigurações parciais têm sido mais documentadas e algumas delas, pela sua singularidade, também chamam a atenção.

É o caso, por exemplo, de uma reunião realizada com a médium Sra. BULLOCK, em 1931, relatada pelo respeitável Rev. Will J. ERWOOD (The National Spiritualist, Chicago), em que, no espaço de uma hora e meia, aconteceram nada menos de cinquenta fenômenos de transfiguração. Escreve em seu depoimento:

“Era como se a face do médium fosse de material plástico, sendo rapidamente moldado de uma forma para outra por algum mestre em plásticos. Rostos orientais, indianos, calmos, sérios, espirituais, em resumo, quase todo o tipo de rosto foi demonstrado durante esta sessão das mais incomuns. Uma das mais notáveis, foi a personificação de uma menina parálitica a quem eu tinha conhecido nos Estados Unidos. O corpo inteiro da médium, bem como seu rosto, foram torcidos para demonstrar a condição desta vítima de paralisia.”

Outra ocorrência extraordinária, narrada pelo jurista francês Joseph MAXWELL, Procurador-Geral da Corte de Bordeaux e preeminente pesquisador, foi-lhe relatada por um colega:

“Em 1º de janeiro, 1903, meu pai começou a sentir os primeiros ataques de uma dolorosa doença da qual ele morreu após seis meses de um terrível sofrimento (...) Eu o olhava quando dormia e não demorei em perceber que sua fisionomia gradualmente assumia um aspecto que não seu próprio. Finalmente, observei que seu rosto assumia uma semelhança notável com o de minha mãe. Era como se a máscara de seu rosto fosse colocada sobre o dele. Meu pai não tinha tido nenhuma sobrancelha por um longo período, e eu percebi por sobre seus olhos fechados, as sobrancelhas marcadas em preto que minha mãe tinha conservado no final. As pálpebras, o nariz, a boca, eram aquelas de minha mãe (...) Meu pai usava bigode e uma pequena barba. (...) A aparência durou dez ou doze minutos; então, ela gradualmente desapareceu, e meu pai assumiu sua fisionomia habitual. Cinco minutos mais tarde acordou, e eu imediatamente perguntei se ele não tinha sonhado, especialmente com sua esposa. Ele respondeu negativamente. O fenômeno foi testemunhado por uma criada que ficou no quarto enquanto ele durou. Foi-lhe dito: ‘Jeanne, olhe para o senhor dormindo! Ela respondeu: ‘oh! como ele se assemelha à Madame. Isto é notável, isto é muito extraordinário!’” (2)

(2) Encyclopaedia of Psychic. ..., pp. 391 e 392.

Nesse caso, como se observa, os recursos ectoplásmicos talvez tenham também sido fornecidos pelas pessoas que o acompanhavam.

*

Anote-se, finalmente, que ocorrências existem do que se pode designar como semitransfiguração, em que a transformação do aspecto do médium não chega a ser radical. Uma simples contração muscular, por exemplo, pode tornar a fisionomia do médium mais velha ou mais jovem, como, aliás, lembra KARDEC. (3)

(3) Encyclopaedia of Psychic. ..., pp. 160 item 123.

O processo de transfiguração, tão complexo quanto os demais, não se encontra, ainda, bem esclarecido.

Todavia, ao que parece - e isso, obviamente, não passa de mais uma hipótese -, ocorre, no caso, uma espécie de materialização parcial ou total do Espírito que se manifesta, sobrepondo-se ou unindo-se ao médium, de forma que este assume, temporariamente, parcial ou totalmente, a aparência daquele. (4)

(4) Relatos há, na literatura espírita, de casos em que o Espírito, em processo de zoantropia (voluntária ou não), faz com que o médium assumia a aparência de um animal. (Estaria, aí, talvez, a fonte da origem da conhecida lenda do lobisomem...)

Como o Espiritismo constituiu uma revelação contínua, no devido tempo, certamente, esses e outros processos nos serão dados a conhecer em sua inteireza. (5)

⁽⁵⁾ Alguns autores mencionam o episódio em que Jesus, num monte, ilumina-se totalmente, como exemplo histórico de transfiguração. Examinando-se os textos de Mateus, Marcos e Lucas, que se referem ao evento, verifica-se que os dois primeiros, com pequenas variações, informam que Jesus “transfigurou-se diante deles e o seu rosto resplandeceu como o sol e suas vestes tornaram-se alvas como a luz”. (Mt. 17.2; Mar. 9.3 - Bíblia Sagrada, Sociedade Bíblica Brasileira, ed. 1993; A Bíblia de Jerusalém, Paulus, ed. 2000). Já Lucas noticia que “o aspecto do rosto” de Jesus “alterou-se” e que “suas vestes tornaram-se de fulgurante brancura”. (Lc. 9.29, Id. Ibid.). Ora, esses textos, em seu conjunto, em que pese o título (A Transfiguração), não se referem a um fenômeno de transfiguração, propriamente, como se conhece em Espiritismo, mas, um desprendimento do MESTRE, deslumbrando os discípulos que o acompanhavam (Isso, se as adaptações e modificações introduzidas pelos diversos intérpretes e copistas, no tempo, não afetaram muito os textos originais...).

XXVII- TERAPIA ECTOPLÁSMICA

Tratamento de doenças e de distúrbios psíquicos com o emprego de recursos ectoplásmicos. Alinham-se entre os processos de tratamento, a Psicocirurgia, a Cirurgia Espiritual Direta, o Passe, a Fluidificação de Água e Objetos, o Auxílio Vibratório em Grupo.

TERAPIA ECTOPLÁSMICA

- PSICOCIRURGIA
- CIRURGIA ESPIRITUAL DIRETA
- PASSE
- FLUIDIFICAÇÃO DE ÁGUA E DE OBJETOS
- AUXÍLIO VIBRATÓRIO EM GRUPO

Psicocirurgia

1. PSICOCIRURGIA

Cirurgia ostensiva que o Espírito realiza por intermédio de um médium dotado das necessárias qualidades ectoplásmicas e psicomotoras.

PSICOCIRURGIA

SEMIMECÂNICA

MECÂNICA

CONSCIENTE

SEMICONSCIENTE

Nas psicocirurgias, todos os procedimentos cirúrgicos são bem visíveis, podendo ser acompanhados pelos assistentes. ⁽¹⁾

⁽¹⁾ Nas psicocirurgias, o médico desencarnado age através do médium como se estivesse encarnado, “utilizando-se de bisturis, pinças, tesouras, facas, agulheis, serras e outros objetos perfuro-corto-contundentes. Alguns promovem a abertura da pele, até com o cabo do bisturi...” (Cajazeiras, Francisco. Curso de Mediunidade. Capivari (SP): EME, 2003, p. 189).

As psicocirurgias podem se desenvolver de forma semimecânica ou mecânica. Como ocorre com a psicografia e a psicopictura, na psicocirurgia semimecânica o médium sente o Espírito comandando o movimento de suas mãos, mas tem, residualmente, a possibilidade de influir ou intervir.

Na psicocirurgia mecânica, o médium sente os braços e as mãos como que anestesiados, processando-se os movimentos sem a interferência de sua vontade, maquinalmente, sob o comando do médico espiritual responsável pela cirurgia.

Dada a complexidade e a delicadeza do processo, os Espíritos guardam preferência, obviamente, por este processo, uma vez que no procedimento semimecânico, os resultados, eventualmente, podem não ser os exatamente esperados.

No processo mecânico, o médium pode manter-se consciente (mediunização de 1º grau), permanecer semi-consciente (mediunização de 2º grau), acompanhando, em parte, o

desenvolvimento dos atos cirúrgicos, ou ficar inconsciente (mediunização de 3º grau), embora assista, em regime de desprendimento perispirítico, o que acontece, não guardando, depois, nenhuma lembrança do ocorrido.

Oportuno assinalar que na psicocirurgia, ao que tudo indica, pode, também, de acordo com as circunstâncias, ocorrer, uma peculiar intervenção no perispírito do paciente. ⁽²⁾

⁽²⁾ O conceito de psicocirurgia, em Espiritismo, obviamente, não coincide com o admitido em Medicina. De fato, psicocirurgia - termo surgido no começo do século XX - designa, em Medicina, a intervenção cirúrgica para tratar distúrbios mentais. Tal cirurgia tornou-se polêmica quando regiões do cérebro passaram a ser destruídas para aliviar os transtornos psiquiátricos severos, produzindo irreversível redução do potencial criativo do paciente e da sua capacidade de usufruir experiências emocionais.

Essa aptidão, em verdade, envolve outros efeitos físicos (ozonificação, anestesia, incisões, suturas, reposições, aporte de objetos, materialização de produtos medicamentosos), mostrando-se, ainda, comumente associada a outras faculdades, como a psicofonia (inclusive, a xenoglóssica) ⁽³⁾ e, por vezes, também, a psicografia, requisitando a participação de médicos e enfermeiros desencarnados altamente preparados, a atuarem sob a direta proteção da Espiritualidade Superior.

⁽³⁾ O médium JOSÉ ARIGÓ, por exemplo, mediunizado pelo Dr. FRITZ, expressou-se, muitas vezes, em puro alemão.

No Brasil, diversos médiuns têm atraído a atenção - até mesmo a internacional, - contribuindo, assim, significativamente, para a divulgação da Doutrina Espírita no mundo. José Pedro de FREITAS, conhecido como José ARIGÓ, (1918-1971), por exemplo, intermediando o Dr. Adolph Fritz e outros médicos desencarnados de sua equipe, foi um dos médiuns mais citados pela imprensa internacional, com as psicocirurgias que realizava em Congonhas do Campo (MG). Cientistas e estudiosos do Brasil, Estados Unidos e outros países, após acompanharem seus trabalhos, atestavam, maravilhados, sua absoluta autenticidade. ⁽⁴⁾

⁽⁴⁾ A equipe do Dr. FRITZ era constituída por diversos médicos (Pierre GILBERT, TAKAHUZI, Napoleão LAUREANO, entre outros), enfermeiros e outros auxiliares, além do grupo de segurança, comandado pelo Espírito, então, conhecido como PAPUDO. Consta que essa extraordinária equipe tinha o comando do Espírito de Antônio Francisco LISBOA, Aleijadinho, operando sob a égide espiritual de Fabiano de CRISTO.

Realizando, com extrema rapidez, inúmeras intervenções cirúrgicas por dia, contam-se aos milhares os fatos impressionantes que marcaram a passagem desse médium extraordinário, servindo ao abnegado médico alemão, desencarnado na guerra (1914-18), Dr. Adolph FRITZ.

Vale pinçar, como lição, alguns desses episódios, realmente notáveis.

O Professor Dr. Ary LEX, da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, por exemplo, em interessante depoimento citado por J. Herculano PIREZ, relatava que, na sua presença e na do Prof. Walter ACCORSI, também da USP, ARIGÓ, no período de meia-hora, realizou quatro operações, a saber:

“1 - Drenagem de quisto cinovial. Sem nenhuma preparação cirúrgica, sem anestesia e sem assepsia. Não usou nenhuma técnica hipnótica ou letárgica, toque no paciente ou qualquer outro processo de sugestão ou coisa semelhante (...) O simples fato da realização dessa intervenção colocou-me diante de um caso real de operação paranormal.

2- Operação de um lipoma do braço de uma mulher. Arigó me convidou a segurar o braço da paciente. Isso me permitiu observar a operação de bem perto, a um palmo do meu rosto, e a cronometrá-la. Nas mesmas condições da anterior, Arigó extraiu o lipoma em trinta segundos. Verifiquei um fato estranho, a que ninguém se havia referido anteriormente e nem se referiu depois. Aliás, só um médico e cirurgião poderia atentar para esse pormenor. Arigó não cortou a epiderme fazendo uma incisão comum. Friccionou a pele com as costas do bisturi, até que ela se abriu. Então ele apertou o lipoma, que saiu inteiro.

3- Operação de outro lipoma, nas mesmas condições, com a mesma rapidez e da mesma maneira estranha. Observei a ambas sem qualquer dificuldade ou impedimento.

4- Operação de pterígio. Segurei a cabeça da paciente. Arigó realizou a intervenção com uma tesoura de cortar unha. Sangrou bastante. O sensitivo comprimiu o local com algodão e mandou o sangue estancar, produzindo hemostasia imediata. De maneira que só posso classificar como espetacular. Arigó mandou a paciente embora sem maiores cuidados.”

Em outro depoimento, relata o médico José Hortêncio de MEDEIROS SOBRINHO:

“Um rapaz de cerca de vinte anos, que segundo o tio que o acompanhava era cego desde criança, apresentou-se a Arigó para ser curado. Tinha os olhos límpidos como se nada sofresse. Pude observá-lo à vontade. Encontrava-me a dois metros de distância do médium, em pé sobre um fogão, enquanto Arigó se preparava para operar, em pé sobre um lavatório. O doente se encontrava ao seu lado, de rosto virado para mim. Tudo em plena luz do dia, perante a multidão de pessoas que desejavam ser atendidas. Num relance, falando com seu sotaque alemão, Arigó introduz o bisturi entre o globo ocular e a parede da órbita. O doente não reagiu, não gemeu nem gritou, não tentou segurar a mão do médium. Não se defendeu, enfim.

Arigó, sem nenhum cuidado aparente, abaixou o globo com a alavanca do bisturi, de maneira que de onde me encontrava pude enxergar o fundo da órbita, embora nada pudesse divisar em virtude da distância. Girou o bisturi em torno do globo. Vi que o instrumento estava apenas sujo de secreções. O cego enquanto isso permanecia com o outro olho aberto e não apresentava na fisionomia qualquer sinal de dor.

Qualquer pessoa que agisse dessa maneira teria ferido o paciente. Mas Arigó nem sequer provocou sangue. E terminada a estranha operação num olho, imediatamente a repetiu no outro. Concluindo-a declarou que o cego estava curado e mandou-o embora. Conversei com o paciente e o tio. Fiquei sabendo que não se tratava de cego de nascença, mas de indivíduo que ficara cego em criança. Ignoravam-se os motivos. Mais tarde tive oportunidade de fazer experiências com o paciente, mostrando-lhe objetos a diferentes distancias. Alguns objetos comuns ele não foi capaz de dizer o que eram, embora os visse, o que demonstrava realmente o seu estado anterior de cegueira. O tio e o paciente mostravam-se radiantes com a cura obtida.”⁽⁵⁾

⁽⁵⁾ PIRES, J. Herculano. ARIGÓ — Vida, Mediunidade, Martírio. Capivari (SP): EME, 1998, pp. 143, 144, 154 e 155.

Em interessante relato, G. SERRANO detalha o encontro do Dr. Andrija PUHARICH, da Belk Foundation, organização norte-americana para estudos parapsicológicos:

“FRITZ levantou os olhos à chegada dos americanos, apresentou-se, e ante a incredulidade do Dr. Puharich, declarou:

‘— Ah, vocês vieram testar Arigó, ver o que há de verdadeiro em tudo isso.’

Sorriu levemente e continuou:

‘— Muito bem, doutor, sei que o senhor é também médico e mais ainda, que tem um lipoma entre o braço e o antebraço esquerdo, não o tendo ainda operado porque se a intervenção não correr bem, alguns dedos de sua mão podem ficar paralisados. Não é verdade? Mostre o braço. Tire o paletó e arregace a manga da camisa.’

O dentista americano olhava boquiaberto para tudo e quase como um autômato mostrou um lipoma um pouco maior que uma bola de gude das grandes. E antes que pudesse dizer qualquer coisa, Fritz perguntou:

‘— Como médico, quantos minutos o senhor acha que um operador necessitaria, dentro das técnicas mais modernas, para extrair este lipoma?’

Puharich respondeu:

‘— Cerca de 15 minutos, só a intervenção, sem contar os exames que são necessários, a preparação do campo operatório, anestesia, assepsia, etc.’

‘— E se eu quisesse demonstrar a verdade do que existe aqui em Congonhas, extraindo este lipoma em menos de um minuto, sem nenhuma preparação, o senhor permitiria?’

O médico dos Estados Unidos olhou para seu companheiro, o Sr. Belk, que olhava para tudo, achando muito divertido ou quase inacreditável. (...)

Num gesto heróico, como que se preparasse para uma das mais importantes decisões em sua vida, o cientista que olhava para a faquinha que já brilhava nas mãos do médium, jogou o braço para frente. No momento que a entidade, incorporada em Arigó, segurou no braço do paciente, um cronômetro surgiu nas mãos do Dr. Belk.

A faquinha deu um talho. As mãos de Fritz espremeram o corte e uma matéria endurecida, ou quase endurecida pulou. Um algodão foi passado em cima e ante o espanto de todos, apenas um fio, como se a pele tivesse sido arranhada por um alfinete, ficou.

A intervenção havia durado exatamente 15 segundos, fora coroada de êxito e Puharich abraçou-se a Fritz, radiante.

A matéria extraída foi guardada para uma biópsia no Rio, que realmente foi feita.”

Episódio incrível, destinado, também, a chamar a atenção do mundo científico, é assim narrado pelo referido autor:

“Dona Maria Emília chegou a Congonhas do Campo, acompanhada de seu marido, pesando 35 quilos e com um câncer uterino, conforme as radiografias apresentadas pelos médicos de Vitória da Conquista. Vestia apenas um vestido muito leve sobre o corpo, pois qualquer coisa causava-lhe dores atroztes. Levada diante de Fritz, o médico do espaço disse-lhe com tranquilidade:

‘— Não se preocupe, a senhora vai ficar boa. Sairá daqui, viva.’

O marido a tudo assistia impassível. Sua esposa foi colocada sobre uma porta velha que servia de cama àquela altura e seu vestido suspenso até a cintura. Imediatamente, Fritz fez um corte na região vaginal e ali, introduziu várias pinças e duas tesouras, passando a trabalhar com elas.

Informo que todos estes apetrechos foram entregues ao médico alemão dentro de uma lata mal lavada de marmelada e dali, diretos para a paciente.

Durante aproximadamente 20 minutos, Fritz trabalhou o local e depois, pedindo uma folha de jornal, começou a puxar uma carne esponjosa, com três raízes, um câncer daqueles que não tem mais jeito e que o paciente pode encomendar tranquilamente sua alma.

Para que dúvida não houvesse, Fritz exigiu que fosse feita a biópsia, tendo o médico assistente, que acompanhou também sua paciente, mandado posteriormente para Arigó o resultado.

Como ele havia informado ao marido, o câncer encontra-se no pior estado e a doente com pouquíssimo tempo de vida.

Ao terminar a intervenção, não satisfeito com o que havia feito, Fritz deu três violentos murros sobre a barriga de Dona Emília, que nada, absolutamente nada sentiu. E ela havia chegado sem sequer poder usar roupa, pois qualquer coisa que lhe tocasse o corpo, fazia-a sentir dores horríveis.

Depois desta intervenção, Dona Maria Emília veio até a dar a luz uma criança, estando viva e bem viva na sua Vitória da Conquista, onde até hoje, mesmo pelos médicos que não admitem a interferência do sobrenatural na vida terrena, seu caso é contado como um verdadeiro milagre.”⁽⁶⁾

⁽⁶⁾ Serrano, Geraldo. Arigó, Desafio à Ciência. Rio de Janeiro: ECO, 1967, pp. 41 a 43 e 56 e 57.

José ARIGÓ, como a maioria dos médiuns que servem à psicocirurgia, operava em estado inconsciente e, tal como acontece nesses casos, as eventuais instruções ao mediano eram transmitidas ao assistente, para posterior comunicação ao destinatário.

Outros médiuns conhecidos por operarem sob o comando do Dr. FRITZ, são o Dr. Edson Cavalcante QUEIROZ, médico em Recife (PE) e Rubens FARIA JÚNIOR, engenheiro no Rio de Janeiro.

Muitos, também, são os casos presenciados e documentados em que esses médiuns protagonizaram admiráveis intervenções psicocirúrgicas, intermediando Dr. FRITZ e sua notável equipe.

GREENFIELD coleciona, a respeito, alguns eventos memoráveis, entre eles, os que se seguem, relacionados com a mediunidade do Dr. Edson QUEIROZ:

“Quando cheguei, de manhã cedo, no edifício-sede da Federação Espírita, onde se realizavam as sessões de cura, havia longas fileiras de pessoas esperando. O primeiro paciente a ser atendido naquele dia foi um soldado com divisa de capitão. Ele se queixava de graves problemas nas costas que lhe causavam violentas e constantes dores. Sua esposa tinha trazido as chapas de raios-X pedidas por seu médico pessoal. Sem nem olhar para elas, Edson pediu à enfermeira, uma voluntária, que lhe trouxesse um bisturi e ordenou ao paciente que tirasse o casaco e pensasse em Deus.

Sem avisar, introduziu com força o bisturi através da camisa do paciente numa vértebra superior e começou a raspar vigorosamente no osso. Um fio de sangue manchou a camisa. (...)

Dois curadores auxiliares pediram agulhas e receberam um pacote fechado da enfermeira. Depois de várias raspagens com o bisturi, ele enfiou duas agulhas de aproximadamente duas polegadas, cerca de uma polegada abaixo da incisão feita pelo bisturi, que foi deixado

mis costas do paciente. Pequenas quantidades de sangue infiltraram-se através da camisa manchada do paciente. Edson golpeou vigorosamente as costas do paciente, do lado superior direito e do lado superior esquerdo. Mais duas agulheis foram espetadas na base da espinha dorsal do paciente.

No procedimento, filmado, uma linha de agulheis tinha sido inserida na parte central das costas do paciente.

O curador mostrou-as para a câmara. Perguntou ao técnico de filmagem sobre a sensibilidade do microfone e ordenou-lhe que chegasse mais perto das costas do paciente. Depois de raspar o osso fortemente com o bisturi, de modo que o som pudesse ser ouvido claramente, ele retirou as agulhas e o bisturi da espinha do paciente. Edson, então, despediu o paciente dizendo-lhe que ele iria ficar melhor.” (...)

“Uma mulher de cinquenta anos entrou carregando chapéis de raios-X. (...) Edson ordenou a paciente que descesse a parte superior de seu vestido, expondo seu seio esquerdo na frente de 18 espectadores. Os dedos do curador começaram a tatear a superfície do seio. Alguns segundos depois ele chamou seus assistentes para examinar o tumor que tinha localizado. Pediu à mulher que retornasse à sala de espera. Ele iria remover-lhe o tumor logo em seguida, disse, e ela ficaria boa.

No meio da multidão de mais de duzentas pessoas que tinham comparecido ao centro espírita no Estado de São Paulo para vê-lo, ele convidou um cirurgião e um ginecologista como assistentes. Depois de registrar seus nomes e endereços profissionais, ele pediu que examinassem a paciente e descrevessem o que tinham encontrado. Depois que eles o fizeram, confirmando o mesmo diagnóstico, ele disse à paciente que pensasse em Deus, enquanto fazia com o bisturi uma incisão de uma polegada de comprimento em seu seio. Embora ele não tivesse lavado as mãos depois da operação anterior, assim mesmo, ele introduziu seus dedos na ferida. Com movimentos rápidos sob a pele, ele foi manipulando o tumor na direção da abertura. Havia um fio de sangue. Retirou seus dedos para alargar a abertura com o bisturi. Reinserindo seus dedos ele tirou prontamente o tumor e o entregou ao cirurgião, ordenando que o levasse para um laboratório para confirmar que era benigno. O cirurgião o tomou da mão, sem luva nem assepsia, do curador com uma pinça e o colocou no que parecia um vaso esterilizado. Edson, então, ordenou ao cirurgião que chegasse mais perto da paciente, que ainda estava calmamente deitada sobre a mesa. ‘Tome as suas mãos sujas ele mandou, ‘e coloque-as dentro da ferida para que possa examiná-la. Isto é para lhe provar’, acrescentou, ‘que nada acontecerá’. O mesmo ele disse ao ginecologista, que também obedeceu. Depois que os dois médicos confirmaram que o tumor tinha sido completamente removido, o médium-curador cobriu a abertura com gaze e adesivo. Em poucos dias você não terá nem sequer uma cicatriz.”⁽⁷⁾

⁽⁷⁾ GREENFIELD, Sidney M. Cirurgias do Além. Petrópolis (RJ): VOZES, 1999, pp. 26 e 27. Trad. Wagner de Oliveira Brandão.

Na galeria dos médiuns mais conhecidos, encontra-se, também, entre tantos outros, o nome de Antônio de Oliveira Rios, da cidade de Palmelo, interior de Goiás, semianalfabeto e pedreiro de profissão.

GREENFIELD relata, com extraordinário realismo, um dos muitos episódios que presenciou:

“Numa dessas ocasiões eu vi (e gravei em videoteipe), Antônio abrir o abdômen de um sofisticado homem de negócios de São Paulo, que tinha viajado até ali de avião. O homem estava deitado numa padiola do lado de fora do centro, quando Antônio saiu do prédio, usando luvas, um jaleco branco e máscara cirúrgica. Apanhou um bisturi de um carrinho portátil onde os instrumentos tinham sido depositados e o trouxe até o homem. Antes de cortar, o homem fez-lhe uma pergunta. Antônio respondeu e logo os dois estavam em profunda conversação. Ainda conversando, Antônio introduziu o bisturi no peito do homem, logo abaixo deis costelas, e fez um corte vertical de aproximadamente seis a oito polegadas. Com uma tesoura ele alargou mais ainda a incisão. O sangue começou a jorrar e uma artéria logo pareceu uma fonte. Enquanto Antônio tentava estancar o sangue com chumaços de gazes, o paciente, totalmente alheio ao fato de estar sendo operado no meio da rua, com centenas de pessoas assistindo, continuava a conversar. Depois de cortar e conversar por um minuto ou mais, Antônio pôs o bisturi sobre o carrinho e retirou-se, deixando o paciente sozinho, com o abdômen aberto no meio da rua. Ainda tranquilo, depois de inclinar-se um pouco sobre si mesmo para ver a ferida aberta, o homem reclinou a cabeça e calmamente fechou os olhos.

Alguns minutos depois, a esposa de Antônio apareceu com agulha e linha cirúrgica. Enquanto ela suturava a ferida, que ainda sangrava um pouco, o paciente abriu os olhos e começou a conversar com ela, como tinha feito com Antônio. Quando completou a sutura e a cobriu com gaze e esparadrapo, ela ajudou o paciente, que ainda estava conversando, a se levantar. Diante da multidão estupefata, ela envolveu-lhe o peito e o estômago com uma atadura e lhe pediu para vestira camisa. Ele, então, me informou que não tinha sentido incômodo algum durante toda a cirurgia. Ofereceu-me seu cartão de visitas e me convidou para visitá-lo em São Paulo e acompanhar, se eu quisesse, sua convalescença.

O último paciente foi também colocado numa padiola fora do centro. Ele antes me havia contado que tinha sido vítima de um tiro de bala há dez anos e ainda não podia usar seus pernas.

Antônio injetou algo na parte superior deis costas do homem. Com o bisturi fez um corte de dez a doze polegadas de comprimento e cerca de uma polegada e meia de profundidade ao longo da espinha dorsal. Limpou com um pouco de gaze a pequena quantidade de sangue que jorrava, e cravou uma tesoura num ângulo da ferida aberta. Com outra tesoura, martelou a primeira mais para dentro, até que a pudessem ouvir batendo contra o osso. Depois de uma pequena pausa, repetiu o procedimento.

O curador retirou do carrinho o que pareceu ser uma serra elétrica com uma lâmina de seis polegadas. Os espectadores na rua, entrementes, chegaram mais perto para ver o que ele iria fazer, quando conectou a serra a um fio de extensão, que lhe passaram de dentro do prédio por uma janela lateral. O paciente, enquanto isso, permanecia imóvel, aparentemente sem tomar conhecimento da serra. Antônio ligou o instrumento e inseriu sua lamina rotora na ferida aberta, percorrendo verticalmente a espinha dorsal. Uma pequena quantidade de sangue brotava à medida que a ferida ia se alargando. Os espectadores prendiam a respiração. O paciente, contudo, não se movia nem reagia de nenhuma maneira.

Depois de alguns minutos movimentando a serra para baixo e para cima dentro da coluna vertebral do paciente, Antônio desligou a serra, removeu a lâmina e as depositou sobre o carrinho. Sem parar de olhar para o paciente, empurrou o carrinho apressadamente pela porta adentro, parando diante do que parecia ser seu próximo paciente. O homem cuja coluna vertebral tinha sido aberta com a serra, entretanto, permanecia sozinho e tranquilo sobre uma padiola no meio da rua.

Alguns minutos depois, a esposa de Antônio novamente apareceu com uma agulha e linha cirúrgica, para fechar as costas do paciente e cobrir a área com bandagem. Antes que eu pudesse me aproximar dele, vários espectadores já lhe haviam perguntado o que tinha sentido. Ele não tinha sentido dores, apenas um leve mal-estar quando a lâmina da serra lhe penetrara as costas. Ao se despedir com os amigos que o acompanharam na viagem, ele me deu seu endereço para que o pudesse visitar depois, quando fosse a São Paulo.” ⁽⁸⁾

⁽⁸⁾ GREENFIELD, Sidney M. Cirurgias do Além. Petrópolis (RJ): VOZES, 1999, pp. 117 a 120. Trad. Wagner de Oliveira Brandão.

*

Nas psicocirurgias, os Espíritos operam geralmente com instrumentos cirúrgicos, embora, às vezes, como visto, usem também tesoures, facas e outros objetos.

Todavia, há registro de ocorrências excepcionais, em que os médicos espirituais dispensam completamente o uso de qualquer instrumental, operando, direto e exclusivamente com as mãos do médium, abrindo a pele e penetrando com elas no interior do corpo do doente, fechando, depois, a abertura, apenas com os dedos, como ocorreu nas Filipinas, com o médium Tony AGPAOA e outros - Dominador VIOLA, G.E. TOLENTINO, Eleutério TERTE, Nellie PURGANAN - em memoráveis trabalhos que se realizavam na “União Espiritista Cristiana de Filipinas”.

Trata-se de um processo inédito e, certamente, muito complexo, em que o Espírito aplica o ectoplasma, canalizando-o, diretamente, pelas mãos e dedos do médium, que, com movimentos rigorosamente ordenados, realiza as mais difíceis e delicadas intervenções cirúrgicas. Obviamente, como ocorre com os demais tipos de psicocirurgias, esses tipos de operações demandam a participação de uma equipe de Espíritos altamente especializados. Os trabalhos de Tony AGPAOA, em Manila, foram, na época, os de maior repercussão, atraindo, também, pesquisadores de todo o mundo.

William H. BELK, fundador da Belk Psychic Research Foundation, dos Estados Unidos, foi um dos que acompanharam de perto essas cirurgias. Não escondendo sua admiração, confessava:

“... eu me sinto estarrecido, mas fatos são fatos... Aquele homem simplesmente se põe a trabalhar, abre, fecha e não deixa cicatrizes. Eu diria que ele consegue, provavelmente, realizar entre 10 e 20 operações por dia. Tony começa manejando a parte da carne com os dedos, como se fosse massa de farinha. Logo em seguida o sangue mancha a pele embora ele nada tenha que corte nas mãos. Aliás, é preciso ter bem claro na mente que é impossível a um homem, mesmo com mãos poderosas, rasgar o revestimento de estômagos, úteros e paredes intestinais.” ⁽⁹⁾

⁽⁹⁾ Anuário Espírita, 1967, Araras (SP): IDE, p. 66.

Como os demais médiuns que se dedicam à psicocirurgia, Tony operava sem nenhuma assepsia e não empregava nenhum anestésico, ocorrendo logo a cicatrização. E, ao que se sabe, nenhum insucesso foi registrado em seus trabalhos. ⁽¹⁰⁾

⁽¹⁰⁾ Ocorrências psicocirúrgicas há que podem surpreender os mais experimentados pesquisadores. MICHAELUS, por exemplo, cita o caso raríssimo de autocirurgia mediúnica referido por Aubin GAUTHIER (Histoire de Sonnambulisme, vol. II) e protagonizado pela menina Madalena Durand que

“afetada aos 7 anos, de um tumor canceroso bucal, foi abandonada pela medicina. Essa criança, em dia anteriormente aprazado e, naturalmente, mediunizada por um médico espiritual, “ fez a incisão e cortou com o bisturi o tumor cujas partes lhe saíam pela boca; depois dessa operação, realizou outras, até que a cura se verificou.” (Michaelus — Magnetismo Espiritual. 6. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1991, p. 186)

*

Ao final, complementarmente, cumpre anotar que os pesquisadores Gilda MOURA e Norman DON realizaram importantes pesquisas, a respeito do fenômeno psicocirúrgico, com resultados realmente muito significativos.

A respeito, escreve o brilhante cientista Amit GOSWAMI:

“Moura e Don realizaram um estudo que realmente exclui a fraude. Moura e Don ligaram o cérebro de um canalizador ⁽¹¹⁾ a um eletroencefalógrafo e descobriram que eis ondas de seu cérebro passavam da baixa frequência beta, que é normal (por volta de 30 Hz) para a mais alta frequência beta (acima de 40 Hz) quando realizava cirurgias. A frequência beta alta é típica de uma concentração muito grande. Cirurgias demonstram isso em seu trabalho, mas não pessoas comuns que estão fingindo que realizam uma cirurgia (Moura e Don, 1996).

⁽¹¹⁾ O termo canalizador é, normalmente, empregado pelos pesquisadores norte-americanos, como sinônimo de medianeiro.

Um estudo similar foi realizado com JZ Knight usando oito indicadores psicofisiológicos simultâneos. Todos os indicadores mostraram mudanças significativas entre o comportamento normal de JZ em relação ao demonstrado quando está canalizando. Seria impossível passar fraudulentamente por todos os oito indicadores, concluíram os cientistas (Wickramsekera et al, 1997).” ⁽¹²⁾

⁽¹²⁾ GOSWAMI, Amit. A Física da Alma. São Paulo: ALEPH, 2005, p. 109. Trad. Marcello Borges.

Indubitavelmente, à medida que se multiplicarem as pesquisas, impulsionando a evolução da Ciência, sepultar-se-ão, de vez, os fantasmas do ceticismo, que tanto têm retardado o caminhar evolutivo do ser humano.

Cirurgia Espiritual Direta

Intervenção do Espírito sem o apoio psicomotor de um médium.

Diferencia-se da psicocirurgia porque esta nunca dispensa o intermediário mediúnico, sendo a operação, geralmente, realizada à vista de todos, ostensivamente, às vezes com algum sangramento e, também, dependendo das circunstâncias, deixando marcas visíveis da intervenção.

Já na cirurgia direta, o Espírito opera sem uso de nenhum instrumento físico, embora possa usar dos recursos ectoplásmicos dos presentes, associados, às vezes, a outros elementos. ⁽¹³⁾

⁽¹³⁾ Em alguns raros casos - como ocorria em Caratinga (MG), com o Dr. Joseph KLEBER, que operava por intermédio do médium Antônio SALES —, o Espírito materializado pode usar aparelhos também materializados, ainda desconhecidos na Medicina atual, que, ao final, são desmaterializados, como o próprio Espírito.

E, ainda que o processo se mostre invisível aos olhos dos encarnados, seus resultados são plenamente constatáveis por meio dos raios X e outros recursos de diagnóstico.

Os eventos relacionados com a cirurgia direta soem ser tão ou mais surpreendentes que os que dizem com a psicocirurgia.

RANIERI, por exemplo, descreve um episódio ocorrido com o médium Francisco Lins PEIXOTO (PEIXOTINHO), que atuava no Grupo Espírita André Luiz, no Rio de Janeiro:

“Nessa reunião seria realizada operação de apêndice da Srta. Laís Teixeira Dias. Iniciados os trabalhos, manifestaram-se numerosas entidades, que se revezaram no auxílio aos doentes que se dispunham em camas pelo recinto. Junto à cabina, deitada, estava Laís que viera com infinita dificuldade para se submeter a operação. Arrastando-se, esse é o termo, deitara-se no leito.

(...) Entidade materializada de darão tão forte, que atingia os pontos mais distantes da sala aproximou-se de Laís e depois de certo tempo voltou-se para nós, trazendo nas mãos uma faixa luminosa, de cor verde-clara. Chegando-se a Lenice, irmão de Laís, e quartanista de medicina, abriu a faixa e mostrou-lhe um ponto de luz vermelha no meio da faixa, explicando:

‘— Este é o apêndice dela. Fluidificamo-lo e o retiramos.’ Lenice então pediu-lhe:

‘— Não poderia o irmão materializar esse apêndice para que nós o vissemos como ele é?’ O espírito afirmou que sim.

Com gesto rápido, fechou a faixa sobre o ponto luminoso e abriu-a instantaneamente, apresentando no lugar do ponto luminoso vermelho um apêndice de carne em péssimo estado. Afastou-se com ele.

Depois voltou ao recinto travando uma palestra técnica sobre assunto de medicina, ministrando a Lenice uma verdadeira aula, mostrando as diferenças entre a Alopátia e a Homeopatia.” ⁽¹⁴⁾

⁽¹⁴⁾ RANIERI, R. A. Materializações Luminosas, pp. 29 e 30.

Caso peculiarmente interessante, envolvendo, desta vez, a médium Bernarda Torrúbio, “mulher do campo, esposa de José Torrúbio, sitiante de Garça, Alta Paulista”, e associando a cirurgia direta a outro fenômeno, não menos intrigante, o Endoporte ⁽¹⁵⁾ é assim referido por Herculano PIRES:

⁽¹⁵⁾ V. adiante, **Transporte** – Endoporte.

"Fazia uma prece pedindo assistência aos espíritos. Estendia as mãos sobre o doente, sem tocá-lo. Este sentia que mexiam por dentro em seus órgãos doentes. Ocorriam-lhe ânsias de vômito, mas quem vomitava era a médium. Vômito geralmente espesso, com grande quantidade de pus, sangue e pedaços de matérias orgânicas. O doente se sentia fraco, abatido como se tivesse passado por uma intervenção cirúrgica. As dores internas confirmavam essa impressão. Durante uns poucos dias as dores continuavam, mas logo começavam a diminuir e desapareciam. A recuperação era rápida e total. ⁽¹⁶⁾

⁽¹⁶⁾ PIRES, Herculano J. Mediunidade. 2. ed. São Paulo: PAIDEIA, 1992, p. 109.

Nota diferencial importante entre a psicocirurgia e a cirurgia espiritual direta é que esta pode acontecer em qualquer lugar e hora, independentemente da presença de um médium de

efeitos físicos no local da cirurgia, se assim for determinado pela Espiritualidade Superior. Nesse caso, naturalmente, os recursos ectoplásmicos são recolhidos alhures, se preciso for. Ressalte-se, ainda, que este tipo de intervenção pode realizar-se durante o sono físico do paciente - o que, aliás, é bem comum -, com ações diretas em seu perispírito, regularizando disfunções dos centros vitais e eliminando toxinas espirituais, de modo que previna o surgimento de futuras doenças, ou, se for o caso, facilite a recuperação e cura. ⁽¹⁷⁾

⁽¹⁷⁾ Na kirliangrafia, como se sabe, o registro dos sinais de desequilíbrio perispírico, antecipadores de eclosão patológica, aparece, às vezes, bem visível na projeção da aura. Bem possível, pois, que, após a intervenção espiritual, mostre-se diferente a aura, sem sinais de perturbação.

Muito ilustrativa a lição de ANDRÉ LUIZ a respeito:

“— Realmente, na obra assistencial dos espíritos amigos, que interferem nos tecidos sutis da alma, é possível, quando a criatura se desprende parcialmente da carne, a realização de maravilhas. Atuando nos centros do perispírito, por vezes efetuamos alterações profundas na saúde dos pacientes, alterações essas que se fixam no corpo somático, de maneira gradativa. Grandes males são assim corrigidos, enormes renovações são assim realizadas. Mormente quando encontramos o serviço da prece na mente enriquecida pela fé transformadora, facilitando-nos a intervenção pela passividade construtiva do campo em que devemos operar, a tarefa de socorro concretiza verdadeiros milagres. O corpo físico é mantido pelo corpo espiritual a cujos moldes se ajusta e, desse modo, a influência sobre o organismo sutil é decisiva para o envoltório de carne, em que a mente se manifesta.” ⁽¹⁸⁾

⁽¹⁸⁾ Xavier, F. Cândido. Espírito ANDRÉ LUIZ. Entre a Terra e o Céu. 15. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1993, pp. 30 e 31.

As cirurgias espirituais diretas passam, muitas vezes, despercebidas. Seus efeitos, porém, mostram-se, depois, visíveis e plenamente confirmados por meio dos recursos tecnológicos conhecidos em Medicina.

Passe

3. PASSE

Processo de administração de recursos vitais.

Na dimensão física, esses recursos - magnetismo físico, magnetismo espiritual, ectoplasma e outros elementos da natureza - são dirigidos à recuperação do vigor psicofísico da pessoa encarnada.

Já no mundo espiritual, para o equilíbrio psíquico do necessitado, o Espírito opera com o magnetismo espiritual, eventualmente combinado com outros elementos.

*

A história do passe confunde-se com a história do magnetismo, empregado desde tempos imemoriais como recurso de cura.

De fato, a cura pela imposição das mãos já se encontra mencionada no Papiro de Ebers, escrito entre 1553 e 1550 A.C.

Referências ao uso da imposição das mãos encontram-se na antiga civilização egípcia, na Caldeia, na Índia, entre os hebreus, chineses e outros povos da Antiguidade.

Quatro séculos antes de Cristo, os gregos, segundo os escritos de ARISTÓFANES, usavam, em Atenas, a imposição das mãos para o tratamento de diversas enfermidades.

JESUS, como se sabe, curava impondo as mãos, processo depois seguido pelos apóstolos e discípulos.

GALENO utilizava o passe em suas curas (o que o obrigou a deixar Roma, acusado de feiticeiro).

Entre os povos primitivos, sacerdotes, magos e feiticeiros curavam movendo as mãos sobre os enfermos e, durante muito tempo, a tarefa de curar coube aos chefes religiosos. A própria Igreja deteve, durante séculos, o monopólio de curar, empregando, também, o processo de imposição de mãos. Mais tarde, na Europa, a tarefa de cura passou à competência real. Reis de alguns países (Inglaterra, com Eduardo, o Confessor, etc.), passaram a curar por meio da imposição de mãos.

No século XVI, Félix Aurélio Theophrastus Bombastus von HOHENHEIM, conhecido como PARACELSO (1490- 1541), criou o chamado sistema simpático de medicina, segundo o qual, estrelas e planetas influenciavam os seres humanos por meio de um fluido sutil difuso (uma espécie de “éter”) presente em todo o universo. Acreditava, também, que além dos corpos celestes, outros corpos e objetos (especialmente os ímãs), detinham propriedades magnéticas de extraordinárias qualidades curativas, concluindo que uma pessoa, com seu magnetismo, poderia curar ou interromper as enfermidades de outras pessoas.

No século XVII, o belga Juan Baptiste Van HELMONT (1577-1644), discípulo de Paracelso, estabelecia a distinção entre o que chamou de o magnetismo animal, que emana do corpo físico, e as vibrações que emanam do “homem interior” (espirituais).⁽¹⁹⁾

⁽¹⁹⁾ Paracelso, segundo consta, foi quem criou a palavra magnetismo, comparando-a com as propriedades energéticas do ímã (magneto). Van Helmont foi, de sua vez, quem primeiro teria utilizado a expressão magnetismo animal.

Nesse mesmo século, o pesquisador alemão Robert FLUDD defendia, não só a existência do magnetismo animal, como também, do magnetismo vegetal e mineral, sustentando que realizava diversas curas com água magnetizada (1629).

Alguns anos depois, o escocês William MAXWELL, partidário de FLUDD, sustentava que toda enfermidade provinha do esgotamento do princípio vital e que é possível atuar no sentido de sua reposição. Em sua obra, Medicina Magnética (1676), afirma que a alma humana pode atuar fora dos limites do corpo e que este, expressando a ação da alma, emite radiações portadoras de forças vitais!

No século seguinte, o médico alemão, diplomado em Viena, Franz Anton MESMER (1734-1815), tornava-se famoso por suas experiências com o magnetismo animal. Em sua tese inaugural, De Planetarum Influxu (Da Influência dos Planetas), MESMER já expunha os princípios que considerava essenciais em seus estudos sobre o magnetismo animal.

Os dois primeiros enunciados são particularmente significativos:

- “1. Há uma influência mútua entre os corpos celestiais e os corpos animados.
2. Essa influência se exerce por meio de um fluido (fluidum) que é universal e tão contínuo que não pode sofrer suspensão, sutil além de qualquer comparação e suscetível de receber, propagar e comunicar cada impressão do movimento.”⁽²⁰⁾

⁽²⁰⁾ A teoria do fluido universal seria, mais tarde, adotada por Kardec, conhecedor do magnetismo.

Tendo realizado algumas curas, no início de suas pesquisas, com a colocação de ímãs sobre áreas afetadas por doença, acreditou MESMER que os ímãs usados serviam essencialmente para conduzir um “fluido etérico”, de natureza magnética, de seu próprio corpo. ⁽²¹⁾

⁽²¹⁾ Cf. GERBER, Richard. Medicina Vibracional. (Orig. Vibrational Medicine - New Choices for Healing Ourselves), 12. ed. São Paulo: CULTRIX, 1997, pp. 235 e segs. Trad. Paulo César de Oliveira.

Com base então, em sua teoria, passou a transmitir o “fluido magnético” por meio da imposição das mãos (passe magnético), respeitando a ‘polaridade’ do corpo humano. ⁽²²⁾

⁽²²⁾ Acreditava MESMER que, semelhantemente ao que ocorria com o ímã, o corpo humano era bipolar e que o magnetismo animal percorria os lados direito e esquerdo de forma diferente.

Sabendo que a água poderia ser carregada com essa força magnética, e, também, produzir cura, imaginou magnetizar água armazenada em garrafas, cuja energia seria transmitida através de hastes metálicas que, saindo das garrafas, eram seguradas pelos doentes. Esse dispositivo de armazenamento e transferência de energia curativa foi chamado de bacquet, não sendo poucas as críticas que, então, despertou no meio médico francês. De qualquer forma, o magnetismo e, particularmente, as práticas mesméricas, alcançaram repercussão inédita na França e em outros países.

“As pessoas só se ocupam do magnetismo animal”, ⁽²³⁾ estampava em manchete o Journal de Bruxelles. Discutido nas academias, nos salões e cafés, investigado pela polícia, protegido por autoridades e elogiado por pesquisadores, ridicularizado e satirizado em sociedades secretas, divulgado pelas editoras, o magnetismo predominava “como verdadeira epidemia”. ⁽²⁴⁾

⁽²³⁾ Não há que confundir magnetismo animal com mesmerismo, que traduz as concepções pessoais de Mesmer, relacionadas com o magnetismo.

⁽²⁴⁾ V. LOUREIRO, Carlos Bernardo. Espiritismo e Magnetismo. De Paracelso a Psicotrônica. São Paulo: MNÊMIO TÚLIO, 1997, p. 19; FODOR, N. Encyclopaedia..., pp. 239 e segs.

Outro nome a destacar, nessa época, foi o de A.M. J. Castenet, Marquês de PUYSEGUR (1751 - 1825), ardoroso seguidor de MESMER e que, também, realizava curas como este. Tendo chegado ao sono induzido, durante o qual o paciente recebia sugestões de cura, credencia-se como um dos pioneiros do hipnotismo.

O Barão Karl Von REICHENBACH (1788-1869), naturalista alemão, foi outro pesquisador que endossou a teoria de MESMER, verificando que seus pacientes eram particularmente sensíveis à ação do que denominou força ódica. ⁽²⁵⁾

⁽²⁵⁾ Sustentava Reichenbach, com sua teoria da força ódica, que tanto o corpo humano, como os cristais, emitem um tipo de força (raios od) que tudo penetra, sendo também visível para certas pessoas.

Em 1785, Joseph Philippe François DELEUZE inicia suas pesquisas sobre o magnetismo e, após numerosas experiências, publica, em 1813, a sua História sobre o Magnetismo, buscando persuadir o mundo científico. Além de outras obras, DELEUZE escreveu grande

número de artigos, contribuindo significativamente para a divulgação do magnetismo curador.

Nesse tempo, vários outros pesquisadores surgiram, endossando ou refutando a teoria do magnetismo animal, entre eles, PÉTETIN e o Barão de POTET.

Désire PÉTETIN (1744 - 1808), depois de muitas experiências provando que os fenômenos eram de “natureza elétrica”, modificou a teoria do magnetismo de MESMER, para teoria da “eletricidade animal”.

O Barão de POTET (Dr. Jules), em 1821, publicava o resultado de suas primeiras experiências e em 1834 editava o seu famoso Curso de Magnetismo Animal, fazendo experiências públicas em vários países e fundando dois jornais para a divulgação do magnetismo.

Nota a destacar é que, nessa época, a Faculdade de Medicina de Paris manifestava-se hostilmente contra a prática do magnetismo e alguns magnetizadores eram vaiados em plena rua. De POTET, sem desanimar, desdobrou-se em novos esforços e atuando no famoso hospital psiquiátrico de Salpêtrière realizou curas notáveis, chamando a atenção de vários médicos famosos e levando a Faculdade de Medicina a instituir uma comissão para o exame detido dos fenômenos. Após seis anos de observações minuciosas, a comissão, presidida pelo Dr. Bourdois de la Motte, apresentou um brilhante relatório, reconhecendo a realidade dos fatos investigados. ⁽²⁶⁾

⁽²⁶⁾ Christian Friederich Samuel HAHNEMANN (1755 - 1843), fundador da Homeopatia, em sua obra básica, dedicou várias páginas ao magnetismo animal e ao passe, enfatizando a importância de seus efeitos, no tratamento dos desequilíbrios orgânicos. (Cf. HAHNEMANN, Samuel. Organon de la Medicina. Buenos Aires: Editorial ALBATROS, 1978, pp. 304 a 307, parágrafos 288 e 289).

Embora a Direção da Faculdade tenha rejeitado o relatório, sob a alegação de que os investigadores nomeados, operando com boa-fé, “foram vítimas de várias habilidades”, incontestável é o valor histórico desse importante documento, merecendo transcrição alguns de seus itens:

“1. O contato dos polegares ou das mãos e as fricções ou certos gestos que se fazem a pouca distância do corpo, e a que os magnetizadores chamam passes, são os mais empregados para transmitir a ação do magnetizador ao magnetizado.

2. Os meios, que são externos e visíveis, nem sempre são necessários, visto que, em muitas ocasiões a vontade ou o olhar fixo bastaram para produzir os fenômenos, mesmo que os magnetizados ignorassem o que se esperava dele.

3. O magnetismo influenciou nitidamente pessoas de sexos e idades diferentes.

4. O tempo gasto em transmitir a influência magnética e em fazer sentir os seus efeitos variou, segundo os casos e os sujetos, entre um minuto e uma hora.

5. O magnetismo, em regra, exerce pouca influência ou nenhuma sobre pessoas sadias.

6. Também não exerce influência igual sobre todos os enfermos.

7. Os efeitos reais, produzidos pelo magnetismo, são muito variados: a uns agita-os, a outros acalma-os; ordinariamente, causa aceleração temporária da respiração e da circulação, momentos convulsivos passageiros, estados febriformes que não se mantêm, e algumas sensações esquisitas, semelhantes a descargas elétricas, entorpecimento geral dos músculos, sonolência e, em contados casos, o que os magnetizadores classificam de Sonambulismo.

Considerando o magnetismo como agente de fenômenos fisiológicos ou como elemento terapêutico, é nossa opinião que deveria entrar no quadro do ensino da Medicina e ser

empregado, exclusivamente, por médicos ou, sob sua orientação, por especialistas comprovados.”⁽²⁷⁾

⁽²⁷⁾ LOUREIRO, Carlos Bernardo. *Espiritismo e Magnetismo*, pp. 25, 26 e 28, citando artigo do Dr. Martins Oliveira, in *Revista de Metapsicologia*, Lisboa, Portugal, 1955, nº 3.

*

A propósito do chamado sonambulismo (citado no relatório), importa lembrar que, em suas práticas, diversos magnetizadores depararam-se com fenômenos alheios à pretendida cura, propriamente, a começar pelo sono que ocorria durante o processo de magnetização que chegava a durar uma hora, como visto. Tratava-se, evidentemente, de um sono induzido pela monotonia dos gestos, pelo silêncio e pelo relaxamento e, até, pela autossugestão, que levava a um estado, mais tarde, conhecido como transe hipnótico.⁽²⁸⁾

⁽²⁸⁾ Em 1813, o Padre José Custódio Faria (citado pelos franceses como abbé Faria- abade Faria), iniciado nas práticas do magnetismo pelo Marquês de Puységur, afastando a ideia do sobrenatural, concluiu que esse estado de “sono lúcido” acontecia graças à suscetibilidade das pessoas, sendo produto de mera sugestão.

Outras vezes, durante a magnetização, o paciente, porque tinha as necessárias condições, se desprendia e, em processo de transposição de sentidos, de olhos fechados, via por meio de outras partes do corpo. Tardy de MONTRAVEL (*Essai sur la Theorie du Somnanbulisme Magnetique*, 1785), que teria descoberto a transposição dos sentidos, constatou que um paciente, de olhos cerrados, via com a boca do estômago. PÉTETIN (*Electricité Animale*, 1808), operou com mulheres que viam com a região epigástrica e com os dedos dos pés e das mãos. LOMBROSO, em experiência pessoal, com uma jovem de 14 anos que, tendo perdido a visão, via pela ponta do nariz e pelo lóbulo da orelha esquerda. Casos outros encontram-se relatados, surpreendendo os próprios pesquisadores.⁽²⁹⁾

⁽²⁹⁾ Tais fenômenos ocorrem graças a uma das mais importantes propriedades do perispírito, a sensibilidade global.

Em outras oportunidades, em transe mediúnicos, o paciente narrava vidências várias, até mesmo a autoscópica (visão das próprias entranhas), como aconteceu com o Marquês de PUYSEGUR.

Outros fenômenos mediúnicos encontram-se relatados na literatura especializada, sob a denominação de “sonambulismo” (ou “fenômenos sonambúlicos”), designação que teria sido dada por MESMER a uma série de ocorrências inéditas, atribuídas à magnetização. Esses fenômenos, aliás, tornaram-se tão comuns que na Alemanha, por exemplo, embora alguns pesquisadores insistissem na importância do magnetismo como meio de cura (FISHER, KLUGE, WESERMANN, etc.), as práticas magnéticas, sob a influência de JUNG-STILLING deixavam de ser um processo curativo, para se transformarem em recurso a ser usado para a comunicação com os Espíritos, através dos “sonâmbulos” em transe. Hoje se sabe que o sonambulismo não se confunde, nem com o hipnotismo, nem com a mediunidade, que, de fato, o transe sonambúlico é diferente do transe mediúnico e do transe hipnótico.⁽³⁰⁾

⁽³⁰⁾ V. Cap. IV, Transe — Transe Sonambúlico.

*

Fato importante a considerar é que os magnetizados - tanto os seguidores de MESMER, como os que não se alinhavam, exatamente, com alguns de seus conceitos - compreendiam que os resultados terapêuticos tinham como fonte o magnetismo animal (ou a eletricidade animal), conceito que, como se sabe, foi recepcionado, em parte, pelo Espiritismo.

Realmente, sendo o corpo nada mais que “um turbilhão eletrônico, regido pela consciência”, como leciona EMMANUEL,⁽³¹⁾ é natural que emita radiações elétricas e magnéticas, de luminosidade variável, perceptíveis pelos videntes e por meio de certos dispositivos eletrônicos.

⁽³¹⁾ Xavier, Francisco Cândido. Espírito ANDRÉ LUIZ. Nos Domínios da Mediunidade, p. 10. Prefácio: “Raios, Ondas, Médiuns, Alentes ...”.

Já o Barão de REICHENBACH, sustentava que existe uma aura envolvendo o corpo humano e que, como acontecia com os polos dos magnetos, poderia ser constatada pelas emissões que saíam da ponta dos dedos!

No começo do século passado, o Professor FARNY, da Politécnica de Zurich, provou, por testes elétricos, a existência de uma emissão produzida pelos dedos, designando-a como antropolux. Comprovou, assim, resultados de investigações anteriores procedidas por K. MULLER, engenheiro em Zurich e diretor do Instituto Salus, que já havia registrado esse fato.

Modernamente, o cientista norte-americano, Harold Saxton BURR, com sua equipe, investigando durante mais de 30 anos, verificou, através de minuciosas e delicadas medições, a existência de campos elétricos que pareciam presidir às diferentes funções biológicas de todos os seres vivos, desde os seus componentes biomoleculares, celulares, citológicos e glandulares. Segundo sua conclusão, esses campos se estruturam no estilo de uma organização hierárquica, evidenciando que “não são resultantes funcionais, mas sim, determinantes das funções peculiares aos organismos, isto é, formam uma estrutura que governa e mantém a organicidade do ser vivo.”⁽³²⁾

⁽³²⁾ ANDRÉA, Jorge. Psicologia Espírita. Rio de Janeiro: LORENZ, 1994, p. 3.

Tais campos eletrodinâmicos foram denominados “campos de vida” (fields of life) e, segundo BURR - professor emérito de Anatomia, da Escola de Medicina da Universidade de Yale -, todos os seres, “do homem ao rato, das árvores às sementes”, são por eles “moldados e controlados”, podendo, ainda, “ser medidos e localizados por meio de modernos voltímetros”. Como os campos da Física, afirma o cientista, “possuem qualidades organizadoras e diretoras que foram reveladas por muitos milhares de experimentos.”⁽³³⁾

⁽³³⁾ BURR, H. S. Blueprint of Immortality. Londres: SPEARMAN, 1971, pp. 11 e 12 - Apud Andrade, Hernani Guimarães. Espírito, Perispírito, Alma. São Paulo: PENSAMENTO, 1984, p. 7.

O corpo humano, a refletir o perispírito, mostra-se, assim, como uma potência a irradiar magnetismo.

Esse magnetismo que dele emana naturalmente, formando um campo propício à reflexão do estado psicofísico, é o que se conhece como aura, ou psicofera, ou fotosfera, cuja existência também já se encontra comprovada eletronicamente.

Com efeito, na mesma época em que BURR media os campos eletromagnéticos presentes nos seres vivos (década de 1940), em Crasnodar, no sul da Rússia, Semyon D. KIRLIAN aplicava seus conhecimentos de eletrônica, pesquisando as possibilidades de fotografar a aura humana com o uso de correntes de alta frequência. Acompanhado de sua mulher, Valentina K. KIRLIAN, ao fim de dez anos de experimentações, conseguiu registrar as fantásticas nuances das emanções que compõem a aura (“notável fenômeno de luminescência”, nas palavras de OSTRANDER e SCHROEDER),⁽³⁴⁾ aperfeiçoando depois, equipamentos conhecidos em todo o mundo.

⁽³⁴⁾ OSTRANDER, Sheila; SCHROEDER, Lynn. Experiências Psíquicas Além da Cortina de Ferro. São Paulo: CULTRIX, 1974, p. 223. Trad. Octávio Mendes Cajado.

Sabendo-se, assim, do eletrodinamismo que sustenta o corpo, que, aliás, já vem sendo constatado e medido de há muito,⁽³⁵⁾ e que as correntes elétricas produzem campos magnéticos - hoje, não só medidos, como vistos - fácil é admitir a existência de uma energia, de caráter eletromagnético e própria do corpo humano, a qual, sob a ação da vontade, pode ser transmitida a outros seres, produzindo efeitos diversos, como foi demonstrado pelos chamados magnetistas ou magnetizadores, principalmente a partir de MESMER.

⁽³⁵⁾ A primeira teoria sobre a eletricidade animal surgiu quando o pesquisador inglês, R. CATON, fazia os primeiros registros da atividade elétrica do cérebro, e o psiquiatra alemão, Hans BERGER, colhia o primeiro eletroencefalograma (EEG), publicando, em 1929 a descoberta de dois tipos de atividade elétrica cerebral, que qualificou como “ritmo alfa” e “ritmo beta”. Nessa linha, surgiu também o eletrocardiograma, que registra as oscilações da corrente elétrica gerada no músculo cardíaco a cada contração, e o eletromiograma, que mede a atividade elétrica muscular.

Em se tratando de efeitos de caráter terapêutico, as emissões magnéticas, ao que parece, servem como canalizadores da energia vital.

Possível, assim, concluir, pelo que se sabe da energia vital (o chamado princípio ou elemento vital), que os efeitos atribuídos ao chamado magnetismo animai devem-se mais à energia vital canalizada pelas emanções ou projeções ditas magnéticas.

A energia vital, como sabido, tem no duplo-etérico - constituído ao impulso do perispírito, desde o início do processo reencarnatório, - a sua principal fonte, surgindo cada vez mais evidente que essa energia, distribuída pela ação dos centros vitais a todas as células, guarda relação com o ectoplasma, elemento que os Espíritos utilizam em seus processos de cura, associado, quando necessário, a outros recursos dos reinos animal, vegetal e mineral.⁽³⁶⁾

⁽³⁶⁾ V. ANDRÉA dos Santos, Jorge. Correlações Espírito Matéria. Rio de Janeiro: Lorenz, 1992, p. 24.

Qualifica-se, assim, o passe como um verdadeiro processo de transferência de força magnética e de recursos vitais (ectoplásmicos),⁽³⁷⁾ requisitando, obviamente, o auxílio dos Espíritos, sempre presentes onde o objetivo é a prestação de auxílio, não importando se o agente (“magnetizador” ou passista) tenha, ou não, consciência do fato, ou se é religioso ou ateu. O importante é que a operação vise beneficiar o necessitado.⁽³⁸⁾

⁽³⁷⁾ Naturalmente, tal fato não significa que toda operação que envolva a utilização do ectoplasma importe, também, no emprego de recursos magnéticos como ocorre no passe.

⁽³⁸⁾ Na década de 1970, a enfermeira Dolores Krieger, professora na Escola de Enfermagem de Nova York, e a terapeuta Dora Kunz, introduziram a prática de que denominaram “toque terapêutico” (imposição das

mãos), com a finalidade de promover a melhora da saúde física e emocional. Tal terapia baseia-se na concepção de que “o ser humano possui um campo de energia abundante que pode estender-se além da pele”. Segundo Giovana CAMPOS, “em 1975, KRIEGER comprovou que, após a imposição de mãos, ocorreram significativas alterações fisiológicas nos doentes hospitalizados, em diversos casos clínicos.” O estudo foi publicado na Revista Americana de Enfermagem, em 1979, sob o título de “Therapeutic Touch: Searching for Evidence of Physiological Change” (Toque Terapêutico: Busca por Evidências de Mudanças Fisiológicas).

“A pesquisa constatou que, nos pacientes oncológicos submetidos à quimioterapia, que haviam recebido toque terapêutico, os níveis de hemoglobina aumentaram significativamente, além de benefícios em outros pacientes. Com base em cerca de 30 teses de doutoramento, o Instituto Nacional de Saúde de Washington (EUA), em 1994, reconheceu o toque terapêutico como terapia alternativa eficaz. Desde então, passou a ser ministrado em curso para os alunos de Mestrado e Doutorado em Enfermagem, na Universidade de Nova York, e também pela Ordem dos Enfermeiros da província de Quebec no Canadá, e por muitos hospitais americanos (CAMPOS, Giovana. “Espiritualidade na Medicina promove a Saúde”. Folha Espírita. São Paulo, ano XXXIII, nº 409, set., 2008).

Naturalmente, num trabalho espírita, em que maior é a conscientização a respeito, a ação dos Espíritos torna-se mais potente, não só ampliando o potencial magnético do passista, como dinamizando os recursos ectoplásmicos disponíveis para ampliação dos efeitos do passe, tanto físicos como psíquicos.

Fator especialmente importante é que, num Centre Espírita, o passista cômico da sua responsabilidade e da necessidade de sintonizar-se com a Espiritualidade, coloque-se em condições de ser assistido em sua delicada tarefa.

No Plano Espiritual, a operação do passe entre os desencarnados, ao que se sabe, guarda certa semelhança com o que ocorre na dimensão física.

Os Espíritos mais preparados podem aliviar a perturbação e a dor de outros, aplicando suas energias magnéticas - magnetismo espiritual.

Compreende-se que na dimensão espiritual, em determinados processos, os Espíritos também utilizam além da energia magnética, um tipo de energia ou substância cujos efeitos se assemelhariam aos que se obter com o ectoplasma, quando não, em determinadas circunstâncias, o próprio ectoplasma. ⁽³⁹⁾

⁽³⁹⁾ V. XAVIER, Francisco C. Espírito IRMÃO JACOB. Voltei. Rio de Janeiro: FEB, 1994. Cap. I, p. 21.

Tipos de Passe

Todos os passes são magnéticos. O passe, seja qual for, é ato de transmissão de recursos magnéticos, associados a outros.

Também, em princípio, todo passe terapêutico administrado por agente encarnado é mediúnico, uma vez que, como ato de auxílio a necessitado, conta com a assistência espiritual, independentemente da crença ou descrença do agente.

Todavia, já pela popularização da expressão, pode-se admitir o passe mediúnico como um dos tipos de passe, ao critério de que, nessa modalidade, propriamente, o agente tem consciência de que opera como médium e que ocorre a ostensiva intervenção do Espírito em sua administração. ⁽⁴⁰⁾

⁽⁴⁰⁾ No passe mediúnico, o médium, normalmente, permanece totalmente consciente e ativo no comando da operação, assistido por seu parceiro espiritual, que o auxilia magneticamente, intuindo-o como necessário. Em certos casos, porém, em que a mediunização é também psicomotora, pode o médium servir à

administração do passe em regime de subconsciência ou até, inconsciência, se o transe for mais profundo, o que, aliás, raramente acontece.

Diferente do passe mediúnico é o passe espiritual, caracterizado pela ação benfeitora direta do Espírito (sem a intervenção de nenhum médium encarnado), dirigida tanto a paciente encarnado, como desencarnado.

Nesse tipo de operação, o Espírito aplica suas forças magnéticas (magnetismo espiritual) associadas, ou não, a outros recursos, que, aliás, nem sempre coincidem com os empregados no passe mediúnico, mormente em se tratando de paciente desencarnado.

TIPOS DE PASSE MEDIÚNICO ESPIRITUAL

Importante ainda destacar que, de acordo com as necessidades, podem os passes ser dirigidos à produção de vários efeitos: dispersivos, balsamizantes, revitalizantes, concentradores, sedativos, anestésiantes, desintegradores, soníferos ou estimulantes.

No paciente encarnado, os recursos transmitidos pelo passe atingem diretamente o perispírito, refletindo-se imediatamente na organização física.

Impende anotar, a propósito, que o passe, sob o comando espiritual, atuando no perispírito, também previne, como visto, a eclosão de enfermidades, cujos sinais já se apresentam visíveis aos olhos espirituais, removendo cargas energéticas mórbidas - muitas vezes, instaladas por falta de controle emocional - e fortalecendo o sistema imunológico. ⁽⁴¹⁾

⁽⁴¹⁾ “Está se tornando cada vez mais evidente que a depressão e outras perturbações emocionais podem debilitar as defesas naturais do corpo contra as doenças. Em estado de incompetência imunológica pode, posteriormente, traduzir-se em doenças físicas em virtude de uma maior suscetibilidade a agentes viróticos e bacterianos, ou por causa de doenças de origem interna.” (GERBER, Richard. Medicina Vibracional, p. 260) Ressalte-se, que, hoje, a influência da mente sobre o sistema imunológico é admitida pela psiconeuroimunologia - surgida na década de 1980, em desenvolvimento à medicina psicossomática - com o fato evidente. “Na última década” - informam T.F.H. DEITOS e F. P. GASPARY - “pesquisas interdisciplinares sofisticadas têm documentado os efeitos dos processos psicológicos e neurais sobre as atividades do sistema imune e, conversivamente, do sistema imune sobre o Sistema Nervoso Central (SHC), surgindo o conceito de Psiconeuroimunologia” (“Teorias Psiconeuroimunológicas - Implicações Clínicas”. Psiquiatria Biológica. São Paulo, 1996, ne 4, pp. 127 a 136.)

Na verdade, as manifestações patológicas podem ser percebidas pelos Espíritos Superiores com bastante antecipação, até peles próprias alterações disfuncionais dos centros vitais. Tais elementos impõem, sem dúvida, uma séria reflexão sobre a importância do passe e a responsabilidade do medianeiro na sua administração. ⁽⁴²⁾

⁽⁴²⁾ V. Segunda Parte, Cap. II - No Serviço Mediúnico. O serviço de passes.

Fluidificação de Água e de Objetos

Processo de transmissão de recursos magnéticos e outros, à água, para fins terapêuticos. Em se tratando de agente espiritual operando sem a intermediação mediúnica (fluidificação espiritual), os recursos magnéticos espirituais são ministrados em combinação, ou não, com outros elementos.

A fluidificação da água como processo de cura é conhecida desde a Antiguidade, fazendo parte da prática ou dos ritos de várias religiões.

Como se sabe, a água é um poderoso elemento de absorção e veiculação de diferentes tipos de energia, sendo, inclusive, sensível às vibrações do meio ambiente. Natural, pois, que, fluidificada, mostre-se como valioso recurso complementar em qualquer tratamento, físico ou psíquico.

“A água é dos corpos mais simples e receptivos da Terra”, leciona EMMANUEL. “É como que a base pura em que a medicação do Céu pode ser impressa através de recursos substanciais de assistência ao corpo e à alma, embora em processo invisível aos olhos mortais”.⁽⁴³⁾

⁽⁴³⁾ XAVIER, F. Cândido; Espírito EMMANUEL. Segue-me. Matão (SP): Clarim, 1994, p. 129. “A Água Fluida.”

A respeito das propriedades da água, as elucidaciones de ANDRÉ LUIZ podem até surpreender:

“Conhecendo-a mais intimamente, sabemos que a água é veículo cios mais poderosos para os fluidos de qualquer natureza... Compreenderá (o homem), então, que a água, como fluido criador, absorve, em cada lar, eis características mentais de seus moradores. A água, no mundo, (...) não somente carrega os resíduos dos corpos, mas também as expressões de nossa vida mental. Será nociva nas mãos perversas, útil nas mãos generosas e, quando em movimento, sua corrente não só espalhará bênção de vida, méis constituirá igualmente um veículo da Providência Divina, absorvendo amargureis, ódios e ansiedades dos homens, lavando-lhes a casa material e purificando-lhes a atmosfera íntima.”⁽⁴⁴⁾

⁽⁴⁴⁾ Xavier, F. Cândido; Espírito André Luiz. NOSSO Lar. 43. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995, pp. 61 a 63, Cap. X.

Como ocorreu em relação ao passe, foi MESMER quem, nos tempos modernos, introduziu como elemento de cura, a água (magnetizada). Hoje, entre os espíritos, seu emprego é muito comum e, como acontece com o passe, os resultados são muito significativos. É que também atua diretamente no perispírito, para, harmonizando os centros vitais, aliviar o sofrimento físico e psíquico.⁽⁴⁵⁾

⁽⁴⁵⁾ O perispírito é regido por sete centros de força: o centro coronário, “ponto de interação entre as forças determinantes do Espírito e as forças fisiopsicossomáticas organizadas”; o centro cerebral, contíguo ao centro coronário e que “ordena as percepções de variada espécie, percepções essas que, na vestimenta carnal constituem a visão, a audição, o tato e a vasta rede de processos da inteligência que dizem respeito à Palavra, à Cultura, à Arte, ao Saber”. Sua influência apresenta-se decisiva sobre os demais, governando o córtice encefálico na sustentação dos sentidos, marcando a atividade das glândulas endócrinas e administrando o sistema nervoso, em toda a sua organização, coordenação, atividade e no seu mecanismo, desde os

neurônios sensitivos até as células efetoras; o centro laríngeo, que preside nos fenômenos vocais, inclusive, às atividades do timo, da tireoide e das paratireoides; o centro cardíaco, que sustenta os serviços da emoção e do equilíbrio geral; o centro esplênico, sediado no baço, que regula a “distribuição e a circulação adequada dos recursos vitais em todos os escaninhos do veículo de que nos servimos”; o centro gástrico, que “se responsabiliza pela penetração de alimentos e fluidos em nossa organização, e o centro genésico, que é a sede do “santuário do sexo como modelador de formas e estímulos”. (XAVIER, F. C.; Vieira, Waldo. Espírito André LUIZ. Evolução em Dois Mundos. 13. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1993, pp. 27 e 28; Xavier, F. C. Espírito ANDRÉ LUIZ. Entre a Terra e o Céu, pp. 127 e 128).

Esclarece, ainda, ANDRÉ LUIZ:

“Por intermédio da água fluidificada (...), precioso esforço de medicação pode ser levado a efeito. Há lesões e deficiências no veículo espiritual a se estamparem no corpo físico, que somente a intervenção magnética consegue aliviar, até que os interessados se disponham à própria cura.”⁽⁴⁶⁾

⁽⁴⁶⁾ XAVIER, F. C.; Espírito André Luiz. NOS Domínios da Mediunidade, p. 108.

Obviamente, a fluidificação da água pode ocorrer tanto no Centro Espírita, como no lar, e onde necessário for, sob a luz da oração.

Nesse sentido, preleciona EMMANUEL:

“Se desejas, portanto, o concurso dos Amigos Espirituais, na solução de tuas necessidades físico-psíquicas ou nos problemas de saúde e equilíbrio dos companheiros, coloca o teu recipiente de água cristalina à frente de tuas orações, espera e confia. O orvalho do Plano Divino magnetizará o líquido com raios de amor em forma de bênçãos...”⁽⁴⁷⁾

⁽⁴⁷⁾ XAVIER, F. c.; Espírito EMMANUEL. Segue-me, p. 130.

A fluidificação da água é muito comum entre os espíritas. Todavia, não se pode ignorar que, além da água, tecidos e outros materiais são a ela suscetíveis, produzindo, também, efeitos terapêuticos.

Já escrevia o famoso pesquisador H. DURVILLE (Tratado Experimental de Magnetismo), tratando da duração dos efeitos da fluidificação da água e objetos:

“Ela diminui progressivamente para acabar por desaparecer completamente. A água e os líquidos em geral a conservam durante longo tempo, anos mesmo, sem que as propriedades comunicadas estejam sensivelmente diminuídas, ao passo que os corpos sólidos as perdem com muito maior rapidez. Uma pedra ou um pedaço de pano as perdem em algumas semanas e elas desaparecem de uma moeda em poucos dias.”⁽⁴⁸⁾

⁽⁴⁸⁾ V. LHOME, José. O Livro do Médium Curador. Rio de Janeiro: ECO, 1967, pp. 64 e 65. Trad. Francisco Klörs Werneck.

Experimentações diversas têm demonstrado que, como ocorre com a imposição das mãos, alguns materiais, como algodão e lã, por exemplo, devidamente energizados, produzem efeitos importantes ainda que não tão significativos como acontece no passe direto, em que o emprego do ectoplasma pode comparecer como fator terapêutico.

Na década de 1960, por exemplo, experiências realizadas pelo Dr. Bernard GRAD, da Universidade McGill, de Montreal, utilizando ratos em que era provocada a formação do bócio, e usando grupos de controle, constatou que os animais postos em contato com o algodão e lã energizados mostravam, ao contrário dos demais, baixa formação do bócio. ⁽⁴⁹⁾

⁽⁴⁹⁾ V. GERBER, Richard. Medicina Vibracional, p. 238.

Tem-se, a propósito, a notícia de que em alguns círculos espíritas, excepcionalmente, roupas de enfermos perturbados espiritualmente têm sido energizadas com resultados não desprezíveis.

Compreende-se, assim, a importância da energização mediúnica e espiritual, no tratamento das mais diversas enfermidades, sabendo-se que, em todas as circunstâncias, a energia atua no perispírito, produzindo, de consequência, o reequilíbrio psicofisiológico do paciente. Observe-se, todavia, que se a fluidificação da água tem sido de prática comum, a de objetos, principalmente roupas, encontra naturais restrições, mormente nas Casas Espíritas de frequência maior.

Assim, os apontamentos sobre sua eficácia servem mais à demonstração dos recursos terapêuticos disponíveis, em se tratando de terapia ectoplásmica, sem que, naturalmente, impliquem recomendação geral de seu uso. ⁽⁵⁰⁾

⁽⁵⁰⁾ Referem-se alguns autores desencarnados e encarnados ao auxílio por meio do sopro curador ou renovador, de uso comum na dimensão espiritual e de efetivo proveito, aplicado por técnicos espirituais, capazes de conservar a pureza da boca e a santidade das intenções (XAVIER, f. c.; Espírito ANDRÉ LUIZ. Os Mensageiros, pp. 104 a 107. Cap. 19) Dadas as condições atuais, todavia, o uso nos Centros Espíritas de tal técnica - conhecida, aliás, entre os seguidores de MESMER - não se apresenta indicada.

Auxílio Vibratório em Grupo

As reuniões de auxílio vibratório a doentes têm sido adotadas em muitos círculos espíritas, embora com diferentes denominações e esquemas de trabalho.

Inegavelmente, diversas mentes operando harmonizadas e dirigidas à construção do bem, a atraírem, por isso, a valiosa assistência dos Benfeitores Espirituais, constituem precioso canal de auxílio terapêutico, em que recursos mentais, magnéticos, ectoplásmicos, são empregados, com êxito incontestável no tratamento de enfermidades físicas e espirituais.

Preces, leituras evangélicas, mentalizações a favor dos que se recomendam ao atendimento do grupo, sustentadas pela sinceridade e confiança, fornecem à Espiritualidade Superior os recursos necessários ao atendimento e à cura das enfermidades físicas e dos transtornos psíquicos, contribuindo, ao mesmo tempo, para o afastamento das perturbações espirituais, de acordo, evidentemente, com o merecimento individual.

Observe-se, por fim, que, naturalmente, esse auxílio pode ser dirigido não só aos pacientes presentes à reunião, como aos ausentes que se recomendem a tal tipo de atendimento.

XXVIII- MATERIALIZAÇÃO

Processo de condensação de ectoplasma, possibilitando a visibilidade física e às vezes, a consistência material, aos Espíritos, animais desencarnados e, também, a diversas criações mentais.

O fenômeno da materialização - citada por KARDEC como aparição - encontra registro em todas as páginas da História.

Existiu em todos os tempos e lugares, ainda que, muitas vezes, sacralizada pelas religiões, que nela viam (e algumas ainda veem) a ocorrência de um milagre, quando, na verdade, não passa de um fenômeno natural, hoje, plenamente explicável, graças ao Espiritismo.

Historicamente, pode-se dizer, com DENIS, que foi na Inglaterra que esse tipo de manifestação foi mais metodicamente analisado, produzindo os mais formais e importantes testemunhos. “Em 1869” — anota o autor - “a Sociedade Dialética de Londres, uma das mais autorizadas agremiações científicas, nomeou uma Comissão de trinta e três membros, sábios, literatos, prelados, magistrados, entre os quais Sir John LUBBOCK, da Royal Society, Henry LEWES, hábil fisiologista, HUXLEY, WALLACE, CROOKES, e outros, para examinar e ‘aniquilar para sempre’ esses fenômenos espiriteis, que, dizia a monção, ‘são produtos da imaginação’. Depois de dezoito meses de experiências e de estudos, a Comissão, em seu relatório, reconheceu a realidade dos fenômenos e concluiu em favor do Espiritismo.”⁽¹⁾

⁽¹⁾ DENIS, Léon. Depois da Morte. 18. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, p. 161, Cap. XIX. Trad. João Lourenço de Souza.

William CROOKES,⁽²⁾ o mais célebre dos cientistas que estudaram o fenômeno de materialização e que fez parte, como visto, da Comissão constituída pela Sociedade Dialética de Londres para constatar a autenticidade do fenômeno, operando, principalmente, com a médium Florence COOK, acompanhou, durante três anos sucessivos, as materializações do Espírito Katie KING, reunindo centenas de provas, entre elas, quarenta e três fotos do Espírito materializado. Entre as inúmeras verificações, constatou, por exemplo, que, certa vez, estando a médium sob tratamento de forte bronquite, os pulmões de Katie KING materializada mostravam-se em perfeitas condições.

⁽²⁾ William CROOKES - notável físico e químico inglês, descobridor do tálio e inventor do radiômetro dos tubos de CROOKES - foi Presidente da Sociedade Real, da Sociedade Química de Londres, do Instituto dos Engenheiros Elétricos, da Sociedade para Pesquisa Psíquica e outras instituições, além de fundador do Chemical News e editor do Quartely Journal.

Certo dia, porque foi dito que se assemelhava muito com a Srta. COOK, provou sua individualidade distinta, mudando a cor do seu rosto para chocolate e azeviche.

Em outra oportunidade, Katie KING convidou-o a entrar na cabine onde estava a médium e, então, com o auxílio de uma lâmpada fosfórica, pôde ver, perfeitamente, o Espírito materializado ao lado da médium em transe, provando-se, assim, a existência de duas personalidades diferentes.

De outra feita, ainda, resolveu comparar as pulsações do Espírito materializado com as da médium, então, uma colegial de apenas quinze anos. Seu testemunho não deixa nenhuma dúvida:

“Uma noite, contei as pulsações de Katie; seu pulso batia regularmente 75, ao passo que o de Miss Cook, poucos instantes depois, atingia a 90, seu número habituai Encostando meu ouvido ao peito de Katie, pude sentir um coração bater no interior, e seus pulsações eram ainda mais regulares do que as do coração de Miss Cook, quando, depois da sessão, ela me permitiu a mesma experiência.” ⁽³⁾

⁽³⁾ Cf. AKSAKOF, Alexandre. Um Caso de Desmaterialização. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, pp. 171 e 172.

A esse respeito, aliás, DELANNE tece informações:

“Nela (Miss Cook) não há lugar para dúvidas. A médium é uma juvenzinha de 15 anos, incapaz de organizar e levar a bom termo tão colossal embuste, sob a meticulosa observação de jornalistas, escritores e cientistas de primeira ordem. Tomaram-se todas as medidas, sempre com sua aquiescência, para impedir qualquer fraude. Procedeu-se em relação a ela como se teria feito com o mais hábil dos prestidigitadores. Imobilizam-se suas mãos por meio de cordéis, cujos nós e laçadas são costurados e selados; com uma correia cinge-se sua cintura e fica sujeita às maiores precauções; as extremidades se fixam no solo mediante uma argola de ferro. Outras vezes passavam-lhe uma corrente elétrica pelo corpo de modo que um galvanômetro indicasse os seus menores movimentos. Entretanto, a aparição se mostrava completamente liberta, vestida com véus dispostos com arte e que desapareciam ao mesmo tempo em que o fantasma. Katie King difere tanto da médium Florence Cook que mesmo os incrédulos mais sistemáticos, como o Dr. Sexton, pôde vê-las juntas, enquanto Miss Cook jazia em transe, amarrada em sua cadeira. Seu testemunho confirma o da escritora Florence Marryat e o de Sir. William Crookes, que tinham podido ver a mesma cena. (...)

Mas o que demonstra peremptoriamente a independência absoluta de Katie King, é que ela fala com a médium estando esta completamente desperta.

Pela leitura dos relatórios de Sir William Crookes vemos que, em sua última aparição, o Espírito se despediu de Miss Florence Cook, quando esta foi despertada e posta em seu estado normal.” ⁽⁴⁾

⁽⁴⁾ RODRIGUES, Wallace Leal. Katie King. Matão (SP): CLARIM, 1980, pp. 7, 8 e 11. Apreciação de Gabriel Delanne (1899).

A publicação das experiências e conclusões de CROOKES teve imensa repercussão na Inglaterra e na Europa, marcando um dos momentos mais importantes na história do Espiritismo. Vários outros pesquisadores famosos investigaram, maravilhados, o fenômeno da materialização. ⁽⁵⁾

⁽⁵⁾ Em 1874, depois de ler um opúsculo editado por Crookes, relatando suas experiências com Florence COOK, Charles DARWIN, que inaugurou os estudos sobre o evolucionismo, aceitou o convite para participar de uma reunião. Segundo o médico italiano Dr. Giulio CARATELLI, DARWIN, em carta à sua amiga Lady DERBY, relata o ocorrido, declarando-se perplexo diante do que presenciou e que, embora sua formação “fortemente racional”, era levado a aceitar totalmente o “trabalho honesto e atento” de Crookes, amigo muito estimado e admirado. (CARATELLI, Giulio. In II Giornale dei Misteri. In SEI, Rio de Janeiro, 16/5/2009, n9 2.146)

Epes SARGENT refere-se a um Espírito materializado que cortou seu dedo com uma faca, pedindo, então, um lenço para passar em volta do dedo, que devolveu ao final da reunião, marcado com o sangue...

O mesmo pesquisador descreve uma reunião em que um Espírito que se apresentava com identidade feminina produziu, por meio da mediunidade da Sra. Andrews, na Morávia, em rápida sucessão, as aparências físicas que teve em seis períodos de sua vida terrena, desde a infância até a velhice.

Como essas, milhares de experiências e constatações, rigorosamente documentadas, provam, definitivamente, a sobrevivência do Espírito e a sua plena possibilidade de se manifestar materializado. ⁽⁶⁾

⁽⁶⁾ André Luiz, o notável revelador do mundo espiritual, dá-nos conta, pela mediunidade de F. C. XAVIER, de que o processo da materialização ocorre também naquela dimensão, ainda que os recursos empregados sejam diferentes dos utilizados no domínio carnal. Em um dos episódios que relata, por exemplo, em uma de suas obras, refere-se à materialização de uma venerável mentora dos círculos espirituais superiores: “Chamou-me (o Instrutor) (...) e informou: André dirige os trabalhos da reunião, enquanto devo fornecer recursos à materialização de nossa benfeitora Matilde. (...) André, dirige os trabalhos da reunião, enquanto devo fornecer recursos à materialização de nossa benfeitora Matilde.(...)”

Tomei-lhe o lugar, sem detença, enquanto o sábio mentor se recolhia a dois passos de nós, em profunda meditação. Reparámos, em silêncio, que luz brilhante e doce passou a se lhe irradiar do peito, do semblante e das mãos, em ondas sucessivas, semelhando-se a matéria estelar, tenuíssima, porque as irradiações pairavam em torno, como que formando singulares paradas nos movimentos que lhe eram característicos. Em breves instantes, aquela massa suave e luminescente adquiria contornos definidos, dando-nos a ideia de que manipuladores invisíveis lhe infundiam plena vida humana.

Mais alguns instantes e Matilde surgiu diante de nós, venerável e bela. O fenômeno da materialização de uma entidade sublimada ali se fizera prodigioso aos nossos olhos, em processo quase análogo ao que se verifica nos círculos carnis. “(XAVIER, Francisco C. Espírito ANDRÉ LUIZ. Libertação. 17. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995 pp. 228 e 229)

Trata-se, realmente, de um fato maravilhoso, que levou RICHET a escrever:

“Um ser humano, ou matéria viva, formada sob nossos olhos, que tem seu próprio calor, aparentemente uma circulação sanguínea e uma respiração fisiológica, que tem, também um tipo de personalidade psíquica, com uma vontade distinta da do médium, numa palavra, outro ser humano! Esse é, certamente, o clímax das maravilhas!” ⁽⁷⁾

⁽⁷⁾ **Encyclopaedia...** pp. 216 e segs.

*

Ainda que não tão comuns como as materializações de seres humanos, a corporificação ectoplásmica de seres animais desencarnados tem sido também constatada e, igualmente, bem documentada. São muito conhecidas, por exemplo, as ocorrências em que cães surgem materializados ao lado de seus antigos donos, emocionando os presentes.

Em reuniões realizadas com os famosos médiuns poloneses Franek KLUSKI (1874-1943) e Jean GUZIK (1875- 1928), com a presença de famosos pesquisadores da época (GELEY, RICHET, AKSAKOF, Oliver LODGE, FLAMMARION), surgiam materializados pássaros, cães, gatos, macacos, sendo, algumas vezes, fotografados.

Com outros médiuns (HOME, Sra. WRIEDT) foram observadas materializações de esquilos, morcegos e outros animais.

Comumente, as materializações de animais ocorrem nas reuniões mediúnicas, juntamente com as aparições dos Espíritos. A literatura espírita, todavia, mostra um bom número de casos de materialização de animais, fora das reuniões de ectoplasmia.

Vale como ilustração, entre muitos outros casos, um fato citado por Camille FLAMMARION, a ele relatado por um jovem conhecido, G. Graeser, que tivera um cão São Bernardo, de grande estimação e que fora sacrificado por seus parentes “por motivo de uma queixa muito grave”, ligada à agressividade do animal.

O episódio chega a emocionar:

“Aconteceu às 19 horas e trinta minutos. Eu estava em meu quarto e ouvi a porta abrir-se (ele a abria sozinho), e vi aparecer Bobby, com ar de sofrimento. Gritei: ‘Vem, Bobby’, sem levantar os olhos, e ele não me obedeceu. Repeti a ordem e ele veio, esfregou-se em minhas pernas e deitou-se no tapete. Quis acariciá-lo, mas... ele desapareceu! Precipitei-me para fora do quarto e telefonei para Lausane e soube que Bobby, às 19 horas e trinta minutos fora eliminado no abatedouro local, por iniciativa de minha família. Não contive a forte emoção e desmaiei...

“Tal é a história do meu Bobby. É de se notar que, no mesmo instante em que ele era abatido, eu o via com os meus próprios olhos. E o que afastava qualquer idéia de alucinação eram os fatos de o animal ter aberto a porta, com seu corpo, e eu sentir o seu pelo abundante e macio roçar-me as pernas...”⁽⁸⁾

⁽⁸⁾ Annales des Sciences Psychiques, 1912.

A pedido de FLAMMARION, O fato foi depois investigado por um professor da Universidade de Lausane, que atestou sua autenticidade.⁽⁹⁾

⁽⁹⁾ Cf. LOUREIRO, Carlos Bernardo. Fenômenos Espíritos no Mundo Animal. 2. ed. São Paulo: MNÊMIO TÚLIO, 1997, pp. 70 a 80, Cap. 15.

*

Se o processo de materialização dos Espíritos se nos apresenta de difícil compreensão, em sua inteireza, a aparição de animais surge-nos como um fato mais complexo, ainda.

Entende-se, todavia, que o princípio é o mesmo, qual seja a condensação ectoplásmica tanto no perispírito humano, como no perispírito (protoperispírito) animal.

Na materialização humana, a vontade do Espírito conjugada com a vontade e os esforços dos operadores espirituais que o assistem provocam a aglutinação do ectoplasma, colhido de várias fontes, tornando-o visível e, às vezes, tangível.

Na materialização animal, quando ocorre nas reuniões mediúnicas, o auxílio dos Espíritos operadores comparece como decisivo.

Já na materialização do animal, fora das reuniões, em diferentes lugares e situações - na maioria das vezes, no instante da desencarnação - o processo ainda depende de explicação maior, por parte da Espiritualidade, embora se admita a ação do psiquismo do animal — que já se manifesta como vontade menos ou mais desenvolvida - no delicado processo.

**

A materialização pode ser **mediúnica** ou **extramediúnica**.

Na materialização mediúnica, apoiados nos recursos ectoplásmicos oriundos do médium, dos assistentes, dos planos superiores e da Natureza, surgem visíveis os Espíritos ⁽¹⁰⁾ encarregados de transmitir a lição da sobrevivência e de propiciar, também, se for o caso, o benefício da cura.

⁽¹⁰⁾ Sabe-se que Espíritos encarnados também se materializam.

Nesse caso, o processo apresenta-se sumamente complexo, requisitando, além da competência, participação abnegada dos Espíritos operadores. Em lição magistral de ANDRÉ LUIZ, transmitida por Francisco C. XAVIER, toma-se conhecimento de ações e cuidados espirituais inimagináveis, até, para que os trabalhos alcancem bom êxito: desde os momentos de preparação do ambiente, com a ionização da atmosfera, “combinando recursos para efeitos elétricos e magnéticos”, e a ozonização, “necessária como trabalho bactericida”, até a meticulosa preparação do sistema nervoso do médium, para a liberação do ectoplasma e a delicada corporificação do Espírito designado para a tarefa. (11)

⁽¹¹⁾ XAVIER, F. Cândido. Espírito André Luiz. Missionários da Luz. 25. Ed. R. Janeiro: FEB, 1994, pp. 260 e segs., Cap. 10.

Tipos diversos de materialização mediúnica podem ser catalogados: materialização **animada** (autônoma - singular e múltipla - ou conjugada; completa ou parcial; tangível ou não tangível; luminosa ou não luminosa); **inanimada** (completa ou incompleta; tangível ou não tangível; luminosa ou não luminosa).

MATERIALIZAÇÃO MEDIÚNICA

ANIMADA	INANIMADA
AUTÔNOMA	COMPLETA
	INCOMPLETA
SINGULAR	MÚLTIPLA E
	SIMULTÂNEA
CONJUGADA	TANGÍVEL
	NÃO TANGÍVEL
COMPLETA	
PARCIAL	
TANGÍVEL	
NÃO TANGÍVEL	
LUMINOSA	
NÃO LUMINOSA	

A materialização mediúnica **animada** (ou viva) diz com a corporificação dos Espíritos e de animais.

A materialização **animada** pode acontecer de maneira autônoma ou conjugada.

No primeiro caso, o Espírito, atraindo o ectoplasma, corporifica-se, sustentado em suas próprias possibilidades perispíricas.

A materialização autônoma, já por se apresentar mais independente, surge, muitas vezes, mais perfeita.

Nesse tipo de fenômeno, comumente acontece a corporificação de um só Espírito, ou de um Espírito por vez.

É o que se pode designar como materialização singular.

Inúmeros são, principalmente depois de CROOKES, os casos documentados em todo o mundo desse tipo de materialização. Apenas como ilustração e por se mostrarem particularmente emocionantes, vale citar duas experiências vividas, respectivamente, por Frederico FIGNER ⁽¹²⁾ e sua mulher, com a materialização de sua filha Rachel, desencarnada precocemente, graças aos recursos da famosa médium paraense Ana PRADO, e por Yvonne PEREIRA, em uma reunião com a médium Zulmira Teixeira da SILVA.

⁽¹²⁾ Frederico FIGNER (1866-1947), grande benfeitor e divulgador do Espiritismo, foi Tesoureiro e Vice-Presidente da Federação Espírita Brasileira. Casou-se com Esther de Freitas Reys, de cujo enlace nasceram seis filhos: Rachel, Aluizio, Gabriel, desencarnados cedo, Leontina, Helena e Lélia. Depois de sua desencarnação, escreveu, por intermédio de F. C. XAVIER, a obra “Voltei”, sob o pseudônimo de Irmão Jacob, em que narra suas primeiras e impressionantes experiências na Pátria Espiritual.

A descrição de Esther FIGNER, do ocorrido em uma reunião em que, também esteve presente sua filha Leon- tina, constitui uma das peças mais nobres da literatura mediúmica:

“Quando minha filha saiu, perfeitíssima, da câmara, ajoelhou-se e levantou as mãozinhas para o céu. Ajoelhei-me também e todos os que estávamos presentes a acompanhamos na prece que dirigia ao Senhor. Depois, levantou-se e foi sentar-se na cadeira vazia, tomando exatamente a posição em que está numa fotografia, da qual pouco antes eu falara, dizendo que nesse retrato se lhe viam bem os braços e as mãos.

Tomou com a maior exatidão a pose em que se vê na aludida fotografia. Fez, portanto, uma coisa que só ela podia fazer. Todos os da sua família, que ali nos achávamos, exclamamos ao mesmo tempo: ‘Olhem a nossa Rachel, perfeitinha, igualzinha ao retrato’. E ela viva, perfeita, deixava que a víssemos bem e a reconhecêssemos. Não havia dúvida, nem podia haver, era a nossa Rachel.

Eu lhe falava e ela me prestava toda a atenção. Em seguida, levantou-se, veio até junto de mim, colocou-se bem à minha frente, recebeu das minhas mãos umas flores que levava e que suas irmãzinhas Lélia e Helena lhe mandavam. Disse-lhe Leontina: ‘O Sr. Amábile também mandou lembranças e um abraço’. Ao que ela respondeu levantando as mãozinhas para o céu, como que oferecendo a Deus. Recebeu flores também deis mãos de seu pai e de sua irmã Leontina. Enfim, Rachel estava diante de mim tão perfeita e tão viva que se não podia ter a mínima dúvida. Eram os mesmos braços alvos, as mesmas lindas mãos que tinha aqui na Terra. Em tudo, nas maneiras, mis formeis, no rosto, era a minha adorada filha.

Voltando ela à câmara escura, disse a médium: ‘Rachel pede que sua mãe se sente na cadeira em que ela esteve’. Sentei-me imediatamente nessa cadeira, porém, de frente para a câmara. Logo disse Rachel pela médium: ‘Mamãe deve voltar as costas para a câmara e ficar muito quieta’. Assim fiz e disse: ‘Pronto, minha filha. Estou impassível. Podes vir sem receio’. Logo ouvi uns passos e senti minha filha a meu lado, abraçando-me muito apertadamente e dando-me beijos tão estalados que toda a assistência escutava. Encostava seu rosto ao meu com extremo carinho. Depois de muito me acariciar, de me dar todas as provas de amor e de que era bem a minha Rachel, disse-me distintamente, com voz forte, que todos ouviram: ‘Não quero que ande mais de preto, ouviu? Quero que venha toda de

branco, assim como eu estou'. Respondi-lhe: 'Sim, minha filha, far-te-ei a vontade, farei tudo o que quiseres. Já o fazia quando estavas na Terra: hoje, que não farei para te ser agradável? Sim, meu anjo, não usarei mais roupa preta'.

De novo me beijou muito e, com os braços passados por trás do meu pescoço, tirou, das flores que lhe havíamos dado, uma rosa vermelha e a enfiou no decote da minha blusa branca. Vi nitidamente suas mãozinhas, seus dedos. Era positivamente sua aquela maneira de fazer as coisas, eram indubitavelmente seus aqueles gestos. Estávamos todos vendo a nossa Rachel exatamente como era.

Foi novamente à câmara escura, isto é, ficou de pé à porta desta e voltada para dentro como se falasse com alguém. Como eu continuasse na cadeira, a médium falou assim: 'Diga a mamãe que saia da cadeira. £ papai que deve sentar-se agora'. Imediatamente me levantei e Fred sentou-se na mesma posição em que eu estivera. Rachel chegou-se a ele, abraçou-o, beijou-o, acariciou-o muito, do mesmo modo que fizera comigo. Passou o braço esquerdo sobre o ombro esquerdo do pai, de forma que se lhe via a mão caída sobre o peito deste, aquela mão lindíssima que eu tão bem conhecia e que não podia deixar de reconhecer ali ser inteiramente a mesma da minha Rachel. Estendeu o braço direito tomando uma posição muito graciosa, formando com o seu querido pai, presa da mais viva emoção, um grupo admirável. Não cessávamos de soltar exclamações e de agradecer a Deus tanta misericórdia. Dizíamos: 'Filhinha adorada, Deus te abençoe. Deus te pague'.

É impossível descrever tudo, pois são inúmeras as minúcias. Separando-se de seu pai, depois de muito o acariciar, Rachel tomou de um galho de angélicas e, peles costas dele, o colocou na lapela de seu paletó. Fez isso com a mais absoluta naturalidade, notando-se-lhe o esforço a que se viu obrigada para passar o talo um pouco grosso da flor na casa meio fechada. Nos gestos, que então fez, como em todos os outros, era a Rachel que conhecíamos. Reproduziu por duas vezes a posição da fotografia, puxando, antes de sentar, a cadeira, para pô-la como desejava. Repetidas vezes veio até junto de nós, distribuiu com os assistentes o ramo de flores que lhe havíamos oferecido, ouvindo-se distintamente o ruído que faziam as folheis quando ela separava as flores. Deu-me com muito carinho um ramo de jasmims do Cabo. Quando assim, diante de nós, virava-se de um lado para o outro, a fim de que bem a reconhecêssemos e nenhuma dúvida nos ficasse nos espíritos. Frederico e Leontina choravam, soluçando convulsamente. Ela, então, parando defronte de nós, disse, com voz firme, que notoriamente partia de sua boca: 'Não chorem Todos caímos de joelhos diante da nossa querida Rachel Em dado momento, Leontina perguntou-lhe se seus irmãozinhos Aluízio e Gabriel estavam presentes e ela respondeu clara e distintamente: 'Não'. Esteve algum tempo a andar de um lado para outro, mostrando-se bem.

Como trouxesse os cabelos suspensos, eu disse: 'Minha Rachel, ainda não vi os teus cabelos. Mostra-nos a tua linda cabeleira'. Ela foi a câmara e logo voltou, trazendo os cabelos a lhe caírem soltos sobre os ombros, lindos quais eram na Terra. Punha-se de frente e de costas para nós, a fim de que bem a pudéssemos apreciar.

Depois, foi à câmara escura e de lá veio trazendo um pano branco, com o qual se pôs a acenar em sinal de adeus. Que emoção! Todos exclamavam: 'Adeus, Rachelzinha! Adeus, meu amor! Deus te abençoe!' ⁽¹³⁾

⁽¹³⁾ Nogueira de Faria. O Trabalho dos Mortos. (O Livro de João). 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1990, pp. 272 a 274. "As Materializações de Raquel Figner".

Yvonne do Amaral PEREIRA, em minuciosa e sugestiva descrição, relata uma de suas experiências com a médium Zulmira Custódio Resende Teixeira da SILVA, na cidade de Lavras (MG), em que o fenômeno da materialização associa-se ao da psicofonia.

“No local da sessão, de imediato constatee a inexistência da cabine para a médium, assim como a inexistência da cortina para ocultá-la e da escuridão. A médium sentava-se diante da assistência, sempre muito reduzida, e cobria o rosto com uma toalha preta, e escuro também era o roupão que trazia, peça singela que não se fazia acompanhar de nenhuma outra. A luz mortíça, era conservada no próprio compartimento, sobre uma mesa, e tratava-se de um lampião a querosene, o que permitia penumbra agradável, podendo os assistentes destacar a cor do vestuário uns dos outros e os respectivos traços fisionômicos. (...) A médium era essencialmente espontânea, conseguia os fenômenos mesmo sem os desejar ou provocar, e agia sem o misticismo e o mistério que comumente acompanham esse gênero de trabalho.

O ectoplasma elevava-se ao lado da médium, desprendendo-se dela, e modelava a entidade comunicante à vista de todos, de forma a permitir à assistência acompanhar todas as fases da materialização, a qual via, simultaneamente, a médium e o Espírito, o que é de importância capital numa sessão de tal gênero, e o que também não deixava de causar a nós outros, os assistentes, certa impressão respeitável e atordoante. E nem se julgue que tivesse cabimento a fraude. A médium Zulmira Teixeira era de um caráter simples e honesto e reverente a Deus, realizava tais serviços possuía de vero amor à causa e espírito de devoção, e tão simplória e incapaz se revelava que nem mesmo saberia produzir fraudes (...).

Daquela primeira vez em que assisti à sessão tornaram-se visíveis, materializados, primeiramente os Espíritos do Dr. Augusto Silva, patrono do Espiritismo em Lavreais, e de uma filha da médium, recentemente falecida (...). Mas, inesperadamente, apresentou-se, após, uma entidade desconhecida de todos, a qual a médium, em transe, afirmou não conhecer tão-pouco. Bastante materializada, a entidade revelou-se um homem jovem, deixando ver barba preta, curta, terminada em ponta, no queixo, bigodes cheios e cabelos espessos e volumosos, penteados para o alto, formando a cabeleira clássica dos elegantes do século XIX; mãos finas e aristocráticas, e trajos masculinos antigos, porém, um tanto leves, como que vaporosos. Reconheci então o Espírito Roberto, tal como me fora tão familiar durante minha infância. Havia seis anos que ele se afastara de mim e não me fora dado obter qualquer notícia a seu respeito. Mas eis que, inesperadamente, ali aparecia ele de forma insofismável, provando ainda e sempre a perseverança do seu generoso sentimento para comigo. Prorrompi em pranto copioso em plena sessão, comovida e abalada por lembranças incontroláveis. Mas, servindo-se do aparelho vocal da própria médium, que continuava em transe, e com voz masculina, baixa, doce, ele dirigiu-me palavras afetuosas e confortativas, que tentarei reproduzir, tão assinaladas elas ficaram em meu coração até os dias presentes:

‘— Não chores, minha querida, eu agora estou bem... renovado para Deus e resignado à sua lei...’⁽¹⁴⁾

⁽¹⁴⁾ PEREIRA, Yvonne A. Recordações da Mediunidade. 7. ed. R. Janeiro: FEB, 1992, p. 90 e 91, Cap. 5.

Eventos rigorosamente investigados e anotados mostram que também soem acontecer, ainda que não frequentemente, as materializações múltiplas e simultâneas.

A literatura espírita documenta, também, muitos casos referentes a esse tipo de materialização, estudados por pesquisadores de incontestável idoneidade científica e moral. Entre os registros clássicos, por exemplo, atrai citação uma extraordinária ocorrência anotada por AKSAKOF, envolvendo o Rev. Francis Ward MONCK, famoso médium de seu tempo:

“Como médium tínhamos o Dr. Monck; depois de o termos examinado, a seu próprio pedido, ele foi posto em um gabinete improvisado pela colocação de uma cortina através do vão de uma janela; a sala ficou iluminada a gás durante todo o tempo da sessão.

Aproximamos uma mesa redonda da própria cortina e ali tomamos lugar, em número de sete.

Logo depois, duas figuras de mulher, que conhecíamos com os nomes de ‘Bertie’ e ‘Lili’, apareceram no lugar em que as duas partes da cortina se tocavam, e, quando o Dr. Monck introduziu a cabeça através da abertura, essas duas figureis apareceram acima da cortina, enquanto que duas figuras de homem (‘Mike’ e ‘Richard’) a separavam dos dois lados e se faziam igualmente ver. Por conseguinte, divisávamos simultaneamente o médium e quatro figureis materializadas, cada uma delas quais tinha seus traços particulares que a distinguiam das outras figuras, como se dá entre pessoas vivas.

É escusado dizer que todas as medidas de precaução tinham sido tomadas para prevenir qualquer embuste e que nós teríamos apercebido da menor tentativa de fraude.”⁽¹⁵⁾

⁽¹⁵⁾ AKSAKOF, Alexandre. Animismo e Espiritismo, vol. 1, pp. 181 e 182, Cap. I.

Outro caso bem conhecido, transcrito por Alfred Erny, é o ocorrido na casa do pintor francês James TISSOT, quando residia na Inglaterra, com o famoso médium inglês William EGLINTON,⁽¹⁶⁾ e relatado pelo biógrafo deste, J. FORMER:

⁽¹⁶⁾ Em nome da Ciência, os pesquisadores - não se importando, inclusive, com o sacrifício dos médiuns - tomavam providências cautelares que chegavam, até, ao absurdo. Referindo-se, por exemplo, a outra experiência realizada com EGLINTON, informa ERNY: “O médium foi encerrado numa espécie de gaiola, cercado por um fio, e a porta dessa gaiola foi fechada e por nós selada. Por cúmulo da precaução, espalhou-se farinha em torno da gaiola. Era, pois, humanamente impossível sair dessa gaiola sem ser descoberto; ora, em tais casos, quando um prisioneiro foge está salvo; mas, quando o mesmo acontece a um médium, ele está perdido. Apesar deste luxo de precauções, as materializações se realizaram”. (ERNY, Alfred. O Psiquismo Experimental. 3. ed. p. 140).

“A sessão realizou-se na casa do pintor J. Tissot, e, além dele e do médium, só estavam presentes duas senhoras e um cavalheiro. O Sr. Eglinton sentou-se numa cadeira perto do Sr. Tissot e nela se conservou durante todo o tempo. As portas foram fechadas à chave. Alguns instantes depois, duas formas apareceram lado a lado, à esquerda do Sr. Tissot. A princípio indistintas, pouco a pouco se tornaram visíveis a ponto de se poderem distinguir todos os seus traços. A forma masculina trazia na mão uma espécie de luz muito viva com a qual iluminou o rosto da forma feminina. O Sr. Tissot reconheceu imediatamente a última e, muito comovido, pediu-lhe que o beijasse, o que a forma fez repetidas vezes; viu-se-lhe o movimento dos lábios; depois desapareceu.

O que tornou o fenômeno ainda mais impressionante foi o fato de aparecer o corpo psíquico de Eglinton através das outras duas formas. Houve, pois, uma tríplice materialização.”⁽¹⁷⁾

⁽¹⁷⁾ ERNY, Alfred. Op. Cit., p. 145.

A respeito desse fato - de tanta repercussão, na época - anota DELANNE, depois de informar que “EGLINTON serviu muitas vezes de médium para a materialização de aparições coletivas”, que o pintor TISSOT “viu simultaneamente, tão bem e por tão longo tempo, que pode com elas fazer belíssimo quadro, duas formas, feminina uma, masculina, a outra, a primeira das quais ele reconheceu perfeitamente, e, também, o desdobramento de Eglinton, cujo corpo físico repousava numa poltrona, a seu lado.”⁽¹⁸⁾

⁽¹⁸⁾ DELANNE, Gabriel. A alma é imortal. 6. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1990, p. 263, Cap. IV, 3ª. parte. Trad. Guillon Ribeiro.

Esse tipo de manifestação surge em determinadas circunstâncias ou condições, sabendo-se, entretanto, que o mesmo médium pode servir aos dois tipos de materialização.⁽¹⁹⁾

⁽¹⁹⁾ Essa espécie de fenômeno, que tanto atraiu a atenção dos investigadores, no passado, foi estudada, inclusive, por William CROOKES, em seus clássicos e notáveis experimentos com a médium Florence COOK e o Espírito Katie KING.

No Brasil, diversos médiuns conhecidos serviram a notáveis materializações. O destacado autor espírita, Américo RANIERI, por exemplo, testemunha que, com o famoso médium Francisco Lins PEIXOTO (PEIXOTINHO), “o Espírito Zé Grosso apareceu materializado conduzindo o Espírito de Heleninha em forma de criança, minha filha na Terra, pela mão”. Com o médium Fábio MACHADO, relata, entre os inúmeros fatos que presenciou:

“Estava o Zé Grosso materializado quando ouvimos rumor e vozes na cabine. Zé Grosso caminhou em direção, pois estava no meio da sala. E estabeleceu um diálogo com o espírito que estava dentro da cabina. Ouvia-se perfeitamente a voz de um e a voz de outro. Ouvia-se o passo rápido do Palminha, Espírito que era quem estava na cabina e o rincar forte das botinas do Zé Grosso. Trocavam palavras que se ouviam bem. As vozes eram absolutamente diferentes.”

Se a materialização singular já comprova a existência do perispírito - e a sobrevivência do Espírito - a materialização múltipla e simultânea representa a prova irrefutável e definitiva dessa realidade.

*

Na materialização conjugada,⁽²⁰⁾ o Espírito apoia-se, de alguma maneira, no perispírito do médium desprendido, ou sofre sua influência, de tal modo que seu semblante, muitas vezes, reflete os traços fisionômicos do médium.

⁽²⁰⁾ R. A. RANIERI designa este fenômeno como superincorporação. (Materializações Luminosas. 5. ed. S. Paulo: FEESP. 1995, pp. 203 a 206.).

Observe-se, entretanto, que apesar da semelhança entre as fisionomias do Espírito e do médium, resta amplamente provado que se trata de uma modalidade de manifestação do Espírito, com os recursos ectoplásmicos do médium, não se confundindo com a materialização extramediúcnica.

Nesse processo, preferido pelos Mentores Espirituais, quando as condições do ambiente psíquico não se apresentem mais propícias, o perispírito do médium em desdobramento é

revestido, segundo ANDRÉ LUIZ, de um “roupão ectoplásmico”, unindo-se então, a ele, o Espírito que deve manifestar-se comandando-lhe os movimentos. O médium tudo acompanha, mas, ao sair do transe, de nada se recorda. ⁽²¹⁾

⁽²¹⁾ Cf. Xavier, F. C. Espírito André LUIZ. NOS Domínios da Mediunidade, pp. 266 e 267.

*

A materialização animada pode surgir de forma completa ou parcial.

A materialização completa é aquela em que os manifestantes surgem de corpo inteiro.

Na parcial, materializa-se apenas parte do corpo; geralmente, a cabeça, o busto ou a mão do Espírito.

Todos os tipos de materialização animada podem apresentar-se tangíveis (ditas estereológicas, quando suscetíveis de serem apalpadas e examinadas) ou não tangíveis.

Tanto as tangíveis, como as não tangíveis, são suscetíveis de surgir luminosas ou não luminosas, observando-se, todavia, que no caso das primeiras, não é comum ocorrer a luminosidade plena. ⁽²³⁾ (AKSAKOF refere-se a uma ocorrência de materialização

transparente que, ao que se depreende, não passaria de uma materialização não tangível com uma tênue luminosidade). De qualquer forma, o tipo de materialização depende da programação dos Espíritos responsáveis, levando em conta, não só a quantidade e a qualidade do ectoplasma disponível, como o próprio ambiente psíquico.

⁽²³⁾ Referindo-se a um dos trabalhos a que assistiu com a médium Zulmira Teixeira SILVA, descreve Yvonne PEREIRA a materialização de Geraldo de Majela, religioso venerado pela Igreja Católica: “(...) de uma beleza toda especial, por assim dizer celeste, jovem, angelical, deixou-se contemplar no seu hábito de religioso, singularmente iluminado com reflexos azuis lucilantes. E tal a intensidade da luz que dele irradiava que a sala, posta em penumbra, se iluminou como se um foco alvinitente se acendesse (o tipo de luz é inédito na Terra) iluminando ainda a sala contígua através das vidraças da porta.” (Op. cit, pp. 93 e 94).

*

A materialização **inanimada** refere-se ao aparecimento de objetos, plantas e flores ⁽²⁴⁾

resultantes da ação mental dos Espíritos sobre o ectoplasma, dando-lhes forma e textura, com duração limitada, quase sempre, ao tempo da reunião, dissolvendo-se depois.

⁽²⁴⁾ Cumpre não confundir flores materializadas, criações mentais, com flores vivas, naturais, trazidas ao recinto dos trabalhos por meio do conhecido fenômeno de transporte. (V. adiante).

Em se tratando de objetos, comum é a materialização de bengalas, vestimentas, chapéus, adornos, a identificarem, às vezes, as personalidades que com eles aparecem, mas, algumas vezes, o fenômeno chega a causar verdadeiro espanto, mesmo para os mais experimentados investigadores. É o caso, por exemplo, de um caso relatado por Rodolfo MIKULASCH, ocorrido em São Paulo, com Cármine MIRABELLI, ⁽²⁵⁾ um dos mais importantes médiuns da história do Espiritismo:

⁽²⁵⁾ Cármine (Carlos) MIRABELLI (1889-1951), natural de Botucatu (SP), além de notável médium de ectoplasmia (as manifestações aconteciam à plena luz do dia ou em recintos iluminados), era médium psicofônico e psicográfico, com extraordinário desempenho xenoglóssico (na psicofonia, chegava a falar 26 idiomas incluindo 7 dialetos; na psicografia, geralmente mecânica, escreveu em 28 línguas, algumas delas já mortas, como latim, caldeu e hieróglifos!); médium pictórico, deixou obras de vários pintores famosos, e

como médium psicomúsico, tocando violino com maestria, mediunizado por PAGANINI, sem nada saber de música.

Entre suas iniciativas, destaca-se a fundação, em São Paulo, da Academia de Estudos Psíquicos “César Lombroso”, em 1919, e o Instituto Psíquico Brasileiro de São Paulo, em 1938, instituições nas quais realizava seus trabalhos, testemunhados, inclusive, por celebridades internacionais.

“Mirabelli não se achava ainda totalmente em seu estado normal, quando começaram a ser ouvidas violentas pancadas dentro de um armário no qual havia uma caveira destinada a estudos. Era a própria caveira que, movida por uma força estranha se debatia furiosamente, parecendo forçar a porta de sua prisão. Uma pessoa vai encaminhar-se para abrir o armário, quando as suas portas espontaneamente se escancaram e, de dentro, sai, ante os olhares atônitos dos presentes, a referida caveira, batendo os maxilares um contra o outro, como que se quisesse morder, e começa a levitar, no espaço, sempre rangendo os dentes. O Dr. Ganimedes de Souza pergunta-se, mentalmente, por que é que, se estava presente a caveira, não aparecia também o restante do esqueleto. Como que respondendo a essa pergunta, começam a formarem-se as vértebras do pescoço, depois a caixa torácica e os braços, o prolongamento da espinha dorsal, os ilíacos e a bacia, as pernas e, enfim, toda a ossatura dos pés. O médium, seguro por ambos os braços parece estar com delírio, expele em abundância uma saliva espumarenta, e debate-se freneticamente na sua poltrona. Todas as veias do seu corpo estão ingurgitadas e latejantes. O médium começa a recender fortemente a cadáver em adiantado estado de putrefação e esse odor fétido se espalha na sala toda e permanece, apesar de, através das grades das janelas, se formar perfeito arejamento do apartamento. A assistência manifesta-se incomodada. O esqueleto continua em pé, e põe-se a andar pela sala, com grandes passadas trêmulas e incertas, qual uma ave pernaltada desajeitada. Procura equilibrar-se, como se receasse cair. O Dr. Ganimedes mais uma vez duvida da evidência visível, vai e toca o esqueleto, palpa uma ossada consistente e sebosa, tendo então forte abalo nervoso, vindo sentar-se. O médium estertora e cada vez se agita mais, sendo necessário força para contê-lo. O esqueleto, rangendo as juntas, continua o seu passeio macabro, lançando no ambiente uma impressão lúgubre, tétrica, pavorosa, e todos os assistentes, incitados pelo exemplo do Dr. Ganimedes, sobrepujando a sua repugnância, um a um, levados por uma curiosidade bem mais forte do que os escrúpulos, vão apalpar aquela tristemente tão perfeita configuração da morte e do nada. E todos voltaram aos seus lugares, abalados e de fisionomia apreensiva. O cheiro de cadáver continua forte; o estado moral dos presentes é de depressão e angustiada expectativa: a todas as mentes parece dominar o significado daquele triste quadro, que relembra vivamente o destino dos homens. A opinião de todos se traduz numa impressão impossível de ser descrita. O esqueleto começa a se desfazer pausadamente, a minutos contados, principiando por onde terminara, até só restar novamente a caveira pairando no ar, agora, já não mais batendo os maxilares e, finalmente, cai sobre a mesa e fica inanimada. O médium, sempre seguro, tem um grande espasmo, suspira dolorosamente e volta a si, desingurgita-se-lhe a circulação, normalizam-se as demais funções e resta-lhe somente uma grande fra-queza, verdadeira exaustão.”⁽²⁶⁾

⁽²⁶⁾ Mikulasch, Rodolpho. O Médium Mirabelli, resultado de um Inquérito. São Paulo: Edição do Autor, 1926. Conf. ANDRADE, Hernani Guimarães. Parapsicologia - uma visão panorâmica, pp. 212 a 214.

Fatos como esse demonstram bem a elevada capacidade mental dos Espíritos controladores das operações.

*

A materialização pode também, de conformidade com a intenção dos Espíritos operadores, apresentar-se completa ou parcial. As coisas poderão surgir com sua forma inteira, ou não. E, como acontece na materialização animada, as formações ectoplásmicas inanimadas apresentam-se tangíveis ou não tangíveis.

E em se tratando de objetos, se não aparecem luminosos, como no caso dos seres vivos, não deixam de se apresentar visíveis - o suficiente para que possam ser percebidos.

Necessário registrar que, como ocorre com outros eventos, ao lado da materialização mediúmica, propriamente, constata-se um tipo de materialização que se pode chamar de extramediúmica.

Na materialização extramediúmica, ocorrência também estudada por AKSAKOF, CROOKES e outros renomados investigadores, é o próprio espírito do médium que se corporifica, total ou parcialmente, ou produz - muitas vezes, involuntariamente - os efeitos ectoplásmicos que, afinal, resultam das próprias formas-pensamento que constrói. (Assinala KARDEC: “A alma do médium pode comunicar-se, como a de qualquer outro”. E ainda: “é fora de dúvida que o Espírito do médium pode agir por si mesmo. Isso, porém, não é razão para que outros não atuem igualmente, por seu intermédio.”⁽²⁷⁾)

⁽²⁷⁾ KARDEC, Allan. O Livro dos Médiuns, pp. 268 e 269, Cap. XIX.

Duas espécies de ocorrência podem ser registradas nesse processo: a **automaterialização** e a **materialização inanimada**.

MATERIALIZAÇÃO EXTRAMEDIÚNICA

COMPLETA

AUTOMATERIALIZAÇÃO PARCIAL

TANGÍVEL

NÃO TANGÍVEL

MATERIALIZAÇÃO INANIMADA

Na automaterialização é o próprio médium que se desdobra, e afastado do corpo físico, passa a aglutinar, em seu perispírito, o ectoplasma presente, materializando-se de forma completa ou parcial.

Ressalte-se que a automaterialização não se confunde com a materialização mediúmica conjugada, antes examinada. Nesta, há um Espírito que se apoia no perispírito do médium para materializar-se, revelando uma personalidade nitidamente diferente da do intermediário. Já na automaterialização é o próprio espírito do médium que se materializa, temporariamente afastado do carro físico, mostrando-se com a sua personalidade.

Investigadores conscientes e acostumados com essa espécie de manifestação não encontram dificuldade maior em discernir um tipo de ocorrência de outra, sabendo-se que o médium que se automaterializa é o mesmo que, em outras circunstâncias, e na maioria das vezes, pode servir aos vários tipos de materialização de Espíritos.

Ambos os fenômenos - materialização mediúmica e automaterialização — são comuns e, dependendo da orientação dos Espíritos controladores, segundo a expressão de Geley, podem perfeitamente coexistir.

A automaterialização, que, também, pode ser completa (muito rara) ou parcial, é suscetível de aparecer, também, sob condições especiais, tangível ou não tangível.

Se a automaterialização já não é comum, a materialização de figuras inanimadas apresenta-se mais rara ainda. Esse tipo de materialização é normalmente marcado pela acentuada imperfeição das formas das coisas que se materializam, sob a ação mental consciente ou subconsciente do próprio médium. Esse tipo incomum de materialização, resultante da concentração do ectoplasma em torno das formas-pensamento produzidas pelo médium, oferece, quase sempre, tênue visibilidade.

O fenômeno da corporificação ectoplásmica dos Espíritos, desencarnados ou não, - conhecido modernamente (e impropriamente, aliás) como materialização — comprovando em bases experimentais a natureza espiritual do ser humano, representa uma das mais expressivas contribuições do Espiritismo para o desenvolvimento do Saber.

E - fato importante - tanto na materialização dos Espíritos desencarnados, como na automaterialização do médium, o processo só acontece porque o perispírito dos manifestantes, sob a ação mental, aglutina o ectoplasma disponível, amoldando-o, automaticamente, à sua forma. É a sua função organizadora. ⁽²⁸⁾

⁽²⁸⁾ Quatro são as funções básicas do perispírito, até agora conhecidas: função **instrumental**, função **individualizadora**, função **organizadora**, também designada como função **modeladora**, e função **sustentadora**.

Ora, sendo a materialização um fato definitivamente comprovado e, como se observa, ela só acontece porque existe a base perispírica, não só se prova a existência do corpo espiritual, como se demonstra a interação entre os mundos físico e espiritual.

E, aliás, idêntico raciocínio aplica-se aos casos comprovados de desmaterialização e rematerialização - protagonizados, por exemplo, pelas conhecidas médiuns Elisabeth D'ESPÉRANCE e Eusápia PALADINO.

A matéria provisoriamente desagregada, no processo de desmaterialização, retoma, sob o cuidado dos Espíritos operadores, sua condição e forma anteriores, graças ao perispírito, que lhe garante a sustentação anatomofisiológica. ⁽²⁹⁾

⁽²⁹⁾ V. adiante, Desmaterialização - Rematerialização.

*

Na maioria das vezes, nos trabalhos de materialização, o médium permanece em transe profundo, não guardando nenhuma lembrança do ocorrido.

Casos raros, há, todavia, em que o médium permanece consciente, acompanhando e até conversando com o Espírito materializado, como, por exemplo, acontecia com a extraordinária médium norueguesa Elisabeth D'ESPÉRANCE.

Anota, a respeito, Alfredo MIGUEL:

“Sua curiosa singularidade consistia em obter a materialização sem cair em transe ou sono magnético. O Espírito-guia das sessões, conhecido pelo nome de Valter, quando se apresentava visível, conversava com a médium, sentados ambos, em presença dos assistentes. O mesmo se dava nas experiências em que se materializava uma forma de

mulher de rara beleza, que se dava o nome de Népenthès e declarava-se contemporânea da época heróica da antiga Grécia.” ⁽³⁰⁾

⁽³⁰⁾ Miguel, Alfredo. Fenômenos Espiriteis e Anímicos. 2. ed. São Paulo: FEESP, 1989, p. 125.

A extraordinária mediunidade de Mme. D'ESPÉRANCE permitia-lhe, inclusive, o contato direto com Yolande, o Espírito com o qual operava, em pleno processo de materialização. “Em muitas ocasiões” - declarou à AKSAKOF - “pude ver Yolande diante de mim, ajoelhada, tocando meu vestido ou dando-me um copo d'água. Falei-lhe, toquei-a, e desse modo pude convencer-me perfeitamente de que éramos duas individualidades indiferentes.”
⁽³¹⁾

⁽³¹⁾ AKSAKOF, Alexandre. Op. cit., p. 90.

Fatos como esse e inúmeros outros, rigorosamente documentados, em todo o mundo, envolvendo exponenciais da ciência, servem, definitivamente, graças à abnegação e ao sacrifício dos médiuns e Espíritos, esquecidos benfeitores da Humanidade, ao despertar de céticos e materialistas para a realidade espiritual.

**

Ao fim, cabe referência a um fenômeno que se pode designar como semimaterialização ou materialização incompleta, em que a formação ectoplásmica não é visível, embora ofereça certa tangibilidade, não se identificando, pois, com a materialização, propriamente, que tem na visibilidade, um dos seus atributos.

A semimaterialização se faz presente na pneumatofonia, na produção de efeitos sonoros e outros eventos ectoplásmicos.

XXIX- MOLDAGENS

Processo de obtenção, com o uso de parafina, cera, argila ou outra substância plástica, o molde (negativo) de rostos, pés, mãos, dedos, para a posterior produção de peças, geralmente, de gesso (positivo).

Segundo consta, as primeiras moldagens foram obtidas em 1875, pelo conhecido pesquisador norte-americano William DENTON, professor de geologia e autor de *Natures Secrets* (Segredos da Natureza), com a médium Mary M. HARDY.

Depois de verificar que, em se mergulhando um dedo em parafina fundida, essa se destacava facilmente do dedo, depois de resfriada, concluiu que o molde assim obtido poderia ser preenchido com gesso, podendo-se, então, obter a reprodução exata de um dedo, eventualmente materializado.

Em contato com Sr. John HARDY e combinada a realização de uma reunião com a Sra. HARDY, reputada médium de efeitos físicos, obteve, realmente, resultados muito satisfatórios, depois publicados pela imprensa inglesa, com base em relatório apresentado pelo Prof. DENTON.

Em carta enviada ao periódico inglês *Médium*, então em circulação, o Sr. HARDY confirma as informações do Prof. DENTON:

“A 15 do corrente, recebi uma carta do professor W. Denton, habitante de Wellesley, a 10 léguas de Boston, e que é muito conhecido por suas conferências sobre a Geologia e sobre o Espiritualismo. Ele me participava por escrito que tinha encontrado um meio muito simples de obter a moldagem deis mãos e dos dedos materializados, desde que haja à disposição um bom médium. Perguntava-me se a Sra. Hardy consentiria em prestar o seu concurso a essas experiências. Respondi-lhe imediatamente que nos julgaríamos felizes em auxiliá-lo em seus esforços, para demonstrar a realidade do fenômeno das materializações. Na volta do correio, ele me anunciou a sua chegada no dia seguinte, 16. Trouxe os seus preparativos, a respeito dos quais não nos tinha dado informação alguma. Procedemos imediatamente às experiências.

Em uma mesa ordinária de quatro pés de comprimento e 2 de largura, foi colocada uma toalha de modo a obter-se um espaço sombrio em sua parte inferior. O Sr. Denton trouxe um balde com água fervendo, que não o enchia até os bordos, e deitou dentro um pedaço de parafina, que não tardou em fundir-se, sobrenadando. O Sr. Denton colocou o balde por baixo do centro da mesa; A Sra. Hardy tinha tomado lugar em uma das cabeceiras da mesa, tendo o Sr. Denton de um lado e a mim do outro. A fiscalização de suas mãos era supérflua, pois que assentavam sobre a mesa, o que permitia vigiar a sua menor deslocação.

Alguns minutos depois, ouvimos o ruído da água posta em movimento, e então os agentes invisíveis nos anunciaram o êxito da experiência (...). Obtivemos, por esse meio, de quinze a vinte formas que mostravam distintamente o desenho deis unhas e de todas as Unheis que sulcavam a pele. Esses dedos podem ser classificados em cinco categorias de dimensões: três ou quatro dentre eles pertenciam a crianças de um a três anos; as outras formeis eram muito maiores; finalmente havia uma dentre elas que representava um polegar de tal tamanho como nunca tínhamos visto igual, com a unha e todas as linhas muito claramente salientes.

*Todos esses moldes se acham nesse momento em poder do Sr. Denton, que se propõe a publicar aquela experiência, minuciosamente no próximo número do **Banner**, com a sua assinatura. Esses fatos falam por si mesmos e marcam uma conquista importante no*

progresso das coisas. Os fenômenos que cito produziram-se em pleno dia, se bem que as cortinas estivessem cerradas; não havia gabinete, e a médium não foi coberta com pano algum; tudo se passava na mesma sala, e nenhum movimento das pessoas presentes podia escapar aos outros assistentes.”

*Boston, 20 de setembro de 1875.
John Hardy.”⁽¹⁾*

⁽¹⁾ V. AKSAKOF, Alexandre. Animismo e Espiritismo. I Vol., pp. 165 e 166.

O conhecido pesquisador norte-americano, realizando, depois, algumas experiências com a Sra. HARDY, conseguiu a moldagem de “uma mão perfeita, em tamanho natural”, produzida “numa caixa fechada”. Em seu relatório, depois de descrever o ocorrido, acentua:

“A experiência de modelagem, associada com a chamada fotografia espírita, dá provas objetivas da ação de uma força inteligente exterior a qualquer organismo visível e oferece uma boa base à investigação científica.

A pergunta: ‘Como teria sido produzida essa moldagem dentro da caixa?’ leva a considerações que devem ser de máxima importância para a filosofia do futuro, do mesmo modo que sobre problemas de psicologia e de fisiologia e abre novos horizontes às forças latentes e ao alto destino do homem.”⁽²⁾

⁽²⁾ V. DOYLE, Conan A. Op. cit., p. 390.

Registros que se seguiram passaram a dar conta de múltiplas ocorrências desse tipo, na Europa e nos Estados Unidos, inclusive com médiuns famosos, como Eusápia PALADINO, EGLINTON, os irmãos DAVENPORT, etc.

Gustave GELEY, acompanhado de outros respeitáveis pesquisadores, por exemplo, realizou experiências memoráveis com o médium polonês Franek KLUSKI, entre outros.

Descrevendo uma das onze reuniões realizadas com KLUSKI, presentes, também, Charles RICHET (que segurava a mão do médium) e outros investigadores, informa GELEY, que se resolveu fazer um teste especial para a verificação da autenticidade do fenômeno.

Sem que o médium tivesse conhecimento, colocou-se, na vasilha de cera, mantida em ponto de fusão por meio de água fervente, a substância colesterina, que evidenciaria a eventual existência de fraude.

Relata GELEY:

“A luz muito fraca não permitia que se assistisse ao fenômeno; éramos advertidos do momento de mergulhar a mão, pelo ruído no líquido. A operação exigia duas ou três imersões. A mão que estava agindo era mergulhada no vaso, retirada coberta de parafina quente, tocava as mãos dos controladores da experiência e então era mergulhada novamente na cera. Depois da operação, a luva de parafina, ainda quente e já solidificada, era colocada de novo junto a mão de um dos controladores.”

Informa C. DOYLE que, nessa reunião, foram obtidos nove moldes: sete de mãos, um de pé, e outro de um queixo com lábios. “Examinada a cera de que eram feitos” - comenta o autor “constatou-se a reação característica da colesterina. (...) É preciso dizer que as moldagens

mostram as dobras da pele, as unhas e as veias, as quais, de modo algum, se parecem com as do médium (...) Escultores e reputados modeladores declararam que não conhecem nenhum método de produção de moldagens semelhantes às obtidas nas sessões com KLUSKI.”⁽³⁾

⁽³⁾ V. DOYLE, Conan A. Op. cit., p. 391

As modelagens, às vezes, mostram-se surpreendentes, como é o caso, dentre outros, de um fato mencionado por AKSAKOF, ocorrido com o médium William EGLINTON, que, em desdobramento, ensejou a produção do molde de seu pé direito, enquanto todo seu corpo físico permanecia inteiramente visível aos atentos observadores.

Observou, a respeito, o eminente pesquisador russo:

“É um caso surpreendente de desdobramento do corpo do médium, verificado não só pelos olhos, mas estabelecido de maneira absoluta pela reprodução plástica do membro desdobrado. O exemplo não é único, mas se torna particularmente notável por causa das condições nas quais se produziu, principalmente, porque a comissão de organização c/as sessões, que era constituída por pessoas de elevada instrução, já se tinha dedicado a uma série de experiências feitas com todo o cuidado.”⁽⁴⁾

⁽⁴⁾ AKSAKOF, Alexandre. Op. cit., p. 200.

Esse processo, para os Espíritos, aparentemente não apresenta maior dificuldade, desde que presente um médium de ectoplasmia.

ANDRÉ LUIZ, por meio de Francisco Cândido XAVIER, mostra-o claramente:

“(...) Nesse aposento, sobre pequeno fogão elétrico, grande balde de parafina fervente requisitava-nos a atenção.

Um amigo de semblante simpático cobriu a destra com a pasta dúctil que manava fartamente do médium e materializou-a com perfeição, mergulhando-a, logo após, na parafina superaquecida, deixando aos componentes da reunião o primoroso molde como lembrança.”

Nesses trabalhos, às vezes, peculiarmente, não há a produção direta de moldes de parafina ou outro material, mas a impressão de mãos, pés, dedos e, até, rostos, em argila ou outro material, inclusive, farinha devidamente acondicionada em um recipiente.⁽⁵⁾ Tais impressões servem depois, eventualmente, à produção de peças de gesso, se aplicada a devida técnica.

⁽⁵⁾ V. PLAYFAIR, Guy Lyon. A Força Desconhecida. (Orig. The Flying Cow). Rio de Janeiro: RECORD, 1975, p. 62 e segs. Trad. Pinheiro de Lemos.

Diversos médiuns conhecidos prestam-se à produção de impressões, algumas extraordinariamente nítidas. Com Eusápia PALADINO, por exemplo, os Espíritos deixavam suas impressões sobre argila. No Brasil, MIRABELLI protagonizou vários casos. Entre eles, merece citação interessante episódio, em que o Espírito deixa impressões perfeitas em farinha, assim descritas por R. MIKULASCH:

“Numa sessão chefiada pelo Dr. Luiz A/l. Pinto de Queiroz, lente da Escola de Farmácia de Estado, deu-se o seguinte: no decurso da sessão, o médium manifestou que um Espírito

desejava dar aos presentes prova de ali estar, deixando o molde de sua mão. Foi trazido um prato de porcelana, contendo uma camada de farinha de trigo, de alguns centímetros de espessura, que não tinha impressão alguma. Após bem examinado, o prato foi colocado sobre uma estante, dentro de um círculo de observadores, a pedido do médium, e este, em seguida, concentrou-se, permanecendo longo tempo em completa abstração, e depois, como que voltando a si, exclamou: ‘— Deus permitiu que fosse atendida a minha súplica!’ O Dr. Queiroz, então, retirou o prato da estante, sob as vistas de todos e apresentou-o aos assistentes, que constataram a existência, bem visível, sobre a camada de farinha, de uma impressão manual, fina, de traços delicados, parecendo ser de pessoa do sexo feminino. Ninguém havia tido contato com o prato, pois todos se haviam mantido afastados. O médium informou tratar-se da impressão da mão de Regina Loureiro de Araújo Góes, a falecida esposa do Dr. Eurico Góes. Este, estando presente, apressou-se em examinar mais detidamente o molde e afirmou, sem constrangimento, que havia extrema semelhança com a mão de sua esposa. Posteriormente, Dr. Eurico Góes relatou por escrito: ‘Trata-se da moldagem, num prato contendo farinha de trigo, da mão direita de minha falecida mulher, Regina L. A. Góes, cujo contorno e cujas particularidades anatômicas, diante da fotografia que possuo, não reluto em publicar.’⁽⁶⁾

⁽⁶⁾ MIKULASCH, Rodolpho. O Médium Mirabelli. Resultado de um Inquérito. Santos, 1926. Conf. L. PALHANO JÚNIOR. Mirabelli: Um Médium Extraordinário, p. 73.

Finalmente, outro fenômeno que se inclui no capítulo das moldagens é a feitura de flores em parafina. O Espírito materializado, muitas vezes em demorada operação, manipulando a parafina que paira sobre a água quente, forma com grande habilidade técnica, flores de diversos tipos.

Não se trata de fato raro e que, com os outros tipos de moldagens, mercê dos esforços de abnegados benfeitores espirituais, servem de prova definitiva da existência do mundo espiritual e da constante presença de Espíritos desencarnados entre os encarnados.

XXX- DEFORMAÇÃO DE OBJETOS

Fenômenos ocorrentes, principalmente, em trabalhos de materialização, caracterizados por alterações físicas em alguns objetos, quase sempre, reversíveis.

Exemplo típico é a deformação de discos, que são simplesmente enrolados, permanecendo, entretanto, plenamente visíveis e ordenados os sulcos das gravações.

No Brasil, têm sido alvo de estudo diversas ocorrências desse tipo, com médiuns conhecidos. Entre eles, por exemplo, o médium Fábio MACHADO, que servia a uma equipe espiritual especializada na produção de fenômenos físicos.

Em obra dedicada ao tema, R. A. RANIERI, documenta vários e importantes episódios de materialização e outros efeitos.

Referindo-se à deformação de discos, descreve um dos eventos que testemunhou, com o referido médium:

“Aproximou-se (Zé Grosso) de mim e disse que ia fazer uma ‘mágica’.

Eu lhe respondi que estava esperando a mágica.

Ele então me mostrou um disco de vitrola, que iluminou com sua lâmpada e me perguntou:

— Está vendo este disco, Ranieri?

— Estou, respondi-lhe.

— Segure no disco e não solte. Vou contar até três. Quando atingir o três você o solte e segure imediatamente.

Eu assim fiz. Segurei o disco. Quando contou: três, eu o larguei e segurei instantaneamente.

Qual não foi minha surpresa: o disco estava completamente enrolado como se fosse um canudo, em minhas mãos.

Admirado, propus-lhe o seguinte:

— Gostei da mágica, Zé Grosso. Será que você não poderia fazer o contrário, isto é, desenrolar o disco outra vez?

Ele concordou com a proposta.

Eu examinei então o disco detidamente, o que já fizera da primeira vez, li o nome da música e o autor, e aguardei o resultado.

Ao contar de novo três, o disco, o mesmo disco, estava perfeito e desenrolado em minhas mãos.

Agradei e pedi ao Zé Grosso repetir a mágica enrolando o disco de novo, pois eu desejava levá-lo enrolado para o Grupo ‘André Luiz’, o que fiz. E lá se encontra o disco”.⁽¹⁾

⁽¹⁾ . RANIERI, R. A. Materializações Luminosas. 5. ed. São Paulo: FEESP, 1995, pp. 104 a 107.

O processo da deformação também continua desconhecido, em sua essência, embora algumas Informações esparsas existam a respeito.

Entre elas, a colhida pelo citado autor, do Espírito Zé Grosso - missionário que muito atuou em trabalhos de ectoplasmia -, após a obtenção de um disco deformado:

“Perguntei ao Zé Grosso como é que ele realizava o fenômeno e ele me respondeu muito simplesmente:

— É com um aparelho que temos aqui. Esse aparelho serve para muitas outras coisas sérias e eu aproveitei para realizar a minha ‘mágica’”⁽²⁾

⁽²⁾ RANIERI, R. A. Materializações Luminosas. 5. ed. São Paulo: FEESP, 1995, p. 107.

Essas e outras informações correspondem às transmitidas pelo Espírito ANDRÉ LUIZ, por meio de F. C. XAVIER, dando conta de que os Espíritos utilizam aparelhos especiais, em suas múltiplas intervenções na dimensão física, aparelhos esses, que, com o tempo, serão reproduzidos materialmente na Terra, tal como ocorreu com os demais já existentes.

E a lição resultante, como, aliás, ensinam os Mestres Espirituais, é que a realidade material reflete a realidade espiritual.

Resta, assim, a esperança de que num futuro não muito longínquo, conhecer-se-á o inteiro processo de mais esse fenômeno.

XXXI- DESMATERIALIZAÇÃO - REMATERIALIZAÇÃO

Processo pelo qual, pessoas, vegetais e objetos perdem, transitoriamente, parcial ou totalmente, a visibilidade ou a tangibilidade, ou ambas.

Rematerialização é o processo inverso, pelo qual readquirem a visibilidade ou a tangibilidade, ou ambas.

A desmaterialização pode ser parcial ou total. Ao que parece, não se trataria de desintegração da matéria, propriamente, que, apenas, passaria a vibrar em outra dimensão, sob a sustentação do perispírito.

Vários médiuns famosos serviram a esses tipos de fenômenos.

AKSAKOF refere-se, entre outras, a uma notável experiência com Mme. D'ESPERANCE, em casa do Sr. SEILING, engenheiro, na presença de um grupo de pessoas altamente conceituadas, na cidade de Helsingfors, Finlândia, que lhe foi assim descrita por Vera HJELT, diretora de uma conhecida instituição educacional:

“... Alguns instantes mais tarde, as mãos da médium tornaram a cair sobre os joelhos. Vi, então, que os tateava, e observei que ela se agitava cada vez mais. Isso me pareceu curioso: inclinei-me para diante, e procurei, com o maior empenho, compreender o que se passava. A médium soltou de novo esse profundo suspiro que fazia supor alguma sensação bem desagradável.

Ainda alguns segundos, e ela disse ao meu primeiro vizinho da esquerda, o Sr. Seiling:
— *Dê-me a sua mão.*

O Sr. Seiling levantou-se e estendeu-lhe a mão. A médium disse, então:

— *Toque aqui.*

O Sr. Seiling exclamou:

— *É extraordinário: eu vejo a Sra. D'Espérance, ouço-a falar, mas, apalpando a cadeira, acho-a vazia; ela não está aqui; apenas cá encontro o seu vestido.*

O tateamento parecia produzir uma viva dor na médium; ela, entretanto, convidou, ainda, várias pessoas a irem apalpar a cadeira.

Tomou as mãos do Sr. Toppelius nas suas e passou-as sobre a parte superior do seu corpo, até que, subitamente, tocassem o assento da cadeira; este exprimiu por diversas vezes o seu espanto e assombro, por meio de viveis exclamações.

A médium permitiu que cinco pessoas verificassem o fenômeno, e, de cada uma dessas vezes, parecia sentir uma grande dor.(...)

Nessas ocasiões, eu lhe via distintamente, não só a frente do corpo, mas também as costas, que se destacavam na cortina branca. A forma de sua cabeça desenhava-se tão nitidamente que até pude distinguir-lhe o cabelo. Não posso lembrar-me como a parte superior prolongava-se-lhe abaixo do talhe, mas do que estou certa é de que era vista ainda abaixo do talhe; o que me pareceu um fato importante é que eu via, durante todo o tempo, a médium da mesma altura que eu.

(...) Alguém do círculo propôs que se terminasse a sessão, visto que já se esgotavam as forças da médium. Mas, esta se opôs e pediu para continuar a sessão, até que suas pernas lhe fossem restituídas.

Continuamos, pois, e eu tinha sempre o olhar atento para a parte inferior do corpo da médium, a fim de observar bem a reposição das pernas.

Sem que se produzisse o menor movimento nos seus vestidos, ouvi a médium dizer: ‘Assim vai bem’; alguns instantes mais tarde, ela disse vivamente: ‘Ei-las aqui!’ Quanto às dobras

*do seu vestido, eu as vi, por assim dizer, encherem-se e, sem que soubesse como, as pontas dos pés reapareceram cruzadas como o haviam sido antes do fenômeno...
Entreí depois em conversação com a médium, a qual me disse ser-lhe desconhecido o fenômeno que acabava de dar-se. Parece-me que, até então, ela não tinha podido observar e comprovar, por si própria, as desmaterializações. Ficara, portanto, extremamente surpreendida quando, ao colocar as mãos nos joelhos, notara que a cadeira estava vazia. Querendo que o fato fosse verificado por outros, pedira ao Sr. Seiling que tocasse a cadeira. Acrescentou que tinha tido a sensação de que a parte inferior do seu corpo estava sempre no mesmo lugar, mas não podia ser percebida pelas suas mãos.”* ⁽¹⁾

⁽¹⁾ AKSAKOF, Alexandre. Um caso de Desmaterialização, pp. 46 a 49.

*

Se a desmaterialização de pessoas não é comum, isso não ocorre em relação aos objetos. De fato, grande parte dos médiuns de ectoplasmia, cujos nomes encontram menção nos anais espíritas, prestaram-se à desmaterialização de plantas e objetos de todo porte, sendo que, na maioria das vezes, encontram-se associados ao fenômeno de transporte. ⁽²⁾

⁽²⁾ V. Adiante, **Transporte**.

Numerosos são os fatos documentados. Os episódios a seguir destacados servem bem de ilustração.

O primeiro, transcrito por BOZZANO, da obra do teólogo anglicano e astrônomo, Rev. Charles TWEEDALE, *Man's survival after death* (A sobrevivência do homem depois da morte) é assim narrado:

“Eram 21 horas e 20 minutos; minha mãe achava-se com uma pequena ferida no couro cabeludo. Na sala de jantar, encontrávamo-nos eu, minha esposa e minha progenitora, todos em um grupo apertado, pois a terceira estava sentada numa poltrona, enquanto minha esposa lhe apartava o cabelo com a mão a fim de examinar a ferida e eu, junto a essa, observava. Aconteceu-me, não sei como, levantar os olhos e vi algo de saliente que parecia brotar de um ponto do teto, no ângulo do quarto, perto da janela, a certa distância de minha esposa - que tinha as costas voltadas para aquele ponto - de cerca de três jardas e um quarto e de perto de quatro jardas de mim, que me achava defronte dela. E eis que sai um objeto daquela parte do teto, o qual voa através do referido aposento, sempre junto ao teto, bate na parede, em que estava encostado o piano, e cai em cima desse, fazendo ressoar-lhe as cordas, e daí ao chão, onde rolou por certo tempo.

Apressei-me em recolhê-lo e verifiquei, com surpresa, que se tratava de um frasquinho de unguento para a cura da ferida, frasquinho esse que a minha mãe tinha guardado à chave no seu armário!”

O segundo evento, também referido por BOZZANO, é assim descrito:

“No dia 11 de novembro de 1913, minha filha Marjorie e uma empregada se encontravam na sala de jantar, debaixo do lustre central, quando viram sair, lentamente, da parte do teto, uma comprida bengala de três pés, que caiu sobre a mesa, sem deixar no teto nenhum sinal de sua passagem.” ⁽³⁾

⁽³⁾ BOZZANO, Ernesto. Fenômenos de Transporte. 3. ed. São Paulo: FEESP, 1989, p. 74. Trad. Francisco Klörs Werneck.

Outro caso, citado por PALHANO JR., foi protagonizado por Mirabelli:

“Uma tarde, apareceram na Academia os Srs. Dr. François Norbert, médico conceituado, seu filho, estudante de Medicina, e o ilustrado engenheiro Dr. Rocha Lima, que foram convidar o médium Mirabelli para um passeio de automóvel. Saíram todos e mais o Dr. Thadeu, na limousine de luxo, de propriedade do Dr. François. Como a tarde estava fria, fecharam todo o carro, subindo os vidros. Num dado momento, Mirabelli disse sentir qualquer coisa anormal. O ambiente dentro do carro se tornava mais ameno. Nisso, um galho de roseira, coberto de rosas, atravessou o vidro da limousine, foi ao forro e caiu no meio dos passageiros. Em seguida, o Dr. Rocha Lima sentiu ligeiro toque no chapéu e, ao relatar o fato, Mirabelli disse estar vendo sair de uma estante envidraçada, fechada, do escritório do Dr. Thadeu, na Rua José, uma pequena lente, que atravessando o espaço, viria cair na cabeça do Dr. Rocha Lima, como de fato caiu, ou melhor, foi pousar, suavemente, na copa do seu chapéu”. ⁽⁵⁾

⁽⁵⁾ Academia Brasileira de Metapsíquica, Rio de Janeiro.

Fato ocorrido com o famoso médium Henry SLADE, em que o Dr. Eugene CROWELL, autor de *The Identity of Primitive Christianity with Modern Spiritualism* (A identificação do Cristianismo Primitivo com o Moderno Espiritualismo) trouxe-lhe um frasco de água para ser fluidificado, é assim descrito pelo pesquisador:

“Nós estávamos sentados numa sala bem iluminada, os raios de sol caindo sobre o chão, e ninguém mais presente a não ser nós. Duas vezes o médium disse que viu uma mão de espírito agarrando o frasco e eu supus que os espíritos estivessem magnetizando e conservei meus olhos diretamente nele. Nada via, até que, repentinamente, no mesmo instante, nós ambos vimos um flash de luz aparentemente procedendo do frasco e este desapareceu. Eu me levantei imediatamente e inspecionei cada parte da sala, que desde o início tinha estado fechada, sob a mesa, cadeiras e sofá, mas o frasco não foi encontrado. Então voltando a meu assento e em cerca de quinze minutos, enquanto as duas mãos do médium estavam seguras mis minhas sobre a mesa, eu senti alguma coisa cair no meu colo, e olhando para baixo observei o frasco rolando de meus joelhos para o chão. Ao pegá-lo ambos notamos que a água tinha adquirido uma cor levemente púrpura (...). ⁽⁶⁾

⁽⁶⁾ Enciclopaedia of Psychic Science, p. 254. (Trad. Mary Eudóxia da Silva Sistonen).

Esses fatos, como tantos outros, mostram quatro momentos importantes: (1) objeto sólido; (2) sua desmaterialização; (3) o seu transporte; (4) a rematerialização. Trata-se de fenômeno cuja explicação, em sua inteireza, ainda se nos escapa. Aceitável, todavia, a hipótese de que a desmaterialização do objeto propiciaria as condições para o seu transporte através dos obstáculos. A sua rematerialização complementaria o processo. Entrementes, o que, às vezes, se observa em certos fenômenos em que se conjugam a materialização, a desmaterialização e a rematerialização (ou, às vezes, só a materialização), é

o evidente desgaste físico do médium durante a ocorrência, por requisitarem mais recursos ectoplásmicos do que em outros.

E não são poucos os casos de significativa perda de peso por parte do médium meticolosamente verificada ao final da reunião, por respeitáveis pesquisadores.

Fenômeno de transporte de seres vivos ou objetos através de obstáculos físicos. ⁽¹⁾

⁽¹⁾ O fenômeno de transporte não se confunde com o fenômeno de deslocamento de objetos. (V. adiante, Deslocamento de objetos)

Reiteradas experiências mostraram que o transporte pode se verificar do exterior para o interior do recinto da reunião e, deste para o exterior, às vezes, até, para locais bem distantes. No primeiro caso, tem-se o fenômeno de aporte (do francês apport). No segundo, o de deporte (déport).

Trata-se de uma ocorrência de extraordinária significação para a comprovação da realidade espiritual, chegando, mesmo, a chocar as mentes mais céticas.

Ressalte-se que a formidável repercussão desses tipos de ocorrências deve-se, principalmente, aos fenômenos de desmaterialização e rematerialização que, geralmente, as acompanham, como já visto. Corpos e objetos, desmaterializados, passam pelas portas e janelas fechadas, materializando-se depois, muitas vezes, sob plena claridade, para surpresa e espanto dos presentes.

*

Vários médiuns conhecidos serviram a esse tipo de manifestação, entre eles, Elizabeth D'ESPERANCE (1855- 1919), sob o controle espiritual de uma jovem árabe que se apresentava com o nome de **Iolande**. Entre as muitas ocorrências, vale destacar um caso ocorrido numa reunião de 4 de agosto de 1880, descrito por um dos assistentes e constante em obra da própria médium:

*“**Iolande** caminhou até onde o Sr. Reimers se achava sentado (o Sr. Reimers é muito conhecido na Europa como espírita distinto) e convidou-o a aproximar-se do gabinete para testemunhar certos preparativos que eia ia fazer. (...)*

Quando em companhia do Sr. Reimers, chegou ao centro do círculo, fez compreender o seu desejo de ter água e areia, e depois, fazendo seu companheiro ajoelhar-se diante de si, mandou-o que pusesse a areia em uma garrafa, o que foi feito até que atingisse o meio. Em seguida mandou aí entornar a água.

O Sr. Reimers, tendo sacudido fortemente a garrafa, passou-a a Iolanda, que, depois de examiná-la com cuidado, a colocou no chão, cobrindo-a apenas com um pano que retirou dos seus ombros. Daí, entrou no gabinete, donde voltou uma ou duas vezes, no fim de curtos intervalos, para ver o que se passava.

Por pancadas produzidas no soalho, fomos convidados a cantar, com o fim de harmonizarmos os nossos pensamentos e destruímos o excesso de curiosidade que, em maior ou menor grau, todos pudésemos sentir.

Durante o canto, observamos que o pano parecia ir elevando-se acima da garrafa; o fato era visível a vinte testemunheis cuidadosamente atentas.

***Iolande** saiu do gabinete e encarou a garrafa com inquietação. Examinou-a minuciosamente e buscou sustentar o véu, como se ele ameaçasse esmagar algum objeto frágil colocado debaixo. Finalmente, retirou-o de todo, expondo às nossas vistas atônitas uma planta perfeita, que parecia pertencer à família das lauráceas.*

Levantou a garrafa em que a planta havia brotado; suas raízes eram visíveis através do vidro e estavam profundamente mergulhadas na areia.

(...) A flor tinha uma bela cor vermelho-alaranjada, ou antes, a do salmão; como nunca observei essas variedades de cores, parece-me difícil descrevê-las por palavras.

A inflorescência compunha-se aproximadamente de cento e cinquenta pequenas corolas com a forma de estrelas, presas a hastes longas. A planta media vinte e duas polegadas de altura e, com o seu grosso caule fibroso, enchia o gargalo da garrafa. Suas folhas eram em número de vinte e nove e mediam, mais ou menos, duas a duas e meia polegadas de largura, por sete e meia polegadas de máximo comprimento. Cada folha era Usa e lustrosa, assemelhando-se, à primeira vista, às do loureiro, como supusemos a princípio. As raízes fibrosas pareciam ter crescido naturalmente na areia.

Mais tarde fotografamos a planta na sua garrafa, pois não foi possível retirá-la daí, devido à estreiteza do gargalo, que impedia a passagem da raiz, e também porque a haste enchia completamente o orifício.

Soubemos então que a planta era a ‘Ixora crocata, originária da Índia.’” (2)

(2) D’ESPERANCE, E. No País das Sombras. (Orig. Shadow Land). 6. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1992, pp. 188 a 190.

Em outra reunião assistida por dezenove pessoas foi solicitado a cada um para indicar o fruto que desejava receber:

“Feita a lista, desta constou o seguinte: uma banana, duas laranjas, um cacho de uvas brancas, um cacho de uvas pretas, um punhado de avelãs, três nozes, uma dúzia de ameixas, uma fatia de abacaxi cristalizado, três figos, duas maçãs, uma cebola, um pêssigo, algumas amêndoas, quatro uvas grades, três tâmaras, uma batata, duas pêras grandes, uma romã, duas ameixas ‘rainha — cláudia’ cristalizadas, um punhado de passas de ‘uva-de-corinto’, um limão e um grande cacho de belas passas.”

O pedido foi atendido e tudo foi transportado “na ordem e na medida em que fora solicitado”. (3)

(3) ANDRADE, Hernani Guimarães. Você, o Poltergeist e os Locais Mal-Assombrados. Votuporanga (SP): DIDIER, 2006, p. 133.

Elizabeth D’ESPERANCE (Elizabeth HOPE) foi um dos nomes mais importantes da história das pesquisas mediúnicas, contribuindo com importantes informações para a compreensão do processo de transporte, de materialização e outros fenômenos de ectoplasmia. Foi, por exemplo, uma das primeiras a revelar a importância da interação entre o médium e os assistentes nos trabalhos de efeitos físicos, confessando a AKSAKOF, entre outras coisas, que nos trabalhos de materialização tinha “náuseas seguidas de vômitos e que ocorria por absorver alguns elementos dos assistentes”. Tal conclusão foi confirmada quando, após experiência realizada em Cristiânia (1893) “ficou surpreendida por não se sentir mal”, sabendo, então, que havia sido proibido aos assistentes o uso do álcool e do fumo. (4)

(4) AKSAKOF, Alexandre. Um Caso de Desmaterialização, p. 85.

A respeito, aliás, dos prejuízos que o fumo e o álcool causam aos trabalhos mediúnicos, Henrique MAGALHÃES narra interessante episódio que testemunhou na cidade de Caratinga (MG), em reunião com o médium Antônio SALES, envolvendo um dirigente que era viciado em charuto e cigarro e que, mesmo advertido, nenhuma providência tomava:

“O Guia Espiritual Dr. Joseph Kleber, denunciou o caso e afirmou que os trabalhos da noite iriam ser prejudicados, porquanto parte do ectoplasma, que deveria ser usado na cura dos enfermos, seria transferido para envolver o culpado, a fim de minimizar o efeito nocivo da sua presença. Entretanto, não lhe enunciou o nome.

No final da reunião, o médium Antônio de Sales, que produzia as materializações, queixou-se da sua saliva que tinha o gosto esquisito do tabaco. E levou bastante tempo a cuspir a saliva empestada.

A criatura culpada mediu o seu erro, denunciou a si própria e pediu para produzir a prece final, o que lhe foi concedido.

Durante a prece, pediu perdão a Deus pelo ma! que tinha causado e solicitou o auxílio dos Guieis daquela Instituição para ajudá-lo... a vencer o habito maldito que o estava dominando.”⁽⁵⁾

⁽⁵⁾ MAGALHÃES, Henrique. Em Prol da Mediunidade - Pequena História do Espiritismo, p. 108.

*

BOZZANO cita, entre outros, um caso interessante de transporte ocorrido com o médium islandês Indride Indridasson e anotado pelo professor da Universidade da Islândia, Harald Nielsson {Mes Experiences en Spiritualisme Experimentale):

“Algumas vezes obtivemos este outro fenômeno: a penetração da matéria através da matéria. Citamos um exemplo: certa noite, em que o poder do médium era extraordinário, o ‘espírito-guia’ informou-o que se sentia capaz de tentar a seguinte prova: apanhar um objeto qualquer em uma casa da cidade e transportá-lo para a mesa das sessões, através das paredes. Esperamos que o médium caísse em transe e só então entramos em acordo sobre a casa a propor para a experiência do ‘transporte’. Logo informamos ao ‘espírito-guia’ que ele poderia escolher entre a casa do bispo e a de um conhecido médico. O espírito comunicante escolheu a casa do médico, observando que o fazia para eliminar possíveis objeções, pois que o médium já fora algumas vezes à casa do bispo. Isto resolvido, ouvi fortíssimas pancadas como jamais tive ocasião de ouvir, nem antes, nem depois.

Continuaram por algum tempo, depois sucedeu uma pausa e o ‘espírito-guia’ anunciou que transportara, da casa do médico, um objeto através do teto. Isto dito, as pancadas fortíssimas voltaram a ribombar e logo depois foi colocado, sobre a mesa, o objeto então transportado, que verificamos consistir em um grande frasco de vidro no qual havia pássaros conservados no álcool.

Telefonou-se imediatamente para a casa do doutor, a fim de assegurar-nos se o objeto transportado lhe pertencia, mas se obteve resposta negativa. O médium, que no intervalo, despertara, adormeceu novamente e o ‘espírito-guia’ tornou a declarar que dissera a verdade, pois ele mesmo retirara o frasco de armário pintado de amarelo, em um quarto da casa do médico, onde, naquele momento, um senhor idoso estava conversando com outras duas pessoas. Tais informações foram comunicadas ao médico, que então foi informar-se, verificando que tudo o que dissera o espírito comunicante era perfeitamente exato. O sogro

do médico se achava então sentado em palestra com outros dois senhores no quarto em que se encontrava o armário descrito pelo espírito. O frasco com os pássaros conservados no álcool pertencia ao sobrinho do médico e desaparecera efetivamente do armário. Em suma, um fenômeno de penetração da matéria através da matéria se dera positivamente.” ⁽⁶⁾

⁽⁶⁾ BOZZANO, Ernesto. Fenômenos de Transporte, pp. 34 e 35.

Outro episódio bem significativo, anotado pelo autor, contou com a participação da célebre médium Eusápia Paladino. É assim descrito por Felice AVELINO, do Circolo Scientifico Minerva:

“A médium era por mim controlada à direita e, por minha irmã, à esquerda. Para o fim da sessão, quando já obtivéramos quanto desejávamos em questão de fantasmas materializados, eis que tomba do alto, com barulhento choque, no meio da mesa, algo de volumoso e pesado. Estendo o braço e apalpo a parte superior da mesa para certificar-me do que acontecera e apareceu-me debaixo da mão um objeto que não demoro a identificar como um pão de quatro pontes, chamado ‘massa de soda’.
Desejoso de ver e analisar melhor este curioso ‘transporte’, peço a John permissão para acender a luz, o que me é concedido, méis, com surpresa geral, apenas acesa a luz, verificamos que nada mais existe ali. Examinamos o interior dos móveis e, finalmente, as duas senhoras presentes inspecionam a médium: tudo é inútil e o pão não é encontrado. Só me resta recorrer a John, a quem perguntei se porventura não o teria ocultado e ele, com um grande golpe desferido na mesa, respondeu afirmativamente. Rogo então vivamente a John que mo restitua, pois desejo mostrá-lo a meus amigos e parentes. Eis a resposta tiptológica de John: ‘Pertence à padaria que fica perto daqui. Se quer ficar com ele, dê-me dois soldos. Tirei logo do bolso os dois soldos, convidando John a recebê-los e ele ordenou tiptologicamente: ‘Apague a luz’. Assim fiz e, ao mesmo tempo, tornamos a formar a cadeia. Eu controlava Eusápia com a esquerda e, apertando entre os dedos da mão direita, a moeda de dois soldos, levantei o braço ao alto. E eis que u’a mão desceu do alto e escamoteou-me, de entre os dedos, a moeda. Decorreram talvez vinte segundos e eis que se faz ouvir outro golpe ruidoso sobre a mesa, idêntico ao ouvido anteriormente. Acesa a luz, apareceu diante de nós o grande pão de ‘massa de soda’, desaparecido um pouco antes. Quanto à moeda de dois soldos, essa desapareceu completamente e não a encontramos em parte alguma.” ⁽⁷⁾

⁽⁷⁾ BOZZANO, Ernesto. Fenômenos de Transporte, p. 50.

Com o médium islandês Einer NIELSEN, em memorável reunião de efeitos ectoplásmicos, apresentou-se uma jovem, Sidse ALSTROF, estando sua mãe presente. Seu registro é emocionante:

“Sidse perguntou à genitora se ainda guardava os seus brincos. A mãe respondeu que tinham sido postos no caixão com ela.
— Você sabe, mamãe, que eu não estou ali. Gostaria que a senhora ficasse com os brincos. Vou tentar trazê-los.
Quando a sessão chegava ao fim, estando o médium ainda em profundo transe, a voz de Sidse se fez de novo ouvir. Então a mãe sentiu que qualquer coisa lhe caía nas mãos. Quando as luzes foram acesas, ela reconheceu os objetos. Além dos brincos, o espírito

trouxera umas bonitas peças de espuma-do-mar encastoadas em ouro, e, também, um pequeno broche de prata.

A Sra. Alstrof contou aos assistentes que ela mesma colocara aquelas peças no ataúde, antes que fosse descido ao túmulo.” ⁽⁸⁾

⁽⁸⁾ In Correio Fraternal do ABC. S. Bernardo Campo (SP), 1998, p. 8 - Anuário Espírita 1972 – Araras-SP.

*

Cármine MIRABELLI foi um dos médiuns que mais serviram à produção de fenômenos de transporte. São muitos os casos arrolados. Entre outros, o que se segue, extraído da ata da reunião realizada em abril de 1933, no Instituto Psíquico Brasileiro de São Paulo:

“Muitos outros fenômenos foram acontecendo. Surgiu, logo, um delicioso perfume, como se fosse uma celestial essência. Perguntou-se ao médium qual era a origem de tão suave aroma e ele disse provir deis flores do jardim que circundava o edifício e anunciou que, embora as portas e janelas estivessem fechadas, elas iriam ser transportadas para dentro da sala. Do alto do salão, foram aparecendo, em grande quantidade, os mais lindos cravos e as mais belas e variadas rosas e camélias, cujas pétalas atestavam a frescura das flores recém-retiradas de suas hastes. As flores eram apenas as mensagens da notícia da chegada de uma estátua, imagem de Santa Terezinha, a qual se encontrava fora, noutra construção existente perto do edifício do Instituto. A imagem chegou, suavemente, pelo ar e foi pousar, de mansinho, no salão. Logo em seguida, foi transportada para o seu lugar de origem. O peso da estátua era de oito quilos.” (!) ⁽⁹⁾

⁽⁹⁾ PALHANO JR., L. Mirabelli: um Médium Extraordinário, pp. 118 e 119.

Mirabelli, como Mme. D'ESPERANCE, protagonizou casos de desmaterialização e transporte, realmente impressionantes. ⁽¹⁰⁾ Entre eles, um episódio, envolvendo, também, o fenômeno de levitação, publicado no jornal Vanguarda, de Niterói, e transcrito da ata de uma reunião realizada em abril de 1933, com a presença de “pelo menos, 26 pessoas cultas e da elite intelectual (...), entre elas o cientista alemão Dr. Bruno HECKMANN”:

⁽¹⁰⁾ Outra médium que se tornou famosa pelos aportes que protagonizou, alguns deles em plena luz, foi Agnes Nichol GUPPY, cujos trabalhos eram assistidos, inclusive, pelo notável pesquisador Alfred Russell WALLACE, coautor da Teoria da Evolução.

“Logo depois (de outra ocorrência), deu-se um segundo fenômeno: grande foco luminoso dirigiu-se à cabeça do médium, sem que se pudesse materialmente saber-lhe a origem, e, de súbito, Mirabelli sumiu, desapareceu completamente da vista de todos. Imediatamente, foi ouvido um grande barulho no aposento ao lado, que servia de Secretaria do Instituto Psíquico Brasileiro. Todos se dirigiram para lá e encontraram o médium suspenso no ar, a três metros do solo, levitando, sem qualquer ponto de apoio, vindo, então, suavemente, pelo ar, pairando, até pousar sobre uma mesa existente na mesma sala. Após a estupefação geral, todos os assistentes voltaram aos lugares, no salão (...)” ⁽¹¹⁾

⁽¹¹⁾ PALHANO JR., L. Mirabelli: um Médium Extraordinário, pp. 114 e 115.

Fenômenos únicos aconteciam com MIRABELLI. Em 1930, o conhecido periódico inglês, *Psychic Research*, com base em documentos incontestáveis, noticiava o transporte do médium da estação ferroviária da Luz, para cidade de São Vicente, a uma distância aproximada de 90 quilômetros: “o médium estava na estação da Luz, em companhia de certo número de pessoas e pretendia viajar para Santos. Um pouco antes de o trem sair, ele repentinamente desapareceu para assombro de todos, sendo cientificada sua presença em São Vicente, mais tarde, por telefone, ficando provado que ele foi encontrado na cidade, exatamente dois minutos após seu desaparecimento.”⁽¹²⁾

⁽¹²⁾ Encyclopaedia of Psychic..., p. 394.

Um bom número de casos semelhantes encontram-se documentados nos registros históricos da mediunidade. Por exemplo, o periódico alemão *Psychische Studien* (jan-fev, 1906), publicando uma das experiências com o médium norte-americano, C. V. MILLER, relata:

“Betsy, o controle principal do Sr. Miller, chamou Herr Reichel para dentro da cabine, com o objetivo dele assegurar-se da presença do médium dormindo. Ele examinou tudo novamente e considerou impossível que o médium pudesse deixar a cabine de modo normal; na frente da cortina estavam sentadas 27 pessoas que formavam o círculo aquela noite, e as janelas davam vista para uma rua muito movimentada. O tempo, ainda mais, estava úmido e ventando, e teria sido impossível, ele diz, abrir a janela sem causar uma corrente de ar a ser sentida por todos. Depois de aproximadamente 4 minutos, Betsy pediu a ele ir com mais três pessoas ao primeiro andar e a governanta do Sr. Miller deu-lhes a chave. Eles encontraram o médium respirando pesadamente sobre uma cadeira; trouxeram-no de volta a sala de sessão, onde ele acordou, de nada se recordando.”

Interessante anotar que tais eventos são registrados, às vezes, sem menção aos nomes dos médiuns participantes, se bem que, como se sabe, os recursos ectoplásmicos para a produção dos fenômenos podem, em caráter complementar ou não, ser trazidos do exterior do recinto dos trabalhos.

Ê o caso, entre outros, do episódio que se encontra registrado no *Annals of Psychic Science* (Vol. IX), ocorrido em S. José, Costa Rica, com os filhos do Sr. Buenaventura CORRALES, três meninas e um jovem que, separados ou juntos, desapareciam da sala de reunião, eram vistos no jardim, retornando, depois, ao recinto dos trabalhos. O respeitável repertório inglês, com base no relato do Dr. Albert BRENES, professor acadêmico, que testemunhou os fatos, informa:

“Passaram-se alguns minutos em absoluto silêncio. Repentinamente ouvimos batidas vindas do pavilhão; nós aumentamos o gás e percebemos que as crianças não estavam mais ali. As portas foram examinadas e concluiu-se estar completamente fechadas. Duas pessoas foram designadas para procurar as crianças. Quando a porta da sala foi aberta, elas foram encontradas em pé, em fila, contando e rindo do que tinha acontecido.

Elas disseram que foram trazidas ali, uma a uma; primeiro a pequena Flora, então Berta e finalmente Miguel - de sete, doze e dez anos, respectivamente.

Nós, então, perguntamos como elas tinham sido carregadas e elas responderam que tinham sentido uma pressão sob os braços, foram levantadas no ar e colocadas onde foram encontradas, mas não sabiam contar mais nada.

Os dois investigadores pediram então aos Espíritos para repetir a translação, mas na direção inversa; eles recomendaram que as crianças permanecessem em silêncio onde elas estavam e fechando a porta, retornaram a sala de sessão para relatar o que havia acontecido.

Nós reassumimos a sessão após tomar as precauções necessárias de fechar as portas. Então Ruiz veio e após recomendar a todos elevarmos nossos espíritos, disse em voz clara e enérgica: ‘Deixe eis crianças virem’. Imediatamente uma delas falou: ‘Nós estamos aqui’. A luz foi aumentada e as três crianças apareceram em linha, na mesma ordem em que elas tinham sido encontradas antes. Nesta ocasião, todas as três tinham sido transportadas ao mesmo tempo” (!) ⁽¹³⁾

¹³⁾ Encyclopaedia of Psychic..., pp. 393 e 394.

Como ocorre com outros fenômenos, o transporte, como tal, pressupondo a desmaterialização e a conseqüente rematerialização dos corpos e objetos transportados, não é, ainda, conhecido em sua intimidade.

Todavia, alguns apontamentos a respeito, já presentes na literatura espírita, possibilitam algum entendimento acerca do mecanismo de tal processo.

Assim, por exemplo, escreve ANDRÉ LUIZ, por intermédio de F. C. XAVIER:

“Terminado que foi o trabalho medicamentoso, um risonho companheiro de nossa esfera tomou pequena porção das forças materializantes do médium sobre as mãos e afastou-se para trazer, daí a instantes, algumas flores que foram distribuídas com os irmãos encarnados, no intuito de sossegar-lhes a mente excitada.

Calmando-nos a curiosidade, Áulus esclareceu:

— É o transporte comum, realizado com reduzida cooperação das energias medianímicas. Nosso amigo - e designou com a destra o emissário das flores - apenas tomou diminuta quantidade de força ectoplásmica, formando somente pequeninas cristalizações superficiais do polegar e do indicador, em ambas as mãos, a fim de colher as flores e trazê-las até nós (...)

— E se fosse o médium o objeto do transporte? Traspassaria a barreira nas mesmas circunstâncias?

— Perfeitamente, desde que esteja mantido sob nosso controle, intimamente associado às nossas forças, porque dispomos entre nós de técnicos bastante competentes para desmaterializar os elementos físicos e reconstituí-los de imediato, cônscios da responsabilidade que assumem.

E sorrindo:

— Você não pode esquecer que as flores transpuseram o tampume de alvenaria, penetrando aqui com semelhante auxílio. De idêntica maneira, caso encontrássemos utilidade num lance dessa natureza, o instrumento que nos serve de base ao trabalho poderia ser removido para o exterior com a mesma facilidade. As cidadelas atômicas, em qualquer construção da forma física, não são fortalezas maciças qual acontece em nossa própria esfera de ação.”

⁽¹⁴⁾

⁽¹⁴⁾ Xavier, Francisco C. Espírito André LUIZ. NOS Domínios da Me- diunidade, pp. 269 e 270.

Gabriel DELANNE formula interessante hipótese sobre a dinâmica do fenômeno:

“Todos os corpos são porosos; não se tocando, suas moléculas podem dar passagem a um corpo estranho.

Os Acadêmicos de Florença tinham demonstrado este ponto, fazendo violenta pressão sobre a água encerrada em uma esfera de ouro; ao fim de pouco tempo via-se o líquido transudar por pequenas gotas, na superfície da esfera.

Verificamos, por esses diferentes exemplos, que a matéria pode atravessar a matéria. Nos casos que acabamos de citar, é preciso empregar a pressão ou o calor para dilatar as substâncias que se quer fazer atravessar por outras. Isto é necessário, porque as moléculas do corpo que atravessa, não adquirindo o grau suficiente de dilatação, ficam cerradas umas contra as outras. Mas, se supusermos um estado da matéria em que as moléculas sejam muito menos aproximadas e eminentemente tênues, poderá ela atravessar todas as substâncias, sem necessidade de manipulação.” ⁽¹⁵⁾

⁽¹⁵⁾ DELANNE, Gabriel. O Espiritismo perante a Ciência, pp. 237 e 238.

Importante, certamente, a contribuição de DELANNE e de outros respeitáveis pesquisadores, semeando condições para um futuro entendimento desses fenômenos, tão extraordinários, quão autênticos.

Todavia, as informações de ANDRÉ LUIZ mostram-se razoavelmente elucidativas. De fato, bem plausível a hipótese de que a desmaterialização do objeto - que não significa sua desintegração, propriamente – ⁽¹⁶⁾ propiciaria as condições para o seu transporte através dos obstáculos. A rematerialização restabeleceria o seu estado primitivo.

⁽¹⁶⁾ V. Desmaterialização – Rematerialização.

XXXIII- ENDOPORTE - EXOPORTE

Endoporte é o transporte de objetos, resíduos orgânicos ou inorgânicos e certos seres vivos - ou com aparência de vivos - para o interior do corpo humano. ⁽¹⁾

⁽¹⁾ Tal fenômeno diz com o processo obsessivo.

Exoporte, no inverso, é a retirada e o transporte desses elementos, do interior do corpo para o exterior. ⁽²⁾

⁽²⁾ Ocorrências há em que, por exemplo, agulhas e pregos brotam da pele da pessoa, de forma contínua, como que trazidos pela ação espiritual, à superfície do corpo, para serem expulsos, praticamente sem dor.

Como nos casos de transporte comum, supõem, quase sempre, a desmaterialização e consequente rematerialização do que é transportado.

Trata-se, na verdade, de manifestações tão insólitas que chegam a surpreender até os mais experientes pesquisadores.

Valiosos os depoimentos de José Herculano PIRES a respeito. Entre os fatos observados, pessoalmente, o famoso autor cita o caso de uma jovem, alvo de uma pertinaz obsessão:

“Uma jovem funcionária de determinada empresa sofre há 14 anos da ocorrência desse fenômeno com pregos, arames e outros objetos que aparecem introduzidos em seu corpo, particularmente nas mãos. Esses objetos são expelidos, mas não raro encravam e necessitam de socorro cirúrgico. Cuia automóveis e realiza outros serviços. Expele às vezes pela boca, acompanhado de sangue, pedaços de arame e pregos. Como sempre, só procurou os recursos do Espiritismo depois de haver tentado a solução do problema em outros campos.

Tem as mãos deformadas por intervenções cirúrgicas de extração forçada de pregos e arames em posição difícil.

Esse caso revelou-nos a necessidade de se encarar, sem preconceitos e sem precipitações, a solução do problema do endoporte. É bastante angustiada a situação deis vítimas, que além de suas dores físicas têm de enfrentar as suspeições de seu ambiente familiar, de seu local de trabalho e dos círculos de amizade. É fácil imaginar-se o que sofrem, as dificuldades que enfrentam.

A jovem R. desligou-se da família e mora em casa de uma de suas amigas que se apiedou de sua situação.

Suas condições psicológicas são naturalmente traumáticas, o que aumenta as dificuldades de seu relacionamento com outras pessoas, ⁽³⁾

⁽³⁾ PIRES, J. Herculano. Vampirismo. 3. ed. São Paulo: PAIDEIA. 1991, pp. 63 e 64.

Casos como esse têm comovido com frequência maior do que se imagina. Muitas vezes são providenciadas chapas radiográficas em que se constata a presença de agulhas, pregos, pedaços de ferro, etc., elementos que com o tratamento espiritual tendem a desaparecer definitivamente, de acordo com o merecimento da paciente, geralmente médium de efeitos físicos.

Registros existem de psicocirurgias associadas aos fenômenos de endoporte e exoporte, realmente surpreendentes.

Tais eventos ocorreram - e ocorrem - com diversos médiuns, entre eles, Bernarda Torrúbio, de Garça (SP), cujo trabalho foi assim descrito por H. PIRES:

“Fazia uma prece, pedindo assistência aos espíritos. Estendia as mãos sobre o doente sem tocá-lo. Este sentia que mexiam por dentro em seus órgãos doentes, ocorriam-lhe ânsias de vômito, mas quem vomitava era a médium. Vômito geralmente espesso, com grande quantidade de pus e sangue e pedaços de matérias orgânicas. O doente se sentia fraco, abatido como se tivesse passado por uma intervenção cirúrgica. As dores internas confirmavam essa impressão. Durante uns poucos dias as dores continuavam, mas logo começavam a diminuir e desapareciam. A recuperação era rápida e total.”⁽⁴⁾

⁽⁴⁾ PIRES, J. Herculano. Mediunidade. 2. ed. São Paulo: PAIDEIA, 1992, p. 109.

Nesse tipo de processo, como visto, há o endoporte dos resíduos cirúrgicos para o estômago do médium, sendo depois expulsos por meio dos vômitos.

Tais fenômenos - protagonizados, inclusive, por José Arigó, - por mais que possam apresentar-se chocantes, são absolutamente reais, sendo em grande parte testemunhados por pessoas de alta idoneidade, além de devidamente documentados.

A dinâmica inteira do processo ainda não é bem conhecida, mostrando, todavia, as extraordinárias possibilidades dos Espíritos na manipulação do ectoplasma.

XXXIV- LEVITAÇÃO

Elevação e deslocamento de pessoas e objetos sem apoio visível.

O fenômeno da levitação foi conhecido em toda a história da Humanidade, inclusive, pela Igreja, com vários membros canonizados - José de CUPERTINO, Teresa D'ÁVILA, etc., - justamente, porque protagonizavam esse tipo de manifestação. Embora, hoje, mais raro, os séculos XIX e XX foram pródigos em registros desse tipo de ocorrências sendo, em boa parte, pesquisadas por eminentes cientistas e pensadores, cujos trabalhos constituem, seguramente, capítulo dos mais fascinantes da história do Espiritismo. ⁽¹⁾

⁽¹⁾ V. Cap. II, O Mediunismo na História.

Inúmeros são os casos, não só de levitação de pessoas - na maioria deles, os próprios médiums - como de objetos.

Normalmente, o médium que serve à levitação de pessoas, também se presta à levitação de objetos. Afinal, a dinâmica que rege esses processos, em geral, é a mesma para ambos os casos.

A levitação de objetos ocorre independentemente de seu tamanho. Tanto pode ser uma toalha, um livro, uma flor, como uma cadeira, uma mesa ou, até, um piano. E são inúmeros os casos registrados.

Como ocorre com os objetos, uma pessoa - geralmente, o próprio médium - pode levitar, com a maior naturalidade, presentes as necessárias condições (levitação individual). E, às vezes, segundo os registros históricos, duas ou mais pessoas de mãos dadas, ou não, podem levitar conjuntamente (levitação múltipla e simultânea).

Outras vezes, objetos e pessoas levitam simultaneamente (levitação de objetos e pessoas), Ê o caso, por exemplo — aliás, bem comum -, de o médium levitar juntamente com a cadeira em que está sentado.

LEVITAÇÃO

DE OBJETOS

DE PESSOAS

INDIVIDUAL

MÚLTIPLA E SIMULTÂNEA

DE OBJETOS E PESSOAS

*

Inúmeros têm sido os casos relatados de levitação de objetos.

A conhecida pesquisadora, Florence MARRYAT (There is No Death), testemunha um fato que ocorreu numa reunião com a médium Florence COOK. Uma mesa de jantar, ao redor da qual estavam sentadas trinta pessoas, ergue-se totalmente no ar com tudo sobre ela, nivelando com seus joelhos, enquanto lanças e copos balançavam sem cair.

Em outra reunião com essa médium, um piano foi erguido e transportado sobre a cabeça dos assistentes.

Com HOME, enquanto tocava piano, sua cadeira e o piano erguiam-se algumas polegadas, baixando depois.

Numa reunião do Prof. ZÖLLNER com o famoso médium Henry SLADE, uma pequena mesa flutuou no ar, invertida, por vários minutos e ao cair chegou a machucar o professor. Essas são, apenas, algumas citações, a servirem como exemplo, mas os fenômenos da levitação têm sido registrados em todo o mundo, inclusive no Brasil, onde diversos médiuns conhecidos propiciaram tais eventos, entre eles, MIRABELLI, com quem, independentemente de local e hora, levitavam objetos de toda espécie, desde chapéus e bengalas, até móveis pesados.

*

Em se tratando de levitação de pessoas, individual ou múltipla e simultânea, diversos médiuns famosos reconhecidos internacionalmente prestaram-se a esse tipo de ocorrência. Entre eles, Dunglas HOME é um dos mais citados, não por suas indiscutíveis qualidades mediúnicas, mas porque os fenômenos ocorriam à plena luz do dia, sendo que, quase sempre, permanecia consciente, podendo, inclusive, descrever as sensações que sentia. HOME foi, sem dúvida, um dos médiuns mais testados do mundo, convencendo pesquisadores famosos como CROOKES e outros.

Sir William CROOKES, em valioso depoimento, escreveu:

“Há, pelo menos, centenas de exemplos do erguimento do Sr. HOME do chão, na presença de muitas pessoas diferentes; e eu ouvi dos lábios de três testemunhas a ocorrência mais notável desse tipo — o Conde de DUNRAVEN, Lord LINDSAY e Capitão C. WYNNE — as descrições do que aconteceu. Rejeitara evidência relatada é rejeitar todo e qualquer testemunho humano, porque nenhum fato na história sagrada ou profana está apoiado por provas tão fortes.”⁽²⁾

⁽²⁾ N. FODOR. Op., cit., p. 519

Entre vários fenômenos extraordinários credita-se ao médium uma das mais impressionantes experiências de levitação.

Investigadores dos mais idôneos presenciaram em Londres, em 13 de dezembro de 1868, HOME saindo por uma janela do terceiro pavimento de um prédio e entrar, depois, através da janela, em outra sala, distante cerca de dois metros e meio.

Interessante o relato de HOME sobre as impressões que recolhia durante as levitações:

“Durante essas elevações ou levitações, nada sinto de particular em mim, exceto a sensação do costume, cuja causa atribuo a uma grande abundância de eletricidade nos meus pés. Não sinto mão alguma que me sustenha, e, desde a minha primeira ascensão, citada mais adiante, deixei de ter receio, posto que, se eu tivesse caído de certos tetos, a cuja altura fora elevado, não teria podido evitar ferimentos graves.

Sou em geral levantado perpendicularmente, hirtos os braços e erguidos por cima da cabeça, como se quisesse agarrar o ser invisível que me levanta suavemente do solo. Quando chego ao teto, os pés são levados até ao nível da cabeça e acho-me como que numa posição de descanso. Tenho ficado muitas vezes assim suspenso durante quatro ou cinco minutos. Encontrar-se-á exemplo disso numa ata de sessões que se realizaram em 1857, num castelo perto de Bordéus. Uma só vez a minha ascensão se fez em pleno dia. Era na América. Fui levantado num aposento em Londres, Rua Sloane, no qual brilhavam quatro bicos de gás e em presença de cinco cavalheiros que estão prontos a testemunhar o que

viram, sem se contar grande número de testemunhos que posso publicar depois. Em algumas ocasiões, tendo diminuído a rigidez dos meus braços, fiz com um lápis letras e sinais no teto, que pela maior parte ainda existem em Londres.” ⁽³⁾

⁽³⁾ Cf. DE ROCHAS, Albert. A Levitação. 4. Ed. Rio de Janeiro: FEB, 1988, pp. 68 e 69.

William Stainton MOSES (1839-1892), notável médium inglês, serviu, de igual forma, à produção dos fenômenos de levitação, entre outros. Interessante o relato que deixou (1872), de uma de suas experiências:

“Fui carregado para cima. Fiz uma marca na parede oposta a meu peito. Fui abaixado lentamente, muito gentilmente, até que achei a mim mesmo numa cadeira novamente. Minha sensação era de ser mais leve que o ar. Nenhuma pressão em qualquer parte do corpo, nenhuma inconsciência ou transe. Pela posição da marca na parede, está claro que minha cabeça deve ter estado perto do teto. A subida da qual eu estava perfeitamente cômico, era muito gradual e firme, não diferente daquela de estar num elevador, mas sem qualquer sensação perceptível de movimento, senão aquela de sentir-me mais leve que a atmosfera.” ⁽⁴⁾

⁽⁴⁾ Encyclopaedia of Psychic Sciences, p. 523.

LOMBROSO, um dos cientistas que pesquisaram a mediunidade de Eusápia PALADINO, refere-se, entre outras, a uma ocorrência que, em Milão, acompanhou pessoalmente:

*“Na noite de 28 de Setembro (1892), a médium, com as mãos presas pelos Professores Lombroso e Richet, queixou-se de mãos que a apertavam debaixo dos braços; depois, em transe, com a voz mudada, habitual neste estado, disse:
— Agora vou levar a minha médium para cima da mesa.
Ao término de 2 ou 3 segundos, a cadeira, com a médium sentada, foi, não atirada, mas erguida, sem artifício e deposta sobre a mesa, enquanto Richet e Lombroso estavam seguros de não haver ajudado a ascensão com esforços próprios.
Depois de um discurso, em transe, a médium anunciou sua descida, e, substituído Lombroso por Finzi, a médium foi reposta no chão, com a mesma segurança e precisão, enquanto Richet e Finzi acompanhavam, sem os ajudar, os movimentos das mãos e do corpo, e continuamente se interrogavam sobre a posição das mãos.
Durante a descida, ambos sentiram repetidamente que invisível mão lhes tocava ligeiramente a cabeça.”* ⁽⁵⁾

⁽⁵⁾ LOMBROSO, César. Hipnotismo e Mediunidade. (Orig. Ricerche sui Fenomeni Ipinotici e Spiritici). 4. Ed. Rio de Janeiro: FEB, 1990, p. 127. Trad. Almerindo Martins de Castro.

Boa parte dos médiuns de efeitos físicos que se prestaram à levitação individual, também serviram à produção de levitações múltiplas, entre eles, o médium italiano Alberto FONTANA.

DE ROCHAS descreve uma reunião com esse médium, em que ocorre, inclusive, uma levitação múltipla e simultânea:

“Quatorze pessoas formaram a cadeia em volta da mesa iluminada por uma lanterna vermelha.

O Sr. Fontana estava num dos ângulos. O Sr. Giorli segurava-lhe a mão direita e o Dr. Santângelo, que se achava, por causa do ângulo da mesa, na borda perpendicular à que ocupavam os outros dois, segurava-lhe a mão esquerda.

Ouviram-se em primeiro lugar estalidos na mesa; esta se levantou parcialmente, e depois se ergueu inteiramente a trinta centímetros do solo.

Então, satisfazendo ao pedido da mesa, feito por meio de pancadas, estabeleceu-se completa escuridão.

Momentos depois, de repente e sem que nada o tivesse feito prever, as três pessoas acima indicadas foram erguidas ao mesmo tempo e levadas para cima da mesa, os Srs. Fontana, em pé, Santângelo, de joelhos. Esta diferença de posição poderia achar a sua explicação no esforço que a força agente não pudera desenvolver inteiramente sobre Santângelo, o qual não se achava na mesma linha que o Sr. Fontana. Tivera que deixar o doutor ajoelhado sem conseguir pô-lo em pé.

Seja de que modo for, é necessária uma força muito poderosa para levantar, de uma só vez e ao mesmo tempo, três pessoas das quais duas, os Srs. Giorli e Santângelo, são muito pesadas. ”⁽⁶⁾

⁽⁶⁾ DE ROCHAS, Albert. Op. Cit., pp. 85 e 86.

Em uma reunião que contou com a presença dos médiuns Agnes Nichol GUPPY - cujos trabalhos serviram às pesquisas de Alfred Russell WALLACE — e Frank HERNE, ocorreu um dos mais extraordinários episódios, assim sintetizado por Catherine BERRY (Experiences in Splrituatism):

“... O Sr. Herne elevou-se, sua voz sendo ouvida próxima ao teto, enquanto seus pés eram sentidos por diversas pessoas na sala; a Sra. Guppy, que se sentava perto deles, foi atingida por suas botas quando ele afundou na cadeira. Em poucos minutos, ele recomeçou a reascender, e porque a Sra. Guppy, nesta ocasião, pretendeu evitar isso, segurou o seu braço, mas o único resultado foi que ela ascendeu com ele, e ambos flutuaram junto com as cadeiras nas quais estavam sentados. Infelizmente, neste momento a porta foi inesperadamente aberta e o Sr. Herne caiu no chão, machucando o ombro; a Sra. Guppy caiu com considerável barulho sobre a mesa, onde, ao acender-se as luzes, foi encontrada confortavelmente sentada, apesar de muito alarmada. ”⁽⁷⁾

⁽⁷⁾ Enciclopaedia ... p. 155.

*

Entre os fenômenos de ectoplasmia, os de levitação comparecem como dos mais impressionantes, surpreendendo, muitas vezes, não só os pesquisadores, como até os próprios médiuns.

Apesar de pesquisado e documentado há cerca de século e meio, muito pouco se sabe, ainda, sobre o seu processo, não obstante o surgimento de algumas hipóteses formuladas por eminentes investigadores, entre eles, por exemplo, a sugerida por W. J. CRAWFORD, Professor de Engenharia, na Queen's University, de Belfast, que, após muitas experiências, publicou três obras de valioso conteúdo histórico.

Sustentava CRAWFORD que a levitação da mesa e a movimentos de objetos eram devidos a “uma substância invisível” que jorrava do corpo do médium, solidificando-se, depois, em forma de “varas” que serviam de verdadeiras “alavancas”, designadas em seu último livro (The Psychic Structures in the Goligher Circle, 1921) como estruturas psíquicas - que responderiam pela elevação dos objetos. ⁽⁸⁾

⁽⁸⁾ Cf. DOYLE, Arthur Conan. História do Espiritismo. (Orig. The History of Spiritualism). São Paulo: PENSAMENTO, 1995, p. 352.

De outro lado, dentre os diversos médiuns que protagonizavam levitações, alguns registravam que sentiam uma espécie de pressão, como se mãos os segurassem por debaixo dos braços.

Já HOME explicava (Incidentes de Minha Vida): “Durante essas elevações ou levitações, normalmente não tenho qualquer sensação particular em meu corpo, a não ser o que eu poderia descrever como uma plenitude elétrica ao redor dos meus pés (...). Meus braços, geralmente, ficam duros e são puxados para cima de minha cabeça, como se eu estivesse querendo agarrar o poder invisível que lentamente me levantou do chão”. ⁽⁹⁾

⁽⁹⁾ A Mente Domina a Matéria. Rio de Janeiro: ABRIL, 1992, p. 116.

Em verdade o desencontro das informações dadas pelos médiuns, a respeito de seus registros pessoais durante as levitações, e a precariedade das hipóteses explicativas até aqui construídas, apenas evidenciam que muito pouco se conhece, ainda, também, sobre esse fenômeno.

Sabe-se da importância do ectoplasma na levitação e demais fenômenos físicos e os Espíritos informam que, geralmente, ao ectoplasma humano são associados recursos “das águas”, dos reinos vegetal/mineral e dos animais, e que, também, é um ótimo condutor de eletricidade e magnetismo, mostrando-se maleável e subordinando-se ao pensamento dos Espíritos e do médium. Mas o processo, em si, ainda permanece desconhecido.

Importante que os fatos têm sido registrados e documentados. Sua inteira explicação, como ocorre na Ciência, acontecerá no devido tempo, com o próprio desenvolvimento do Conhecimento Espírita.

XXXV- DESLOCAMENTO DE MÓVEIS E OUTROS OBJETOS

O fenômeno de deslocamento de móveis, que deslizam de um lugar para outro em velocidade variável, não importando seu peso, tem sido observado e documentado, como outros fenômenos cinéticos, principalmente a partir do século XIX.

Numerosos são os casos registrados. Valem como exemplo os testemunhados pelo famoso cientista William CROOKES (Researches):

“Muitos são os casos em que corpos pesados, tais como mesas, cadeiras, sofás, etc., têm sido movidos quando o médium não os está tocando. Vou mencionar brevemente alguns dos mais notáveis (...)

Uma cadeira foi vista por todos os presentes mover-se lentamente para a mesa, vinda de um canto distante, quando todos estávamos olhando; em outra ocasião uma poltrona foi movida para onde nós estávamos sentados, e então moveu-se lentamente de volta (uma distância aproximada de três pés), por minha solicitação. Em três tardes sucessivas, uma mesa pequena moveu-se vagarosamente através da sala, sob condições que eu tinha pré-arranjado especialmente, para assim responder a qualquer objeção que pudesse ser apresentada para a evidência. Eu tive diversas repetições da experiência, considerada pelo Comitê da Sociedade Dialética como conclusiva, ou seja, o movimento de uma mesa pesada a plena luz, cadeiras viradas com suas costas para a mesa, aproximadamente um pé afastadas, e cada pessoa ajoelhada em sua cadeira, com as mãos apoiadas sobre as costas das cadeiras, mas não tocando a mesa. Numa ocasião isto aconteceu quando eu estava me movimentando para assim ver como cada um estava colocado.”⁽¹⁾

⁽¹⁾ Cf. FODOR. Op. Cit., p. 251.

Às vezes, a velocidade dos deslocamentos associada a uma certa agressividade do Espírito operador, podem, até danificar os móveis movimentados.

Em uma das reuniões realizadas na Academia César Lombroso, de São Paulo, em outubro de 1934, presente o médium Cármine MIRABELLI, ocorreu fato assim consignado em Ata.

“Enquanto Mirabelli aplicava um passe magnético em uma senhora, no salão da biblioteca, moveram-se as cadeiras desta saia, que eram atiradas umas sobre as outras. Acudindo ao barulho, os Drs. Thadeu e Bergallo, que conversavam em um dos gabinetes, dirigiram-se para o local e, continuando Mirabelli a fazer os passes, observaram que novos movimentos de cadeiras se operavam, sendo que uma delas, jogada com violência, partiu-se.”

Os anais espíritas colecionam, como dito, inúmeros episódios como os citados, a título de ilustração, mostrando que se trata de um fenômeno nada raro e que pode ocorrer tanto em trabalhos de materialização, como não.

Consigne-se, ainda, que a diferença existente entre os fenômenos de deslocamento de móveis e os de levitação é que, nestes, os objetos são suspensos no ar, ao contrário do que acontece com os primeiros, em que objetos mudam de lugar - violentamente, às vezes - sem se elevar.

XXXVI- EFEITOS LUMINOSOS

De variada ocorrência, os efeitos luminosos têm sido registrados ao longo da história, mormente após o desenvolvimento dos trabalhos de materialização, a partir do século XIX, embora aconteçam, também, em circunstâncias outras. ⁽¹⁾ São pontos luminosos, chispas, faixas luminosas, letras brilhantes e diversos outros fenômenos semelhantes, a atestarem as extraordinárias possibilidades de aplicação do ectoplasma pelos Espíritos operadores.

⁽¹⁾ V. Materialização.

Não são poucos os médiuns de ectoplasmia que facultaram e facultam a ocorrência de tais fenômenos.

Já LOMBROSO, que testemunhou e estudou boa parte da produção mediúmica de Eusábia PALADINO, registrava, entre outros inúmeros fatos verificados com a médium, o surgimento de “chamazinhas”, “línguas de fogo”, como se veem figuradas sobre a cabeça dos Apóstolos, além de outras manifestações. ⁽²⁾

⁽²⁾ PALHANO JR., L. Mirabelli: Um Médium Extraordinário, p. 181.

Com MIRABELLI, registrou-se uma ocorrência particularmente interessante:

“Em um momento, o médium anunciou um fenômeno que começava a acontecer na cozinha, para onde alguns Espíritos de ex-escravos haviam sido conduzidos: sobre o fogão, um clarão forte se irradiava até próximo das pessoas que estavam na sala. Era uma luz viva e brilhante, como se fosse produzida por uma química celeste, que tomava toda a cozinha e cômodos adjacentes.” ⁽³⁾

⁽³⁾ PALHANO JR., L. Mirabelli: Um Médium Extraordinário, p. 181.

Com a médium Ada BESSINET, eram traçadas no ar, diante dos assistentes, “letras de luz brilhante”.

Em reuniões com o médium italiano Pasquale ERTO, raios luminosos emanavam de seu corpo. Relata o Prof. Luigi Romolo SANGUINETTI:

“Os raios emitidos por Pasquale Erto variam de cor, de longitude, de forma. No que se refere à cor, geralmente são de um belo azul-lunar, ou um azul-elétrico ou de um vermelho-vivo, ou de um vermelho-alaranjado ou amarelo. Os matizes são bem pouco numerosos. O comprimento varia desde o dos raios curtos, em forma de agulhas, até o de raios de 4,5,6 metros. O médium podia imprimir a esses raios a direção que se lhe indicasse. Frequentemente, eu o fiz dirigir de maneira a iluminar as pessoas que entravam na saia no decorrer da sessão. No que se refere à forma, tratava-se, ou de raios no estrito sentido da palavra, ou de raios difusos em forma de leque, de triângulos, de cone, cujo ápice estava geralmente unido ao médium. Temos observado, também, verdadeiros globos de luz. A luz aparece então como concentrada e de cor vermelho-viva ou alaranjada. Estes globos são de duração tão curta quanto a, dos raios.” ⁽⁴⁾

⁽⁴⁾ Revue Métapsichique, julho, 1992. Conf. LOUREIRO, Carlos Bernardo. Espiritismo e Magnetismo. De Paracelso a Psicotrônica, pp. 107 e 108.

Em reuniões com o médium polonês Franek KLUSKI, O conhecido pesquisador francês Gustave GELEY testemunhou uma série significativa de eventos luminosos. Um deles, ocorrido em abril de 1922, é assim relatado pelo eminente cientista:

“Uma longa cauda se formou atrás e por cima do médium. Era constituída de pequenos grãos de luz, alguns mais brilhantes do que os outros. O véu oscilava da direita para a esquerda e vice-versa, subindo e descendo. Demorou cerca de um minuto, desaparecendo para reaparecer outras vezes. Ao findar a sessão o médium estava nu, exausto, superaquecido e transpirando abundantemente nas costas e debaixo dos braços.” ⁽⁵⁾

⁽⁵⁾ LOUREIRO. C.B. Op. Cit., p. 111. Observe-se que esse episódio, certamente, deve ter ocorrido durante uma reunião de materialização em que o médium, como é comum, permanece numa cabine, com as cortinas fechadas. GELEY considera Kluski “um médium universal, um rei entre os seus contemporâneos.” (Enciclopaedia of Psychic Science, p. 192.

Fenômenos luminosos há que, por sua peculiaridade, chamam a atenção.

R. A. RANIERI, por exemplo, relata que, em uma reunião com o médium Fábio MACHADO, o Espírito Zé Grosso, mentor de diversos trabalhos de ectoplasmia, no Brasil, com “uma pequena lâmpada na mão, uma lâmpada esquisita e desconhecida, de luz verde, iluminava determinadas partes do recinto.” ⁽⁶⁾

⁽⁶⁾ Ranieri, R. A. Materializações Luminosas, P. 104.

E o famoso pintor francês, James Joseph Jacques TISSOT (1837-1902), assistindo a um trabalho de materialização com o médium William EGLINTON, viu sua noiva desencarnada acompanhada por ERNEST, guia do médium, ambos mostrando em suas mãos, duas fontes de luz, a iluminar-lhes as faces e o corpo.

Logo após, retratou suas impressões numa magnífica pintura - Aparição Medianímica - que, depois, se tornou conhecida em todo o mundo.

XXXVII- EFEITOS ODORANTES

São os resultantes da ação dos Espíritos, que, operando o ectoplasma, geralmente perfumam o ambiente, a água e até certos tecidos.

Embora raros, podem também ser incluídos nesta categoria fenomênica, os efeitos resultantes da produção de odores menos agradáveis, caracterizando o estado evolutivo dos manifestantes.

No Brasil, diversos médiuns são conhecidos por facultarem a produção de tais fenômenos, entre eles, Francisco Cândido XAVIER, com cujos recursos, por exemplo, o Espírito SCHEILLA, uma de suas mentoras, produzia um perfume característico de violeta que assinalava sua presença.

Esse Espírito, conhecido, aliás, por sua prestimosidade e delicadeza no trabalho de assistência aos necessitados, não só impregnava o ambiente com o perfume que produzia, como lenços e outras peças, chegando a umedecê-los a tal ponto que o perfume deles escorria.

E digno de nota é o fato de que, segundo testemunhos idôneos, lenços perfumados por SCHEILLA, convenientemente guardados, chegavam a conservar o perfume por vários anos, até!

Às vezes, os efeitos odorantes produzidos pelos Espíritos podem acompanhar o médium por onde passe, impressionando os sentidos dos circunstantes.

Trata-se de mais um tipo peculiar de fenômeno, a atestar as incríveis possibilidades de utilização do ectoplasma, por parte dos técnicos espirituais, ampliando fronteiras do Conhecimento humano.

XXXVIII- EFEITOS SONOROS

Efeitos sonoros, principalmente musicais, têm sido registrados em todos os tempos, em diversas partes do mundo. Consta, por exemplo, que já na perseguição aos huguenotes, na França, ocorrências de música invisível atraíam a atenção geral. O som de instrumentos musicais e de um coral cantando salmos eram ouvidos em muitos lugares. (Letters of Pastor Furieu, 1689)

Diversos são os casos relatados de músicas que eram ouvidas próximas aos leitos de pessoas moribundas.

Serve de exemplo o fato publicado no Daily Chronicle (maio de 1905), referente a uma mulher moribunda, participante do Exército da Salvação: “Por três ou quatro noites, uma música doce e misteriosa foi ouvida na sala em intervalos frequentes, por parentes e amigos, durando em cada ocasião, aproximadamente um quarto de hora. Às vezes, a música parecia proceder de longe, crescendo, então, gradualmente em altura, enquanto a jovem permanecia inconsciente”.

Com o famoso médium inglês William Stainton MOSES, efeitos sonoros (tambor, harpa, sinos, trombetas, tamborins, etc.), eram ouvidos seguidamente. O relato de uma das assistentes, Sra. Speer, publicado pelo periódico londrino Light (janeiro, 1893) é bem sugestivo:

“19 de setembro, antes da reunião desta noite, ouvíamos sinos delicados tocando em partes diferentes do jardim, onde nós estávamos andando; por vezes, eles soavam longe, parecendo estar sendo tocados no alto de alguns olmos altos, música e estrelas combinando-se. Então, eles se aproximavam mais próximo de nós, seguindo-nos até a sala de sessão que se abria para o gramado. Após nos sentarmos, a música ainda permaneceu conosco, tocando no canto da sala e acima da mesa, ao redor da qual estávamos sentados. (...) Após Moses entrar em transe, a música tornava-se mais alta e soava como se um músico brilhante estivesse tocando ao piano! Não havia nenhum instrumento na sala.”

Com o médium norte-americano Daniel Dunglas HOME, eram também comuns essas ocorrências musicais.

Em sua autobiografia (Incidents of My Life), escreve:

“Ao ir para Boston, meu poder retornou e, com ele, a mais impressionante manifestação de música, sem qualquer instrumento terreno. À noite, quando eu estava adormecido, meu quarto era tomado por sons harmoniosos e estes, gradualmente, ficavam mais altos, até que pessoas, em outras partes da casa, pudessem ouvi-los distintamente; se por qualquer motivo eu fosse acordado, a música instantaneamente cessava.”

Na mesma obra, o notável médium refere-se a uma experiência vivida na casa de S. C. HALL, em Easter Eve, no ano de 1866:

“Primeiro nós tivemos música simples, doce, suave, por alguns minutos; então ela se tornou intensamente triste; a seguir, o som de passos, como de um grupo de homens marchando, misturou-se com a música, e eu exclamei ‘A Marcha do Calvário’. Então, três vezes o som de um martelo sobre um prego (como dois metais se encontrando). Seguiu-se um estrondo e lamentações que pareciam preencher a sala. Depois, veio o irromper de música triunfal

gloriosa, mais do que qualquer uma que nós tivéssemos ouvido, e exclamamos A Ressurreição'. Isso emocionou o coração de todos."

Ocorrências algo semelhantes às mencionadas, protagonizadas, também, por médiuns famosos (Eusápia PALADINO, Henry SLADE, Francis Ward MONCK, e outros) e que, de certa forma, podem ser enquadrados na categoria fenomênica em análise, são os efeitos musicais produzidos por instrumentos que tocam sem a intervenção do médium, que, na maioria das vezes, nenhuma experiência instrumental tem.

William CROOKES, por exemplo, realizou com o médium D. HOME uma notável experiência que se tornou clássica.

Em uma gaiola de madeira e fio de metal, especialmente construída, o cientista colocou um acordeão e, em pleno dia, enquanto o médium segurava o instrumento com uma só mão, o instrumento, movendo-se para cima e para baixo, tocava as mais variadas árias em execução perfeita. Em determinado momento, o médium retirou a mão do acordeão e o instrumento continuou a tocar sozinho.

O fenômeno aconteceu no próprio domicílio de CROOKES, sob as mais minuciosas precauções. Dois observadores colocaram seus pés sobre os do médium e o próprio cientista viu-o vestir-se, para então atestar que nenhum instrumento foi introduzido sob sua roupa e que também não utilizava sapatos pessoais. (Recherches sur les phénomènes du spirítualism. Nouvelles expériences sur la force psychique... Paris, Leymarie, 1903)

Hereward CARRINGTON (The Story of Psychic Science) refere-se a um notável episódio ocorrido com Eusápia PALADINO, em que um bandolim era tocado enquanto ela permanecia em transe inconsciente.

Herbert Dennis BRADLEY (And After), relata que instrumentos de uma orquestra eram colocados no centro do recinto e estes tocavam em perfeita harmonia.

Não são poucos os casos semelhantes a esses que se encontram relatados nos anais espíritas, a atestarem as incríveis possibilidades de que dispõem os Espíritos para a comprovação da sobrevivência espiritual.

Como nas demais ocorrências ectoplásmicas, não é fácil entender seu processo. Todavia, é possível conjecturar que no caso em que efeitos sonoros produzem-se independentemente da existência de instrumentos visíveis no recinto, estes seriam trazidos semimaterializados, e mãos, também semimaterializadas, os tocariam.

Já no caso da produção de efeitos sonoros com instrumentos materiais visíveis, ao que parece, mãos de artistas, semimaterializadas ou, mesmo materializadas, os tocariam. No caso de instrumentos de sopro, o músico desencarnado produziria os sons, com o aparelho fonador semimaterializado, semelhantemente ao que ocorre nos fenômenos de voz direta (pneumatofonia).⁽¹⁾

⁽¹⁾ A materialização, propriamente, é visível aos encarnados. O termo "semimaterializado" refere-se, aqui, a um tipo de formação ectoplásmica não visível, e que oferece uma certa tangibilidade. (V. Materialização)

Só o tempo confirmará, ou não, tais hipóteses.

XXXIX- EFEITOS MAGNÉTICOS

A literatura espírita registra alguns casos em que a ação ectoplásmica pode produzir certos efeitos magnéticos em determinados aparelhos e objetos de metal.

Com o médium e médico norte-americano, Henry SLADE, por exemplo, produziam-se modificações na polaridade de uma bússola, e agulhas de tricô, de aço, eram magnetizadas. Narra, a propósito, Friedrich ZÖLLNER, professor de Física e Astronomia da Universidade de Leipzig, episódio ocorrido com o médium H. SLADE:

“(...) W. Weber colocou sobre a mesa uma bússola fechada em vidro, cuja agulha podíamos todos observar, tendo nós as nossas mãos na mesa e unidas às de Slade. Decorridos cinco minutos, começou a agulha a agitar-se violentamente, descrevendo arcos de 40 a 60 graus até que afinal virou completamente a volta.

Slade neste momento se levantou e se dirigiu à janela, esperando que os movimentos da agulha, que eram muito violentos, continuassem, o que aliás não se deu. Quando porém, mesmo de pé, ele colocou Junto às nossas as suas mãos, os movimentos da agulha recomeçaram, terminando por um movimento de rotação.”⁽¹⁾

⁽¹⁾ ZÖLLNER, Friedrich J. K. Op. cit., p. 51.

Fenômenos semelhantes aconteceram com outros médiuns, mas pode-se afirmar que, em princípio, todo médium de efeitos físicos pode ensejar tal ocorrência, dependendo, naturalmente, da programação espiritual.

XL- FENÔMENOS TÉRMICOS

De rara ocorrência, esses fenômenos, todavia, têm sido registrados com alguns médiuns: líquidos esquentam - ao ponto de ferverem, até - ou esfriarem, podendo, mesmo, congelar. Certos objetos, também, têm sua temperatura alterada, podendo, inclusive, esquentar ao ponto de não poderem ser tocados...

O pesquisador Friedrich ZÖLLNER, operando em Leipzig, com o médium norte-americano, Henry SLADE, tendo comprado na feira alguns caracóis, colocou-os sobre uma mesa. Logo depois presenciou, com um deles, interessante fenômeno térmico, associado ao de transporte, assim descritos:

“Quando Slade, segundo o seu hábito, segurou embaixo da mesa uma lousa, ouviu-se imediatamente um ruído como o da queda de um corpo sólido sobre ela. Sendo retirada a lousa, sobre ela se achou um caramujo, que apenas um minuto antes estivera na mesa (...). Logo depois de ter o Sr. Slade retirado a lousa de sob a mesa, segurei o caramujo com o fim de verificar qualquer alteração física que, por acaso, pudesse ter ocorrido. Surpreendeu-me achá-lo tão quente que quase se me tornou impossível conservá-lo entre os dedos. Passei-o imediatamente ao meu amigo que verificou essa extraordinária mudança de temperatura.”

(1)

(1) ZÖLLNER, Friedrich J. K. Provas Científicas da Sobrevivência, pp. 91 e 92.

Embora de realidade comprovada, pouco se conhece, também, sobre o processo que rege esse tipo de ocorrência ectoplásmica.

XLI- EFEITOS QUÍMICOS

Os efeitos químicos dizem, principalmente, com as alterações que se produzem em líquidos. Resultam do emprego do ectoplasma, por parte dos Espíritos, para modificar as qualidades de um líquido ou, mesmo, para mudar sua natureza (transubstanciação).

O mais antigo evento desse tipo, de que se tem notícia, ocorreu com Jesus, no conhecido episódio da transformação da água em vinho, no casamento verificado em Caná da Galileia, em que estava presente com sua mãe. (João 2.6 -10).

Com o advento do Espiritismo não tem sido rara a ocorrência desses efeitos.

De fato, nos milhares de Centros Espíritas existentes no Brasil e em outros países, a mudança das características da água, com a fluidificação, tornando-a, por exemplo, algo leitosa ou perfumada, ou com outras características, principalmente em reuniões de ectoplasmia, já não surpreende.

Esses tipos de fenômenos demonstram quão delicada e complexa pode ser a intervenção ectoplásmica, por parte dos Espíritos.

XLII- EFEITOS FITOLÓGICOS

Alinham-se nessa categoria os efeitos que se produzem em plantas, sob a ação magnética e ectoplásmica.

Com o médium australiano Charles BAILEY, por exemplo, submetendo-se a experiências com vários pesquisadores em Milão, sementes de manga germinaram instantaneamente; uma semente de ameixa-amarela (ameixa japonesa) brotou e cresceu rapidamente; uma murta — também se desenvolveu de uma semente/alcançando a altura de 16 polegadas, em apenas 20 minutos!

Louis JACOLLIOT, referindo-se aos chamados faquires, médiuns muito conhecidos na Índia, informa que podem influir de modo direto sobre a germinação das plantas, “acelerar de tal forma seu crescimento, que elas chegam a atingir, em poucas horas, um resultado que exigiria longos meses ou anos de cultura”.

Segundo o autor, quando esses médiuns são questionados, respondem que servem aos Espíritos (pitris) como instrumentos, emprestando-lhes o seu fluido natural para que, combinados com os deles, operem sobre a matéria. ⁽¹⁾

⁽¹⁾ JACOLLIOT, Louis. *Le Spirítisme dans le monde*. Paris, 1879. Cf. GIBIER, Paul. *O Espiritismo — Faquirismo Ocidental*. (Orig. *Le Spirítisme — Le Fakirísme Occidental*). 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002, pp. 87 e 88.

Investigadores diversos, de vários países, têm realizado esse tipo de experiência, operando sobre plantas, a fim de vitalizá-las, fazendo-as crescer mais rapidamente, mantendo sempre uma extraordinária aparência.

As claras comprovações dos resultados positivos resultam da comparação com os resultados obtidos com plantas que não foram submetidas a essa ação, que, como no passe, depende tanto de recursos magnéticos, como ectoplásmicos.

Outros efeitos semelhantes têm sido citados.

O médium alemão Heinrich NUSSLEIN, por exemplo, prolongava significativamente a vida de flores recém-cortadas, impondo suas mãos sobre elas.

Experimentos dessa natureza, como se observa, têm sido seguidamente divulgados por diversos tipos de publicações.

XLIII- INCOMBUSTIBILIDADE

Faculdade que permite o contato direto com brasas, pedras aquecidas ou, mesmo, fogo, sem que nenhuma queimadura se produza.

Poucos médiuns conhecidos protagonizaram tal fenômeno, entre eles, Dunglas HOME. O famoso naturalista inglês e coautor da Teoria da Evolução, Alfred Russell WALLACE, autor da notável obra, *Miracles and Modern Spiritualism*, descreve ocorrência que testemunhou, declarando:

“Talvez o mais extraordinário fenômeno, e que melhor confirme a mediunidade do Sr. Home, fosse o que se chamou de teste de fogo. Em estado de transe, o Sr. Home apanhou uma brasa ardente da parte mais forte de um fogo brilhante, e levou-a ao redor da saia, de forma que todos pudessem ver e sentir que ela era verdadeira.”⁽¹⁾

⁽¹⁾ Cf. PALHANO JR., L. Experimentações Mediúnicas. Rio de Janeiro: CELD, 1996, p. 60.

A incombustibilidade, apresenta-se como um fenômeno altamente intrigante.

De fato, não só pessoas podem segurar brasas, como andar sobre elas, ou pedras aquecidas, como ocorre em diversas partes do mundo, em certas comemorações, inclusive, no Brasil.

Em Diadema, São Paulo, sob o comando de um monge budista, realizava-se periodicamente a Festa do Fogo Sagrado, em homenagem a Santa Kannon, durante a qual pessoas, estimuladas pelo monge, caminhavam sobre um braseiro sem sofrer queimaduras.

O matutino paulista O Estado de S. Paulo publicou, na época (7 de outubro de 1969), interessante reportagem do jornalista José MARQUEZ, a respeito:

“Os pedaços de lenha que ainda não tinham sido queimados começaram a ser retirados às 17 e 50 horas. Nesse ínterim, uma senhora jogava sal, já benzido pelo monge, sobre as pessoas que presenciavam a cerimônia. (...)

Às 18 e 15, o monge circundou o retângulo de brasas. Portava uma longa vara de bambu, que tinha em sua extremidade papéis coloridos. (...) Depois passou a vara com papel sobre a esteira e o papel não se queimou. (...)

O monge saiu e, minutos após, voltou, descalço. Fez uma oração e, exatamente às 8 e 45, sob a expectativa e perplexidade geral, passou sobre a esteira de brasas — uma, duas, três vezes. Dezenas de fiéis o seguiam. Uns calmos, outros afobados. Uma senhora, bastante idosa, ao atravessar a esteira, caiu e se apoiou com a mão sobre as brasas. Foi socorrida por outra, mas não se queimou. E assim foram mulheres com crianças no colo, velhos, rapazes, inválidos, casais de namorados e os mais que lá se encontravam.

E todos, após passar, respondiam apenas uma coisa: ‘Não queima mesmo. A gente só sente um calorzinho. Verdade. Não acredita? Então passe, pode passar. Não queima.’”⁽²⁾

⁽²⁾ Cf. TEIXEIRA DE PAULA, João. Dicionário de Parapsicologia, Me-tapsíquica e Espiritismo. São Paulo: BANCO CULTURAL BRASILEIRO, 1970, vol. II, pp. 22, 23 e 25.

O processo da incombustibilidade em si, como outros, ainda nos é desconhecido, podendo-se apenas conjecturar que, no caso de o médium segurar em sua mão brasas ardentes, os Espíritos possam revesti-la de ectoplasma associado a outros elementos.

Já no segundo caso, em que diversas pessoas andam sobre brasas, existe a hipótese de que, operando com o ectoplasma e demais recursos disponíveis, os Espíritos, talvez, cubram o braseiro com um tapete (ectoplásmico) capaz de isolar os efeitos das brasas, de modo que não queimem os que por elas passam.

De qualquer modo, a intimidade desse fenômeno, particularmente complexo, só o futuro revelará.

XLIV- PIROGENIA

Fenômeno de combustão espontânea. De ocorrência não rara, tem sido investigado de há muito.

Vários médiuns favoreciam o surgimento de tal fenômeno, entre eles, Henry SLADE, com quem o Professor ZÖLLNER realizou várias e importantes experiências. Em uma delas chegou a produzir-se combustão espontânea de um pavio de vela, que passou a arder naturalmente.

Em sua descrição, o cientista revela detalhes importantes:

“... Na manhã seguinte, às 11 horas, von Hoffmann tomou parte da nossa sessão, sentando-se à minha direita; Slade como de costume, à minha esquerda. Depois de obtermos algumas comunicações escritas, de repente vimos surgir de debaixo da mesa e de diferentes lugares, uma coluna de fumo que, a julgar pelo cheiro, devia provir de ácido sulfúrico e salitre. Imediatamente olhamos embaixo da mesa e vimos uma tênue fumaça como procedendo de um fósforo riscado. Logo em seguida, se repetiu o fenômeno, porém, mais pronunciadamente. Slade propôs colocarmos uma vela embaixo da mesa para vermos se os seres invisíveis seriam capazes de acendê-la.

Von Hoffmann tomou dois castiçais com velas ainda não usadas e os colocou embaixo da mesa, na parte mais distante de Slade. Juntamos as nossas mãos. Logo em seguida surgiu fumo debaixo da mesa em todas as direções e um dos castiçais surgia com a vela acesa. (...) Para certificar-me da ausência de uma alucinação, tomei de um pedaço de papel e o coloquei sobre a chama da vela, queimando assim um buraco. Em seguida tomei de um lacre, derreti-o na vela e o deixei pingar no papel e pus o meu sinete.”

Logo após essas ocorrências, o médium, em transe inconsciente, transmitiu uma mensagem digna de nota:

“Tudo aquilo que não compreendemos, estranhamos. Fogo há em toda parte. Pensai no sílex do qual extraí. Ele existe em todos os elementos à volta de vós. Que esta luz seja o vosso farol no caminho das vossas investigações, que seja ela o símbolo da luz que deve romper as trevas do mundo.”⁽¹⁾

⁽¹⁾ ZÖLLNER, J. K. Friedrich. Provas Científicas da Sobrevivência, pp. 148 e 149.

Fenômenos semelhantes registram-se, hoje, em todo o mundo.

Em 1987, a imprensa russa noticiava que fatos estranhos aconteciam com o menino Sasha, na cidade de Enakievo, Ucrânia.

A família do garoto encontrava-se desorientada, pois todos os móveis da casa tinham sido destruídos por repetidos incêndios, fazendo com que mudassem de casa, bairro e cidade. Segundo informava a Folha Espírita (SP), depois de abandonar sua casa em Enakievo, a família tentou morar na casa da avó materna de Sasha, mas os incêndios continuaram.

“Mudou-se, depois, para a Capital do Estado, internando o menino em um hospital para a realização de exames. Tudo inútil, pois os exames médicos e laboratoriais nada acrescentaram às pesquisas já realizadas.

Durante algum tempo, a mãe de Sasha julgou que tudo não passasse de uma brincadeira de mau gosto do filho, com algum produto químico que ele houvesse trazido para casa. Quando as várias mudanças foram se processando, a constatação era a de que o caso não era de brincadeira. E ficou ainda mais complicado quando, internado num hospital da Capital, o garoto fez incendiar as roupas de seu companheiro de quarto.” (2)

(2) Anuário Espírita 1989, Araras (SP): IDE, p. 93.

O fato chama a atenção pelo potencial mediúnico que o menino já mostrava.

*

No Brasil, também, são vários os casos registrados. Entre eles, por exemplo, uma série de episódios ocorridos na cidade paulista de Suzano que, aliás, alcançou bastante repercussão - a envolver uma adolescente, Laura, filha mais velha do casal Jeziel Eleutério de Souza e esposa.

O Professor Hernani G. ANDRADE, que investigou esses fenômenos desde o início, publicou um relatório minucioso dos fatos ocorridos.

Importante a transcrição de alguns relatos:

“Aproximadamente às 12 horas, ouviu-se o ruído de uma explosão que partiu de dentro da casa fechada. Os vizinhos tiveram sua atenção despertada pelo barulho e, atônitos, notaram que saía fumaça pelas frestas do telhado. Imediatamente, juntaram-se a Laura e correram para acudir a casa. Ao entrar, notaram que um princípio de incêndio estava se originando no interior do guarda-roupa situado no quarto do casal. As roupas ali guardadas manifestavam combustão inexplicável. Deitaram-lhes água, extinguindo o fogo ainda no início. As roupas foram retiradas, colocadas em uma sacola e levadas para o sanitário localizado fora da casa. (...)

Às 17 horas, aproximadamente, iniciou-se nova combustão espontânea no mesmo quarto do casal. Desta vez as roupas de cama e o colchão do berço ali situado, próximo ao guarda-roupa, começaram a pegar fogo. Naquele momento não havia ninguém no quarto. O princípio de incêndio foi acudido e controlado a tempo. Seguiu-se nova pausa de cerca de uma hora, naturalmente vivida sob maior tensão, expectativa e medo por parte da família de Jeziel.

Às 18 horas mais ou menos, as roupas ainda intactas, que haviam sido postas a salvo no sanitário fora da casa, incendiaram-se espontaneamente dentro da própria sacola em que foram transportadas. Também não havia ninguém no local do fenômeno. A combustão foi detectada graças à fumaça desprendida que logo chamou a atenção dos presentes, já a esta altura atentos a qualquer sinal de alarme.

Rita conta em seu depoimento que, perto da meia-noite, ainda se encontrava acordada. Ela ouviu, então, um som estranho, semelhante ao uivo de um cão.

Ao ouvir o referido ‘uivo’, Rita descobriu a cabeça e pode presenciar, apavorada, uma estranha ‘bola-de-fogo’ que descia lentamente, a partir da parte interna do teto, em direção à cama situada defronte ao sofá. Descreveu-a como tendo uma cor diferente da do fogo comum, semelhante a uma tocha que fosse feita de um pano embebido em álcool e ao qual se houvesse ateadado fogo. Todavia, não era realmente uma tocha assim. Parecia apenas com esse tipo de fogo. Era uma chama muito diferente do normal e dava a impressão de que a

combustão se desenvolvia no próprio vazio do ar e um tanto lentamente. Todavia, ao atingir o colchão da cama de solteiro, este logo começou a arder (...)

Cerca de dez minutos após o fenômeno da 'bola-de-fogo', iniciou-se outro foco de combustão (...). Desta vez o fogo teve origem no sofá onde as crianças estiveram anteriormente deitadas. A combustão foi dominada com água. O sofá foi removido para o quintal. Ali, mesmo Já molhado, tornou a incendiar-se espontaneamente várias vezes, sendo reiteradamente acudido pelas inúmeras pessoas atraídas ao local pelos acontecimentos que se desenrolavam então.

Além do sofá, mais peças do mobiliário sofreram o mesmo fenômeno, de aparecimento de focos de combustão espontânea.”⁽³⁾

⁽³⁾ ANDRADE, Hernani Guimarães. Poltergeist – Algumas de Suas Ocorrências no Brasil, 10. Ed. São Paulo: PENSAMENTO, 1994, pp. 40 a 43.

*

Os exemplos citados dizem, por si, só da multiplicidade e da complexidade dos fenômenos ectoplásmicos, cujos processos, em sua maioria, ainda se nos apresenta praticamente desconhecida.

No caso da pirogenia - frequente também em casos de obsessão -, os Espíritos utilizariam, provavelmente, com o ectoplasma, recursos minerais propícios à produção de fogo.

XLV- FENÔMENOS ELETROELETRÔNICOS

Os fenômenos eletroeletrônicos, embora pouco frequentes, manifestam-se de diversas formas.

Desde lâmpadas que acendem e apagam, aparelhos eletrônicos que são ligados e desligados, sem nenhum contato visível, e até faíscas emitidas pelos cabelos de certos médiuns - como, por exemplo, ocorria com Florence Cook, antes dos trabalhos de materialização -, a variedade de ocorrências chega, mesmo, a surpreender. ⁽¹⁾

⁽¹⁾ V. Materialização

E pessoas há que, por suas qualidades magnéticas e ectoplásmicas, chegam a ser denominadas “pessoas elétricas”, por transmitirem verdadeiros choques elétricos em quem tocam...

Esses casos, aliás, ao contrário de outros fenômenos eletroeletrônicos, têm farto registro, mas, algumas vezes, fatos surgem tão atípicos que chegam a espantar. Hector DURVILLE, por exemplo, participante da Societé Magnetique de France - também frequentada por KARDEC - e autor de várias obras sobre Magnetismo, escreve sobre um bebê, nascido em Saint Urban, em 1869, e falecido aos nove meses de idade, de quem ninguém podia se aproximar sem levar um choque, mais ou menos violento, e raios luminosos, às vezes, escapavam de seus dedos (Traité Experimental de Magnétisme).

Trata-se, na verdade, de um caso raríssimo, se não único, em que há tal acúmulo de energia magnética e ectoplasma, numa criança de tão tenra idade.

Esse fato, inexplicável, por enquanto, foi testemunhado por vários e respeitáveis cientistas e pesquisadores da época.

Naturalmente, à medida que a Ciência avança, permitindo aos Espíritos novas revelações, o processo que rege esses fenômenos, a envolver, certamente, certas condições do perispírito, será mais bem compreendido.

XLVI- EFEITOS ATMOSFÉRICOS

Alguns tipos de fenômenos atmosféricos, embora de rara ocorrência, têm sido registrados, principalmente nas reuniões de materialização.

Com a médium italiana Eusápia PALADINO, por exemplo, a produção de vento, associado, ou não, a frio intenso, acontecia antes das manifestações. ⁽¹⁾

⁽¹⁾ V. PALHANO JR., L. Eusápia, a Feiticeira. Rio de Janeiro: CELD, 1995, p. 55.

Além desses, outros fenômenos têm acontecido com médiuns diversos, tais como nuvens, chuva, relâmpagos, aumento de temperatura e outros, quase sempre em recintos fechados e locais circunscritos!

Esses e outros efeitos físicos atestam as ilimitadas possibilidades de que dispõem os Espíritos, manipulando o ectoplasma, substância, na verdade, ainda pouco conhecida e que, associada, ou não, a outros recursos serve, como visto, a uma variedade realmente surpreendente de fenômenos.

XLVII- EVENTOS ALEATÓRIOS

Fenômenos ectoplásmicos especialmente raros e, às vezes, únicos, que chegam a surpreender até os mais experimentados pesquisadores.

Os casos a seguir citados são bem ilustrativos.

Numa reunião com o famoso médium polonês Franek KLUSKI, em novembro de 1919, na Sociedade de Pesquisas Psíquicas Polonesa, uma máquina de datilografia que estava sobre uma mesa começou a escrever, inteiramente iluminada por uma luz vermelha. Segundo consta nos anais da referida instituição, os assistentes declararam que “ela escrevia muito rapidamente”, como se estivesse sendo manuseada por um datilógrafo com muita prática. “Não havia ninguém perto da máquina. As pessoas que seguravam as mãos do Sr. Kluski perceberam que elas se contraíam durante a escrita”.

Conforme o relato de Stainton MOSES, em correspondência ao periódico Light (3 de maio de 1902), o célebre médium Henry SLADE teve seu dente extraído pelo Espírito OWANO, que o assistia, sem nenhum sofrimento, aliviando-o de uma crise de dor que o acometia! ⁽¹⁾

⁽¹⁾ FODOR, Op. Cit., p. 252.

Em uma reunião com a médium russa Nina KULAGINA, nascida em Leningrado, investigada pelo médico e pesquisador S. ZVIERIV, foram separadas a gema e a clara de um ovo que fora quebrado e colocado numa solução salina.

John HASTED, Professor de Física da Universidade de Londres, “ficou atônito” quando o conhecido médium Uri GELLER, em uma das experiências com o citado pesquisador, “dobrou uma chave sem tocá-la”. ⁽²⁾

⁽²⁾ No Brasil, GELLER ficou famoso por entortar talheres perante uma audiência, na televisão. V. PINHO, Flávio Távora. Aprendendo sobre o Espírito. Rio de Janeiro: LORENZ, 2001, pp. 121 e 122. Vol. I – Ciência.

Daniel Dunglas HOME protagonizou uma célebre experiência realizada com um acordeão colocado dentro de um cercado de arame. Colocando uma mão no instrumento e estando a outra apoiada sobre uma mesa, o acordeão tocava normalmente.

Com o médium norte-americano Henry SLADE, entre outras ocorrências notáveis, registradas em Leipzig, em 1877, nós verdadeiros eram produzidos numa corda com as extremidades lacradas juntas, à vista de todos.

Também, frases escritas apareciam em pedras (pneumatografia).

Cita esse autor, ainda, algumas extraordinárias ocorrências em que cadeiras foram enfiadas nos braços das pessoas, enquanto seguravam firmemente as mãos umas nas outras. Tais fatos, testemunhados pelo pesquisador Dr. Niehols, aconteceram com o médium William EGLINTON e foram divulgados pelo The Spiritualist, de Londres (Abril, 1878). Relata o Dr. NIEHOLS:

“Vi as cadeiras enfiadas nos braços de diversas pessoas em que deposito a maior confiança; porém quis certificar-me melhor; para isso numa sessão recente, amarrei os pulsos de duas

pessoas com uma corda; no fim de três segundos achava-se uma cadeira pendurada no braço de uma delas e a corda intacta.

Segurei então com firmeza a mão do Sr. Eglinton e num momento uma de minhas cadeiras austríacas ficou dependurada no meu braço. Isso, sem dúvida, é matéria através da matéria, porém, se carne e osso atravessaram a madeira ou se por ela foram atravessadas é o que não posso dizer. “⁽³⁾

⁽³⁾ ZÖLLNER, J. K. Friedrich. Op. Cit., p. 73.

*

No Brasil, incríveis fenômenos de transporte, ocorridos na década de 1950, foram narrados pelo então Presidente da Federação Espírita do Rio Grande do Sul, Francisco SPINELLI: em uma reunião pública, sob as ordens do Espírito que comandava as tarefas, foi, por alguns segundos, desligada a luz da sala. Religada, constatou-se que a chave da porta de entrada do recinto encontrava-se no fundo da lâmpada (acesa) que iluminava a mesa! Momentos depois, novamente apagadas e reacendidas as lâmpadas, verificou-se, sob o espanto geral que a chave encontrava-se, de novo, no buraco da fechadura da porta! Os fatos foram rigorosamente comprovados, após metucioso exame por parte dos presentes, pessoas de inegável idoneidade.

Esses e outros eventos (folhas de papel dependuradas no ar, rasgadas sem nenhum toque visível; pratos vazios de uma balança que descem e sobem, ao comando do pesquisador...), ocorridos com médiuns de vários países, compõem um quadro de fenômenos singulares e surpreendentes, a maioria dos quais, de ocorrência única.

XLVIII- RADIESTESIA

Faculdade psíquica que possibilita tanto a percepção da existência de águas subterrâneas e jazidas, como a detecção de doenças, ou, ainda, a localização de pessoas ou seus despojos. ⁽¹⁾

⁽¹⁾ O termo radiestesia (do lat. *Radius*, raio, radiação, e do grego *aisthesis*, sensibilidade), foi usado na França com o sentido de “adivinhação”. A radiestesia (citada, às vezes, também, como *rabdomancia*) é conhecida desde a Antiguidade, principalmente no Egito, na Índia e entre os judeus, druidas e romanos.

Como ocorre com outros eventos, a radiestesia pode caracterizar-se tanto como fenômeno mediúnico, como paramediúnico, embora, neste caso, quase sempre assistido pelos Espíritos que operam pelo Bem.

Assim, na detecção de águas subterrâneas ou de ocorrências minerais (“prospecção radiestésica”), em que a pessoa, geralmente, opera com uma forquilha, que, em suas mãos, se dobra ao passar pelo local em que se encontram, indicando sua existência, o fenômeno pode, de certo modo, ser tido como paramediúnico, ainda que o operador seja acompanhado ou, até, supervisionado pelos Espíritos interessados. ⁽²⁾

⁽²⁾ Considerando que toda matéria emite radiações, é possível ao ser humano captá-las de diversos modos, inclusive, por meio dos métodos radiestésicos.

Ao que tudo indica, trata-se de um processo em que o operador, captando as radiações (possivelmente magnéticas) da água e dos minérios, influiria no movimento para baixo da forquilha, como efeito ectoplásmico.

Já no registro de doenças e, não raro, a indicação de medicamentos que possam influir na sua cura, o evento, certamente, comparece como mediúnico, presidido por Espíritos com conhecimentos na área médica.

Nesse tipo de atividade, o médium usa, normalmente, um pêndulo, que pode ser de metal, madeira, vidro e, até, de borracha, variando seu peso de 10 a 100 gramas e podendo ter, tanto a forma cônica (a mais usada), como redonda, cilíndrica ou oval.

Geralmente, na presença do paciente, ou de uma sua fotografia, o operador, tendo à sua frente um mapa anatômico, sobre ele passa vagarosamente o pêndulo; nos locais correspondentes aos órgãos afetados, este oscila ou gira de maneira especial, caso em que o agente pode, inclusive, detectar a gravidade da enfermidade pelo número de giros do pêndulo.

Nesse processo, o operador, ao que parece, capta as vibrações da aura do paciente e, com os recursos ectoplásmicos que fornece, o Espírito que o dirige atua sobre o pêndulo, comandando as oscilações ou giros, sempre que, naturalmente, se tratar de um trabalho sério e responsável.

De se ressaltar que, não raro, o diagnóstico pode se referir a uma doença que ainda não se manifestou no corpo físico, mas que já se encontra instalada no perispírito, caso em que a medicação poderá ter caráter preventivo. ⁽³⁾

⁽³⁾ Como já observado, antes de se fazer perceptível na organização física, a doença, como disfunção dos centros vitais, já se encontra instalada no perispírito. Justamente por isso, a aura, projeção do complexo perispírito-duplo etérico-corpo físico, mostra os sinais da enfermidade antes de sua manifestação física, o que, inclusive, possibilita aos médicos espirituais não só diagnosticá-la, como atende-la de acordo com o merecimento de cada um. Esse capítulo, aliás, é um dos mais importantes para a medicina do futuro e as observações que nestas últimas décadas já se vêm fazendo, com apoio na eletrônica e outros recursos, abrem perspectivas inimagináveis, indicando que logo mais poderá ser possível, também entre os médicos

encarnados, principalmente pelo diagnóstico áurico, a abordagem da doença em seu nascedouro. (V. do Autor, Perispírito, 4. ed. Campinas (SP): CEA, 2010, Cap. XIII, “Perispírito e Enfermidade”).

Casos há em que o operador pode usar, também, o pêndulo para a indicação dos remédios. Antigamente, diante de amostras dos principais medicamentos então conhecidos, o operador, se for o caso, após o diagnóstico da enfermidade - sob a clara influência do Espírito que o assistia - passava o pêndulo sobre cada uma e, pelo tipo de oscilação ou giro, poderia concluir sobre sua indicação e eficácia do remédio, a ser associado, ou não, a outras espécies de drogas.

Com o surgimento da indústria de medicamentos, tal sistema, evidentemente, tornou-se anacrônico, passando, às vezes, a ser substituído, tanto quanto possível, por uma grande coleção de fichas com os nomes de medicamentos atuais, sobre as quais é passado o pêndulo, a fim de se alcançar uma possível indicação terapêutica. Obviamente, tal método pode deixar a desejar, ainda que não perca o seu significado como um notável fenômeno, em que o médico espiritual e o médium, liberando ectoplasma, interagem, produzindo, às vezes, até resultados surpreendentes.

Finalmente, também pode ser catalogado como mediúnico o processo de localização de pessoas ou seus restos.

O operador, de posse de uma fotografia da pessoa procurada, de um objeto que tenha sido de seu uso ou, mesmo, um papel com seu nome (“testemunhos”), segurando um pêndulo sobre um mapa da região ou outro indicativo geográfico, localiza a posição da pessoa ou do que dela sobrou.

Claramente, é a ação espiritual sobre o médium, que comanda o movimento do pêndulo, aproveitando, também, conforme as necessidades, o ectoplasma disponível.

*

Pelo exposto, entende-se, afinal, que o processo radiestésico, em sua intimidade, é tão complexo quanto os demais até aqui examinados. Certamente, o desenvolvimento do Saber Humano possibilitará, também, no devido tempo, sua inteira compreensão.

XLIX- POLTERGEIST

As chamadas manifestações *poltergeist* (do alemão, *poltern*, fazer barulho, alvoroço, *geist*, Espírito) caracterizam-se pelo surgimento de uma série de fenômenos ruidosos e, por vezes, até chocantes, que ocorrem sucessiva ou simultaneamente, envolvendo, geralmente, Espíritos de categoria menor, que, para tal, aproveitam, particularmente, o ectoplasma disponibilizado por um médium de efeitos físicos (epicentro), em combinação com outros recursos.

Em tais manifestações conjugam-se vários dos fenômenos já vistos como levitação, materializações, deslocamento de móveis, pirogenia, pneumatofonia, pneumatografia, efeitos luminosos, odorantes, térmicos, eletroeletrônicos, atmosféricos, pancadas associadas, por vezes, a estrondos e varieis manifestações de agressividade, por parte dos Espíritos, como, por exemplo, objetos que são jogados ao chão ou contra alguma pessoa ou animal presente, derramamento de conteúdos de panelas ou vasos, janelas, portas e gavetas que se abrem e se fecham ruidosamente, e outras ocorrências.

Como a maioria das ocorrências mediúnicas, os fenômenos poltergeist são conhecidos de há muito.

Ao que consta, o primeiro caso a ter um relato completo ocorreu na casa do magistrado John MOMPESON, em Tedwort, Wilts, em 1661.

O fato a seguir descrito encontra-se narrado numa obra do Rev. Joseph GLANVILLE, publicada em 1668:

“A história começa com a detenção de um tamborileiro errante. Na metade de Abril, na ausência do Sr. Mompesson, o tambor confiscado foi levado a casa do magistrado. Quando Mompesson voltou, disseram a ele que, noite após noite, sons surdos e barulhos de tambor eram ouvidos na casa. Um tambor invisível tocou Roundheads, Cuckolds e Tat-too e pancadas eram ouvidas quando solicitadas. Quando o tamborileiro errante foi sentenciado, as manifestações cessaram. Mas ele voltou de algum modo e os distúrbios surgiram renovados. Objetos se moviam, luzes misteriosas eram vistas, um criado foi aterrorizado, por ‘um grande corpo com dois olhos fixos’, e os barulhos se tornaram especialmente violentos com a aproximação das crianças da casa. As camas delas eram sacudidas e erguidas; barulhos de arranhaduras e raspaduras as seguiam; cheiros sulfurosos eram sentidos, gotas de sangue eram percebidas e os distúrbios, que duraram por um período de dois anos, algumas vezes acordavam a aldeia toda.”

Em 1716, um caso ocorrido na residência de Samuel WESLEY, pai de John WESLEY, cofundador do Metodismo, em Epworth, foi divulgado por diversos autores da época, com base em cartas escritas, principalmente pelo casal WESLEY.

Em 12 de janeiro de 1717, escrevia a Sra. WESLEY:

“Uma noite fez tal barulho no quarto sobre nossas cabeças como se diversas pessoas estivessem andando, inclusive subindo e descendo as escadas velozmente, e era tão forte que pensamos que as crianças poderiam estar amedrontadas. Seu pai e eu, então, levantamos e descemos no escuro para acender uma vela. Assim que chegamos ao pé das escadas, abraçados um ao outro, do meu lado parecia como se alguém tivesse esvaziado uma bolsa de dinheiro em meu pé e do dele, como se todas as garrafas sob as escadas (e eram muitas)

tivessem sido violentamente quebradas em milhares de pedaços. Passamos do hall para a cozinha, conseguimos uma vela e fomos ver as crianças. Na noite seguinte, seu pai conseguiu que o Sr. Hoole ficasse em nossa casa e todos nós, Juntos, nos sentamos até uma ou duas horas da manhã e ouvimos os barulhos como sempre. Algumas vezes fazia um barulho como a rolagem de um guincho; em outras ocasiões, como aquela noite que o Sr. Hoole estava conosco, como um carpinteiro plainando pranchas (...)”⁽¹⁾

⁽¹⁾ CLARK, Adam. *Memoirs of the Wesley Family*. Londres, 1823. PRIESTLEY, Joseph. *Original Letters by the Rev. John Wesley and His Friends*, 1791.

A filha de WESLEY, Hetty Wesley, seria o centro dos fenômenos. “Ela foi encontrada tremendo fortemente em seu sono quando os barulhos ocorreram...”

Ao tempo de KARDEC, registros desses fenômenos já se tornavam mais frequentes. Conan DOYLE, referindo-se aos irmãos Ira e William DAVENPORT, famosos médiuns norte-americanos, descreve várias ocorrências verificadas por ocasião de sua passagem em Londres, noticiadas pelos jornais *The Times*, *Daily Telegraph*, *Daily News* e outros.

Entre elas, por exemplo, uma manifestação acontecida em outubro de 1864, na presença de importantes autoridades, jornalistas e pesquisadores da época:

“Um dos Davenport e Mr. Fray ficaram sentados entre nós. Duas cordas foram atiradas a seus pés e em dois minutos e meio estavam eles amarrados de pés e mãos, com as mãos para trás, fortemente atadas às cadeiras e estas amarradas a uma mesa próxima. Enquanto esta operação se realizava o violão foi erguido da mesa e tocou ou flutuou em volta da sala e por cima da cabeça de todos, tocando de leve um ao outro. Então uma luz fosforescente foi atirada de um para outro lado, por cima de todos; o peito, as mãos ou as costas de vários dos presentes foram simultaneamente tocados, batidos ou arranhados por mãos, enquanto o violão flutuava no ar, agora próximo do teto e batia na cabeça e nos ombros dos menos felizes. As campainhas soavam aqui e ali, e uma leve vibração era mantida no violino. Os dois tamborins pareciam rolar para lá e para cá pelo chão, ora sacudidos violentamente, ora tocando nas mãos e nos joelhos dos circunstantes - sendo que todas essas coisas eram sentidas ou ouvidas simultaneamente. Segurando um tamborim, Mr. Rideout perguntou se o mesmo poderia ser tirado de suas mãos; quase que instantaneamente o instrumento foi arrebatado. Ao mesmo tempo Lord Bury fez a mesma pergunta e houve uma tentativa de arrebatamento do tamborim que ele segurava fortemente. Então Mr. Fay perguntou se lhe poderiam tirar o paletó. Imediatamente ouvimos um puxão violento e aconteceu a coisa mais notável. Uma luz foi acesa antes que o paletó saísse de Mr. Fay, tirado por cima. Voou para o candelabro onde ficou pendurado por um instante e depois caiu no chão...”⁽²⁾

⁽²⁾ DOYLE, Arthur Conan. *História do Espiritismo*, p. 194.

Já anotava Kardec, em 1861:

“As manifestações espontâneas nem sempre se limitam a ruídos e pancadas. Degeneram, por vezes, em verdadeiro estardalhaço e em perturbações. Móveis e objetos diversos são derribados, projetis de toda sorte são atirados de fora para dentro, portas e janelas são abertas

e fechadas por mãos invisíveis, ladrilhos são quebrados, o que não se pode levar à conta de ilusão.”⁽³⁾

⁽³⁾ KARDEC, Allan. O Livro dos Médiuns, p. 108, item 87.

Tais ocorrências foram cuidadosamente avaliadas pelo Codificador e, até alguns casos de grande repercussão, em sua época, chegaram a ser citados na Revue Spirite. Entre eles, por exemplo, o célebre episódio do Espírito batedor de Bergzabern, na Baviera, cuja ação durou oito anos (edições de Maio, Junho, Julho, 1858); o da rua Des Noyers, em Paris, em que a vítima principal, uma doméstica, chegou a receber sérios ferimentos (Agosto, 1860); O de São Petersburgo, Rússia, com a produção, também, de golpes violentos, vindos, aparentemente, do vazio (Abril, 1860).

Geralmente, esses fenômenos ocorrem pela ação de Espíritos que, muitas vezes, agem mais por leviandade que por maldade, mas também, vingança, tornando-se tão nocivos que chegam a afetar o próprio psiquismo dos envolvidos. KARDEC, há século e meio, já observava:

“Tais fatos assumem, não raro, o caráter de verdadeiras perseguições. Conhecemos seis irmãs que moravam juntas e que, durante muitos anos, todas as manhãs encontravam suas roupas espalhadas, rasgadas e cortadas em pedaços, por mais que tomassem a precaução de guardá-las à chave. A muitas pessoas tem acontecido que, estando deitadas, mas completamente acordadas, lhe sacudam os cortinados da cama, tirem com violência as cobertas, levantem os travesseiros e mesmo as joguem fora do leito. Fatos destes são muito mais frequentes do que se pensa; porém, as mais das vezes os que deles são vítimas nada ousam dizer, de medo do ridículo. Somos sabedores de que, por causa desses fatos, se tem pretendido curar, como atacados de alucinações. (...)”⁽⁴⁾

⁽⁴⁾ Id, Ibid., pp. 109 e 110, item 89.

*

No Brasil, as manifestações poltergeist têm acontecido em vários lugares. Graças ao trabalho de Hernani G. ANDRADE, vários desses casos foram registrados e fotograficamente documentados os seus vestígios.

Entre as várias ocorrências investigadas, constam os fenômenos acontecidos, em 1973, no bairro do Ipiranga, São Paulo, e na cidade de Mogi das Cruzes.

No primeiro caso, a família foi atormentada por movimento de móveis, levitação de objetos, fenômenos de pirogenia, ruídos, desordem e destruição de objetos. O Professor ANDRADE assim descreve o ocorrido:

“Durante o tempo de ação do poltergeist, surgiram, em razão de 'apports' objetos usados em práticas de 'magia negra', em 'terreiros', fotografias de algumas pessoas da casa, espetadas com alfinetes e embrulhados em fitas coloridas e cabelos. Certa ocasião foram assim teleportadas e atiradas no interior da casa, à vista de todos, baratas vivas embrulhadas em pequenos pedaços de pano costurados em seus rebordos. As vítimas nunca puderam saber quem poderia ter-lhes feito tais malefícios. Simplesmente pareciam ignorara origem dos mesmos. Os fenômenos cessaram após os rituais executados no local por um grupo de Candomblé (religião afro-brasileira).”

O segundo caso, de Mogi das Cruzes, refere-se a um chefe de família que, em se desentendendo com uma sua vizinha, foi por ela ameaçado. Algum tempo depois, surgiram fenômenos de combustão (pirogenia), levando a família a instalar-se em nova residência. Os fenômenos, todavia, reapareceram:

“Logo passaram a surgir, diariamente, focos de combustão que acabaram por destruir todas as roupas e mobília do casal, terminando por provocar um início de incêndio no telhado da casa. Durante as ocorrências, apareciam frases obscenas e ameaçadoras misteriosamente escritas nas paredes ou em pedaços de papel, assim como ‘apports’ de velas acesas.” ⁽⁵⁾

⁽⁵⁾ ANDRADE, Hernani Guimarães. Você, o Poltergeist e os Locais Mal-Assombrados, pp. 122 a 124.

Em outra obra, Guimarães ANDRADE, um dos maiores pesquisadores contemporâneos do poltergeist, observa:

“Infelizmente, um poltergeist nem sempre se mostra passageiro e benigno. É mais provável que ele volte a manifestar-se reiteradas vezes, de maneira insólita e inesperada, furtando-se à observação e ao controle das pessoas. Lenta e determinadamente, irá desmantelando a casa onde se instalou, criando uma atmosfera de permanente desordem e também de aflitiva apreensão.

À noite poderão ouvir-se vozes e ruídos estranhos, pancadas e estrondos, seguidos de inúmeros focos de incêndio. Ninguém conseguirá dormir em paz. Ao esgotamento físico dos moradores da casa infestada, seguir-se-á a desnutrição. Surgem detritos repugnantes na comida. As panelas são levitadas e atiradas ao chão, derramando tudo e formando uma imundícia que desafia qualquer tentativa de limpar e pôr em ordem os objetos da casa. Alguns deles levam muitos anos para extinguir-se. Outros são mais benignos e logo cessam. Os mais temíveis são aqueles que provocam incêndios (...). A variedade é grande, mas todos eles apresentam características em comum: queda de pedras, movimento de objetos, ruídos, objetos que saem ou entram em recintos totalmente fechados, etc.

(...) Os poltergeists têm vida variável. Alguns duram horas, outros permanecem alguns dias, meses ou anos em atividade; cessam espontaneamente, ou aparentemente em virtude de alguma providência, tal como o exorcismo, as sessões mediúnicas, cerimônias de Umbanda ou Candomblé, etc. Às vezes, voltam à atividade de maneira recorrente, isto é, duram algum tempo em efervescência e tornam a cessar, sem motivo ou supostamente devido a providências como as já mencionadas.

(...) Considerando-se os danos materiais, psíquicos e físicos sofridos pelas pessoas perturbadas pelos poltergeists, chega-se à conclusão de que eles são altamente nocivos e suficientemente agressivos para merecerem a atenção e os cuidados que se aplicam a determinadas pragas predatórias.” ⁽⁶⁾

⁽⁶⁾ Andrade, Hernani Guimarães. Poltergeist - Algumas de suas ocorrências no Brasil. 10. ed. São Paulo: PENSAMENTO, 1994, pp. 4 e 5, 27 a 29, Cap I.

No rol dos fenômenos ectoplásmicos, as ocorrências poltergeist figuram como das mais singulares e chocantes, servindo, sem dúvida, ao despertamento dos incrédulos e materialistas para a existência do mundo espiritual.

SEGUNDA PARTE

I- DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO

Com o advento do Espiritismo, a mediunidade passou a ser compreendida em seu verdadeiro significado, como um valioso recurso de que dispõe o ser humano para a sua evolução espiritual.

Nesse sentido, KARDEC, em seu genial trabalho pioneiro, não só analisou e catalogou os tipos de médiuns, então conhecidos, à sua época, como estabeleceu diretrizes seguras para o real aproveitamento evolutivo das possibilidades mediúnicas de que todos dispõem.

Século e meio depois, com a criação de milhares de centros e núcleos espíritas, em todo o mundo, e com a extraordinária multiplicação de obras dedicadas ao estudo da mediunidade - merecendo, no Brasil, menção especial as obras escritas por intermédio de Francisco Cândido XAVIER -, a preocupação com a necessidade de aprimorar o trabalho mediúnico, com vistas nos resultados superiores, encontra-se cada vez mais presente, com a criação de programas dirigidos à educação do médium, visando prepará-lo para o exercício racional e responsável das suas faculdades. ⁽¹⁾

⁽¹⁾ Referem-se alguns autores aos sintomas da mediunidade que, como lembrava Francisco C. XAVIER, podem variar de acordo com o tipo de mediunidade. Irritabilidade, choro inexplicável, dores sem diagnóstico definido, sonolência injustificável e outros sinais, uma vez afastada a possibilidade de doença, podem indicar a atuação de Espíritos sobre o médium, a envolver a pineal e suas conexões com o sistema nervoso, endócrino e imunológico.

Os chamados cursos ou ciclos de desenvolvimento mediúnico cumprem tal finalidade oferecendo processos de aprendizagem que possibilitam o aprimoramento do desempenho mediúnico.

Esse aprimoramento deve verificar-se em dois níveis: doutrinário e técnico-mediúnico. Imprescindível, pois, para isso, a instrução doutrinária, com ênfase para a teoria da mediunidade e a orientação moral, e o exercício mediúnico destinado ao pleno aproveitamento das potencialidades mais evidentes.

Importante que o candidato ao aperfeiçoamento mediúnico participe, sempre que possível, de um programa assistencial, que, aliás, muito contribuirá para a sua sensibilização e autodisciplina.

A expressão desenvolvimento mediúnico pode sugerir aos neófitos que se trata de um meio de “produção automática” de médiuns, à maneira de um processo industrial, noção que nada tem com a verdade.

Ora, a mediunidade é uma faculdade que se manifesta sempre espontaneamente, não cabendo nenhuma insistência em sua manifestação, sob pena de intercorrência de fenômenos menos agradáveis.

Assim, embora a mediunidade seja inerente a todo ser humano, a história evolutiva de cada indivíduo dita, geralmente, a existência de um tipo de mediunidade que, no período de desenvolvimento mediúnico, pode apresentar-se mais ostensivo do que outros, ainda que, às vezes, o médium em aperfeiçoamento possa manifestar outras qualidades.

E pode ocorrer que, no início, a pessoa nada manifeste de perceptível, devendo aguardar nova oportunidade, se for o caso.

Comum, durante o ciclo de desenvolvimento, o desabrochamento da mediunidade psicofônica, da vidência, da audiência e do desdobramento. Às vezes, surge, também, a psicografia. ⁽²⁾

⁽²⁾ No caso da psicografia, importa considerar a importância de não confundir a mensagem psicográfica, propriamente, com a que é escrita por intuição ou que seja da produção do próprio médium, o que, aliás, não é raro. Tenha-se presente que, como visto, a psicografia, ou é mecânica, ou semimecânica. Desaconselhável, por isso, forçar o desenvolvimento da psicografia, como, de resto, de qualquer tipo de mediunidade, pois que a espontaneidade é a sua característica fundamental.

Fica clara, desde logo, a responsabilidade que tem o orientador de um grupo de desenvolvimento mediúnico, o qual, seguramente, deve ter suficientes conhecimentos doutrinários, idoneidade moral e grande experiência, para poder coordenar e conduzir o aprendizado mediúnico, esclarecendo e aconselhando, fraternalmente, os que procuram habilitar-se ao delicado e complexo mister de intermediar os Espíritos.

Nesse afã, o orientador não pode, também, deixar de ser prudente em suas avaliações, sob pena de comprometer o desenvolvimento de potenciais qualidades mediúnicas.

Outro dado a ser observado é que cada médium tem suas características. Assim, um mesmo Espírito pode transmitir a mesma ideia por vários médiuns, expressando-se, de forma diferente por cada um. Ocorre que o Espírito é obrigado a comunicar-se com os recursos que o medianoiro possa disponibilizar-lhe, a envolver as aquisições culturais de sua jornada evolutiva, o que diz, naturalmente, com a sua própria história espiritual. (Daí, a possibilidade da manifestação xenoglóssica, em que o comunicante, encontrando no subconsciente do médium os elementos de que precisa, fala ou escreve em língua atualmente esquecida e cuja existência pode, até, remontar a antigas civilizações).

De se notar, ainda, a respeito, que, embora possam ser vários os Espíritos a se manifestarem psicograficamente, a caligrafia do médium permanece sendo basicamente a mesma. As exceções ocorrem com médiuns mais aprimorados, que, em transe inconsciente, podem servir a manifestações que reproduzem, não só a caligrafia do comunicante, como sua própria assinatura. ⁽³⁾

⁽³⁾ Assinaturas presentes em diversas mensagens transmitidas por meio de Francisco Cândido Xavier mostraram-se rigorosamente autênticas, depois de submetidas à perícia grafoscópica. O professor Carlos Augusto PARANDRÊA, da Universidade de Londrina, em trabalho notável, comprovou a autenticidade irrefutável de diversas mensagens assinadas, recebidas pelo célebre médium mineiro. (V. PARANDRÊA, Carlos Augusto. *A Psicografia à Luz da Grafoscopia*. São Paulo: FE, 1991, pp. 23 e segs.).

No processo de desenvolvimento técnico-mediúnico, especialmente no caso da vidência, que, quase sempre, é acompanhada da audiência, há que se ter particular cuidado com a chamada pseudovidência, produto da imaginação ou de falsas interpretações, embora a inexistência de má-fé, propriamente, por parte do médium, que, particularmente na vidência interna, pode confundir o que é seu, com o que não o é.

Daí, a sábia recomendação de KARDEC:

“A faculdade de ver os Espíritos pode, sem dúvida, desenvolver-se, mas é uma das de que convém esperar o desenvolvimento natural, sem o provocar, em não se querendo ser joguete da própria imaginação. Quando o gérmen de uma faculdade existe, ela se manifesta de si mesma. Em princípio, devemos contentar-nos com as que Deus nos outorgou, sem procurarmos o impossível, por isso que, pretendendo ter muito, corremos o risco de perder o que possuímos.” ⁽⁴⁾

⁽⁴⁾ KARDEC, Allan. O Livro dos Médiuns, pp. 213 e 214, item 171.

Outro dado a ser considerado é que nem sempre o médium vê, realmente, um Espírito, um ambiente ou qualquer aspecto do mundo espiritual, sendo, até, comum que os Espíritos influenciem o médium desprendido — que todo fenômeno mediúnicos começa com o maior ou menor desprendimento do medianeiro —, projetando em sua mente imagens por eles criadas (formas-pensamento), que passam a ser descritas como se fossem reais.

Na verdade, às vezes, é muito difícil ao vidente diferenciar o real, do virtual, observando-se, entretanto, que na vidência externa, o médium tem melhores condições de perceber o que ocorre.

Mostram esses fatos que, numa reunião mediúnica, não se deve esperar que as descrições dos médiuns videntes sobre dada ocorrência apresentem-se inteiramente coincidentes, exigindo, aliás, atenção por parte do orientador dos trabalhos de desenvolvimento, para os casos em que, após uma primeira descrição por parte de um médium, manifestem-se outros, como é comum, relatando vidências coincidentes com aquela...

De qualquer modo, o vidente, com o tempo, apoiado na humildade e honestidade, poderá tornar-se instrumento dos mais preciosos, nos programas de auxílio espiritual.

Outro fenômeno a requisitar a atenção é o desdobramento, em suas várias nuances. O transe, as descrições do médium e outros detalhes fornecem elementos de avaliação ao orientador experimentado.

Já os médiuns de ectoplasmia que, não raro, são dotados de outras faculdades mediúnicas, exigem tratamento mais específico. A produção dos fenômenos que protagonizam, às vezes, não se subordinam, propriamente, ao seu controle consciente e, excluindo-se os serviços relacionados com a terapia ectoplásmica (psicocirurgia, passes, etc.), podem até, como visto, ocorrer aleatoriamente.

SISTEMAS DE DESENVOLVIMENTO

Observa-se, hoje, a existência de múltiplos sistemas de desenvolvimento mediúnicos, atendendo, como visto, às peculiaridades de cada comunidade espírita.

Alguns centros adotam programas que comportam quatro anos de aprimoramento; outros, três ou dois.

Comunidades há, que não têm fixada nenhuma duração fixa para os ciclos de desenvolvimento. Depois de certo tempo, os médiuns que manifestam ostensivamente suas faculdades, cumprido o programa de instrução doutrinária, são encaminhados aos serviços mediúnicos regulares da instituição. Os que não o tenham manifestado poderão dedicar-se a outros programas de aperfeiçoamento espiritual, que a sincera vontade de servir pode propiciar.

Cada centro ou comunidade adota, naturalmente, o sistema que mais diz com seus propósitos.

Todavia, de uma maneira geral, não é aconselhável a formação de grandes grupos de desenvolvimento, como, às vezes, se observa em instituições de maior frequência, em que as pessoas se sentem distantes entre si, em detrimento da harmonia e da fraternidade que devem presidir as reuniões de aprendizagem e aprimoramento mediúnico, além de que o justo atendimento pessoal pode ser prejudicado.

Preferível, nessas comunidades, a organização de grupos menores, em que o contato do orientador é mais imediato e em que as pessoas, conhecendo-se mais de perto, facilitam a harmonização e, de consequência, a melhor atuação espiritual.

Nesse caso, cumprido determinado período de aprendizagem doutrinária e exercício mediúnico, os que não manifestarem mediunidade mais ostensiva - e; às vezes, o são em maioria — poderão ser encaminhados a outras atividades da instituição, sendo os demais chamados a compor um grupo maior, constituído por médiuns provenientes dos vários grupos de desenvolvimento, para que, aperfeiçoando-se, habilitem-se ao trabalho de auxílio, propriamente.

Em centros que não sejam de alta frequência, mais motivo há, naturalmente, para não reunir os candidatos ao desenvolvimento, em grupos que dificultam o estabelecimento de um clima de amizade e solidariedade, comprometendo a harmonia e o auxílio espiritual.

II- NO SERVIÇO MEDIÚNICO

OS GRUPOS MEDIÚNICOS

Os grupos de serviço mediúnic, propriamente, compostos por médiuns que já passaram pelo ciclo de desenvolvimento, não devem ter, como já lecionava KARDEC, um número excessivo de pessoas, a fim de que os resultados sejam realmente satisfatórios. ⁽⁵⁾

⁽⁵⁾ V. O Livro dos Médiuns, p. 428, item 332.

Para um resultado ideal, aconselhável que o número de membros de um grupo - médiuns, dialogadores, passistas e assistentes - seja tal, que torne possível um relacionamento muito fraterno entre todos, essencial à harmonização espiritual.

Um trabalho mediúnic produtivo, de efetiva repercussão espiritual, impescinde de certas condições, consideradas realmente essenciais.

A seguir, algumas indicações a respeito.

O dirigente

A direção de um trabalho mediúnic deve, naturalmente, estar em mão de pessoas preparadas, que tenha um bom conhecimento doutrinário e comprovada experiência em relação à prática mediúnica.

Fraterno e compreensivo, deve mostrar condições de orientar os companheiros e ajudar os Espíritos que se comunicam, com afabilidade e bom-senso.

O dialogador

O dialogador (doutrinador) deve também, obviamente, não só conhecer a Doutrina, mormente no que se refere à mediunidade, como ser capaz de manter uma conversação com um Espírito que, eventualmente se mostre perturbado, de modo que lhe esclareça o raciocínio e lhe suavize as dores, tanto quanto possível.

Em seu contato com o médium, aconselhável que o dialogador aguarde a efetiva manifestação do Espírito, para, então, passar a atendê-lo, sempre com cordiais expressões de boas-vindas.

Muitas vezes, pelas expressões, respiração e eventuais gestos do médium, o dialogador é levado ao seu imediato atendimento, quando, às vezes, o comunicante se encontra apenas no início da mediunização, sem condições, ainda, de se manifestar normalmente. Nesse caso, a insistência do dialogador pode provocar uma resposta do médium, que não seja, propriamente, do Espírito, prejudicando todo o processo. Importante a paciência e o discernimento para que tudo aconteça a seu tempo, a fim de que o médium não se condicione negativamente, comprometendo, até, a sua participação.

Recomendável, também, que o dialogador se abstenha de impor as mãos sobre o médium durante a comunicação. Não só é desnecessária tal prática - a caracterizar, por vezes, verdadeiro hábito - como pode até incomodar o médium mais sensível.

Dirigindo-se ao Espírito, o dialogador deve ter em mente que se trata de um ser humano, que pode estar passando por um grande sofrimento, precisando de esclarecimento e agasalho afetivo.

De certa forma, o dialogador deve atuar como um psicoterapeuta, e não como um instrutor arrogante, evitando, pois, discutir com o comunicante, fugindo, assim, a todo debate, pois o momento de atendimento não comporta nenhum exercício de dialética.

Deve, sim, o dialogador, depois de ouvir, serenamente, a exposição do Espírito, procurar captar do interlocutor seus desejos, sua situação espiritual, suas necessidades e intenções, para, depois, iniciar um diálogo efetivo, que possa contribuir para o seu reequilíbrio emocional, favorecendo a intervenção dos Benfeitores Espirituais em seu benefício.

Deve, enfim, aprimorar-se para que seu contato com os Espíritos encaminhados ao seu atendimento seja sempre feito por meio de um diálogo fraterno, sustentado pela piedade e pela empatia, sendo certo que a compreensão da necessidade alheia é o elemento fundamental numa tarefa de auxílio efetivo.

Valiosas, a propósito, as recomendações do Espírito Hans SWIGG, por intermédio de Raul TEIXEIRA:

“Quando dialogues com os desencarnados, se te cabe tal função nos serviços mediúnicos, não te feches no preconceito, supondo que estejas em condições gerais melhores que as deles, só porque és o esclarecedor. Não; mostra-te simples, aberto para ouvir, seja o que for que te digam, respondendo o que te seja possível, com espírito de verdadeira compreensão, exercitando a difícil humildade.

Pensa em quem te aborda através do megafone mediúnico, como se te fosse um ser amigo, um familiar querido ou um adversário ideológico em estado de obnubilação psicológica, ou padecendo sério embotamento da razão ou bloqueio do sentimento, mais necessitado, por isso mesmo, da tua indulgência, da tua paciência, da tua fraternidade.

Analisa os sentimentos que inundam o teu coração, quando estás conversando com os irmãos do Além, e faze-te mais lúcido e claro nos diálogos, mais dócil e sensível no trato das suas mazelas, mais compreensivo para com suas limitações.

Quanto a ti que esclarece, esclarece-te também. Quanto a ti que apontas caminhos, caminha pelos mesmos trilhos que indicas. Quanto a ti que propões as lições de Jesus como roteiro seguro aos desencarnados, não deixes de ter essas mesmas lições como mapa capaz de nortear também a tua vida, a fim de que tenhas a decantada autoridade moral e para que dê força de documento às tuas palavras.” (2)

(2) TEIXEIRA, J. Raul. Espírito HANS SWIGG. Em Serviço Mediúnico. Niterói (RJ): FRATER, 1996, pp. 126 a 128.

*

Casos há em que o dialogador, dadas as precárias condições do Espírito trazido à comunicação, necessita lançar mão de recursos extras, em seu benefício. A um Espírito, por exemplo, que se apresenta em estado de grande crise, a refletir a situação em que se encontrava no momento de sua desencarnação, contorcendo-se de dor, com falta de ar, tosse e outros sintomas que o impedem, sequer, de prestar atenção às palavras do dialogador, este poderá oferecer-lhe, à luz de uma prece, um “medicamento” que se materializa aos seus olhos, graças à ação dos Supervisores Espirituais, utilizando os recursos disponibilizados pelos assistentes.

O efeito é geralmente imediato, possibilitando o diálogo esclarecedor.

Desnecessário lembrar que, em grande parte dos casos, os Espíritos conduzidos ao atendimento ignoram que já deixaram o corpo físico, guardando em sua mente as sensações que experimentavam quando ainda encarnados.

De outro lado, como se sabe, muitos Espíritos, mesmo conscientes de sua condição de desencarnados, podem mostrar grande dificuldade de se comunicar, como ocorre com os alcoólatras e drogados em geral. De acordo com o grau de consciência e autocontrole que lhes resta, é possível esclarecê-los e prestar-lhe o auxílio de que necessitam com o apoio, obviamente, dos Espíritos responsáveis pelo trabalho. Em casos mais difíceis, receberão, certamente, cuidados especiais por parte dos médicos espirituais, para que, no devido tempo, possam alcançar o necessário equilíbrio.

*

Entre os recursos de que pode dispor o dialogador (principalmente, nos casos de desobsessão), a regressão de memória do Espírito comunicante tem sido bem comum, contribuindo significativamente para que este, dando-se conta do seu passado, consiga apagar seu ódio, sua sede de vingança, contra a pessoa que se recomenda ao auxílio da Espiritualidade Superior, hoje sua vítima, ontem seu provável algoz.

A propósito, à luz da lei da causalidade espiritual, mostra bem ANDRÉ LUIZ os recursos de que podem dispor os Mestres Espirituais no serviço de auxílio.

Descrevendo uma reunião mediúnica, refere-se o autor a uma espécie de “condensador ectoplásmico” capaz de registrar as imagens projetadas pelo Espírito. Alguns excertos de sua descrição já servem à plena compreensão de sua lição:

“- Aquele aparelho - informou Áulus, gentil - é um condensador ectoplásmico. Tem a propriedade de concentrar em si os raios de força projetados pelos componentes da reunião, reproduzindo as imagens que fluem do pensamento da entidade comunicante, não só para a nossa observação, mas também para a análise do dou- trinador, que as recebe em seu campo intuitivo, agora auxiliado pelas energias magnéticas do nosso plano.

— Evidentemente, a engrenagem de semelhante mecanismo deve ser maravilhosa! - exclamou Hilário sob forte impressão.

— Nada de espanto - alegou o orientador -, o hóspede espiritual apenas contempla os reflexos da mente de si mesmo, à maneira de pessoa que se examina, através de um espelho.

— Mas, se estamos à frente de um condensador de forças - considere - precisamos concluir que o êxito do trabalho depende da colaboração de todos os componentes do grupo...

— Exato - confirmou o Assistente - as energias ectoplásmica são fornecidas pelo conjunto dos companheiros encarnados, em favor de irmãos que ainda se encontram semimaterializados nas faixas vibratórias da experiência física.”⁽³⁾

⁽³⁾ XAVIER, F. Cândido. Espírito ANDRÉ LUIZ. Nos Domínios da Mediunidade, p. 67.

Entende-se, do exposto, quão extraordinária é a dedicação da Espiritualidade Superior, na prestação de socorro aos desencarnados ainda estacionados nas faixas de perturbação. Cumpre ao dialogador estar atento a todas as possibilidades disponíveis, cuidando, com um adequado comportamento, de sua sintonia com as dimensões espirituais superiores, para que não lhe falte a assistência e a preciosa intuição — às vezes, acompanhada da vidência, quando há tal possibilidade no delicado trabalho de assistência aos Espíritos em sofrimento, tão necessitados de seu amoroso auxílio.

O médium

A mediunidade a serviço do próximo é a grande oportunidade que nos concede a Espiritualidade Superior para o reequilíbrio de nosso perispírito, superando, gradativamente, os desajustes oriundos de nossas ações pretéritas, que nos levaram à desarmonização com o Bem.

Assim, cada qual tem a sensibilidade e as possibilidades mediúnicas que melhor lhe servem para o seu avanço evolutivo, compensando, com o sacrifício e a abnegação ao trabalho mediúnico em benefício de encarnados e desencarnados, os sofrimentos causados, no passado, aos nossos semelhantes.

Na verdade, a possibilidade de trabalhar mediunicamente pelos outros é uma dádiva divina, a ser bem compreendida, respeitada e aproveitada. Ê que o exercício da mediunidade, como lembra Manoel Philomeno de MIRANDA, por intermédio de Divaldo Pereira FRANCO, proporciona “a sintonia com as elevadas esferas espirituais, nas quais o mediano haure conforto, inspiração e inegável alegria de viver, em decorrência dos conteúdos psíquicos e emocionais que frui”.⁽⁴⁾

⁽⁴⁾ Qualidade no Exercício Mediúnico. Mensagem psicografada no Centro Espírita Caminho da Redenção, Salvador (BA), em 15.11.2006.

Lamentavelmente, antes de KARDEC, desvios na tarefa mediúnica ocorreram, mas, com o advento do Espiritismo, construiu-se, já, um extraordinário manancial de conhecimentos em relação à mediunidade, que serve de verdadeiro farol aos aprendizes que somos todos nós. Alguns fatores importantes para o bom desempenho mediúnico merecem ser citados.

1. Disciplina

A ordem é essencial para o bom êxito de qualquer trabalho. Importante observar o horário, a assiduidade e o programa estabelecido, facilitando a tarefa dos Espíritos e correspondendo ao esforço que desenvolvem em benefício de seus assistidos.

2. Harmonia

Para que haja uma adequada sintonia com os Espíritos que supervisionam as atividades de um grupo mediúnico, imprescindível que todos seus componentes se encontrem plenamente harmonizados entre si. Isso significa ausência de ressentimentos e outros sentimentos negativos, que possam perturbar a cadeia de solidariedade e de amizade que entre todos deve existir.

De se lembrar, a propósito, que uma boa maneira de conservar a harmonia em um grupo é o médium, em suas preces, orar por cada companheiro de equipe, eliminando, assim, qualquer resíduo de malquerença ou antipatia e fortalecendo os laços de fraternidade que entre todos deve imperar.

3. Vigilância

Importante a constante lembrança da recomendação de Jesus, grafada por Marcos (Mar. 13:33): **Vigiai e Orai.**

O espírita esclarecido sabe do cuidado que deve ter com os pensamentos, com a palavra e com as ações. E o médium, em exercício, dada, mesmo, sua sensibilidade, deve exercitar-se na anulação das infiltrações mentais que, particularmente, possam levá-lo ao descontrole emocional, um dos fatores que mais prejudicam o desempenho mediúnico.

Recomendável, aliás, que o médium esteja especialmente atento nos dias de seu trabalho mediúnico, e nos que o antecedem, quando pode estar sujeito a um processo de aproximação de um Espírito necessitado, que transite por acentuada perturbação e que deva ser encaminhado ao esclarecimento por seu intermédio, sob a ação dos Tutelares Espirituais. (Caso há que, diante das precárias condições do Espírito a ser socorrido, essa aproximação é promovida com bastante antecedência, até, para que a conexão entre os perispíritos possa ser feita de forma gradual e suportável para o médium).

A qualidade do pensamento é determinativa da saúde ou da doença, da tristeza ou da alegria, do sucesso ou do fracasso, do nosso progresso espiritual ou não, pois, pelo princípio da sintonia, atraímos sempre como companhia os Espíritos que conosco se identificam mentalmente.

Fácil, então, compreender como é importante a autovigilância do médium, diante da responsabilidade que tem como medianeiro do Plano Espiritual.

Lembra, a propósito, o Espírito ODILON FERNANDES, por intermédio de C. BACCELLI:

“Em mediunidade, tudo é uma questão de sintonia. O médium que estabelece sintonia com as Trevas pode, se desejar, estabelecer sintonia com a Luz, e vice-versa. O homem caminha para onde direcione o pensamento...

O médium leviano e irresponsável atrairá para si a companhia de Espíritos que se transformarão, por um tempo mais ou menos longo, em seus inquilinos, seviciando-lhe as forças, exaurindo-o em suas energias e adoecendo-lhe as faculdades.

(...) Por isto, a vigilância nos médiuns há de ser uma constante necessidade, e ao medianeiro que desejar saber qual o tipo de influência a que se encontra exposto, bastará a análise de seus pensamentos e anseios de caráter pessoal. ⁽⁵⁾

⁽⁵⁾ BACCELLI, Carlos A. Espírito ODILON FERNANDES. Mediunidade - Perguntas e Respostas. Votuporanga (SP): CASA EDITORA ESPÍRITA, 2000, pp. 101 e 102.

A consciência de seu compromisso com a mediunidade a serviço do Bem, e com os Espíritos que o assistem, determina mudanças no comportamento do médium, levando-o a cuidar-se mais em relação à sua moral.

Evidentemente, sendo a mediunidade uma faculdade inerente a todo ser humano, o medianeiro pode servir tanto às Trevas, como à Luz, de acordo com suas condições, mas, se já tem uma percepção mais avançada da realidade espiritual e da Lei da Evolução, dedicar-se-á com mais atenção à sua transformação íntima, facilitando sua sintonia com os Benfeitores Espirituais, em direção a resultados mais significativos para o seu progresso espiritual.

Nesse caminho, importante é ter presente que as quedas morais de qualquer natureza, refletindo nossa condição, longe de desestimular o aprendiz de boa vontade, deve motivá-lo

a vigiar-se e a disciplinar-se de modo que supere, gradativamente, seus impulsos negativos, crescendo em amorosidade e tornando-se, assim, um instrumento superior dos Mestres Espirituais.

*

Importante, ainda, algumas considerações relacionadas com o desempenho mediúnico, propriamente, em uma reunião de esclarecimento e encaminhamento dos Espíritos que se recomendam ao atendimento do grupo.

♦ Humilde e honesto, o mediano psicofônico deve intermediar a comunicação com espírito de absoluta lealdade ao pensamento do comunicante. Isso, todavia, não impede que controle o processo, devendo, diante das condições ou das interações do manifestante, pôr-se de guarda, contendo-o e filtrando suas palavras para que a ordem do trabalho não seja perturbada.

Elucidativa a lição que ANDRÉ LUIZ transmite, a respeito, pela mediunidade de Francisco C. XAVIER:

“Observei que leves fios brilhantes ligavam a fronte de Eugênia, desligada do veículo físico, ao cérebro da entidade comunicante. (...)

Embora senhoreando as forças de Eugênia, o hóspede enfermo do nosso piano permanece controlado por ela, a quem se imanta pela corrente nervosa, através da qual estará nossa irmã informada de todas as palavras que ele mentalize e pretenda dizer. Efetivamente apossa-se ele temporariamente do órgão vocal de nossa amiga, apropriando-se de seu mundo sensório, conseguindo enxergar, ouvir e raciocinar com algum equilíbrio, por intermédio das energias dela, mas Eugênia comanda, firme, as rédeas da própria vontade, agindo qual se fosse enfermeira concordando com os caprichos de um doente, no objetivo de auxiliá-lo. Esse capricho, porém, deve ser limitado, porque, consciente de todas as intenções do companheiro in- fortunado a quem empresta o seu carro físico, nossa amiga reserva-se o direito de corrigi-lo em qualquer inconveniência. Pela corrente nervosa, conhecer-lhe-á as palavras na formação, apreciando-as previamente, de vez que os impulsos mentais dele lhe percutem sobre o pensamento como verdadeiras marteladas. Pode, assim, frustrar-lhe qualquer abuso, fiscalizando-lhe os propósitos e expressões, porque se trata de uma entidade que lhe é inferior, pela perturbação e pelo sofrimento em que se encontra, e a cujo nível não deve arremessar-se, se quiser ser-lhe útil. (...)

Tem o dever de colaborar na preservação da ordem e da respeitabilidade na obra de assistência aos desencarnados, permitindo-lhes a livre manifestação apenas até o ponto em que essa manifestação não colida com a harmonia necessária ao conjunto e com a dignidade imprescindível ao recinto.” ⁽⁶⁾

⁽⁶⁾ XAVIER, Francisco Cândido. Espírito ANDRÉ LUIZ. Nos Domínios da Mediunidade, pp. 55 e 56, Cap. 6.

Nesse episódio o Autor refere-se à psicofonia consciente ou semiconscente, mas também no transe inconsciente, o médium, principalmente se dotado das necessárias condições morais, pode, perfeitamente, exercer o controle sobre a manifestação do Espírito.

É o que mostra ANDRÉ LUIZ, em outra passagem:

“A médium desvencilhou-se do corpo físico, como alguém que se entregava a sono profundo, e conduziu consigo a aura brilhante de que se coroava.

Clementino não teve necessidade de socorrê-la. Parecia afeita àquele gênero de tarefa.

Ainda assim, o condutor do grupo amparou-a, solícito. (...)

(...) Dela partiam fios brilhantes a envolvê-lo inteiramente e o recém-chegado, em vista disso, não obstante senhor de si, demonstrava-se criteriosamente controlado. (...)

Tentava gritar impropérios, mas debalde.

A médium era um instrumento passivo no exterior, entretanto, nas profundezas do ser, mostrava as qualidades morais positivas que lhe eram conquista inalienável, impedindo aquele irmão de qualquer manifestação menos digna.”⁽⁷⁾

⁽⁷⁾ XAVIER, Francisco Cândido. Espírito ANDRÉ LUIZ. Nos Domínios da Mediunidade, pp. 72 e 73. Cap. 6.

◆ Tanto quanto possível, deve o médium, também, controlar gestos e altura da voz, operando a serviço do necessitado sem perturbar seus companheiros de trabalho.

Servindo às expressões emocionais do comunicante, pode o médium, perfeitamente, conter os exageros, a refletirem, às vezes, suas próprias tendências.

◆ Por último, merece atenção a postura do médium (principalmente no transe consciente ou semiconsciente) diante do dialogador.

Como se sabe, numa comunicação consciente, verifica-se um processo de interação mental entre os seus protagonistas. Tanto pode o Espírito atuar sobre o pensamento do médium, como este, também, influenciar a mente daquele. Assim, em meio a uma comunicação, o médium pode, sem que mesmo o perceba, influir de tal modo na mente do Espírito que este passa a expressar o pensamento daquele, sem mesmo dar-se conta. Significa que o médium pode, também, transmitir-lhe, telepaticamente, seus sentimentos, levando o comunicante a registrá-los como seus. Tal processo não se confunde com o chamado “animismo”, em que a manifestação é só do médium.

Tal fato tem registro mais comum do que se possa imaginar e especialmente verificável em certas comunicações em que o médium, no acompanhamento consciente do diálogo mantido entre o instrutor e o Espírito, interfere de tal modo, com seus pensamentos, que pode até levar o comunicante a opor-se ao dialogador, contestando sistematicamente seus argumentos e comprometendo o programa de ajuda estabelecido pelos Benfeitores Espirituais.

Ocorrências como essas acontecem, às vezes, nos casos em que a relação de simpatia existente entre o médium e o dialogador não é das mais ostensivas, levando o primeiro a interferir indebitamente na comunicação, em prejuízo dos resultados.

*

Tema a merecer também abordagem é o que diz respeito com a chamada intermitência mediúnic, suspensão temporária das manifestações.

Diversas são suas causas, mas, em princípio, o médium não deve preocupar-se em demasia com o que lhe ocorre, sem deixar, todavia, de prestar-lhe a necessária atenção, pois vezes há em que a suspensão acontece por sua invigilância e irresponsabilidade, o que, aliás, pode levar até à perda de oportunidade no serviço mediúnico.

Comumente, quando se trata de um médium atento à sua responsabilidade e aos cuidados pessoais daí decorrentes, a suspensão provisória das manifestações pode significar um repouso que lhe é concedido — muitas vezes, devido à sua saúde - para que possa bem recuperar-se.

Assinala, a propósito, KARDEC, que a suspensão das comunicações “demonstra, às vezes, solicitude do Espírito para com o médium, a que consagra afeição, tendo por objetivo proporcionar-lhe um repouso material de que o julgar necessitado, caso em que não permite que outros Espíritos o substituam”.⁽⁸⁾

⁽⁸⁾ KARDEC, Allan. O Livro dos Médiuns, pp. 260 e 261, Cap. XVII.

Casos há em que, numa reunião, nenhum Espírito se manifeste pelo médium, dada a programação estabelecida pelos responsáveis espirituais pelo trabalho. Tal fato, aliás, pode ocorrer em mais de uma reunião, sem que o médium deva com isso preocupar-se. É que, como visto, a sintonia é elemento fundamental em qualquer manifestação, principalmente na mediunização psicofônica ou psicográfica. E como a sintonia diz, de certo modo, com afinidade, acontece que os Espíritos são trazidos à comunicação por meio dos instrumentos que, dadas as linhas de afinidade energética existentes, possibilitam a sintonia necessária à produção do fenômeno.

Como os Espíritos trazidos ao serviço de atendimento mediúnico devem comunicar-se por intermédio de quem lhes favoreça sintonia, alguns médiuns do grupo poderão não registrar nenhuma aproximação espiritual, dada a ausência de condições para os atendimentos programados para determinada reunião.

Outras vezes, porém, a suspensão das manifestações deve-se a fatores outros, ligados à condição mental do médium. Nesses casos, a intermitência mediúnica pode alongar-se no tempo, exigindo o necessário esforço de autoavaliação crítica, compreendendo-se que fatores como as reiteradas faltas às reuniões de trabalho, a ausência de conveniente preparo para a reunião que o aguarda, e outros, podem influir negativamente no seu desempenho.

KARDEC, consultando os Espíritos, obteve, a respeito, esclarecedora resposta:

"... Por que sinal se pode reconhecer a censura nesta interrupção?

— Interrogue o médium a sua consciência e inquiria de si mesmo qual o uso que tem feito da sua faculdade, qual o bem que dela tem resultado para os outros, que proveito há tirado dos conselhos que se lhe têm dado, e terá a resposta."⁽⁹⁾

⁽⁹⁾ KARDEC, Allan. O Livro dos Médiuns, p. 262, Cap. XVII.

Relevante, assim, que o médium, na ausência de manifestações, busque tomar consciência da situação, procurando melhor orientar-se com quem, por seu conhecimento e experiência, tenha condições de ajudá-lo.

Por outro lado, compreendendo com humildade o que ocorre, impõe-se que, afastando qualquer sentimento de ciúme ou inveja - comum, infelizmente, entre companheiros de trabalho - não tente, o médium, “produzir” manifestações, como se fosse obrigado “a prestar serviço”, de qualquer modo, comprometendo-se, assim, perante a Espiritualidade Superior.

Mais proveitoso é, afastada a ansiedade, aguardar com serenidade, confiança e os necessários cuidados, a oportunidade em que, superados os fatores impeditivos, possa voltar normalmente à tarefa mediúnica, iluminado pelo ideal de servir.

*

Os assistentes

Como visto, a harmonia é fundamental para que o trabalho de auxílio mediúnico alcance, realmente, resultados frutíferos.

Aos assistentes dedicados à chamada sustentação mental dos serviços mediúnicos, cumpre esforçar-se no sentido de manter o pensamento elevado e harmonizado, para que os Operadores Espirituais possam aproveitar os recursos ectoplásmicos de que possam dispor, no processo de esclarecimento e auxílio aos Espíritos necessitados que se recomendam ao atendimento do grupo.

Com a responsabilidade de participarem de um programa de ajuda, devem contribuir com o melhor de si para que os resultados surjam realmente satisfatórios, aliviando sofrimentos e iluminando o caminho de tantas almas atribuladas que buscam o socorro espiritual.

Compreende-se que nem sempre é possível manter-se o pensamento ininterruptamente concentrado.

Assim, para evitar divagações e a criação de formas- pensamento que possam prejudicar o trabalho dos Espíritos, aconselhável, quando for o caso, manter a atenção dirigida aos diálogos e às preces, em proveitoso exercício de aprendizagem, com o especial cuidado de não emitir vibrações em desfavor do dialogador, quando seus argumentos ou a maneira de tratar o interlocutor desencarnado não coincidirem, de alguma forma, com o seu modo de pensar. O assistente, aliás, jamais deve assumir a posição de crítico, opondo-se mentalmente ao comunicante ou ao dialogador, comprometendo a harmonia que deve presidir os trabalhos.

Atento à sua tarefa, cumpre a quem opera na sustentação mental, esforçar-se para que seus pensamentos, no grupo e fora dele, se mantenham em padrão de dignidade e amorosidade, condizente com a responsabilidade que lhe foi outorgada pela Espiritualidade Superior, em prol de seu crescimento espiritual, obrigação, aliás, que, na verdade, se estende a todos os trabalhadores da Seara, conscientes da sua realidade espiritual.

Os auxiliares passistas

Compondo a equipe de assistentes que serve à manutenção de um clima espiritual que favoreça o serviço mediúnico, os auxiliares passistas devem estar aptos ao atendimento dos médiuns, quando necessário, conforme indicação do dirigente.

Com a mente afinada com a Espiritualidade Superior, entregando-se amorosamente à prestação de auxílio ao médium, quando preciso, pode operar tanto na eliminação dos resíduos fluídicos negativos deixados pelo comunicante, como para o seu pleno refazimento psicofísico.

*

Ao final, a título de complementação, cabe menção a alguns outros aspectos relacionados com o serviço mediúnico em geral, que importa sejam lembrados.

MODALIDADES DE ATENDIMENTO

Comum nas reuniões mediúnicas de auxílio aos Espíritos, antes do início das atividades mediúnicas, propriamente, a leitura de nome de pessoas encarnadas e desencarnadas, que se recomendam ao atendimento espiritual do grupo.

Trata-se de um trabalho deveras importante, dados os ostensivos resultados que se registram, sendo recomendável que a leitura dos nomes conte com a atenção e as boas vibrações dos presentes, para que a tarefa de ajuda, por parte dos Benfeitores Espirituais, seja mais facilmente executada.

De se lembrar, aliás, que, nessa linha de serviço, certos centros, de acordo com suas normas, adotam um sistema de operação em que o nome das pessoas que se recomendam à tarefa de auxílio, são apresentados ao Mentor Espiritual que, através do médium, preside os trabalhos, para o devido atendimento.

Sistema semelhante, mas exclusivamente dedicado ao receituário mediúnico, pode, também, ser encontrado em diversas instituições, com a presença, ou não, do consulente. ⁽¹⁰⁾

⁽¹⁰⁾ O receituário mediúnico pode ocorrer não só pelo processo psicofônico, aqui referido, como também através da psicografia, da pneumatografia, da radiestesia, bem como durante o processo psicocirúrgico e no desdobramento.

Entende-se, desde logo, que esse tipo de atendimento envolve processo, também muito complexo.

Pequeno excerto de uma lição de ANDRÉ LUIZ, a respeito, já serve de amostra das dificuldades e dos extraordinários recursos empregados pelos Mestres Espirituais, nessas tarefas:

“Antes, porém, de começarem o trabalho de resposta às questões formuladas, um grande espelho fluídico foi situado junto da médium, por trabalhadores espirituais da instituição e, na face dele, com espantosa rapidez, cada pessoa ausente, nomeada nas petições da noite, surgia ante o exame dos benfeitores que, à distância, contemplavam-lhe a imagem, recolhiam-lhe os pensamentos e especificavam-lhe as necessidades, oferecendo a solução possível aos pedidos feitos.” ⁽¹¹⁾

⁽¹¹⁾ Xavier, F. C. Espírito André Luiz. NOS Domínios da Mediunidade, p. 154.

REUNIÕES DE DESOBSESSÃO

Os médiuns e, particularmente, o dirigente e os dialogadores, que formam um grupo dedicado ao serviço de desobsessão, devem ter um razoável conhecimento do processo mediúnico e permanecer atentos aos perigos do caminho, que, aliás, dizem muito com sua qualidade moral. ⁽¹²⁾

⁽¹²⁾ Os trabalhos de desobsessão apoiam-se principalmente na psicofonia, todavia, faculdades outras podem apresentar-se especialmente valiosas nesse tipo de serviço: a intuição, a vidência, a audiência, a psicografia, o desdobramento. Importantes, também, os recursos ectoplásmicos.

Valiosa a advertência, nesse sentido, da famosa médium brasileira Yvonne PEREIRA:

“Será necessário que os responsáveis pelos citados trabalhos (de desobsessão) orem e vigiem a cada passo, procedendo no lar e na sociedade como procedem no seu núcleo espírita, ou seja, de acordo com os quesitos que a Doutrina Espírita estabelece como norma moral para seus adeptos, visto que passarão a servir de padrão e exemplo para a emenda dos obsessores; estes prestarão atenção em suas normas de vida diária e somente os respeitarão se neles encontrarem superioridade moral.”⁽¹³⁾

⁽¹³⁾ Pereira, Yvonne A. Recordações da Mediunidade. 7. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1992, p. 211.

A respeito, ainda, das reuniões de desobsessão, importa ter presente que os pacientes trazidos ao socorro espiritual não devem presenciar os trabalhos mediúnicos realizados a seu benefício.

Em casos de obsidiados que são conduzidos ao centro, já mediunizados por seus obsessores (o que não é raro, ocorrendo, até, situações em que o paciente é trazido ao atendimento em estado de transe inconsciente), médiuns bem preparados podem, separadamente, sob a orientação de experiente dialogador, prestar-lhe a necessária ajuda, recebendo o obsessor a fim de que seja esclarecido e encaminhado.

Nesse serviço, por falta, às vezes, de condições de o médium obsidiado expressar-se de forma normal, o obsessor, por intervenção dos Espíritos responsáveis, é normalmente transferido para um dos médiuns presentes, às vezes, com o apoio magnético do dirigente, que, nesse caso, apondo as mãos sobre o obsidiado e o médium disponível, simultaneamente, administrará a transferência do obsessor - “fenômeno da passagem”, nas palavras de Yvonne PEREIRA - para que, se possível, se comunique.⁽¹⁴⁾

⁽¹⁴⁾ Pereira, Yvonne A. Recordações da Mediunidade. 7. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1992, p. 211.

Liberto - provisoriamente, às vezes - da atuação obsessiva, deve o paciente, a seguir, se for o caso, ser encaminhado à necessária aprendizagem, com vistas na sua futura habilitação aos serviços mediúnicos e outros.

ECLOSÕES MEDIÚNICAS PRECOSES

Não raro surgem crianças portando uma sensibilidade mediúnica - às vezes, muito perturbadora - que demanda a necessária atenção.

Como se sabe, até os sete anos de idade, aproximadamente, tempo em que a reencarnação já se consolida, as crianças, pela própria facilidade de se desprenderem, podem ter visões, frequentes, até, do mundo espiritual.

Ocorre que, por vezes, esses fenômenos de vidência são acompanhados dos de audiência, servindo de meio aos obsessores, ou simples galhofeiros, para perturbar não só a criança, como, às vezes, os pais, seguidamente, o principal alvo.

E casos há em que até manifestações psicofônicas podem surgir, provocando perplexidades e temores.

Trazidas ao atendimento espiritual, recomendável que frequentem os trabalhos de passes e que seu nome seja incluído nos programas de atendimento espiritual, para a competente assistência, notando-se que algumas Casas Espíritas, a propósito, contam, inclusive, com serviços mediúnicos de desobsessão dirigidos às crianças.

Totalmente desaconselhável que frequentem as reuniões mediúnicas, devendo-se aguardar seu desenvolvimento físico para quaisquer e eventuais indicações que digam, efetivamente, com o serviço mediúnico.

No que se refere aos jovens adolescentes, importa anotar que há quem defenda sua participação ativa nos trabalhos mediúnicos, com apoio no fato de que, na aurora do Espiritismo, muito se deveu às meninas Fox, Margareth e Kate, com 14 e 11 anos, respectivamente, e das jovens Ruth Japhet e Ermance Dufaux.

Importante lembrar, todavia, que outros eram os tempos, de nobres missionários em tarefa pioneira, a atraírem, por isso mesmo, cuidados especiais por parte da Espiritualidade Superior. Mesmo porque a pouca idade das médiuns, diante do elevado conteúdo das comunicações, contribuiu significativamente para o despertamento do interesse de renomados cientistas e pensadores da época.

Hoje, entretanto, em que se contam aos milhares os Centros Espíritas no mundo, o trabalho mediúnico precoce, com raras exceções, pode atrair efeitos negativos, por falta de conhecimento e preparo.

Conveniente, assim, o tempo ideal para a aprendizagem e o exercício mediúnicos.

MEDIUNIDADE E GESTAÇÃO

Oportunas algumas observações em relação à médium gestante, indecisa, às vezes, quanto à atitude a tomar, diante de seus compromissos com a mediunidade.

Ensina Adolfo BEZERRA DE MENEZES, pela mediunidade de Francisco C. XAVIER, que, na gravidez, devem as médiuns, após o terceiro mês de gestação, ***“abster-se da ação mediúnica, podendo permanecer, porém, na equipe de serviço espiritual para receberem auxílio”***.

Já com relação aos embarços mensais, nada existe que as impeça de exercer normalmente suas tarefas mediúnicas. ⁽¹⁵⁾

⁽¹⁵⁾ Aprendendo com Chico Xavier, In Universo Espírita, jun., 2002.

EVOCAÇÕES

Por último, cabe menção às evocações, que ainda chamam a atenção de alguns espíritas. Compreenda-se, desde logo, que a época das evocações já passou.

Ao tempo de KARDEC, em benefício da obra monumental que construía, a Espiritualidade Superior o permitiu, buscando atender todos os pedidos, ainda que em meio a grandes dificuldades.

Hoje, não só são desnecessárias, como perigosas, favorecendo em grande parte a mistificação, certas manifestações anímicas e, mesmo, dependendo da condição moral do médium, a própria fraude.

Como advertem os Mestres Espirituais, é totalmente impróprio que se provoque ou se force a manifestação mediúnica, que deve, sempre, ser regida pelo princípio da espontaneidade.

*

A ADMINISTRAÇÃO DE PASSES

Para a administração do passe (mediúnico), importante é a prévia frequência a um Ciclo de Orientação específica, para que o candidato a passista se prepare convenientemente para o desempenho responsável das sagradas tarefas que o aguardam.

No passe, o médium, normalmente, atua em plena consciência, operando mentalmente em benefício do paciente e instrumentando o seu Protetor Espiritual na administração dos recursos magnéticos e ectoplásmicos.

Como em toda atividade mediúnica, o conhecimento, o cuidado com a disciplina e a conduta moral comparecem como elementos vitais para a produção de reais benefícios, fortalecendo a confiança e a sintonia que deve haver entre o passista e os Espíritos que o auxiliam em sua reabilitação espiritual.

Outro elemento relevante é a harmonia que deve reinar entre todos os membros da equipe de passistas, para que o ambiente espiritual, a psicofera em que atuam se mantenha, durante todo o trabalho, propícia à efetiva prestação de auxílio aos necessitados.

Neutralizar antipatias e eventuais dissensões, relevando as faltas do companheiro, compreendendo a necessidade do cultivo da amizade e da bondade em proveito de seu crescimento espiritual, eis a agenda do médium passista consciente.

*

No serviço de passes, propriamente, embora cada Comunidade Espírita tenha suas normas de trabalho, alguns lembretes de ordem geral podem apresentar-se úteis a um eficaz programa de atendimento espiritual.

1. Preparação

Importante, nos momentos que precedem o trabalho de passes, a preparação espiritual de passistas e pacientes, promovendo, assim, a necessária harmonização e o ambiente psíquico propício à devida assistência por parte dos Espíritos vinculados à tarefa.

2. Momento inicial

Dispostos em linha de atendimento, o dirigente do grupo de passistas, através de uma oração catalisadora a efetiva conexão mental dos médiuns com seus protetores espirituais, inaugurará os trabalhos. (Uma prece em conjunto marcará, também, o encerramento) Indiferente a posição do paciente, no recebimento do passe, todavia, o mais comum é que permaneça sentado, ainda que, em casos especiais, possa receber os benefícios mesmo deitado.

3. Modo de operação

O modo de administração do passe tem sido ainda objeto de algumas controvérsias, mas partindo do princípio de que Espiritismo é, acima de tudo, bom-senso, impõe-se, desde logo, reconhecer que o importante nessa operação é o pensamento do passista, e não, seus gestos. Assim, em havendo a força mental totalmente dirigida à recuperação e ao bem-estar do paciente, basta a imposição das mãos sobre sua cabeça e, eventualmente sobre alguns centros de força do perispírito, de acordo com a intuição, para que os bons resultados logo se façam sentir, mercê da atuação dos Agentes Espirituais. ⁽¹⁶⁾

⁽¹⁶⁾ A imposição das mãos, para alívio e cura, é um processo conhecido desde a Antiguidade. Entre os egípcios, os hierofantes curavam pondo as mãos sobre os doentes. No Antigo Testamento há citações a respeito (2 Rs. 5.11). Já a história de Jesus é bem marcada por curas que o Mestre realizava com a simples imposição das mãos sobre a cabeça do enfermo (Mat. 8.3; Luc. 4.40, etc.), ocorrendo o mesmo com seus servidores (AT. 9-17; AT. 28-8, etc.). Na Grécia, esse recurso terapêutico era também conhecido. E na Idade Média até alguns reis ganharam fama pelas curas que realizavam pelo toque, correspondendo, assim, à tradição de que eram detentores de poderes especiais...

Na verdade, em sua aparente simplicidade, o processo do passe guarda suas complexidades, pois a operação é dirigida, basicamente, ao perispírito do paciente, através da aura.

Apoiado no pensamento e nos recursos magnéticos e ectoplásmicos do médium, o Espírito condutor procede à expurgação das energias deletérias que impregnam a aura e o perispírito do paciente, vitalizando, a seguir, os centros vitais mais necessitados, fortalecendo o seu sistema imunológico e a revigorando sua mente, além de, se presente o merecimento, contribuir para neutralização da ação maléfica de eventuais malfeitores espirituais.

Importa, todavia, reconhecer que, em geral, as Casas Espíritas - já por influência do mesmerismo - adotam método diferente de aplicação do passe, optando por um sistema de atendimento baseado em diversos tipos de movimento das mãos, sobre o paciente, buscando dispersar as energias perniciosas e vitalizá-lo física e psiquicamente, sob a assistência do condutor espiritual.

Convencionou-se designar os vários tipos de operação, considerando os objetivos e resultados, como passes de dispersão (longitudinais, transversais), de vitalização (projeção palmar e digital), de concentração (circulares), etc., a constituírem a impropriamente chamada “técnica do passe”.

Obviamente, os resultados se mostram positivos sempre que o pensamento amoroso do passista favorece a atuação do condutor espiritual.

Dado importante é que, principalmente em relação aos iniciantes, os gestos podem servir à concentração mental do passista nos objetivos visados, facilitando a liberação dos recursos necessários ao atendimento. (Mais tarde, a simples mentalização firme do passista, com as mãos impostas sobre o paciente, já poderá, sob a égide do operador espiritual, produzir os resultados esperados).

Ao final do passe, algumas poucas e afetuosas palavras, bastam ao encerramento da operação.

4. Deveres e cuidados

Cabe, por fim, referência a alguns itens de relevante importância para o tarefeiro comprometido com o serviço de passes.

O médium passista, onde estiver, deve sempre guardar consciência de sua responsabilidade como instrumento de auxílio e cura, buscando sempre estar na melhor condição de servir à Espiritualidade Superior, cuidando de sua saúde física e mental, para que os abusos de alimentação e os desequilíbrios emocionais não turvem sua capacidade e obrigação de bem servir aos Mestres que nele confiam.

Tenha-se presente, a propósito, a importância da leitura frequente e sistemática dos ensinamentos espíritas, como poderoso instrumento de aprendizagem de que dispomos para o maior aperfeiçoamento e equilíbrio.



Na administração do passe, cabe ao médium lembrar, constantemente, que se encontra desempenhando uma tarefa sagrada, devendo cuidar para que o pensamento, seu ou insinuado, seja o mais digno e fraterno.

Operando com as mãos próximas ao paciente, deve ter o cuidado de não tocá-lo, a não ser para prestar-lhe auxílio em casos de real necessidade. Como escreveu H. PIRES, “a moral mediúnica não é, nem pode ser preconceituosa, mas não dispensa medidas de segurança e defesa em meio à malícia do mundo.”⁽¹⁷⁾

⁽¹⁷⁾ PIRES, Herculano J. Mediunidade. 2. ed. São Paulo: PAIDEIA, 1992, p. 79.



Em surgindo, durante o passe, os sinais de que o paciente está sendo mediunizado por algum Espírito que o acompanhe, cumpre ao passista chamá-lo à consciência, recomendando-lhe evitar qualquer passividade, totalmente imprópria na sala de passes.

Com efeito, não é raro ocorrer, no caso de pacientes portadores de maior sensibilidade mediúnica, mas ainda despreparados, a sua repentina mediunização por parte de um Espírito perturbador ou, mesmo, obsessor, exigindo do passista intervenção segura e firme, com o apoio dos Operadores Espirituais, no sentido de provocar a reação do médium e o afastamento da presença inoportuna.

Mesmo quando a mediunização leve ao transe inconsciente, deve o passista ter presente que no serviço de passes não há lugar para o diálogo, como acontece num trabalho de desobsessão. Buscar, com absoluta confiança o apoio espiritual, por meio da prece, e impor ao Espírito perturbador o imediato afastamento, são as medidas indicadas.

Recomendável que antes de cada início de administração de passes, o dirigente convide os pacientes a permanecer com o pensamento em estado de prece, abrindo seu psiquismo à ajuda espiritual.



Às mães acompanhadas de crianças ainda acostumadas ao colo, nada impede que recebam o passe ocupando apenas uma cadeira ou banco. Em se tratando de crianças mais desenvolvidas, proveitoso que ocupem lugar separado.



Médiuns passistas gestantes, como acontece com as trabalhadoras de outras áreas de atividade mediúnica, devem suspender sua participação ao terceiro mês de gestação. Quanto aos embarços mensais, também, nada impede que continuem operando normalmente.



Por último, partindo do fato de que a confiança que o paciente possa, eventualmente, depositar em um passista, abre seu psiquismo à melhor recepção dos benefícios que lhe são

dispensados, não há por que impedir que procure posicionar-se como pretende, junto ao médium de sua escolha, desde que possível e nenhuma perturbação cause.

III- OCORRÊNCIAS NEGATIVAS

Na atividade mediúnica registram-se, por vezes, algumas ocorrências que devem merecer toda a atenção por parte dos dirigentes, dado o prejuízo que podem causar, comprometendo o programa de trabalho.

Alinham-se entre esses eventos negativos, principalmente, a mistificação, a fraude e a obsessão.

MISTIFICAÇÃO

Mistificar é agir com intenção de enganar, iludir.

Não são poucos os casos, mormente com os médiuns menos experientes, em que o Espírito manifesta-se arditamente, apresentando-se com uma falsa personalidade, buscando iludir os presentes.

Evidentemente, em se tratando de médium experiente, este o percebe desde sua aproximação, pela própria qualidade de suas vibrações, cortando-lhe a possibilidade de manifestação.

Se não o percebe desde logo, no decorrer do diálogo passa a sentir de que se trata de um mistificador, permanecendo, então, alerta e na expectativa de que não tenha mais condições de continuar em sua farsa.

Em acontecendo a repetição continuada de manifestações desse tipo, cumpre ao dirigente orientar o médium no que for necessário. ⁽¹⁾

⁽¹⁾ KARDEC preocupava-se com esse tipo de ocorrência, em que mistificadores apresentavam mensagens com conteúdos pretensamente importantes e aparentemente produzidas por eminentes pensadores conhecidos. Em O Livro dos Médiuns, reproduz a incisiva advertência de Erasto, em uma de suas lições: “Melhor, é repelir dez verdades do que admitir uma mentira.” (Op. cit., item 230, Cap. XX).

FRAUDE

Se a mistificação é da parte do Espírito comunicante, a fraude é sempre do médium.

Ê a simulação proposital do médium, aparentando intermediar os Espíritos, quase sempre em busca de prestígio.

Ê, em síntese, uma ação de má-fé, visando a algum benefício pessoal.

Muito rara, hoje, alguma notícia sobre tal ocorrência, sendo certo, todavia, que no passado, quando a Doutrina Espírita era, ainda, desconhecida ou mal conhecida, diversos casos de fraudes, em público, envolvendo alguns médiuns até bem conhecidos, foram constatados, com graves prejuízos, às vezes, à divulgação do Espiritismo.

*

Importante ressaltar aqui, diante da tendência de generalizar, que se detecta na prática mediúnica, confundindo mistificação com fraude e, estas, com o animismo, ⁽²⁾ as marcantes diferenças existentes entre esses tipos de ocorrência.

⁽²⁾ V. Cap. **Transe – Transe Anímico.**

De fato, se a mistificação — exaustivamente estudada por KARDEC ⁽³⁾ refere-se a atitudes enganosas do Espírito, que se apresenta com falsa identidade e com falso saber, e se a fraude diz com o médium que, geralmente em fase de intermitência mediúnica ou de crise, simula estar mediunizado, movido pela insegurança ou vaidade, no animismo, não se registra a intenção de enganar, propriamente; ao contrário, o médium liberando, conteúdos subconscientes reprimidos, manifesta-se extramediunicamente, às vezes, em interessante processo de ab-reação, segundo a linguagem psicanalítica, que lhe faculta descarregar tais conteúdos, a lhe dificultarem, momentaneamente, o desempenho da tarefa mediúnica, dado o bloqueio mental que oferece ao pensamento do Espírito desejoso de comunicar-se.

⁽³⁾ V. KARDEC, Allan. O Livro dos Médiuns, Cap. XXIX.

De se observar, a propósito, que o fenômeno do animismo - detectável principalmente na psicofonia - deve, também, preocupar quando surge com frequência incomum, o que, aliás, é raro.

Em assim não ocorrendo, o fenômeno deve ser considerado mais ou menos normal, principalmente na fase inicial do desempenho mediúnico.

O atendimento fraterno ao médium, como se mediunizado estivesse, ajuda-o, pouco a pouco, a equilibrar-se, colocando-o em condições de cumprir sua tarefa mediúnica.

E não pode ser esquecido o fato de que o chamado animismo pode esporadicamente acontecer até com médiuns bem experientes, entre uma ou outra manifestação mediúnica autêntica. Se percebida pelo dialogador, é de mister conduzir normalmente o diálogo até o final, certo de que, assim, auxilia o médium protagonista a liberar-se de suas tensões subconscientes e prosseguir, satisfatoriamente, na prestação do serviço mediúnico.

Totalmente desaconselhável, a propósito, qualquer iniciativa por parte do dirigente ou dialogador, no sentido de chamar a atenção do médium para o fato, de resto, normalmente passageiro.

De outro lado, imperioso considerar que mesmo médiuns com significativo potencial mediúnico, depois de tanto ouvirem sobre o animismo, passam a alimentar dúvidas, sobre si mesmos, perturbando-se e esmorecendo, em grave prejuízo, até, da tarefa que lhe foi designada pelos Espíritos Superiores.

Impõe-se, pois, grande cuidado no trato da questão do animismo, cumprindo, sempre, evitar precipitadas avaliações, estimulando e amparando todos os que têm compromisso com o serviço mediúnico.

Esse cuidado - anote-se - deve ser ainda maior, quando, pela persistência das manifestações anímicas, se percebe a presença de obsessão, atuando na mente do médium e ressuscitando, muitas vezes, sentimentos de culpa ou frustrações, depositadas no subconsciente. Com o tempo, essa situação tende a ser superada sob a ação dos Benfeitores Espirituais e com a gradativa mudança mental do médium.

Nesses casos, naturalmente, o acompanhamento amoroso, por parte do dirigente, muito poderá contribuir para que o médium inicie ou reinicie, normalmente, sua tarefa mediúnica.

OBSESSÃO

A obsessão inscreve-se no rol das experiências mais dolorosas do ser humano; constitui, por isso, capítulo importante do Espiritismo.

Consiste, genericamente, na ação maléfica de um ou mais Espíritos, sobre outro(s), de nefastas consequências psíquicas - ou psicofísicas, no caso de paciente(s) encarnado(s).⁽⁴⁾

⁽⁴⁾ A Psiquiatria, hoje, já faz a distinção entre o estado de transe normal e o de caráter psicótico. O Código Internacional de Doenças - CID 10, item F. 44-3, deixa clara a diferença existente entre o transe característico da mediunização e o que ocorre nos casos patológicos. E, em seu manual de estatística de distúrbios mentais, a Associação Americana de Psiquiatria — DSM IV — alerta os médicos para que não se equivoquem em seus diagnósticos, confundindo esses tipos de ocorrência.

Suas causas são sempre de ordem moral e embora, às vezes, se nos escapem a uma melhor compreensão, seus perigosos efeitos já são bem conhecidos. Relaciona-se, comumente, com os desejos de vingança, mas pode ligar-se também à simples vontade de prejudicar, ou a outros motivos. De qualquer forma, não deixando de considerar que a obsessão “é sempre uma prova, nunca um acontecimento eventual”, como indica Emmanuel.⁽⁵⁾

⁽⁵⁾ XAVIER, Francisco C.; Espírito EMMANUEL. O Consolador. 16. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1993, item 393.

Impõe-se lembrar também, o aviso de ANDRÉ LUIZ, de que “toda obsessão tem alicerces na reciprocidade”.⁽⁶⁾

⁽⁶⁾ XAVIER, Francisco C.; Espírito André Luiz. NOS Domínios da Mediunidade, p. 218.

Nessa direção, aliás, o notável Instrutor nos transmite esclarecimento dos mais preciosos:

“A obsessão é sinistro conúbio da mente com o desequilíbrio comum às trevas. Pensamos, e imprimimos existência ao objeto idealizado. A resultante visível de nossas cogitações mais íntimas denuncia a condição espiritual que nos é própria, e quantos se afinam com a natureza de nossas inclinações e desejos aproximam-se de nós, pelas amostras de nossos pensamentos. Se persistimos nas esferas mais baixas da experiência humana, os que ainda jornadaem nas linhas da animalidade nos procuram, atraídos pelo tipo de nossos impulsos inferiores, absorvendo as substâncias mentais que emitimos e projetando sobre nós os elementos de que se fazem portadores.”⁽⁷⁾

⁽⁷⁾ XAVIER, Francisco C.; Espírito André Luiz. NOS Domínios da Mediunidade, pp. 119 e 120, Cap. 13.

A obsessão é fenômeno dos mais complexos e, na verdade, ainda é cedo para que se alcancem conclusões que digam com todos os seus aspectos, embora a literatura espírita já mostre importantes trabalhos a respeito, todos de inegável valor científico. Assim, já se podem catalogar os principais tipos de obsessão, as causas, as formas como ocorrem, os modos e técnicas de obsessão, as fases, os efeitos, revelando toda a sua gravidade, e a extrema necessidade que temos de sempre pautar o reto caminho da bondade, da humildade, da honestidade, da legítima fraternidade, buscando servir e ajudar onde estivermos, a começar pelo nosso lar, apagando débitos e malquerenças do passado e impulsionando nosso aprimoramento espiritual, a fim de que o sofrimento desapareça definitivamente de nosso horizonte evolutivo.

Em relação à mediunidade, propriamente, impõe-se examinar os tipos de obsessão mais suscetíveis de ocorrer no serviço mediúnico, com graves prejuízos, como visto, para o futuro do medianeiro.

Antes, porém, para uma melhor compreensão do tema, impõe-se analisar, ainda que superficialmente, as técnicas empregadas pelos obsessores, tão mais sofisticadas, quão maior a sua experiência no patrocínio do mal.

TÉCNICAS DE OBSESSÃO

Conhecidas são as seguintes técnicas obsessivas: persuasão, influência telepática, hipnotismo, soldadura perispirítica, infecção fluídica, manipulações ectoplásmicas, provocação de reflexos anímicos, provocação de efeitos sensitivos particulares.

TÉCNICAS DE OBSESSÃO:

PERSUASÃO

INFLUENCIAÇÃO TELEPÁTICA

HIPNOTISMO

SOLDADURA PERISPIRÍTICA DE

INFECCÃO FLUÍDICA

MANIPULAÇÕES ECTOPLÁSMICAS

PROVOCAÇÃO DE REFLEXOS ANÍMICOS

PROVOCAÇÃO DE EFEITOS SENSITIVOS PARTICULARES

Persuasão

A técnica da persuasão é usada tanto em forma de sugestões mentais, em estado de vigília, como por meio do processo mediúnico, levando médiuns e circunstantes desprevenidos a perigosos enganos, como se observa, por exemplo, na fascinação e em certos comportamentos individuais e coletivos, de caráter religioso ou pseudomístico.

Sabe-se, todavia, que é durante o sono que essa ne-fasta arte de convencer se torna mais presente, construindo resultados, às vezes, os mais comprometedores para o futuro espiritual dos envolvidos.

É no repouso do corpo que, muitas vezes, almas vingativas ou maldosas encontram melhores condições de insinuar-se astuciosamente, envenenando os sentimentos dos Espíritos encarnados e levando-os a plantar aflições e dores para si e seus semelhantes.

*

Influência telepática

A influência telepática negativa é recurso presente basicamente em todos os processos obsessivos, uma vez que todos têm seu início marcado por uma influência sutil, que, depois, pode evoluir para estágios de verda-deiro controle mental, se presentes as necessárias condições de sintonia.

Essa influência telepática sutil - que, aliás, é também magnética - mostra normalmente alguns sinais claros: derrotismo “sem causa orgânica ou moral de destaque”; dificuldade de “concentrar ideias em motivos otimistas”, dificuldade de orar ou “concentrar-se em leituras

edificantes”; aborrecimentos reprimidos; pessimismos, queixas, irritações surdas; suscetibilidade exagerada; “aptidão a condenar quem não tem culpa”, ânsia de investir-se no papel de vítima ou de tomar posição absurda de automartírio”.⁽⁸⁾

⁽⁸⁾ V. XAVIER Francisco Cândido. Vieira, Waldo. Espíritos Emmanuel e André Luiz. Estude e Viva. 7. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1993, pp. 202 e 203.

Esse tipo de ação obsessiva, quase imperceptível ao encarnado, é, por isso mesmo, das que mais devem preocupar. “Não se sabe” - ressalta ANDRÉ Luiz, por intermédio de F. C. Xavier e Waldo Vieira - “O que tem causado maior dano a Humanidade: se as obsessões espetaculares, individuais ou coletivas, que todos percebem e ajudam a desfazer ou isolar, ou se essas meio-obsessões de quase obsidiados, despercebidas, contudo bem mais frequentes, que minam as energias de uma sô criatura incauta, mas influenciando o roteiro de legiões de outras”.

Como em outros casos, nem sempre o agente responsável tem consciência da influência que exerce e o mal que causa.

De outras vezes, porém, não só o obsessor é consciente, como artiloso, preparando a ocorrência “com antecedência e meticulosidade, às vezes, dias e semanas antes do sorratoiro assalto, marcado para a oportunidade de encontro em perspectiva, conversação, recebimento de carta, clímax de negócio ou crise imprevista de serviço”.⁽⁹⁾

⁽⁹⁾ V. XAVIER Francisco Cândido. Vieira, Waldo. Espíritos Emmanuel e André Luiz. Estude e Viva. 7. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1993, pp. 203 Cap. 35.

A influência telepática (que é também magnética, como ressaltado) pode chegar, em muitos casos, a um tal estado de dominação, que a transmissão persistente de mesmas ideias ou imagens acaba corroendo possíveis resistências mentais, em direção a desequilíbrios até bem graves. Em outros, o perigoso circuito de ódio entre as partes pode até levar a um regime de influência recíproca com efeitos desestabilizadores da própria integridade psíquica.

*

Hipnotismo

Como técnica de obsessão destaca-se como das mais usadas. Surge, na verdade, como uma fase mais adiantada na escala das influências telepáticas, sabendo-se, entretanto, que no processo hipnótico, em termos espirituais, já comparece também certo envolvimento magnético, proporcional, sempre, à intensidade do domínio obsedante.⁽¹⁰⁾

⁽¹⁰⁾ Em se tratando de domínio hipnótico, ocorrências há que surpreendem até os mais experimentados pesquisadores. Entre essas, por exemplo, os casos de zoantropia, em que o Espírito, sob indução hipnótica, passa a assumir a forma animal (lobo, cobra, macaco, etc.), chegando mesmo, às vezes, nas reuniões mediúnicas, a com-portal-se como tal.

Hipnotizadores e magnetizadores experimentados - porém, ainda a serviço do mal - usam de seus recursos para levar a vítima a degradar-se perispiriticamente e a assumir a forma que lhe é induzida, fenômeno possível graças à plasticidade, uma das mais importantes propriedades do corpo espiritual.

Tais casos devem, naturalmente, merecer o maior cuidado por parte dos dialogadores, nas reuniões de desobsessão, a fim de que o Espírito possa livrar-se do domínio que o aflige, retornando ao seu estado normal.

Interessante lembrar que também pessoas encarnadas, dadas as suas condições, podem estar sujeitas a esse tipo de ação obsessiva, passando a comportar-se como um animal e a requisitar, quase sempre, com a assistência espiritual, o devido tratamento psiquiátrico. (Observe-se, a propósito, que casos como esse chegaram, até, a ganhar registro bíblico, como, por exemplo, se vê em Daniel, referindo-se a Nabucodonosor, que, durante sete anos, viveu como animal — Dn 4.29 a 34)

A persistência e os efeitos da operação obsessiva determinam estados hipnóticos que podem ser considerados - especialmente quanto às possibilidades de sua reversão - como menos, ou mais graves.

São os casos em que o domínio do agente pode ser tido como eventual, ou aqueles em que esse domínio - já altamente perigoso - passa a ser sistemático.

Soldadura perispirítica

É a justaposição do agente ao paciente, de tal forma que os perispíritos parecem se interpenetrar, como a configurar uma quase fusão entre eles.

Esse processo, que, pela persistência dessa interpenetração psicossômica, pode ser chamado de soldadura perispirítica, acontece sob o comando magnético de terceiros - Espíritos treinados em tais perversidades -, ou por ação natural do próprio obsessor.

No primeiro caso, almas em desequilíbrio - inconscientes, até, do que ocorre, catalogando-se, entre elas, particularmente, as submetidas aos efeitos do monoideísmo -, são magneticamente jungidas ao perispíritos das vítimas, provocando-lhes os mais graves desajustes psíquicos, responsáveis pelo surgimento dos numerosos distúrbios elencados em psicopatologia.

No segundo, a atitude mental vingativa do próprio obsessor, fechado em seu ódio contra o obsidiado - ontem, normalmente, seu cruel algoz -, leva-o a unir-se de tal maneira a este, que os perispíritos parecem como que soldados entre si.

Infecção fluídica

Fenômeno dos mais comuns, tal como a infecção de natureza física, a infecção fluídica pode, também, às vezes, ser usada como recurso de agravamento do processo obsessivo. Pelas informações que se colhe na literatura espírita mediúnica, é possível considerar que a infecção fluídica - expressão cunhada por ANDRÉ LUIZ - deva ser atribuída a diversos fatores, entre os quais, a projeção obsessiva de formas-pensamento, a canalização de emanções deletérias e a transmissão ou implantação de germens psíquicos.

No primeiro caso, a mente da vítima é infestada por formas-pensamento de teor altamente maligno, insistentemente projetados pelo obsessor, que pode até causar prejuízos psiconervosos de difícil reversão.

Formas-pensamento com tal poder de dano não se confundem com as formas mentais comumente produzidas por encarnados e desencarnados. São produto de inteligências treinadas, quase sempre cultivadas, do ponto de vista intelectual, mas tristemente descuidadas de sua evolução moral, cujas criações malignas são marcadas por especial intensidade e persistência.

Na infecção causada por emanções deletérias, Espíritos com graves desequilíbrios psíquicos, que mostram no perispírito as mazelas que os refletem, transmitem aos pacientes

sujeitos à sua influência - voluntária ou involuntariamente, por si ou sob o comando de terceiros - as forças deletérias que liberam, causando efeitos os mais nocivos e dolorosos. Com efeito, impregnando o perispírito do obsidiado com as emanções enfermigas que dele emanam, o obsessor, pouco a pouco, atinge não só a resistência psíquica do paciente (por comprometimento funcional dos centros coronário e cerebral), como, de consequência, o seu próprio sistema imunológico, de sorte que, sob a ação de tal processo de contaminação fluídica, passa este a apresentar, com o tempo, sinais que correspondem ao estado doentio do agente, podendo o quadro evoluir para situações de morbidez em que o prognóstico de cura se torna até difícil, se não for considerado o aspecto espiritual, fundamental no caso. Na infecção causada por germens psíquicos, “micro-organismos” produzidos por mentes enfermigas, ⁽¹¹⁾ servem ao surgimento de todo um elenco de moléstias, muitas das quais, nem sequer catalogadas no repertório patológico atual.

⁽¹¹⁾ O Espírito André Luiz, em suas obras, designa-os como bactérias, larvas ou bacilos mentais, associados, todos, à patogenia da alma.

Explica, a propósito, ANDRÉ LUIZ:

“A cólera, a desesperação, o ódio, o vício, oferecem cam-po a perigosos germens psíquicos na esfera da alma. E qual acontece no terreno das enfermidades do corpo, o contágio (...) é fato consumado, desde que a imprevidência ou a necessidade de luta estabeleçam ambiente propício, entre companheiros do mesmo nível.” ⁽¹²⁾

⁽¹²⁾ XAVIER, Francisco Cândido. Espírito, André LUIZ. Os Missionários da Luz. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, p. 38, Cap. 4.

Em outra passagem, explanando o tema, comenta o destacado Instrutor que “se temos a nuvem de bactérias produzidas pelo corpo doente, temos a nuvem de larvas mentais produzidas pela mente enferma, em identidade de circunstâncias. Desse modo, na esfera das criaturas desprevenidas de recursos espirituais, tanto adoecem corpos, como almas. No futuro, por esse mesmo motivo, a medicina da alma absorverá a medicina do corpo”. ⁽¹³⁾

⁽¹³⁾ Xavier, Francisco Cândido. Espírito, André LUIZ. **Os Mensageiros**. 27. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, p. 211, Cap. 40.

Os germens psíquicos, expressando matéria mental deteriorada, encontram-se presentes tanto nos organismos de encarnados, como no de desencarnados, podendo, também, servir a propósitos obsessivos.

Assim, Espíritos em lastimável desequilíbrio, com as funções perispirituais em desarmonia, devido à ação deletéria desses germens, podem espontaneamente atuar sobre os encarnados, atraídos por ódio ou simpatia, ou ser conduzidos para perto de encarnados invigilantes, que lhes correspondam à condição, ensejando, por contágio, o surgimento de enfermidades diversas, ou agravando as já existentes.

Manipulações ectoplásmicas

Operando com o ectoplasma disponibilizado, geralmente, pelo próprio obsidiado, seu obsessor - acompanhado por vezes por outros Espíritos - atua sobre a vítima, produzindo uma série de efeitos físicos que podem até atormentá-la por longo tempo. É o que ocorre, por exemplo, no endoposte e nas ocorrências Poltergeist. ⁽¹⁴⁾

⁽¹⁴⁾ V. Cap. **Ectoplasma, Endoposte e Poltergeist.**

Provocação de reflexos anímicos

Técnica utilizada pelos obsessores, visando provocar o afloramento de conteúdos subconscientes da vítima, com o emprego da indução telepática e do magnetismo, principalmente.

Esse tipo de atuação, quando ocorre na atividade mediúnica, como se sabe, é responsável pelos chamados surtos anímicos, com manifestações não mediúnicas ou paramediúnicas - a exigirem, mormente quando de ocorrência mais frequente, atenção e auxílio especiais, como visto.

Obviamente, nem todo o transe anímico é resultado da ação obsessiva.

Como já antes observado, ⁽¹⁵⁾ o chamado processo anímico natural, sem a interferência de nenhum obsessor, seguidamente acontece por ação do próprio médium, como meio de liberação de tensões depositadas no sub-consciente, em preparação, quase sempre, para o exercício mediúnico pleno.

⁽¹⁵⁾ V. 1ª Parte, Cap. III, Transe. **Transe Anímico.**

Provocação de efeitos sensitivos particulares

Tipo de ação exercida por agentes obsessores, aproveitando-se das potencialidades sensitivas e mediúnicas dos pacientes, para provocar-lhes sensações, não só desagradáveis, como, às vezes, até bem dolorosas. ⁽¹⁶⁾

⁽¹⁶⁾ V. 1ª Parte, Cap. IV, Mediunidade - **Sensitividade.**

Casos há em que o paciente passa a sentir dores constantes em certa parte do corpo, como se fossem sintomas de alguma enfermidade, mas cuja origem acaba sendo inexplicável.

Tal processo, porém, não se restringe à geração de sintomas de doenças fantasmas.

Acontece, muitas vezes, serem ativadas, por meio de ação magnética dirigida particularmente ao centro cerebral, faculdades específicas do sensitivo, que então passa a ouvir, por exemplo, ruídos, gargalhadas, vozes estranhas, zombeteiras ou ameaçadoras, como que vindas do exterior ou produzidas dentro do próprio cérebro (uma espécie de “pensamento sonorizado”, segundo palavras de Francisco C. XAVIER), ou a ver imagens assustadoras, ou, ainda, a sentir incessantes odores nauseabundos, sem que seja definida sua origem.

Trata-se, infelizmente, de mais um arsenal de recursos obsessivos, que Inteligências maldosas e bem treinadas utilizam para martirizar suas vítimas - e os que com elas se

encontram envolvidos -, por vingança ou por simples vontade de prejudicar, sempre, porém, de acordo com a lei da sintonia mental.

TIPOS DE OBSESSÃO

Os tipos de processo obsessivo variam, praticamente, de acordo com as técnicas empregadas pelos obsessores, podendo, de conformidade com certas características perceptíveis como dominantes, ser catalogados como obsessão ordinária, fascinação, obsessão noctípica, obsessão simbiótica, obsessão parasitária e subjugação.

No exercício mediúnico, propriamente, merecem particular atenção a obsessão ordinária, a fascinação e a subjugação. ⁽¹⁷⁾

⁽¹⁷⁾ Allan KARDEC, autor do primeiro estudo sistematizado da obsessão que se conhece, catalogou três tipos de ocorrência: **obsessão simples, fascinação e subjugação.**

TIPOS DE OBSESSÃO

ORDINÁRIA

INFLUENCIACÃO SUTIL

VOLUNTÁRIA

INVOLUNTÁRIA

INFLUENCIACÃO OSTENSIVA

NO EXERCÍCIO MEDIÚNICO

FORA DO EXERCÍCIO MEDIÚNICO

COM MANIFESTAÇÃO FÍSICA

COM EFEITOS SENSITIVOS ESPECIAIS

FASCINAÇÃO

NO EXERCÍCIO MEDIÚNICO

FORA DO EXERCÍCIO MEDIÚNICO

SUBJUGAÇÃO

CONSTRIÇÃO PSICONERVOSA

VAMPIRISMO AGUDO

POSSESSÃO

NOCTÍPICA

SIMBIÓTICA

PARASITÁRIA: VAMPIRISMO

PSICOFÍSICO MENTAL

CONSCIENTE

INCONSCIENTE

Obsessão ordinária

Geralmente, é temporária, podendo surgir como influência sutil ou como influência ostensiva.

Influência sutil - É a mais frequente, embora não menos perigosa. Caracteriza-se esse tipo de influência por uma ação mental discreta e persistente sobre o paciente, quase sempre a distância, em seus começos, crescendo em intensidade à medida que suas resistências vão sendo minadas. Pode, por isso, tornar-se muito perigosa se ausente a autovigilância, porque serve ao desenvolvimento de processos mais avançados de obsessão. Começa como mera insinuação mental e conforme a passividade oferecida, pode transformar-se em forma disfarçada de domínio, cujas repercussões psicofísicas soem ser geralmente danosas.

A respeito, leciona ANDRÉ LUIZ, por intermédio de F. C. XAVIER:

“Sempre que você experimente um estado de espírito tendente ao derrotismo, perdurando há várias horas, sem causa orgânica ou morai de destaque, avente a hipótese de uma influência espiritual sutil. Seja claro consigo para auxiliar os Mentores Espirituais a socorrer você. Essa é a verdadeira ocasião da humildade, da prece, do passe.” ⁽¹⁸⁾

(18) XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. Espírito ANDRÉ LUIZ. **Estude e Viva**. 7. ed. FEB, 1993, p. 202, Cap. 35.

Cita o referido Autor outros sintomas que podem sugerir a existência dessa influência sutil, entre eles “a indisposição para orar”, “tristeza inexplicável”, “pessimismos sub-reptícios”, “exageros de sensibilidade e aptidão a condenar quem não tem culpa”, “hiperemotividade ou depressão raiando na iminência do pranto”.

Tais manifestações, segundo o renomado Instrutor Espiritual, refletem sempre “acompanhamentos discretos e eventuais por parte do desencarnado e imperceptíveis ao encarnado pela finura do processo”.

A influência sutil pode ser *voluntária* ou *involuntária*.

Quando voluntária, exercida pois, geralmente de forma consciente, a ocorrência quase sempre “é preparada com antecedência e meticulosidade, às vezes, dias e se-manas antes do sorrateiro assalto...” ⁽¹⁹⁾

(19) XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. Espírito ANDRÉ LUIZ. **Estude e Viva**. 7. ed. FEB, 1993, p. 203, Cap. 35.

Na influência involuntária o obsessor atua inconscientemente sobre o obsidiado, contaminando-o sem o desejo, com suas ideias e sensações.

Às vezes, até, essa ação prejudicial acontece quando o Espírito busca a companhia dos encarnados que lhe são caros. Seguidamente, porém, é levado a servir, sem o saber, a indignos propósitos de almas maldosas, que abusam de seu estado de perturbação.

Influência ostensiva - A influência de caráter obsessivo pode ultrapassar as fronteiras da traiçoeira discrição e fazer-se sentir, ostensivamente e de várias formas, tanto

no exercício da mediunidade, propriamente, como fora dele - ainda que, quase sempre, guardando relação com os potenciais medianímicos do paciente.

No exercício mediúnico - A influenciação ostensiva no exercício da mediunidade é fato dos mais comuns e pode também servir significativamente ao aprendizado do médium.

Reconhece-se esse tipo de obsessão, segundo a lição de KARDEC, “quando um Espírito malfazejo se impõe a um médium, se imiscui, a seu mau grado, nas comunicações que ele recebe, o impede de se comunicar com outros Espíritos e se apresenta em lugar dos que são evocados”.

E esclarece, mais, o Codificador:

“Na obsessão simples o médium sabe muito bem que se acha presa de um Espírito mentiroso e este não se disfarça; de nenhuma forma dissimula suas más intenções e o seu propósito de contrariar. O médium reconhece sem dificuldade a felonía e, como se man-tém em guarda, raramente é enganado. Este gênero de obsessão é, portanto, apenas desagradável e não tem outro inconveniente, além do de opor obstáculo às comunicações que se desejara receber de Espíritos sérios, ou dos afeiçoados.”⁽²⁰⁾

⁽²⁰⁾ KARDEC, Allan. **O Livro dos Médiuns**, p. 307, Cap. XXIII, 2- Parte, item 238.

Fora do exercício mediúnico — No capítulo da influenciação ostensiva fora do exercício mediúnico regular, a ação dos agentes obsessivos pode surgir acompanhada de (a) manifestações físicas de várias espécies (poltergeist, apport), resultantes da manipulação do ectoplasma fornecido pelo próprio paciente. (KARDEC denominou tais eventos de “casos de obsessão física”, incluindo-os na categoria de obsessão simples).⁽²¹⁾

⁽²¹⁾ KARDEC, Allan. **O Livro dos Médiuns**, p. 307, Cap. XXIII, 2- Parte, item 238.

Outras vezes, como já referido quando do exame das técnicas obsessivas (provocação de efeitos sensitivos particulares), essas manifestações apresentam caráter mais subjetivo, aparecendo na forma de (b) efeitos sensitivos especiais (sons, imagens, sensações), os quais, embora temporários, podem causar dores e mal-estares.

Fascinação

Tipo mais grave de obsessão, a fascinação é basicamente uma ilusão produzida na mente do paciente pela ação direta do agente obsessor. Utilizando técnicas telepáticas, o obsessor passa a dominar o pensamento da vítima com sugestões de grandeza que, agasalhadas por seu orgulho, podem levá-la até à própria desestabilização psíquica.

Tal processo pode ocorrer, também, tanto no exercício mediúnico, como fora dele.

No exercício mediúnico - Kardec analisou de perto a fascinação na mediunidade e deixou balizas tão seguras a respeito que, século e meio depois, permanecem intocáveis. “O médium fascinado”, ensina o Codificador, “não acredita que o estejam enganando: o Espírito tem a arte de lhe inspirar confiança cega, que o impede de ver o embuste e de compreender o

absurdo do que escreve, ainda quando esse absurdo salte aos olhos de toda gente. A ilusão pode mesmo ir até ao ponto de fazê-lo achar sublime a linguagem mais ridícula.”⁽²²⁾

⁽²²⁾ KARDEC, Allan. O Livro dos Médiuns, item 239, p. 308.

Os efeitos nefastos de tal atuação podem comprometer seriamente o futuro do médium. Efetivamente, como ensina KARDEC, “graças à ilusão que dela decorre, o Espírito conduz o indivíduo de quem ele chegou a apoderar-se, como faria com um cego, e pode levá-lo a aceitar as doutrinas mais estranhas, as teorias mais falsas, como se fossem a única expressão da verdade. Ainda mais, pode levá-lo a situações ridículas, comprometedoras e até perigosas”.

Para atingir seu objetivo, o obsessor usa a máscara da virtude para fazer-se acolhido. Elucida KARDEC:

“Os grandes termos - caridade, humildade, amor de Deus - lhe servem como que de carta de crédito, porém, através de tudo isso, deixa passar sinais de inferioridade, que só o fascinado é incapaz de perceber. Por isso mesmo, o que o fascinador mais teme são as pessoas que vêm claro. Daí o consistir a sua tática, quase sempre, em inspirar ao seu intérprete o afastamento de quem quer que lhe possa abrir os olhos.”⁽²³⁾

⁽²³⁾ KARDEC, Allan. O Livro dos Médiuns, item 239, p. 308.

Fora do exercício mediúnico — A fascinação acontece, também e seguidamente, fora da prática mediúnica, desde que presente a sintonia derivada da afinidade. Agentes obsessores, apoiados na vaidade da vítima, insuflam-lhe pensamentos de pseudossabedoria, ou falso poder, levando-a, também, a situações perigosamente ridículas. Esse tipo de obsessão, aliás, envolve pessoas de todos os graus de cultura.

Subjugação

Processo mais avançado da obsessão, a subjugação já é marcada por um acentuado domínio do obsessor sobre o paciente. “A subjugação” — explica KARDEC — “é uma constrição que paralisa a vontade daquele que a sofre e o faz agir a seu mau grado. Numa palavra: o paciente fica sob verdadeiro jugo.”⁽²⁴⁾

⁽²⁴⁾ O Livro dos Médiuns. P. 309, item 240.

Apresenta-se a subjugação sob várias formas. Basicamente, é possível admitir que ela possa se manifestar como uma severa constrição psiconervosa, como vampirismo agudo ou como possessão.

Constrição psiconervosa - Sob tal domínio, o paciente é levado a um estranho e absurdo comportamento mental e físico, que em nada corresponde à sua normal maneira de ser. O Espírito, atuando sobre os centros coronário e cerebral do obsidiado, subjuga seu pensamento, provocando, também, simultaneamente ou não, mediante ação sobre outros centros perispíricos, reações que podem envolver diversos tipos de atividade motora ou postura física.

O Codificador, analisando essa espécie de ocorrência, particularmente entre os médiuns, definiu dois tipos de manifestação: Subjugação moral e Subjugação corporal. Na primeira, o subjugado, como se privado de seu senso crítico, é constrangido a tomar resoluções ou atitudes “muitas vezes absurdas e comprometedoras”. Na segunda, o obsessor “atua sobre os órgãos materiais provocando movimentos involuntários”, levando o obsedado à prática incontrolável de atos ridículos ou tomada de posturas de todo lamentáveis.

Qualquer pessoa que detenha faculdades mediúnicas que favoreçam esse tipo de domínio obsessivo pode, se invigilante, tornar-se um subjugado. KARDEC, a propósito, cita o exemplo de um médium escrevente, no qual a subjugação se traduzia “por uma necessidade incessante de escrever, ainda nos momentos menos oportunos”, relatando, ainda, que observara alguns subjugados que, à falta de pena ou lápis, simulavam escrever com o dedo, onde quer que se encontrassem, mesmo nas ruas, nas portas e nas paredes.

Esse tipo de subjugação, em que a justaposição perispirítica e os efeitos magnéticos e telepáticos - ou hipnóticos - aparecem bem visíveis, embora temporária e, às vezes, intermitentemente, pode persistir, por um bom tempo, se ausentes as necessárias providências espirituais.

Vampirismo agudo — É uma espécie de parasitismo espiritual em que o obsessor, absorvendo a vitalidade do paciente, impõe-lhe, ainda, o pleno domínio de sua vontade - se bem que, às vezes, essa imposição do obsessor, paradoxal e surpreendentemente, acontece com a adesão do paciente, numa espécie de “vampirismo consentido”, configurando um quadro obsessivo dos mais avassaladores. ⁽²⁵⁾

⁽²⁵⁾ ANDRÉ LUIZ, relatando um caso de vampirismo sexual, em que o paciente “se deixava prazerosamente senhorear” pelo obsessor - no desejo, ambos, de possuírem sexualmente, a filha adotiva daquele - designa tal tipo de ocorrência como “possessão partilhada”. Xavier, Francisco Cândido. Vieira, Waldo. Espírito ANDRÉ Luiz. Sexo e Destino. 18. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995, Cap. VIII, p. 82.

Possessão - Esse tipo de subjugação - raro, felizmente - comparece como a mais funesta das formas de obsessão. ⁽²⁶⁾

⁽²⁶⁾ V. KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos. Itens 473 a 480, Cap. IX, Livro Segundo.

Nesse processo, jungido por afinidade espiritual ao perispírito do paciente, o Espírito domina-lhe as funções, assenhoreando-se, de consequência, de suas faculdades psíquicas e estruturas nervosas, capacitando-se, assim, ao estreito controle orgânico do subjugado, ao mesmo tempo em que neutraliza sua vontade para melhor absorver seus recursos vitais.

“À subjugação, quando no paroxismo, é que vulgarmente dão o nome de possessão”, analisa Kardec, observando, a propósito, que, muitas vezes, o paciente surpreendentemente chega a ter consciência “de que o que faz é ridículo, mas é forçado a fazê-lo, tal como se um homem mais vigoroso do que ele o obrigasse a mover, contra a vontade os braços, as pernas e a língua”. ⁽²⁷⁾

⁽²⁷⁾ KARDEC, Allan. Obras Póstumas. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1993, p. 68.

A possessão, todavia, assinala o Codificador, “é sem-pre temporária e intermitente, porque um Espírito desencarnado não pode tomar definitivamente o lugar de um encarnado, pela

razão de que a união molecular do perispírito e do corpo só se pode operar no momento da concepção”.⁽²⁸⁾

⁽²⁸⁾ KARDEC, Allan. A Gênese. 36. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995, p. 306, item 47, Cap. XIV.

Nesse tipo de obsessão, verifica-se o mais alto grau de constrangimento que um Espírito pode impor ao obsidiado. Manifesta-se de diversas formas: desde aquelas em que o Espírito se apossa provisoriamente das faculdades psíquicas do paciente, em processo que não chega a causar dano maior à integridade psicofísica do paciente, até as gravíssimas ocorrências catalogadas pela medicina como casos de epilepsia essencial, a traduzirem, muitas vezes, como descreve ANDRÉ LUIZ, situações de possessão completa, certamente, a mais grave das obsessões.

É que, envolvendo mentes desequilibradas presas “às teias de ódio recíproco”, em doloroso processo marcado pelo “bombardeio de emissões magnéticas de natureza tóxica”, por parte do perseguidor, e afetando, por via do perispírito, as células do córtex, os centros motores, as camadas mais profundas do cerebelo, provocam “estranhas transformações nos neurônios”, inibindo totalmente “o delicado aparelho encefálico”, desorganizando os centros da memória e da fala, “perturbando as vias de equilíbrio”, “destrambelhando a tensão muscular, e determinando, enfim, as convulsões, “nas quais o corpo físico, prostrado, vencido, mais se assemelha à embarcação repentinamente à matroca”.⁽²⁹⁾

⁽²⁹⁾ XAVIER, Francisco Cândido. Espírito ANDRÉ LUIZ. No Mundo Maior. 20. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995, pp. 116 a 118, Cap. 8 — Nos Domínios da Mediunidade, pp. 79 e 80.

Ressalta à evidência que, embora respeitáveis os esforços e os recursos terapêuticos empregados pela medicina atual, tipos de obsessão como esses, capazes de produzir lesões perispíricas da mais alta gravidade, só encontram solução efetiva com o amparo de uma terapia que leve em conta, sobretudo, a realidade espiritual.

E a contribuição do Espiritismo nesse campo surge realmente decisiva: compreendendo a reencarnação, a lei de causa e efeito e o significado da vivência evangélica, a realidade, enfim, de que estamos todos “subordinados a indefectíveis leis morais”, como lembra Dias da CRUZ, psiquiatras, psicólogos e pacientes poderão encontrar recursos de cura acentuadamente superiores aos oferecidos pelas baterias químicas, de efeito quase sempre paliativo.⁽³⁰⁾

⁽³⁰⁾ XAVIER, F. C. Espíritos diversos. Instruções Psicofônicas. 6. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1991, p. 229.

*

Outras espécies de ocorrência, como visto, também compõem o elenco geral dos tipos de obsessão: obsessão noctípica, a obsessão simbiótica e a parasitária.

A primeira é assim denominada por manifestar-se durante o estado de sono, podendo, até, de acordo com a frequência, causar padecimentos emocionais e físicos. Quase sempre, porém, não chega a ocorrer um registro onírico com intensidade suficiente para ser lembrado, embora se manifestem, depois, seus efeitos deletérios.⁽³¹⁾

⁽³¹⁾ Tal fato ensejou o surgimento da expressão “obsessão onírica”, em-pregada por alguns autores.

Na obsessão simbiótica, o processo obsessivo é marcado pela dependência recíproca dos Espíritos envolvidos, os quais, em regime de trocas de natureza mental, desenvolvem um tipo altamente perigoso de associação, suscetível de chegar a um estado de soldadura perispirítica, gravemente comprometedor.

O processo simbiótico é dos mais perniciosos e também de mais difícil solução, devido à interdependência psíquica que se estabelece entre as mentes envolvidas.

“Temos acompanhado casos” — assinala ODILON FERNANDES, pela mediunidade de Carlos A. A - “nos quais obsessores e obsidiado permanecem tão interligados no processo simbiótico a uni-los, que não suportam a separação, à maneira de xifópagos, que renascem com este ou aquele órgão em comum”.⁽³²⁾

⁽³²⁾ BACCELLI, Carlos A. Espírito ODILON FERNANDES. Mediunidade e Obsessão. Votuporanga (SP): DIDIER, 1996, p. 63.

Trata-se, como se vê, de uma relação sintônica, a configurar intrincado processo de interdependência, de mútua adesão e cumplicidade. (33)

⁽³³⁾ ANDRÉ LUIZ cataloga os casos em que os obsidiados passam a reclamar a presença dos obsessores, depois de afastados, como “perseguição recíproca”. Cf. Xavier, Francisco Cândido. Espírito André LUIZ. NOS Domínios da Mediunidade, pp. 132 e 133, Cap. 14.

Esses dramas obsessivos, na maioria das vezes, como mostram os inúmeros relatos presentes na literatura espírita, só se resolvem pela reencarnação conjunta.

Já na obsessão parasitária - da mesma forma como ocorre nos reinos vegetal e animal, em que parasitos agridem o hospedeiro, sugando-lhes a vitalidade -, almas enfermas, aproveitando-se das condições parasito- gênicas, que as qualidades morais de pacientes invigilantes propiciam, podem, em processo de vampirismo espiritual, justapor-se ao perispírito deles, sugando-lhes as energias, infectando-os com seus miasmas e alterando-lhes, seriamente, o equilíbrio fisiológico e mental.

O renomado médico e benfeitor espiritual, Francisco de Menezes DIAS DA CRUZ, pela mediunidade de Francisco C. XAVIER, dita precioso ensinamento a respeito:

“Justapõem-se (os obsessores) à aura das criaturas que lhes oferecem passividade e, sugando-lhes as energias, senhoreiam-lhes as zonas motoras e sensórias, inclusive os centros cerebrais, em que o espírito conserva eis suas conquistas de linguagem e sensibilidade, memória e percepção, dominando-as à maneira do artista que controla as teclas de um piano, criando, assim, no instrumento corpóreo dos obsessos, as doenças-fantasmas de todos os tipos que, em se alongando no tempo, operam a degenerescência dos tecidos orgânicos, estabelecendo o império de moléstias reais, que persistem até a morte. Nesse quadro de enfermidades imaginárias, com possibilidades virtuais de concretização e manifestação, encontramos todos os sintomas catalogados na patogenia comum, da simples neurastenia à loucura complexa e do distúrbio gástrico habitual à raríssima afemia estudada por Broca.”⁽³⁴⁾

⁽³⁴⁾ XAVIER, Francisco Cândido. Espírito Francisco de Menezes DIAS DA CRUZ. Instruções Psicofônicas, p. 228, Cap. 51.

**

Importante, finalmente, examinar para os devidos cuidados, os diversos momentos ou fases que se detectam no processo de atuação obsessiva, quais sejam, o de **insinuação**, de **assédio**, de **conexão mental** e de **domínio**.

Na **insinuação**, o agente, no processo obsessivo planejado, busca atrair a sintonia do paciente, projetando, sutilmente e quase sempre a distância, ideias e imagens, que, pouco a pouco, passam a ser recepcionadas por este, se tais as condições propiciadas pela afinidade, associada à invigilância. É o momento que pode ser qualificado como de insinuação espiritual maligna e que, pela sagacidade do perseguidor, dificilmente é detectada pela maioria dos moralmente adormecidos.

Surge assim a insinuação, como a ponte de acesso à mente do paciente, o qual, presente a receptividade, po-derá ficar sujeito, a partir daí, a avanços obsedantes cada vez mais significativos.

Resultados favoráveis, decorrentes do esforço de insinuação, levam o perseguidor, geralmente, a um cerco mental mais insistente: é o assédio obsessivo, cujos efeitos passam logo a ser notados, como, por exemplo, mudanças perigosas de atitudes, pensamentos às vezes desordenados, falhas de memória, falta de concentração, cansaço físico e mental, sintomas diversos sem causa aparente e outros.

Especialmente delicado é o **assédio na mediunidade**, porque deliberadamente dirigido à perturbação e à fragilização psicofísica do médium, que, já por suas faculdades, pode apresentar-se perispiritualmente mais sensível.

Daí, a necessidade de que tenha consciência do pro-cesso que o envolve, para que, pela força da humildade, da paciência e da persistência no serviço de auxílio, con-siga livrar-se da perniciosa influenciação.

Se exitoso o **assédio**, agrava-se o processo obsessivo com a ligação mais estreita das partes envolvidas, adqui-rindo, a influenciação, maior densidade ainda.

É a fase da **Conexão Mental**, em que o perispírito do perseguidor passa a ligar-se mais ao corpo espiritual do obsedado, inaugurando, perigosamente, a possibilidade de justaposição perispirítica, que pode abrir as portas, não só para um tipo de fascinação mais persistente, como para os processos simbióticos e parasitários.

Nessa fase, a ligação entre as mentes do obsessor e do paciente torna-se cada vez mais íntima, enfraquecendo-se, gradual e dramaticamente, a vontade deste.

Por fim, o **domínio**, momento mais grave do processo obsessivo, marca a quebra da resistência volitiva do perseguido, passando o agente a comandar mentalmente sua vítima. Nessa fase, que já caracteriza a subjugação, o obsedado passa a mostrar mudanças ostensivas em seu com-portamento e pode, tristemente, chegar a perder a própria capacidade de discernimento.

Possível, já, entender pelo exposto, quão graves podem comparecer os efeitos do processo obsessivo.

Realmente, a atuação do obsessor pode comprometer seriamente o equilíbrio psicofísico de quem a sofre, atingindo, de início, os centros coronário e cerebral e, depois, os demais, causando a alteração do comportamento psíquico do paciente. Instalado o processo de

perturbação, abre-se a porta de acesso aos distúrbios da saúde, e, se persistente, passa a comprometer cada vez mais o sistema defensivo, facilitando, assim, o surgimento e o agravamento de males orgânicos.

*

Da simples insinuação à completa dominação da vontade desdobra-se dolorosamente o processo obsessivo, ainda que o paciente, mormente nos períodos iniciais, tente muitas vezes reagir.

É que, também, não basta a consciência do envolvimento e a vontade de se livrar, sem uma efetiva mudança da postura moral, como, a propósito, ensinava o apóstolo da caridade, Dr. BEZERRA DE MENEZES, quando ainda encarnado:

“O uso que fazemos do nosso livre-arbítrio, na repulsão daquela causa perturbadora, pode ser eficaz ou inútil, conforme a natureza dos nossos sentimentos. Se forem bons, a nossa resistência rechaçará todos os ataques do inimigo. Se forem maus, serão ventos a auxiliarem as correntes do inimigo. Cada um de nós forma sua atmosfera moral, dentro da qual somente podem penetrar Espíritos da nossa natureza, que são os únicos que a podem respirar.” ⁽³⁵⁾

⁽³⁵⁾ MENEZES, Adolfo Bezerra de. A Loucura sob Novo Prisma. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1963, p. 158, Cap. III.

Verdade, ainda, que a Misericórdia Divina, através da assistência de abnegados Benfeitores Espirituais, interfere no sentido de aliviar o sofrimento dos que passam pela obsessão, propiciando, seguidamente, pausas de reequilíbrio que possam favorecer o redirecionamento de seu comportamento moral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Doutrina Espírita cataloga, hoje, a partir da genialidade de KARDEC, dezenas de tipos de ocorrências mediúnicas. Todavia, já por ser um Saber ainda emergente, consolidando-se, no tempo, com as sucessivas revelações, pouco conhecemos da intimidade psíquica dos respectivos processos, como aqui se constata.

Todavia, o conhecimento até aqui construído em relação à mediunidade já serve à gradativa eliminação dos preconceitos, aclarando os horizontes para um entendimento superior da nossa natureza espiritual e interexistencial, e alertando-nos para a responsabilidade que temos para com nosso próprio futuro.

É que, à medida que aumenta a nossa compreensão em relação ao mundo espiritual, graças à mediunidade, em suas múltiplas dimensões, mais entendemos que está em nós a opção de crescermos impulsionados pela informação ou pela dor, nos longos e sinuosos caminhos da aprendizagem evolutiva.

Importante, assim, conhecer cada vez mais, essa ex-traordinária faculdade que nos liga ao Todo, valorizando o abnegado empenho da Espiritualidade Superior em nos tornar cada vez mais conscientes de nossa verdadeira realidade.

OBRAS CITADAS

- AKSAKOF, Alexandre N. *Animismo e Espiritismo*. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, vol. II, 1990.
- . *Animismo e Espiritismo*. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB vol. 1, 1991.
 - . *Um Caso de Desmaterialização*. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994.
- ALMEIDA, Luis de. “Detectar o Espírito com Aparelhagens”. *Jornal do Espiritismo*. Braga. Set/Out. Associação de Divulgadores Espíritas de Portugal, 2005.
- ALMEIDA, Waldemir Bezerra de. “A Complexidade da Comunicação Mediúnica”, *Revista Internacional de Espiritismo*, Matão (SP), Maio, 2007.
- ALVES NETO, Aureliano. *Extraordinários Fenômenos Mediúnicos*. 2. ed. São Paulo: Edicel.
- A Mente Domina a Matéria*. (Coleção Mistérios do Desconhecido). Rio de Janeiro: Abril/Time Life, 1992.
- ANDRADE, Hernani Guimarães. *A Teoria Corpuscular do Espírito*. São Paulo: edição do autor, 1959.
- . *Novos Rumos à Experimentação Espiritica*. São Paulo: edição do autor, 1960.
 - . *Morte, Renascimento, Evolução - Uma Biologia Transcendental*. 5. ed. São Paulo: Pensamento, 1991.
 - . *Poltergeist - Algumas de Suas Ocorrências no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Pensamento, 1994.
 - *Espírito, Perispírito, Alma*. São Paulo: Pensamento, 1984.
 - . *Espírito, Perispírito, Alma*. São Paulo: Pensamento, 1995.
 - . *A Transcomunicação Instrumental através do Tempo*. São Paulo: FE, 1997.
 - . *Uma Luz no Fim do Túnel*. São Paulo: FE, 1999.
 - . *Parapsicologia — Uma Visão Panorâmica*. Bauru (SP): FE, 2002.
 - . *Você, o Poltergeist e os Locais Mal-Assombrados*. Votuporanga (SP): Didier, 2006.
- ANDRÉA DOS SANTOS, Jorge. *Dinâmica Psi*. 2. ed. Petrópolis (RJ): Lorenz, 1990.
- . *Nos Alicerces do Inconsciente*. Sobradinho (DF): Edicel, 1992.
 - . *Correlações Espírito Matéria*. Rio de Janeiro: Lorenz, 1992.
- Annales des Sciences Psychiques*, 1912.
- Anuário Espírita*. Araras (SP): IDE, 1967.
- . Araras (SP): IDE, 1971.
 - _ . Araras (SP): IDE, 1972.
 - . Araras (SP): IDE, 1989.
- ARAKI, Masasuke. “*Sensory and Endocrine Characteristics of the Avian Pineal Organ*” (Introd.). *Microscopy Research and Technique*.
- ARMOND, Edgard. *Mediunidade*. 29. ed. São Paulo: Aliança, 1994.
- BACCELLI, Carlos A.; Espírito ODILON FERNANDES. *Mediunidade e Obsessão*. Votuporanga (SP): Didier, 1996.

- . *Mediunidade—Perguntas e Respostas*. Votuporanga (SP): Casa Editora Espírita, 2000.
- BALLARD, J. C.; HUNTZINGER, R. M.; PASTOR, J. M. “Psycho- sis and Progressive Decline in an Adolescent Male with Concomitant Pineal Grand Pathology”. *Archives of Clinical Neuropsychology*. Vol. 10 ed., 4/julho/agosto, 1995.
- BANDER, Peter. *Os Espíritos Comunicam-se por Gravadores*. (Orig. *Carry on Talking*). Trad. Harry Meredig e Meth- thied Bulla. São Paulo: Edicel, 1972.
- BARKER, Elza. *Letters from a Living Dead Man*.
- BEARZOTI, Paulo. “Modelo Neurológico de Incorporação Mediúnica”. *Boletim Médico Espírita* n. 25, São Paulo: AME, 1997.
- BELK, William H. “Operação mediúnica fotografada do começo ao fim.” *Anuário Espírita*. Araras (SP): IDE, 1967.
- BERKONAKLI, E.; PALAOGLUS e outros. “Effect of Pinealec- tomy on Immune Parameters (...)”. *Neurosurgery Re- vue. Basic Research*, 2001.
- BIANCHI, Ney. *A Verdade sobre o Dr. Fritz*. Rio de Janeiro: ECO, 1996.
- Bíblia de Jerusalém*, A. 9. ed. São Paulo: Paulus, 2000.
- Bíblia Sagrada*, A. 2. ed. Trad. João Ferreira de Almeida. Barueri(SP): Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- BoiRAC, Émile. *La Psychologie Inconnue, 1915*.
- . *L'Avenir des Sciences Psychiques*, 1917.
- BOMPIANI. *Enciclopédia di Metapsichica di Parapsicologia e di Spiritismo*, 1973. Apud LEAL, José Carlos. *O mundo desconhecido do Espírito*. Rio de Janeiro: CELD, 2002.
- BOYER. O. S. *Pequena Enciclopédia Bíblica*. 3. ed. Pindamonhangaba (SP): Vida, 1969.
- BOZZANO, Ernesto. *Pensamento e Vontade*. Trad. M. Quin- tão. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1970.
- . *Pensamento e Vontade*. 8. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1991.
- _____ . *Xenoglossia*. Trad. Guillon Ribeiro. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1980.
- _____ . *Metapsíquica Humana*. Trad. Araújo Franco. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1980.
- _____ . *O Espiritismo e as Manifestações Supranormais — Remontando às origens—Breve História dos Raps* (Orig. *Em remontant aux Origines — Breve Storia deipichi me~ diuniae-Raps*). Matão (SP): Clarim, 1986.
- _____ *Comunicações Mediúnicas Entre Vivos*. 4. ed. São Paulo: Edicel, 1987.
- _____ - *Fenômenos de Transporte*. Trad. Francisco Klörs Werneck. 3. ed. São Paulo: FEESP, 1989.
- _____ . *Fenômenos de Bilocação (Desdobramento)*. Trad. Francisco Klors Werneck. 3. ed. São Bernardo do Campo (SP): Correio Fraternal, 1990.
- _____ . *Os Enigmas da Psicometria*. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1991.
- _____ . *Pensamento e Vontade*. 8. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1991.
- BRADLEY, H. Dennis. *Rumo às Estrelas*. (Orig. *Towards The Stars*). Trad. Monteiro Lobato. São Paulo: Lake, 1999.
- _____ “The Wisdom of the Gods”. Apud FODOR, N. *Na Encyclopaedia of Psychic Science*. Secaucus, N. Jersey, EUA: The Citadel Press, 1974.

- BRENNAN, Barbara Ann. *Mãos de Luz*. São Paulo: Pensamento, 1997.
- BRITTEN, Emma Hardinge. *Modern American Spiritualism*. Londres, 2870.
- BRITTEN**, Emma Hardinge. *Modern American Spiritualism*. Apud WANTUIL, Zêus. *As mesas Girantes e o Espiritismo*. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994.
- BROWN**, Rosemai. *Contatos Musicais — Grandes Mestres Compõem do Além* (Orig. *Unfinished Symphonics. Voices from the Beyond*). Trad. Agenor de Mello Pegado. 2. ed. São Paulo: Boa Nova, 1991.
- BRUNE, François; CHAUVIN, Rémy. *Linha Direta com o Além*. (Orig. *En Direct de lau-de-lá*). Trad. Aríete Galvão de Queiroz. Sobradinho (DF): Edicel, 1994.
- BURR, Harold S. *Blueprint of Immortality*. Londres: Spearman, 1971. Apud ANDRADE, H. G. *Espírito, Perispírito, Alma*. São Paulo: PENSAMENTO, 1984.
- CAJAZEIRAS, Francisco. *Curso de Mediunidade*. Capivari (SP): EME, 2003.
- CAMPOS, Giovana. “Espiritualidade na Medicina promove a Saúde.” *Folha Espírita*. São Paulo, ano XXXIII, n^o 409, set., 2008.
- CAPELLI**, Esse. *Breves Anotações sobre a Bíblia*. Brasília: Proluz, 1999.
- CARATELLI, G. “II Giornale dei Misteri”. *In SEI*. Rio de Janeiro, n^o 2.146, 16/5/2009.
- CARREL, Alexis. *O Homem, esse Desconhecido*. Apud ARMOND, Edgard. *Mediunidade*. 29. ed. São Paulo: Alinaça, 1994.
- CASTRO, Almerindo M. *Antônio de Pádua*. 8. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1993.
- CERVINO, Jayme. *Além do Inconsciente*. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1989.
- CLARK, Adams. *Memoirs of the Wesley Family*. Londres, 1823.
- CORREIO FRATERNAL DO ABC. São Bernardo do Campo (SP), 1998.
- CRAWFORD, W. J. *Mecânica Psíquica*. Trad. Haydée de Magalhães. São Paulo: Lake. 1963.
- CROOKES, William. *Fatos Espíritos*. Trad. Oscar D’Argonnel. 8. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1991.
- D’ESPERANCE, Elizabeth. *No País das Sombras*. 6. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1992.
- DE ROCHAS, Albert. *A Levitação*. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1988.
- A Levitação do Corpo Humano* (Orig. *La Lévitacion du Corps Human*). Rio de Janeiro: Celd, 1993.
- De Salvo, Salvatore. *Sinfonia da Energética*. 3. ed. São Paulo: Schimidt, 1992.
- DEITOS, T. F. H.; GASPARY, F. P. “Teorias Psiconeuroimunológicas - Implicações clínicas.” *Psiquiatria Biológica*. São Paulo, n^o 4, 1996.
- DELANNE, Gabriel. *A Alma é Imortal*. Trad. Guillon Ribeiro. 6. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1990.
- . *O Fenômeno Espírita* (Orig. *Le Phénomène Spirite*). Trad. Francisco Raymundo Ewerton de Quadros. 6. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1992.
- . *O Espiritismo Perante a Ciência*. Trad. Carlos Imbassahy. Revisão de Lauro de O. S. Thiago. 2. ed. Rio de

- Janeiro: FEB, 1993.
- DENIS, Léon. *Cristianismo e Espiritismo*. Trad. Leopoldo Cirne. 10. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994.
- Depois da Morte*. Trad. João Lourenço de Souza. 18. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994.
- . *Joana D'Arc*. 16. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1993.
- No invisível*. Trad. Leopoldo Cirne. 15. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994.
- DORETTO, Dario. *Fisiopatologia Clínica do Sistema Nervoso — Fundamentos da Semiologia*. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 1996.
- DOYLE, Arthur Conan. *História do Espiritismo*. (Orig. *The History of Spiritualism*). Trad. Júlio Abreu Filho. São Paulo: Pensamento, 1995.
- DUCHATÊR, Edmund**. *Enquête sur des cas de Psychometric*, 1910.
- DURVILLE, Hector*. *Traité Expérimental de Magnetism*.
- ENCAUSSE (PAPUS)**. *Annales des Sciences Psychiques*, 1907. Apud **FODOR, N**. *An Encyclopaedia of Psychic Science*. Secaucus, N. Jersey, EUA: The Citadel Press, 1974.
- Enciclopédia Planeta de las Ciências Ocultas y Parapsicología*. Tomos 2 e 6. Barcelona: Planeta, 1977.
- ERNY, Alfred. *O Psiquismo Experimental*. (Orig. *Le Psychisme Experimental, Étude Sur Les Phénomènes Psychiques*). 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1982.
- FACURE, Nubor**. “Bases Neurológicas das Atividades Espirituais”. *Boletim Médico Espírita* n^o 6. São Paulo: AME, 1988.
- FARIA, Nogueira de**. *O Trabalho dos Mortos*. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1990.
- FERREIRA, Inácio**. *Subsídios para a História de Eurípedes Barsanulfo*. Uberaba (MG): edição do autor, 1962.
- FINDLAY, Arthur J**. *No Limiar do Etéreo*. Trad. Luiz O. Guillon Ribeiro. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1981.
- FODOR, Nandor**. *An Encyclopaedia of Psychic Science*. Secaucus, N. Jersey, EUA: The Citadel Press, 1974.
- GERBER, Richard**. *Medicina Vibradonai*. (Orig. *Vibrationai Medicine — New Choices for Healing Ourselves*). Trad. Paulo César de Oliveira. 12. ed., São Paulo: Cultrix, 1997.
- GIBIER, Paul**. *O Espiritismo — Faquirismo Ocidental*. (Orig. *Le Spiritisme — Le faldrisme Occidental*). 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002.
- GIBIER, Paul; BOZZANO, Ernesto**. *Materializações de Espíritos*. Trad. Francisco Klörs Werneck. 4. ed. Rio de Janeiro: ECO.
- GOIÁS ESPÍRITA**. Goiânia (GO), julho-setembro, 1997.
- GIMENEZ, Henrique Neyde**. *A Mediunidade na Bíblia*. São Paulo: FEESP, 1996.

GOLDSTEIN, Karl W. “Parapsicologia— Uma Visão Panorâmica”. *Sugestão Mental à Distância. Folha Espírita*, junho, ano XI, nº 123, 1984.

. “Parapsicologia — Uma Visão Panorâmica — Radiomental”. *Folha Espírita*, julho, nº 124, 1984.

GÓMEZ, Quintin López. *Diccionario de Metapsíquica y Espiritismo*. Barcelona, Espanha: Casa Editorial Maucci.

GOSWAMI, Amit. *A Física da Alma*. Trad. Marcello Borges. São Paulo: Aleph, 2005.

GREENFIELD, Sidney M. *Cirurgias do Além*. Trad. Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis (RJ): Vozes, 1999.

GULDENSTUBBÊ, Barão de. *La Réalité des Esprits et du Phénomène Merveilleux de l'Écriture Directe*. Paris: Leyma- rie, 1957.

Hacia lo Desconocido. Madri: Reader's Digest, 1982.

HAHNEMANN, C. F. Samuel. *Organon de la Medicina*. Buenos Aires: Editorial Albatros, 1978.

HARA, O. Hashnu. O. *Practical Psychometry*.

HOLROYD, Stuart. *Los fenómenos de la Parapsicología*. Barcelona: Noguer, 1976.

IMBASSAHY, Carlos de Brito. “A Outra Face da Ciência Espírita”. Matão (SP): *O Clarim*, julho, 1998.

JACOLLIOT, Louis. *Le Spiritisme dans le Monde*. Paris, 1879. Apud **GIBIER**, P. *O Espiritismo - Faquirismo Ocidental*. (Orig. *Le Spiritisme — Le Faldrisme Occidental*). 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002.

JANET, Pierre. *L'Automatisme Psychologique. Essai de Psychologie Expérimentale sur les formes inférieures de l'activité humaine*. Paris: Felix Alcan, 1889.

JEONG, J. H.; **CHUI**, K. B. e outros. “Effects of Extremely Low Frequency Magnetic Fields on Pain Thresholds (...)”. *Journal of Autonomic Pharmacology*, nº 20.

JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, 12/1/1934. Apud **PA- LHANO** Jr., L. *Mirabeili: Um Médiun Extraordinário*. Rio de Janeiro: CELD, 1994.

JORNAL DO COMÉRCIO. 8/11/1952. In *Revista do Espiritismo*. Petrópolis (RJ), Ano I, nº III.

KARDEC, Allan. *Revista Espírita, (Revue Spirite)*. Trad. Júlio Abreu Filho. São Paulo: Edicel, 1861.

. *Revista Espírita*. São Paulo: Edicel, maio/1863.

. *Revista Espírita*. São Paulo: Edicel, 1864.

. *Revista Espírita*. Sobradinho (DF): Edicel, Junho/1 867.

. *O Livro dos Médiuns*. 60. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1993.

. *O Livro dos Médiuns*. Trad. Guillon Ribeiro. 61. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995.

. *O que é o Espiritismo*. (Orig. *Qu'Est-ce Que Le Spiritisme?*) 36. ed. FEB: Rio de Janeiro, 1993.

. *O Céu e o Inferno*. Trad. Manuel Justiniano Quintão. 39. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994.

. *A Gênese. Os milagres e as Previsões Segundo o Espiritismo*. (Orig. *La Cénèse, Les Miracles et Les Pré- dictions Seion Le*

- Spiritisme*). Trad, Guillon Ribeiro. 36. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995.
- . *Obras Póstumas*. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1993.
- . *Obras Póstumas*. Trad. Guillon Ribeiro. 27. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995.
- . *O Livro dos Espíritos*. 75. ed. São Paulo: FEB, 1994.
- . *O Livro dos Espíritos*. Trad. J. Herculano Pires. 55. ed. São Paulo: Lake, 1996.
- KERNER**, Justinus. *A Vidente de Prevost* (Orig. D/e *Seherin von Prevost*). Trad. Carlos Imbassahy. 2. ed. Matão (SP): Clarim, 1979.
- KLÜBER-ROSS**, Elizabeth. *Death is of Vital Importance*. Nova York: Station Hill Press, 1995.
- LACERDA FILHO**, Licurgo S. *A Mediunidade na História Humana: A Mediunidade na Antigüidade e na Idade Média (vol. I)* Araguari (MG): Minas Editora, 2005.
- La Réalité des Esprits et du phénomène merveilleux de l'écriture direct. (A Realidade dos Espíritos e do maravilhoso fenômeno da escrita direta)*. Paris: Leymarie, 1957.
- LAVIE**, P. "Sleep-Wake as a Biological Rhythm". *Annual Review Psychology*, n^o 52.
- LEAL**, José Carlos. *O mundo desconhecido do Espírito*. Rio de Janeiro: Celd, 2002.
- LENT**, Roberto. *Cem Bilhões de Neurônios — Conceitos Fundamentais de Neurociência*. São Paulo: Atheneu, 2001.
- Lex, Ary. *Do Sistema Nervoso à Mediunidade*. 2. ed. São Paulo: FEESP, 1994.
- LHOMÊ**, José. *O Livro do Médium Curador*. Trad. Francisco Klörs Werneck. Rio de Janeiro: ECO, 1967.
- LIA/IA, Antônio. *Vida de Jesus*. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1982.
- LITTON**, Buhner. *Os Últimos Dias de Pompéia*. Apud **AR-MOND**, Edgard. *Mediunidade*. 29. ed. São Paulo: Aliança, 1994.
- Lo Inexplicado. Vol. 2*. Barcelona: Delta, 1981.
- LOCHER**, Theo; **HARSCH**, Maggy. *Transcomunicação. A Comunicação com o Além por Meios Técnicos*. (Orig. *Jenseitskontakte Mit Technischen Mitteln Gibt es!*). 10. ed. São Paulo: Pensamento, 1997.
- LOMBROSO**, César. *Hipnotismo e Mediunidade*. (Orig. *Ricerche sui Fenomeni Ipnologici e Spiritici*). Trad. Almerindo Martins de Castro. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1990.
- LOUREIRO**, Carlos Bernardo. *As mulheres médiuns*. Rio de Janeiro: FEB, 1966.
- . *Dos Raps à Comunicação Instrumental*. Rio de Janeiro: Lorenz, 1993.
- . *A Mediunidade Segundo o Espiritismo*. São Paulo: Mnêmo Túlio, 1996.
- . *Espiritismo e Magnetismo. De Paracelso a Psico-trônica*. São Paulo: Mnêmio Túlio, 1997.
- . *Fenômenos Espíritas no Mundo Animal*. 2. ed. São Paulo: Mnêmio Túlio, 1997.
- . *Das Profecias à Premonição*. Rio de Janeiro: FEB, 1999.
- LUCENA**, Antônio de Souza; **GODOY**, Paulo Alves. *Personagens do Espiritismo*. São Paulo: FEESP, 1982.

- MACHADO**, Ângelo. *Neuroanatomia Funcional*. Rio de Janeiro: Atheneu, 1985.
- MAES**, Hercílio; Espírito **RAMATIS**. *Mediunidade de Cura*. 10. ed. Limeira (SP): Conhecimento, 2000.
- MAGALHÃES**, Henrique. *Em Prol da Mediunidade - Pequena História do Espiritismo*. Rio de Janeiro: edição do autor, 1998.
- MAGRO FILHO**, Osvaldo. “Kepler, Jung, Einstein e Seus Desdobramentos Espirituais.” *Revista Internacional de Espiritismo*. Dez., Matão (SP): O Clarim, 1987.
- MARTIN**, John H. *Neuroanatomia*. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- MARTINS**, Celso. *Nas fronteiras da Ciência*. São Paulo: DPL, 2001.
- MEIRA**, Rubens Policastro. *O Passe, Terapêutica Espírita*. São José do Rio Preto (SP): Nova Editora, 1996.
- MENEZES**, Adolfo Bezerra de. *A Loucura sob Novo Prisma*. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1963.
- MICHAELUS**. *Magnetismo Espiritual*. 6. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1991.
- MIGUEL**, Alfredo. *Fenômenos Espíritas e Anímicos*. 2. ed. São Paulo: FEESP, 1989.
- MIKULASCH**, Rodolpho. *O Médiun Mirabelli. Resultado de um Inquérito*. Santos: edição do Autor, 1926. *Apud ANDRADE*, Hernani Guimarães. *Parapsicologia — Uma Visão Panorâmica*. Bauru (SP): FE, 2002.
- . *O Médiun Mirabelli. Resultado de um Inquérito*. São Paulo. *Apud PALHANO Jr., L. Mirabelli: Um Médiun Extraordinário*. Rio de Janeiro: Celd, 1994.
- MIRANDA**, Hermínio G. *Diversidade dos Carismas*. 2. ed. Niterói (RJ): Lachâtre, 1994.
- . *Processo dos Espíritas — Resumo da História Escrita por Mme. Marínes Leymarie*. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1977.
- . *A Reinvenção da Morte*. Niterói (RJ): Lachâtre, 1997.
- MISHLOVE**, Jeffrey. *The Roots of Consciousness*. N. York, 1975. *Apud ANDRADE*. H. G. *Parapsicologia — Uma Visão Panorâmica*. Bauru (SP): FE, 2002.
- MOODY JR.**, Raymond. *Life After Life*. Mackingbird Books, 1975.
- MOURA**, Marta Antunes. “Obsessão”. *Reformador*, Dez., n° 2.133. Rio de Janeiro: FEB, 2006.
- NÁUFEL**, José. *Do ABC ao Infinito — Espiritismo Experimental*. Rio de Janeiro: Eclat, 1994.
- NOBACK**, C. R.; **STROMINGER**, N. L.; **DEMAREST**, R. J. *Neuro-anatomia — Estrutura e Funcionamento do Sistema Nervoso Humano*. 5. ed. São Paulo: Premier, 1999.
- NOBRE**, Marlene. *Nossa Vida no Além*. São Paulo: FE, 1998.
- . *O Dom da Mediunidade*. São Paulo: FE, 2007.
- NOGUEIRA DE FARIA**, *O Trabalho dos Mortos e a Tolice do Vivos*. (O Livro de João). 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1990.
- NOTZING**, Albert Schrenk. *Materiaizations Phenomene*, 1914.
- NOVELINO**, Corina. *Eurípedes — O Homem e a Missão*. 11. ed. Araras (SP): IDE, 1995.
- . *Eurípedes — O Homem e a Missão*. 12. ed. Araras (SP): IDE, 1997.

Novo Dicionário da Bíblia, O. 5. ed. São Paulo: Vida Nova, 2001.

NUNES, Clóvis S. *Transcomunicação: Comunicações Tecnológicas com o Mundo dos "Mortos"*. 2. ed. Sobradinho (DF): Edicel, 1990.

OCHOROWICZ, Julian. *A Sugestão Mental*. Trad. João L. de Souza. Rio de Janeiro: Garnier, 1903.

OSTRANDER, Sheila; **SCHROEDER**, Lynn. *Experiências Psíquicas Além da Cortina de Ferro*. (Orig. *Psychic Discoveries Behind the Iron Curtain*). Trad. Octávio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1974.

OWEN, George V. *A Vida Além do Véu*. Trad. Carlos Imbasahy. 5.

ed. Rio de Janeiro: FEB, 1990.

PALHANO JR., Lamartine. *Rosma, o Fantasma de Hydesvüle*. Vitória (ES):

FESPE, 1992.

. *Mirabeili: um Médiun Extraordinário*. Rio de Janeiro: Celd, 1994.

. *Eusápia, a Feiticeira*. Rio de Janeiro: Celd, 1995.

. *Experimentações Mediúnicas*. Rio de Janeiro: Celd, 1996.

. *Dicionário de Filosofia Espírita*. Rio de Janeiro: Celd, 1997.

. *Transe e Mediunidade*. Niterói (RJ): Lachâtre, 2000.

PALHANO JR., Lamartine; Neves, Wallace Fernando. **Dossê Peixotinho**.

Niterói (RJ): Lachâtre, 1997.

PARANDRÊA, Carlos Augusto. *A Psicografia à Luz da Grafoscopia*. São

Paulo: FE, 1991.

Pequena Enciclopédia Bíblica. 3. ed. Pindamonhangaba (SP): O.S.

Boyer, 1969.

PEREIRA, Yvonne do A. *Devassando o Invisível*. 8. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1991.

Recordações da Mediunidade. 7. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1992.

PINHEIRO, Luiz Gonzaga. *Vinte Temas Espíritas Empolgantes*. Capivari (SP): EME, 1997.

PINHO, Flávio Távora. *Aprendendo sobre o Espírito*. Vol. I, Rio de Janeiro: Lorenz, 2001.

PIRES, J. Herculano. *Vampirismo*. 3. ed. São Paulo: Paideia, 1991.

. *Mediunidade*. 2. ed. São Paulo: Paideia, 1992.

. *Arigó - Vida, Mediunidade, Martírio*. Capivari (SP): EME, 1998.

PLAYFAIR, Guy Lyon. *A Força Desconhecida*. (Orig. *The Flying CoW*). Trad. Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: Record, 1975.

Poderes da Mente. (Coleção Mistérios do Desconhecido). Rio de Janeiro: Abril/Time Life, 1992.

- POPPER, Karl R.; ECCLES, John C.** *O Eu e Seu Cérebro* (Orig. *The Self and its Brain*). Trad. Sílvia M. Garcia, Helena C. F. Arantes, Aurélio O. C. de Oliveira. 2. ed. Brasília- Campinas: UNB e Papirus, 1995.
- PRESI, Paolo.** *Psychophonie et paranormalité électronique. Parasciences — La Transcommunication.* Org. Jean Michel Grandsire. Agnieres: JMG Editions, 1998.
- PRIESTLEY, Joseph.** *Original Letters by the Rev. John Wesley and His Friends*, 1791. “Primeira entrevista de Yvonne Pereira”. *Revista Internacional do Espiritismo*. Matão (SP), n° 2, maio de 1972. *Apud Fidelidade Espírita*, Campinas (SP), n° 38, nov. 2005.
- RANIERI, Rafael A.** *Materializações Luminosas*. 5. ed. São Paulo: FEESP, 1995.
- RAUDIVE, Konstantin.** *Breakthrough*. Nova York: Taplinger, 1971.
- REFORMADOR, n° 2.133, dez./2006.**
- Revista da Abrame* n° 10, 2009.
- Revista de Metapsicologia*, n° 3. Lisboa, 1955. *Apud LOUREIRO, C. B. Espiritismo e Magnetismo. De Paracelso a Psicotrônica*. São Paulo: Mnêmio Túlio, 1997.
- Revista Universo Espírita* n° 65, 2009.
- Revue Métapsichique*, julho de 1922. *Apud LOUREIRO, C. B. Espiritismo e Magnetismo*. São Paulo: Mnêmio Túlio, 1997.
- Rhine, Joseph B. *El Alcance De La Mente* (Orig. *The Reach of the Mind*). Versão espanhola de Dora Ivnicki. Buenos Aires: Paidós, 1956.
- RHINE, Louisa E.** *Canais Ocultos do Espírito*. (Orig. *Hidden Channels of the Mind*). Trad. E. Jacy Monteiro. São Paulo: Bestseller, 1966.
- RICHARD, Bob e outros.** *Cuando Ocurre lo Imposible: El mundo de lo insólito*. Madri: Futuro/Círculo, 1988.
- RICHE, Charles.** *Traité de Métapsychique*. Bruxelas: ArthaProductions, 1994.
- RINALDI, Sonia.** *Transcomunicação Instrumental — Contatos com o Além por Vias Técnicas*. 2. ed. São Paulo: FE, 1997.
- RIZZINI, Jorge.** *Eurípedes Barsanulfo — o Apóstolo da Caridade*. 7. ed. São Bernardo do Campo (SP): Correio Fraternal, 1992.
- . Materializações de Uberaba*. São Paulo: Nova Luz, 1997.
- ROCHA, Alberto de Souza.** *Espiritismo e Psiquismo*. São Bernardo do Campo (SP): Correio Fraternal, 1993.
- RODRIGUES, Wallace Leal.** *Katie King*. Matão (SP): O Clarim, 1980.
- ROHEN, J. W.; YOKOCHI, C.** *Anatomia Humana*. 2. ed. São Paulo: Manole, 1989.

- ROOSEN, L.; BARBER, I.; LYLE, D. B.** “A0,5 G, 60 Hz Magnetic Field Suppresses Melatonin Production in Pinealocytes”. *Bioelectromagnetics*, n° 119.
- SANDYK, R.** “Resolution of Sleep Paralysis by weak Electro- magnetic Field in a Patient With Multiple Sclerosis.” *International Journal of Neuroscience*, n° 90 (3-4).
- SCHÁFER, Hildegard.** *Ponte Entre o Aqui e o Além — Teoria e Prática da Transcomunicação.* (Orig. *Brücke Zwischen Diesseits und Jenseits—Theorie und Praxis der Transkommunikation*). Trad. Gunter Altmann. 10. ed. São Paulo: Pensamento, 1997.
- SCHUTEL, Cairbar.** *Médiuns e Mediunidades.* 8. ed. Matão (SP): O Clarim, 1984.
- . “Exteriorização da Sensibilidade e da Motricidade”. *Revista Internacional de Espiritismo (RIE)*. Matão (SP), ano XXXIV, n° 9, 2009.
- SEI, n° 2.179. 30/4/2010.
- SERRANO, Geraldo.** *Arigó, Desafio à Ciência.* Rio de Janeiro: ECO, 1967,
- SEVERINO, Paulo Rossi.** *Aprendendo com Chico Xavier—Um Exemplo de Vida.* São Paulo: FE, 1996.
- SHURÊ, Edouard.** *Les Grands Initiés.* Paris: Perrin.
- SOLLIER, Paulo.** *Les Phénomènes d’Autoscopie.* Apud **LOUREIRO, Carlos B.** *Dos Raps à Comunicação Instrumental.* Rio de Janeiro: Lorenz, 1993.
- SOUZA, Êlzio Ferreira.** Espírito Deolindo **AMORIM.** *Espiritismo em Movimento.* Salvador (BA): Círculos, 1999.
- Apud **ALMEIDA, Waldemir B.** de. “A Complexidade da Comunicação Mediúnica”. *Revista Internacional de Espiritismo.* Matão (SP), maio 2007.
- STILL, Alfred.** *Nas Fronteiras da Ciência e da Parapsicologia.* (Orig. *Borderlands of Science*). Trad. Leônidas G. de Carvalho. São Paulo: Ibrasa, 1965.
- TAVARES, Clóvis.** *Mediunidade dos Santos.* Araras (SP): IDE, 1991.
- TEIXEIRA DE PAULA, João.** *Dicionário de Parapsicologia, Me- tapsíquica e Espiritismo.* Vols. II e III. São Paulo: Banco Cultural Brasileiro, 1970.
- TEIXEIRA, J. Raul;** Espírito Hans **SWIGG.** *Em Serviço Mediúnico.* Niterói (RJ): Frater, 1996.
- The Creator World. In Tribuna Espírita.* Natal (RN), abril/ maio, 1997.
- The Yorkshireman, 25/10/1856.* Apud **DOYLE, A. C.** *História do Espiritismo.* São Paulo: Pensamento, 1995.
- THIAGO, Lauro S.** “Eurípedes Barsanulfo. Centenário de seu nascimento”. *Reformador*, n° 1.814, Maio. Rio de Janeiro: FEB, 1980.
- TOQUET, Robert.** *El Inventário de lo Sobrenatural.* Barcelona: Plaza e James, 1971.
- TOURINHO, Nazareno.** *O Trabalho dos Mortos e a Tolice dos Vivos.* São Paulo: FEESP, 1993.
- TUBINO, Matthieu.** *Um Fluido Vital Chamado Ectoplasma.* Niterói, RJ: Lachâtre, 1997.

Universo Espírita, São Paulo, jun./2002.

VICTOR, Marie Christine. *O Fantástico Lesage*. (Orig. *Augustin Lesage, peintre médium*). Trad. Iracema Sapucaia. S. B. do Campo (SP): Correio Fraternal, 1998.

VIOLA, Roberto. “Francisco de Paula, uma virtude cristã que o tempo não ousa apagar.” *Revista do Espiritismo*. Petrópolis (RJ), Ano I, n° 1.

VOLDBEN, A. *Nostradamus—As Grandes Profecias sobre o Futuro da Humanidade*. Trad. Atílio Cancion. São Paulo: Lider.

WANTUIL, Zêus. *Grandes Espíritos do Brasil*. Rio de Janeiro: FEB, 1990.

. *As Mesas Girantes e o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 1994.

WEBSTER, Ken. *Os Mortos Comunicam-se por Computador?* (Orig. *The Vertical Plane*). Trad. Harry Meredig. Sobradinho (DF): Edicel.

WINFREE, Arthur. *Sync—The Emerging Science of Spontaneous Order*. Nova York: Theia, 2003.

XAVIER, Francisco C.; Espírito ANDRÉ LUIZ. *Obreiros da Vida Eterna*. 19. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1992.

. *Desobsessão*. 14. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1993.

. *E a Vida Continua*. 20 ed. Rio de Janeiro: FEB, 1993.

. *Missionários da Luz*, 25. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994.

. *Nos Domínios da Mediunidade*. 22. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994.

. *Nos Domínios da Mediunidade*. 2A. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1997.

. *Os Mensageiros*. 27. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994.

. *Entre a Terra e o Céu*. 15. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1993.

. *Entre a Terra e o Céu*. 16. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995.

. *Libertação*. 17. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995.

. *No Mundo Maior*. 20. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995.

. *Nosso Lar*. 43. ed., Rio de Janeiro: FEB, 1995.

XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo; Espírito ANDRÉ LUIZ. 1993. *Evolução em Dois Mundos*. 13. ed. FEB, 1993.

. *Mecanismos da Mediunidade*. 14. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995.

. “Sexo e Destino”. 18. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995.

XAVIER, F. Cândido; Espírito EMMANUEL. *50 anos depois*. 8. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1968.

. *Há 2000 anos...* 13. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1977.

. *O Consolador*. 16. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1993.

. *Emmanuel*. 16. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994.

. *Segue-me*. Matão (SP): Clarim, 1994.

. *Roteiro*. 9. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994.

. Paulo e Estêvão. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002.

Xavier, F. C.; Espírito Irmão JACOB. Voltei. 16. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994.

XAVIER, f. Cândido; Espíritos Diversos. Instruções Psicofônicas. 6. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1991.

XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. Espíritos EMMA- NUEL e ANDRÉ LUIZ. Estude e Viva. 7. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1993.

ZÖLLNER, Johann Karl Friedrich. Provas Científicas da Sobre-vivência. (Orig. Die Transcendental und die sogenannte Philosophie). Trad. Thomaz Williams. 6. ed. Sobradinho (DF): Edicel, 1996.